

As Vinhas da Ira [John Steinbeck]

JOHN STEINBECK



As vinhas da ira

ROMANZO



JOHN STEINBECK

Eis aqui um dos grandes romances de John Steinbeck, o mais discutido, o mais lido, e talvez o mais célebre escritor norte-americano do nosso tempo. A celeuma que este livro provocou nos Estados Unidos não impediu que lhe concedessem o mais importante prêmio literário que existe nesse país: o Prêmio Pulitzer. De que trata a obra famosa? Do êxodo de uma família de lavradores que, vendo-se reduzida à miséria por uma tempestade de areia em Oklahoma, resolve emigrar para a Califórnia. A luta que todos os membros da família sustentam na sua exaustiva jornada contra os elementos e os homens e, até, contra o próprio meio de transporte, a coragem de que dão provas, a generosidade de alma que afirmam, a humaníssima capacidade de, apesar de tudo, fraternizarem uns com os outros e com os seus semelhantes trazem um sopro de epopeia, raro, mesmo hoje, em livros de idêntica ou parecida inspiração.

TRADUÇÃO DE VIRGINIA MOTTA

EDIÇÃO "LIVROS DO BRASIL" LISBOA

A CAROL ... que quis este livro

A TOM ... que o viveu

CAPÍTULO 1

Por toda a a região vermelha e parte da região cinzenta de Oklahoma, as últimas chuvas caíram suavemente, sem penetrarem fundo na terra es-calavrada. Os arados cruzaram e recruzaram os campos molhados. As últimas chuvas deram um avanço rápido ao milho e espalharam à beira das estradas moitas de ervas daninhas e de relva, de modo que a região vermelha e a região cinzenta começaram a desaparecer sob um tapete verde. Nos últimos dias de Maio, o céu tornou-se pálido, e as nuvens, que tinham pairado em altos flocos por tanto tempo, durante a Primavera, dissiparam-se. O Sol faiscava sobre o milho em crescimento dia após dia até que, ao longo do gume de cada baioneta verde, se estendeu uma linha acastanhada. As nuvens apareceram e fugiram, e, durante algum tempo, não voltaram a surgir. As ervas daninhas tornaram-se de um verde mais escuro para se protegerem e não se alastraram mais. A superfície da terra tornou-se dura, com uma crosta leve, e, assim como o céu se descorou, assim a terra empalideceu, tornando-se rosada, na região vermelha, e branca, na região cinzenta.

Nos barrancos cortados pela água, a terra esboroava-se, caindo em pequenos fios secos. Roedores e formigas pululavam. E, à medida que o sol se tornava mais intenso, as folhas tenras do milho perdiam rigidez e verticalidade; inclinavam-se a princípio numa curva, e, depois, quando a força central enfraquecia, cada folha pendia desanimadamente. Chegou junho. O Sol queimava mais incisivamente. A linha acastanhada das folhas do milho alargava-se, deslocando-se para o centro. As ervas daninhas tombavam enlanguescidas. O ar era transparente, e o céu estava mais pálido, e, de dia para dia, a terra perdia cor.

Nas estradas, onde o gado transitava e onde as rodas dos carros moíam o chão e as patas dos cavalos calcavam a terra, rompia-se a crosta de lama e formava-se a poeira. Tudo o que se movia lançava a poeira no ar; um viandante levantava uma camada, que lhe chegava à cintura, uma carroça fazia-a subir até aos taipais e um automóvel deixava uma nuvem atrás de si. E só muito tempo depois a poeira acabava por assentar.

Em meados de junho, apareceram dos lados do Texas e do Golfo nuvens muito densas, carregadas de chuva. Os homens, nos campos, olhavam para as nuvens, fungavam e estendiam os dedos húmidos, a ver de onde sopra-va o vento. E os cavalos ficavam nervosos, com as nuvens assim a pairar. Então, estas deixaram cair uns borrifos de água e abalaram para outra região. Por detrás delas, o céu ficou outra vez pálido, e o Sol flamejou. Na poeira havia pequenos buracos abertos pelas gotas de chuva, que tinham enchido o milho de salpicos, e foi tudo.

Uma brisa suave seguiu-se às nuvens de chuva, impelindo-as para o norte, uma brisa que sacudiu brandamente o milho em vias de secar. Decorreu um dia, e o vento aumentou, constante, sem rajadas. A poeira das estradas subiu, espraiou-se e caiu sobre as ervas da margem dos campos, descendo também em pequena quantidade sobre esses mesmos campos. O vento agora tornava-se mais forte, soprando sobre a terra húmida nas áreas do milho. Pouco a pouco, o céu escureceu com as nuvens de poeira, e o vento revolveu a terra, desprende a poeira e levou-a consigo. O vento tornou-se mais forte. A crosta formada pela chuva ressecou, e a poeira levantou-se dos campos e ergueu no ar plumas cor de cinza, semelhantes a fumo que se espraiasse lentamente. O milho oscilava com o vento, emitindo um som seco e tumultuoso. A poeira mais fina não voltou a fixar-se na terra, desaparecendo no céu enegrecido.

O vendaval tornou-se ainda mais furioso; abalou as pedras, arrebatou

as palhas, as folhas ressequidas e até os pequenos torrões, deixando assinalada a sua viagem através dos campos. O ar e o céu escureceram, e, através deles, o Sol rompia numa mancha vermelha. Pairava um cheiro acre na atmosfera. Durante uma noite, a rajada fustigou ainda mais a terra, ferindo as radículas do milho; as folhas, enfraquecidas, lutaram com o vento, até que as raízes se desprenderam e depois, cada haste se inclinou indolentemente para o chão, na direcção do temporal.

Surgiu a madrugada, mas não a claridade do dia. No céu pardo apareceu um sol sangrento, um círculo vermelho opaco que dava uma luz crepuscular; e, à medida que o dia avançava, o crepúsculo convertia-se em escuridão e o vento uivava e gemia sobre os grãos caídos.

Homens e mulheres refugiavam-se precipitadamente nas casas e, quando saíam, atavam lenços ao nariz e punham óculos para proteger os olhos.

Essa noite foi uma noite negra, porque as estrelas não logravam perfurar a poeira com o seu clarão, e as luzes das janelas não

8

conseguiam brilhar para além do seu pequeno círculo. A poeira tinha-se misturado inteiramente com o ar; era uma confusão de ar e de poeira. As casas estavam hermêticamente fechadas, com trapos a tapar as frestas das portas e janelas, mas a poeira infiltrava-se tão subtilmente que se não via no ar, depositando-se como pólen nas mesas, nas cadeiras e nos pratos. As pessoas sacudiam-na dos ombros. Pequenos riscos de poeira depositavam-se nas soleiras das portas.

A meio dessa noite, o vento passou e deixou a terra sossegada. O ar, impregnado de poeira, velava tudo mais completamente que um nevoeiro cerrado. As pessoas, deitadas em suas camas, ouviram cessar a ventania. Despertaram com o retirar daquele vento impetuoso. Ficaram quietas, perscrutando intensamente o silêncio. Depois cantaram os galos, mas o seu canto era abafado, e a gente remexia-se na cama sem descanso, ansiando pela manhã. Sabiam que, durante muito tempo, o ar se não libertaria daquele pó. Pela manhã, a poeira pairava como um nevoeiro, e o Sol estava vermelho como sangue fresco. Todo o dia a poeira se escorreu do céu e, no dia seguinte, continuou a escorrer da mesma forma. A terra cobriu-se de um manto uniforme. Pousava sobre o milho, amontoava-se nas estacas das vedações e nos fios telegráficos; assentava sobre os telhados e ocultava as plantas e as árvores. As pessoas saíam de suas casas e, depois de aspirarem o ar quente e picante, tapavam o nariz com desgosto. As crianças também saíam de casa, mas sem correrem ou gritarem, como fariam se tivesse caído uma batedeira de chuva. Os homens postavam-se junto das suas vedações, a olhar para os milheirais devastados, agora a secarem inteiramente, apenas com fiapos verdes a mostrarem-se através da camada de pó. Os homens conservavam-se calados e pouco se moviam. E as mulheres saíam das casas, para se porem ao lado dos homens a ver se desta vez eles desanimavam. As mulheres perscrutavam os rostos dos maridos porque o milho podia desaparecer, contanto que o resto ficasse. As crianças mantinham-se por ali, desenhando figuras na poeira com os dedos dos pés nus, e elas próprias olhavam às vezes para os homens e para as mulheres, a ver se o desânimo se estampava na cara dos pais. Os cavalos chegavam-se às selhas e abriam com o focinho as camadas de pó que cobriam a água. Não tardou muito que os rostos dos homens perdessem a confusa indecisão e se tornassem duros, irados e persistentes. Então as mulheres perceberam que estavam salvas e que não havia desânimo. E perguntaram: "Que vamos fazer?" E os homens responderam: "Não sei." Mas tudo acabava em bem. As mulheres sabiam que não havia dúvida e as crianças também sabiam que assim era. As mulheres e as crianças tinham

a convicção profunda de que não havia

9

desgraça, por mais inclemente, que não fossem capazes de sofrer, se os seus homens se conservassem à altura. As mulheres foram para dentro das casas trabalhar e as crianças puseram-se a brincar, embora a princípio o fizessem cautelosamente. À medida que o dia avançava, o Sol perdia a vermelhidão, faiscando sobre a terra coberta de poeira. Os homens sentaram-se à soleira das portas; as mãos dedilhando nos gravetos e pedregulhos. Mantinham-se imóveis, sem, no entanto, deixarem de meditar e de fazer conjecturas.

CAPÍTULO II

Um enorme caminhão pintado de vermelho parou em frente do pequeno restaurante que ficava à beira da estrada. O tubo do radiador arfava brandamente, deixando escapar uma leve fumarada azul-cinzenta, quase invisível. Era um caminhão novo, de um vermelho brilhante, que trazia dos dois lados, em letras de doze polegadas, a seguinte inscrição: "Companhia de Transportes da cidade de Oklahoma". Os pneus duplos eram novos e um cadeado de metal sobressaía do anel, nas grandes portas traseiras. Dentro do restaurante, abrigado por um guarda-vento, tocava um rádio, e a música de dança, cadenciada, vibrava monotonamente, como sucede sempre que ninguém está a ouvir. À entrada, um pequeno ventilador girava em silêncio no seu nicho circular, e as moscas zumbiam excitadamente em volta das portas e das janelas, arremetendo contra as vidraças. Dentro, um homem-o motorista do caminhão-estava sentado num banco, com o cotovelo apoiado no balcão e olhava por cima da chavena do café para a criada magra e solitária. Falava-lhe na pitoresca e descuidada linguagem dos transeuntes da estrada.

-Vi-o há três meses. Fez uma operação. Cortaram-lhe não sei o quê. Não me lembro o que foi.

E ela respondia-lhe: -Parece-me que ainda não há uma semana que o vi. Estava fino, então. É um bom tipo quando não está tachado!

De vez em quando, as moscas esvoaçavam de encontro ao guarda-vento. A máquina de café vomitava vapor e a criada, sem olhar para ela, fechou-lhe a válvula.

Lá fora, um homem que passava na berma da estrada atravessou e aproximou-se do caminhão. Com passo lento, acercou-se da frente do veículo, poisou a mão no radiador brilhante e ficou a olhar para o aviso pregado no pára-brisas, onde se lia: "Não se aceitam passageiros". Por um momento esteve quase para prosseguir no seu caminho, mas, em vez disso, sentou-se no estribo que estava do lado contrário ao restaurante. Não devia ter mais de trinta anos. Os olhos eram castanho-escuros, com uma pigmen-

10

ção amarelada no globo ocular; as maçãs do rosto eram altas e largas, e linhas fundas e vigorosas corriam-lhe ao longo das faces, encurvando-se aos cantos da boca. O lábio superior era comprido, e, como os dentes sobressaíam, os lábios alongavam-se para os cobrir, porque o homem mantinha-se de boca fechada. As mãos eram ásperas, com dedos grossos e unhas espessas e estriadas como pequenas cascas de ostra. O espaço entre o polegar, o indicador e as palmas das mãos estava coberto de calosidades brilhantes.

As roupas do homem eram novas-todas elas novas e ordinárias. O boné

cinzento era de uso tão recente que a pala ainda se mantinha rígida e o botão no seu lugar, sem qualquer amolgadura ou deformação, que inevitavelmente adquiriria depois de ter prestado as serventias habituais de um boné, como sejam as de saco, de toalha e de lenço. O fato era de pano cinzento grosseiro, e tão novo que ainda conservava o vinco das calças. Na camisa de cambraia azul, a goma persistia. O casaco era demasiado grande, e as calças muito pequenas para o homem alto que ele era. Os ombros do casaco descaíam-lhe para os braços, e, mesmo assim, as mangas ficavam-lhe curtas, e a frente do casaco dançava-lhe no ventre. Usava um par de sapatos novos, grosseiros, da espécie chamada "alcatruzes", brochados e com protectores semelhantes a ferraduras, para preservar do uso as orlas dos tacões. O homem sentou-se no estribo, tirou o boné e limpou o rosto com ele. Depois, tornou a pô-lo na cabeça e começou a futura ruína da pala, puxando-a com força. Lembrou-se então dos pés. Inclinou-se e desapertou os atacadores, não os tornando a atar. Acima da sua cabeça, o motor Diesel exalava rápidas borfadas de fumo azul.

A música parou no restaurante e a voz de um homem fez-se ouvir do alto-falante, mas a criada não desligou, porque não dera pela suspensão da música. Os seus dedos exploradores haviam encontrado um alto atrás do ouvido. Tentava vê-lo num espelho por detrás do balcão, sem que o motorista desse por isso e fingiu alisar uma madeixa de cabelo. O motorista disse:

-Houve um baile de arromba em Shawnee. Disseram-me que mataram lá um gajo. Você ouviu dizer alguma coisa?

-Não-respondeu a criada, ao mesmo tempo que tacteava, cuidadosamente o alto do ouvido.

Lá fora, o homem sentado levantou-se, olhou por cima da capota do caminhão e observou o restaurante durante um momento. Em seguida, tornou a sentar-se, tirou uma bolsa de tabaco e um livro de mortalhas do bolso do casaco. Enrolou o cigarro, lenta e cuidadosamente, mirou-o, alisou-o. Por fim, acendeu-o e atirou o fósforo aceso para a poeira a seus pés. O sol varreu a sombra do caminhão ao aproximar-se o meio-dia.

11

No restaurante, o motorista pagou a conta e meteu as duas moedas de troco num "caça-níqueis". Os cilindros giraram sem lhe darem prémio algum.

-Eles arranjam uma tal trapaça que a gente não ganha nunca -disse ele para a criada.

E ela replicou: -Um sujeito limpou a máquina ainda não há duas horas. Fez três e oitenta. Quando é que você volta?

O motorista deteve-se um instante junto da porta entreaberta. -Daqui a uma semana ou dez dias-respondeu ele.-Tenho de dar uma corrida a Tulsa e nunca volto tão depressa como quero.

Ela disse mal-humorada: -Não deixe entrar as moscas. Ou entre ou saia. -Até à volta-rematou ele, ao sair, batendo com o guarda-vento, que ficou a oscilar.

Deteve-se ao sol, tirando o envólucro de uma pastilha elástica. Era um homem pesado, largo de ombros, com o ventre enorme. Tinha o rosto vermelho, e os seus olhos azuis eram fendidos e rasgados por terem olhado

sempre de través para a luz crua. Usava calções de soldado e botas de cano alto com atacadores. Com a pastilha elástica na ponta dos lábios, gritou ainda para dentro do restaurante:

-Agora tenha juízo, não me vão contar alguma coisa a seu respeito!

A criada estava de costas, voltada para o espelho da parede. Grunhiu uma resposta. O motorista pôs-se a trincar lentamente a pastilha, abrindo largamente os maxilares e os lábios a cada dentada. Empastou-a na boca e rolou-a debaixo da língua, enquanto avançava para o grande caminhão vermelho.

O vagabundo levantou-se e olhou para ele através dos vidros: -Não me pode dar uma boleia, patrão?

-Você não viu o aviso do pára-brisas? "Não se aceitam passageiros" ?

-Decerto que vi. Mas às vezes há camaradas que querem ser fixes, mesmo quando os ursos dos patrões os obrigam a trazer escritos desses.

O motorista, entrando vagarosamente no caminhão, pôs-se a considerar aquela saída. Se recusasse o pedido, não só não era um bom camarada, como parecia que era forçado pelo aviso a viajar sempre sozinho. Se aceitasse o vagabundo, tornava-se automaticamente um bom camarada e demonstrava também não pertencer ao número daqueles que qualquer patrão se dá ao luxo de espezinhar. Sabia que estava dentro de um dilema, de onde não via meio de sair. E ele queria ser bom camarada. Olhou outra vez para o restaurante.

-Acocore-se aí, até passarmos a curva.

12

O vagabundo agachou-se no estribo e agarrou-se ao manípulo da porta. O motor rugiu por um momento, as engrenagens começaram a oscilar e o caminhão entrou em movimento, adquirindo velocidade a pouco e pouco. Debaixo do homem aferrado ao manípulo, a estrada fazia remoinhos de entontecer. Era uma milha até à primeira volta e aí o carro abrandou a marcha. O vagabundo ergueu-se, abriu a porta e deslizou para o assento. O motorista mirou-o de soslaio, continuando a mascar, como se os seus pensamentos e impressões estivessem sendo escolhidos e arrançados pelas maxilas até finalmente lhe tomarem forma no cérebro. Começou a examinar o passageiro, a partir do boné novo, descendo depois pelo fato até aos sapatos novos. O vagabundo recostou-se comodamente no assento, tirou o boné e pôs-se a limpar com ele o suor da testa e do queixo.

-Obrigado, compincha-disse ele.-Os presuntos estavam avariados.

-Sapatos novos-comentou o motorista. A ironia dos olhos comunicara-se-lhe à voz. -Você não devia andar de sapatos novos com este calor.

O vagabundo olhou para os sapatos amarelos empoeirados. -Não tinha outros -explicou. -A gente tem de usar o que tem.

O motorista olhou cautelosamente para a frente e acelerou um pouco a marcha do carro.

-Vai para longe?

-Hum... Tinha ido a pé se os presuntos não estivessem tão avariados.

As perguntas do motorista assumiam o aspecto de um interrogatório subtil. Parecia estender redes, abrir alças com elas.

-Anda à procura de emprego? -inquiriu.

-Não, o meu velho tem umas terras, uns quarenta acres. É rendeiro, mas já lá estamos há muito tempo.

O motorista olhou significativamente para os campos ao longo da estrada, onde o milho pendia com a poeira empilhada sobre as folhas. Por entre o solo empoeirado rolavam pedrinhas. O motorista disse como para si:

-Um rendeiro de quarenta acres, sem ter sido expulso pela poeira e pelos tractores?

-Há já tempo que não tenho notícias -respondeu o vagabundo.

-Deve ter sido há muito tempo-comentou o motorista. Uma abelha zumbiu dentro do carro e esvoaçou atrás do pára-brisas. O motorista estendeu a mão e, com cuidado, expulsou-a para a corrente de ar que zumbia fora do veículo.

-Os rendeiros estão a abandonar as terras-disse ele.-Cada tractor expulsa dez famílias. Há tractores por toda a parte, agora.

13

Rasgam a terra e enxotam os rendeiros. Como é que se aguenta o seu velho ?

A língua e as maxilas tornaram a ocupar-se da goma esquecida na boca, revirando-a e mascando-a. De cada vez que descerrava os dentes, via-se a língua a revolver a pastilha.

-Sim, já há tempo que não tenho notícias. Nunca fui dado a escrever, nem eu nem o meu velho.

E acrescentou pressurosamente: -Mas não é por não sabermos, nem um nem outro. -Tem estado empregado? -perguntou, prosseguindo na mesma forma velada de investigação.

E ficou a olhar os campos, o ar tremeluzente, e, juntando a goma dentro da bochecha, cuspiu para a estrada.

-Pois claro! -respondeu o vagabundo.

-Foi o que pensei ao ver as suas mãos. Tem manejado uma picareta, um machado ou um malho. Bem se vê, pelas mãos. É uma coisa que eu descubro logo à primeira vista. E tenho orgulho nisso.

O vagabundo encarou-o. Os pneus cantavam na estrada. -Quer saber mais alguma coisa? Não faço questão em lha dizer. E escusa de se pôr a adivinhar.

-Não se abespinhe. Não me queria meter na sua vida.

-Digo-lhe tudo sem fazer caixinha.

-Não se abespinhe. Gosto apenas de saber coisas. Ajuda a passar o tempo.

-Vou dizer-lhe tudo. Chamo-me Joad, Tom Joad. O velho é o velho Tom Joad.

Os seus olhos mediram o motorista.

-Não se abespinhe. Não foi por mal.

-Eu também não foi por mal-disse Joad.-Estou apenas tentando seguir o meu caminho sem importunar ninguém.

Parou e olhou para os campos ressequidos, para as árvores famintas, a penderem penosamente na distância escaldante. Da algibeira do casaco tirou o tabaco e as mortalhas. Enrolou o cigarro entre os joelhos para que o vento lhe não chegasse.

O motorista mascava ritmicamente, pensativamente, como uma vaca. Esperou até desaparecer a má impressão do que havia dito. Por fim, quando lhe pareceu que o ambiente voltara a ser neutral, disse:

-Um tipo que nunca guiou um caminhão não sabe o que isto é. Os patrões não querem que a gente leve ninguém. E assim temos de andar sempre sozinhos, a não ser que nos arrisquemos a ser despedidos, como pode suceder agora, por causa do que lhe fiz.

-E que muito lhe agradeço -replicou Joad. -Tenho conhecido tipos que fazem coisas do arco-da-velha

14

quando guiam. Lembro-me de um que até fazia versos. Passava assim o tempo.

Olhou de soslaio para ver se joad ficara interessado ou surpreso. Mas joad mantinha-se calado, olhando em frente, ao longo da estrada branca, que ondulava suavemente. O motorista retomou a palavra:

-Lembro-me de uma poesia que o tal gajo escreveu. Falava dele e de mais outros dois que andavam a correr mundo, a beber, a zaragatear e a fazer partidas. Tinha palavras que nem Jesus Cristo seria capaz de compreender. Uma parte era assim: "E ali avistámos um negro com uma alavanca que era maior que o probóscide de um elefante." Probóscide é uma coisa parecida com nariz. O tipo mostrou-me isso no dicionário. Levava sempre o dicionário para toda a parte. Consultava-o até quando estava a comer e a tomar o café.

Parou, sentindo-se desacompanhado no seu longo discurso. Volveu os olhos enigmáticos para o seu passageiro. joad continuava calado. Novamente o motorista tentava forçá-lo a participar da conversa.

-já conheceu algum tipo que dissesse palavras tão arrevesadas como estas?

-Os pregadores -respondeu joad.

-Sim, mas ficamos malucos quando ouvimos um tipo a falar assim difícil. Sem dúvida que comum pregador é diferente, porque ninguém se põe a magicar no que diz um pregador. Mas este tipo era engraçado. A gente não se danava quando ele dizia esses palavrões, porque era de paródia. Não era lá para armar em sabichão.

O motorista ficou mais satisfeito. Sabia que, pelo menos, joad o estava escutando. Virou o carro abruptamente numa curva e os pneumáticos guincharam.

-Como ia dizendo -prosseguiu este-um tipo que guia um caminhão faz coisas do arco-da-velha. E tem de as fazer. Senão, dá em doido, aqui sentado, com a estrada a fugir debaixo das rodas. Há quem diga que os motoristas de caminhão andam sempre a comer nas tabernas ao longo da estrada.

-Costumam parar -sentenciou joad.

-Decerto que param, mas não para comer. Quase nunca têm fome. O que estão é fartos de guiar. As tabernas são o único lugar onde a gente pode esticar as pernas e, quando paramos, somos obrigados a comprar qualquer coisa, senão, o homem que está ao balcão atira-nos olhares de fogo. E assim tomamos uma chávena de café e uns bolos. E descansamos um pouco.

Mascou lentamente a pastilha e virou-a com a língua.

-Deve ser uma chatice -observou Joad, sem convicção.

O motorista lançou-lhe um rápido olhar, para ver se o outro estava zombando.

15

-Sim, não é lá muito agradável -insistiu. -Parece fácil ficar aqui umas oito, dez e às vezes catorze horas. Mas a estrada chateia um homem. Tem de se fazer qualquer coisa. Alguns cantam; outros assobiam. A Companhia não nos deixa trazer rádio. Alguns bebem a sua pinga, mas esses não se aguentam,

E acrescentou com presunção: -Eu nunca bebo em serviço.

- O quê?-ironizou Joad.

-É o que lhe digo. Um homem tem de progredir. Ando a pensar em seguir um daqueles cursos por correspondência. Engenharia mecânica. É fácil. Basta estudar algumas lições fáceis em casa. Ando cá a magicar nisso. Depois, não torno a guiar caminhões. Os outros que os guiem.

Joad tirou um frasco de whisky do bolso do casaco. -Tem a certeza de que não quer um golo? A sua voz era provocante.

-Não, Deus me livre de lhe tocar. Um homem não pode andar sempre a beber e então quem tem de estudar como eu tenciono.

Joad desrolhou o frasco, tomou duas goladas rápidas, tornou-o a rolar, metendo-o depois na algibeira. O cheiro quente e aromático do whisky espalhou-se no carro.

-Vocês estão todos atados de pés e mãos. Há mulher no caso, não?

-Sim, também é verdade. Mas, de qualquer maneira, quero progredir. já ando a treinar o cérebro há uma porção de tempo.

O whisky pareceu animar Joad. Enrolou outro cigarro e acendeu-o.

-já não falta muito para chegar-declarou ele.

-Não me quero emborrachar- atalhou precipitadamente o motorista. Ando sempre a treinar o cérebro. Tirei um curso desse género há dois anos.- Acariciou o volante com a mão direita. -Suponha que eu passo por um sujeito na estrada. Olho para ele, e, quando já estou distante, tento lembrar-me de tudo o que vi: das roupas, dos sapatos e do chapéu, da forma como ele andava, da altura, do peso provável e de alguma cicatriz. E faço isso muito bem. Sou capaz de fazer um perfeito retrato do homem, de cabeça. Às vezes, penso que devia ter tirado um curso de perito em impressões digitais. Você ficaria admirado de ver como a gente pode ter boa memória.

Joad bebeu outra rápida golada do frasco. Expeliu a última baforada do cigarro quase desfeito e, então, com o polegar e o indicador, esmagou a ponta acesa. Fê-la numa bola, e, depois, atirou-a pela janela, deixando que a brisa lha arrebatasse dos dedos. Os pneus enormes entoavam uma canção estrídula sobre o caminho. Os olhos tranquilos e escuros de Joad tornaram-se mali-

16

ciosos enquanto olhava ao longo da estrada. O motorista esperou e lançou à sua volta um olhar inquieto. Por fim, o comprido lábio inferior de Joad arreganhou-se e ele riu-se silenciosamente, com o peito sacudido de riso.

-Você tem andado a ver se descobre, seu macacão.

O motorista nem olhou. -Se descubro o quê? Que quer você dizer? Os lábios de Joad cerraram-se por um momento sobre os grandes dentes, e depois lambeu-os como um cão, com duas lambedelas, uma em cada direção, partindo do meio. A voz tornou-se-lhe áspera.

-Você sabe o que eu quero dizer. Você pôs-se a sondar logo que eu entrei. Bem percebi.

O motorista olhou bem em frente; apertou o volante de tal maneira que as palmas das mãos fizeram bojo e as costas das mãos empalideceram.

-Você sabe de onde eu venho?

O motorista manteve-se calado. -Não sabe?-insistiu Joad.

-Sim, decerto. Isto é: talvez. Mas nada tenho com isso. Trato da minha vida. O resto não é da minha conta. E continuou precipitadamente:

-Não meto o nariz onde não sou chamado. De repente, calou-se e esperou. As mãos continuavam brancas sobre o volante. Um gafanhoto adejou através das janelas e pousou sobre o quadro dos instrumentos, onde se instalou e se pôs a limpar as asas com pernas angulosas e saltitantes. Joad estendeu a mão e esmagou-lhe a cabeça dura e semelhante a um crânio com os dedos, lançando-o à corrente do vento, pela janela fora. Joad riu-se outra vez, enquanto sacudia, das pontas dos dedos, os restos do insecto.

-Você enganou-se comigo-disse ele.-E não descanso enquanto lho não disser. Estive em MacAlester (1). Estive lá quatro anos. Estas roupas deram-mas eles quando saí. E não me importa que saibam. Vou para casa do meu velho e por isso não tenho de mentir para arranjar trabalho.

-Bem, isso não é da minha conta. Não sou intrometido -- atalhou o motorista.

-Não é o diabo! Esse grande nariz andou a farejar a mais de oito milhas à frente da sua cara. Não se despegou de mim como um carneiro se não despega de um campo relvado.

O rosto do motorista endureceu. -Você está enganado -começou ele com voz sumida. Joad soltou uma risada.

(1) Penitenciária do Estado de Oklahoma.

2 -V. 1.

17

-Você foi bom camarada. Deu-me uma boleia. E depois, já cunpri a pena. então? Quer saber porque fui condenado, não?

- Não tenho nada com isso.

-Você não tem senão que guiar essa geringonça para a frente, e, no fim de contas, é o que menos lhe importa. Agora escute. Vê aquele caminho, ali adiante?

-Hum...

-Bem, é ali que eu me apeio. Eu sei que você tem estado para aí a moer

a cabeça para saber o que eu fiz. Mas não quero deixá-lo intrigado.

O ronco do motor entorpeceu e o canto dos pneus afrouxou. Joad sacou do whisky e tomou outra golada. O caminhão estacou num sítio onde um caminho de terra desembocava na estrada real.

Joad saiu e postou-se ao lado da janela. Do tubo de escape saíam gol-fadas de um vapor azulado, quase imperceptível. Joad inclinou-se para O Motorista.

- Homicídio - disse rápido. - É uma palavra levada da breca. Quer dizer que matei um homem. Sete anos. Mas só fiz quatro por me ter portado bem lá dentro.

Os olhos do motorista fixaram-se no rosto de Joad para o reter na memória.

-Não lhe perguntei nada da sua vida-replicou ele.-Só me importo com a minha.

- Você pode aãsoalhar isso em todas as tabernas daqui até Texola.-E sorriu-se.-Até à vista, compadre. Você foi um camaradão. Mas, olhe, quando a gente já esteve preso, fareja uma Pergunta, nem que venha da boca do inferno. Você começou a meter o nariz assim que abriu o carro.-Bateu na porta de metal com a mão.-Obrigado pela boleia-disse ele.-Até mais ver.

Voltou-se e meteu pelo caminho de terra.

Durante um momento, o motorista ficou-se a olhá-lo e depois gritou: .

-Boa sorte! Joad acenou com a mão, sem se virar. Então o motor tornou a roncar; a engrenagem emitiu uma série de sons rápidos e o grande caminhão vermelho foi rolando pesadamente pela estrada fora.

CAPÍTULO III

De ambos os lados da estrada de cimento corria um tapete de erva emaranhada, seca e partida, com as pontas carregadas de fiozinhos tênues, daqueles que se prendem ao rabo dos cães, de "rabos de raposa" prontos a penetrar nos cascos dos cavalos e de ouriços hábeis em insinuar-se na lã dos carneiros; a vida, adormecida, aguardava que a sacudissem e dispersassem; todas

18

as sementes armadas com uma força de dispersão, arremessavam dardos e pára-quedas ao vento; os espíritos arvoravam-se em pequenas lanças e balas minúsculas, e tudo isto aguardava o vento ou a passagem de um animal, uma vira de calça de homem, uma bainha de saia de mulher, tudo passivo e, no entanto, bem apetrechado para uma futura actividade; quieto, mas carregado de ânsia de movimento.

O sol brilhava sobre a erva, penetrando-a com o seu calor, e, na sombra, sob a vegetação, os insectos moviam-se enquanto as formigas lhes armavam ratoeiras; os gafanhotos davam pulos no ar, sacudindo por um instante as asas amarelas e os escaravelhos, semelhantes a pequenas armadilhas, debicavam afanosamente as hastes tenras. E sobre a relva, à beira da estrada, avançava um cágado, virando-se de lado sem qualquer razão aparente, arrastando a concha abaulada na erva. As suas pernas duras e as patas de unhas amarelas moviam-se lentamente sobre a relva, não para propriamente caminharem, mas para arrastarem a concha.

As praganas de cevada resvalavam-lhe pela concha e as folhas de trevo caíam sobre ela e rolavam para o chão. Avançava com a boca coriácea semiaberta e os olhos vivos e ferozes olhavam para a frente sob as pálpebras em forma de unha. Ia pela relva, deixando atrás de si um trilho bem vincado, e a colina, que era à margem da estrada, surgia-lhe na frente. Parou por um momento, com a cabeça bem esticada para cima. Pestanejou e olhou para cima e para baixo. Por fim, dispôs-se a transpor a colina. As patas da frente deixaram ver as garras, mas não tocaram no chão. As patas traseiras impeliram a concha, que se arrastava dificilmente pela erva e pelo cascalho. À medida que a colina se tornava mais íngreme, mais frenéticos eram os esforços do cágado. As patas traseiras moviam-se esforçadamente, escorregavam, puxando a concha, e a cabeça córnea esticava-se, tanto quanto lho permitiam as dimensões do pescoço. Pouco a pouco, a concha subiu a colina, até que, por fim, na sua linha de marcha, surgiu um parapeito, o contraforte da estrada—um muro de cimento de quatro polegadas de altura. Como se trabalhassem independentemente, as patas traseiras impeliram a concha contra o muro. A cabeça soergueu-se e espreitou por cima do muro para a superfície larga e lisa de cimento. Agora as patas, ferradas no cimo da parede, içavam-se penosamente; a concha subiu devagar e apoiou-se por diante na parede. Durante um momento, o cágado descansou.

Uma formiga vermelha insinuou-se-lhe por debaixo da concha, na pele macia; de repente, cabeça e pernas sumiram-se na armadura, enquanto o rabo couraçado se escapulia de lado. A formiga vermelha foi esmagada entre o corpo e as pernas. Um pé de aveia brava meteu-se dentro da concha, impellido por

19

uma pata dianteira. Durante um longo momento, o cágado ficou quieto, e depois a cabeça avançou de novo cautelosamente; os olhos piscos e franzidos miraram em redor, e as pernas e o rabo saíram, aparecendo por seu turno. As pernas traseiras puseram-se em acção, movendo-se como pernas de elefante, e a concha elevou-se tanto que as pernas da frente não alcançavam a superfície de cimento. Mas as pernas traseiras ergueram-se tanto e tanto que, por fim, o cágado conseguiu equilibrar-se e, com a cabeça inclinada para baixo e as pernas dianteiras a roçarem pelo pavimento, conseguiu içar-se completamente. Mas o pé de aveia brava enrolara-se-lhe às pernas da frente.

Agora o caminho era fácil; todas as pernas trabalhavam, e a concha movia-se para a frente, meneando-se para um e outro lado. Nessa altura, surgiu um Sédan guiado por uma mulher de uns quarenta anos. Ela viu o cágado e desviou-se para a direita, já fora da estrada, provocando um guinchar de rodas e um turbilhão de poeira. As duas rodas ergueram-se por um momento e depois assentaram. O carro voltou novamente para a estrada e prosseguiu mais lentamente. O cágado tinha-se metido dentro da concha, mas agora andava mais depressa porque a estrada escaldava como lume.

Depois surgiu um caminhão ligeiro, e, ao aproximar-se, o motorista, vendo o cágado, desviou-se, no intuito de o atropelar. A roda da frente apanhou a orla da concha, atirou com o animal ao ar com a rapidez de um relâmpago e fê-lo rodopiar, como se fosse uma moeda, para fora da estrada. O caminhão manobrou, a fim de retomar a direita. Deitado de costas, o cágado manteve-se muito tempo dentro da concha. Mas, por fim, as pernas oscilaram no ar, à procura de uma coisa onde pudessem firmar-se. O pé dianteiro agarrou-se a um pedaço de quartzo e, pouco a pouco, o cágado conseguiu voltar-se. O pé de aveia brava desprendeuse, deixando cair no chão três sementes. E, ao arrastar-se na descida da colina, a concha foi carreando estrume para as sementes. Depois, entrou numa estrada poeirenta, saracoteando-se e desenhando com a concha um trilho ondulado na poeira. Os olhos trocis-

tas e experientes olharam em frente e a boca, couraçada, abriu-se um pouco. Os dedos amarelos das patas soltaram uma camada de pó.

CAPÍTULO IV

Quando Joad ouviu o caminhão afastar-se, com a engrenagem a resfolegar e fazendo estremecer o solo batido pelos pneus, parou e voltou-se, a vê-lo desaparecer. Depois de o perder de vista, ainda observava o horizonte e a luz azul e vacilante do ar. Pensativo, sacou o frasco do bolso, libertou-o da rolha e sorveu delicadamente o whisky, metendo a língua no gargalo da vasilha e

20

depois passando a língua pelos lábios, para não deixar escapar nem uma sombra de gota da esplêndida bebida. E disse, à laia de experiência: "Ali avistámos um negro" e era tudo quanto podia evocar. Por fim, voltou-se e meteu-se na estrada poeirenta, que cortava, recta, os campos de cultura. O sol estava quente e nenhum vento movia a poeira fina, que se diria peneirada. Via-se a estrada cheia de sulcos, de onde a poeira resvalara para se instalar nas marcas das rodas dos caminhões. Joad deu alguns passos e a poeira, fina como farinha, esparrinhou-se-lhe à frente dos sapatos amarelos, tornando-lhos pardacentos.

Abaixou-se, desapertou os atacadores; descalçou primeiro um sapato, depois o outro. E mergulhou os pés suados com ar de alívio na poeira quente, até que pequenas partículas se lhe infiltraram entre os dedos e a pele dos pés se encortiçou de todo. Tirou o casaco e enrolou nele os sapatos, metendo o embrulho debaixo do braço. Por fim, pôs-se a caminho, sacudindo a poeira na sua frente, deixando uma nuvem de poeira caindo atrás de si.

À direita do caminho, atadas a varas de salgueiros, corriam duas filas de arame farpado. As varas eram curtas e mal ajeitadas. Onde os ganchos chegavam à altura conveniente, o arame assentava neles; mas onde os não havia, a vedação farpada fora simplesmente ligada aos postes com arame ferrugento de fardos. Atrás da cerca, o milho jazia abatido pelo vento, pelo calor e pela seca, e as pontas, nos sítios onde as folhas se uniam aos caules, estavam cobertas de pó.

Joad foi caminhando penosamente, arrastando a nuvem de poeira atrás de si. Um pouco adiante, viu a concha abaulada de um cágado, a arrastar-se lentamente através da poeira, num esforço obstinado e espasmódico. Parou a observá-lo e a sua sombra incidiu sobre o animal. Imediatamente, a cabeça e as pernas se recolheram e a cauda curta e grossa se uniu à concha. Joad pegou nela e virou-a. As costas eram de um trigueiro acinzentado como a poeira, mas a parte inferior da concha era de um amarelo creme, limpo e uniforme. Joad puxou o embrulho mais para cima e premiu a parte inferior e lisa da concha com o dedo. Era mais mole do que as costas. A cabeça, velha e dura, do bicho surgiu e tentou olhar para o dedo que a premia enquanto as pernas oscilavam inquietas. O cágado urinou na mão de Joad, lutando desesperada e inutilmente para se desprender. Joad tornou a virá-lo de costas para cima e enrolou-o no casaco com os sapatos. Sentia-o agitar-se e lutar debaixo do braço. Continuou a andar mais apressado agora, arrastando um pouco os calcanhares na areia fina.

Mais adiante, ao lado da estrada, um salgueiro ressequido, poeirento, projectava uma sombra mosqueada. Joad via-o bem na sua frente, com as pobres ramadas tombando sobre o caminho, com as folhas fendidas e ásperas como uma galinha na muda. Joad estava agora a suar; a camisa azul escurecia nas costas e nos sovacos. Puxou pela pala do boné, vin-

cando-a, ao meio, quebrando de tal maneira o forro de cartão que nunca mais pareceria novo. E os seus passos apressaram-se em direcção à sombra do salgueiro distante. Ali sabia que haveria sombra, pelo menos uma orla de verdadeira sombra projectada pelo tronco, visto que o sol tinha passado o zénite. Agora os raios solares castigavam-lhe a nuca, causando-lhe um certo zumbido na cabeça. Não podia ver a base do tronco, porque ele irrompia de uma pequena depressão pantanosa que conservava a água mais tempo do que os lugares planos, joad dirigiu-se para o lado do sol e começou a descer o declive, mas teve de abrandar a marcha cautelosamente, porque a sombra estava ocupada. No chão sentava-se um homem, encostado ao tronco da árvore. Tinha as pernas cruzadas e um dos pés, descalço, elevava-se quase ao nível da cabeça. Não ouviu joad aproximar-se assobiava solenemente a melodia de "Sim senhor, esta é = pequena". Movia o tal pé ao compasso da música. Mas aquilo não ia em ritmo de dança. Parou de assobiar e cantou numa voz agradável de primeiro tenor:

Sim, senhor, este é o meu Salvador, Jesus é o meu Salvador. Jesus é o meu Salvador agora. na minha vida não está o diabo, Jesus í o meu Salvador agora.

Joad parou sob a sombra escassa das folhas enlanguescidas antes que o homem desse por ele, parasse de cantar e voltasse a cabeça. Era uma cabeça comprida, ossuda, de pele esticada, assente num pescoço tão enrugado e musculoso como um pé de aipo. Os olhos eram grandes e salientes e as pálpebras, vermelhas e descarnadas, esforçavam-se por cobri-los. Tinha as faces morenas, lustrosas e imberbes e uma boca grossa, alegre ou sensual.

O nariz, adunco e duro, esticava-lhe tanto a pele que se viam as cartilagens brancas. Não se lhe via suor no rosto, nem mesmo na testa alta e pálida. Era uma testa anormalmente alta, sulcada de velas delicadas nas fontes. Quase metade da cabeça estava por cima dos olhos. Tinha os cabelos duros, grisalhos, repuxados para trás, em desordem, como se os tivesse penteado com os dedos. Vestia um fato-macaco e camisa azul. A seu lado, no chão, estava um casaco de algodão grosseiro e riscado, com botões de latão e um chapéu castanho, manchado e amarrado como um salpicão; perto, uns sapatos de lona cobertos de poeira, demonstravam, pela posição, que o homem os atirara de qualquer maneira ao desembaraçar-se deles.

22 */* a ler

O homem lançou um olhar prolongado a Joad. A luz parecia inundar-lhe os olhos castanhos salpicados de pontinhos doirados. Os músculos retesados do pescoço sobressaíam.

joad deteve-se na sombra, aqui e acolá manchada de luz. Tirou o boné; enxugou o rosto suado com ele e deixou-o cair no chão, juntamente com o casaco enrolado.

O homem que estava na sombra descruzou as pernas e escavou o chão com os dedos dos pés.

Então joad disse: -Hi! Está um calor dos diabos na estrada!

O homem sentado encarou-o interrogativamente: -Você não é o Tom joad, filho do velho Tom? -Sim, sou eu-respondeu joad.-Em toda A parte, Vou para casa.

-Aposto que você já se não lembra de mim.

O homem sorriu-se e os seus lábios grossos mostraram grandes dentes de cavalo.

-Oh, não, não se lembra! Você estava sempre entretido a puxar as tranças de uma rapariguinha quando eu lhe dava a Sagrada Comunhão. Você até parecia que lhe queria arrancar as tranças pela raiz. Talvez se não recorde, mas recordo-me eu. Por causa dessas tranças, vieram ambos, você e ela, 4 presença de Jesus; foram batizados untos na vala de irrigação, Esbracejavam e bramiam como dois gatinhos.

Joad olhou para ele com ar pensativo e depois desatou a rir. -Ah, o senhor é o pregador! Ainda não há uma hora que me referi ao senhor numa conversa com um sujeito.

-Fui pregador- declarou o homem em tom sério.-Reverendo jim Casy da Sarça Ardente (1) para glorificar o nome de Jesus. Costumava ter a vala de irrigação tão cheia de pecadores em penitência que metade deles morriam afogados. Mas isso acabou. Agora sou apenas jim Casy e mais nada, e cheio de ideias que são um pecado... contudo parecem-me razoáveis.

-Se a gente pensa, decerto que há-de ter ideias. Claro que me recordo do senhor. Fazia belas pregações. Lembro-me de uma vez que o senhor fez um sermão a andar de gatas e a berrar como um possesso. A minha mãe gostava muito de si. E a avó dizia que o senhor estava tocado pelo Espírito.

Joad remexeu no casaco e tirou o wiiisky. O cágado moveu uma perna, mas ele envolveu-o com mais cuidado, Destapou o frasco e ofereceu-o a jim Casy.

(1) Seita religiosa escocesa, fundada em fins do século XVIII e conhecida pelo nome de Burning Busle. O ritual consiste, especialmente, na invocação do Espírito Santo por meio de línguas estranhas, tal como no milagre do Pentecostes.

23

-Vai uma gota? Casy pegou na vasilha e olhou-a pensativo. -já não prego mais sermões. O Espírito já não está com o povo, e, pior ainda, o Espírito já não está comigo. Sem dúvida que, de vez em quando, ainda o Espírito me sacode e, nessa altura, faço uma reza, ou, quando me dão comida, dou-lhes a benção, mas o meu coração fraqueja. Faço isso apenas porque o povo assim mo pede.

Joad tornou a limpar o rosto com o boné. -O senhor já não é tão santo que recuse uma bebida, não é assim? -perguntou.

Casy parecia ver uma garrafa pela primeira vez. Inclinou-a e tornou três boas goladas.

-Esplêndida bebida-elogiou ele. -Pudera não! É bebida de fábrica. Custou um dólar. Casy tomou outra golada antes de entregar a garrafa. - Sim, senhor! Sim, senhor! -exclamou ele. Joad pegou na vasilha e, por delicadeza, não limpou o gargalo com a manga antes de beber. Acocorou-se e pôs a garrafa junto do rolo do casaco. Achou então uma varinha boa para escrever os seus pensamentos no chão. Varreu as folhas, fazendo um quadrado e alisou a poeira. E pôs-se a desenhar ângulos e pequenos círculos.

-Há muito que o não via-disse ele. -Ninguém me tem visto-explicou o pregador.-Tenho andado por aí sozinho, a meditar... O Espírito ainda é forte em mim, embora já não seja o mesmo. já não estou tão convencido de muita coisa.

Encostou-se mais à árvore. A sua mão ossuda penetrou como um esquilo no bolso do fato-macaco e tirou de lá um cigarro de tabaco negro, picado. Cuidadosamente, limpou o cigarro a que palhinhas e algodão haviam aderido, antes de morder uma das pontas e de meter o pedaço cortado na boca. Joad respondeu negativamente com a vara quando o cigarro lhe foi oferecido.

O cágado agitou-se no casaco enrolado. Casy olhou para a roupa em movimento e perguntou:

-Que tem você ali? Uma galinha? Assim, morre abafada. -Um cágado velho -respondeu. -Apanhei-o na estrada. Levo-o ao meu irmãozito. As crianças gostam de cágados.

O pregador abanou a cabeça vagarosamente.

- Todas as crianças arranjam um cágado em qualquer altura. Mas ninguém o conserva sempre. Tanto fazem, tanto fazem, até que, um dia, encontram uma aberta e safam-se por onde calha. São como eu. Não me satisfiz com o velho Evangelho, que me estava à mão. Tanto lhe mexi, tanto lhe fiz, até que o rasguei. As vezes ainda sinto o Espírito, mas já não tenho nada

24

para pregar. Tenho a vocação de guiar o povo, mas não sei para onde o guiar.

-Guie-o para onde calhar-disse Joad.-Mergulhe-o na vala de irrigação. Diga-lhe que vai arder no inferno se não pensa como o senhor. Para onde diabo quer o senhor guiá-lo?

A sombra recta do tronco da árvore alongara-se pelo terreno. Joad instalou-se agradavelmente, acocorou-se e alisou de novo a terra, para nela escrever os seus pensamentos, com a vara. Um cão de gado, de pêlo espesso e amarelo, descia a estrada a trote, de focinho baixo, com a língua pendente, a gotejar. Trazia o rabo caído, embora ligeiramente encurvado na ponta e arquejava profundamente. Joad assobiou-lhe, mas ele apenas olhou de lado e continuou a trotar como se levasse um rumo definido.

-Vai para qualquer lado-explicou Joad um pouco contrariado. -Talvez para casa.

O pregador voltara à sua preocupação. -Vai para qualquer lado-repetiu ele.-Está bem, vai para qualquer lado. Eu não sei para onde vou. Quer que lhe diga? Eu fazia aquela gente pular e falar e proclamar a glória de Deus até todos caírem no chão exaustos. E a alguns, baptizava-os. E depois, sabe você o que eu fazia? Levava uma daquelas raparigas para o mato e deitava-me com ela. Era o que sempre fazia. Depois, arrependia-me e rezava, rezava, mas sem proveito. Daí a pouco ela e eu estávamos cheios do Espírito e acontecia a mesma coisa. Pensei que nada havia a esperar de mim, que era um rematado hipócrita. Mas era sem querer.

Joad sorriu-se e, mostrando os dentes grandes e ralos, lambeu os beiços.

-Não há nada como uma reunião de culto bem animada para aquecer as raparigas-disse ele.-Já tenho experimentado isso.-Casy inclinou-se para a frente excitado.-Você está a ver; eu compreendi que era assim e pus-me a pensar.-Agitou a mão ossuda e nodosa num movimento de vaivém semelhante a uma carícia.-Pus-me a pensar desta maneira: aqui estou eu pregando a graça divina. E eis aqui gente que obtém tanta graça que

até salta e grita. Mas há quem diga que dormir com uma rapariga é obra do diabo. Mas, quanto mais cheia de graça se sente uma rapariga, mais depressa quer ir para o mato. E pus-me a pensar como diabo-desculpe a expressão!-é que o espírito do mal entra numa moça tão cheia do Espírito Santo que até este lhe jorra do nariz e dos ouvidos. justamente quando o diabo não devia ter oportunidade para tal! E, no entanto, era quando ele mais se manifestava.

Os seus olhos brilhavam de excitação. Revolveu as bochechas por um momento e depois cuspiu na poeira, e o jacto de cuspo rolou, aderindo ao pó, até formar uma pequena bola seca e redonda.

25

O pregador estendeu a mão e olhou para a palma como se estivesse lendo um livro.-E eis o que eu fiz-prosseguiu ele.-Eis o que eu fiz com todas aquelas almas de gente na minha mão, responsável e sentindo a, responsabilidade, e sempre a deitar-me com uma das raparigas.

Olhou para Joad e no seu rosto havia uma expressão de desânimo. Parecia que pedia socorro.

Joad desenhou o tronco de uma mulher na poeira, peitos, ancas e pélvis.

-Nunca fui pregador-disse ele.-Nunca deixei fugir nada que pudesse agarrar. E sobre isso nunca tive outras ideias senão que me sentia muito contente quando arranjava urna rapariga.

- Mas você não era pregador - insistiu Casy. - Uma rapariga, para você, era apenas uma rapariga. Não era mais nada. Mas, para mim, elas eram vasos sagrados. Andava a salvar-lhes as almas. E, com essa responsabilidade em cima de mim, incutia-lhes o Espírito Santo e depois levava-as para o mato.

-Talvez que eu desse um bom pregador-disse Joad. Tirou para fora o tabaco e as mortalhas e enrolou o cigarro. Acendeu-o e, através das fumaças, disse ao pregador:

-já há muito que estou sem mulher. Tenho de ver se engato uma.

Casy continuou: -A coisa apoquentava-me tanto que cheguei ao ponto de não dormir. E, de cada vez que ia pregar, dizia para mim: Meu Deus, desta vez não faço isso. Mas, mesmo enquanto o dizia, eu sabia o que ia acontecer.

-O senhor devia ter-se casado-observou Joad.-Na nossa casa esteve uma vez um pregador e a mulher. Eram jeviotas. Dormiam na parte de cima da casa. Faziam as pregações no celeiro. Nós, os garotos, escutávamos. A mulher do pregador, depois de cada sermão, levava pancada de criar bicho.

-Folgo muito que me dissesse isso-declarou Casy.-Pensava que tosse só eu. Finalmente, afligi-me tanto que não fazia outra coisa senão magicar.

Dobrou as pernas e pôs-se a esgaravatar entre os dedos dos pés secos e poeirentos.

-Dizia para mim: o que é que te está a roer? É uma broca? Não; é o pecado. E eu dizia: porque é que quando um homem está quase à prova de fogo contra o pecado e cheio de Jesus, é que lhe dá para desapertar os botões das calças?

Pôs-se a bater ritmicamente com dois dedos na palma da mão, como se ali estivesse colocando cada palavra lado a lado.

-E eu dizia: Talvez não seja pecado. Talvez seja a maneira de ser natural da gente. Talvez que estejamos a sacudir o diabo de nós mesmos para nada. E eu pensei como algumas irmãs se

.-6

p Ia

flagelavam com um açoite de pontas de arame que é quase do tamanho de um metro. E pensei que, como elas gostavam de se mortificar, talvez também eu gostasse. Estava debaixo de uma árvore, quando me pus a magiciar nisto, e adormeci. E veio a noite e era ainda escuro quando acordei. Perto uivou um lobo. E eu, sem pensar, disse em voz alta: Que vão para o inferno! Não há pecado nem virtude. Há apenas o que a gente quer fazer. Tudo z parte da mesma coisa. E algumas das coisas que a gente faz são boas e outras não são boas, mas isto é como cada um as aprecia.

Parou e ergueu os olhos da palma da mão, onde parecia ter colocado as palavras.

Joad fixava-o, arreganhando os dentes, mas os seus olhos mostravam-se penetrantes e interessados.

-O senhor acabou com isso. Deixou de magiciar. Casy voltou a falar com voz dolente e confusa: -E eu dizia: o que é este chamamento, este Espírito? E eu dizia: é o amor; amo tanto esta gente, a ponto, às vezes, de rebentar. Eu dizia: não amas Jesus? Então pensava, tornava a pensar e finalmente dizia: não, não conheço ninguém com o nome de Jesus. Conheço um chorrilho de histórias, mas eu só amo o povo. E, algumas vezes, amo-o a ponto de rebentar, e, por isso, tenho pregado alguma coisa que eu pensava que o faria feliz. E depois creio que já falei demais. Talvez você se espante de eu empregar palavras más. São apenas palavras que o povo usa, e nada de mau quero dizer com elas. E, seja como for, tenho de lhe dizer mais uma coisa que pensei; dita por um pregador é a coisa mais irreligiosa que pode haver; já não posso ser pregador exactamente porque a pensei e acreditei.

-Que foi? -perguntou Joad. Casy olhou-o acanhado. -Se não lhe soar bem, você não se ofende, não? -Eu nunca me ofendo, a não ser que me dêem um murro no nariz. Que pensou o senhor?

-Pensei qual seria o caminho para o Espírito Santo e para Jesus. Pensei: porque é que nós devemos depender de Deus ou de Jesus? Talvez-pensei eu-seja melhor amar todos os homens e todas as mulheres; talvez que o Espírito Santo seja apenas o. espírito humano. Talvez que todos os homens tenham em conjunto uma única alma grande de que toda a gente faz parte. Sentei-me ali a magiciar nisso e, de repente, vi tudo. Vi perfeitamente que isso era verdade e continuo a ver da mesma forma.

Os olhos de Joad abaixaram-se, como se não pudesse enfrentar a honestidade crua do pregador.

-O senhor não pode ter igreja com ideias como essa-disse ele.-O povo correria consigo. Eles querem é saltar e gritar. É disso que o povo gosta. Sente-se bem assim. Quando a avó se

27

punha a falar de religião, ninguém a podia segurar. Era capaz -e derubar uma parede com um murro.

Casy olhou-o pensativo. -Queria perguntar-lhe uma coisa. Uma coisa que me anda cá a morder.

-Diga; não se acanhe. -Olhe-o pregador falava vagarosamente- aí está você que eu baptizei quando ainda estava em plena glória. Nesse dia, Jesus até me saía aos pedaços pela boca. Você não se lembra porque estava a puxar pela trança da tal pequena.

- Lembro-me- afirmou Joad.-Era a Suzy Little. Um ano depois trincou-me o dedo.

-E então, você tirou algum partido desse baptismo? Correu-lhe a vida melhor?

Joad, pensou um bocado. -Não, nem dei por isso. -Então, e mal? Você ficou pior? Pense bem. Joad pegou na garrafa e tomou um trago. -Nem bem nem mal. Para mim, foi uma brincadeira. Entregou o frasco ao pregador. Este suspirou, bebeu, olhou para o nível baixo do whisky e tomou outro pequeno gole.

-Ainda bem-disse ele.-Estava com receio de que, nessas práticas, eu tivesse prejudicado alguém.

Joad olhou para o casaco e viu o cágado livre do embrulho e caminhando pressuroso na direcção que seguia quando o havia encontrado. Joad observou-o por um momento e apanhou-o, tomando a envolvê-lo no casaco.

-Não tenho presente para levar aos miúdos. Nada, além deste velho cágado.

-É engraçado -interpôs o pregador. -Estava a pensar em Tom Joad quando você chegou. Pensava em lhe fazer uma visita. Eu antigamente supunha que ele era um homem sem Deus. Como está Tom?

-Não sei. Há quatro anos que não vou a casa. -Mas ele não lhe escreveu? Joad ficou embaraçado. -Sabe, o meu pai não é homem para escrever. Assinava o seu nome tão bem como qualquer outro e até lambia o lápis. Mas cartas, nunca escreveu. Dizia muitas vezes que aquilo que se não podia dizer de boca, também não valia a pena pôr no papel.

-Você tem andado a viajar? -perguntou Casy. Joad olhou-o desconfiado. -Ninguém lhe disse nada de mim? Pois olhe que o meu nome veio em todos os jornais.

-Não, nunca. Porquê?

28

Passou uma perna sobre a outra e chegou-se mais à árvore. A tarde avançava rapidamente e o sol adquirira uma tonalidade mais rica.

Joad falou em ar de brincadeira: -É melhor que eu lho diga agora para acabar com isto. Mas, se o senhor ainda andasse na pregação, nada lhe dizia, com medo que se pusesse a rezar por mim.

Esvaziou o resto do whisky e atirou fora a garrafa castanha e achatada que rolou no pó.

-Estive em MacAlester, estes quatro anos. Casy voltou-se para ele e as suas sobrancelhas desceram tanto que a testa parecia ainda mais alta.

-Não há necessidade de falar nisso, hein? Não quero fazer perguntas se você fez alguma coisa de mal...

-Tornava a fazer o que fiz-asseverou Joad.-Matei um gajo numa briga. Estávamos bêbedos num baile. Apontou-me uma navalha e eu matei-o com uma pá que apanhei ali à mão. Rachei-lhe a cabeça de meio a meio.

As sobrancelhas de Casy subiram ao nível normal. -Você não tem então nada de que se envergonhar? -Não-respondeu joad.-Não tenho. Gramei sete anos por via da navalha que ele me apontou. Mas saí ao fim de quatro anos, sob liberdade condicional.

-Então você já não sabe da sua gente há quatro anos? -Oh, soube! A minha mãe mandou-me um postal há dois anos, e, no Natal passado, a avó mandou-me um cartão. Jesus, como se riram os gajos lá do chilindró! Tinha uma árvore e uma coisa brilhante que parecia neve. E os versos eram assim:

Alegre Xotal, criança pura, Jesus meigo, Jesus doce, Sob a árvore do Natal, Há um **presede para ti.

Creio que a avó nunca leu aquilo. Naturalmente, comprou-o a algum vendedor ambulante e escolheu o mais vistoso. Os tipos lá da minha camarata quase se mijaram a rir. Começaram depois a chamar-me o Jesus meigo. A minha avó, coitada, não queria rir-se à minha custa, ela pensou que o cartão era tão inocente que nem valia a pena incomodar-se a lê-lo. Perdeu os óculos no ano em que eu fui catrafilado. Talvez que nunca os tornasse a achar.

-Como é que o trataram em MacAlester? -Oli, muito bem! Come-se regularmente, tem-se roupa limpa e há muito onde tomar banho. E muito bom em alguns sentidos. Mas o que custa é não haver mulheres.

29

Nesta altura riu-se. -Havia lá um gajo que saiu em liberdade condicional. Ainda não tinha passado um mês e já estava de volta por ter quebrado a palavra. Um outro gajo perguntou-lhe porque quebrara a palavra. "Foi por isto-disse ele-: Não há comodidades em casa do meu velho. Não há luz eléctrica nem chuveiro. Não há livros e a comida é asquerosa." E disse que voltara para onde tinha algumas comodidades e onde comia regularmente. Sentia-se desolado em liberdade, sem saber o que havia de fazer. E, por isso, roubou um automóvel para voltar.

Joad puxou pelo tabaco, tirou uma mortalha do livro e enrolou um cigarro.

-O tipo tem razão-continuou ele.-A noite passada, ia ficando maluco, a pensar onde havia de dormir. Pus-me a pensar na minha tarimba, no que faria o meu companheiro de cela. Eu e alguns tipos tínhamos lá uma or-

questra. E boa. Um deles disse que devíamos ir para a rádio. E esta manhã não sabia a que horas me levantar. Fiquei deitado, à espera do toque da sineta.

Casy riu-se. -Quando a gente se habitua, até o barulho de uma serração nos faz falta.

A luz amarelada, poeirenta, da tarde estendeu sobre a terra um colorido de ouro. As hastes do milho pareciam doiradas. Um bando de andorinhas passou no ar, em direcção a alguma poça de água. O cágado ensaiou nova tentativa de escapar do casaco de Joad. Joad dobrou a pala do boné, que parecia agora a curva do longo bico de um corvo.

-Vou-me chegando-disse ele.-Não gosto de andar ao sol, mas já não está tão quente.

Casy endireitou-se. -Há que tempos que não vejo o velho Tom! Tenho de estar com ele, seja como for. Preguei Jesus à sua gente durante muito tempo e nunca exigi dinheiro nem nada, a não ser uma côdea para comer.

-Venha daí-convidou Joad.-O meu pai vai ficar satisfeito de o ver. Ele sempre disse que o senhor era passarão de mais para ser pregador.

Levantou a trouxa do casaco e apertou bem o cágado à volta dos sapatos.

Casy agarrou os sapatos de lona e meteu neles os pés. -Nunca tive a vossa confiança-disse ele.-Ando sempre com medo de que haja arame ou vidro debaixo do pó. Não há nada que me aborreça tanto como ter um dedo do pé cortado.

Hesitaram na orla da sombra e depois mergulharam na luz amarela do sol, como dois nadadores @ apressados em chegar à

.30

praia. Após algumas passadas rápidas, abrandaram a marcha, num ritmo compassado, meditativo. As hastes do milho projectavam sombras acinzentadas, oblíquas, e no ar havia o cheiro cru da poeira quente. Acabara o campo de milho e começava o do algodão, verde-escuro, folhas verde-escuras através de uma cortina de poeira, com os casulos em formação. Era algodão sujo, denso, nos lugares baixos, onde tinha havido água, e falho nos lugares altos. As plantas lutavam com o Sol. E, à distância, o horizonte tornava-se quase invisível. A estrada estendia-se na frente deles, serpeando em subidas e descidas. Os salgueiros de um regato alinhavam-se a oeste, e, a noroeste, uma mancha de terra inculta começava a cobrir-se de mato. Mas havia no ar um odor de poeira e tamanha secura que o muco do nariz se endurecia numa crosta e os olhos choravam para evitar que as pupilas secassem.

Casy observou: -Veja como o milho cresceu até vir a poeira. Tinha sido uma estupenda colheita.

-Todos os anos-comentou Joad-todos os anos, desde que me lembro, havia promessas de uma boa colheita que nunca vinha. O avô diz que foi boa nas primeiras cinco lavras, enquanto havia mato nas terras.

A estrada descia uma colina e subia em direcção a outra. Casy disse: -A casa do velho Tom não pode estar a mais de uma milha. Ela não fica para lá daquela terceira subida, pois não?

- Não, não fica - disse Joad. - A não ser que alguém a tivesse roubado, como meu pai a roubou.

-O seu pai roubou-a? -Roubou, sim. Topou-a a milha e meia a leste daqui e levou-a. Viviam lá uma família que a abandonou. O meu avô,

o meu pai e o meu irmão Noah queriam levar a casa toda, mas não era possível. Só levaram parte. É por isso que ela tem um aspecto tão engraçado de um lado. Racharam-na ao meio e trouxeram-na às costas de doze cavalos e de duas mulas. Voltaram à procura da outra metade, para a juntarem à primeira, mas, quando chegaram, já o Wink Matiley tinha vindo com a gente dele e roubado essa metade. O pai e o avô ficaram danados, mas, pouco depois, o Wink apareceu e emborracharam-se todos, rindo a bandeiras despregadas do caso. O Wink disse que a casa dele

era o garanhão e que podíamos trazer a nossa casa para a cruzar com a dele e assim parir uma ninhada de casas. O Wink era um grande pândego quando estava @tachado. Depois disso, ele, o meu pai e o meu avô ficaram amigos. Embebedavam-se sempre que se encontravam.

-O Tom era um camaradão -afirmou Casy. Tinham alcançado, embora a custo, o fundo de uma encosta

31

* afrouxaram o passo para a subida. Casy limpou a testa com * manga do casaco e pôs outra vez o chapéu de copa amarrotada na cabeça.

- Sim- repetiu. -Tom era um camarada. Para um homem sem religião, era um bom camarada. Via-o às vezes nas rezas, quando o Espírito entrava nele um pouquinho e vi-o dar saltos de três metros e mais. É o que lhe digo: quando o velho Tom tomava uma dose de Espírito Santo, toda a gente tinha de correr para não ser derrubada e pisada. Pulava corno um garanhão no picadeiro!

Chegaram ao cimo da outra encosta. A estrada descia em direcção a um regato feio e agreste, de curso desigual, com cicatrizes na terra de ambas as margens, a atestar antigas inundações. Joad passou em bicos de pés as pedras que o atravessavam.

-O senhor fala assim do meu pai-disse ele.-Talvez não tivesse visto o tio John na ocasião em que o baptizaram em casa dos Polks. Pôs-se a pular e a saltar. Saltou sobre um arbusto do tamanho de um piano. Saltou e tornou a saltar, uivando como um cão à Lua. Então, o meu pai viu-o, o meu pai, que imagina que é o melhor saltador em honra de Jesus nestes sítios. O que há-de ele fazer? Escolhe um arbusto duas vezes do tamanho do do tio John e, soltando uns grunhidos como uma porca, que estivesse

* parir cacões de sangue, corre para ele, salta-lhe em cima e quebra * perna direita. Isso tirou o Espírito todo ao meu pai. O pregador queria curá-lo com rezas, mas ele disse que não, por Deus, o que queria era um médico. Bem, médico não havia, mas arranjou-se um dentista ambulante e foi esse que o tratou. O pregador sempre fez qualquer reza, lá como ele entendeu.

Subiram a pequena elevação do outro lado do regato. Agora, que o Sol estava no ocaso, dissipara-se parte da sua força, e, apesar de o ar estar quente, os raios fustigantes tornavam-se mais fracos. A estrada era ainda marginada por cercas de arame, com paus torcidos. A linha de arame estendia-se do lado direito, através de um campo de algodão e o algodão, verde e empoeirado, tinha o mesmo aspecto de ambos os lados,

-Aquela terra cercada é a nossa -informou Joad, apontando para lá.- Nós, verdadeiramente, não precisávamos de cerca, mas, como tínhamos o arame, o meu pai quis aproveitá-lo de qualquer maneira. Ele disse que aquilo lhe dava um sentido de posse. Não teria posto a cerca se o tio John não tivesse vindo uma noite com seis rolos de arame na carroça. Vendeu-lhos por um porco. Nunca soubemos onde ele arranjou aquele arame.

Afrouxaram o passo na subida, movendo os pés na poeira funda e mole, sentindo o contacto da terra. Os olhos de Joad, achavam-se concentrados nas suas recordações. Parecia estar-se a rir interiormente.

32

-O tio John era um grande ratão-disse ele.-O que ele fez com aquele porco!

E, rindo, continuou a andar. Casy esperou impacientemente pelo fim da história que não vinha. Por fim, perguntou, um tanto irritado:

-Bem, mas que fez ele com o porco? -Anh? Ora! Matou o porco ali mesmo e fez com que a mãe acendesse o forno. Cortou umas fatias, pô-las na caçarola e pôs costeletas e uma perna no forno. Comeu as fatias enquanto as costeletas assavam e engoliu as costeletas enquanto a perna aloirava. Nós, os miúdos estávamos de roda, a babar-nos, e ele deu-nos uns pedaços, mas não quis dar nada ao meu pai. Comeu tanto que teve de ir para a cama. Enquanto estava a dormir, nós, os miúdos, e o nosso pai acabámos com a perna. Pois, quando o tio John acordou, de manhã, meteu a outra perna no forno. Então, o meu pai disse-lhe: "John, tu vais comer o porco todo sozinho?" E ele respondeu: "Sim, faço tenção disso, Tom, porque tenho medo que ele se estrague, antes de eu o comer, danado como sou por carne de porco. Agora, se tu quiseres, torna-me a passar dois rolos de arame que eu dou-te um prato bem cheio." Mas o meu pai não era tanso. Deixou o tio John comer do porco até se enfastiar e, quando ele se foi embora, com a carroça, pouco mais de metade tinha engolido. O pai disse-lhe: "Porque não o salgas tu?" Mas isso não era com o tio Jolin; quando ele quer porco, há-de ser um porco inteiro, e, quando está farto, nem admite que lhe falem em porco sequer. E, assim que ele se foi, o pai salgou o que restava.

Casy comentou: -Quando eu tinha ainda o espírito de pregador, teria tirado disso uma lição para lha dar a você. Mas agora isso já lá vai. Você faz uma ideia do que teria levado seu tio a fazer isso?

-Não sei-respondeu Joad.-Era muito guloso de carne de porco. Quando me lembro disso, até fico com fome. Em quatro anos, apenas comi quatro fatias de carne de porco assada, uma fatia em cada Natal.

Cassy sugeriu delicadamente: -Talvez o Tom mate o bezerro gordo, como na parábola do filho pródigo, quando você chegar.

Joad teve um sorriso de desdém: -O senhor não conhece o meu pai. Se ele matar uma galinha, quem chia, não é a galinha, é ele. A experiência não lhe serve de nada. Anda sempre a poupar um porco para o Natal e o bicho morre em Setembro, inchado de, tanta comida ou com qualquer doença que não deixa meter-lhe o dente. Quando o tio John queria trabalho, comia carne de porco. E arranjava-a sempre.

Chegaram, enfim, à curva da colina e viram a casa de Joad lá em baixo. Joad parou.

-já não é a mesma- exclamou. -Olhe para aquela casa. Aconteceu alguma coisa. Não há lá ninguém.

Os dois homens pararam, de olhos fixos no pequeno grupo de edifícios.

CAPITULO V

Os senhores chegavam às terras ou, mais frequente mente, mandavam alguém por eles. Vinham em carros fechados, e apalpavam a terra ressequida com os dedos, mas algumas vezes traziam brocas grandes, que perfuravam o solo para o analisar. Os rendeiros, à porta dos seus pátios, batidos pelo sol, observavam, inquietos, a marcha dos carros através dos campos. E, por fim, os proprietários entravam nos pátios e, sentados nos seus carros, falavam para fora das janelas. Os rendeiros paravam ao lado dos carros por um momento e, depois, punham-se de cócoras a esgravatar a poeira com paus.

Nas portas abertas, as mulheres olhavam para fora e, por detrás delas, as crianças -crianças de cabelo cor de milho e de olhos muito abertos, com um pé descalço por cima do outro pé descalço, remexendo os dedos. As mulheres e as crianças observavam os homens a falar com os senhorios. Mantinham-se silenciosas.

Alguns dos senhorios eram afáveis, porque detestavam o que estavam a fazer; outros mostravam-se irritados, porque lhes repugnava serem cruéis, e ainda outros eram frios, porque de há muito tinham descoberto que se não podia ser proprietário de terras sem se ser frio. Mas todos eles se sentiam apanhados numa teia mais poderosa do que eles próprios. Alguns odiavam os algarismos que os impeliam, outros tinham medo, e outros adoravam os algarismos porque lhes serviam de refúgio para não pensarem nem sentirem. Se um banco ou uma empresa financeira era o dono da terra, o seu delegado dizia: "O Banco-ou a Companhia - precisa, quer, insiste, exige", como se o Banco ou a Companhia fosse um monstro, com ideias e sentimentos, que os tivesse apanhado na rede. Estes não tomavam responsabilidades em nome dos bancos ou das companhias porque eram homens e escravos, ao passo que os bancos eram ao mesmo tempo máquinas e patrões. Alguns dos delegados sentiam-se um tanto orgulhosos de serem escravos de patrões tão frios e tão poderosos. Os senhorios ou os seus representantes sentavam-se nos carros e explicavam:

-Vocês sabem que a terra é pobre. Vocês já a revolveram bastante tempo, como Deus sabe.

Os rendeiros, acocorados no chão, acenavam com a cabeça, meditavam e desenhavam figuras no pó. Sim, eles sabiam, Deus

34

sabia também. Se não fosse a poeira! Se, ao menos, eles pudessem adubar a terra, não seria tão mau.

Os senhorios continuavam a chegar a brasa à sua sardinha: -Vocês sabem que a terra está cada vez mais pobre. Vocês sabem o que o algodão faz à terra: rouba-a, suga-lhe todo o sangue.

Os colonos acenavam com a cabeça, que sabiam, que Deus sabia. Se pu-

dessem alternar as plantações, podiam tornar a insuflar sangue na terra.

- Sim, mas é muito tarde. E os senhorios explicavam os actos e os pensamentos do monstro, que era mais forte que eles. Um homem pode ter terra de renda, se ela lhe dá para comer e pagar impostos: assim pode tê-la.

Sim, pode tê-la até que um dia as colheitas falham e ele tem de pedir dinheiro emprestado ao banco.

-Vocês bem vêem; um banco ou uma companhia não podem viver assim, porque essas entidades não respiram ar, não comem carne. Respiram lucros; comem os juros sobre o dinheiro. Se os não obtiverem, morrem do modo por que vocês morrem: sem ar e sem carne. É uma coisa triste, mas é assim mesmo. Precisamente assim.

O@ homens, agachados, erguiam os olhos para compreender. Não seria possível esperar mais algum tempo? Talvez que o próximo ano seja um bom ano. Sabe Deus se haverá muito algodão no próximo ano? E, com todas as guerras, sabe Deus o preço a que o algodão chegará. Não se fazem explosivos de algodão? E uniformes? Arranjem bastantes guerras e o algodão subirá até ao tecto. No próximo ano, talvez. Olhavam para os senhorios com ar interrogativo.

-Não podemos estar atidos a isso. O banco-o monstro -tem de recolher sempre lucros. Não pode esperar. Senão, morre. Não, os juros estão continuamente a subir. Quando o monstro pára de crescer, morre. Não pode estar sempre no mesmo tamanho.

Dedos finos começavam a tamborilar no peitoril da janela do carro e dedos calosos apertavam mais os paus que esgaravatavam nervosamente no chão. Às portas das casas batidas pelo sol, onde moravam os rendeiros, as mulheres suspiravam e mudavam os pés, de modo que o que tinha estado para baixo, estava agora para cima, com os dedos a bulir. Os cães chegavam, farejavam perto dos carros dos senhorios e mijavam sucessivamente em todos os pneumáticos. E as galinhas agachavam-se na poeira quente e sacudiam as penas para que a poeira lhes descesse até à pele. Nas pequenas pocilgas, os porcos grunhiam, pedindo qualquer coisa, remexendo os restos enlodados das lavagens.

Agachados, os homens tornavam a ferrar os olhos no chão. -Que querem os senhores que a gente faça? Não podemos

35

tirar partilha menor da colheita; estamos quase a morrer de fome. As crianças andam sempre esfomeadas. Não temos roupas ; só farrapos. Se todos os vizinhos não estivessem na mesma, teríamos vergonha de ir ao culto.

E, por fim, os senhorios chegaram ao ponto crucial. -O sistema de arrendamento não pode vigorar mais. Um só homem a guiar um tractor pode fazer o trabalho de doze ou catorze famílias. Paguem-lhe um salário e ele toma para si toda a colheita. Temos de ver isso. É contra a nossa vontade. Mas o monstro exige-o. Não nos podemos opor a ele.

-Mas vão matar a terra com algodão. -Bem sabemos. Temos de cultivar algodão depressa, antes que a terra morra. Depois vendemos a terra. Há centenas de famílias no Este que querem possuir um bocado de terra.

Os reideiros olharam para os carros, alarmados. -E, depois, o que vai suceder? Como havemos de comer? -Vocês têm de deixar a terra. Os arados rasgarão os vossos quintais.

E agora os homens agachados ergueram-se, coléricos. O avô havia-se apoderado da terra; tivera de matar os índios e de os expulsar. E o pai nascera ali e matara ervas ruins e cobras. Depois, viera um ano mau e ele tivera de pedir algum dinheiro emprestado.

-E nós nascemos aqui. Esses que estão ali às portas- os nossos filhos- nasceram aqui. E o pai teve de pedir dinheiro emprestado. O banco achou-se então dono da terra, e nós ficámos, mas apenas com uma pequena parte daquilo que colhíamos.

-Nós sabemos isso, tudo isso. Não somos nós, é o banco. Um banco não é um homem. E um proprietário de cinquenta mil acres também não é como um homem. É um monstro.

-Decerto -exclamaram os reideiros- mas é a nossa terra. Medimo-la e rasgámo-la. Nela nascemos; fazemo-nos matar nela; Morremos nela. Apesar de não ser boa, mesmo assim é nossa. E isso que faz que ela seja nossa: termos nascido nela, trabalhado nela, morrido nela. Isto é que justifica o direito de propriedade e não um papel com algarismos escritos.

-Sentimos muito. Mas não somos nós. É o monstro. O banco não é como um homem.

-Sim, mas o banco só se compõe de homens. -Não, vocês enganam-se nisso; enganam-se redondamente.

O banco é alguma coisa mais do que homens. Acontece que todos os homens odeiam o que o banco faz, e todavia o banco fá-lo.

O banco é alguma coisa mais do que os homens, acreditem. É o monstro. Os homens fizeram-no mas não podem controlá-lo.

Os reideiros bramaram: -O avô matou índios, o pai matou cobras por causa da terra.

36

Talvez nós possamos matar os bancos; são piores do que os Índios e as cobras. Talvez nós nos disponhamos a combater para conservar a nossa terra, corno fizeram o pai e o avô.

E então chegou a vez de os senhorios ficarem zangados. -Vocês têm de sair daqui. -Mas a terra é nossa -vociferavam os reideiros.-Nós...

- Não é. O banco, o monstro, é o dono. Vocês têm de sair daqui. - Pegamos nas nossas espingardas, como o avô quando os Índios vieram. Que é que nos poderá acontecer?

-Primeiro vem o xerife e depois a tropa. Serão ladrões se teimarem em ficar; serão assassinos se matarem para ficar. O monstro não é homem, mas pode arranjar homens para fazerem o que ele quer.

-Mas, se sairmos daqui, para onde iremos? E como iremos? Estamos sem dinheiro.

-Sentimos muito-disseram os senhorios.-O banco, o dono de cinquenta mil acres, nada tem com isso. Vocês estão em terra que não é vossa. Talvez que, para lá da divisa, vocês consigam arranjar trabalho no Outono, na colheita do algodão. Talvez consigam ser socorridos como in-

digentes. Porque não vão para o Oeste, para a Califórnia? Há lá muito trabalho e nunca faz frio. Ali, em qualquer parte, podem estender a mão e apanhar uma laranja. Ali há sempre uma ou outra plantação onde trabalhar. Porque não hão-de vocês de ir?

E os senhorios puseram os carros em movimento e foram-se embora. . Os retideiros agachavam-se de novo para fazerem garatujas na poeira, para pensarem, para ponderarem. Os seus rostos queimados estavam sombrios e os olhos batidos de sol coruscavam. As mulheres saíram cautelosamente das portas das casas para o pé dos homens e as crianças arrastavam-se atrás das mães, cautelosas, prontas e fugir. Os rapazes mais crescidos agachavam-se ao lado dos pais, porque isso os fazia homens. Daí a pouco, as mulheres perguntavam:

-Que é que eles querem? E os homens olhavam para elas um instante, com uma sombra de dor nos olhos.

-Temos de sair daqui. Um tractor e um capataz. Como nas fábricas.

-Para onde vamos? -perguntavam as mulheres. -Não sabemos. Não sabemos. E as mulheres iam-se embora, muito de mansinho, para dentro das casas, levando as crianças à sua frente. Sabiam que um homem assim aflito e embaraçado até é capaz de se zangar com as pessoas que ama. Deixavam os -homens sozinhos, a pensar e a desenhar na poeira.

37

Passado um bocado, o rendeiro ia dar um a vista de olhos à bomba posta há dez anos, com um manípulo em forma de pescoço de ganso e flores de ferro na boca, a um cepo onde centenas de galinhas tinham sido mortas, a um arado de mão pousado no telheiro e a uma grade suspensa por cima dele, nas vigas.

As crianças arrebanhavam-se junto das mães, nas casas. -Que vamos fazer, mãe? Para onde vamos? As mulheres diziam: -Não sabemos ainda. Vão brincar. Mas não se aproximem do vosso pai. É capaz de vos bater se vocês se chegarem para o pé dele.

E as mulheres continuavam a trabalhar, mas sem perderem de vista os homens agachados na poeira -perplexos e pensativos.

Os tractores calcaram as estradas e invadiram os campos, como se fossem grandes répteis de ferro que se moviam como insectos e que tinham a força incrível dos insectos. Rastejavam @

elo chão, cavando sulcos, rolando sobre eles e levantando-os. tractores Diesel, vibrando quando parados, trovejando quando se moviam, baixando depois para uma 'zoada monótona. %monstros, de nariz chato, erguendo a poeira e enterrando o focinho nela, marchando a direito pelas terras, cruzando as terras através de cercas, de portais, dentro e fora de barrancos, em linhas rectas. Não corriam pelo solo, mas por estradas que eles próprios cavavam. Não faziam caso de colinas, nem de barrancos, de correntes de água, de valados ou de casas.

O homem que se sentava no assento de ferro não parecia um homem; enluvado, de óculos, com uma máscara de borracha empoleirada sobre o nariz e a boca, era uma n"irte do monstro, um autómato no assento. O estrondo dos cilindros-5 reboava pelos campos fora, em comunhão com o ar e com a terra, e assim, o ar e a terra ecoavam numa só vibração. O condutor não o podia controlar-ia através dos campos, cortando por uma dúzia *de quintas e voltando horizontalmente. Um puxão nas alavancas

podia desviar o monstro, mas as mãos do condutor eram impotentes para isso, porque o monstro que construía o tractor, o monstro que expedira o tractor, tinham-se de qualquer modo introduzido nas mãos do condutor, no seu cérebro e nos seus músculos; tinham-no torcido e açamado-torcido o espírito, açamado a fala, torcido a sua percepção e açamado o seu protesto. Ele não podia ver a terra tal qual era, não podia sentir o cheiro que ela exalava; os seus pés não calcavam os torrões nem sentiam o calor nem a força do solo. Sentava-se num assento de ferro, e calcava pedais de ferro. Ele não podia estimular, fustigar, amaldiçoar ou incitar a extensão do seu poder, e, por causa disso, não se podia estimular, fustigar, amaldiçoar ou incitar a si mesmo.

38

Não conhecia nem possuía a terra, e nem nela confiava nem por ela implorava. Se uma semente lançada não germinasse, eis uma coisa que nada lhe dizia. Se uma tenra planta brutalizada secasse, mirrada pela estiagem. ou afogada numa avalanche de chuva, tanto caso fazia disso o condutor como a sua máquina.

Ele nutria pela terra a mesma indiferença que o banco tinha por ela. Podia admirar o tractor-a sua estrutura mecânica, a plenitude da sua força, o rugido dos seus cilindros de detonação; mas o tractor não era seu. Atrás do tractor rolavam os discos brilhantes, cortando a terra com as lârrúnas-não era lavragem mas cirurgia, que repuxava a terra para a direita, quando a segunda fila de discos cortava e repuxava para a esquerda -lâminas brilhantes e aguçadas, polidas pela terra dilacerada. E, impelidas atrás dos discos, as grades penteavam com dentes de ferro os pequenos torrões, quebrando-os e deixando a terra lisa. Por detrás das grades, os semeadores compridos -doze ganchos recurvos de ferro saídos da fundição -ligados por engrenagens, movendo-se metodicamente, movendo-se sem paixão. O condutor sentava-se no seu assento de ferro e sentia-se orgulhoso das linhas rectas que ele não traçara, do tractor que ele não possuía nem amava e do poder que ele não podia controlar. E, quando aquela plantação crescia e era colhida, nenhum homem havia esmagado um torrão M

ente nem peneirado a terra por entre as pontas dos dedos. Nenhum homem tinha tocado a semente ou sentido alegria com a maturação. Os homens comiam o que não tinham cultivado não tinham ligação com o pão. A terra gerava debaixo de ferro e debaixo de terra gradualmente morria, porque não era amada nem odiada; não recebia bênçãos nem maldições.

Ao meio-dia, o condutor do tractor parava, às vezes perto da casa de um rendeiro e abria a bolsa onde trazia a merenda: sanduíches embrulhadas em papel encerado, pão branco, conservas, queijo, um bocado de empada marcada como uma peça de máquina. Comia sem apetite. Os rendeiros, que se não tinham ainda mudado, vinham observá-lo, olhando curiosamente, enquanto ele tirava os óculos e a máscara de borracha, que lhe deixavam círculos brancos à volta do nariz e da boca. O escape do tractor baforava, porque o combustível é tão barato que é mais prático deixar o motor a trabalhar do que aquecer o Diesel para nova empreitada.

Crianças curiosas apinhavam-se perto, crianças esfarrapadas, que comiam massa de farinha frita, a observarem. Observavam esfomeadamente o desembrulhar das sanduíches e os seus narizes, aguçados pela fome, aspiravam o cheiro da conserva, do queijo e da empada. Não falavam para o condutor. Observavam a mão dele ao levar o alimento à boca. Não o observavam quando mastigava; os

seus olhos seguiam a mão que segurava a sanduíche. Decorrido algum tempo, um rendeiro citie não se decidia a deixar aquele sítio, aproximou-se, acocorando-se na sombra, ao lado do tractor.

-Olhe lá, você não é o filho do Joe Davis? -Pois claro que sou- respondeu o condutor. -Então porque anda a fazer esse maldito trabalho contra

a sua própria gente?

-Três dólares por dia. Estava farto de me consumir para conseguir o jantar. Tenho mulher e filhos. Precisamos de comer. Três dólares por dia, sem falhar um dia.

-Não há dúvida-disse o rendeiro.-Mas, por causa dos seus três dólares por dia, ficam quinze ou vinte pessoas sem comer. Perto de uma centena de pessoas tem de sair daqui e de vaguear pelas estradas por via dos seus três dólares por (É. Acha justo?

-Não quero saber disso. Tenho de pensar nos meus filhos. Três dólares por dia, sem falhar um único. Os tempos mudaram, amigo. Você não sabe? Não se pode viver da terra, a não ser que se possuam dois, cinco ou dez mil acres e um tractor. As plantações já não são para pobretanas como nós. Você não se põe a gemer porque não pode fabricar Fords ou porque não é a companhia dos telefones. A agricultura, agora, é assim. Não se pode fazer nada. A gente tem de ver se obtém três dólares por dia nalguma parte. É a única forma.

-Sim, tudo isso é muito estranho -ponderou o rendeiro. -Mas, se um homem possui uma pequena propriedade, essa propriedade é parte dele, é semelhante a ele. Se ele possui uma propriedade assim, pode andar sobre ela, tratar dela e ficar triste quando ela não produz e sentir-se alegre quando a chuva a rega; essa propriedade é ele, é parte dele, é semelhante a ele. Mesmo que não seja bem sucedido, ele sente-se grande com a sua propriedade isto.

E, parando um pouco, prosseguiu: -Mas, se um homem adquire uma propriedade que não vê, nem dispõe de tempo para lhe pôr os dedos, nem lá pode ir para a sentir debaixo dos pés, então, a propriedade sobrepõe-se ao homem. A propriedade é mais forte do que ele. E ele, em vez de ser grande, torna-se pequeno. Só as suas possessões são grandes e ele é o servo da sua propriedade. Esta é que é a verdade.

O condutor devorou o resto da empada e atirou a côdea fora. -Você não vê que os tempos estão mudados? A pensar assim, você não dá de comer aos filhos. Veja se consegue ganhar três dólares por dia, para matar a fome aos filhos. Ninguém lhe passou procuração para se ralar com os filhos dos outros. Trate mas é dos seus. Daqui a pouco está para aí tudo cheio do que você diz e assim nunca chega a ganhar três dólares por dia. Os patrões não

lhe dão três dólares por dia se se incomodar com outra coisa que não seja os seus três dólares por dia.

-Por causa dos seus três dólares há bem umas cem pessoas na estrada. Para onde havemos de ir?

-Isso faz-me lembrar que é melhor você tratar depressa da mudança. Tenho de atravessar o pátio da sua casa depois do jantar.

-Você obstruiu o poço esta manhã. -Bem sei. Tinha de seguir em linha recta. Mas? depois de jantar, vou atravessar o pátio. Tenho de manter as linhas rectas. E, enfim, eu aviso-o disto por você conhecer o Joe Davis, lá o meu velho. Tenho ordens para, em toda a parte onde haja uma família que ainda se não tenha mudado, me chegar para bem perto assim como que seja por acidente, percebe você?-e escavar um bocadito a casa, e, deste modo, meto no bolso uns dois dólares. E o meu filho mais novo ainda não soube o que eram sapatos.

-Construí-a por minhas mãos. Endireitei pregos velhos para lhe pôr o forro. Liguei os barrotes às traves com arame de rolo. É minha. Construí-a eu. Se você vem para a derribar, eu apareço à janela com uma espingarda. Se você se aproxima muito, mato-o como a um coelho.

-Mas se não sou eu o culpado! Nada posso fazer. Perco o meu emprego se não cumpro as ordens. E, olhe: suponhamos que você me mata. Que acontece? Enforcam-no a você, mas muito antes mesmo de você ser enforcado, aparece outro sujeito no tractor e ele então deitará a casa abaixo. Você não pode matar o verdadeiro responsável.

-Sim, tem razão-assentiu o rendeiro.-Então quem lhe deu ordens? Vou procurá-lo. É esse tipo que eu devo matar.

-Ai é que você se engana. Esse recebeu ordens do banco. O banco disse-lhe: expulse essa gente toda, senão, perde o seu emprego.

-Sim, mas deve haver um presidente do banco. Deve haver um conselho de administração. Vou encher a espingarda de balas e entro no banco.

-Mas ouvi dizer que o banco recebeu as ordens do Este -explicou o condutor.-E essas ordens eram: fazer com que a terra dê lucro ou então fechamo-vos a porta.

-Aonde vai então isso parar? Quem devemos alvejar? Não quero morrer de fome sem matar o homem que me está a tirar o pão.

-Não sei. Talvez que não haja ninguém a alvejar. Talvez que não seja de modo algum questão de homens. Talvez, como você disse, seja culpa da propriedade. Seja como for, já lhe disse as ordens que me deram.

-Deixe-me pensar-disse o rendeiro.-Todos nós temos de pensar. Talvez haja maneira de evitar isto. Não pode ser como o

41

relâmpago e o terramoto. Se os homens fizerem uma coisa má, haverá, por Deus, alguma coisa que se possa alterar.

O rendeiro sentara-se à porta de sua casa e o condutor pôs o maquinismo, em movimento. Trilhos a abrirem-se e a encurvarem-se, as grades desterroando e os falos do semeador perfurando o solo. O tractor cortou através do pátio da casa, e o terreno duro, pisado pelos pés, tornou-se campo semeado, e o tractor continuou a retalhar; o espaço não cortado tinha dez pés de largo. E voltou para trás. A guarda de ferro enfiou no ângulo da casa, derrubou a parede e arrancou a pequena casa dos seus alicerces, de modo que ela caiu de lado,

esmagada como um percevejo. E o condutor tinha óculos e uma máscara de borracha cobria-lhe o nariz e a boca. O tractor prosseguiu para a frente em linha recta; o ar e a terra vibraram com

o seu fragor. O rendeiro olhava espantado para aquilo, de espingarda na mão, com a mulher ao lado e os filhos, quietos, atrás. E todos eles ficaram de olhos pasmados para o tractor.

CAPITULO VI

O reverendo Casy e o jovem Tom detiveram-se na colina, a olhar para a habitação dos Joads. A pequena casa, que nunca havia sido pintada, achava-se esmagada num dos cantos e tinha sido de tal modo deslocada dos seus alicerces que se afundara num dos ângulos, com as janelas da frente apontando para um ponto do céu bastante acima do horizonte. As cercas tinham desaparecido; o algodão crescia no pátio, encostado à casa e também em volta do celeiro. Ao lado via-se o telheiro e, mesmo cosido com ele o algodão ia-se desenvolvendo. Onde o pátio tinha sido bem pisado pelos pés descalços das crianças, pelos cascos dos cavalos e pelas grossas rodas dos carros, o terreno achava-se agora cultivado, crescendo aí o algodão verde-escuro e coberto de poeira.

O jovem Tom olhou espantado durante algum tempo para o salgueiro esgalhado ao lado do bebedouro seco do cavalo e para a base de cimento onde outrora existia a bomba.

-Jesus! -exclamou ele por fim.-Andou por aqui o inferno. Não há por cá ninguém vivo.

Depois, desceu pressurosamente a colina, com Casy atrás dele. Olhou para o celeiro abandonado, com um pouco de palha pelo chão e para o estábulo da mula a um canto. E, ao espreitar para dentro, viu uma família de ratos, que brincava no chão, esgueirar-se para debaixo da palha.

Joad. parou à entrada do depósito de ferramentas onde nada viu, além do seguinte: um bico de arado partido, um molho de arame a um canto, uma roda de ferro de um ancinho e uma cabeça de mula roída pelos ratos, uma lata achatada em que

42

o óleo e a sujidade haviam depositado uma crosta e dois fatos-macacos pendurados num prego.

- Não resta nada - disse Joad. - Tínhamos boas ferramentas. Não resta nada.

-Eu, se ainda fosse pregador, diria que o golpe fora desferido pelo braço do Senhor-observou Casy.-Mas agora não sei o que aconteceu. Tenho andado por longe. Não ouvi falar em nada.

Caminharam para a boca do poço de cimento, atravessando o algodão para lá chegar; as cápsulas estavam-se formando nos algodoeiros e a terra estava cultivada.

-Nós nunca plantámos aqui-asseverou Joad.@Sempre conservámos este terreno limpo. Não podemos agora atrelar um cavalo neste sítio sem que ele pise os algodoeiros.

Pararam junto ao manancial seco e as próprias ervas que deviam crescer à sua beira tinham desaparecido e a velha e densa vegetação encontra-

va-se ressequida e mutilada. Na boca do poço, os parafusos que rendiam a bomba estavam despregados com as

enferrujadas e às porcas desaparecidas. Joad olhou para do poço, cuspiu e escutou. Atirou um torrão para dentro do poço e escutou.

-Era um bom poço-disse ele.-Não ouço a água. Pareceu pouco disposto a entrar em casa. Lançou torrão sobre torrão para o poço.

-Talvez tivessem morrido todos. Mas, se fosse assim, alguém mo teria mandado dizer. Alguém me havia de informar de qualquer maneira.

-Talvez tivessem deixado alguma carta ou indicação dentro de casa-observou Casy.-Eles sabiam que você estava para chegar?

-Não sei. Não é natural. Nem eu mesmo o sabia antes da semana passada-respondeu Joad. -Vamos ver dentro de casa. Está toda fora dos eixos. Parece que andou o diabo por aqui.

Desceram lentamente para a casa escalavrada. Dois dos suportes do telhado da varanda haviam sido arrancados, de modo que o telhado pendia para um lado. E o canto da casa estava metido para dentro. Através de uma barafunda de madeira esfrangalhada, via-se o quarto do canto. A porta da frente descaía para dentro e uma cancela baixa e forte, ligada à porta da frente, pendia para fora, nos seus gonzos de couro.

Joad parou num degrau, um degrau de madeira de doze polegadas por doze.

-Estão aqui os degraus da porta-disse ele.-Mas ou eles se foram, ou a mãe morreu.-Apontou para a cancela da porta da frente.-Se a minha mãe andasse por aqui perto, aquela cancela estaria fechada com a aldraba. Era uma coisa que ela

43

fazia sempre: ver se aquela cancela estava fechada. -Os seus olhos estavam vermelhos. -Foi desde que o porco se escapuliu para casa do Jacobs e comeu a criança. Milly Jacobs tinha saído naquele momento para o celeiro. Quando voltou, ainda o porco estava a comer o menino. Milly Jacobs, que estava outra vez grávida, nunca mais recuperou o juízo. Mas a mãe apanhou uma lição. Nunca deixava a cancela do porco aberta, a não ser que ela estivesse em casa. Nunca mais se esqueceu. Não; eles, ou tinham ido embora ou morreram.

Trepou à varanda desmantelada e olhou para a cozinha. As janelas estavam partidas e havia pedras dispersas pelo chão; as paredes e o soalho estavam desencaixados da porta e as tábuas cobertas de fina poeira.

Joad apontou para os vidros quebrados e para as pedras, dizendo:

-Os miúdos! São capazes de andar vinte milhas para quebrar uma janela. Eu também já fiz isso. Adivinham quando uma casa está vazia; oh, se adivinham! É a primeira coisa que os garotos fazem quando alguém se muda.

A cozinha não tinha mobília; o fogão tinha-se ido, e o buraco do cano do fogão na parede deixava entrar a luz. Na prateleira da pia estava um abridor velho de garrafas de cerveja e um garfo partido sem o cabo de madeira. Joad entrou cautelosamente no quarto e o soalho rangeu sob o seu peso. Um exemplar velho do Cura de Filadélfia, estava no chão,

encostado à parede, com as Páginas amarelecidas e enroladas. Joad olhou para o quarto de dormir, sem cama, sem cadeiras, sem nada. Da parede, pendia uma estampa a cores de uma rapariga indiana, com o título: "Asa vermelha". Havia, encostada à parede, uma tábua de cama. A um canto, uma bota de mulher, das de botões até acima, retorcida na frente e rachada no peito do pé. Joad apanhou-a e pôs-se a mirá-la.

-Bem me lembro-disse ele.-Era da mãe. Está toda rota agora. A mãe gostava destas botas. Usou-as durante anos. Não; eles foram-se e levaram tudo.

O Sol tinha baixado, ao ponto de entrar agora pelas janelas de canto, faiscando nos recortes do vidro quebrado. Joad voltou-se por fim e saiu atravessando a varanda. Sentou-se à entrada e descansou os pés descalços no degrau de doze por doze. A luz da tarde incidia sobre os campos e as plantas de algodão projectavam longas sombras no solo; o mesmo acontecia corri o salgueiro esgalhado.

Casy sentou-se ao lado de Joad. -Eles nunca lhe escreveram nada? - perguntou. -Não. Como disse, não era gente para escrever. O meu pai sabia -escrever, mas não escrevia. Não gostava. Quase lhe davam

44

calafrios só de pensar nisso. Sabia encomendar um catálogo tão bem como qualquer outro, mas lá cartas é que não escrevia.

Estavam sentados lado a lado, olhando ao longe. Joad pôs o casaco enrolado na varanda, ao seu lado. Com as mãos livres enrolou um cigarro, alisou-o e acendeu-o; engoliu fundo o fumo e deitou-o pelo nariz.

-Aconteceu coisa grave-disse ele.-Mas não consigo adivinhar o que foi. Cheira-me a catástrofe. Esta casa desmantelada e a minha gente desaparecida!

- Ali mesmo era o fosso onde eu fazia os baptizados - observou Casy. - Você não era mau mas era muito teimoso. Agarrou-se à trança da rapariguinha como um buldogue. Baptizei-os a ambos em nome do Espírito Santo, mas você não largava a trança.

O velho Tom disse: "Mergulhe-o debaixo de água." E, assim, eu afocinei-lhe a cabeça até que você começou a fazer bolhas debaixo de água e só então é que largou a rapariga. Você não era mau, mas era muito teimoso. Às vezes um rapaz teimoso cresce

com uma grande dose de espírito dentro de si.

Um gato magro e cinzento saiu do celeiro e arrastou-se através dos algodoeiros até à entrada da varanda. Pulou silenciosamente para cima e arrastou-se de barriga baixa para junto dos homens. Parou atrás dos dois e então sentou-se com o rabo estendido e direito no chão, com a ponta a chicotear cadenciadamente o chão. O gato olhava para o ponto distante para que os homens olhavam também...

Joad voltou-se e viu-o. -Por Deus! Veja o que está ali. Houve alguém que ficou. Estendeu a mão, mas o gato fugiu do seu alcance e sentou-se a lambar as calosidades da pata levantada. Joad olhou para ele meditativo.

-já sei o que houve- exclamou. -Este gato acaba de anunciar o que aconteceu.

-Parece que aconteceram muitas desgraças -sentenciou Casy. -Sim, mas há mais famílias que saíram além da minha. Porque é que este gato se não mudou para cá com os vizinhos, com os Rance, por exemplo? Porque é que ninguém veio arrancar uns bocados de madeira a esta casa? já não mora aqui ninguém há uns três ou quatro meses e ninguém roubou nada. Belas pranchas no alpendre do celeiro, pranchas de estalo na casa, caixilhos de janela e ninguém os levou. Isto não está certo. E isto que me está a fazer confusão, e que eu não posso perceber.

-Então o que é que você tira disto tudo? Casy curvou-se, tirou os sapatos de lona e revolveu os dedos dos pés no degrau.

-Não sei. O que me parece é que já não há vizinhos. Se houvesse, estariam aqui todas essas belas pranchas? Não, por

45

Jesus Cristo! Alberto Rance levou uma ocasião, pelo Natal, toda a família: crianças, cães e tudo para a cidade de Oklahoma. Foram visitar UM primo de Alberto. Então a gente daqui pensou que o Alberto se tinha mudado sem dizer nada; imaginou talvez que ele tinha dívidas ou que trazia alguma mulher à perna. Quando o Alberto voltou uma semana depois, nada restava na

casa: o fogão desaparecera, as camas também, os caixilhos das janelas e oito pés de tabuado do lado sul da casa sumiram-se, de modo que se podia ver a luz por ela. Apareceu precisamente quando o Muley Graves se estava escapulindo com as portas e a bomba do poço e Alberto levou duas semanas a farejar pelas casas dos vizinhos, a fim de lhe restituírem o que era seu.

Casy esfregou os dedos dos pés com volúpia. -Ninguém se opôs a isso? Todos lhe restituíram o que tinham levado?

-Sem dúvida. É que eles não tinham roubado. Pensaram que aquilo estava abandonado e pegaram-lhe. Apanhou tudo menos uma almofada de sofá, de veludo com uma ânfora de índio. Alberto afirmava que quem a tinha era o avô. Dizia que o avô tinha sangue índio e que, por isso, é que gostava daquela ânfora. Sim, o avô é que a tinha, mas queria ele lá bem saber da ânfora pintada! Do que gostava, e muito, era da almofada, costumava andar com ela e colocava-a onde se ia sentar. Nunca a restituiu ao Alberto. Dizia: "Se o Alberto tem tanto empenho nesta almofada, que ma venha tirar. Mas é melhor que venha armado, porque lhe dou um tiro naquela cabeça fedorenta se ele se atreve a mexer na minha almofada." E foi assim que o Alberto cedeu e fez presente daquela almofada ao avô. Mas meteu-lhe uma cisma na cabeça. Pôs-se a juntar penas de frango. Dizia que ia arranjar uma cama toda de penas. Mas nunca a arranjou. Um dia, o pai ficou maluco com um zorrilho que andava debaixo da cama.

O pai matou-o à paulada e a mãe teve de queimar todas as penas que o avô juntara para que nós pudéssemos continuar a viver na casa.-E riu-se.-O avô era um tipo teimoso como um raio. Mal se sentava na almofada, dizia: "Que o Alberto ma venha tirar. Pego naquele gasnete e torço-o como um par de ceroulas."

O gato tornou a arrastar-se pelo meio dos dois homens com o rabo estendido e os bigodes eriçados de quando em quando.

O Sol descia, avizinhandose do horizonte, e o ar poeirento tornou-se vermelho e doirado. O gato estendeu uma pata interrogativa e tocou no casaco de Joad. Este olhou em redor.

-Diabo, esqueci-me do cágado! Não vou carregar com ele toda a vida!

Desenrolou o animal e empurrou-o para dentro da casa. Mas, num momento, o animal estava cá fora, com a cabeça virada para sudoeste, como estivera desde o princípio., O gato pulou sobre ele,

46

bateu-lhe na cabeça resistente, e deu-lhe sapatadas nos pés, que se agitavam. A cabeça velha, dura e escarninha enfiou-se para

91 dentro, o rabo abrigou-se debaixo da concha, e, quando o gato se cansou de esperar e se raspou, o cágado tornou a voltar-se para sudoeste.

O jovem Tom Joad e o pregador observavam o cágado a marchar, ondeando as pernas e carregando com a concha pesada e abaulada rumo a sudoeste. O gato seguiu-o de rastos por algum tempo, mas, dentro de umas doze jardas, arqueou o dorso numa grande curva, escancarou a boca num bocejo e regressou furtivamente para junto dos homens sentados.

-Para onde diabo supõe o senhor que ele vá?-interrogou Joad.

-Tenho visto cágados toda a minha vida. Levam sempre qualquer destino. Parece que têm sempre pressa de lá chegar.

gato cinzento tornou a sentar-se entre eles. De vez em quando, piscava os olhos. A pele das espáduas estremeceu à mordedura de uma pulga e depois assentou de novo. O gato levantou uma pata, examinou-a, moveu as garras e lambeu os bigodes com a língua rosada como uma concha. O sol escarlata tocava o horizonte e espriava-se como uma actínea; o céu, em cima, parecia muito mais brilhante e mais vivo do que anteriormente. Joad desenrolou o casaco, tirou os sapatos novos e, antes de os calçar, escovou os pés empoeirados com a mão.

O pregador, espriando o olhar ao longo dos campos, disse: -Vem ali gente. Olhe! Ali em baixo, mesmo no meio do algodoal.

Joad olhou para onde o dedo de Casy apontava.

Vem a pé. Não o vejo por causa da poeira que ele levanta. Quem diabo virá para aqui?

Observaram a figura a aproximar-se à luz da tarde e a poeira que ela levantava tomava os reflexos do sol poente.

-É um homem-anunciou Joad.

O homem aproximou-se e, quando ia a passar o celeiro, Joad disse:

-Mas eu conheço-o. O senhor conhece-o. É o Muley Graves. -E chamou.-ó Muley! Como estás?

O homem que vinha a aproximar-se estacou sobressaltado pelo chamamento e pôs-se a andar mais depressa. Era um sujeito magro, um tanto baixo. Tinha movimentos sacudidos e rápidos. Trazia um saco de juta na mão. As suas calças azuis estavam desbotadas nos joelhos e no assento, e usava um casaco preto, velho, sujo e manchado, com as mangas quase arrancadas dos ombros e com grandes buracos nos cotovelos. O chapéu preto estava tão sujo como o casaco, e a fita, quase solta, ondeava ao vento conforme ele caminhava. O rosto de Muley era liso e sem

rugas, mas o seu olhar era agressivo como o de uma criança mal comportada, com a boca pequena e cerrada, os olhos meio escarninhos, meio petulantes.

-Lembra-se do Muley? -perguntou Joad, em voz baixa, ao pregador.

-Quem está aí?-interrogou o homem que avançava. Joad não respondeu. Muley chegou-se mais perto, muito perto, antes de conseguir identificar os rostos.

-Oh, quem havia de dizer!-bradou ele.-É o Tom Joad. Quando é que saíste, Tommy?

- Há dois dias - respondeu Joad. - Levou-me pouco tempo a chegar a casa. Consegui que me dessem umas boleias pelo caminho. E olha o que eu venho encontrar! Onde pára a minha gente, Muley? Porque é que a casa está toda mutilada e há algodão plantado no pátio?

-Por Deus, felizmente que te encontro!-disse Muley.-Porque o velho Tom ficou muito apoquentado. Quando se estavam a mudar, eu estava sentado aí na cozinha. Eu dizia a Tom que não me mudava nem por ordem de Deus. Dizia-lhe isso e Tom ia-se queixando: "Estou muito apoquentado por causa do Tommy. Suponhamos que ele chega e não acha ninguém aqui. Que irá ele pensar?" E eu digo: "Por que não lhe escreve você uma carta?" E o Tom disse: "Talvez escreva. Vou pensar nisso. Mas, se não escrever, fica de olho alerta ao Tommy, se ainda por aqui estiveres." "Estarei por aqui", disse eu. "Estarei por aqui, até que o inferno se gele de todo. Não há ninguém com forças de expulsar desta terra um homem com o nome de Graves." E ninguém se atreveu a isso.

Joad inquiriu impacientemente: -Mas onde está a minha gente? Disseste que estiveste com eles até ao fim; mas onde está a minha gente?

-Bem, eles estiveram até à última, quando o banco meteu o tractor por dentro do terreno. O teu avô saiu para a rua com uma espingarda e estilhaçou os faróis do tractor, mas este fez a sua obra na mesma. O teu avô não quis matar o homem que o

conduzia, que era o Willy Freely. E o Willy bem o sabia? por isso

ele avançou e pintou a manta em volta da casa, dando-lhe uma sacudida como um cão sacode um rato. Foi um golpe tremendo para o Tom. Nunca mais foi o mesmo.

-Mas onde pára a minha gente?-bramiu Joad, em tom irado.

- É o que te ia a dizer. Levaram tudo em três viagens na

carroça do tio John. Levaram o fogão, a bomba e as camas. Devias tê-los visto com todos os miúdos em cima das camas, a tua avó e o teu avô encostados ao espaldar, o teu irmão Noah sentado a fumar um cigarro e a cuspir para o lado da carroça.

48

Joad abriu a boca para falar. -Estão todos em casa do tio John-informou. finalmente Muley.

-Oh! Todos em casa do Jolin. Mas que estão a fazer lá? Espera um segundo, Muley. Daqui a um minuto podes continuar o teu caminho. Que es-

tão eles lá a fazer?

-Olha, estiveram a colher algodão, todos eles -até as crianças e o teu avó. A ver se, trabalhando todos, arranjavam dinheiro, para se mudarem para o Oeste. -comprar um carro e mudar-se para o Oeste, onde a vida é mais fácil. Aqui não presta para nada. Cinquenta centavos por um acre de algodoeiros e a gente anda a pedir trabalho por amor de Deus.

-Mas ainda não foram? -Não--respondeu Muley.-Não, que eu saiba. Da última vez que tive notícias deles foi há quatro dias, quando encontrei o teu irmão Noah a caçar lebres e que me disse que faziam tenção de partir dentro de duas semanas. O John também recebeu ordem de despejo, São oito milhas daqui até à casa do Jolin. Encontras a tua gente empilhada como esquilos numa lura de inverno.

-Bem-disse Joad.-Agora podes seguir o teu caminho. Não estás nada mudado, Muley. Se pretendes dar informações de alguma coisa que aconteceu no Noroeste, viras logo o nariz para o Sudoeste.

Muley replicou, em represália: -E tu também não mudaste. Eras um garoto muito atrevido e ainda és muito atrevido. Não me queiras ensinar a tirar as castanhas do lume, não?

Joad arreganhou os dentes. -Decerto que não. Se magicares em meter a cabeça numa pilha de vidros partidos, ninguém te pode desviar disso. Não conheces este pregador, Muley? O reverendo Casy.

-Oh, muito bem. Não tinha dado por ele. Lembro-me perfeitamente.

Casy ergueu-se e os dois homens apertaram as mãos. -Muito prazer em tornar a vê-lo -cumprimentou Muley. -Há um ror de tempo que não aparece por aqui.

- Tenho andado por fora, a ver o mundo - disse Casy. - Que aconteceu aqui? Porque estão escorraçando a gente desta terra?

A boca de Muley cerrou-se tão hermèticamente que a parte central do lábio superior se sumiu dentro do inferior. E vociferou:

-Esses filhos da mãe! Esses malvados desses filhos da mãe! É o que eu lhes digo: eu cá, fico. Não se vêem livres de mim. Se me expulsarem, volto, e, se imaginam que me podem tirar o fôlego, levo três filhos da mãe comigo de companhia. -Bateu num volume grosso que trazia num dos bolsos do casaco.-Eu não vou. Meu pai veio para aqui há cinquenta anos. E eu, não saio.

4 1-

49

Joad perguntou: -Que ideia foi essa de escorraçarem a gente? -Oh! Tre-ta não lhes falta. Tu sabes que anos nós temos tido. A poeira a estragar tudo e um homem sem colheita que chegue para encher um cesto. E toda a gente fez dívidas na mercearia. Sabes como isso é. Bem, os tipos que possuem a terra, dizem: "Não podemos ter rendeiros." E dizem: "A parte que um rendeiro tem é precisamente a margem de lucro que não podemos perder." E dizem: "Se pusermos a terra num bloco, nem assim o rendimento dela é vantajoso." E, por isso, enxotaram com o tractor todos os rendeiros da terra. Todos, excepto eu, que, por Deus, não saio. Tommy: tu conheces-me. Toda a tua vida me tens conhecido.

-Não há dúvida, Muley, toda a minha vida. -Bem, tu sabes que não sou nenhum parvo. Bem sei que esta terra pouco presta. Para quase mais na-

da serve senão para pastagens. Nunca produziu bem. E agora quase a matam com o algodão. Se me não dissessem que devia ir-me embora, era provável que eu, a estas horas, estivesse na Califórnia, a papar uvas e a descascar uma laranja quando me apetecesse. Mas, mandarem-me embora esses filhos da mãe, isso não, por Jesus Cristo. Um homem como eu não se submete assim.

- Certamente - disse Joad. - A mim admira-me como o meu pai saiu com tanta facilidade. Espanta-me como o meu avô não matou ninguém. Nunca ninguém fez imposições ao avô. E a minha mãe também não é para brincadeiras. Uma vez vi-a bater desalmadamente num funileiro ambulante com uma galinha viva, porque ele se pôs a berrar com ela. Tinha a galinha numa mão e o machado na outra, pronto para lhe cortar a cabeça. Ela tencionava alvejar o funileiro com o machado, mas esqueceu-se em que mão o tinha e pespegou-lhe com a galinha em cima. Deu cabo da galinha a zurzir o homem e não a pôde comer, porque lhe ficaram só as pernas na mão. O avô quase se mijou a rir. Como se foi então a minha gente embora com tanta facilidade?

-O tipo que veio falava com a doçura de um pastel de nata. "Vocês têm de sair. A culpa não é minha." "Então, disse eu, de quem é a culpa, que eu vou dar cabo do sujeito?" "E da Companhia Shawnee de Terras e de Gado. Eu apenas recebi ordens." "Quem é a Companhia Shawnee de Terras e de Gado?" "Não é ninguém. É uma companhia." Punham um homem maluco. Não havia ninguém a quem a gente pudesse deitar a mão. Toda a gente se cansou de andar à procura de alguém contra quem se assanhar. Todos excepto eu. Eu conservei-me sempre assanhado. E por isso fiquei.

Uma faixa larga e vermelha de sol demorou-se no horizonte, depois estreitou-se e desapareceu. O céu ficou brilhante no lugar onde ela havia desaparecido, e urna nuvem, esfarrapada como um

50

trapo ensanguentado, ficou suspensa sobre o ponto onde o sol se sumira. O crepúsculo começou, pouco a pouco, a invadir o céu, vindo de leste, e a escuridão assenhoreava-se da terra, vinda do oriente. A estrela da tarde faiscava e cintilava no crepúsculo. O gato cinzento esgueirou-se para o celeiro aberto e passou para dentro como uma sombra.

Joad disse: -Bem, nós não vamos esta noite andar oito milhas para chegar a casa do tio John. Tenho os pés a arder. E se nós fôssemos para tua casa, Muley? É apenas uma milha.

-Não sei como há-de ser.-'@parecia embaraçado. -A minha mulher, os pequenos e meu cunhado foram todos para a Califórnia. Não havia nada que comer. Não estavam tão assanhados como eu, e, por isso, foram-se. Não havia nada que comer aqui.

O pregador mexeu-se, nervoso. -Você também devia ter ido. Não devia ter deixado a família dividir-se.

-Não pude-respondeu Muley Graves.-Havia o que quer que fosse que me prendia.

-Por Deus, que estou com fome-disse joad.-Há quatro anos inteirinhos que eu comia a horas certas. Estou com tanta fome que até me parece que comia um homem. Que vais tu comer, Muley? Como é que arranjas de jantar?

Muley confessou envergonhado: -Durante algum tempo comi rãs, esquilos e algumas vezes cães do mato. Não tive outro remédio. Mas, agora, ponho armadilhas de arame no matagal do riacho seco. Apanho coelhos e, às vezes, uma galinha do mato. Também apanho zorrilhos e coatis.

Abaixou-se, pegou no saco e esvaziou-o na varanda. Dois coelhos e uma lebre caíram do saco e rolaram, macios e felpudos, molemente pelo chão.

- Deus do céu! - exclamou Joad. - Há mais de quatro anos que não como carne assim fresca!

Casy pegou num dos coelhos e segurou-o na mão. -Vamos comer contigo, não, Muley Graves? -perguntou ele. Muley mostrou-se embaraçado. -Não há outro remédio. - Inquietou-se com o tom pouco delicado das suas palavras. -Não é bem isso o que eu queria dizer. Não é bem isso-gaguejou-o que eu queria dizer é que, se um sujeito está com fome, então o primeiro sujeito não tem outro remédio. Quero dizer: suponhamos que eu apanho os meus coelhos e vou para qualquer lado e os como. Compreendes?

-Compreendo muito bem-respondeu Casy. -Compreendo muito bem. O Muley teve qualquer ideia. Mas nem ele a pode explicar nem eu posso percebê-la.

51

O jovem Tom esfregou as mãos. -Quem tem uma navalha? Vamos esfolar esses miseráveis roedores. Vamos a eles!

Muley procurou no bolso das calças e tirou uma grande navalha de cabo de chifre. Tom Joad pegou nela, abriu a lâmina e cheirou-a. Enterrou mais de uma vez a lâmina no chão e tornou a cheirá-la, limpou-a à perna da calça e experimentou-lhe o fio no polegar.

Muley tirou uma garrafa de água do bolso traseiro da calça e pô-la na varanda.

-Poupa essa água-advertiu ele.-É tudo o que há. Este poço aqui está obstruído.

Tom tomou um coelho na mão. -Um de vocês vai buscar um pouco de arame de enfiar ao celeiro. Faremos lume com um bocado de madeira da casa. -Olhou para o coelho morto. -Não há nada tão fácil de aprontar como um coelho.

Levantou a pele das costas do animal, golpeou-a, meteu os dedos no buraco e puxou-a. Escorregava do corpo como uma meia; assim esfolou o corpo até ao pescoço e as pernas até às patas.

Joad tornou a pegar na navalha e cortou a cabeça e as patas. Pôs a pele de lado, golpeou o coelho ao longo das costelas, tirou os intestinos para fora, atirou-os para cima da pele e depois jogou toda aquela miscelânea para o meio dos algodoeiros. E o pequeno corpo de músculos nus estava pronto. Joad retalhou as pernas e a carne do dorso em duas partes. Estava deitando a mão ao segundo coelho quando Casy voltou com um rolo de arame de fardo na mão.

-Agora preparem um lume e preguem umas estacas no chão -ordenou Joad. -Jesus Cristo, que fome eu tenho destes bichos!

Limpou e cortou o resto dos coelhos e enfiou a carne no arame. Muley e Casy racharam tábuas do canto arruinado da casa e principiaram a fazer lume; pregaram também uma estaca no chão de cada lado, para segurar o arame.

Muley voltou-se para Joad. -Vê lá se a lebre tem algum tumor-disse ele.-Não gosto de comer lebres com tumores.

Tirou uma pequena saca de pano da algibeira e pô-la na varanda.

Joad respondeu: -A lebre estava tão limpa como um assobio. Também trazes sal, graças a Deus! Não terás também pratos e uma barraca de campanha no bolso? Tirou uma porção de sal e espalhou-o sobre os pedaços de coelho esticados no arame,

O fogo pulava, lançando sombras vermelhas pela casa e a madeira seca estalava, crepitando. Agora o céu escurecia quase por completo e as estrelas brilhavam com limpidez. O gato cinzento

52

saiu do alpendre do celeiro e trotou, a miar, para o pé do fogo, mas, quase ao chegar ali, voltou-se e correu para um dos pequenos montes de entranhas de coelho que estavam no chão. Mastigava e engolia as entranhas que lhe pendiam da boca. Casy sentou-se no chão, ao lado do fogo, alimentando-o com gravatos, metendo as tábuas grandes para dentro, à medida que as chamuscas lambiam os ramos. Os morcegos atiravam-se para a luz do fogo, mas depressa tornaram a afastar-se. O gato tornou a aproximar-se do lume, lambeu os beiços e lavou o focinho e os bigodes.

Joad segurou o arame cheio de carne de coelho entre as mãos e caminhou para o lume.

-Pega aqui nesta ponta, Muley! Enrola a tua ponta naquela estaca. Fixe! Estica daí. Devíamos esperar até que o fogo estivesse em brasido, mas não tenho coragem, para isso.

Retesou o arame, depois pegou num pau e espalhou os bocados de carne ao longo do arame até ficarem todos bem ao calor, do lume. As chamuscas subiam em volta da carne e endureciam e vidravam as superfícies. Joad sentou-se ao pé do lume; com o pau movia e virava o coelho para que ele se não colasse ao arame.

-Isto é um banquete-disse ele.-O Muley trouxe tudo: o sal, a água e os coelhos. Só faltou trazer um prato de papas de milho na algibeira. Tornara-o eu!

Muley falou do lado de lá do lume:

Vocês hão-de pensar talvez que eu ando maluco, por causa da maneira como vivo.

-Maluco, tu? Quem pensa nisso?-atalhou joad.-Se estás maluco, então toda a gente está maluca.

Muley continuou: -Sim, é um caso curioso. Realmente fiquei quase fora de mim quando me intimaram a abandonar estes sítios. Primeiro, só me davam ganas de matar uma porção de gajos. Depois, toda a minha família debandou para o Oeste. E eu pus-me a vaguear por estas redondezas. A vaguear sem destino. Mas nunca ia para longe. Dormia onde calhava. Esta noite ia dormir aqui. Eis a razão por que vim. Dizia de mim para

mim: "Ando a fazer guarda para que, quando todos voltarem, encontrem tudo em ordem." Mas eu sabia que isso não era verdade. Não há nada a que fazer guarda. E a gente nunca mais volta. Continuo a vagarear por aqui como unia alma penada.

-Quando um homem se acostuma a um lugar, custa-lhe a deixá-lo. já não sou pregador, mas ando sempre a fazer pregações, sem mesmo saber que as estou a fazer.

Joad revirou os pedaços de carne no arame. A gordura pingava e cada gota que caía no lume levantava um esguicho de chama. A superfície lisa da carne engelhava e adquiria um tom bronzeado.

53

-Cheirem-na! - convidou Joad. - Abaixem a cabeça e cheirem-na.

Muley prosseguiu: -Como uma alma penada. Andei a frequentar os lugares onde a coisa aconteceu. Para lá da nossa casa há um barranco com uma mata. A primeira vez que estive com uma rapariga foi ali. Tinha catorze anos e pulava, corria e resfolegava como um veado e espirrava como um bode. E, por isso, fui ali, deitei-me no chão e tornei a ver tudo tal como tinha acontecido. Ainda lá está o lugar ao pé do celeiro onde o meu pai foi ferido de morte por um touro. E o seu sangue ainda tinge aquele chão. Ainda deve tingir. Ninguém o lavou. E eu pus a mão naquele terreno ensopado pelo sangue de meu pai.-Parou inquieto. -Vocês pensam talvez que eu ando maluco?

Joad virou a cara e ficou a meditar. Casy, de pés erguidos, olhava para o fogo. A quinze pés dos homens, o gato, regalado, sentara-se, com o rabo cinzento e comprido muito bem arrumado sobre as patas da frente. Uma coruja grande guinchou ao passar e o lume iluminou-lhe o ventre branco e o leque das asas.

-Não - comentou Casy. - Podes estar desolado, mas maluco, não.

O pequeno rosto contraído de Muley immobilizara-se: -Pus a mão no terreno onde aquele sangue ainda se vê. E vi o meu pai com um buraco no peito, e senti-o tremer contra o meu corpo, exactamente como tremeu, e vi-o cair, inteiriçando as mãos e os pés. E vi os seus olhos enevoados pela dor, e ficar depois sem se mexer e com os olhos tão claros a olhar para cima... E eu, que era um garoto, ali estava sentado à beira, sem chorar nem nada, para ali sentado.

Sacudiu a cabeça bruscamente. Joad virou e revirou a carne. -E entrei no quarto onde nasceu o meu Joe. A cama já lá não estava, mas estava o quarto. E todas estas coisas eu vi, precisamente no lugar onde aconteceram. O Joe veio ali à luz. Soltou um suspiro e depois deu um berro que se podia ouvir a uma milha

e a avó, que estava lá, disse: "Que beleza de menino, que beleza!" Ficou tão inchada que até partiu três châvenas nessa noite.

Joad pigarreou: -E melhor irmos já a essa comida. -Deixa-a assar bem, como deve ser, até ficar quase preta - obtemperou Muley, um tanto irritado. - Preciso de falar. já há muito que não falo com ninguém. Se estou maluco, estou maluca e pronto. Tenho andado para aí como uma alma penada, a visitar as casas dos vizinhos, de noite. A do Peter, a do Jacob, a do Rance, a do Joad, e estavam todas escuras como tocas miseráveis de ratos. Mas houve lá bons jantares e bailes; rezas e cânticos sagrados. Houve casamentos em todas essas casas. Quando me lembrava

disto, apetecia-me ir à cidade e dar cabo de uma porção de gente. Que é que eles vão ganhar, expulsando a gente da terra com o tractor? Que fazem eles para que lhes fique a tal margem de lucro? Escorraçam-me do terreno onde meu pai morreu, onde Joe soltou o primeiro vagido e da mata onde eu de noite espinoteava como um bode. Que lucram eles? Deus sabe que a terra não presta. Há anos que ninguém consegue unia colheita. Mas esses filhos da mãe, à secretária, acabam por cortar-nos ao meio por causa da sua margem de lucro. É isso: cortam a gente ao meio. O lugar onde as pessoas vivem-isso é que é a família. Agora, sozinhas na estrada, as pessoas, num carro apinhado de gente, já não são bem elas. já não estão vivas. Esses filhos da mãe mataram-nas.

E ficou calado, com os lábios delgados ainda a agitarem-se, e com o peito a arfar. Sentou-se e olhou para as mãos, à luz do fogo.

-Há muito tempo que não falo com ninguém-disse ele com o ar amável de quem pede desculpa. -Tenho estado perdido para aí como um fantasma.

Casy empurrou as tábuas grandes para o lume; logo as chamas as lambeiram, pulando outra vez em direcção à carne. A casa rangeu alto quando o ar mais frio da noite contraiu a madeira. Casy disse compassadamente:

-Tenho de ir ao encontro dessa gente que anda por essas estradas. Sinto que tenho de ir ter com eles. Eles precisam de auxílio, que nenhum pregador lhes pode dar. Esperança no Céu, quando as suas vidas já não são vidas? Espírito Santo, quando o seu próprio espírito está abatido e triste? Precisam de auxílio. Precisam de viver antes que lhes seja dado morrer.

Joad exclamou nervosamente: -Jesus Cristo, comamos esta carne antes que ela fique mais pequena do que uni rato assado. Olhem para ela. Cheirem-na. Pôs-se em pé e fez escorregar os pedaços de carne ao longo do arame até os afastar do fogo; pegou na navalha de Muley e cortou um pedaço de carne até o libertar do arame.-Esta é para o pregador-disse ele.

-Já- lhe disse que não sou pregador. -Bem, então aqui está para o homem. -Cortou outro pedaço. -Este é para ti, Muley, se não estás demasiado acabrunhado para comeres. Isto é lebre. Mais dura que carne de vaca.-Voltou a sentar-se, fincou os dentes na carne, arrancou um pedaço e pôs-se a mastigá-lo. -Jesus Cristo! Corno ela está gostosa!-E, arrancando outro pedaço, mordeu-o sofregamente.

Muley ainda estava a olhar para o pedaço dele. -Talvez que não devesse ter falado assim- disse. -Devia talvez ter guardado isto só para mim.

Casy olhou-o com a boca atafalhada de coelho. Mastigava, e a sua garganta musculosa convulsionava-se ao engolir.

-Não, você fez bem em falar. Às vezes, um homem que está triste deita com a conversa a tristeza pela boca fora. Às vezes, um homem que se encontra a pontos de matar, deita com o falar, o assassinio pela boca fora e já não mata. Você fez bem. Não mate ninguém se o puder evitar.

E mordeu outra lasca de coelho. Joad jogou os ossos ao lume, ergueu-se e tirou mais um bocado de carne do arame. Muley comia agora compassa-

damente, e os seus olhitos nervosos corriam de um dos companheiros ao outro. Joad comia, carrancudo como um animal, enquanto um anel de gordura se lhe formava em torno da boca.

Durante muito tempo, Muley olhou para ele quase timidamente. Abaixou a mão que segurava a carne.

-Tommy!-disse ele. Joad olhou sem parar de deglutir. -Que é?- interrogou com a boca cheia. -Tommy, tu não ficaste zangado por eu falar em matar gente? Não ficaste zangado, Tom?

-Não-respondeu Tom.-Não estou zangado. São apenas coisas que acontecem.

-Toda a gente sabe que a culpa não foi tua. O velho Turnbull disse que te ia esperar quando saíesses da cadeia. Que ninguém podia matar um filho dele sem mais nem menos. Toda a gente da vizinhança lhe tirou isso da cabeça.

-Nós estávamos bêbedos -explicou Joad afavelmente. E bêbedos num baile. Nem sei como começou. Do que me lembro é de a navalha vir sobre mim, e de me ter passado logo a bebedeira. A primeira coisa que vejo é o Herb a crescer novamente para mim corri a navalha. Havia uma pá encostada à casa da escola e eu peguei nela e apontei-lha à cabeça. Nunca tinha tido nada contra o Herb. Era bom rapaz... Brincava com a minha irmã Rosasharn quando era pequeno. Não, eu gostava do Herb.

-Sim, toda a gente disse isso ao pai, até que ele esfriou. Há quem diga que, pelo lado da mãe, há sangue de Hartfield no velho Turnbull. E que ele tem de lhe sofrer as consequências. Nada sei a esse respeito. Ele e a sua gente emigraram para a Califórnia há já uns seis meses.

Joad tirou o último pedaço de coelho do arame e passou-o em roda. Tornou a sentar-se e comia agora mais devagar, mastigando mais compassadamente e limpando a gordura da boca com a manga do casaco. E os seus olhos, escuros e meio cerrados, pareciam meditativos, a olhar para o fogo moribundo.

-Agora toda a gente vai para o Oeste-disse ele.-Eu estou sob liberdade condicional. Não posso deixar o Estado.

-Liberdade condicional? -perguntou Muley.-Já ouvi falar nisso @? Que é?

.56

- É que saí três anos antes. Tenho de obedecer a certas regras, senão prendem-me de novo. E tenho que dar notícias de vez em quando.

-Como te trataram lá em MacAlester? O primo de minha mulher esteve em MacAlester e disse que aquilo era o inferno.

- Não é assim tão mau como isso - explicou Joad. - É como todas as outras prisões. É inferno para quem provoca o inferno. Um sujeito tem de se portar bem. Senão, os guardas caem-lhe em cima. Então é que é o inferno. Eu portei-me sempre bem. Não me metia em nada que me não dissesse respeito e deixava correr. Aprendi a escrever muito bem. A desenhar pássaros e outras coisas; não apenas a escrever palavras. O meu velho vai ficar maluco quando me vir fazer um pássaro de um traço. O pai vai ficar maluco quando me vir fazer isso. Ele não gosta de fantasias como essa. Nem gosta de escrita de palavras. Parece que tudo isso

lhe mete medo. Todas as vezes que o pai via alguém a escrever, tinham de lhe tirar alguma coisa que lhe estivesse ao alcance da mão.

-Nunca te bateram nem maltrataram? -Nunca. Eu só tratava do que tinha a fazer. Sem dúvida que a gente se chateia de fazer sempre a mesma coisa todos os dias, durante quatro anos. Se a gente fez alguma coisa de que se envergonha, tem tempo para pensar e arrepender-se. Mas-diabo!-se visse o Herb Tumbull a crescer agora mesmo para mim com uma faca, tomava a abrir-lhe a cabeça com uma pá.

-E quem o não faria?-comentou Muley. O pregador fitava o lume e a sua testa alta branquejava na escuridão. A cintilação das pequenas chamas punha-lhe em relevo as cordas do pescoço. Nas mãos, cruzadas em volta dos joelhos, avultavam os nós dos dedos. Joad jogou os últimos ossos para o lume, lambeu os dedos e depois limpou-os às calças. Levantou-se, da varanda, trouxe a garrafa de água, bebeu um gole parcimoniosamente e passou a garrafa antes de voltar a sentar-se. E prosseguiu:

-A coisa que me preocupou mais foi que aquilo não tinha pés nem cabeça. A gente não se põe a pensar se a coisa está certa quando um raio mata uma vaca ou nos cai em cima uma inundaçãõ. Já se sabe que é assim mesmo. Mas, quando uma porção de homens nos agarram e nos fecham à chave durante quatro anos, deve haver nisso alguma significaçãõ. Dizem que os homens meditam sempre no que fazem. Para ali me meteram, me conservaram e me alimentaram durante quatro anos. Isso, ou deve fazer com que eu não queira voltar a praticar o crime, ou então deve ser um castigo para que eu fique com medo de voltar a praticá-lo. -Aqui Tom fez uma pausa... -Mas, se o Herb ou qualquer outro se virasse contra mim, tornava a fazer o mesmo. Fazia-o até antes de poder

57

pensar. Especialmente se estivesse bêbedo. Essa falta de sentido é que aborrece um homem.

Muley observou: -O juiz disse que te dava uma pena leve porque a culpa não era toda tua.

-Sim-confirmou joad.-Há um tipo em MacAlester por toda a vida. Passa o tempo a estudar. Secretaria o director, escreve as cartas dele e outras coisas que é preciso escrever. É um tipo muito atilado, que sabe Direito e muitas coisas mais. Um dia, falei-lhe acerca do meu caso, por ele ter lido tantos livros. E ele disse-me que a leitura de livros não serve para nada. Que já tinha lido tudo sobre as prisões, agora e nos tempos antigos, e disse que lhes achava menos sentido agora do que quando começara a ler. Que as leis eram uma coisa que nos fazia ir ao inferno e voltar, e ninguém parecia ter força para lhes pôr freio, e que ninguém tinha juízo bastante para as modificar. Pediu-me por amor de Deus que as não lesse, porque ele diz que, por um lado, a gente mette-se numa embrulhada e fica a ver navios e, por outro, perde o respeito pelos tipos que estão no governo.

-Pouco respeito posso ter por eles agora-disse Muley. -Só temos uma espécie de governo: aquele que nos esmaga por causa da margem de lucro. Houve uma coisa que me indignou: foi ver esse Willy Feely a guiar aquele bicho e a armar em patrão -uma espécie de espantalho na terra que os seus próprios pais cultivaram. Isso, é que me indignou. Não me custava tanto se fosse um indivíduo de fora, que nada soubesse destas coisas, mas o Willy, que nasceu aqui, não. Indignei-me tanto que fui ao pé dele perguntar-lhe porque é que ele fazia aquilo. E ele danou-se

todo. "Tenho dois filhos pequenos", disse ele. "Tenho mulher e sogra. Essa gente precisa de comer." E ainda se pôs mais danado. a única coisa em que tenho de pensar é na minha própria família"? disse. "O que acontece às outras pessoas é lá com elas". Parece que estava envergonhado e por isso se escamou todo.

Jim Casy tinha estado a fitar o fogo moribundo; os olhos haviam-se-lhe dilatado e os músculos do pescoço sobressaíam mais. De repente, exclamou:

-Cá está ele! Se alguma vez um homem sentiu o Espírito Santo a inspirá-lo, esse homem fui eu!

Ergueu-se e pôs-se a andar para diante e para trás, balouçando a cabeça.

-Eu já tive a minha congregação. Reunia umas quinhentas pessoas todas as noites. Isto foi antes de vocês me conhecerem. -Parou e encarou-os.-Lembram-se que eu nunca fiz peditórios enquanto pregava aqui, em celeiros e ao ar livre?

-Por Deus que nunca! -confirmou Muley.-A gente daqui

58

estava por isso tão habituada a não dar dinheiro que ficava danada quando outro pregador estendia o chapéu. Sim, senhor!

-Eu aceitava qualquer coisa de comer -prosseguiu Casy. -Aceitava um par de calças quando as minhas estavam rotas e um par de sapatos velhos quando andava descalço, mas não

era como quando eu tinha a congregação. Havia dias em que recebia uns dez ou vinte dólares. Não me sentia feliz? de modo que acabei com aquilo, e durante algum tempo fui feliz. Mas, agora, parece-me que achei o que precisava. Não sei se o deva dizer. Mas será melhor dizer: talvez haja lá lugar para um pregador. Talvez eu possa voltar a pregar. Anda gente tão desolada nas estradas, gente sem terra, sem casa para onde ir! Eles precisam de ter alguma espécie de casa. Talvez...

Parou diante do lume. A centena de músculos daquele pescoço desenhava-se em alto relevo e a luz do fogo penetrava fundo nos seus olhos, palhetando-os de cintilas vermelhas. Especou-se a olhar para o lume, com o rosto tenso, como se estivesse a escutar, e as mãos, que tinham estado activas, a gesticular, a agitar ideias, imobilizaram-se e, de repente, sumiram-se nos bolsos. Os morcegos esvoaçavam, entrando e saindo da zona do fogo em vias de esmorecer, e, dos campos, vinha o pio de uma coruja, que soava brando como escorrer de água.

Tom meteu a mão no bolso e, tirando o tabaco, enrolou vagarosamente um cigarro, a olhar para as brasas. Não fez caso do discurso do pregador, como se este fosse coisa privada que lhe não interessasse. E disse:

-Todas as noites, na minha tarimba, eu pensava em como tudo estaria quando eu chegasse. Pensava que talvez o avô ou a avó tivessem morrido, e que talvez houvesse mais crianças. Talvez que o pai não estivesse tão riço. Talvez que a mãe se achasse mais Irada e deixasse que a Rosasharn fizesse o trabalho. Eu bem sabia que não iria encontrar o mesmo. Bem, será melhor dormirmos aqui e, de madrugada, vamos até casa do tio John. Eu, pelo menos, tenho de ir. O senhor não quer vir, Casy?

O pregador ainda estava a olhar para as brasas. Respondeu arrastadamente:

-Sim, vou consigo. E quando a sua gente se puser a caminho na estrada, irei também com eles. E onde houver gente na estrada, irei com eles.

-O senhor será bem-vindo -disse Joad. -A mãe sempre gostou do senhor. Dizia que o senhor era um pregador em quem se podia acreditar. Rosa-sharn ainda não era crescida. -Voltou a cabeça. -Muley, não queres vir connosco?

Muley olhou para a estrada de onde eles tinham vindo. -Vens connosco, Muley?-repetiu, -Hum? Não. Não vou para parte nenhuma, nem deixo

59

isto. Vês aquela luzinha acolá, a dançar para cima e para baixo? Se calhar, é o superintendente desta plantação de algodão. Talvez que visse o fogo que nós fizemos.

Tom olhou. A luz aproximava-se. -Não estamos a fazer mal nenhum-disse ele.-Apenas nos sentámos aqui. Não estamos a fazer nada.

Muley cacarejou: -Ai, não? Pois estamos a fazer alguma coisa só pelo facto de estarmos aqui. Estamos a transgredir. Não podemos ficar. Andam a ver se me apanham há dois meses. Agora olha: se aquilo que ali vem for um automóvel, metemo-nos no meio do algodoal e deitamo-nos. Não precisamos de ir para longe. Então, por Deus! -que nos procurem, a ver se nos encontram! Têm de esquadrinhar as leiras uma por uma. O que é necessário é conservar a cabeça bem baixa.

Joad perguntou: -Que bicho é que te mordeu, Muley? Nunca foste homem para fugires e te esconderes. Foste sempre valente.

Muley observava a aproximação das luzes. -Sim-disse ele.-Era valente como um lobo. Agora sou valente como uma doninha. Quando andas à caça de qualquer coisa, és caçador; és forte. Ninguém se pode atrever com um caçador. Mas quando és tu o caçado, o caso muda de figura. já não és o mesmo. Não és forte; talvez sejas feroz, mas não és forte. Ando a ser caçado há muito tempo. já não sou caçador. Talvez seja capaz de dar um tiro a um sujeito na escuridão, mas já não sou capaz de malhar em **rú@guém com um fueiro. Não vale a pena enganar-te a ti, ou a mim. É assim mesmo.

-Bem, então vai-te esconder- assentiu Joad.-Deixa-me a mim e ao Casey para dizermos algumas coisas a esses malandros.

A irradiação da luz estava agora mais perto e projectava-se no céu. Tão depressa desaparecia como tornava a resplandecer. Os três homens observavam.

Muley disse: -Há mais uma coisa a respeito de ser caçado. A gente põe-se a magicar em todas as coisas perigosas. Se a gente anda a caçar, não pensamos nelas e não sentimos medo. É como aquilo que tu me disseste: se te meteres em sarilhos, mandam-te outra vez para MacAlester completar o teu tempo.

- Está bem - assentiu Joad. - Foi isso o que lá me disseram, mas sentar-me aqui a descansar ou a dormir no chã o, isso não é meter-me em sarilhos. Não é patifaria nenhuma. Não é como embebedar-se a gente ou armar zaragatas.

Muley riu-se. -Verás. Fica aí sentado à espera do carro. Talvez seja o Wüly Feeley e Willy é agora o delegado do sheriff. "Porque estão

60

vocês aí, sabendo que é proibido?", perguntará o Willy. Bem, tu bem sabes que -o Willy foi sempre um pulha, e então dizes: "Que é que você tem com isso?" Willy fica danado e há-de dizer: "ou você sai ou eu o prendo". E tu não vais deixar que nenhum Feeley te empurre para diante, lá porque ele está danado e com medo. Ele. põe-se a fazer um berreiro dos diabos, porque tem de ir com a coisa por diante; tu ficas na tua e arranjas um sarilho. Olha; é melhor ficares deitado no algodoal e deixá-los farejar. É também mais engraçado porque eles ficam piores que uma barata, sem poderem fazer nada e tu ficas-te a rir deles. Mas, se deres trela ao Willy ou a qualquer outro mandão, catrafilam-te e levam-te outra vez para MacAlester, a cumprir mais três anos.

---Tens razão no que dizes-concordou Joad.-Tudo o que dizes está certo. Mas-Santo Deus! -repugna-me que me expulsem. Prefiro dar um soco no Willy.

-Ele traz espingarda -disse Muley.-Pode usá-la porque é autoridade. E então, ou ele te mata, ou tu tens de lhe tirar a espingarda e de o matar. Vem daí. Tommy. Regala-te em dizer com os teus botões que os estás logrando, bem escondido entre os algodoeiros. E o que tem valor é aquilo que a gente dizpró P@@. luzes fortes yoitavam-se agora para o céu e ouvia-se o ronco unilornie do motor.

/

-Vem daí, Tommy. Não tens de ir muito longe, apenas umas catorze ou quinze ficiras daqui, e de lá podemos observar o que eles fazem.

Tom levantou-se. -Por Deus! Tens razão!-disse ele. Não tenho nada a perder nem a ganhar.

-Vem então, Tommy. Por aqui. Muley rodeou a casa e meteu-se nos algodoeiros, percorrendo umas cinquenta jardas.

-Aqui está mesmo a calhar-indicou ele.-Agora deita-te. A única coisa que tens a fazer é abaixar a cabeça se eles puserem os faróis a girar. Olha que tem piada.

Os três homens estenderam-se ao comprido e apoiaram-se nos cotovelos. Muley pôs-se de pé de um salto e correu para casa, voltando daí a pouco, com uma trouxa de casacos e sapatos.

-Podiam levá-los com eles só para se vingarem -explicou. As luzes haviam atingido o monte e baixavam agora sobre as paredes da casa.

Joad disse: -São muito rapazes de vir aqui à procura da gente com os holofotes. Quem me dera ter um pau nas unhas!

Muley sufocou uma risada. -Não, não vêm. Eu disse-te que era valente como uma

61

doninha. Willy fez isso uma noite e eu ataquei-o por detrás com uma estaca de vedação. Dei-lhe uma paulada que o deixou zonzo. Foi depois dizer que tinha sido assaltado por cinco homens.

O carro aproximou-se da casa e a luz dos faróis varreu-a toda. - Abaixem as cabeças! -ordenou Muley. A faixa de luz crua e branca dançou-lhes sobre as cabeças e cruzou o campo. Os homens escondidos não podiam ver nenhum movimento, mas sentiram bater a porta do carro, e um rumor de vozes.

-Apagaram a luz-murmurou Muley. -Uma vez, atirei uma pedra aos faróis. Agora, o Willy tem mais cuidado. Traz alguém consigo esta noite.

Ouviram passadas no soalho e, depois, viram o clarão de uma lâmpada eléctrica.

- Querem que atire uma pedra para dentro de casa?-cochichou Muley.-Não ficavam a saber de onde vinha. Dava-lhes que pensar.

-Sim, atira-assentiu Joad. -Não atire- aconselhou Casy.-Não servia de nada. Era tempo perdido. Temos mas é de pensar em alguma coisa que nos seja útil.

Estalidos soaram perto da casa. -Estão a apagar o lume-segredou Muley.-Estão a cobri-lo de terra.

As portas do carro bateram com força, os faróis iluminaram-se, tornando a enfrentar a estrada.

-Abaixem-se agora!-ordenou Muley. Abaixaram as cabeças, e a faixa de luz passou por cima deles; cruzou e recruzou o campo de algodão, e depois, o carro partiu, subiu o monte e desapareceu.

Muley ergueu o tronco. -Willy faz sempre no fim esse truque dos faróis. Tem feito isso tantas vezes que eu já sei quando ele o vai fazer. E ainda pensa que é um tipo esperto!

Casy ponderou: -Pode ser que tivessem deixado alguns tipos na casa, para nos prenderem ao voltarmos.

-Talvez. Esperem vocês aqui. Eu já conheço o jogo. Pôs-se a caminhar com tanta cautela que apenas um ligeiro esmagamento de torrões se ouvia à sua passagem. Os dois homens, à espera, tentavam captar qualquer ruído mas ele já se fora. Pouco tardou que lhes falasse de dentro de casa.

-Não deixaram ninguém. Podem voltar. Casy e Joad levantaram-se e avançaram para a massa negra da casa. Muley encontrou-se com eles junto da pilha fumegante que restava da fogueira.

62

-Não me cheira que deixassem alguém-disse ele orgulhosamente.-A paulada que ferrei no Willy e a pedrada que atirei aos faróis meteram-nos nos eixos. Não sabem ao certo quem foi, e eu não caio em me deixar apinhar. Nunca durmo perto das casas. Se vocês querem vir comigo, eu mostro-lhes onde podemos dormir, serri que ninguém vá dar connosco.

-Vai à frente, então-assentiu Joad.-Nunca me passou pela cabeça que tivesse de andar escondido nas terras do meu pai.

Muley meteu através dos campos, com Joad à frente e Casy atrás. Tropeçavam nos algodoeiros ao caminharem.

-Ainda terás de te esconder de muitas coisas-disse ele. Puseram-se a

marchar em fila indiana e, por fim, chegaram a um barranco, e deixaram-se resvalar até ao fundo.

- Por Deus, ia a apostar que sei onde estou! - exclamou Joad. - Não há uma caverna aí na margem?

- Há. Como é que sabes? - Fui eu que a abri - respondeu Joad. - Eu e o meu irmão Noah. Dizíamos que andávamos a pesquisar ouro, mas era apenas para nos divertirmos a escavar cavernas como os rapazes costumam fazer.

As paredes do barranco ficavam-lhes acima das cabeças. - Deve estar bem perto - acrescentou Joad. - Lembro-me que era bem perto daqui.

Muley disse: - Cobri-a de mato. Ninguém é capaz de a descobrir. O fundo do barranco aplanara-se e o piso era de areia. Joad. sentou-se na areia limpa.

- Não vou dormir em nenhuma caverna. Durmo mesmo aqui. - Enrolou o casaco e pô-lo debaixo da cabeça.

Muley puxou o mato para fora e arrastou-se para a sua caverna.

- Sinto-me bem aqui. Aqui ninguém me pode incomodar. Jim Casy sentou-se na areia, ao lado de Joad. - Durma um bocado - disse Joad. - Partimos de madrugada para casa do tio John.

- Não tenho sono - respondeu Casy. - Tenho muito em que pensar.

Levantou os pés e dobrou as pernas. Deixou pender a cabeça para trás e pôs-se a contemplar as estrelas reluzentes. Joad bocejou e pôs uma mão debaixo da cabeça. Ficaram em silêncio e, de novo, começou gradualmente a vida oculta da terra; das covas, das luras e do mato; os esquilos do prado agitavam-se e os coelhos punham-se a roer coisas verdes; os ratos pulavam sobre os torrões

e os caçadores alados esvoaçavam silenciosamente no ar.

63

CAPITULO VII

Nas cidades, nos subúrbios das cidades, nos campos, nos terrenos baldios, nos depósitos de ferro velho e de carros usados, nas garagens ostentavam-se cartazes: "Automóveis usados quase novos. Transporte barato. Três roulettes Ford, 1927, em perfeito estado. Carros garantidos. Carros verificados. Rádios de graça. Automóvel com cem galões de gasolina grátis. Agradece-se uma visita. Carros usados. Livres de despesas suplementares".

Um pequeno espaço de terra e uma casinha suficientemente grande para comportar uma secretária, uma cadeira e um livro de capa azul. Um maço de contratos, de papéis dobrados e amarrotados nas pontas, seguro por um grampo de aço e uma pilha de formulários para contratos ainda em branco. A caneta - conservem a caneta sempre cheia, sempre pronta a trabalhar. - já se tem deixado de fazer um negócio por causa de uma caneta falhar.

Aqueles filhos da mãe não compram nada com certeza. Toda a gente os conhece. Não fazem mais do que olhar. Passam a vida a olhar. Não compram nenhum carro; nem pensar nisso é bom. O que eles querem é fazer

perder tempo aos outros. Aqueles dois... não, os que estão com as crianças. Mete-os num carro. Começa em duzentos para depois baixares. Têm cara de quem está bem para cento e vinte e cinco. Teima com eles. Fâ-los girar. Obriga-os a comprar. Estão para aqui a roubar-nos o tempo.

Proprietários de mangas arregaçadas. Vendedores bem arrançados, de olhos implacáveis, fixos, à espera de um momento de fraqueza por parte do comprador. Repara na cara da mulher. Se ela gostar, o velhote es-corra. Mostra-lhe esse Cadillac. Depois, podes levá-los nesse Buick 1926. Se começares com um Buick, eles querem um Ford. Arregaça as mangas e vamos ao trabalho. Isto não pode durar muito tempo. Mostra-lhes esse Nash, enquanto eu vou arranjar o rombo daquele Dodge, 1925, Quando estiver pronto, faço-te um sinal.

O senhor quer um carro para uma viagem, não é? Pois claro, não precisa de um carro de luxo. Sim, o estofado está um pouco usado, mas não são as almofadas que fazem andar as rodas.

Carros enfileirados, com os focinhos para a frente, focinhos ferrugentos, pneus ressequidos, gastos. Em filas bem unidas.

Quer ver este? Claro que não dá incómodo nenhum. Vamos tirá-lo da fila.

Fá-lo compreender que está a roubar-nos o tempo. Faz com que ele se sinta na obrigação moral de comprar. As pessoas, em geral, têm sentimentos. Não gostam de prejudicar ninguém. Faz com que elas sintam que estão a dar prejuízo, a fazer-nos perder tempo. Depois, impinge-lhes um calhambeque.

64

Carros enfileirados. Modelo T, alto e quadrado, rodas que chiam, brachadeiras- gastas. Buicks, Nashes e De Sotos.

Sim, senhor. É um Dodge 22. É o melhor tipo de carro que a Dodge já fabricou. Dura toda a vida. Compressã o baixa. A compressão alta dá grande velocidade, a princípio, mas, depois, o motor não aguenta. Plymouths, Rocknes e Stars.

Jesus, de onde veio esse Apperson, essa arca? É um Chalmers e um Chandler? Já há anos que se não fabricam. Não são carros que a gente vende... isso é sucata. Mas, enfim, sempre é preciso ter alguns calhambeques. Não quero nada que me custe mais do que vinte e cinco a trinta dólares. Posso-os vender por cinquenta, setenta e cinco. É um bom lucro. Carros novos para quê? Do que eu preciso é de calhambeques. Vendem-se num abrir e fechar de olhos. Não quero nada acima de duzentos e cinquenta. Jim, agarra-te àquele palerma, ali no passeio. É daqueles que não percebem nada disto. Talvez fique com o Apperson. É verdade, onde está o tal Apperson? Foi vendido? O que convém é a gente arranjar outros calhambeques desse tipo, senão, acabamos por não ter nada que vender.

Flâmulas, encarnadas e brancas, brancas e azues, todas enfeitando os radiadores. Carros usados. Bons carros usados.

Hoje! Uma ocasião excelente-ali no estrado. Nunca me vendas aquilo. É o chamariz da clientela. Se vendêssemos aquilo pelo preço marcado, não metia um chavo na algibeira. Diz-lhe que já está vendido. Tira-me daí essa bateria, antes de fazeres a expedição. Põe-me aí essa pilha. Mas, que querem eles por dez réis de mel coado, Santo Deus?! Arregaça as

mangas e pega-os de caras, anda! Uf! Até que enfim! Se eu tivesse uma boa porção de calhambeques, daqui a seis meses poderia retirar-me dos negócios.

Olha, Jim, estou a ouvir aquele Chevrolet lá do fim. Parece que está a moer cacos de garrafa. Despeja-lhe dentro duas libras de serradura. Atira-lhe também um bocado para a engrenagem. Temos de impingir essa bodega por trinta e cinco dólares. O patife intrujou-me com aquilo. Ofereci-lhe dez, levou a coisa até quinze, e, depois, o filho da mãe bilou-me as ferramentas. Santo Deus! Ah, que se eu tivesse cem calhambeques! Isso afinal não vai, hein? Não gosta dos pneus? Diz-lhe que têm dez mil milhas e abate-lhe dólar e meio, anda!

Pilhas de sucata enferrujada. Fileiras de restos lamentáveis, ao fundo, pára-choques, peças negras de óleo, blocos pelo chão e ervas crescendo entre os cilindros. Cabos de travões, tubos de escape enrodilhados como serpentes. Óleo e gasolina.

Vê se me encontras aí uma vela em bom estado. Ai, Cristo, que se eu tivesse para aí uns cinquenta roulottes, estava-me nas tintas para tudo isto! Que diabo quer esse fulano? Claro que lhos

5- V. 1.

65

vendemos i-nas não lhos pomos em casa. Que fique bem entendido! Não há entregas ao domicílio. Ora! Põe-se isto na "Revista do Automóvel", até aposto. Não te parece que ele se resolve? Nesse caso, põe-no a andar. Temos mais que fazer do que perder o tempo com um tipo que não sabe o que quer. Tira-me o pneu direito da frente a esse Graham. Volta o lado remendado para a parte de dentro. O resto está catita. Tem tudo o que é preciso.

Claro que só tem ainda cinquenta mil. Deita-lhe bastante óleo. Bom. Até mais ver, Boa sorte!

Quer um carro? Que marca desejava? Vê alguma coisa que lhe agrade? Mas, olhe, tenho a garganta seca. E, se bebêssemos uma pinga? Vamos até ao bar, enquanto a sua senhora vai examinando? esse La Salle. O senhor decerto não quer nenhum La Salle. É um carro de aspecto feio. Além disso, gasta muito óleo. Adquira um LincoIn 1924, que o senhor vai ver. Isso sim, é que é um carro! Corre como o diabo. Tem tanta força como um caminhão.

Sol ardente sobre os metais enferrujados. Óleo entornado no chão. Gente que anda por ali, desnorçada, à procura de um carro.

Limpe os pés. Não se encoste a esse carro; está muito sujo. Por quanto é que se compra um automóvel? Quanto custará? Olha, toma cuidado com as crianças. Qual será o preço deste? Temos de perguntar. Perguntar não custa dinheiro. Acho que perguntar não ofende ninguém. Não podemos pagar nem um cêntimo além de setenta e cinco dólares, senão, o dinheiro não nos chegará até à Califórnia.

Santo Deus! Quem tivera aí uns cem calhambeques! Que me importava a mim que andassem ou não!

Pneus, pneus gastos e avariados, enfiados em grandes cilindros; câmaras-de-ar vermelhas, cor de cinza, penduradas como salsichas.

Remendos para pneus? Limpadores de radiador? Intensificadores de combustível? Deite essa pílula no seu tanque de gasolina e conseguirá dez

milhas mais por cada galão. Não quer pintar o carro? Por cinquenta cêntimos, fica como novo. Limpadores? Correias de ventilador, empanques?

Talvez seja a válvula. Leve uma nova. -Muito bem, Joe. Manda-me esses tipos, que eu cá me ajeito com eles. Agarro-me a eles, que hão-de acabar por comprar.

Sim, senhor. Pode entrar. O senhor vai ter um carro que é uma beleza. E sabe por quanto? Por oitenta dólares apenas. Sim senhor.

Não, só posso pagar cinquenta. Aquele homem que está lá fora disse que por cinquenta já se pode ter um bom carro.

Cinquenta? Cinquenta? Ele está maluco. Setenta e oito e

66

meio foi quanto eu dei por ele. Joe, tu estás maluco! Queres rebentar connosco?! Tenho de ter cuidado com este tipo. Ainda se fossem sessenta, -à lá, Agora, ouça: eu sou negociante, não quero perder tempo. Tem alguma coisa para dar em troca?

-Tenho uma parellia de muares que n>,ão me importava de trocar...

-O _quê?! Trouxe uma parelha de muares para trocar? Muares ! O Joe, estás a ouvir esta ? Este tipo quer negociar com muares? Então nunca lhe disseram que vivemos no tempo da máquina? Hoje em dia, dos machos só se aproveita a pele.

São animais bem bonitos. Cinco e sete anos cada um. É melhor a gente ver noutro lado...

Ver noutro lado?! O senhor vem aqui roubar-me um tempo tão precioso e depois vai-se embora? Joe, não sabias que estavas a lidar com gente que não ata nem desata?

Mas eu não quis incomodá-lo, não, senhor. Vim para comprar um carro. - Nós queremos ir para a Califórnia. Preciso de um carro.

Bem, eu sou um trouxa. Pelo menos, é o que o Joe está sempre a dizer. E diz que só venho a ter juízo quando perder a camisa ou morrer. Sabe o que lhe digo? Talvez me dêem cinco dólares por cada um dos machos; vão aproveitar-lhes a carne para dar de comer aos cães.

Eu não quero que a carne deles seja para os cães. Bem, talvez me dêem dez ou sete dólares por cada um. Então como vem a ser? Bem, vou dar-lhe vinte pelos dois machos. A carroça vem incluída, não vem? O senhor acrescenta mais cinquenta e terá um carro que é uma beleza. Pelo resto, o senhor vai assinar um contrato, comprometendo-se a pagar dez dólares por mês, até liquidar a dívida.

Mas o senhor disse que eram oitenta.

O senhor nunca ouviu falar em riscos e em seguro e outras taxas? Tudo isso aumenta um pouco o preço. Em cinco meses fica tudo pago. Assine o nome aqui mesmo. Nós encarregamo-nos de tudo o mais.

Eu... eu não sei... se... Olhe lá, ouça. já lhe fiz esse preço de amigo, sem ganhar quase nada. Podia ter feito pelo menos três negócios durante todo o tempo que perdi com o senhor. Francamente, já estou a borrecido. Sim senhor, assine aí mesmo. Muito bem. ã Joe! Enche o de-

pósito a este senhor. A gasolina é de graça.

Safa, Joe, este tipo era duro de roer. Quanto demos por essa geringonça? Trinta ou trinta e cinco dólares, não foi? E ele deixou a parelha de muares, que há-de dar, pelo menos, uns setenta e cinco dólares; se não der isso, podein dizer que não sou negociante. E arranquei-lhe mais cinquenta à vista e um contrato de

67

quatro prestações mensais de dez dólares cada uma. Sim senhor! Sei que nem todos eles são honestos, mas chega a espantar como ainda há tantos que pagam até ao fim. Um parolo, uma vez, veio pagar-me cem dólares dois anos depois de eu lhe ter escrito a descompo-lo. Ia apostar em como este tipo manda a massa.

O que a gente precisava- caramba! -era de uns quinhentos calhambeques assim. Anda lá, Joe, arregança as mangas, vai lá fora e manda-me os trouxas. já ganhaste vinte neste último negócio. Não estás a ir nada mal, não, Joe.

A pechincha do dia: Bandeiras pendendo molemente ao sol da tarde: Ford 1929. Em bom estado. Corre que é uma beleza.

O que é que o senhor quer por cinquenta dólares? Um Zefir? Crina dura, furando os acolchoados dos assentos, fenders amachucados e endireitados à força de martelo. Pára-choques deslocados e pendentes. Um Ford roadster com luzinhas coloridas dos lados, no radiador e três atrás. Guarda-lamas e um grande dado sobre o cabo da alavanca das velocidades. Uma pequena bonita, chamada Cora, pintada a cores num envólucro de pneu.

O sol da tarde incidia nos pára-brisas cobertos de poeira.

Agora me lembro de que nem comi nada. Joe, manda o rapaz ir buscar uma sanduíche.

Ruído intermitente de velhas máquinas. Lá está um pacóvio a olhar para aquele Chrysler. Ora vê se é tipo de massa. Às vezes, esses saloios têm dinheiro. Passa-lhe a mão por cima do pêlo e manda-mo cá, Joe. já vais percebendo disto.

Pois claro que lho vendemos. E demos-lhe garantia, sim, senhor. Garantia de que lhe vendíamos um automóvel. Não lhe dissemos que íamos tratar dele como se fosse um bebé. Escute; o senhor comprou um carro e agora vem para aqui pôr-se a refilar. Bem me rala a mim que o senhor não pague as prestações! O seu contrato já aqui não está; mandámo-lo para a companhia de finanças. Ela agora é que vai tratar do caso. Não temos cá o papel, ouviu? Se se põe para aí a armar em teso, chamo um polícia. Não senhor, não trocámos os pneus. Põe e-me este tipo daqui para fora, Joe. Comprou um carro e agora não está satisfeito. P, o mesmo que eu comprar um bife, comer a metade e devolver a outra, querendo novamente o dinheiro. Isto aqui é uma casa comercial, não é uma instituição de caridade. Estás a ver o tipo, Joe! Olha para ali! Tem um dente de Elk (1). Despacha-te e mostra-lhe esse Pontiac 36. Sim, sim...

Capots quadrados, carros arredondados, ferrugentos, em forma

(1) Dente de ELK. Emblema de membro do círculo dos El,KS. Este círculo @ uma das ramificações que, nos Estados Unidos, possui o Clube dos Rotários.

de p@, de compridas curvas acrodinâmicas e superfícies chatas, anteriores às linhas aerodinâmicas. Velhos monstros, com os estofos lá no fundo -fácilmente transformáveis em caminhões. Roulottes de duas rodas, com os eixos enferrujados sob a luz crua da tarde. Carros usados. Bons carros usados. Limpos. Correm bem. Nã o largam óleo.

Santo Deus! Olha para aquilo! Aquilo é que é um carro bem tratado! Cadillacacs. La Salles, Buicks, Plymouths, Chevrolets, Fords, Pontiacs. Em fileiras cerradas, com os faróis cintilando à luz do sol. Bons carros usados.

Vai segurando os fregueses, Joe! Jesus, quem me dera ter mil calhambeques! Põe-nos em condições de fechar o negócio e depois manda-os ter comigo.

Vai para a Califórnia? Então temos aqui o que o senhor precisa. Parece muito gasto, mas ainda pode fazer alguns milhares de milhas. Lado a lado, filas atrás de filas. Bons carros usados. Pechinchas. Carros limpos que correm bem.

CAPITULO VIII

O céu tornava-se cinzento entre as estrelas e o quarto crescente, pálido, distante, diluía-se no espaço. Tom joad e o reverendo Casy caminhavam rapidamente pela estrada que fora formada pelos sulcos das rodas do caminhão e do tractor através de um algodoal. Apenas o céu, de claridade dúbia, um céu que não formava horizonte a oeste e não traçava mais do que uma linha apagada a leste, denunciava a aproximação da aurora. Os dois homens caminhavam em silêncio, aspirando a poeira que os seus pés levantavam do chão.

-Deus permita que você conheça bem o caminho -disse Jim Casy.-Seria o diabo andarmos por aqui perdidos ao alvorecer.

No algodoal, a vida despertava, fervilhando: aves que, alvoroçadas, se precipitavam a debicar no chão e coelhos que, sobressaltados, se esgueiravam por cima dos torrões. Os passos mansos dos caminhantes na poeira, o estalido dos torrões secos sob os pés, dominavam os secretos ruídos do alvorecer.

-Eu até de olhos fechados ia lá ter-disse Torn.-Só me enganaria se me pusesse a pensar no caminho. Mas, se não pensar nisso, vou lá ter direitinho. Diabo, pois se eu nasci aqui! Ali adiante deve haver uma árvore. Olhe, ali, vê-a? Até uma vez

o meu pai pendurou um lobo morto naquela árvore. O bicho ficou lá pendurado até cair de podre. É urna coisa engraçada ver a

carne a apodrecer. Agora, por falar nisso, espero que nu'nha mãe tenha alguma coisa de comer. Tenho o estômago colado às costas.

-Eu também-disse o pregador.-E se mascássemos um bocado de tabaco? Faz esquecer a fome. Tinha sido melhor se a gente não tivesse partido tão cedo. Devíamos ter deixado clarear o dia.-Parou para meter um pedaço de tabaco comprimido na boca.-Estou com um sono danado,

-Foi aquele maluco do Muley-disse Joad.-Deu-me uma sacudidela. Acor-

dou-me e disse: "Bem, Tom, adeus, eu vou indo. Tenho que ir aí a um sítio. E depois, disse: "É melhor tu ires também, de modo a estares longe daqui quando for dia." Está a fazer-se medroso que nem um coelho, com aquela vida que leva. Dir-se-ia que andam os índios atrás dele. Não acha que ele perdeu o juízo ?

-Bem, para falar verdade, não sei. Você viu aquele carro que chegou quando acendemos a fogueira? Não viu como a casa estava escangalhada? As coisas estão bem feitas. O Muley tem razão e mais que razão para dar em maluco. Ele corria de medo como um coelho mas tudo aquilo é de dar com uma pessoa em doido. Não tarda muito que ele não mate por aí alguém, e que lhe façam uma verdadeira caçada. Estou a ver que vai acontecer isso. Ele vai de mal a pior. Não quis vir connosco, pois não?

-Não -disse Joad. -Acho que está com medo de ver gente. Até estou admirado de ele ter estado connosco... Antes de o Sol nascer, pomonos em casa do tio John.

Caminharam algum tempo em silêncio. As corujas retardatárias sobrevoavam os campos, em direcção às árvores escavadas, aos celeiros, aos vãos de telhados, fugindo à luz do dia. Para as bandas do oriente, o Sol ia clareando e já se distinguiam os algodoeiros e a cor pardacenta da terra,

-Diabos me levem se eu atino como conseguem dormir todos em casa do tio John! Lá só há um quarto, unia cozinha imunda e um celeiro pequenino. Deve ser uma balbúrdia danada.

-Não me recordo se o John é casado. Ele vive sózinho, não vive?- perguntou Casy.-Não me lembro muito bem dele.

-É o tipo mais solitário do mundo-disse Joad.-É um maluco, aquele filho da mãe, como o Muley, mas muito pior em certas coisas. Quem o quer ver é bêbedo lá para Shawnee, ou de visita a uma viúva que mora a vinte milhas de distância, ou então a trabalhar no que é dele à luz de uma lanterna, É maluco. Toda a gente pensava que ele não viveria muitos anos. Um homem só não vive muito tempo. Mas o tio John é mais velho que o pai e, no entanto, está cada vez mais forte e mais selvagem. Mais selvagem que o meu avô.

-Olhe, o Sol está a romper-disse o pregador.-Até parece prata.. O John nunca teve família?

-Ora, tinha, sim e isso mostra que qualidade de tipo ele é... e a maneira como se conduz, O meu pai é que costuma contar. O tio John tinha mulher, e bastante nova. Estavam casados havia

70

quatro meses. Ela ficou prenhe e, então, uma noite, teve uma dor de barriga e disse para o meu tio: "Olha, Jolin, @ melhor chamares o médico." Pois o tio John nem se mexeu. Só disse: "O que tu tens é uma dor de estômago. Comeste muito. Toma uma pílula. Encheste o estômago e agora dói-te." Pois na manhã seguinte, ela piorou e acabou por morrer às quatro horas da tarde.

-Morreu de quê?-perguntou Casy.-Envenenou-se com alguma coisa que comeu?

--Não, foi qualquer coisa que lhe rebentou. Ap... apendricique ou qualquer coisa assim. Então o tio Jolin, que era uni tipo que se não

ralava com coisa nenhuma, teve um grande abalo com aquilo. Achou que tinha cometido um pecado. Durante muito tempo não falou com ninguém. Só andava para trás e para diante e às vezes parecia que rezava. Levou dois anos para se recompor e, mesmo assim, nunca ficou bom de todo. Ficou como um selvagem, e difícil de aturar. Cada vez que uma criança, lá em casa, aparecia com lombrigas ou dores de barriga, chamava logo o médico. As crianças andavam sempre com dores de barriga. O pai teve de lhe dizer que acabasse com aquilo. O tio John tem a mania de que teve a culpa da morte da mulher. É um tipo engraçado. Está sempre a querer ajudar os outros, dá guloseimas às crianças e deixa sacos de provisões ou de comida à porta dos mais necessitados. Dá, quase tudo o que tem e, mesmo assim, não vive nada feliz. As vezes, anda por aí a rondar, sózinho, de noite. Mas é um bom lavrador: sabe cuidar da terra.

-Coitado!-disse o pregador. -Coitado, tão só! Ele passou a ir mais vezes à igreja quando a mulher lhe morreu?

-Não, senhor. Nunca mais se quis aproximar muito das pessoas. Queria estar sózinho. Mas as crianças, isso sim, nunca vi uma criança que não gostasse dele! Às vezes, ele ia lá a casa, de noite, e, quando vinha, já a gente sabia que, com certeza, havia um cartucho de pastilhas na cama para cada um de nós. As crianças julgavam que era Jesus em pessoa.

O pregador foi caminhando de cabeça baixa. Não disse mais nada. E a luz da madrugada iluminava-lhe a testa, e as mãos, balouçando ao ritmo dos seus passos, tão depressa surgiam à luz como saíam dela.

Tom manteve-se igualiriente silencioso, com o aspecto da pessoa arrependida de ter contado uma coisa demasiado íntima. Apressou o passo e o pregador imitou-o. Já podiam avistar o caminho. Urna cobra saiu, coleando lentamente dos renques de algodão, para a estrada. Tom parou perto dela a observá-la. "É uma cobra rateira, vamos deixá-la em paz." Passaram ao lado da cobra e continuaram o seu caminho. Um débil colorido despontou a oriente, e, quase sem transição, veio a solitária luz do amanhecer estender-se pelo campo. Os algodoeiros retorriaram

71

a cor verde e a terra o seu tom castanho acinzentado. As faces dos homens perderam a tonalidade pardacenta. O rosto de Joad parecia escurecer à medida que o dia clareava.

- É uma boa hora, esta - disse Joad, mansamente. - Quando eu era criança, gostava de me levantar cedo e de andar à solta pelos campos, por estas alturas do dia. Que é aquilo ali adiante ?

Um bando de cães reunira-se na estrada em honra de uma cadela. Cinco machos, mestiços de cão de pastor e de galgo da serra, cujas raças se haviam confundido, graças à liberdade da sua vida social, empenhavam-se em cortejar a fêmea. Cada um dos cães fungava delicadamente e, depois, de pernas rígidas, caminhava para uma planta de algodão, e regava-a, alçando cerimoniosamente urna das pernas traseiras. Depois, voltava-se, a cheirá-la. Joad e o pregador pararam para olhar a cena e, de repente, Joad pôs-se a rir com todo o gosto.

-lh, que pândega!-disse. Agora, os cães reunian-i-se, de dentes arreganhados. Todos rosnavam, empertigados, prontos ao combate. Finalmente, um deles encavalitou-se na cadela, e agora, que o facto ia consumir-se, os outros cediam, observando com interesse, de línguas penden-

tes, a gotejar. Os dois homens seguiram o caminho.

-Meu Deus! -exclamou Joad. -Aquele cão que apanhou a cadela é o nosso Flash. Pensei que já tinha morrido. Vamos, Flash!-e riu novamente.-Ora! Ora!-Se alguém me chamasse numa ocasião daquelas, também não ia. Isto faz-me lembrar uma coisa que aconteceu com o Willy Feely, quando ele era um rapazinho, ainda. O Willy era espantosamente tímido. Ora, um dia, ele levou uma novilha para o touro do Graves. Toda a gente tinha saído, a não ser a Elsie Graves e a Elsie, essa, não tem vergonha nenhuma. O Willy ficou para ali apalermado e vermelho que nem um pimentão e sem coragem para falar. E vai a Elãe diz-lhe assim: "Já sei para que vieste cá. O touro está atrás do celeiro." Bem, levaram a novilha e sentaram-se na vedação a ver. Claro que o Willy daí a pouco perdia a cabeça. Elsie olhou para ele e disse, como se não percebesse a coisa: "Que é isso, Willy?"

O Willy estava de tal maneira que nem podia estar quieto, "Meu Deus!-disse ele-até eu estou com vontade de fazer o mesmo." E a Elsie disse: "Então faz, Willy. A novilha é tua."

O pregador riu brandamente. -Sabe que é uma coisa boa a gente já não ser pregador? Quando eu era ainda o reverendo Casy, ninguém contava histórias dessas na minha presença, ou, quando alguém as contava, eu não podia rir, porque não me ficava bem. E também não podia praguejar. Agora, praguejo quando quero e ainda bem; é uma coisa que alivia a gente.

72

Um clarão vermelho cresceu das bandas do oriente, e os passarinhos, no solo, começaram a chilrear, alegremente.

- Olhe - disse Joad. - Ali mesmo em frente é o poço da casa do tio John. Ainda não vejo o moinho de vento, mas aquilo ali é o poço dele, com certeza. Não o vê de encontro ao céu?-Acelerou o passo.-Estarão lá todos?

O rebordo do poço via-se no alto de uma elevação. Joad, que ia quase a correr, levantou uma nuvem de poeira até aos joelhos.-Quem sabe se a minha mãe...-Eles viam, agora, a cegonha do poço tosco, e a casa, uma pequena construção parecida com um caixote sem pintura, e o celeiro, de tecto baixo e mal @manhado. O fumo ascendia pela chaminé da casa. No terreiro ia uma desordem: peças de mobiliário amontoadas, as hélices e o motor de um nicinho de vento, armações de camas, cadeiras e mesas.

-Deus do céu, eles estão de abalada! -exclamou Joad. Um caminhão estacionava também em frente da casa, um caminhão de taipais altos, mas muito esquisito, porque a frente era a de um Sédan, cuja parte de cima fora cortada a meio para se lhe adaptar a carroserie de um caminhão. E, à medida que se aproximavam mais, os dois homens iam distinguindo marteladas vindas do terreiro; e, quando o rebordo deslumbrante do Sol surgiu no horizonte, iluminando o caminhão, viram um homem e o fulgurar de um martelo que ora se baixava ora se erguia no ar. E o Sol ofuscante incidia agora nas janelas da casa, fazendo rebrilhar o madeiramento. Duas galinhas ruças esgaravataavam o chão e as suas penas vermelhas reflectiam os raios solares.

-Não dê nenhum grito-disse Joad.-Vamos até lá. E p[^]s-se a andar tão depressa que levantava poeira até à cintura. Assim chegou à extremidade do algodoal. Encontravam-se agora junto do terreiro, de chão duro, batido e reluzente, com alguns pés de grama cobertos de pó. Então, Jo-

ad afrouxou o andamento, como se receasse avançar. O pregador, notando isso, acertou o passo com ele. Tom continuou lentamente, e deu a volta ao caminhão. Era um Hudson Super-Six, Sedan, cuja parte de cima fora cortada a meio com um escopro. O velho Tom Joad estava na carrosserie do caminhão, batendo pregos nos varões cimeiros dos lados do veículo. O rosto, coberto por uma barba grisalha, estava debruçado sobre o trabalho e os seus dentes apertavam um punhado de pregos de seis pence. Assentou um, fazendo o martelo trovejar sobre ele, De casa, veio o som do bater da tampa do fogão e o choro de uma criança. Joad. encostou-se ao caminhão. Seu pai olhou-o sem o ver. Pegou noutro prego e meteu-o na madeira. Um bando de pombos ergueu voo da beira do poço, esvoaçou e veio de novo poisar no rebordo, em atitude de observação; eram pombos brancos, azuis e cinzentos, com asas da cor do arco-íris.

73

joad segurava-se à borda do caminhão com os dedos convulsos; fixou a vista no homem grisalho, que começava a envelhecer e que via instalado na carrosserie do caminhão. Passando a língua pelos lábios grossos, balbuciou:

- Pai! -Que é que tu queres?-grunhiu o velho Tom joad, por entre os dentes que seguravam os pregos.

Usava um chapéu preto, sujo, de abas reviradas e uma camisa azul de trabalho, sem colarinho, sobre a qual trazia um colete de botões ausentes. As calças de fustão mantinham-se no seu lugar, graças a um largo cinto de couro, fechado por uma enorme fivela quadrada de metal, tudo polido por longos anos de uso, e sapatos rebentados, de solas inchadas, completamente deformados por anos de sol, de humidade e de poeira. As mangas arregaçadas da camisa mantinham-se presas nos antebraços pelos músculos salientes e poderosos. O ventre e as ancas do velho eram enxutos de carnes e as pernas, curtas, grossas e fortes. As faces, emolduradas por uma rude barba sal e pimenta, descaíam para o queixo voluntarioso-um queixo proeminente, acentuado pela barba hirsuta, menos grisalha naquela parte do rosto. Nos málares, sem pêlo, a epiderme morena, cor da espuma das boquilhas tinha-se coberto de rugas divergentes em torno dos olhos, de tanto que estes haviam piscado. Tinha os olhos castanhos, cor de café e inclinava a cabeça para a frente cada vez que tinha de examinar bem qualquer coisa, porque aqueles olhos escuros e brilhantes começavam a enfraquecer. Os lábios que retinham os pregos eram delgados e vermelhos.

O velho suspendeu o martelo pronto a descarregar a pancada e lançou a Tom um olhar por cima do caminhão? com o ar contrariado de quem se vê interrompido a meio de uma tarefa. Depois, o queixo deslocou-se para a frente e os seus olhos encararam o rosto de Tom; então, gradualmente, o cérebro foi compreendendo aquilo que os olhos enxergavam. Pousou o martelo devagar e os dedos da mão esquerda tiraram os pregos todos da boca. E o velho falou, admirado, hesitante, como se estivesse a contar a si mesmo aquele caso:

-Mas é o Tommy...-E, logo, como se continuasse aquela espécie de auto-afirmação:-O Tommy voltou para casa.-A boca abriu-se-lhe novamente e um lampejo de temor surgiu nos seus olhos. -Tommy -disse brandamente-tu não fugiste, pois não? Não tens de te esconder?-E ficou à espera da resposta, ansiosamente.

-Não-disse Tom.-Fui perdoado. Liberdade condicional. Tenho aqui os documentos. Tudo em ordem. Segurou-se às traves inferiores do caminhão e olhou para cima.

O velho Tom joad colocou o martelo mansamente no chão

74

e meteu os pregos no bolso. Passou as pernas pela borda do carnhão e deixou-se cair àgilmente no solo, mas, uma vez ao lado do filho, ficou-se alheado e cheio de embaraço. Tom seguiu-o.

-Tommy-disse-nós vamos para a Califórnia. Mas íamos escrever-te uma carta antes.-E falou, ainda incrédulo:-Tu voltaste, Tommy. Então podes ir com a gente. Tu podes vir!

Ouviu-se, vindo de casa, o estampido de uma tampa de cafeteira. O velho olhou por cima dos ombros.

-Vamos fazer-lhes uma surpresa-disse, e os seus olhos brilhavam de excitação.-Tua mãe teve um pressentimento; ela disse para aí que nunca mais te via. Andava-me com aquele olhar fixo próprio dos mortos. Nem queria ir para a Califórnia, com medo de nunca mais te ver. Uma tampa de cafeteira estrondeou novamente em casa.-Ele vai ter uma destas surpresas! -repetiu o velho Tom. -Vamos entrar corno se nunca te tivesses ido embora daqui. Vamos ver o que a tua mãe diz...-Tocou finalmente no ombro do filho com timidez, retirando a mão logo em seguida. Olhou para Jim, Casy.

-6 senhor lembra-se do reverendo, não se lembra, pai? Ele veio comigo-disse Tom.

-Esteve na cadeia também? -Não. Encontrei-o na estrada. Andava sózinho por aí.

O velho apertou gravemente as mãos do pastor. -Seja bem-vindo, senhor-disse. -Gostei muito de vir aqui-disse Casy.-É coisa digna de se ver um filho que regressa a casa, É uma linda coisa.

-A casa,..-disse o velho. -Sim, isto é, que volta para junto da família-emendou o pregador, rapidamente.-A gente esteve na outra casa a noite passada.

O queixo do velho avançou e ele olhou pela estrada fora um instante. Depois, virou-se para Tom.

-Como é que a gente vai fazer?-começou, excitado.-Talvez seja melhor eu entrar primeiro e dizer assim: "Olha, estão aqui uns camaradas; pediram qualquer coisa de comer". Ou então, tu entras e ficas lá até ela te reconhecer. Que é que te parece melhor, hem?-E as suas faces reflectiam uma emoção intensa.

-É melhor a gente evitar-lhe um choque-disse Tom.? -Pode fazer-lhe mal.

Dois cães de pastor, muito semelhantes, chegaram, correndo alegremente mas, ao farejarem os estranhos, estacaram cautelosos e vigilantes a distância, movendo lentamente as caudas, porém, com os olhos e os focinhos prontos para a agressão ou para enfrentarem o perigo. Um dos animais, esticando o pescoço, avançou, pronto no entanto a fugir, chegando-se a pouco e pouco das pernas de Tom que, ruidosamente, farejou. Depois, voltou

75

para trás e ficou a olhar o velho, como que à espera de um sinal.

O outro cão era menos audaz. Foi procurar qualquer coisa que o divertisse e encontrou-a numa galinha de penas vermelhas, atrás da qual começou a correr afectadamente. Ouviu-se então o cacarejar estridente próprio de uma galinha ameaçada; penas vermelhas redemoinharam no ar e finalmente o animal conseguiu escapar-se, batendo as asas atarracadas num esforço de velocidade. O cão olhou emproado para os homens e deitou-se na poeira, batendo alegremente com a cauda no chão.

-Vamos entrar-disse o velho.-Ela tem que te ver de qualquer forma. Sempre quero ver a cara dela quando der por ti. Vamos. A comida deve estar pronta, com certeza. Há um bocado que a vi às voltas com o porco salgado na frigideira.

E foi-os encaminhando através do terreiro coberto de fina camada de pó. Naquela casa não havia varanda: apenas um degrau e uma porta e, ao lado desta, um cepo de carnicheiro de superfície amassada e polida por anos e anos de uso. Via-se distintamente o grão da madeira; a poeira havia arruinado a parte mais macia. Um aroma de folhas de salgueiro queimadas pairava no ar; à medida que os três homens se aproximavam da porta, a esse aroma ia-se misturando o da carne frita, do pão de centeio fresco e do café, fervilhando na cafeteira. O velho subiu o degrau bloqueou a porta de entrada com o corpo atarracado e largo. E disse:

-Ó velhinha, estão aqui uns carnaradas que chegaram agora mesmo e perguntam se não há por aí umas sobras para eles.

Tom ouviu a voz de sua mãe, voz calma e arrastada, amigável e humilde, que tantas vezes recordara:

-Que entrem-disse ela.-Há comida que chegue. Dize-lhes que vão lavar as mãos. O pão está pronto. Estou agora às voltas com a carne. -Do fogo irrompia o sibilar agudo da banha quente.

O velho entrou em casa, entreabrindo a porta e Tom pôde ver a mãe, que estava a tirar da frigideira as fatias de porco meio enroladas e fritas. A porta do forno estava aberta, à espera de um grande tabuleiro de pães escuros. A velha deu uma olhadela à porta, mas o sol incidia por detrás de Tom, de modo que ela não viu mais do que um vulto escuro que se recortava na luz solar, de um amarelo brilhante. Fez um sinal amistoso e disse:

-Entrem, rapazes. Tiveram sorte porque fiz bastante pão esta manhã.

Tom parou, olhando-a. A mãe era corpulenta, mas não gorda; simplesmente engrossara devido aos muitos filhos e ao excesso de trabalho que tivera na vida. Trazia uma bata cinzenta, onde outrora houvera flores coloridas, agora desbotadas, de modo que as flores miúdas se tinham tornado cinzentas, embora mais claras que o tom fundamental. A bata descia-lhe até aos tornos-

zelos, e os pés robustos, largos, descalços, moviam-se rápida, vivamente, no chão. Os cabelos ralos, de um cinzento cor de aço, estavam apanhados na base do crânio, formando um nó largo e bojudo. Os braços grossos e sardentos estavam nus até ao cotovelo, e as mãos eram polpudas mas delicadas como as das meninas gorduchas. Ela olhou para fora, contra a luz do Sol. O seu rosto cheio não era flácido, mas sim firme, conquanto de expressão indulgente. Os olhos, cor de avelã, parecia terem experimentado todas as tragédias possíveis e terem atingido a dor

e o sofrimento subindo, degrau a degrau, até alcançarem uma calma elevada e uma sobre-humana compreensão. Ela parecia saber aceitar e acolher alegremente a sua posição como baluarte da família, lugar que ninguém saberia ocupar como ela. E, visto que o velho Tom e as crianças não conheciam moléstia ou receio, desde que a mãe os não sentisse, ela acabara por não conhecer, praticamente, hesitações. E, corno, quando algo de alegre ou de agradável se lhes deparava, eles olhavam primeiro para ela, a fim de ver se ela se mostrava alegre, a mãe habituara-se a extrair alegria das coisas menos alegres. Melhor que a alegria, era porém a calma que ela demonstrava. Sabia mostrar-se imperturbável. E, dessa sua posição simultaneamente grande e humilde, extraíra não só dignidade como uma calma superior, Da sua posição de médica de almas, haurira segurança, tranquilidade e domínio de gestos; pela sua posição de árbitro, tornara-se distante e impecável como uma deusa. Parecia saber que dependia dela o edifício da família; e que, se ela se mostrasse verdadeiramente perturbada ou dominada pelo desespero, todo esse edifício se desmoronaria ao menor sopro de ventos adversos.

Olhou outra vez para fora, para o vulto escuro do homem.
O pai mantinha-se próxirrio, tremendo de excitação.

-Entrem! -gritou ele.-Vão entrando, senhores! E Tom, um pouco envergonhado, atravessou a soleira. A mãe desviou, com ar amável, a atenção da frigideira. As suas mãos desceram lentamente e o garfo que segurava caiu com estrondo no chão. Os olhos abriram-se-lhe desmesuradamente

e as pupilas dilatarani-se-lhe. Respirava ofegante, pela boca aberta. Depois, fechou os olhos:

-Graças a Deus! -disse. - Oli, graças a Deus!-E logo o seu rosto assumiu um ar preocupado. -Tornmy, tu fugiste, Tonimy? Tu não fugiste, pois não?

-Não, mãe. Fui perdoado. Tenho aqui os papéis. -E indicott o peito.

Então, ela aproximou-se do filho rapidamente, sem fazer barulho coní os pés descalços, e a sua fisionomia reflectiu todo o seu encantamento. A mão pequena procurou o braço do filho, a tocar-lhe a rijeza dos músculos. E então os dedos ascenderam até

77

ao rosto, com um tactear próprio de cego. E a sua alegria parecia aproximar-se da mágoa. Tom prendeu o lábio inferior com os dentes e mordeu-o. Os olhos da mãe seguiram, numa interrogação, o gesto do filho e ela viu o pequeno fio de sangue que lhe tingia os dentes e descia pelo canto dos lábios. Então compreendeu; tomou posse de si mesma, deixando cair a mão. Respirou ofegante e disse, num suspiro:

-Bem! Quase nos íamos embora sem ti. E quem sabe se nos tornarias a encontrar? -Apanhou o garfo do chão, meteu-o na banha que fervia na frigideira, retirando-o com um rolo escuro de carne de porco espetado na ponta. E puxou a cafeteira, em riscos de cair, para a beira do fogão.

O velho Tom Joad disse, abafando o riso: -Então, velhota, enganámos-te, hein? Queríamos enganar-te e enganámos niesmo. Ficaste aí quieta que nem uma ovelha com uma bordoadá. Só queria que o avô visse! Parecia que tinha levado uma paulada com um malho entre os dois olhos. O avô daria tanta pancada nas coxas que até desconjuntaria as cadei-

ras... como ele fez quando viu o AI aos tiros àquele avião do exército que passou por aqui -lembras-te ? Pois foi assim, Tommy. Um dia, ele passou por nós-era quase do tamanho de meia milha!-e o AI pôs-se aos tiros a ele. O avô gritou: "Não atires, AI, espera que passe um já crescido!" E deu uma palmada nas coxas que desconjuntou as cadeiras.

A mãe riu e tirou da prateleira uma pilha de pratos de estanho.

-Onde está o avô, aquele velho diabo? -perguntou Tom. A mãe dispôs os pratos sobre a mesa da cozinha e colocou copos ao lado de cada um. E disse confidencialmente:

-Oli, ele e a avó dormem no celeiro! Tinham de ir lá fora muitas vezes de noite e estavam sempre a tropeçar nos pequen

O pai íntrometeu-se: -Hum... todas as noites o avô ficava fulo. Caía sobre o Winfield e, se o Winfield berrava, o avô ficava danado e urinava nas ceroulas e então mais danado ficava; daí a pouco acordava toda a gente aos berros. Os seus ralhos chocavam-se com as nossas gargalhadas. Oli, às vezes, fartávamo-nos de rir! Uma noite, quando toda a gente gritava e praguejava, em casa, o teu irmão AI, que é agora um rapagão crescido, disse assim: "Diabo, avô, porque e que não foge e dá em pirata?" Ora o avô ficou danado; até quis pegar na espingarda. O AI, naquela noite, até teve de dormir no campo. E agora o avô e a avó dormem ambos no celeiro.

--@Ii podem dormir e acordar quando quiserem-disse a mãe e. -O pai, vai lá e diz que o Tomniv está aqui. O avô sempre gostou mais do Tommy que dos outros netos.

78

- Vou, sim - disse o pai. - Até j à devia ter ido. - E saiu porta fora, atravessando o terreiro, balouçando largamente os braços.

Tom viu-o afastar-se e depois a voz de sua mãe chamou-lhe a atenção. Ela deitava café nas chávenas, e não olhava para o filho. _Tommy-disse, hesitante e tímida.

-Que é?-A timidez da mãe contagiou-o, deixando-o embaraçado. Sabiam daquela mútua timidez, o que mais concorria para a aumentar.

-Tommy-disse ela-tenho de te perguntar isto: tu não sentes ódio, não?

-Ódio a que, m-

ae. -Não te fizeste um revoltado? Não odeias ninguém? Não te fizeram mal lá na prisão, que pudesses ter ódio às pessoas?

Tom olhou-a de esguelha, pôs-se a observá-la com olhos que pareciam perguntar-lhe onde é que ela aprendera coisas como aquelas.

-Não -disse. -Estive lá pouco tempo. Não sou orgulhoso como certos homens. Deixo as coisas passar. Mas, que foi, mãe?

Ela olhava para o filho de boca aberta, como para ouvir melhor; os olhos bem mergulhados nos dele para bem apreender tudo. Esperava descobrir a resposta que a linguagem sempre ocultava. Disse confusa:

-Eu conheci o Floyd-Cara-Bonita. Conheci também a mãe dele. Era boa gente. Naturalmente, o rapaz era endiabrado como todos são.-Fez uma

pausa e depois as palavras escoaram-se com mais fluência: -Não sei bem como é que aquilo aconteceu, mas foi mais ou menos assim: O rapaz fez qualquer coisa, e eles bateram-lhe e meteram-no na cadeia; bateram-lhe de tal maneira que ele ficou furioso; estava nesse estado de espírito, quando tornou a fazer outra coisa má e então bateram-lhe de novo. Atiraram-lhe como a um bicho ruim e ele fez o mesmo; depois deram-lhe caça como a um coiote e ele mordia e rosnava como um lobo. Estava doído. já não era um rapaz nem um homem, era um animal perigoso. Mas os que o conheciam, não lhe faziam mal nenhum. Para eles, o rapaz não era mau. Finalmente, deitaram-lhe a mão e inataram-no. Os jornais disseram que ele era mau, mas assim é que se passaram as coisas. -Ela parou de falar e molhou a língua com os lábios secos e todo o seu rosto era um doloroso ponto de interrogação. -Eu tenho de saber, Tommy-disse. - Eles também te bateram muito? Também te tornaste mau?

Tom apertou os lábios e baixou o olhar para as mãos enormes e, claudicantes.

- Não-disse. -Eu não sou assim. -Parou e ficou a olhar as unhas curtas e partidas. -Durante o tempo em que estive na cadeia, portei-me sempre bem, Não tenho raiva a ninguém.

-Graças a Deus! -Aliviada, a mãe suspirou. Tom ergueu a cabeça rapidamente. -Mãe-disse-quando vi o que fizeram à nossa casa... Ela aproximou-se do filho e disse com inflexão apaixonada: -Tommy, não vais lutar contra eles sózinho. Eles apanhavam-te como a um coelho, Tommy. O que eu tenho pensado e repensado! Disseram-me que são mais de cem mil as pessoas que eles expulsaram desta terra. Tommy, se todos juntos tivessem lutado, eles não conseguiam expulsar ninguém. Mas, sózinho, nada consegues...

Tommy, olhou-a, foi gradualmente baixando as pálpebras, até que sómente um furtivo clarão se lhe coava entre elas.

-Há muita gente que pensa desse modo? -perguntou. -Não sei. Eles estão atordoados. Andam por aí como se estivessem a dormir.

De fora, do fundo do pátio, vinha uma voz lamurienta e aguda de velha:

-Louvado seja Deus pela vitória!... Louvado seja Deus pela vitória!

Tom voltou a cabeça em direcção à voz e fez um trejeito. -A avó já sabe que eu estou cá em casa. Mãe-disse-a senhora dantes não era assim.

O rosto dela endureceu enquanto os olhos se tornavam gélidos. _

-E que dantes, ninguém tentara derrubar a minha casa. É que a minha família nunca tinha sido posta na estrada desta maneira. Nunca tive de vender tudo o que me pertencia. Aí vêm eles. -Voltou para junto do fogão e colocou o grande tabuleiro de pão em dois pratos de estanho. Deitou depois farinha na frigideira cheia de gordura a ferver, e as mãos ficaram brancas de farinha.

Tom ficou a olhá-la por um instante, depois, dirigiu-se para a porta.

Quatro pessoas atravessavam o terreiro. O avô de Tom à frente. Era um velho magro, vivaz e esfarrapado, que andava apressadamente, arrastando a perna direita, que tinha deslocada. Vinha atarefado, a abotoar as calças, e as mãos enrugadas e trémulas tinham dificuldade em realizar a tarefa, porque enfiara o botão de cima na casa de baixo e, assim, o último botão não tinha onde ser enfiado. Trajava calças escuras, muito

rotas, e camisa azul, aberta de alto a baixo, que deixava à mostra a camisola, muito comprida e igualmente desabotoada. O peito magro e branco, em que se emaranhavam fios de cabelo branco, via-se através da abertura da camisola. O velho desistiu de abotoar as calças, para se ocupar da camisola, mas depressa abandonou também essa tentativa e pôs-se a puxar os suspensórios castanhos.

80

Possuía um rosto magro, facilmente excitável, de olhinhos brilhantes e maldosos como os de uma criança endiabrada. Era um rosto desagradável, rabugento, maldoso e escarninho; um rosto que combatia e argumentava, que contava histórias feias. Tinha traços de luxúria, vício, crueldade e impaciência. E, acima de tudo, de satisfação. Era um velho que, quando podia, bebia até cair, comia o mais que podia, quando para tal se lhe proporcionava ocasião e falava sem cessar.

Atrás dele, vinha a avó coxeando: era uma criatura que apenas sobrevivera porque era tão má como o marido. Mantinha-se numa religiosidade aguda, feroz; era tão luxuriosa e selvagem como o próprio marido. Certa vez, depois do culto, ainda em êxtase, agarrou na espingarda do marido e fez fogo contra ele, com ambos os canos e quase lhe ia levando as nádegas, mas, daí em diante, ele passou a respeitá-la e não tentou torturá-la

como as crianças torturam os bichinhos. Coxeando atrás do marido, levantava a bata até aos joelhos e soltava, em tom agudo, o grito de guerra:

-Louvado seja Deus pela vitória!... Os dois velhinhos esforçavam-se cada qual por atravessar rapidamente o pátio. Disputavam por qualquer motivo; sentiam o prazer e a necessidade da disputa.

Atrás deles, movendo-se com passos iguais e vagarosos, vinham o velho Tom Joad e seu filho Noah, o primogénito, alto, tranquilo e extravagante e que andava sempre com ar de pasmo no rosto tranquilo e perplexo. Nunca se irritava. Olhava admirado para as pessoas encolerizadas, admirado, inquieto como uma pessoa normal olha para um louco. Noali movia-se devagar, raramente falava e, quando o fazia, era com tamanha lentidão que os que o não conheciam bem o julgavam um idiota. Era pouco orgulhoso e não tinha problemas sexuais. Trabalhava e dormia segundo um ritmo curioso que, não obstante, o satisfazia. Gostava imensamente da família, mas nunca lhe demonstrava o seu amor. Embora o observador não pudesse dizer por quê, Noali dava a impressão de que era um aleijado, aleijado de corpo; da cabeça, das pernas, ou do espírito, mas a verdade é que ninguém podia apontar-lhe qualquer membro disforme. O velho Tom Joad pensava que sabia a razão por que Noali assim era, mas o velho Tom Joad tinha vergonha de o dizer. Na noite em que Noali havia nascido, seu pai, apavorado com a distensão das coxas da mulher, sózinho em casa, horrorizado com os gritos agudos do sofrimento dela, ficou louco de apreensão. Usando as próprias mãos e os dedos robustos como forceps, puxou e deu um estorcegão à criança. A parteira, que chegara atrasada, viera encontrar a cabeça do menino deformada, o pescoço distendido, o corpo torcido; colocara então a cabeça no seu lugar e moldara com as

6-v. 1.

81

mãos o corpinho frágil. O velho Tom Joad, sempre que se lembrava dessa cena, sentia vergonha. E era mais carinhoso com Noah do que com os outros filhos. Por detrás daquela face larga, de olhos inuito apartados

um do outro e de queixo alongado e frágil, o velho pensava ver ainda o crânio torcido e deformado do recém-nascido. Noali poderia fazer o que lhe apetecesse; sabia ler e escrever, trabalhar ou ficar a magicar no que quisesse, que nunca parecia ligar importância a essas coisas; não apreciava nada do que as outras pessoas apreciavam ou precisam. Vivia enclausurado numa torre de silêncio, de onde olhava para fora com olhos calmos. Era um estranho para todos, mas não podia ser considerado um solitário.

Os quatro atravessavam o terreiro e o avô perguntava: -Onde está ele? Diabo, onde é que ele está? Os seus dedos procuravam os botões das calças e esqueciam-nos; depois remexiam as algibeiras. Finalmente viu o neto, Tom, parado à porta. Parou e fez com que os outros, que vinham atrás dele, também parassem. Os seus olhinhos brilhavam maliciosos.

-Vejam! -disse. -Um que esteve engaiolado. Há muito que um Joad não estava na cadeia. -Os seus pensamentos deram uma reviravolta. - Prenderam-no injustamente. Fez o que eu também faria. Esses filhos da mãe não tinham razão para o prender.-Os seus pensamentos deram um novo salto.-E o velho Turnbull, esse zorrilho fedorento, a pensar que te havia de matar, quando saíesses da prisão! Disse que tinha sangue dos Hatfield. Bem, eu também não o deixei sem resposta. Disse-lhe assim: "Olhe não se meta com os Joad, ouviu? Eu tenho sangue dos MacCoy, está a ouvir? Meta-se com o Tommy e há-de arrepender-se. Pego numa espingarda e dou-lhe um tiro no rabo". E é que ficou cheio de medo.

A avó, sem prestar atenção às palavras do avô, continuou a berrar:

-Louvado seja Deus pela vitória!

O avô aproximou-se de Tom e deu-lhe uma palmada no peito, contemplando-o com afecto e orgulho.

-Como vais, Tommy? -Bem-disse Tom.-E o senhor? -Cheio de mijo e de vinagre-disse o avô. O seu pensamento voou outra vez.-E como disse, eles não iam conservar o Tominy engaiolado por muito tempo. Sempre disse: o Tommy vai sair daquela cadeia; vocês vão ver, vai sair que nem um touro derrubando uma cerca. E tu fizeste isso mesmo. Bem, sai daí, que estou com fome.-Entrou, sentou-se à mesa, encheu o prato de estanho de carne de porco, pegou em duas grossas fatias de pão, pô-las também no prato e espargiu sobre tudo aquilo o molho gorduroso.

02

E, antes que os outros começassem a comer, já ele estava com * boca cheia.

Tom fez um trejeito afectuoso. -Esse velho não vale nada-disse.-Mas o avô estava com * boca tão cheia que nem sequer gaguejar podia; porém os olhinhos maus sorriram, e meneou a cabeça violentamente.

A avó disse, pomposamente: -Nunca existiu homem mais perverso do que o teu avô, Tom. Ele vai direitinho para o inferno, que Deus seja louvado. Agora, até quer guiar o automóvel, mas isso é que eu não deixo - disse com desdém.

O avô engasgou-se, lançou um bom pedaço de comida mastigada sobre as pernas. Tossiu fracamente.

A avó sorriu para Tom. -É um trapalhão, não é?-observou com inflexão satisfeita. Noah estava parado no patamar e olhava para Tom; os seus

olhos muito apartados do nariz pareciam não o ver. As feições continuavam como sem expressão.

-Como vais tu, Noali?-perguntou Tom. -Bem-respondeu Noah.-Tu como vais?-Não era muito, mas já era reconfortante.

A mãe enxotou as moscas do prato do molho da carne. -Não há lugar para todos-disse.-O melhor é cada um

encher o prato e sentar-se onde puder. No quintal ou em qualquer outro lado.

De repente, Tom exclamou: -Espera! Onde está o reverendo? Ele estava aqui agora mesmo. Aonde é que ele foi?

-Eu vi-o-disse o pai.-Mas agora não sei onde está. E a avó falou em voz aguda: -Reverendo? Tu trouxeste um reverendo? Trá-lo para aqui. Pode rezar-nos a acção de graças.-Apontou para o marido. -Para ele já não adianta, já comeu. Traz para cá o reverendo.

Tom foi à porta. -Eh Jim! -gritou. -Jim Casy!-E saiu para o terreiro, chamando:-ó Casy!

O pregador saiu de trás da cisterna, endireitou-se e foi andando em direcção da casa.

-Que é que o senhor estava alia fazer @?-perguntou-lhe Tom. -Bem, não estava a fazer nada. Mas um camarada não deve meter o nariz numa reunião íntima de família. Estava sentado, a pensar.

-Vamos entrar e comer - convidou-o Tom.-A minha avó quer uma reza.

- Mas eu j à não sou pregador - protestou Casy. -Ora, deixe-se disso. Que é que custa rezar uma oração@>

83

Para si não tem importância e a ela faz-lhe bem. -Entraram os dois na cozinha.

-Seja bem-vindo -,cumprimentou a mãe.
O pai disse: -Seja bem-vindo. Ora coma qualquer coisa. -Primeiro vamos rezar-clamou a avó.-Primeiro a reza.
O avó assestou ferozmente os olhos até que reconheceu Casy. -Oh, eu conheço este pregador -disse. -Ele é dos bons. Sempre gostei dele; desde que o vi.-E pestanejou tão libidinosamente que sua mulher pensou que ele tivesse dito outra coisa e replicou:

- Cala a boca, meu bode velho! Casy passou, nervoso, as mãos pelos cabelos. -É preciso que saibam que eu já não sou pregador. Se é só para dizer algumas palavras de gratidão, por me encontrar aqui, no meio de gente boa, generosa, está certo... mas... está bem, vou fazer do meu agradecimento uma prece. Mas, repito, já nã o sou pregador.

-Então diga-pedi a avó.-E diga umas palavras sobre a nossa viagem para a Califfirnia.

O pregador baixou a cabeça e todos os outros fizeram o mesmo. A mãe cruzou os braços sobre o ventre e baixou a cabeça. A avó baixou-a tan-

to que quase tocou com o nariz no prato de pão com molho gorduroso. Tom encostado à parede, com o prato na mão, baixou-a com força, e o avô inclinou-a de lado, de maneira que pudesse observar o reverendo com os olhos maliciosos e alegres. Nas faces do pregador havia traços, não de quem reza, mas de quem está cismando pensativo; e no tom da sua voz não havia súplica, mas apenas reflexão.

- Estive a pensar - disse o reverendo. - Eu estava nas colinas, cismando, tal qual Jesus devia ter cismado quando se internou no deserto para encontrar uma solução para as suas aflições.

Deus seja louvado pela vitória!-disse a avó, e o pregador olhou-a surpreendido.

-Jesus estava atormentado de aflições e não sabia como havia de sair delas; então ficou a pensar para que diabo, afinal, valeria a pena lutar e pensar. Ficou fatigado, então, e o Seu espírito consumiu-se. Foi por isso que Ele chegou à conclusão de que não valia a pena ralar-se. E internou-se no deserto. .-A ... mém-disse a avó, numa espécie de baliado. Tinha a mania de se meter sempre nas pausas. Assim fizera sempre, quer compreendesse ou não o que ouvia. .

--Não quero dizer que eu seja como Jesus-continuou o pregador.-Mas eu também me senti fatigado como Ele, e estava aturdido como Ele e meti-me nos ermos como Ele sem nada para me abrigar. À noite, deitava-me de costas e olhava para as

84

estrelas; pelas madrugadas, sentava-me à espera que o Sol nascesse; pelo meio-dia, contemplava, do alto de uma colina, a extensão de terras vastas e secas; pela tarde, acompanhava com os olhos o pôr do Sol. Às vezes, rezava, como fazia antigamente. Só não sabia o que rezava e porquê. Ali estavam os outeiros e ali estava eu e não havia separação entre nós. Éramos uma só coisa. E essa coisa unida era uma coisa sagrada.

-Aleluia-disse a avó, balouçando a cabeça para a frente e para trás, tentando assumir uma posição de êxtase.

-E eu fiquei a pensar, mas não era bem a pensar, era mais profundo que o simples pensar. Fiquei a cismar em como é que nós éramos sagrados quando éramos uma só coisa, e o género humano era sagrado quando era uma só coisa. E só deixava de ser sagrado, quando um mísero companheiro cerrava os dentes e ia para a frente, seguindo o seu caminho, batendo com os pés, aos arrancos e a lutar. Criaturas assim perturbam a santidade. Mas, quando eles trabalham em conjunto, não um para o outro, mas um só para toda a comunidade -então sim, está tudo certo; é sagrado.

depois fiquei a pensar que, afinal, nem sei o que quero dizer com isto de sagrado.-Parou, mas as cabeças continuaram baixas, porquanto estavam treinados, como cães, a erguerem-se apenas ao sinal de "amérn".-Eu não sei dizer preces como antigamente. Estou satisfeito com a santidade desta refeição. Estou satisfeito por encontrar o amor neste lugar. É tudo.-As cabeças continuaram baixas. O pregador olhou em redor.-Fiz com que a comida esfriasse -disse; e depois, lembrou-se. -Amém. - concluiu, e as cabeças ergueram-se todas.

-Amém-disse a avó, e caiu sobre a comida, mordendo o pão com as gengivas desdentadas.

Tom comia depressa e o pai empanturrrou-se. Ninguém falou até acabar a comida e engolir o café: só se ouvia, nesse meio tempo, o mastigar da comida e o borbulhar do café a descer pelas gargantas. A mãe observava o pregador a comer, com olhos interrogadores de investigação compreensiva. Ela observava-o como se o reverendo se tivesse transformado de repente num espírito, não fosse um ser humano, mas uma voz oriunda das profundezas.

Os homens acabaram de comer; foram poisar os pratos sobre a mesa e entornaram pela garganta o último gole de café; depois, saíram, o pai e Tom, o reverendo, Noali e o avô, e foram andando direitos ao caminhão, evitando o montão de móveis, as armações de madeira das camas, o maquinismo do moinho de vento e a velha charrua. Pararam ao lado do caminhão, junto dos taipais, de pinho novo, do veículo.

Tom abriu a tampa e olhou para o grande motor todo besuntado de óleo. O pai aproximou-se e disse:

85

-O teu irmão AI esteve a examiná-lo antes de o comprarmos e disse que era bom.

-Que é que ele sabe disso? -perguntou Tom. Ele é ainda um garoto.

-Trabalhou numa companhia. Andou a guiar caminhões o ano passado. Já sabe um bocado do ofício. É um rapaz desempenado; até sabe ajustar um motor; o AI é entendido, isso é_

-Onde é que ele está agora? -perguntou Tom. -Bem-disse o pai-anda por aí... já está um rapagão dos seus dezasseis anos; só pensa em raparigas e em máquinas. Um belo rapaz! Há uma semana que não vem a casa.

O avô, apalpando o peito, conseguiu enfiar os botões da camisa azul nas casas da cainisola. Os dedos sentiram que qualquer coisa não estava certa, mas não se preocupou muito com isso. E continuou a explorar o labirinto das roupas.

-Eu era pior-disse alegremente. -Era um demónio que nem calculas. Sabes? Havia uma reunião campestre em Sallisaw quando eu tinha a idade de Al, um pouco mais do que ele. Ele é uma criança ainda, não entendê nada, mas eu era um pouco mais velho. Havia umas quinhentas pessoas nessa reunião e uma boa porção de raparigada.

-O senhor continua sendo um demónio, avô-disse Tom. -Bem, na verdade sou, mas já não sou o que era, nem por sombras. Deixem-me ir para a Califórnia, onde a gente pode apanhar laranjas quando quer. Ou então uvas. São coisas de que nunca consegui fartar-me. Vou apanhar um grande cacho de uvas e esfregá-lo na cara até que o sumo me escorra pela barba abaixo.

-Onde está o tio John? Onde está a Rosasharn? E a Ruthie

e o Winfield?-inquiriu Tom. Ninguém me falou deles ainda,

É porque ninguém perguntou-disse o pai.-John foi a Sallisaw com um carregamento de mercadorias para vender: uma bomba, ferramentas, galinhas, tudo o que a gente trouxe de lá de nossa casa. Levou a Ruth e o Winfield com ele. Saiu de madrugada.

-E engraçado; não o encontrei-disse Tom. -Bem, Íoli porque vieste pela estrada, não foi? Ele foi por outro caminho, por Cowlington. E a Rosasharn está em casa do Connie. E verdade, tu não sabes que a Rosasharn casou com o Connie Rivers. Lembras-te do Connie? É um bom tipo. E a Rosasharn está para ter uma criança, daqui a três, quatro ou cinco meses. já se conhece bem. Mas está fina.

-Jesus-exclamou Tom.-Rosasharn era unia criança! E já à espera de um bebé! Quantas coisas aconteceram nestes quatro anos em que estive fora! Quando é que o senhor pensa em partir para o Oeste, meu pai?

-Bem, a gente primeiro tem de vender as coisas. Se o AI
86

voltar logo, eu acho que a gente pode carregar o caminhão e partir amanhã ou depois. Ainda não temos bastante dinheiro, e o pessoal diz que são perto de duas mil milhas daqui à Califórnia. Quanto mais cedo a gente partir, mais cedo lá chegará.
O dinheiro escorre das mãos que nem água. Tu trouxeste algum?

-Pouca coisa. Como foi que o senhor conseguiu dinheiro? -Bem-disse o pai-vendemos as coisas de casa e andámos todos na safra do algodão, até o avô.

-Se andei!-disse o avô. -Juntámos uns duzentos dólares. O caminhão custou setenta e cinco, e eu e o AI serrámos-lo ao meio e fizemos-lhe nova carroserie.
O AI ia ajeitar as válvulas, mas, como andou para aí na brincadeira, ainda não teve tempo. Acho que temos uns cento e cinquenta dólares para sair daqui, O diabo são esses pneus velhos; não sei se vão aguentar a viagem toda, Temos dois sobresselentes que não valem um caracol. Vamos ter saxilhos pela estrada fora, com certeza.

O sol, caindo. a prumo, queimava como lume. As sombras da carroserie do camião desenhavam-se em barras negras no solo, e o veículo tresandava a óleo quente e a panos sujos e engordurados. As poucas galinhas que esgaravatavam no chão deixaram o terreiro e procuraram abrigo contra o sol no alpendre das ferramentas. No chiqueiro, os porcos jaziam arquejantes, encostados à cerca, que projectava uma sombra estreita, e, de vez em quando, grunhiam em tom lamentoso e agudo. Os dois cães achavam-se estirados na poeira vermelha, debaixo do caminhão, com a língua gotejante coberta de pó. O pai puxou o chapéu para os olhos e acorou-se no chão. E, como se esta fosse a sua natural atitude de observação e pensamento, encarou Tom com ares de crítica, exanxiando-lhe o boné novo, mas já deformado, o fato e os sapatos novos.

-Gastaste dinheiro nessas roupas? -perguntou. -São boas para te incomodar.

-Não, deram-mas-disse Tom.-Deram-mas quando saí. -Pegou no boné e olhou-o corri admiração, depois limpou com ele a frente e pô-lo descuidadamente na cabeça, puxando pela pala.

O pai observou-o: -São bonitos esses sapatos que te deram. -São-concordou Tom.-São muito bonitos, mas não prestam para caminhar num dia quente como o de hoje. -E acorou-se ao lado do pai.

Noali entrou na conversa, falando arrastadamente: -Era melhor se a gente pusesse as coisas todas no caminhão... Assim, quando o AI chegar, já...

- Eu sei guiar, se é isso que vocês querem-disse Tom. Guiei caminhões em MacAlester.

87

-Bom-disse o pai, e os seus olhos fixaram-se na estrada. -Se não me engano, vem aí esse vagabundo do AI. Olhem, parece que está cansado.

Tom e o pregador olharam para a estrada. E o femeciro do AI, vendo que já tinha sido notado, levantou os ombros, e entrou, todo empertigado e alegre, como um galo de briga, pronto para cantar. Muito direito, aproximou-se até reconhecer Tom; então, mudou a expressão de fanfaronice; admiração e respeito surgiram nos seus olhos. Toda a sua bazófia caiu por terra. As calças de lustão bem esticadas e um pouco levantadas, para mostrarem as botas de salto, o cinturão de três polegadas com incrustações de cobre e mesmo as braçadeiras vermelhas sobre a camisa azul

e a inclinação boémia do chapéu não conseguiram elevá-lo à envergadura do irmão, pois que este matara um homem e ninguém esqueceria semelhante feito. AI sabia que tinha inspirado alguma admiração aos rapazes da sua idade, pelo facto de o irmão ter morto um homem. Vira em Sallisaw offiarem-no e apontarem-no a dedo, dizendo: "Vêem, aquele é o AI; o irmão dele matou um tipo com uma pá."

E agora AI via ' ao aproximar-se humildemente, que o irmão não era o valentão, o fanfarrão que ele supunha que fosse. AI via os olhos sombrios e pensativos do irmão, a calma fria, o rosto duro e inexpressivo, treinado no sentido de nada indicar aos guardas da prisão; nem resistência, nem submissão. E, inst4ntâneamente, AI mudou. Inconscientemente, imitou o irmão, e o rosto bonito tomou uma expressão meditativa; os ombros descaíram. Não se lembrava de como Tom era.

-Olá!-disse Tom.-Viva, AI, estás alto que nem uma árvore! Quase que te não reconheço.

AI, com a mão pronta para a estender, a fim de que o irmão a apertasse, parou, esboçando um gesto de pessoa compenetrada. Tom estendeu a mão e a de AI avançou igualmente para a receber. Era uma prova de amor fraternal entre os dois.

-Disseram-me que tu eras um alho para guiar um caminhão -disse Tom.

E AI, sentindo que o irmão não era um fanfarrão, quis imitá-lo: -Nada disso; conheço muito pouco de caminhão es-respondeu. _ Andaste por aí na paródia, AI -disse o pai. -Pareces estoirado. Bem, ainda tens que levar umas coisas para vender em Sallisaw.

AI olhou para o irmão. -Vens comigo? -perguntou, esforçando-se por dizer aquilo com naturalidade.

- Não, não posso - disse Tom. - Tenho de a udar aqui. Mas vamos viajar juntos.

88

AI lín lu dar pouca importância à pergunta que ia fazer: -Tu fugiste da cadeia, hein, Tom? -Não-disse Torn.-Fui perdoado. -Ah!-E AI ficou um pouco desapontado.

CAPITULO IX

Nas casinhas em que moravam, os arrendatários examinavam o que lhes pertencia e o que pertencera a seus pais e a seus avós. Reuniam tudo para a grande viagem lá para o Oeste. Os homens mantinham-se impassíveis porque o passado fora destruído, mas as mulheres sabiam que o passado clamaria por elas nos dias futuros. Os homens entravam nos celeiros e nos alpendres.

Aquele arado, aquela grade -lembram-se ? Durante a guerra, quando plantámos a mostarda? Lembras-te daquele tipo que nos queria meter era cabeça que plantássemos aquela planta de borracha a que eles chamam guayule ? Ficam ricos - dizia ele - comprem essas ferramentas. Podem render alguns dólares, mas verão... Oitenta dólares pelo arado mais as despesas do transporte. São Sears-Roebuck.

Carroças, arreios, semeadores, enxadas em pilha. Tragam tudo. Juntem tudo. Ponham tudo no caminhão. Levem tudo para a cidade. Vendam tudo por quanto puderem. Vendam a parelha dos animais e a carroça também. Não precisamos deles para nada.

Cinquenta cents não é bastante por um arado. Esse semeador aí custou trinta e oito dólares. Dois dólares é muito pouco. Mas não o posso levar... bem, fique com ele, que o diabo o leve. Fique com essa bomba e com os arreios também. Fique com os cabrestos, cabeçadas, cangalhas e rédeas.

Os objectos usados empilhavam-se no pátio.. já se não consegue vender arados manuais; ninguém os compra. Apenas dou cinquenta cents pelo peso do metal. Tractores-é só o que se usa agora.

Bem, leve tudo, toda essa tralha, dé-me cinco dólares por tudo. Está bem? O senhor não está a comprar só velharias, o senhor está a comprar vidas arruinadas. O senhor está a comprar amargura. A comprar um arado para esmagar os seus próprios filhos,

o que poderia salvar-lhe a alma. Cinco dólares, a comprar aqui não, quatro. Não posso levar tudo, bem, aceito os quatro dólares. Mas eu estou a preveni-lo: o senhor está a comprar aquilo que há-de esmagar os seus próprios filhos. O senhor não vê isso, não vê, não. Bem, leve tudo por quatro dólares. E, agora, quanto é que o senhor dá pela carroça e pela parelha dos animais? Esses baios são bons a valet, íguaizinhos, iguais na cor, iguais no trotar! Puxam que é tiffia, beleza -retezando as pernas o a garupa-velozes e certos, que até dá gosto! De marlhã, quando lhes dava a luz!

89

Ficavam atrás da cerca, de orelhas fitas para ouvir a gente. E as crinas pretas! Tenho uma filhinha. Ela gostava de lhes entrançar a crina com litinhas vermelhas. O que ela gostava daquilo! E agora acabou-se. Eu poderia contar ao senhor uma história engraçada sobre essa minha filhinha e aquele cavalo baio. O senhor havia de rir-se à farta. O de lá tem oito anos; o outro, dez, mas dir-se-ia que são gémeos, tão bem puxam ao lado um do outro! Olhe os dentes deles. Todos são. E os pulmões, então, nem se fala! Pulmões fortes! As pernas também; são bem rijas, finas e musculosas. Quanto? Dez dólares? Pelos dois? E pela carroça?... Oli, Jesus Cristo! Prefiro matá-los e dar a carne aos cães. Vá lá, fique com eles pelos dez dólares. Leve-os depressa. O senhor está a comprar uma menina que entrançava a crina deles, tirando a fita dos seus próprios cabelos para a amarrar à crina dos cavalos, uma menina de cabecinha encostada ao pescoço dos animais, de cabeça ergui-

da, a esfregar-lhes o focinho no rosto dela. O senhor está a comprar anos de trabalho e de lides de sol a sol; está a comprar uma aflição que nem eu sei contar. Mas olhe, há uma coisa que vai junto com esse montão de objectos que o senhor comprou, junto com esses baios tão lindos—é uma carga de amarguras, que crescerá na sua casa e florescerá um dia. Nós poderíamos salvá-lo, mas o senhor desprezou-nos, esmagou-nos e também será esmagado; então, nenhum de nós estará aqui para o salvar.

E os arrendatários iam-se embora, de mãos nos bolsos e chapéus puxados para os olhos. Alguns compravam aguardente e sorviam-na com sofreguidão, para resistir com ânimo ao golpe. Não riam, não se alegravam. Não cantavam, nem tocavam viola. Voltavam para as fazendas, de mãos nos bolsos, cabeça baixa, as botas rangendo raivosamente na poeira vermelha.

Quem sabe se a gente pode começar de novo, lá naquela terra tão rica, na Califórnia, de onde brotam frutos saborosos? Sim, vamos recomeçar.

Mas vocês já não podem recomeçar! Só uma criança pode encetar uma tarefa assim. O senhor e eu, bem; nós somos o passado. A irritação de um momento, as mil visões—eis o que nós somos. Esta terra, esta terra vermelha, eis o que nós somos; e os anos de chuva e os anos de seca; eis o que nós somos. Não podemos começar de novo. A amargura que vendemos com os nossos bens ao ferro-velho, ele comprou-a, sim, mas nós ficámos também com ela. Somos apenas a raiva que sentimos quando nos expulsaram das nossas terras, quando o tractor derrubou as nossas casas. E assim seremos até à morte. Para a Califórnia ou para outra região qualquer—cada um de nós é um tambor a dirigir uma carga de amarguras, caminhando com a nossa desgraça. E, algum dia, os exércitos de amargura irão pelo mesmo caminho. E todos caminharão juntos, e haverá, então, um terror de morte.

90

Os arrendatários arrastavam-se até às suas terras, através da poeira avermelhada.

Depois de vendido tudo o que podia ser liquidado: fogões e camas, cadeiras e mesas, pequenos armários de canto, canos e tanques, ainda havia pilhas de tralha, e as mulheres sentavam-se em torno dessas pilhas, remexetido-as e olhando-as pela frente e por detrás, fotografias, espelhos quadrados e—olha, está ali um vaso l

Bem, vocês sabem o que a gente pode levar e o que não pode levar, Nós vamos acampar sempre ao ar livre—algumas panelas para se cozinhar, colchões e outras comodidades, uma lanterna, baldes e uma peça de lona. É para fazer a tenda. Esta lata de querosene vai. Sabe o que é isto? É o fogão. E roupas... levem todas as roupas. E... a espingarda? Não nos vamos embora sem a espingarda. Quando tudo se for, calçado e roupas e comida até mesmo a esperança—teremos ainda a espingarda. Quando o avô veio para aqui —j à lhes contei ? — só trazia sal, pimenta e uma espingarda. Mais nada. Isso v&L É uma garrafa com água. É o que basta para satisfazer uma pessoa. Dá um jeito a esse caminhão; os miúdos vão no atrelado e a avó vai no colchão. Ferramentas: uma enxada, uma serra, uma chave de parafusos e alicates. E uma machadinha também. Temos esta machadinha há mais de quarenta anos, Vejam como está gasta. O resto? Deixem-no para aí ou queimem-no.

Depois, vinham as crianças. Se a Mary levar aquela boneca, aquela boneca velha, e suja, então também eu levo o meu arco indiano. Isso é

que eu levo. E esse bordão grande, quase do meu tamanho. Posso precisar dele. Tenho-o há tanto tempo; há um mês ou talvez um ano. Tenho de o levar, isso é que tenho. Como será a Califórnia?

As mulheres sentavam-se junto das coisas condenadas, que não poderiam levar e viravam-nas por todos os lados. Esse livro! já era de meu pai. Ele gostava tanto de livros! A Marcha do Peregrino. Gostava muito de o ler. Escreveu o nome dele na capa de dentro. E esse cachimbo, ainda a cheirar a fumo! E esse quadro,... um anjo. Eu olhava para ele sempre que os três primeiros estavam para nascer... mas não lucrei nada com isso. Acham que podemos levar este cachorrinho de porcelana? A tia Sadie trouxe-o da feira de S. Luís. Vêem o que ela escreveu nele? Não, acho que não. Aqui está uma carta que o meu irmão escreveu na véspera da sua morte. E aqui, um chapéu de outros tempos. E estas penas. nunca as usámos. Não, não há lugar.

Como poderemos viver sem tudo isto que representa a nossa vida? Como é que havemos de continuar a ser os mesmos sem o nosso passado? Não, deixem tudo. Queimem tudo.

Ficavam sentadas, olhavam todos esses restos e gravavam-nos

gi

na memória. Que futuro as esperaria lá longe? Como poderão acordar todas as manhãs, sabendo que já não têm o velho salgueiro no pátio? Poderemos viver sem o salgueiro? Não, não poderemos. Aquela mancha-prova de uma dor-no colchão-aquela dor horrível-aquilo que faz parte de mim mesma.

E as crianças... se o Sam levar o arco indiano e o bastão comprido, eu também hei-de levar duas coisas. Eu escolho aquela almofada de penas. E minha.

De repente, todos ficavam nervosos. Tinham de abalar rapidamente. Não nos podemos demorar mais. Não podemos ficar aqui mais tempo. E amontoavam os restos no terreiro e largavam fogo a tudo. E quedavam-se a olhar as labaredas; depois, freneticamente, carregavam os carros e metiam pelas estradas poeirentas. A poeira ficava no ar muito tempo depois da passagem dos carros ajoujados.

CAPITULO X

Quando o camião se fora, carregado de utensílios, cheio de ferramentas pesadas, de camas e de colchões com possibilidades de venda, Tom deu uma volta pela casa. Vagou pelo celeiro ' pelas cocheiras vazias, entrou no alpendre das ferramentas, deu um pontapé no montão de restos inúteis e empurrou com o pé o dente quebrado de uma máquina de cortar a erva. Andou pelos lugares de que se recordava-a encosta vermelha onde as andorinhas construía os ninhos, o salgueiro atrás do curral dos porcos. Dois leitões grunhiram e roncaram do lado de lá da vedação, como se o cumprimentassem, dois leitões de pêlo preto, que gozavam, confortavelmente estirados, as carícias do sol.

Logo depois, terminou a peregrinação e sentou-se nos degraus da porta, cobertos de sombra fresca. Atrás dele, na cozinha, sua mãe andava atarefada a lavar numa selha as roupas dos filhos e os seus braços fortes e cobertos de sardas escorriam água de sabão até aos cotovelos. Parou de trabalhar quando o filho se sentou à porta. Olhou-o por longo tempo, fixando-lhe a nuca quando ele se voltou de costas para ela e se pôs a contemplar a claridade do Sol. Depois, voltou ao trabalho.

-Tom-disse ela, por fim-espero que as coisas lá na Califórnia sejam boas.

Tom voltou-se e encarou-a. -Porque supõe que não sejam @>-Ínquirífu. - Bem, por nada. É que tudo me parece bom demais. Vi passar os distribuidores de impressos, que navia lá muito trabalho e bons salários e tudo o mais; li no jornal que precisam de gente para a colheita das laranjas e dos pêssegos. Isso seria um belo trabalho, Tom, apanhar pêssegos. Mesmo que não nos deixem

92

comer nenhum, sempre se há-de poder deitar a mão a um já tocado. E seria bom ficar debaixo das árvores, a trabalhar à sombra. Mas tudo isso é bonito demais, Tom. Tenho medo. Não tenho fé nisso. Acho muita sorte junta.

-Não eleves a fé até à altura do voo dos pássaros e não rastejarás depois como os vermes-recitou Tom.

-Sim, eu sei que é assim. Está nas Escrituras, não está? -Suponho que sim-disse Tom.-Confundo sempre as Escrituras com um livro cham2@.do a Vitória de Bdrbara Worth.

A mãe riu suavemente, passando a roupa na selha. Ia torcendo "macacos" e camisas e os músculos dos antebraços retesavam-se.

O pai de teu pai vivia sempre às voltas com as Escrituras, fazendo citações. Fazia cada confusão! Misturava sempre as frases das Escrituras com coisas do Almanaque do Dr. Mile. Costumava ler alto tudo o que vinha no almanaque: cartas de pessoas que não conseguiam dormir ou q@e eram marrecas. Depois tirava pedaços dessas cartas e dizia: isto vem nas Escrituras. Teu pai e o tio John riam a valer e ele ficava danado. - Empilhou a roupa torcida como cordas sobre a mesa.-São duas mil milhas daqui até ao lugar para onde vamos. Tu achas que isso é verdade, Tom? Vi a Califórnia no mapa; tinha montanhas altas como num postal que eu vi, e a gente tem de passar por essas montanhas todas. Quanto tempo achas que levaremos até lá, hein, Tommy?

-Não sei-disse o filho.-Duas semanas, talvez dez dias se a gente tiver sorte. Olhe, mãe, não se preocupe, ouviu? Faça como eu, como todos os que estão na cadeia. A gente não pode pôr-se a pensar no dia em que será solto. Endoidecia. A gente pensa no dia de hoje, no dia de amanhã, depois, nojogo de futebol de sábado e assim por diante. É o que a senhora deve fazer. Os mais velhos fazem assim. Só os novatos encostam a cabeça às grades da cela e ficam a cismar, a pensar quanto tempo ainda vai durar aquele inferno. A senhora faça como os presos antigos; pense só rio dia de hoj e.

-E um bom processo, esse-disse a mãe, enchendo a selha

com a água que estivera a aquecer em cima do fogão. Meteu mais roupa suja na selha e começou a esfregá-la na espuma.-Sim, é um bom processo. Mas eu gosto de pensar que talvez seja bom I

ara nós irmos para a Califórnia. Lá tiunca faz frio. E há tanta ruta, em toda a parte, e as pessoas moram em casas bonitas, em casas pequeninas e brancas no meio de laranjeiras! Eu imagino que, se nós arranjássemos trabalho e todos trabalhassem, talvez

idéssemos comprar uma casinha assim. E às crianças, bastava~ @l'h e 5pôr o pé fora de casa para apanharem quantas laranjas quisessem. Seria demais para elas; passavam a vida a gritar por causa disso.

Tom via a mãe trabalhar e os seus olhos sorriam.

93

-Faz-lhe bem pensar assim. Tive um camarada que era lá da Califórnia. Não falava como nós. Bastava ouvi-lo falar para se ver que ele não era daqui, que era de longe. E então contava que havia gente de mais à procura de trabalho lá na terra dele. E disse que o pessoal que trabalha na safra das frutas vive em lugares imundos e que mal arranja o suficiente para comer. Os salários são baixos e, mesmo assim, é difícil arranjar trabalho.

Uma sombra perpassou pelo rosto dela. -Oh, não, não é assim!-disse.-O teu pai recebeu um impresso em papel amarelo, dizendo que procuravam gente para trabalhar. Eles não iam escrever isso se não tivessem bastante trabalho. Custa muito dinheiro mandar fazer esses impressos. Não iam mentir e gastar dinheiro em mentiras!

Tom sacudiu a cabeça. -Não sei, mãe. A gente não pode saber porque fazem isso. Quem sabe?...-Olhou para fora; o sol quente torrava a terra vermelha.

-Quem sabe o quê? -Talvez aquilo lá seja bom como a senhora diz. Aonde foi o avô, hein? E o reverendo?

A mãe saiu para o pátio com os braços cheios de roupa; Tom afastou-se para o lado, a fim de a deixar passar.

-O reverendo disse que ia dar uma volta. O teu avô está a dormir aí dentro. Ele costuma vir aqui durante o dia e deitar-se para dormir uma soneca. -Dirigiu-se a um fio estendido no terreiro e pendurou nele calças de fustão e camisas azuis a secar.

Tom ouviu umas passadas cautelosas atrás de si e virou-se a ver quem seria. Era o avô, que safa do quarto de dormir, e, como de manhã, mostrava-se atrapalhado com os botões das calças.

-Ouvi-os falar -disse. -Não deixam um velho dormir, seus filhos da mãe. Quando vocês também forem velhos, seus velhacos, vão aprender a deixar os outros dormir. -Os seus dedos furiosos procuravam desabotoar os dois únicos botões da braguilha que ainda se mantinham abotoados. E as mãos esqueceram-se do que pretendiam fazer, e penetraram no vão das calças para coçarem regaladamente os testículos.

A mãe, com as mãos húmidas e as palmas enrugadas e inchadas pela acção da água quente e do sabão, tornou a entrar em casa.

- Pensei que o senhor estivesse a dormir. Espere aí; deixe-me abotoar-l'he as calças. -E embora o velho recusasse, ela segurou-o firmemente e abotoou-lhe as calças, a camisa e o colete.-Com franqueza, sempre estava numa figura... -disse ela, libertando-o.

E o velho resmungou, colérico:

- Bonito... bonito, quando a gente já tem que ser abotoado pelos outros, Eu não quero que ninguém me abotoe as calças, ouviu ?

94

-Lá na Califórnia, não deixam ninguém andar assim retrucou ela, brincando.

-Ai, não deixam? Pois eu lhes direi como é que se anda. Se pensam que podem mandar na gente, estão muito enganados. Se me der na gana, até posso andar com a coisa de fora e ninguém tem nada com isso.

-A língua dele está cada vez pior-observou a mãe. O velho espetou o queixo áspero e encarou-a com os olhinhos astutos e brilhantes.

-Bem- disse- daqui a pouco estamos de abalada. E, Deus do céu, as uvas, ali, chegam a debruçar-se sobre as estradas. Têm cada cacho! Sabes o que eu vou fazer? Encho um balde de uvas, sento-me no balde e esfrego-me todo até o suco escorrer pelas calças.

Tom riu. -O avô é assim mesmo -disse. -Ninguém o endireita. Então, avô, está mesmo decidido a vir conosco, hein?

O velho puxou de um caixote e deixou-se cair sobre ele, pesadamente.

-Sim, senhor -respondeu - E quanto mais depressa, melhor. O meu irmão também para já foi há mais de quarenta anos. Nunca mais ouvi falar dele. Além disso, levou um bom Colt que eu tinha. Mas, se eu o encontrar agora, ou os filhos dele, se os tiver, a primeira coisa que vou fazer é perguntar pelo meu Colt. Mas, da maneira como eu o conheço, se ele fez algum filho, entregou-o a alguém para o criar. De qualquer maneira, estou satisfeito por sair daqui. Acho que até vou ficar diferente saindo daqui. Tratarei logo de ir apanhar fruta.

A mãe acenou com a cabeça. -E está disposto a isso. Aqui também trabalhou até há uns três meses, mas, quando deslocou a anca, teve de parar.

-Pois foi-disse o avô. Tom lançou um olhar para fora da porta. -Aí vem o reverendo -disse. -Ali, por detrás do celeiro. A mãe informou: -A reza que ele fez esta manhã foi a reza mais engraçada que ouvi na minha vida. Na verdade, nem foi uma reza. Foi só um discurso, mas parecia uma oração.

-Ele é muito engraçado-disse Tom.-Está sempre a dizer coisas engraçadas. E muitas vezes fala sózinho. Mas não quer tornar ao que foi.

-Vejam o olhar dele-disse a mãe.-Parece inspirado. Tem um olhar que, como se diz, atravessa tudo. Sim, sim, é um inspirado. E anda sempre de cabeça baixa, de olhar no chão. É, com toda a certeza, um homem inspirado.-E calou-se porque Casy se aproximara da porta.

9i

-O senhor, a andar assim exposto de um lado para o outro, apanha uma insolação pela certa-disse Tom.

Casy respondeu: -Sim, é possível. De repente, dirigiu-se a todos, à mãe, ao avô e a Tom. -Tenho de ir para o Oeste. Tenho de ir. Gostaria de saber se me permitem que vá com vocês. E deixou-se ali ficar, como que embaraçado pelo próprio discurso.

A mãe olhou para Tom, à espera de que ele falasse, visto que era um homem. Dera-lhe essa oportunidade, que era afinal o seu direito, e depois disse:

-É claro que nos sentiremos muito honrados com a sua companhia. Mas, por agora, não posso dizer nada de positivo. O pai disse que os homens se vão reunir hoje à noite para combinarem a data da partida. Acho que é melhor não dizermos nada antes de os homens regressarem todos. John e o pai, o Noali, o Tom, o avo, o AI e o Connie vão tratar disso logo que chegarem. Mas eu acho que, se houver lugar, o senhor poderá vir connosco; teremos muito prazer com isso.

O pregador suspirou.

- Eu vou de qualquer maneira - disse. - Vai acontecer alguma coisa. Eu subi àquele alto e fiquei a olhar; todas as casas estão vazias e toda a terra está vazia. Não posso continuar mais tempo aqui. Tenho de ir para onde vão os outros. Trabalharei nos campos e talvez então me sinta feliz.

-Então não faz mais prédicas? -inquiriu Tom. -Não, não tenciono pregar. -Nem tenciono baptizar? -perguntou a mãe. -Não vou baptizar, não. Vou trabalhar nos campos, nos campos verdes e ficar mais perto de toda a gente. Não vou tentar ensinar-lhes nada. Eu é que vou tratar de aprender. Vou saber porque é que os homens andam pelos campos, vou ouvi-los falar e cantar. Vou observar as crianças a comerem papas e os homens e as mulheres moerem os colchões à noite. Vou comer com eles e aprender com eles.-Os seus olhos tornaram-se húmidos e brilhantes.-Vou deitar-me na relva, aberta e honestamente, com quem me queira. Vou, gritar e praguejar à vontade e vou ouvir as canções populares. E isto que é sagrado, isto tudo que eu não pude até agora compreender. Isto é que está certo e bem feito.

A mãe disse: -A... mém.

O pregador sentou-se humildemente no cepo, ao lado da porta. -Que é que um homem sózinho pode fazer? Tom tossiu com delicadeza: -Para um homem que já não prega... -começou. -Oh, sou muito falador-disse Casy.-Este meu feitio já não pode mudar. Mas não quero pregar para o povo. Pregiar é

_9 6

contar coisas. Mas eu não conto nada, eu faço perguntas. Isto não é pregar, pois não?

-Não sei-disse Tom.-Pregar é ter um tom especial na voz e um modo diferente de ver as coisas. Pregiar é fazer bem às pessoas, mesmo quando as pessoas se sentem capazes de matar quem lhes faz o sermão. Na última noite de Natal, o Exército de Salvação foi a MacAlester para nos distrair. Três horas de música de cornetim e nós ali sentados, a ouvir. Foram muito gentis para connosco. Mas, se um de nós tentasse sair da sala, daí a pouco irão haveria lá ninguém. Isto é que é pregar. Fazer bem a alguém que está mal * que não pode evitar de qualquer maneira que lho façam. Não, * senhor não é um pregador. O senhor não obriga ninguém a ouvir a música de cornetim.

A mãe atirou algumas achas para o fogão. -Vou-lhe arranjar de comer, mas não será grande coisa.

O avô levou o caixote para fora e sentou-se em cima dele; encostou-se à parede, e também Casy e Tom se encostaram à parede. E a sombra da tarde abandonou a casa.

A tarde já ia avançada quando o camião voltou, roncando e bufando, através do pó; havia um lençol de poeira a cobrir a carroserie e a tampa do motor; a luz dos faróis obscurecera-se sob um véu de poeira

vermelha. Punha-se o Sol quando o caminhão chegou, e a terra sangrava à luz do poente. Al vinha sentado ao volante, sério e diligente; o pai e o tio John, numa atitude condigna de chefes de clã, ocupavam o lugar de honra, ao lado do motorista. De pé, na carrosseri .e, segurando-se às bordas do caminhão, vinham os outros: Ruthie, de doze anos; Winfield, de dez, selvagem de cara suja; ambos de olhos cansados, mas cheios de entusiasmo, dedos e cantos da boca negros e pegajosos das bagas de alcaçuz que lhes dera o pai na cidade, Ruthie, com um bonito vestido de musselina rosada que lhe chegava abaixo dos joelhos, parecia uma senhorita, muito compenetrada. Mas Winfield continuava a ser um pouco o rapaz ranhoso que aproveitava qualquer oportunidade para se esconder atrás dos outros e fumar uma beata de cigarro. E, enquanto Ruthie sentia a força da responsabilidade que lhe davam os pequeninos seios a eclodir, Winfield mostrava-se malcriado e sonso. Ao lado deles, apoiando-se levemente nas grades, estava Rosa de Sharon, que se bamboleava, apoiada nos calcanhares e aparava nos joelhos e nas coxas os solavancos do veículo. É que Rosa de Sharon estava grávida e mostrava-se prudente. Os seus cabelos, entrançados e enrolados em volta da cabeça, pareciam urna coroa cendrada. O rosto redondo e suave, que fora voluptuoso e convidativo havia poucos meses, trazia as marcas da gravidez, o sorriso dos que se consideram importantes, o olhar de quem se sabe perfeito, e o seu

corpo arredondado-os seios rijos e o ventre firme, as ancas e as nádegas duras, que ela havia meneado tão deliberada e provocadoramente, como que convidando a palmadas ou carícias -todo o seu corpo adquirira um ar de reserva e de seriedade. Até os seus pensamentos convergiam totalmente para a criança que estava para nascer. Ela balouçava-se nos dedos dos pés para dar mais conforto ao bebê. E o mundo inteiro-para ela-estava grávido-pois ela só pensava em gravidez, nas funções da reprodução da espécie e da maternidade. Connie, o seu marido de dezanove anos, que se casara com uma rapariga gorducha, atrevida e ardente, ainda se mostrava algo assustado e confundido

com a mudança que nela se operara, pois agora já não havia aquelas lutas bravias na cama; não havia arranhões nem mordeduras, entre risos abafados, que terminavam em lágrimas. Havia, sim, uma criatura de gestos cuidadosos, de atitudes discretas, que lhe sorria meiga e firmemente. Connie sentia orgulho e, ao mesmo tempo, receio de Rosa de Sharon. Cada vez que podia, colocava as mãos nos ombros da mulher ou postava-se ao lado dela, bem junto, de maneira que os ombros e as coxas se tocassem e sentia que assim se mantinha uma ligação que, de outra maneira, poderia vir a ser abalada. Era um rapaz magro, de rosto afilado, originário do Texas, e os seus olhos, de cor azul pálida, eram às vezes inquietantes; outras vezes mansos ou assustados. Era um bom trabalhador e devia dar um bom marido. Bebia bastante, mas não demais; brigava quando o não o podia evitar, mas nunca provocava ninguém. Numa reunião qualquer, mantinha-se calado, e, embora não desse mostras da sua presença, fazia-se notar de modo indubitável.

Se o tio John não tivesse cinquenta anos, e não fosse por isso mesmo um dos naturais chefes da família, teria preferido não se sentar no lugar de honra ao lado do condutor. Por vontade dele, seria Rosa de Sharon quem ali estaria sentada. Isso era impossível, porque ela, além de muito jovem, ainda por cima era mulher. Mas o tio John não se sentia à vontade; os seus olhos, que se diria assombrados de solidão, não achavam paz e o corpo magro agitava-se. Quase sempre, o espírito solitário do tio John mantinha-o afastado dos homens e dos apetites. Comia pouco, bebia, e vivia em estado de celibato. Mas, sob esta crosta de aparências, os apetites martirizavam-no tanto que acabavam por se expandir. As vezes, comia coisas indigestas, ao ponto de cair doente, ou

então bebia aguardente ou whisky, até ficar como um paralítico agitante, de pernas trémulas e olhos lacrimosos e vermelhos; ou então afundava-se no deboche com uma meretriz qualquer de Sallisaw. Contava-se que, uma vez, fora a Shawnee e se deitara com três mulheres ao mesmo tempo, demorando-se uma hora inteira, a resfolegar e a brarnar, às voltas com os corpos

98

insensíveis das meretrizes. Mas, quando satisfazia um dos seus apetites, sentia-se novamente triste, solitário e cheio de vergonha. Escondia-se das pessoas e procurava conquistar-lhes a amizade, enviando-lhes presentes. Então, entrava nas casas e colocava pastilhas elásticas sob os travesseiros das crianças, depois, cortava lenha e não deixava que lhe pagassem o trabalho. Por fim, desfazia-se de tudo o que possuía: a sela, o cavalo, um par de sapatos novos. Não se lhe podia falar nessas ocasiões, pois fugia de todos, ou, se lhe era possível, enfronzava-se dentro de si mesmo, mostrando somente os olhos cheios de inquietação. A morte da mulher, seguida de meses de isolamento, deixava-lhe um sentimento de culpa e de vergonha, transformando-o num solitário sem remédio.

Mas havia coisas a que não podia escapar. Sendo um dos chefes da família, tinha de governar, e, naquele momento, não tinha outro remédio senão sentar-se no lugar de honra, ao lado do motorista.

Os três homens, no assento da frente, mostravam-se de mau humor, enquanto o caminhão os levava para casa, através da estrada poeirenta. Al, debruçado sobre o volante, ora olhava o caminho, ora o quadro, vigiando o amperómetro, cuja agulha oscilava de modo suspeito; o mostrador de óleo e o termómetro.

O seu cérebro registava todos os aspectos fracos do veículo. Escutava os queixumes do motor, resultantes provavelmente do estado ressequido do diferencial, e ouvia atentamente o vaivém dos pistões. Punha a mão sobre a alavanca das velocidades, para sentir o girar da engrenagem, às vezes, verificava se a embraiagem se fazia normalmente e se o travão não prendia. Ele podia, de vez em quando, levar vida de vagabundo, mas, agora, a responsabilidade era sua: o caminhão, a maneira como funcionava e a sua conservação. Se a viagem não corresse bem, a culpa seria dele, e, embora ninguém o culpasse, todos-e principalmente AIsentiriam que a culpa era realmente dele. Por isso, se mostrava atento e cuidadoso, de rosto tenso à força de atenção. E todos o respeitavam, bem como à sua responsabilidade. Até o pai, que era o chefe, agarraria uma chave inglesa e receberia ordens de AI.

Vinham todos fatigados no caminhão. Ruthie e Winfield estavam cansados de ver tanto movimento e tantas caras, cansados de tanto brigarem por causa das bagas de alcaçuz e por causa da excitação causada pelo facto de o tio John lhes ter secretamente introduzido pastilhas elásticas nos bolsos.

Os homens, no assento da frente, estavam cansados, aborrecidos e indignados por terem recebido apenas dezoito dólares por todos os objectos que tinham levado de casa para vender: os cavalos, a carroça, as ferramentas e os móveis. Dezoito dólares! Tinham procurado obter mais; tinham procurado convencer o comprador, mas haviam capitulado quando este declarara que

99

não lhe interessava a mercadoria, fosse por que preço fosse. Então,

deram-se por vencidos e fecharam o negócio, vendendo tudo por dois dólares a menos do que o preço previamente oferecido. E agora estavam cansados e cheios de susto porque se tinham revoltado contra um sistema cujo mecanismo não conheciam e que os vencera. Sabiam que a carroça e a parelha de animais valia mais, muito mais. Sabiam que o comprador iria ganhar muito dinheiro, revendendo os objectos que lhes comprara, mas não sabiam como deveriam ter agido para obter preço melhor. Negociar, para eles, era um segredo.

AI, com os olhos saltando da estrada para o quadro, disse: -Aquele tipo não é daqui. Não falava como a gente da região. E também usava roupas diferentes das da nossa gente.

O pai explicou: -Quando eu estava na loja de ferragens, falei com uns sujeitos que conheço. Eles disseram-me que estes homens vieram de propósito para comprar as coisas que a gente tem de vender. Disseram que fazem verdadeiros negócios da China. Mas, que havemos nós de fazer? Talvez tivesse sido bom que Tommy tivesse vindo connosco. Talvez ele tivesse conseguido mais.

John disse: -Mas o fulano já não queria nada. Não podíamos trazer aquilo tudo outra vez.

-As pessoas com quem falei disseram que eles fazem isso sempre- esclareceu o pai. Eles assustarri a gente, de modo que um tipo nem sabe o que há-de fazer. A mãe vai ficar desiludida. Desiludida e arreliada.

-Quando podemos partir, pai?-perguntou AI. -Não sei. Vamos falar sobre isso hoje à noite e combinar tudo. Estou satisfeito por o Tom ter regressado. É um consolo.

O Tom é uma jóia de rapaz.

AI disse: -Pai, houve aí uns sujeitos que falaram do Tom; disseram que ele estava em liberdade condicional. E disseram que isso significa que ele não pode sair do Estado. Se o fizer, apanha mais três anos de cadeia.

O pai mostrou-se alarmado. -Disseram isso? Achas que eles terão razão? Ou estariam apenas a brincar? _ Não o sei-disse AI-Eles disseram isso e eu não dei a perceber que era irmão do Tom. Fiquei só a ouvir.

- Deus do Céu!-disse o pai-espero que isso não seja verdade. Nós precisamos *do Tom. Vou perguntar-lhe. já temos bastantes encrencas mesmo sem isso. Espero que não seja verdade. Temos de tirar o caso a limpo.

O tio John disse:

100

-O Tom deve saber isso. Reaíram em silêncio enquanto o caminhão rodava sobre a estrada. O motor fazia muito barulho; de momento a momento, ouviam-se pequenos estouros e a bracingem dos freios emitia som de pancadas. Sentia-se um ranger como de madeira que vinha das rodas, e um esguicho de vapor escapou-se pela abertura do radiador. O caminhão levantou um turbilhão de poeira vermelha atrás de si. Subiram a última elevaçõzita já o Sol estava semi-oculto no horizonte e, ao chegarem defronte da casa, já ele se havia sumido completamente. Os freios chiaram quando o veículo estacou, e o som que emitiram gravou-se no cérebro de AI-as cintas dos freios estavam gastas.

Ruthie e Winfield saltaram, aos gritos, pelos lados do can-únhão. E, em terra, desataram a berrar:

-Onde está ele? Onde está o Tom? Depois, viram-no parado perto da porta e quedaram-se embaraçados; caminharam lentamente na sua direcção, olhando com acanhamento.

E quando ele disse:-Olá, meninos, como vão?-responderam em voz baixa:

-Olá! Bem. E ficaram imóveis, um pouco afastados, olhando-o disfarçadamente, ao irmão crescido que matara um homem e que estivera na prisão. E lembravam-se de como brincavam às cadeias lá no galinheiro e de como brigavam porque ambos queriam ser o preso.

Connie Rivers baixou um dos lados da carroserie; desceu e ajudou a mulher a descer; ela aceitou o auxílio com muita dignidade, arregaçando afectadamente os cantos da boca num sorriso de satisfação compenetrada.

Tom falou: -Olhem, é a Rosasharn! Não sabia que tu também vinhas com eles.

-Vínhamos andando a pé e o caminhão alcançou-nos na estrada-disse ela.-E acrescentou, com ar majestoso: Este é o Connie, o meu marido.

Os dois apertaram as mãos, exarninando-se mutuamente, olhando fundo nos olhos um do outro, e, num instante, ambos ficaram satisfeitos com o exame, e Tom comentou:

-Bem, vejo que voces não perderam tempo. Ela olhou para o chão. -Mas ainda não se percebe. Não se percebe nada. -Foi a mãe que me disse. Está para quando? -Oh, ainda vai demorar. Só lá para o Inverno. Tom riu. -Então ele vai nascer mesmo nos laranjais, hein? Numa dessas casinhas brancas cercadas de laranjeiras.

I01

Rosa de Sharon apalpou o ventre com as mãos. -Não se vê nada. Deu um risinho complacente e fugiu para dentro de casa. A tarde estava quente, e, de leste, jorrava ainda um facho de luz. Sem aviso algum, reuniram-se todos em torno do caminhão e o congresso, a reunião do conselho de família, começou.

A luz do crepúsculo fazia brilhar a terra vermelha, de maneira que as suas dimensões se aprofundavam. Uma pedra, um poste, uma construção adquiriam mais profundidade e mais consistência então do que à luz do dia; e todos esses objectos se tornavam estranhamente mais individuais: um poste era mais essencialmente um poste; elevava-se com mais firmeza da terra e destacava-se melhor do campo de milho que lhe servia de fundo. E as plantas adquiriam mais individualidade. Não eram apenas um conjunto de cereais, e o salgueiro desfolhado era mais ele próprio, bem diferente dos outros salgueiros. A terra também contribuíria corri uma parte de luz para a tarde. A frontaria da casa, parda, sem pintura, voltada a oeste, brilhava pàlidamente com um fulgor semelhante ao da lua. O caminhão cinzento e empoeirado, imóvel no terreiro, destacava-se mágicamente àquela luz, na perspectiva exagerada de um estereoscópio.

Os homens também surgiram alterados ao anoitecer-estavam como que apaziguados. Parecia fazerem parte de uma organização do inconsciente. Obedeciam a impulsos que mal se registavam nos seus cérebros. Dir-se-

ia que olhavam para dentro de si próprios, e também os seus olhos brilhavam na luz da tarde, brilhavam-lhes nos rostos cobertos de poeira.

A família reunira-se no local mais importante, junto do caminhão. A casa estava morta, mortos os campos, mas aquele caminhão era algo de activo, como um princípio vital. O velho Hudson, de radiador torcido e riscado, com verrugas de óleo e de pó em todos os pontos gastos do mecanismo, sem tampões de rodas e com tampões de poeira a substituí-los, era agora o novo coração, o centro vivo da família; meio automóvel, meio caminhão, tão desproporcionado como tosco.

O pai andava à volta do veículo, olhando-o e tornando a olhá-lo; depois, sentou-se no chão, na poeira, e procurou um graveto para desenhar garatujas. Tinha um dos pés bem assentes no chão; o outro descansava sobre o calcanhar, de maneira que um dos joelhos ficava mais alto do que o outro, O antebraço esquerdo repousava no joelho esquerdo que ficava mais baixo; o antebraço direito apoiado no joelho direito, e, portanto mais alto; o punho direito servia de apoio ao queixo. Deixou-se ficar assim, a olhar para o caminhão. E o tio John aproximou-se dele, devagarinho e acocorou-se a seu lado. Os olhos de ambos estavam pensativos. O avô saiu de casa e viu-os ali acocorados; foi no seu

102

passo desigual até ao caminhão e sentou-se no estribo, defronte deles. Estava formada a sessão. Tom, Connie e Noali vieram juntos e também se acocoraram, formando todos um semicírculo, em cuja abertura se via o avô sentado. Depois, a mãe veio também de dentro de casa com a avó e, atrás, vinha Rosa de Sharon, andando com passinhos curtos, cuidadosos. Tomaram lugar atrás dos homens acocorados, de pé, com as mãos nas ancas. E as crianças-Ruthie e Winfield- andavam aos saltinhos diante delas; distraíam-se, metendo os pés na poeira vermelha, mas não diziam nada. Sómente o pregador se não encontrava ali presente. Por delicadeza, fora sentar-se no chão, atrás da casa. Era um bom pregador, e conhecia aquela gente.

A luz da tarde tornara-se mais branda, e, por alguns instantes, a família manteve-se calada. Depois, o pai, não se dirigindo a ninguém em especial, mas ao grupo todo, fez o seu relatório.

-Fomos comidos com a venda dessa trapalhada. Aquele bandido sabia que a gente não podia esperar. Não conseguirmos mais de dezoito dólares por tudo.

A mãe esboçou um gesto de indignação, mas dominou-se. Noali, o filho mais velho, perguntou: _ Quanto dinheiro temos ao todo?
O pai desenhava garatujas na poeira e murmurou para si qualquer coisa de ininteligível.

-Cento e cinquenta e quatro -disse. -Mas aqui o AI diz que temos de comprar pneus melhores. Ele acha que estes aqui não vão aguentar muito tempo.

Esta era a primeira conferência em que AI tomava parte. Dantes, ele ficava sempre atrás, junto das mulheres. E assim. a sua informação revestiu-se de solenidade:

-Esta geringonça que nós temos é velha e bem ordinária -disse com gravidade... -Examinei-a antes de a termos comprado. Nem prestei atenção ao sujeito que dizia que era um veículo bom, perfeito. Meti o dedo no diferencial e não havia limalha nele. Também não havia limalha na en-

grenagem. Experimentei o travão e fiz girar as rodas. Também me meti por baixo e verifiquei que o chassis estava em ordem. Vi que a bateria tinha uma pilha partida, mas fiz com que o tipo a substituísse por outra. Os pneus não valem um caracol, naturalmente, mas são de bom tamanho. Podem substituir-se fãcilrriente em qualquer parte. Vai balançar que nem um barco, mas não gasta muito óleo. Comprei-o porque era um camião bom para essas estradas Os cemitérios de automóveis estão cheios de Hudsons Super-Sixes e a gente pode comprar peças baratas. Pelo mesmo dinheiro, podia ter-se comprado um carro maior e mais elegante, mas, depois, as peças seriam mais difíceis de arranjar e mais caras. Por isso, eu pensei: o melhor é a gente comprar este mesmo.-Esta sua observação

103

era uma forma de submissão à autoridade da família. Ficou calado, à espera da opinião dos mais velhos.

O avô era ainda o cabeça da família, mas já não tinha voz ,activa. Era urna peça honorária, uma obediência à tradição. Porém, tinha o hábito de se manifestar primeiro, por mais atontado que estivesse. E os homens acocorados e as mulheres de pé estavam à espera que ele falasse.

-Fizeste bem, AI-disse o avô.-Eu também já fui um rapazola brincalhão como tu, mas, quando se tratava de alguma coisa séria, eu sabia ser sério. Tu agora estás um homem, AI. Muito bem.

O velho terminou num tom de quem abençoava, e AI corou de satisfação.

A seguir, falou o pai: -Também me parece que foi bem resolvida esta história do carro. Se se tratasse de cavalos, a gente não precisava de meter nisto o AI, mas AI é o único que percebe de automóveis.

E depois, Tom: -Eu também percebo um pouco disso. Trabalhei com carros em MacAlester. O AI tem razão. Fez o que devia.-AI, agora, estava todo vermelho de prazer. Tom continuou:-Eu queria dizer ainda... bem... se o reverendo... ele quer vir connosco. -Ficou calado; as suas palavras caíram no meio dos homens e das mulheres, e todo o grupo permaneceu calado.-Ele é bom sujeito. -acrescentou Tom.-A gente já o conhece há muito tempo. Às vezes é um pouco extravagante, mas só diz coisas inteligentes.-E, com aquelas frases, estava a proposta apresentada à família.

A luz desaparecia aos poucos. A mãe deixou o grupo e entrou em casa, da qual em breve chegava aos homens o bater das tampas de ferro do fogão. Um instante depois, ela estava de volta à reunião em que toda a gente meditava. O avô disse:

-A coisa pode encarar-se por dois lados. Antigamente todos diziam que um pregador dava azar.

Tom retorquiu: -Mas ele diz que já não é pregador.

O avô agitou a mão num gesto de vaivém: -Quem uma vez foi pregador, será sempre pregador. Disso podem vocês estar certos. Mas também muita gente dizia antigamente que era bom ter um pregador sempre connosco. Quando alguém morre, pode ele fazer o enterro. Quando alguém casa, lá está o pregador. Quando nasce uma criança, é o pregador quem a baptiza. Eu sempre disse que há pregadores e pregadores. E só saber escolher o que presta. E este aqui, até eu gosto dele. Não é nada burro.

O pai enfiou o gravato que tinha na mão debaixo de um

montículo de poeira e ficou a girá-lo entre os dedos, abrindo um pequeno túnel.

-Não se trata de saber somente se ele traz sorte ou azar -disse lentamente.-Precisamos de fazer os cálculos. É o diabo quando a gente precisa de fazer cálculos assim tão apertados. Ora vamos a ver: estão aí o avô, a avó, são duas pessoas. E eu, o John e a mãe... são cinco, E Noah e Torrance e Al, são oito. E Rosasharn e Connie, são dez. E a Ruthie e o Winfield, são doze. E também temos de levar os cães. Senão, que é que vamos fazer deles? Não se pode dar um tiro num bom cão, e por aqui não há ninguém a quem os dar. Então, são catorze ao todo.

-Não contando com as galinhas e os dois porcos-disse Noali. Mas o pai sugeriu: -Acho melhor a gente salgar os dois porcos para a viagem. Vamos precisar de carne. E, assim, só temos que levar as barricas de carne salgada. Mas a questão é saber se nós todos cabemos no caminhão, nós e o pregador também. E se podemos dar comida a mais uma pessoa.- Sem virar a cabeça, perguntou à mulher: -Achas que podemos?

A mãe respirou profundamente: -A questão não é saber se podemos; a questão é saber se queremos-disse com firmeza. -Quanto a poder, acho que não podemos nem ir para a Califórnia nem para outro lado qualquer. Mas, quanto a querer, a gente, querendo, faz o que pode. E, por falar nisso, vivemos aqui muitos anos e nunca ninguém disse que um Joad ou um Wazlet recusasse comida, tecto ou transporte a alguém necessitado. Houve Joads maus, mas não tanto como isso.

O pai interrompeu-a: -Mas, se não houver lugar para ele?-Virara a cabeça para olhar para ela e estava envergonhado por causa do tom da mulher. -Se a gente não couber toda no carrão?

-Nem agora há lugares que cheguem, com ele ou sem ele -replicou ela.-O caminhão só dá bem para seis pessoas, e são doze, pelo menos, que têm de viajar dessa maneira. Uma pessoa a mais não faz diferença, e um homem forte e saudável nunca é demais. De qualquer maneira, a gente, tendo dois porcos, e mais de cem dólares, não deve ficar a pensar se pode sustentar mais uma pessoa...-Ela interrompeu-se e o pai sentiu-se, mortificado com aquela lição. Tinha sido vencido.

E a avó comentou: -É uma coisa bonita termos um pregador na nossa companhia. Ele fez uma bonita reza, hoje de manhã.

O pai olhou o rosto de cada um dos presentes, à espera de qualquer protesto e depois disse:

-Chama-o para aqui, Tommy. Se ele for, deve estar aqui junto de nós.

Tom levantou-se e dirigiu-se para casa, gritando:

-Casy! Ó Casy! Uma voz abafada respondeu detrás da casa. Tom foi até ao canto da construção e viu o pregador sentado, encostado à parede, mirando a estrela da tarde no céu luminoso.

-Chamou? -perguntou Casy. -Sim. já que o senhor vem com a gente, é melhor vir para o pé de nós e ajudar a combinar a viagem.

Casy ergueu-se. Ele conhecia os regulamentos de família e viu que ti-

nha sido admitido nesta e com uma posição elevada, pois que o tio John se afastava para o lado, a fim de lhe dar lugar no conselho, entre a sua pessoa e a do pai de Tom. Casy também se acocorou como os outros, em frente do avô, que estava entronizado no estribo do caminhão.

A mãe tornou a entrar em casa. Ouviu-se o riscar de um fósforo e logo a luz amarela, fraca de uma lanterna iluminou a cozinha escura. Quando ela ergueu a tampa do panelão, o odor excitante da carne cozinhada com legumes espalhou-se através da porta aberta. Esperaram que a mãe regressasse ao quintal cada vez mais escuro, pois que a mãe tinha posição de rel(@vo na reunião.

O pai continuou: -Precisamos de combinar o dia da partida. Quanto mais cedo, melhor. O que a gente tem de fazer antes, é matar e salgar os porcos e embrulhar as nossas coisas. Agora, quanto mais depressa, melhor.

Noah concordou: -Se a gente se apressar, podemos. terminar tudo amanhã mesmo e partir depois de amanhã.

Mas o tio John não foi do mesmo parecer: -Um dia não dá para a carne esfriar. Agora não é época de matança. E a carne vai-se estragar, se não esfriar bem.

-Bom, então vamos matar os porcos esta noite mesmo. Já haverá mais tempo para a carne esfriar. Vamos comer e começar depois. Há sal suficiente?

-Há sim. E temos também duas boas barricas. -Bem, então é só começar- disse Tom.

O avô começou a querer agarrar-se a qualquer coisa que lhe servisse de apoio para se erguer do estribo.

-Está a escurecer- disse. -E estou com fome. Quando a gente chegar à Califórnia, vou ter cachos de tivas nas mãos para comer quando quiser, sim senhor. -Levantou-se e os homens irrútaram-no. Como dois maluquinhos, Ruthie e Winfield saltitavam alegres na poeira. Ruthie sussurrou numa voz rouca:

-Matar porcos e ir para a Califórnia. Matar porcos e ir para a Califórnia...

-o6

Winfield estava louco de alegria. Meteu os dedos nagarganta, fez uma careta terrível e começou guinchando debilmente e aos tropeções:

-Eu sou um porco velho. Olhem. Eu sou um porco velho. Olha o sangue, Ruthie!-E cambaleou e caiu no chão, agitando molemente os braços e as pernas.

Mas Ruthie era mais velha e já compreendia a seriedade da situação.

-E ir para a Califórnia- disse ela, outra vez. E sabia que era esse o momento mais importante da sua vida.

Os adultos foram andando em direcção à cozinha iluminada, na escuridão crescente do crepúsculo, e a mãe serviu-lhes carne e hortaliça em pratos de estanho. Mas, antes que ela própria com,esse, colocou sobre o fogão a grande banheira redonda para aquecer água. Carregou baldes e baldes de água até encher a banheira, e, depois, colocou baldes cheios

de água à volta dela. Meteu mais lenha no fogão, para alimentar as chamas. A cozinha em breve ficou quente e cheia de vapor de água. Toda a família comeu à pressa. Depois, saíram para o terreiro, e ficaram à espera que a água fervesse. Olhavam para a escuridão, contemplando o quadrilátero de luz que a cozinha iluminada projectava na noite e no meio da qual se desenhava a sombra recurvada do avô. Noah limpava os dentes com uma palha. A mãe e Rosa de Sharon lavaram os pratos e empilharam-nos sobre a mesa. E, de repente, lançaram-se todos ao trabalho. O pai trouxe outro lampião e acendeu-o. Noah tirou de uma gaveta da cozinha uma faca curva e aguçada usada nas matanças, e começou a afiá-la numa pedra de amolar gasta e pequena. Colocou a raspadeira sobre o cepo e pôs a faca ao lado. O pai trouxe dois paus tortos, de três pés de comprimento cada um, afiou-lhes as extremidades com a machadinha e amarrou-os uns aos outros a meio, com cordas resistentes de dupla meia volta.

Pôs-se então a murmurar: -Não se deviam ter vendido os varais todos. A água na panela fervia e borbulhava. -Vamos trazer os porcos para aqui, ou levamos a água para lá? -perguntou Noah.

-Trazemos os porcos para aqui-disse o pai.-Aqui a gente pode escaldá-los melhor. A água está pronta?

-Está a ferver-disse a mãe. -Bom. Noah, tu, o Tom e o AI, venham daí. Eu levo a luz. Vamos matá-los lá e depois trazemo-los para aqui.

Noah pegou na faca; AI, na machadinha, e os quatro homens caminharam em direcção ao chiqueiro; o lampião iluminava-lhes frouxamente as pernas. Ruthie e Winfield corriam e saltavam por ali. À porta do chiqueiro, o pai debruçou-se sobre a cerca, segu-

107

rando o lampião. Os porcos, sonolentos, puseram-se de pé com esforço, grunhindo, desconfiados. O tio John e o reverendo Casy chegavam, dispostos a ajudar.

-Bem, vamo-nos a eles-disse o pai.-A gente mata-os aqui e deixa escorrer o sangue; depois, escaldamo-los em casa.

Noah e Tom saltaram a cerca. Fizeram o serviço rápida e eficientemente. Tom desferiu dois golpes com o gume rombo da machadinha e Noah, debruçando-se sobre os animais atordoados, sangrou-os, rasgando-lhes a veia com a faca curva e deixando que o sangue escorresse em liberdade; depois arrastaram os dois porcos, que guinchavam medonhamente, para fora, erguendo-os sobre a cerca. O pregador e o tio John arrastaram um dos porcos pelas pernas traseiras e Tom e Noah fizeram o mesmo ao outro.

O pai iluminava o caminho com a lanterna e o sangue negro traçou dois carreiros no pó.

Chegados a casa, Noah enfiou a faca entre o tendão e os ossos das pernas traseiras; as varas aguçadas mantinham as pernas bem afastadas uma da outra; pouco depois, os porcos estavam pendurados nos caibros, do lado de fora da casa. Os homens trouxeram da cozinha a panela da água a ferver e despejaram-na sobre os corpos negros dos animais. Noah abriu-lhes as barrigas de alto a baixo e extraiu-lhe as entranhas, deixando-as cair no chão.

O pai aparou mais dois paus para manter os corpos bem abertos, enquanto Tom, com a raspadeira, e a mãe, com uma faca sem ponta, lhes raspavam os pêlos. AI trouxe um balde e juntou nele as entranhas dos dois

porcos e deitou-as para o mato, longe de casa. Dois gatos seguiram-no, miando, e os cães também lhe foram na cola, rosnando sumidamente por causa dos gatos.

O pai, sentado nos degraus da porta, olhava os porcos pendurados no terreiro, à luz da lanterna. A raspagem já tinha terminado, e apenas algumas gotas de sangue continuavam a cair das ,ra que se formara no chão. O pai ergueu-se, carcaças na poça neg abeirou-se dos porcos e pôs-lhes a mão, a ver como estavam; tornou depois a sentar-se no mesmo lugar. O avô e a avó iam a caminho do celeiro para dormir; o avô levava uma vela na mão. Os restantes quedaram-se em volta da porta, Connie, Al e Tom, no chão, encostados à parede da casa; o tio John sentado num caixote e o pai no limiar da porta. Sómente a mãe e Rosa de Sharon ainda andavam atarefadas. Ruthie e Winfield lutavam contra o sono. Noah e o reverendo acocoraram-se lado a lado, em frente da casa. O pai coçava-se nervosamente; tirou o chapéu e passou os dedos pelos cabelos.

-Amanhã, bem cedo, vamos tratar de salgar a carne de porco e depois carregamos o camião; só deixamos de fora as camas e, depois de amanhã, partimos, hein? Com um dia de trabalho, faz-se tudo-disse excitado.

.r 08

Tom interveio: -Vamos ficar, então, todo o dia sem fazer nada... -O grupo agitava-se desassossegado. -A gente podia terminar tudo até de madrugada e partir depois -acrescentou Tom.-O pai esfregou o joelho com a mão. O desassossego comunicava-se a todos.

Noali. disse: -Talvez a carne se não estragasse se a metêssemos já no sal. É cortá-la, que arrefece mais depressa.

Foi o tio John quem, incapaz de se conter por mais tempo, agarrou a ocasião pelos cabelos:

-Para que andamos nós aqui a perder o tempo? O melhor é acabar com isto. Se temos de ir, porque é que não vamos o mais depressa possível?

O espírito revolucionário comunicou-se aos outros. -Sim, porque não Vamos? Podemos dormir pelo caminho. Um sentimento de pressa dominava-os a todos.

O pai disse: -Dizem que são duas mil milhas. É uma caminhada longa como o diabo. A gente tem de ir. Noah, tu e eu vamos cortar a

carne e depois carregamos o caminhão.

A mãe assomou à porta: -E se nos esquecermos de alguma coisa? Não se vê nada nesta escuridão.

-A gente pode verificar tudo ao romper do dia-disse Noah. Então ficaram todos silenciosos a pensar no caso. De repente, Noali ergueu-se e começou a amolar a faca de lâmina curva na pedra gasta.

-Desembarace a mesa, mãe.-E foi-se a um dos porcos; rasgou-lhe as costas, junto da espinha, de ponta a ponta, e começou a separar a carne das costelas.

O pai levantou-se, excitado: -Temos de reunir as coisas -disse. -Vamos, gente! Agora, que estavam decididos a partir, a pressa comunicava-se a todos. Noali. levou os pedaços de carne para a cozinha e cortou-os para os salgar. A mãe passou-os pelo sal e colocou-os lado a

lado, nas barricadas, com cuidado, para que os pedaços não ficassem em contacto uns com os outros; dispôs-os como tijolos e encheu de sal os intervalos que os separavam. Então Noali cortou a carne dos lados e as pernas. A mãe alimentou o lume do fogão e, à medida que Noali ia limpando de carne as costelas, a espinha e os ossos das pernas o melhor que podia, ela ia pondo no fogão esses ossos a assar para se roerem os pedaços de carne que tinham ainda agarrados.

No pátio e no celeiro moviam-se os círculos luminosos das lanternas, e os homens juntavam todos os objectos que iriam levar na viagem e empilhavam-nos ao lado do caminhão. Rosa de

109

Sharon trouxera para fora todas as roupas que a família possuía: os fatos-macacos, os sapatos de sola grossa, as botas de boi-racha, os fatos melhores, os sweaters, e os casacos de pele de carneiro. Meteu todas essas coisas bem apertadas dentro de um caixote, e, saltando para dentro dele, pisou tudo muito bem, para arranjar mais espaço. Depois, trouxe os vestidos de fantasia, os chales, as meias pretas de algodão, as roupinhas das crianças -macaquitos e vestidos de chita; meteu tudo no caixote e pisou tudo muito bem outra vez.

Tom foi ao depósito de ferramentas e trouxe todos os utensílios que valia a pena levar-um serrote, uma colecção de chaves de parafusos, um martelo, um sortimento de pregos de diversos tamanhos, dois alicates, uma lima plana e dois limatões redondos.

Rosa de Sharon trouxe para fora um grande rolo de lona * desenrolou-o no chão, atrás do carro. Teve dificuldade em cruzar * porta com os colchões, três colchões de casal e um de pessoa só. Empilhou-os sobre a lona e trouxe depois braçadas de velhos cobertores dobrados e pô-los também uns por cima dos outros.

A mãe e Noah afadigavam-se à volta das carcaças dos porcos; da cozinha vinha o cheiro da carne agarrada aos ossos que a mãe pusera a assar no forno. As crianças tinham adormecido alta noite. Winfield dormia enrodilhado na poeira em frente da porta e Ruthie, sentada num caixote da cozinha, aonde fora ver esquarterar o porco, de cabeça encostada à parede. Respirava tranquilamente e tinha os lábios ligeiramente entreabertos.

Tom acabou de arrumar as ferramentas e entrou na cozinha com a lanterna na mão, seguido do reverendo Casey.

-Deus do céu!-exclamou ele.-Que cheiro formidável! E oiçam como ela crepita!

A mãe achava-se ainda ocupada em colocar os pedaços de carne nas barricadas; cobria de sal todas as camadas enchendo bem corria ele os espaços vazios, entre cada uma delas; punha-lhes bastante sal e apertava-as bem contra o fundo da barrica. Levantou a vista para Toni e sorriu-se ligeiramente, mas os seus olhos, esses, estavam cansados e sérios.

-É bom a gente ter ossos de porco para o almoço -disse ela.
O pregador aproximou-se: -Deixe-me salutar essa carniça-dissse ele.-Eu sei fazer isso. E a senhora tem outras ocupações.

Ela interrompeu o trabalho e lançou um olhar singular ao pregador, com-lo se este tivesse sugerido algo de extraordinário. As palavras dela estavam salgadas de sal molhado e avermelhadas pelo sangue da carne.

ne fresca.

Não, isto é trabalho de mulher-disse, fiiial-tiente. -E ti-@iballio-rcpl'lcoll o pregador,-Flá ii,-,ito que fazer, para estabelecer diferença. @,,Ls entre trabalho de homem e de mullici-.

110

A senhora tem muitas outras coisas a resolver. Deixe, que eu salgo esta carne.

Durante mais alguns segundos, ela encarou-o e depois deitou um balde de água numa pequena bacia de folha de lavar as mãos e começou a lavar-se. O pregador pegou nos pedaços de carne de porco e foi deitando sal sob as vistas dela. Colocava-os na barrica, tal como, ela fizera antes. Só depois de ver que ele acabava uma camada, procedendo exactamente como ela, é que se sentiu tranquila. Então enxugou as mãos ásperas e vermelhas.

-Mãe, que é que a gente vai levar daqui da cozinha?perguntou Tom.

Ela olhou rapidamente em volta. -O balde- disse. -Tudo o que for preciso para comer: pratos, copos, colheres, garfos e facas. Põe tudo na gaveta e leva-a para o caminhão. E também aquela frigideira, a chaleira e a cafeteira. E, quando a grelha esfriar, tira-a do fogão. Podemos precisar dela, quando fizermos carne assada. Por mim, também levava a tina, mas acho que já não há lugar. Vou ter de lavar a roupa no balde. As outras coisas nem vale a pena levá-las. Pode-se cozinhar coisas pequenas em vasilhas grandes, mas não se pode cozinhar coisas grandes em vasilhas pequenas. O que convém é levar todas as formas do pão. Cabem umas dentro das outras. -Ficou parada, a olhar deinoradamente a cozinha. -Bom, Tom, traz as coisas que te disse. Eu vou ver o resto, a lata grande da pimenta, o sal, a noz-moscada e o ralador. Pegou numa lanterna e carmi-thou pesadamente para o quarto de dormir; os seus pés nus não produziam som algum ao pisar o chão.

O pregador disse: -Parece que ela está cansada.

- As mulheres andam sempre cansadas-disse Tom.-São assim mesmo. Só não se cansam quando estão no culto.

-Sim, mas ela está demasiado cansada. Como se estivesse doente até.

A mãe ainda não tinha fechado a porta atrás de si, por isso, ouvira aquelas palavras. Lentamente, o relaxamento dos músculos das suas faces sumiu-se, para dar lugar à antiga expressão de energia. Os olhos brilhavam-lhe e os ombros endireitaram-se. Lancou um olhar ao quarto nu. já não havia nada ali dentro, a não ser trastes sem o menor valor. Os colchões, que haviam sido postos no chão, já tinham sido levados para fora. As mesas tinham sido vendidas. Via-se um pente quebrado c@ído no chão; ao lado, unia caixa de pó de talco -vazia e um rpon-tículo de fezes de rato. Ela colocou a lanterna no clião. Met(,u a inão por detrás de um caixote que servira de cadeira e tirou de lá uma caixa de papel de escrever, já bastante velha e suja e quebrada nos cantos. Sentou-se e abriu a caixa. Lá dentro liavia cartas, recortes, fotografias,

um par de brincos, um anel de ouro, pequeno, de sinete, uma corrente de relógio feita de cabelos entrançados e entremeados de fios de ouro. Pegou nas cartas com os dedos, tocou-as ao de leve e alisou um recorte de jornal que tratava do julgamento de Tom. Segurou durante algum tempo a caixa, olhando-a; depois os seus dedos espalharam o maço de car-

tas e tornaram a ordená-lo. Mordeu o lábio inferior, pensativa, recordando coisas. E, por fim, tomou uma decisão. Tirou da caixa o anel, a corrente de relógio, os brincos, meteu a mão por baixo do maço de coisas e achou o elo de urna pulseira de ouro. Tirou uma carta de um sobrescrito e pôs todos esses pequenos objectos no sobrescrito. Fechou-o e guardou-o no bolso do vestido. Depois, delicada, ternamente, tornou a pôr a tampa na caixa, e acariciou-a com dedos subtis. Os seus lábios entreabriram-se. Em seguida, levantou-se, pegou na lanterna e voltou à cozinha. Ergueu uma das tampas de ferro do fogão e enfiou, devagar a caixa para dentro do braseiro. Depressa o calor chamuscou a caixa de papelão. Tornou a fechar o fogão e imediatamente o fogo espirrou, tomando posse da caixa. Uma chama viva envolveu-a.

Fora, no terreiro escuro, trabalhando à luz de uma lanterna, o pai e AI carregavam o caminhão. As ferramentas por baixo de tudo, no entanto, fáceis de localizar para o caso de avaria do motor. Depois, os caixotes com as roupas e os utensílios de cozinha num saco de juta; a seguir, o caixote com os pratos e os talheres. Depois, o cântaro atado atrás. Esforçavam-se por tornar esta base do carregamento tão nivelada quanto possível, enchendo os vãos com cobertores enrolados. Depois, cobriram tudo com os colchões e assim ficou cheio todo o fundo do caminhão. Finalmente, estenderam a lona por cima da carga e AI fez buracos nas extremidades, à distância de dois pés uns dos outros, enfiou-lhes pequenas cordas e atou-as às barras laterais do veículo.

-Agora, se chover-disse ele-podemos amarrar a lona nas barras de cima e nós ficamos debaixo sem nos molharmos. Quem for à frente, ficará bem abrigado.

E o pai aplaudiu: -É uma boa ideia. -Ainda não é tudo-disse AL-Assim que puder, compro uma prancha e faço dela um mastro e coloco-lhe em cima o encerado. Assim, não apanharemos sol.

E o pai tornou a dizer:

- É uma boa ideia, Mas, porque é que tu não pensaste logo nisso ?

-Não tive tempo.

- X ão tiveste tempo @? Mas para andar por aí a vadiar, tiveste tempo. Deus sabe por onde andaste estas duas semanas.

112

-A gente tem de tratar de muita coisa quando se despede da sua terra-disse AI. Depois perdeu um pouco da sua firmeza. -Pai - perguntou - o senhor está satisfeito por nos irmos embora ?

- Hein? Sim... naturalmente. Pelo menos, assim me parece. A vida aqui não foi nada fácil. E lá na Califórnia, vai ser tudo diferente... há muito serviço para se ganhar dinheiro, e lá tudo é verde e bonito e as casas são branquinhas e cercadas de laran? '

jeiras. -É verdade, que há lá laranjeiras por toda a parte? -Bom, talvez não seja por toda a parte, mas em quase todos os lugares, há, isso de certeza.

O prirrieiro véu cinzento da madrugada surgiu e espalhou-se pelo céu. O trabalho já estava feito: ao carne salgada e os galinheiros prontos para irem no cimo do camião. A mãe abriu o forno e tirou os ossos de porco, que tinham bastante carne e carne bem assada e apetitosa. Ruthie estava meio acordada; depois, escorregou do caixote e adormeceu de novo. Mas os adultos estacionavam junto da porta, a tremere de

frio e a roerem os ossos de porco tostados.

-Acho que devemos acordar o avô e a avó-disse Tom. -Vamos partir logo que seja mais dia.

A mãe opinou: -É melhor acordá-los só no fim. Eles precisam de descansar. E também a Ruthie e o Winfield não dormiram convenientemente.

-Bem, eles podem dormir em cima da carga, depois-disse o pai.-Aquilo está muito bem preparado.

De repente, os cães ergueram-se da poeira e ficaram à escuta, de orelhas espetadas. Depois, latindo raivosamente, lançaram-se na escuridão.

-Que diabo é isto agora? -perguntou o pai. Um instante depois ouviram uma voz que procurava apaziguar os cães e os latidos enfraqueceram. Soaram passos e então um homem surgiu diante deles. Era Muley Graves, com o chapéu muito puxado para os olhos.

Aproximou-se timidamente: -Bom dia, gente!-disse. -Mas é o Muley!- exclamou o pai, fazendo um gesto de saudação com a mão, que ainda segurava o osso.-Entra, Muley, e come qualquer coisa com a gente.

-Não, obrigado-disse Muley.-Não tenho fome. -Ora, deixa-te disso, Muley. Toma lá!-E o pai entrou em casa e trouxe de lá uma mão-cheia de costeletas.

-Não vim para comer do que é vosso-disse ele-Passei por aqui, e então lembrei-me de ver como estavarrri todos e de me despedir.

8 -v. r.

113

@ -Daqui a pouco vamos partir-disse o pai.-Se tivesses vindo daqui a uma hora, já não encontravas ninguém. Está tudo pronto para a viagem, vês?

-Tudo pronto.-Muley olhou para o caminhão carregado. -Às vezes, também tenho vontade de ir à procura da minha gente.

A mãe perguntou: -Tu não tiveste notícias deles lá da Califórnia? - Não-disse Muley.-Não tenho notícias nenhuma. Mas talvez seja porque nem fui ao correio saber se tinha alguma coisa. Qualquer dia tenho de lá ir.

O pai disse: -AI, vai acordar o avô e a avó. Dize-lhes que venham comer. Daqui a bocadinho vamos partir.-E, quando AI já ia em direcção ao celeiro, o pai virou-se para o recém-chegado: -Muley, se tu quiseres, podes vir com a gente. Há-de arranjar-se mais um lugarzinho.

Muley deu uma dentada numa das costeletas e ficou-a mastigar a carne.

-As vezes, sinto vontade de ir. Mas sei que nunca irei-disse.-No último instante, desapareço que nem um fantasma.

Noah disse: -Aqui no campo acabas por esticar o pernil qualquer dia, Muley.

-Eu sei. já pensei nisso também. Às vezes sinto-me sózinho que nem o diabo, e isso não me custa nada; até gosto. Não tem importância. Mas,

se falarem lá com a minha gente na Califórnia, digam-lhe que estou bem. Digam-lhe que passo bem. Não lhes contem como eu vivo aqui. Digam-lhe que vou ter com eles assim que arranjar dinheiro.

A mãe perguntou: -Mas sempre vais, Muley? -Não-disse Muley, brandamente. -Não quero, nem posso sair daqui. Agora tenho de ficar por aqui. Há pouco tempo, ainda seria capaz de ir. Agora já não. Uma pessoa começa a matutar e acaba por saber o que quer. Nunca irei para a Califórnia.

A luz da alvorada, agora mais viva, empalidecia a das lanternas. AI voltara e, ao lado dele, agitado e coxeando, vinha o avô.

-Ele não estava a dormir-disse AL-Estava sentado no chão, atrás do celeiro. Acho que lhe aconteceu qualquer coisa.

Os olhos do avô, baços, não reflectiam aquela antiga maldade que lhe era peculiar.

-Não tenho nada-disse ele.-Já não quero ir. -Não vem?-perguntou o pai.-Que é que o senhor quer dizer com isso? Mas a gente já arrumou tudo. Temos de ir. já não temos onde ficar.

114

-Eu não disse para vocês ficarem-disse o avô.-Vocês podem ir à vontade. Eu é que fico. Estive quase toda a noite a pensar nisso. A minha terra é esta. Eu sou daqui. E tanto se me dá que as laranjas e as uvas por lá até caíam na cama de uma pessoa como não. Não vou. Esta região não presta, mas é a minha terra. Vão vocês. Eu fico aqui na terra a que pertença.

Reuniram-se todos em volta do avô. O pai disse: -Não pode ser, avô. Os tractores vão ocupar estas terras. Quem é que há-de cozinhar para si? Como é que o senhor vai viver? Não pode ficar aqui. Sem ninguém que tome conta de si, vai morrer de fome.

O avô gritou: -Que diabo! Eu sou um velho, mas ainda posso tomar conta de mim! O Muley como é que se arranja? Posso tratar tão bem de mim como ele. Já lhes disse que não vou. Agora peguem-lhe com um trapo quente. Podem levar a avó, se quiserem, mas a mim é que ninguém me arranca daqui. E acabou-sel

-Mas escute, avô-disse o pai desalentado. -Escute só um instantinho.

-Não tenho nada que escutar. já disse o que tenciono fazer. Tom tocou no ombro do pai. -ó pai, vamos lá dentro. Quero dizer-lhe uma coisa.E, quando iam direitos a casa, chamou:

-Mãe, venha cá um momentinho, sim? Uma lanterna iluminava a cozinha e o prato de costeletas estava bastante cheio ainda. Tom disse:

-Olhe, eu sei que o avô tem o direito de dizer que não quer ir com a gente, mas ele não pode ficar. É uma coisa que toda a gente sabe.

-Claro que não pode ficar-disse o pai. -Olhe, eu pensei o seguinte: se a gente o agarrar e o amarrar à força, podemos magoá-lo, ou ele fica tão danado que se magoa a si mesmo. Também não adianta estar a discutir com ele agora. Mas, se se embebedar, muda de ideias. O senhor tem wllisky, pai?

-Não-disse o pai.-Nern uma gota...-O John também não tem. Quando não bebe, é porque não tem whisky.

A mãe disse: -Tom, eu tenho meia garrafa daquele remédio calmante que comprei para o Winfield, quando ele tinha aquela dor de ouvidos. Talvez sirva. O Winfield, mesmo com muitas dores, dormia logo que tomava aquilo.

-Quem sabe?-aventurou Tom.-Não custa nada a gente experimentar. Traga-o lá.

-já deitei a garrafa ao lixo-disse a mãe.-Pegou na lanterna e saiu, e, um momento depois, voltou com a garrafa de remédio cheia até metade, de um líquido escuro.

115

Tom tirou-lha das mãos; desarrolhou-a e bebeu um gole. -Não tem mau gosto -disse. -Faça uma chávena de café forte. Deixe ver... Aí diz para se tomar uma colher de chá. Mas é melhor a gente deitar mais, lo menos, duas colheres de sopa.

A mãe tirou a tampa do rCgão e pôs-lhe dentro uma chaleira, mesmo em cima das brasas, e deitou-lhe água e café.

-Tem de tomar o café numa lata de conserva vazia-disse. -As chávenas já estão todas embrulhadas.

Tom e o pai tornaram a sair da cozinha. -A gente tem o direito de falar naquilo que tenciona fazer. Eh lá, quem é que está a comer costeletas? -disse o avô.

-Fomos nós-disse Tom.-A mãe está a preparar uma chávena de café para si e também lá tem carne de porco.

O avô entrou, bebeu o café e comeu a carne de porco. O grupo, lá fora, na claridade crescente, ficou a vigiar-lhe os movimentos, através da porta aberta. Viu-o bocejar, cambaleiar um pouco, estender em seguida os braços sobre a mesa, inclinar a cabeça e adormecer profundamente.

-Estava cansado-disse Tom.-Deixem-no agora... Estava tudo pronto. A avó, um tanto atordoada e estranha, perguntou:

-Que é isto, afinal de contas? Que é que vocês todos andam aqui a fazer tão cedo! ?

Mas ela estava vestida e com bom aspecto. E Ruthie e Winfield estavam também acordados, mas ainda se mantinham quietos, devido aos efeitos do cansaço, e a um estado de semiadormecimento. A claridade espalhava-se rapidamente sobre os campos. O vaivém da família cessara. Ali estavam todos, sem coragem para esboçar o primeiro movimento de abalada. Agora, que chegara a hora, estavam todos com medo... sentiam o mesmo temor que se apossara do avô. Viram o alpendre tomar forma contra a luz e viram as lanternas empalidecerem a ponto de o facho amarelo que projectavam se desfazer por completo. As estrelas sumiam-se umas atrás das outras, para os lados do ocidente. E a família continuava no mesmo lugar, como um grupo de sonâmbulos, com os olhos mergulhados no vácuo, sem nada verem em pormenor, mas agarrados ao aspecto geral da madrugada, a toda a terra, ao conjunto panorâmico daquela região.

Sómente Muley Graves rondava sem descanso, olhando para o interior do caminhão, através das frestas do lado, batendo nos pneus de reserva, pendurados nas traseiras do veículo. Afinal, Muley aproximou-se de Tom:

-Tu vais passar a fronteira do Estado, hein? Vais quebrar a liberdade condicional.

Tom sacudiu o torpor que o dominara e disse em voz alta: -Je@us! já é quase dia claro! Temos de ir andando... -E os

116

outros também saíram daquela apatia que os acometera e foram andando em direcção ao caminhão.

-Venham-disse Tom.-Vamos buscar o avô.-O pai, o tio Jolin, Toni e AI entraram na cozinha, onde o avô dormia com a cabeça repousada nos braços. Na mesa escorria um fio de café. Seguraram-no pelas axilas e puseram-no em posição vertical; ele resmungou, praguejando com a voz entaramelada de um bêbedo. Arrastaram-no para fora e, ao chegarem junto do caminhão, Tom e AI subiram para o carro e, passando-lhe as mãos por debaixo dos braços, puxaram-no cuidadosamente para cima, depondo-o sobre a carga. AI desatou o toldo de lona e fizeram-no deslizar para baixo, colocando-lhe um caixote ao lado, para que o pesado toldo lhe não caísse sobre o rosto e lhe impedisse a respiração.

-Tenho de arranjar o tal mastro-disse AI-Vai ser esta noite, quando a gente parar para descansar.

O avô grunhiu qualquer coisa, mas, assim que se ajeitou na posição do costume, tornou a adormecer pesadamente.

O pai disse: -Mãe, tu e a avó vão um bocado ao lado do AI, no assento da frente. Depois, trocam-se os lugares; assim é mais fácil viajar. - As mulheres subiram para o assento do motorista e os outros treparam para a carrosserie: Connie e Rosa de Sharon, o pai, o tio Jolin, Ruthie e Winfield Tom e o pregador. Noali ficou em baixo, a olhar aquela carrada no alto do caminhão.

AI deu uma volta em torno do veículo, examinando as molas. -Deus do céu! -exclamou. -Estas molas estão frouxas como o diabo! Foi uma sorte eu deixá-las bem suspensas.

-E os cães, pai?-perguntou Noali. -Ai, que me ia esquecendo deles!- disse o pai. Deu um assobio agudo e um dos cães veio a correr. Noali pegou nele e atirou-o para cima; o animal deixou-se ficar rígido e trémulo, corria medo da altura.

-Os outros têm de ficar-disse o pai.-Muley, queres olhar por eles? Senão, morrem de fome.

-Pois não!-disse Muley.-Até fico satisfeito por ter dois cães comigo. Podes ficar descansado, que eu tomarei conta deles.

-Fica também com as galinhas-disse o pai. AI sentou-se no lugar do condutor. Calçou o arranque; o motor roncou, parou e tornou a roncar. Depois, ouviu-se o matraquear rítmico de seis cilindros e um fumozinho azul libertou-se do escape.

-Até mais ver, Muley-disse AI. E toda a família gritou: -Adeus, Muley!

AI engrenou em primeira e destravou. O caminhão estreme-

117

ceu e começou a rodar pesadamente pelo terreiro fora. E AI engrenou em se unda. Começaram a subir a pequena encosta e a poeira vernice ele-
vou-se atrás deles.

-Eia, pai, que carregamento tão pesado!-disse AI.-Assim, não vamos andar muito depressa, não!

A mãe tentou olhar para trás, mas a altura da carroserie impedia a visão. Endireitou a cabeça e pôs-se a observar, de olhos fixos, a estrada que se desenrolava à sua frente. E o seu olhar reflectia um imenso cansaço.

Os outros, que estavam na carroserie, puderam olhar para trás. Viram a casa e o celeiro e um ténue fio de fumo que se desprendia da chaminé. Viram as janelas tingirem-se de vermelho aos primeiros fulgores da manhã. Viram Muley com um ar de abandono, de pé, no limiar da porta, a acompanhá-los com o olhar. Depois, a colina encobriu tudo. Os campos de algodão marginavam a estrada. E o caminhão rodava vagarosamente, através da poeira, rumo a oeste.

CAPITULO XI

As casas, nos campos, tinham sido abandonadas, e os campos consequentemente, também haviam sido abandonados. Sómente nos depósitos dos tractores, cujas chapas onduladas brilhavam como prata polida, havia vida e esta vida era alimentada com metal, gasolina e óleo, enquanto os discos das charruas reverberavam ao sol. Os tractores tinham luzes brilhantes, visto que, para um tractor, não existe noite ou dia, e os seus discos de arar revolvem a terra na escuridão e luzem à claridade do dia. Quando um cavalo deixa de trabalhar e recolhe à cocheira, a vitalidade continua nele, há respiração e calor, e as patas pisam a palha caída, as mandíbulas trituram o feno e as orelhas e os olhos continuam a agitar-se. Um calor vital reina na cocheira: o calor * o cheiro da vida. Mas, quando o motor de um tractor suspende * sua actividade, tudo pára e tudo se torna morto como o metal de que o tractor é feito. O calor abandona-o, como o calor vital abandona o cadáver. E então as chapas onduladas fecham-se e o motorista do tractor vai para a cidade de onde veio, talvez a uma distância de vinte milhas e não precisa de voltar por semanas ou meses, pois que o tractor está morto. Isto assim é simples e cómodo: Tão simples, que a sensação de prodígio que o trabalho proporciona desaparece, tão eficiente, que a sensação de deslumbramento desan-arece também dos campos, daí resultando que se esquece a profunda compreensão que o homem possui da terra bem como a sua ligação com ela. E no motorista do tractor cresce, vai aumentando o desprezo, que só domina um estranho, que

.r13

não tem amor, nem sente a sua comunhão com a terra. E que a terra não é só o nitrato nem o fosfato, nem mesmo o tamanho que atinge a fibra do algodão. O homem não é sómente. carvão, sal, água ou cálcio. É tudo isto e também muitíssimo mais que o simples resultado da sua análise. O homem, que é mais do que a sua composição química, caminhando na terra, desviando a charrua de uma pedra, abaixando a rabiça do arado no intuito de poupar um rebento temporão, vergando os joelhos na terra para engolir a merenda-esse homem, que é mais que os elementos que o compõem, sabe também que a terra é mais que o simples resultado da sua

aná lise química. Mas o honiem da máquina, fazendo rodar um tractor morto através das terras que não ama nem conhece, apenas entende de química; desdenha da terra e desdenha de si próprio. Quando as portas de chapa ondulada se fecham, vai para casa e a sua casa nada tem que ver com a terra.

As portas das casas vazias pendem abertas; vão e vêm ao sabor do vento. Bandos de crianças saem das cidades para lhes quebrar as vidraças das janelas e procuram tesouros ocultos nas ruínas. Aqui está uma faca de lâmina partida. É uma coisa boa. E... olhem, cheira a ratos mortos aqui. Vejam o que o Whitey escreveu na parede. A mesma coisa escreveu ele na retrete da escola e o professor obrigou-o a raspar tudo.

Logo na noite que se seguiu ao êxodo daquela gente, os gatos, que andavam a caçar nos campos, regressaram e ficaram a miar às portas. E, como ninguém atendesse, os gatos penetraram nas casas vazias e percorreram, miando, os quartos desabitados. Depois, voltaram para os campos e, desde então, transformaram-se em gatos selvagens e passaram a caçar coatis e ratazanas e a dormir de dia nas cavidades do solo. Quando a noite chegava, os morcegos, que se haviam ocultado nos vãos das paredes com medo da luz do dia, esvoaçavam livremente nos quartos vazios e depois tornavam a ocultar-se nos cantos escuros e ali ficavam durante todo o dia, com as asas fechadas, de cabeça para baixo, entre o vigamento, e o cheiro da sua urina enchia as casas vazias.

Os ratos entravam e acumulavam provisões aos cantos, nas caixas e ao fundo das gavetas, nas cozinhas. E as doninhas entravam e caçavam os ratos, e as corujas pardas esvoaçavam, guinchando e tão depressa entravam como saíam.

Veio então um aguaceiro. O joio brotou nos degraus das portas, zona que outrora lhe fora proibida e a relva crescia por entre as varandas e as portas de entrada. As casas estavam abandonadas e as casas abandonadas ruem rapidamente, Começaram, pois, a abrir fendas nos revestimentos de madeira, a partir de buracos de pregos enferrujados. A poeira, acamando-se no chão,

119

era perturbada apenas pelas pegadas dos ratos, das doninhas e dos gatos.

Certa noite, o vento arrancou uma ripa, lançando-a ao chão. Outro golpe de vento penetrou na abertura deixada pela ripa, e arrancou mais três, depois, mais doze. O sol do meio-dia brilhou e lançou uma mancha doirada no pavimento, através do enorme buraco do tecto. Os gatos selvagens regressavam à noite dos campos, mas já não miavam nos degraus. Moviam-se como sombras de nuvens, que passam em frente da Lua, e esgueiravam-se para dentro dos quartos. E, nas noites de ventania, as portas batiam com estrondo nos umbrais e as cortinas esvoaçavam, esfarrapadas, de encontro às vidraças partidas.

CAPITULO XII

A estrada 66 é a rota principal das populações em êxodo. A estrada 66 - a longa faixa de cimento que corta as terras, ondulando para cima e para baixo, no mapa, de Mississipi a Bakersfield -atravessa as terras vermelhas e as terras pardas, galga as elevações, cruza as Montanhas Rochosas, penetra no luminoso e terrificante deserto e, cruzando este, torna a entrar nas regiões montanhosas até alcançar os férteis vales da Califórnia.

A 66 é o caminho de um povo em fuga, a estrada dos refugiados das terras da poeira e do pavor, do trovejar dos tractores, dos proprietários assustados com a invasão lenta do deserto pelas bandas do norte e com os ventos que vêm ululando aos remoinhos do lado do Texas, com as inundações que não traziam benefícios às terras e ainda acabavam com o pouco de bom que ainda possuíam. De tudo isso os homens fugiam e encontravam-se na estrada 66, vindos dos caminhos tributários e das estradas sulcadas de calhas e de marcas fundas de rodas, que cortavam todo o interior. A 66 é a estrada-mãe, a estrada do êxodo.

Clarksville e Ozark e Van Buren e Fort Smith na estrada 64, e aí finda o Arkansas. E todos os caminhos vão dar a Oklahoma City-a estrada 66, que desce de Tulsa, a 2-o, que vem de MacAlester, a 81, de Wichita Falls, ao sul, de Enid, ao norte. Edmond, McCloud, Purcell. A 66, à saída de Oklalioma City, El Reno e Clinton vão dar, a oeste, à 66. Hydro, Elk City e Texola, e eis o fim de Oklahoma. A 66, através do Cabo de Frigideira do Texas. Shanirock e McLean. Conway e Amarillo. Wildorado, Vega e Boise, e chega-se ao fim do Texas. Tucunicari e Santa Rosa e, depois, pelas montanhas do Novo México até Albuquerque, onde a estrada vem de Santa Fé. Daí para baixo, até ao desfiladeiro do Rio Grande e até Los Lunas, e novamente para oeste, pela 66, até às fronteiras do Novo México.

120

E então surgem as altas montanhas. Holbrook, Winslow e Flagstaff, nos cumes clcv@dos do Arizona. Depois, o Grande Plateau, que se alteia como uma forte intumescência. Seguem-se Aslifork e Kingman e, de novo, montes pedregosos, onde a água vem de longe e se consegue à força de dinheiro. Depois, pelas moritanhas batidas de sol do Arizona até ao Colorado, de margens bordadas de verdes canaviais; então termina o Arizona. A Califórnia fica logo junto ao rio e tem uma cidadezinha por marco: Needles, mesmo à beira do rio. Mas o rio, nessas paragens, é um estranho. Acima de Needles, surge uma cordilheira câlcinada, a anunciar o deserto. E a 66 corta o terrível deserto, onde o ar tremula a distâncias incríveis? e as negras montanhas se alcandoram na lonjura insuportável. Finalmente, vem Barstow e depois mais deserto, até que as montanhas de novo se perfilam, as boas montanhas pelas quais serpenteia a 66. Depois, de repente, uma garganta e, lá em baixo o vale maravilhoso com os seus pomares, vinhedos e casinhas e, à distância, uma cidade. E acabou-se a jornada, Santo Deus!

Os homens em êxodo rompiam na 66; às vezes, um carro solitário, outras vezes, uma pequena caravana. Andavam o dia inteiro vagarosamente pela estrada e, à noite, paravam onde houvesse água. De dia, velhos radiadores expeliam colunas de vapor e frouxas varetas de ligação matraqueavam os ouvidos no seu contínuo martelar. E os homens que guiavam os caminhões

e os carros sobrecarregados escutavam, apreensivos. Quanto falta para chegarmos à cidade mais próxima? Há um verdadeiro terror pelas distâncias entre as cidades. Se alguma coisa se quebra... Bem... nesse caso temos de acampar por aqui mesmo, enquanto o jim vai a pé até à cidade, para comprar a peça que falta e torna a voltar... Que comida temos ainda?

Ouve o motor. Dá atenção às rodas. Examina com os olhos * com os ouvidos e com as mãos a roda do volante. Observa com * palma da mão a alavanca das velocidades e apreende com os pés o tremor do pavimento. Escuta com todos os sentidos concentrados o velho calhambeque ruidoso,

porque uma alteração de ruídos, uma variação de ritmo pode significar uma semana de atraso na viagem. Esse matraquear? São as válvulas. Não tem importância. As válvulas podem fazer barulho até ao dia em que Jesus torne à terra, que não haverá dúvida. Mas essas pancadas que a gente ouve quando o carro anda-não tens ouvido?-isso sim. Talvez o óleo não chegue a todas as peças. Talvez uma das molas esteja gasta. Meu Deus, se for uma mola, que é que a gente vai fazer? O dinheiro some-se tão depressa!

E por que raio está hoje o motor assim tão quente?! Não estamos a fazer nenhuma subida. Deixa ver. Deus todo poderoso Rebentou a correia do ventilador. Olha, faz uma correia desse

121

pedaço de corda. Deixa ver que tamai,lio é preciso. Eu ajusto as pontas. Bem, agora vamos devagarinho, para ver se chegamos a alguma cidade. Esta corda mão vai aguentar muito. Oh, se a gente chegasse à Califórnia onde as laranjas nascem, antes que esta geringonça se desfizesse! Se a gente conseguisse chegar!

E os pneus-duas camadas já estão gastas, e, ao todo, só há quatro. Talvez a gente ainda arranque umas cem milhas com eles, se antes não dermos nalguma pedra. Que é que havemos de fazer? Viajar essas cem milhas assim mesmo e arriscarmo-nos a furar as câmaras-de-ar? Sim. Bem, vocês é que sabem. A gente tem remendos para pneus. Talvez, quando rebentar, o furo seja pequeno e a gente possa aguentar umas quinhentas milhas. Pois vamos andando até rebentar!

Temos de arranjar um pneu novo, mas-Deus do céu! -eles querem tanto dinheiro por um pneu usado! Eles põem-se a olhar para nós e sabem que a gente tem de viajar de qualquer maneira, que não podemos perder tempo. Então, aumentam o preço.

1

É pegar ou largar! Pensa que eu estou aqui no negocio para me divertir? Estou aqui para vender pneus. Não lhos posso dar de presente. Não tenho culpa nenhuma do que lhes aconteceu. Eu também tenho cá as minhas arrelias.

A que distância fica a próxima cidade? Ontem passaram por aqui quarenta e dois carros, cheios de gente como voces. De onde vêm eles? E aonde vão?

Bem, a Califórnia é um grande estado. Mas também não é assim tão grande. Os Estados Unidos juntos não são assim tão grandes como isso. Não há lugar para vocês e para mim, para a sua gente e para a minha, para ricos e pobres, todos num só país, ladrões e gente honesta. Para os esfomeados e para os fartos. Porque não voltam para o sítio de onde vieram?

Isto aqui é um país livre... A gente vai para onde quiser. Isso é o que você pensa! já ouviu alguma vez falar das patrulhas da polícia na fronteira da Califórnia? É a polícia de Los Angeles-prende-os e manda-os voltar para trás. Eles dizem: se vocês não vêm para cá com a ideia de comprar terras, não os queremos cá. E dizem: você tem carta de motorista? Deixe ver. Então, rasgam a carta e dizem: sem carta de motorista, você não pode entrar no estado com esse caminhão.

Mas estamos num país livre! Vá atrás disso, vá! Já houve alguém que disse: a liberdade depende da massa que a gente pode pagar por ela.

Mas na Califórnia, eles pagam salários altos. Eu tenho até um impresso que diz isso mesmo.

Ora! Isso não passa de uma cantiga! Vi gente que regressava

122

de lá. Vocês forani intrujados. Afinal, quer levar esse pli(-u 011 li@o quer?

Tenho de o levar, tenho mas-por Deus!-Isso leva-nos o dinheiro quase todo.

Bem, isto aqui não e nenhuma casa de caridade. Leva-o ou não?

Sim, acho que tenho de o levar. Deixe-me primeiro vê-lo melhor. E melhor abri-lo um Pouco. Quero ver como está o forro. Ó seu filho da mãe, você não disse que o forro estava perfeito? Olhe para aqui, está quase furado!

Diabo, você tem razão! Como é que eu não vi isto? Viu, sim, seu filho da mãe! E quer arrancar-nos quatro dólares por um pneu quase furado. Tenho vontade de lhe pregar com tudo na cara!

Ora deixe-se de armar em valente. Já lhe disse que não tinha visto isso. Sabe uma coisa? Dou-lhe este por três dólares e cinquenta; pode levá-lo.

Levo o diabo! Vou mas é chegar até à cidade mais próxima de qualq@er maneira.

Voce acha que o pneu aguentará até lá? Tem de aguentar. Prefiro gastar o pneu até à jante a dar um tostão que seja àquele bandido.

Que é que você pensa afinal que seja um negociante? Ele já disse que não estava ali para se divertir. E isto é que é negócio. Pois o que é que voce pensava? Um negociante tem que... o que é chama-lhe outra coisa. Olhe: vê ali aquela tabuleta, à margem da estrada? "Serviçe Club". Almoço às terças-feiras. Hotel Colmado? Seja bem-vindo. É um clube de refeições. Faz-me lembrar uma história que ouvi a um tipo. Ele tinha ido a uma daquelas reuniões e então contou a tal história a todos aqueles homens de negócios que lá estavam. Quando eu era miúdo-disse ele -0 meu pai mandou-me levar uma vitela pela arreata e disse-me: "Anda, leva-a lá abaixo para que a cubram (1). E eu assim fiz. E agora, depois daquela partida, quando um negociante se põe a falar de serviço, pergunto sempre aos meus botões quem é que ele pretende levar com aquela cantiga. Quem está metido nos negócios, tem de mentir e de aldrabar; o que é chama-lhe outra coisa. Isso é que interessa. Se você roubasse o pneu, seria considerado um ladrão e ia preso; ele tentou roubar-nos quatro dólares em troca de um pneu furado: a isso chama-se negócio.

Danny, ali no assento traseiro, quer um copo de água. Tem que esperar. Aqui não há água. Escute... aquele barulho na parte de trás do carro. Parece o telégrafo nos postes. Lá se vai o remendo da jante! Mas temos

(1) Trocadilho entre to get serviced: ser servido e to get served: ser coberto.

123

de continuar. Olhe como assobia! Quando encontrarmos um sítio bom, vamos parar e reparar tudo isso. Mas, meu Deus, a comida é cada vez menos e o dinheiro também está no fim! Como iremos nós arranjar-nos quando já não pudermos comprar gasolina?

O Danny, no assento traseiro, quer um copo de água. O rapazinho está com sede. Lá está a jante a chiar. O remendo parece que não foi bem feito. Bolas! Pronto, lá se foi tudo! Pneu, câmara-de-ar e tudo! É preciso fazer a reparação. E vamos aproveitar esse material para pôr isto à prova de pregos. Corta-se e mete-se por dentro, a reforçar as partes mais fracas.

Carros estacionando nas estradas, motores desmontados, pneus remendados. Carros estropiados, arrastando-se ao longo da 66, como animais feridos, arquejantes, mas ainda assim lutando. Motores sobrecaqueados, de juntas frouxas, mancais bambos, carroseries barulhentas.

O Danny quer um gole de água. Gente que emigra pela estrada 66. O espelho de cimento armado reflecte os raios solares e, à distância, a estrada parece cheia de poças de água.

O Danny quer um copo de água. Ele tem que esperar, coitadinho. Está cheio de calor. No primeiro posto de gasolina. Posto de serviço, como dizia o tal tipo.

Duzentos e cinquenta mil homens na estrada. Cinquenta mil calhambeques -fumegantes, mais ou menos avariados. Carcaças de automóveis abandonados ao longo da estrada. Que lhes teria acontecido? E que teria acontecido aos donos daqueles carros? Teriam ido para diante, a pé? Onde estarão eles? Como é ue possuem tanta coragem? De onde lhes veio uma tamanhalé?

Eis uma história em que mal se pode acreditar-no entanto, é verdadeira, engraçada e linda. Era uma vez uma família composta de doze pessoas que foi forçada a deixar a sua terra. A família não possuía nenhum veículo. Construíram então uma roulotte com material de sucata e carregaram-na com todos os objectos que lhes pertenciam. Arrastaram-na depois até à margem da estrada 66 e ficaram à espera. Daí a pouco apareceu uma possante limousine, que se encarregou da tal família. Cinco foram no automóvel e sete ficaram na roulotte. Sete pessoas e mais um cão na roulotte.

O homem que os levou até de comer lhes deu. E olhem que isto é a pura verdade. Mas de onde vem essa coragem e essa fé na solidariedade humana? Bem poucos são os factos capazes de ensinarem tamanha fé.

Os homens em êxodo, fugindo do terror que campeava atrás deles, sofreram coisas estranhas, algumas ruelmente amargas, é certo, mas outras tão belas que a fé se lhes reanimou para sempre.

124

CAPITULO XIII

O velho Hudson transbordante de carga, arrastou-se, gemendo, até atingir a estrada principal em Sallisaw e voltou para o oeste.

O sol cegava. Mas, sobre a faixa de cimento armado, AI calçou o acelerador, porque as molas, demasiado apertadas, já não ofereciam perigo. De Sallisaw a Gore são vinte e uma milhas, e o Hudson fazia trinta e cinco milhas por hora. De Gore a Warner, treze milhas; de Warner a Checotali, catorze milhas; de Checotali, é um bom bocado até Henri-

ta- trinta e quatro milhas-mas, ao fim, encontra-se uma cidade autêntica. De Henrietta a Castle dezanove milhas, e o Sol brilhava alto, e, sobre os campos vermelhos, batidos pelos raios de sol, vibrava o ar.

AI, ao volante, rosto concentrado, todo o corpo atento aos ruídos, os olhos sempre inquietos, fixando, ora a estrada, ora o instrumental. AI formava um só corpo com o seu motor, com todos os nervos vigiando todas as fraquezas daquele, os estampidos, os guinchos, os rangidos que pudessem denunciar uma falha qualquer, que fosse susceptível de determinar uma avaria. Tornara-se a alma do veículo.

A avó, sentada ao lado dele, estava meio adormecida e gemia fracamente em sonho. Às vezes, abria os olhos, olhava em frente e tornava a fechá-los. A mãe estava sentada ao lado da avó, com um dos cotovelos fora da janela do caminhão, deixando que o sol, implacável, lhe queimasse a pele. Também a mãe olhava em frente, mas os seus olhos, vazios de expressão, parecia nada verem, nem o caminho, nem os campos, nem os postos de gasolina, nem os barracões de comida. Nem sequer erguera os olhos quando o Hudson passara por eles.

AI ajeitou-se no banco de molas avariadas e mudou a forma de segurar o volante. Suspirou:

-Faz um barulho dos diabos, mas acho que vai bem. Mas só Deus sabe o que acontecerá se tivermos de subir uma colina com esta carga toda. ã mãe, há algumas elevações daqui até à Califórnia?

A mãe voltou a cabeça lentamente e os seus olhos voltaram à vida.

-Acho que sim-disse.-Mas não tenho a certeza disso. Parece-me que ouvi dizer que há umas colinas e até umas montanhas bem grandes, antes de chegarmos à Califórnia.

A avó emitiu um longo suspiro, queixosa e sonolenta. AI disse: -O caminhão é capaz de arder se tiver de subir uma montanha. Só se a gente atirar fora algumas coisas. Talvez fosse melhor não trazer o reverendo.

-Não! A gente ainda vai dar graças a Deus por o ter trazido

125

-disse a mãe.-Ele vai ajudar-nos bastante.-E pôs-se de novo a olhar para a frente, fixando a estrada fulgurante.

AI ia guiando com uma mão e colocara a outra na vibrante alavanca das mudanças. Falava com dificuldade. A boca formava silenciosamente as palavras antes que as pronunciasse em voz alta.

-Mãe... - Ela encarou-o devagar, e a cabeça tremia-lhe um pouco por causa da trepidação do veículo.-Mãe ... a senhora está com medo da viagem, não está? Está com medo desses sítios que não conhece?

Os olhos dela tornaram-se pensativos e brandos. -Um pouco, sim-disse.- Mas não tanto como tu estás aí a pensar. Estou à espera. Quando houver alguma coisa a fazer, cá estou para isso.

-E não pensa no que nos vai acontecer quando lá chegarmos? Não tem medo de que não seja tão bom como a gente imagina?

-Não-respondeu ela rapidamente.-Não tenho medo. Não há-de ser assim.

Nem quero pensar nisso. Seria o mesmo que viver muitas vidas ao mesmo tempo. Há mil vidas que nós poderíamos viver, quando chega o momento de escolhermos uma, apenas. Se eu me puser a pensar em tudo o que poderá acontecer, não aguento. Tu podes viver do futuro, porque és muito novo ainda, mas, para mim, o futuro resume-se na estrada que corre a meus pés. E em pensar que, daqui a pouco, chega a hora de se comerem mais umas costeletas de porco. -As feições dela tornaram-se duras. - Mais do que isso não posso fazer. Tudo caminhará mal se eu fizer mais do que isso. Eles dependem do que eu fizer nesse sentido.

A avó bocejou em tom agudo e abriu os olhos. Lançou em volta um olhar csgazeado.

-Tenho de ir lá fora! Meu Deus, tenho de ir lá fora! -disse. -Um momento. Deixe a gente chegar a umas moitas-disse AI. -Ali adiante.

-Haja moitas ou não, não quero saber disso. Tenho de ir lá fora... já te disse... tenho de ir lá fora. -E começou a guinchar: -Quero sair! Quero sair!

AI acelerou a marcha., indo estacar em frente de umas moitas. A mãe abriu a porta e arrastou a velhota, que barafustava, para dentro do mato. Segurava-a bem, enquanto ela se acocorava, para que não caísse.

No alto do caminhão, os outros começavam a remexer-se. As suas faces reluziam sob a acção escaldante do sol a que não podiam escapar. Tom, Casy, Noali e o tio John estenderam-se fatigados. Ruthie e Winfield precipitarai-ja-se pelos bordos do caminhão abaixo e sumiram-se entre as moitas. Connie ajudou a cautelosa descida de Rosa de Shawn. Debaixo do encerado, o avô acordara e deitava a cabeça de fora, mas os seus olhos,

126

ainda chorosos, sob o efeito da droga, não revelavam compreensão. O-lhava os outros, mas não parecia reconhecê-los.

Tom chamou-o: -Quer descer, avô? Os velhos olhos cansados voltaram-se inexpressivos na sua direcção.

-Não-disse o avô.-Por um momento, a antiga malícia pareceu iluminá-los. já disse que não vou com vocês. Quero ficar aqui como o Muley.- Depois, tornou a desinteressar-se.

A mãe estava de volta, ajudando a avó a subir para a estrada. -Tom-disse ela-vai buscar a panela que tem as costeletas. Está ali, debaixo do toldo, mesmo atrás. Precisamos de comer qualquer coisa.-Tom chegou a panela, fê-la circular em volta e a família quedou à margem da estrada, a mastigar as aparas de carne de porco arrancadas aos ossos.

-Que bom a gente ter trazido isto!-disse o pai.-Fiquei tão teso ali em cima que quase não posso andar. Onde está a água?

-Não está ali em cima, com vocês? -perguntou a mãe. -Foi lá que eu pus o cântaro.

O pai trepou pelo lado do caminhão e espreitou para debaixo do toldo.

-Aqui não está. Se calhar, ficou lá. Imediatamente, a sede começou a dominar todos. Winfield choramingou:

-Quero beber água. Quero beber água! Os homens passaram a língua pelos lábios, súbitamente conscientes da sede que tinham. Estabeleceu-se então um certo pânico.

AI sentiu que o medo crescia.

- Vamos arranjar água no próximo posto de serviço. E temos de comprar gasolina também.

A família correu para o veículo. A mãe ajudou a avó a entrar e sentou-se ao lado dela. AI pôs o motor em movimento e começaram a rodar de novo.

Vinte e cinco milhas de Castle a Paden. O Sol passara o zênite, iniciando a sua marcha descendente. E a tampa do radiador começou a oscilar e o vapor a sair. Próximo de Paden havia uma barraca à margem da estrada e duas bombas de gasolina defronte dela e, ao lado, diante de uma cerca, uma torneira de água e uma mangueira. AI dirigiu para lá o Hudson, de maneira que o radiador do caminhão ficasse bem junto da mangueira. Assim

Z. que travou, um homem corpulento, de rosto e braços vermelhos, ergueu-se de uma cadeira colocada atrás das bombas de gasolina e veio ao encontro dele. Vestia calças de belbutina castanha, com susperisórios e uma camisa de malha, de iriangas curtas e tinha sobre os olhos unia pala quebra-luz prateada. O suor borbulhava-lhe no nariz e, sob os olhos, foi-mando pequenos fios nas rugas do

1-'7

pescoço. Aproximava-se lentamente do caminhão, com ar truculento e severo.

-Querem comprar alguma coisa? Gasolina ou quê?-perguntou.

AI já tinha saltado e estava desatarrachando a tampa do radiador que se achava envolta em vapor, utilizando-se da ponta dos dedos para que o vapor quente lhe não queimasse a mão quando brotasse em jacto forte.

-Preciso de gasolina, amigo. -Tem dinheiro? -Naturalmente. Pensa que andamos a pedir? A expressão truculenta abandonou as faces do homem. - Bom, então está bem, rapaziada. Podem servir-se da água. E tratou de explicar:-A estrada está cheia de gente. Chegam aqui, querem água, sujam a privada e depois-co'os diabos!roubam o que podem e não compram coisa nenhuma. Não têm dinheiro para comprar nada. Mendigam um galão de gasolina e passam adiante.

Tom pulou colérico do caminhão e postou-se em frente do homem da bomba de gasolina.

- Nós pagamos, compreende? - exclamou, exaltado.-Você não tem o direito de nos interrogar, nem de falar connosco dessa maneira, ouviu? Meta-se com a sua vida!

-Não estou a meter-me com ninguém - desculpou-se rapidamente o homem. O suor começava a ensopar-lhe a camisa de malha.-Podem tirar água à vontade. E servir-se do toilette, se quiserem.

Winfield já tinha descoberto o bico da mangueira. Bebeu, mergulhando a boca no jacto de água; depois, regou a cabeça e o rosto, ficando a es-correr.

-Está quente-disse. -Não sei onde vamos parar-disse o homem da bomba de gasolina, com um ar que mostrava bem não pretender atingir os Jo-ads. -Cinquenta a sessenta carros cheios de gente passam todos os dias por aqui, todos os dias, a caminho do Oeste com os filhos e a tralha da casa. Para onde é que eles vão assim? Que é que eles vão fazer?

-Vão fazer o mesmo que nós-disse Tom.-Procurar um sítio onde possam viver. Aqui tem.

-Bem, eu não sei onde é que isto assim vai parar. Não sei, francamente. Olhe eu, por exemplo. Também ando cá a ver se trato da minha vida. O senhor pensa que algum dos carros grandes t@ novos que passam por esta estrada param na minha bomba? E o páras! Vão direitos à cidade onde há aqueles postos pintados de amarelo da companhia de gasolina. Não param em sítios destes. Aqueles que param, em geral, não têm dinheiro para comprar.

1209

AI tinha afrouxado a tampa do radiador, que, impelida por um jacto de vapor forte, saltou no ar. Um som cavo, murmurante, subiu pelo tubo. No alto da carroserie, o cão sofredor foi-se esgucirando t'-nidamente para um dos extremos da carga e pôs-se a olhar, gaTiindo, para a água. O tio John subiu e puxou-o para baixo, segurando-o firmemente pela pele do pescoço. Por um instante, o animal ficou imóvel, de pernas retesadas; depois, correu para a poça de água que se fornara junto ao bico da manoeira. Pela estrada, deslizavam os carros, cintilando ao calor, e o vento quente que provocavam na corrida, atingia o posto de gasolina. AI encheu o radiador de água.

-Não é que eu me queira aproveitar da gente rica-continuou o homem do posto de gasolina.-Mas preciso de clientes, claro. E aqueles que param aqui, vivem a mendigar gasolina ou pretendem fazer trocas. Posso mostrar-lhe aí, naquele quarto, ao fundo, a data de coisas que tenho recebido em troca de gasolina e de óleo; camas, carrinhos de criança, panelas e frigideiras. Uma família trocou até a boneca de uma filha por um galão de gasolina. Que é que eu vou fazer dessa porcaria toda? Abrir uma loja de ferro-velho? Até me apareceu um sujeito que queria dar-me os sapatos em troca de um galão de gasolina. E, se eu não fosse um tipo decente, até as... Olhou para a mãe e não continuou a frase.

Jim Casy atirara água sobre a cabeça e as gotas caíam-lhe ainda pela testa ampla; o pescoço musculoso e a camisa estavam molhados. Depois, foi pôr-se ao lado de Tom.

-É assim mesmo. Eles não têm culpa-disse. -Você gostaria de vender até a cama onde dorme por um pouco de gasolina?

-Eu sei que a culpa não é deles. Todos com quem tenho falado tinham razões de sobra para se meterem a caminho. Mas aonde é que o país vai parar? Isso é que eu queria saber. Aonde é que isto tudo nos vai levar? Um homem já não pode ganhar a vida decentemente. já nem as terras se podem cultivar. Eu pergunto: como é que isto vai acabar? Não faço a menor ideia. E ninguém-dos que interroguei a esse respeito-soube dizer-me qualquer coisa. Um sujeito até quis vender os sapatos para poder ir mais umas cem milhas para diante. Francamente não sei, não compreendo nada.--Tirou a pala prateada da testa, limpando * frente com ela.

E Tom fez o mesmo com o boné. Foi à mangueira, molhou * boné, espremeu-o e colocou-o novamente na cabeça. A mãe tirou um copo de folha de

Flandres de entre a carga do camião, encheu-o de água e levou-o ao avô e à avó, que ainda se encontravam sentados no topo da carga. Encostou-se às grades do veículo, deu o copo ao avô, que molhou os lábios e sacudiu a cabeça, dizendo que não queria mais. Os seus velhos olhos miraram a

mãe, doloridos e desvairados, até que, um instante depois, o brilho da inteligência tornou a surnir-se.

AI pôs o motor em movimento e recuou até à bomba de gasolina.

-Bom, encha o tanque- disse. -Deve levar cerca de sete, mas só quero seis, não vá a gasolina entornar-se por aí.

O homem da bomba introduziu a mangueira no orifício do depósito.

-Francamente -continuou -não sei como é que este país vai acabar. Mesmo com o auxílio aps desempregados e tudo.

Casy interrompeu-o: -Eu já percorri a região. E toda a gente me perguntou o mesmo. Aonde vamos parar?, Acho que não vamos parar a parte nenhuma. Estamos sempre de viagem. Sempre a caminho. Por que é que ninguém pensa nisso? E um movimento que não pára nunca. As pessoas andam, andam sempre. Nós sabemos porquê e sabemos como. Caminham porque são obrigados a caminhar. É o único motivo por que todos caminham. Porque querem alguma coisa melhor do que têm. E caminhar é a única oportunidade que têm de a conseguir. Se querem e precisam, têm de ir buscar. X fome mete o lobo a caminho. Eu já percorri o país todo e - ouvi muita gente falar como você fala.

O homem da bomba de gasolina encheu o tanque. O ponteiro do medidor marcou a quantidade do combustível pedido.

-Sim, mas aonde nos vão levar tudo isto? Isso é que eu gostava de saber.

Tom interrompeu-o, irritado: -Pois nunca o virá a saber. O Casy já esteve a ver se lhe explicava e você continua na mesma. Conheço muita gente como você. Não querem saber de nada, mas vivem repetindo a mesma cantiga: aonde vamos parar? A você isso não interessa. As pessoas saem da sua região; vão para aqui e para acolá. Talvez você morra de um momento para o outro, mas nem quer pensar nisso. Conheço muita gente assim. Não querem saber de nada. Mas vivem a embalar-se com a mesma cantiga: aonde, vamos parar? Olhou para a bomba de gasolina, velha e enferrujada, e para a barraca que lhe ficava atrás, construída de madeira velha, em que se viam ainda os buracos dos pregos usados pela primeira vez, @alientando-se na pintura amarela já desbotada, que pretendia imitar a dos grandes postos da cidade. Mas a pintura não conseguia ocultar os buracos dos pregos antigos, nem as velhas rachas da madeira, e não podia ser renovada. A imitação não passava de um malogro; demais o reconhecia o dono daquilo. No interior da barraca, de porta aberta, Tom viu as latas de óleo; havia só duas latas e o balcão dos doces em que havia bombons retardados, paus de alcaçuz que o tempo enegrecera e cigarros. Viu.a cadeira

130

quebrada e a tela de protecção contra as moscas com um buraco enferrujado ao centro. O quintal, atravancado, estava mesmo a pedir saibro e, atrás, um campo de cereais secava e morria à soalheira. Ao lado da casa, um pequeno sortido de pneus usados ou renovados. E, pela primeira

vez, reparou nas calças que o gorducho trazia-calças baratas e já muito lavadas, uma camisa igualmente ordinária e uma pala de cartão. Então, disse-

-Isto não é para o ofender. É o calor, sabe? O senhor não tem nada. Daqui a pouco também se põe aí a calcorrear as estradas. A si não são os tractores que o põem a andar; são as bonitas estações de serviço da cidade. Vai-lhe acontecer o mesmo.

O homem da bomba de gasolina foi diminuindo a ginástica com que accionava a alavanca da bomba e parou de vez, enquanto Tom falava. Pôs-se a encará-lo com ar de preocupação:

-Afim de contas, como é que você sabe que nós também estamos em preparativos de viagem para o Oeste? -perguntou, desalentado.

Foi Casy quem lhe deu a resposta: -É porque todos vão para lá. Veja eu, por exemplo. Dantes lutava com todas as minhas forças contra o demónio, porque pensava que o demónio era o inimigo. Mas agora é outra coisa muito pior que o demónio o que está dominando o país, uma coisa que não acabará enquanto a gente não acabar com ela. O senhor já viu um, monstro de Gila (1) aferrai-se a alguma coisa? Ferra os dentes com unia força extraordinária e podem cortá-lo em dois, que a cabeça ainda fica agarrada. Corta-se-lhe o pescoço, e a cabeça ainda fica presa. A gente tem de enfiar a ponta de uma chave de parafusos na cabeça do bicho para que as presas se abram e soltem a carne e, entretanto, o veneno vai caindo gota a gota no buraco que ele tenha feito com os dentes.-Casy interrompeu-se e olhou Tom de soslaio.

O homem gordo pregou num desalento os olhos no chão. Recomeçou com a mão a movimentar a alavanca da bomba.

-Não sei mesmo aonde vamos parar-disse com brandura. Adiante, perto da mangueira, Cormie e Rosa de Sharon palestravam juntos em voz baixa. Connie lavou o copo de folha e deixou a água escorrer entre os dedos, antes de o encher. Rosa de Sharon observava a passagem dos veículos na estrada. Cormie empunhou o copo, oferecendo-lho:

-A água não está muito fresca, mas sempre é água-disse, sorrindo.

Ela olhou-o com um risinho misterioso. Era toda segredinhos,

(1) O monstro de Gila- assim chamado por ser originário do rio Gila, no Arizona-E. Unidos-é um grande lagarto das regiões áridas do Novo México, Arizona, etc., e cuja mordedura é venenosa.

131

agora que estava grávida, segredinhos e pequenos silêncios que parecia terem muita significação. Estava satisfeita consigo mesma e queixava-se de coisas que, na verdade, não tinham importância alguma. E exigia que Connie a ajudasse nas coisas mais ridículas, que ambos sabiam serem ridículas. Cormie também estava satisfeito com ela, e sentia-se maravilhado por a mulher estar grávida. Gostava de se sentir incluído nos mistérios dela. Quando a mulher ria dissimuladamente, ele fazia o mesmo e os dois trocavam confidências, sussurrando. O mundo estreitava-se ao redor deles, e eles figuravam no centro desse mundo, ou melhor, Rosa de Sharon é que figurava ao centro e Connie andava em volta dela como um satélite. Tudo o que diziam parecia constituir uma espécie de segredo.

Ela desviou o olhar da estrada. -Não tenho gratide sede-disse affectadamente- mas talvez seja bom eu beber um pouco de água.

E ele anuiu, pois sabia bem o que ela queria dizer. Ela pegou no copo, enxaguou primeiro a boca, cuspiu em seguida e depois bebeu um copo cheio de água tépida.

-Queres mais?-perguntou ele. -Sim. Dá-me mais meio copo. Então ele encheu o copo até metade e deu-lho. Um Lincoln-Zephir, prateado e baixo, passou como um veludo. Ela voltou-se para ver onde estavam os outros da família e viu-os agrupados junto do caminhão. Tranquilizada, disse:

-Que bom seria a gente viajar num automóvel daqueles, hein ?

Connie suspirou: -Quem sabe, mais tarde?-Ambos sabiam o que ele queria dizer.-Se a gente encontrar serviço na Califórnia, já sabes: vamos ter o nosso carro. Mas um desses-e apontou para o Zephir que se sumia ao longe-custa quase tanto como uma casa, e eu, nessas circunstâncias, preferia comprar uma casa.

-E eu queria uma casa e um automóvel-disse ela.-Mas, naturalmente, a casa está em primeiro lugar, porque... -E ambos sabiam o que ela queria dizer. Estavam terrivelmente excitados com aquela história da gravidez.

-Sentes-te bem?-perguntou ele. -Estou cansada. Cansada de viajar ao sol... -Mas tem de ser. Senão, nunca mais chegamos à Califórnia. -Eu sei-disse ela.

O cão correu, fungando, passou pelo caminhão, trotou em direcção à mangueira, começou a lambar a água lamacenta. Depois, afastou-se, com o focinho quase pelo chão e as orelhas caídas. Na margem da estrada abriu caminho, farejando, por entre a vegetação seca e poeirenta, rente ao caminho. Ergueu a

132

cabeça, lançou um olhar @para a frente e começou a atravessar. Rosa de Sharon deu um grito agudo. Um carro enorme e veloz aproximava-se, com os pneus rangendo fortemente. O cão hesitou, atarantado e acabou por se meter, com um uivo, que não chegou a acabar, mesmo por debaixo das rodas. O veículo diminuiu a marcha por um instante; houve rostos que olharam para trás; depois, a velocidade tornou a aumentar e o carro desapareceu.

O cão, num monte de sangue e de carne, com os intestinos à mostra, ainda se mexia. Os olhos de Rosa de Sharon estavam desmedidamente abertos.

-Tu achas que o choque me vai fazer mal?-perguntou ela.-Achas que o choque me vai fazer mal?

Connie passou-lhe o braço em volta dos ombros. -Vem sentar-te -disse. -Não é nada. -Mas eu sei que me vai fazer mal. Eu senti um choque, assim que dei aquele grito.

-Vamos; anda sentar-te. Não tem importância. Não te há-de acontecer nada. - Conduziu-a até ao lado do caminhão de onde se não via o cão agonizante. Fê-la sentar-se no estribo.

Tom e o tio John aproximaram-se daquele montão de carne sangrenta. Ia-se o último frémio de vida do corpo esmagado. Tom segurou-o pelas

pernas e arrastou-o até à beira da estrada.

O tio John, embaraçado e abatido, olhou-o como se a culpa fosse sua.

-Devia tê-lo prendido -observou ele.

O pai lançou um olhar ao corpo do cão e depois desviou a vista.

-Vamo-nos embora daqui. Talvez tivesse sido bom. Daqui a pouco não sei como lhe daríamos de comer.

O homem gordo surgiu por detrás do caminhão. -Sinto muito -disse. - Numa estrada assim movimentada não há-cão que dure muito. A mim, num ano, ficaram-me três atropelados. Agora já não quero mais nenhum. Não se prendam mais com o assunto. Eu encarrego-me de o enterrar aí no campo.

A mãe dirigiu-se para Rosa de Sharon, que continuava sentada no estribo... Ela ainda tremia.

-Que há, Rosasharn?-perguntou-lhe.-Sentes-te mal? -Vi tudo aquilo e deu-me um grande choque! -Sim, eu ouvi o teu grito-disse a mãe.-Mas sossega; já passou.

-Acha que pode fazer mal à criança? -Não-disse ela.-Mas, se tu começares a preocupar-te constantemente e te quiseres meter numa redoma, então é que tudo te poderá fazer mal. Vamos, levanta-te e vem ajudar-me a tratar da avó. Esquece a criança ao menos por um momento. Ela cuida de si própria.

133

-Onde está a avó?-perguntou Rosa de Sharon. -Não sei. Deve andar por aí. Talvez esteja na retrete. A rapariga foi até ao toilette e voltou um instante depois, conduzindo a avó pelo braço.

-Adormeceu lá dentro-contou Rosa de Sharon. A avó riu. -É tudo tão bonito 'lá dentro -disse. -Há uma retrete mecânica; quando a gente puxa uma correntinha, a água vem para baixo. Achei muito bonito-disse, satisfeita. -Fazia uma boa soneca se vocês não me acordassem.

-Mas ali não é lugar para se dormir-comentou Rosa de Sharon, ajudando a avó a entrar no caminhão. A velhinha instalou-se com ar feliz.

-Talvez não seja lugar para se dormir, mas é muito bonito. Tom disse: -Bem, vamos indo. Ainda temos um bocado de caminho pela frente.

O pai deu um assobio agudo. -Onde -estão as crianças?-E tornou a asso-biar, com dois dedos na boca.

Num instante, as crianças surgiram, correndo, vindas da plantação de cereais. Ruthie viúva à frente com Winfield na peugada.

-Ovos!-gritou Ruthie.-Achei ovos!-Já estava bem próxima, com Winfield colado a ela.-Olha!-Nas suas mãozitas sujas, trazia uma dúzia de ovos, uns ovos lisos e de uma cor branco-acinzentada. E, ao estender as mãos, os seus olhos deram com o cão morto, que jazia à beira da estrada. - Oli! -exclamou ela. Ruthie e Winfield encaminharam-se vagarosamente para o animal e puseram-se a observá-lo.

O pai chamou-os. -Venham depressa, senão, ficam aqui mesmo. As duas crianças voltaram-se lentamente e seguiram em direcção ao caminhão.

Ruthie olhou mais uma vez para os ovos de réptil que tinha na mão e depois deitou-os fora. Treparam para o caminhão por um dos lados.

-Ainda tinha os olhos abertos-disse Ruthie baixinho. Mas para Winfield aquilo fora uma sensação. Exclamou corajosamente:

-As tripas dele estavam espalhadas por toda a parte... -Calou-se por um instante. Por toda a parte ... --repetiu. Depois, voltou-se rapidamente e pôs-se a vomitar pela borda do caminhão. Ao acabar, tinha os olhos chorosos e corria-lhe o ranho pelo nariz. -Não é a, mesma coisa que unia matança de porcos-disse, à maneira de explicação.

AI erguera a tampa do motor do Hudson e verificava o nível

134

do óleo. Trouxe depois uma lata, que guardava junto do assento da frente, deitou um pouco do óleo escuro e barato no tubo, verificando de novo, o nível do lubrificante.

Tom veio postar-se junto dele. -Tu queres que eu guie um bocado? -perguntou. -Não, ainda não estou cansado -respondeu AI. -Mas tu não dormiste nada esta noite. Eu, pelo menos, já passei pelas brasas esta manhã. Vamos, sobe, que eu guio um bocado.

-Bom-disse AI com relutância.-Mas repara sempre no nível do óleo. E convém não ir muito depressa. E preciso uma cautela danada para se evitar um curto-circuito. Deita de vez em quando os olhos ao ponteiro. Se ele chegar ao fim, é curto-circuito garantido. E não se pode correr, porque o caminhão vai muito carregado.

Tom riu. -Não te incomodes, que eu tenho cuidado. Descansa à tua vontade.

A família ajeitou-se de novo no cimo da carga. A mãe sentou-se na frente, ao lado da avó.-Tom ocupou o lugar do motorista e o caminhão pôs-se em movimento.

-Está largo que se farta-comentou, ao embraiar.

O caminhão ia rolando na estrada.

O motor roncava com regularidade, e o Sol, em frente do veículo, descia lentamente para oeste. A avó dormia a bom dormir e até a mãe deixou descair a cabeça e passou pelo sono. Tom puxou o boné para os olhos, a fim de os preservar do sol fulgurante.

De Paden a Mecker são treze milhas; de Meeker a Harrah, são catorze milhas; depois vem Oklahoma City-a grande cidade. Tom atravessou-a sem parar. A mãe despertou da modorra por um instante e lançou um olhar rápido às ruas. E a família, em cima da tralha, olhava os armazéns, os grandes estabelecimentos e as repartições públicas. Depois, começaram a surgir edifícios e armazéns mais pequenos. Pátios de depósito de lixo, barracas de cachorros quentes e cabarés do gênero dos que se encontram nos arredores das cidades.

Ruthie e Winfield viam tudo isso, e tudo isso'os embaraçava com a sua grandeza e a sua estranheza; sentiam-se assustados de ver tanta gente luxuosamente vestida. Não falavam um ao outro sobre isso. Mais tarde? sim, mais tarde haviam de falar, mas não naquele momento. Viam os guindastes de óleo da cidade e os dos subúrbios, velhos guindastes negros, e sentiam o cheiro do óleo e da gasolina, pairando no ar. Mas riem sentiam coragem de lançar a mais pequena exclamação. Aquilo era

tão grandioso e estranho que os assustava.

Rosa de Sharon viu na rua um homem com um fato claro.

135

Trazia sapatos brancos e chapéu de palha. Deu uma cotovelada a Connie, apontou o homem com o olhar, e depois Connie e Rosa de Sharon ficaram rindo baixinho, mas acabaram por não se poderem conter. Tapavam a boca. E sentiam-se tão satisfeitos que se puseram à procura de outras pessoas que lhes pudessem despertar a hilaridade. Ruthie e Winfield notaram esses risinhos e era tão engraçada a maneira como eles riam que procuraram imitá-los mas não o conseguiram. Não havia maneira. As gargalhadas não vinham. E Rosa de Sharon e Connie perdiam o fôlego e estavam vermelhos de tanto sufocar o riso. Não conseguiam parar. E o pior é que bastava olharem, um para o outro para desatarem às gargalhadas.

Os subúrbios espalhavam-se. Tom guiava devagar e com mais cuidado no meio do tráfego intenso e depois alcançou a estrada 66 -o grande caminho para o Oeste. O Sol descia mesmo sobre a fita da estrada. O pára-brisas estava coberto de poeira. Tom empurrou o boné ainda mais para os olhos, e tanto, que só erguendo * cabeça conseguia ver alguma coisa. A avó tinha adormecido; * sol batia-lhe nas pálpebras; as rugas da face coloriam-se de cor de vinho e as manchas escuras do rosto tornavam-se ainda

mais escuras.

-Agora, não saímos desta estrada até chegarmos-disse Tom. A mãe, que se mantivera longamente em silêncio, observou: -É bom procurarmos um lugar para acampar, antes que anoiteça. Tenho de cozinhar uma porção de carne de porco e de fazer o pão. E isso leva tempo.

-Tem razão-concordou Tom.-Não se pode fazer esta viagem de uma só estirada. A gente tem de descobrir um lugar para estender as pernas.

De Oklahoma City a Bethany são catorze milhas. Tom disse: -Acho bom a gente parar aqui mesmo, antes que o sol desapareça. O AI tem de preparar o toldo sem -falta. O sol dá cabo dos que vão lá em cima.-A mãe ' que tornara a cair em modorra, ergueu de novo a cabeça num movimento rápido:

- Tenho de cozinhar o jantar -disse. -Tom: o teu pai falou-me a respeito do teu caso quanto ao passar a fronteira...

Tom conservou-se um bocado em silêncio. -Sim? E, depois, mãe? -Bem-Confesso que tenho medo. É como se fugisses da prisão. E se te apanham?

Tom alçou a mão sobre os olhos, a fim de os proteger do sol cada vez mais baixo.

-Não se preocupe, mãe-disse.-Eu já pensei nisso. Há muita gente assim como eu, em liberdade condicional a andar pelo país todo. Cada vez há mais. Se eu for preso por fazer alguma

J36

coisa na Califórnia, isso sim; como têm a minha fotografia e as mídias impressões digitais em Washington, então o prendem-me \Ias, se eu

andar direito, bem se ralam eles comigo! outra vez. 1

-Bem, mas, mesmo assim, tenho medo. Às vezes, a gente faz ,,ma coisa e nem sabe que Isso é um crime. Talvez na Califórnia,

e es

considerem crime coisas de que a gente nem sabe. Tu podes fazer uma coisa e pensar que não é nada de mau e, no entanto, ser considerado um crime lá na Califórnia.

-Num caso desses, tanto fazia eu estar em liberdade condicional como não-retorquiu Tom.-Se me agarrarem, é que vai ser pior do que para os outros. Mas a senhora não se preocupe. já nos bastam as preocupações que temos com razão, quanto mais arranjarmos ainda mais outras.

-Que queres? Não está mais na minha mão. No momento em que passares a fronteira, cometes um crime.

-Sempre é melhor do que ficar em Sallisaw e acabar por morrer de fome-disse ele.-Bem, vamos tratar de arranjar um lugar para acampar.

Atravessaram Bethany e continuaram pelo campo fora. Numa vala, onde um canal passava por baixo da estrada, estava um velho carro de turismo, e, ao lado dele, uma tenda armada, da qual se escapava um fumozinho originário de um cano de fogão. Tom apontou nesse sentido.

-Há gente acampada ali. Parece que não encontraremos melhor sítio para descansar. -Diminuiu a marcha do veículo e encostou à margem da estrada.

O "capot" do velho carro de turismo estava aberto e um homem de meia-idade debruçava-se sobre o motor. Trazia um chapéu de palha ordinário, envergava camisa azul e colete preto, muito manchado, e as calças ostentavam o brilho e a rigidez próprios da muita sujidade. O rosto era magro; as rugas profundas abriam nele verdadeiros sulcos, de maneira que as faces avultavam exageradamente. Ele ergueu a cabeça e olhou para o camião dos Joads, com olhos irritados e perplexos.

Tom debruçou-se pela janela do caminhão. -Escute, amigo, haverá alguma lei que nos proíba de pernoitar aqui? -perguntou.

O homem, até aí, só,tinha reparado no caminhão. Olhou então para Tom.

-Não sei -respondeu. -Parei aqui porque não pude continuar a viagem.

-Não há água por aqui?

O homem apontou para um posto de serviço com barraca, que podia estar a uma distância de cerca de meia milha daquele sítio.

-Ali há água; eles deixam tirar um balde dela.

137

Tom hesitou. -Então o senhor acha que não faz mal a gente pernoitar aqui, não é verdade? ' '

O homem magro mostrou-se embaraçado:

- Eu não sou o dono disto - disse. - Nós parámos aqui porque o estafermo desta lata velha resolveu não ir mais para diante.

Tom insistiu: -De qualquer maneira, quem chegou aqui primeiro foi o

senhor. Tem o direito de dizer se nos aceita como vizinhos ou não.

Esse apelo à hospitalidade surtiu efeito imediato. Um sorriso perpassou pelo rosto magro.

-Mas decerto. Terei muito prazer.-E chamou:-Sairy, há aqui gente que vem para o pé de nós. Vem, cumprimenta estes senhores. Sairy não se sente bem-explicou.

A lona da tenda abriu-se e deu passagem a uma senhora de aspecto fadado, rosto vincado de rugas como uma folha seca e olhos que parecia arderem, uns olhos negros que se diria terem contemplado um mundo de horrores. Era de pequena estatura e tremia. Apoiava-se a uma aba da tenda, e a mão que se agarrava à lona parecia a de um esqueleto coberto de pele apergaminhada.

Ao falar, a voz dela revelou-se de um belo timbre doce e modulado, grave e, no entanto, de tonalidades límpidas.

-Diz-lhes que são bem-vindos -disse. --@-Diz-lhes< que temos muito prazer em tê-los conosco.

Tom accionou o motor, desviando o carro da estrada de cimento e veio alinhá-lo no campo com o carro de turismo. Todos desceram logo do caminhão; Ruthie e Winfield fizeram-no tão depressa que as pernas se foram abaixo. Puseram-se então a gritar porque sentiam mil formigueiros nas pernas.

A mãe entregou-se logo à sua tarefa. Tirou do caminhão o balde de três galões e entregou-o às crianças, que ainda não haviam parado de guinchar.

-Bem; vocês agora vão buscar água ali adiante, vêem? Mas sejam bem educados. Digam assim: O senhor dá licença de tirarmos um balde de água? E depois digam: Muito obrigado. E peguem ambos no balde e tomem cuidado para não entornarem a água. E, se acharem lenha no caminho, é bom trazerem também, que é para a gente fazer lume, ouviram?

As crianças obedeceram e foram batendo com os pés até ao posto de serviço.

Ao pé da tenda instalara-se o embarço; era como se as relações sociais se tivessem interrompido antes de verdadeiramente haverem começado. O pai perguntou:

-São de, Oklahoma, os senhores? AI, que estacionara junto do can-úão, olhou para a placa do automóvel de turismo.

138

- Kansas -respondeu ele., -Somos de Galena, isto é, de perto de Galena; chamo-me Wilson. Ivy Wilson- esclareceu o homem magro.

-Nós chamamo-nos Joad -disse o pai. -Vimos de perto de Sallisaw.

-Muito prazer em conhecê-los -disse Ivy Wilson.-Sairy, estes são os Joads.

-Eu vi logo que não eram de Oklahoma. Têm um sotaque engraçado... sem ofensa, é claro.

-Todas as pessoas pronunciavam as palavras de maneira djf crente - explicou Ivy.-O povo de Arkansas fala de uma forma e o de Oklahoma de outra maneira. Nós conhecemos uma senhora de Massachussets e a fala dela é muito diferente. Quase não percebíamos nada do que ela dizia.

Noah, o tio John e o pregador começaram a descarregar o caminhão. Ajudaram o avô a descer e fizeram-no sentar no chão; o velho deixou-se ficar apático, a olhar em frente.

-O senhor está doente? -perguntou-lhe Noah. -Sinto-me mal com o diabo -respondeu o avô, com voz fraca. Sairy Wilson dirigiu-se a ele, vagarosa e prudentemente. -O senhor não quer entrar na nossa tenda?-inquiriu ela. -Podia deitar-se um bocado no nosso colchão e descansar.

Ele encarou-a, atraído pela sua voz suave. -Venha, não faça cerimónia-disse cla.-O senhor precisa de descansar. Eu ajudo-o.

Repentinamente, o avô desatou a chorar. Tremia-lhe o queixo, bem como os Velhos lábios contraídos, enquanto deixava escapar roucos soluços. A mãe precipitou-se para ele e lançou-lhe os braços em volta. Depois, a .udou-o a erguer-se, demonstrando o esforço despendido nas largas costas retesadas, e levou-o quase pelo ar.

O tio John disse: -Ele deve estar muito doente. Nunca chorou. Nunca o vi lagrimejar em dias da minha vida.-Subiu para o camião e atirou um colchão para baixo.

A mãe deixou a tenda, indo falar com Casy. -Sr. Casy, o senhorjá tratou de doentes, não tratou? O avô sente-se mal. Não quer ver o que ele tem?

Casy foi rapidamente até à tenda e entrou. Um colchão de cama de casados estava estendido no chão, com os cobertores bem esticados. Ao lado, um pequeno fogareiro de estanho, de pés de ferro, onde o fogo ardia frouxamente. Havia ainda na tenda um balde cheio de água, um caixote com géneros alimentícios e outro caixote que servia de mesa, e era tudo. Os raios do sol poente coavam-se, avermelhados, através das paredes da tenda, Sairy Wilson estava ajoelhada junto do colchão onde o avô se

139

encontrava deitado de costas. Tinha as faces muito coradas, os olhos abertos e fitava o tecto. Respirava com dificuldade.

Casy toinou-lhe o velho pulso esquelético entre os dedos. -Cansado, avô?-perguntou. Os olhos fixos voltaram-se na direcção da voz, mas nada pareciam ver. E os lábios ensaiaram palavras que não conseguiram pronunciar. Casy escutou a pulsação, deixou o pulso do doente e passou a palma da mão pela testa do avô. O corpo do velho começou a contorcer-se; as pernas rnoviam-se incessantemente; as mãos agitavam-se também. Emitiu sons confusos, inarticulados, co rosto mantinha-se rubro sob as suíças brancas e ásperas.

Sairy Wilson dirigiu-se suavemente a Casy: -O senhor sabe do que se trata? Ele olhou para as faces enrugadas e para os olhos ardentes: -A senhora sabe? -Acho que sim. -Que é?-perguntou Casy. -Posso-me enganar. Será talvez melhor não dizer. Casy tornou a olhar as faces rubras e crispadas do velho. -A senhora acha... Será talvez um ataque? -Creio que sim-disse Sairy.-já vi, por três vezes, ataques destes.

De fora, vinha o barulho dos que armavam o acampamento: cortava-se lenha e as panelas chocavam-se ruidosamente. A mãe enfiou a cabeça pela entrada da tenda.

-A, avó quer vir para cá-disse.-Pode vir? -Acho que sim. Senão, ninguém a segura para aí-disse o pregador.

- E ele está melhor? -perguntou a mãe. Casy sacudiu a cabeça vagarosamente. A mãe baixou imediatamente o olhar e fixou o velho rosto con-vulso. Retirou a cabeça e ouviu-se-lhe a voz, dizendo:

-Está bom, avó. Mas precisa de descansar um pouco. E a avó berrou, zangada: -Mas eu quero vê-lo. Esse velho é sabido como o diabo. A gente nunca sabe o que é que ele tem...'-E entrou íntempestivamente na tenda; pôs-se diante do colchão, olhando para o marido:

-Que é que tu tens? -perguntou. E novamente os olhos do avô se dirigiram para aquela voz e os seus lábios se contraíram.

-Está amuado-disse a avó.-Eu não disse que ele é um sabido? Hoje, de manhã, fez a mesma coisa para não vir coma gente. De repente, começou a doer-lhe a anca-prosseguiu quase com desprezo.-Está a fingir. já lhe conheço a manha; é para não falar com ninguém.

Casy replicou brandamente:

140

-Não está amuado, não, avó. Está doente.

- Olí! - Ela olhou novamente para o marido. - Mas... muito doente?

-Sim, bastante doente, avó. Por um instante, ela hesitou, perplexa: - Bem-disse depois com- rapidez-então porque é que o senhor não reza? O senhor não é um pregador?

Os dedos fortes de Casy cerraram-se novamente em torno do pulso do avô.

-Eu já disse à senhora que não sou pregador. -Mas reze de qualquer maneira-ordenou ela.-O senhor sabe todas as rezas de cor.

-Não sei, não-respondeu Casy.-Não sei porque hei-de rezar, nem a quem rezar.

O olhar da avó desprendera-se de Casy para se fixar em Sairy. -Ele não quer rezar-disse.-já contei à senhora como a Ruthie rezava quando era pequenina? Ela dizia: "Nesta cama me quero deitar, para meu corpo descansar. E quando ele chegou, o armário estava vazio e o pobre do cão ficou sem nada. Amém." Era assim que ela rezava.

A sombra de alguém que passava entre a tenda e o sol veio projectar-se na lona.

O avô parecia travar uma luta tremenda; todos os músculos se contraíram. E, de repente, estremeceu, corno se tivesse sido atingido por uma tremenda pancada. Estava imóvel, agora, e a respiração suspendera-se. Casy debruçou-se sobre a face do velho e viu que esta escurecia. Sairy tocou no ombro de Casy e sussurrou:

-A língua dele... a língua... olhe a língua... Casy fez um sinal afirmativo. -Ponha-se à frente da avó-disse. A seguir, entreabriu as man-

díbulas fortemente comprimidas do velho e meteu-lhe a mão na boca, à procura da língua. E, quando a ia a puxar para fora, um ronco saiu do peito paralisado, seguido de uma inspiração semelhante a um soluço. Casy achou um pauzinho no chão e com ele comprimiu a língua do avô para baixo, e a respiração recomeçou, desordenada e ruidosa.

A avó saltitava como uma galinha. -Reze!-intimou ela.-Reze, já lhe disse! Reze! Sairy tentou contê-la. -Reze já, seu danado de uma figa!-gritou a avó. Casy olhou-a um momento. A respiração penosa tornava-se mais aguda e desigual.

-Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome. -Glória a Deus!-gritou a avó. ... Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu.

141

-Amém. Um suspiro estridente saiu da boca aberta do velho, seguido de um ronco sibilante. ,

-O pão nosso de cada dia... nos dai hoje... e perdoai... A respiração cessou bruscamente. Casy examinou os olhos do avô, que se mostravam agora claros, profundos e penetrantes, com um reflexo de serena inteligência.

-Alcluia!-disse a avó .- Continue. -Amém-rematou Casy. A avó sossegou. E, fora da tenda, todas as vozes emudeceram. Um carro deslizou na estrada. Casy continuava ajoelhado diante do colchão. Os outros, lá fora, estavam quietos, à escuta, profundamente atentos aos sons da morte. Sairy agarrou a avó pelo braço e conduziu-a para fora da tenda, e a avó caminhava com dignidade e com a cabeça alta. Foi ao encontro da família, e, diante desta, manteve a cabeça bem erguida. Sairy levou-a para um colchão estendido na relva e sentou-a nele. A avó queudou-se a olhar fixamente diante de si, inundada de orgulho, pois era agora ela o alvo da atenção de todos. Na tenda, tudo era silêncio, e, por fim, Casy afastou as abas da tenda com as mãos e saiu também.

O pai perguntou baixinho: -Como foi? -Uma apoplexia-disse Casy.-Um ataque fulminante. A vida recomeçou. O Sol, que tocava a linha do horizonte, perdera o relevo. E pela estrada passava uma longa fila de caminhões, com os lados pintados de vermelho. Avançavam com estrondo, comunicando à terra ruídos de terremoto em miniatura, e soltando pelos tubos de escape a fumaça azul do óleo Diesel. Um homem ia ao volante da cada caminhão, e os respectivos ajudantes achavam-se deitados nas tarimbadas, empoleirados junto do tejadilho. Os veículos não paravam; passavam monótonos, constantemente, de dia e de noite, fazendo estremecer o chão com a sua pesada marcha.

A família reuniu-se instintivamente. O pai agachou-se no chão, e o tio John acocorou-se ao lado dele. O pai era agora o chefe da família. A mãe ficou de pé, atrás dele. Noali, Tom e AI acocoraram-se, e o pregador sentou-se e depois reclinou-se sobre os cotovelos. Connie e Rosa de Sharon passeavam mais adiante. Ruthie e Winfield, que, falando alto, traziam o balde de água a meias, notaram qualquer coisa. Baixaram o tom de voz, poisaram o balde no chão e foram ajuizadamente postar-se ao lado da mãe.

A avó mantinha-se sentada, com ar solene e orgulhoso, enquanto o grupo se formava e ninguém olhava para ela. Então, deitou-se e cobriu o rosto com os braços. O Sol desaparecera, deixando os campos mergulhados num crepúsculo brilhante, de

maneira que os rostos reluziam à luz da tarde e os olhos reflectiam também a irradiação do firmamento. O fim da tarde juntava toda a luz que conseguia encontrar.

-Foi na tenda do sr. Wilson- esclareceu o pai.
O tio John anuiu: -Ele emprestou-nos a tenda. -É uma gente muito boa, muito amig@disse o pai, em voz baixa.

Wilson estava diante do seu carro desmantelado, e Sairy foi parajunto da avó e sentou-se ao lado dela, no colchão, evitando tocar-lhe.

O 8ai chamou:

- sr. Wilson!

O homem aproximou-se e também se acocorou no meio do grupo. Sairy levantou-se do colchão e colocou-se ao lado dele.

-Agradecemos muito a sua ajuda-afirmou o pai. -Tivemos muito prazer em ajudá-los -respondeu Wilson. -Estamos-lhe muito gratos-disse o pai. - Não se fala em gratidão quando alguém morre-observou Wilson.

E Sairy fez coro: -Nem se pensa em gratidão. -Nós vamos arranjar o seu carro. Eu e o Tom-atalhou AI. AI sentia-se orgulhoso por poder pagar a dívida da família. -Isso não seria mau-disse, Wilson, aceitando a retribuição do favor. O pai disse:

-Agora temos de pensar no que vamos fazer. Existem leis, não existem? Quando alguém morre, tem de se dar parte às autoridades. E, quando se faz isso, eles, ou querem quarenta dólares para o tuneral, ou fazem o enterro de graça, como a um indigente. O tio John interveio:

- Na nossa família, ainda ninguém foi enterrado como indigente.

-Talvez sejamos forçados a começar. Também nunca tínhamos sido expulsos da nossa terra-disse Tom.

-A gente sempre procedeu como deve ser.-disse o pai. -Venha o primeiro que nos acuse. Sempre pagámos as coisas que comprámos; não aceitamos a caridade de ninguém. Quando houve aquela história com o Tom, também pudemos manter a cabeça levantada. O que ele fez, qualquer homem teria feito.

-Bem, mas que vaMos fazer? -perguntou o tio John. -Se a gente fizer como manda a lei, eles vêm aqui buscar o corpo. A gente só tem cento e cinquenta dólares. Eles levam quarenta por enterrar o avô e a gente nunca chegará à Califórnia. A não ser que se enterre o avô como indigente.

Os homens sentiam-se inquietos e olhavam fixamente em frente dos joelhos o chão cada vez mais escuro.

O pai prosseguiu, baixando a voz: -O avô enterrou o pai dele com as próprias mãos; fez isso com decência, ajeitando uma bonita cova com a própria enxada. Naquele tempo, ainda existia o direito de um pai ser enterrado pelo próprio filho e de um pai enterrar o próprio filho.

-Sim, mas agora a lei já não é assim-disse o tio Joliri. -Mas, às ve-

zes, a lei não pode ser respeitada -retorquiu o pai.-Pelo menos, não o pode ser decentemente. Há uma porção de casos em que não pode ser respeitada. Quando o Floyd fugiu e se tornou perigoso, eles queriam que a gente o entregasse, mas ninguém se prestou a isso. As vezes, uma pessoa não pode obedecer à lei. Eu digo que tenho o direito de enterrar o meu próprio pai. Há alguém que ache que não?

O pregador alçou-se sobre os cotovelos. -As leis mudam-afirmou ele.- Mas, quando há necessidade de se fazer uma coisa, uma pessoa tem o direito de fazer o que é necessário. Eu acho que tem de se fazer mesmo.

O pai virou-se para o tio Jolin: -E tu, John? Também estás no teu direito de falar. Não és da mesma opinião? -Eu acho bem-respondeu o tio Jolin.-O que é, dá-me a impressão de que o estamos a esconder de noite. E tão contrário à maneira de ser do avô, ele que desatava logo aos tiros por qualquer coisa!

O pai disse, envergonhado: -Nós não podemos fazer o que o avô faria. Temos de chegar à Califórnia antes que se acabe o dinheiro.

Tom interveio: -Às vezes, um trabalhador qualquer desenterra um corpo, e então isso dá um sarilho danado; pensam que a pessoa foi assassinada. O governo interessa-se mais por um morto que por um vivo. São capazes de ir ao inferno para saber quem era o morto e de que morreu. Eu acho bom a gente pôr um papel dentro de uma garrafa ao lado do avô, explicando tudo: quem era, como rriorreu e por que o enterrámos aqui.

O pai meneou a cabeça, concordando: -E uma boa ideia, sim senhor. Então tu escreves tudo num papel, mas escreve bem. Assim nem fica tão sózinho, sabendo que tem lá o seu nome, que não é um velho solitário debaixo da terra. Têm mais alguma coisa a dizer?

A família manteve-se silenciosa.

O pai virou-se para a mãe: -Tu queres vesti-lo? -Quero, sim-disse a mãe.-E quem faz o jantar?

144

Sairy Wikon -acudiu:

- Èi preparo o jantar. Vão, vão à vossa vida. Eu faço o jantar e mais aquela vossa filha crescida.

-Ficamos-lhe muito gratos-volveu a mãe.-Noah, tu vais buscar um pouco de carne salgada lá das barricadas, ouviste? Acho que o sal ainda não entrou bem, mas a carne, mesmo assim, deve estar boa.

-Nós temos nicio saco de batatas- esclareceu Sairy Wilson. A mãe pediu: - Dá-me dois meios dólares.

O pai ru2teu a mão no bolso, explorou-o e deu à mãe duas moedas de prata. Ela foi buscar uma bacia, encheu-a de água e levou-a para a tenda. já estava bastante escuro. Sairy também entrou, acendeu unia vela, colocou-a sobre um caixote e tornou a sair. A mãe olhou o velho morto. Depois, cheia de piedade, rasgou unia tira do avental e amarrou-lhe os queixos. Endireitou-lhe a seguir os membros e cruzou-lhe os braços sobre o peito. Baixou-lhe as pálpebras, poisalido uma moeda de prata em cada uma delas. Abotoou-lhe a camisa e lavou-lhe o rosto.

-Sairy olhou para dentro da tenda e perguntou:

-Posso ajudá-la em qualquer coisa? A mãe olhou para cima: -Entre - disse. -Queria pedir uma coisa à senhora. -A senhora tem uma filha

muito boazinha-disse Sairy. -Está a descascar batatas. Que posso fazer, para a ajudar a si?

-Queria lavar o corpo todo do avô-disse a mãe-mas ele não tem outra roupa para vestir. E a sua colcha ficou estragada, claro. O cheiro da morte nunca mais sai das roupas. Olhe que eu vi um cão rosar e puxar pelo colchão em que a minha mãe tinha morrido dois anos antes. Mas nós vamos remediar o caso. Damos-lhe outra colcha.

Sairy respondeu: -A senhora não deve falar assim. Sabe que nós temos prazer em ajudá-la. Há muito tempo que eu não me sentia assim... assim em paz. Uma pessoa deve ajudar quem precisa.

A mãe anuiu: -Está certo-disse ela.-E isso mesmo.-Olhou longamente o velho rosto barbudo, de queixo amarrado e olhos de prata, brilhando à luz da vela. Não tem um ar natural. Vamos enrolá-lo na colcha, então.

--Aquela senhora de idade-a esposa dele-não pareceu sentir muito.

-Oh, coitada, é tão velha!-exclamou. a mãe.-Talvez nem av 'alie bem o que aconteceu. É capaz de ficar assim muito tempo. Além disso, nós, os Joads, não mostramos essas coisas. O meu pai costumava dizer: chorar é fácil, mas, para se ser um homem,

IO-V. 1.

14,5

é preciso aguentar. E a gente procura sempre não 4monstrar o que sente.

Armou cuidadosamente a colcha à volta das pernas e dos ombros do avô. Puxou uma das extremidades da coberta e dispô-la à maneira de capuz em redor da cabeça, fazendo-a descair sobre o rosto. Sairy entregou-lhe meia dúzia de alfinetes de segurança e ela utilizou-os para fechar bem a coberta em torno do corpo. Depois, levantou-se, dizendo:

-Não vai ser um enterro tão ruim como pensávamos. Veio um pregador com a gente; ele pode dizer qualquer coisa, e a família está quase toda aqui reunida.

Repentinamente cambaleou, e Sairy levantou-se para a consolar.

- É a falta de sono - explicou ela, envergonhada. - Eu estou bem. Sabe, a gente trabalhou toda a noite para tudo ficar pronto.

-Vamos sair um bocadinho para o ar livre-disse Sairy. -Sim, vamos. já está tudo pronto. Sairy apagou a vela e as duas deixaram a tenda. Uma fogueira ardia no fundo da vala, à margem da estrada. Tom tinha feito, com estacas e arame, uma armação, de que pendiam duas panelas em que a água borbulhava furiosamente. De sob as tampas das panelas, escapavam-se rolos vigorosos de vapor branco. Rosa de Sharon estava ajoelhada no chão, um pouco afastada da intensidade do lume e tinha uma colher na mão. Ela viu a mãe sair da tenda; ergueu-se e foi ao encontro dela.

-Mãe, preciso de lhe perguntar uma coisa. -já estás com medo outra vez?-inquiriu a mãe.-Querias passar os nove meses sem ter um aborrecimento?

- Mas... isto não vai fazer mal à criança? -Há um ditado assim: "Quem nascer com amargura, há-de viver com ventura." Não é, sr.a Wilson?

-Sim, também já ouvi dizer isso-disse Sairy.-E há outro dito assim.

"Quem vem ao mundo com prazer, tem certamente que sofrer."

-Mas eu estou toda a tremer por dentro!-disse Rosa de Sharon.

-Todos nós estamos -respondeu a mãe.-Bem, agora vai tomar conta das panelas.

Os homens haviam-se agrupado à margem do halo, de luz que rodeava a fogueira. Como ferramentas, tinham apenas uma pá e uma picareta. O pai demarcou o lugar-oito pés de comprido por três pés de largura. Revezavam-se no trabalho. O pai rasgava a terra com a picareta e o tio John jogava-a para o lado com a pá. Depois, AI pegava na picareta e Tom na pá, e, após, vinham Noah e Connie e assim sucessivamente. E a cova ia ficando cada vez mais funda, pois eles trabalhavam sempre no mesmo ritmo.

146

As pãzadas de terra voavam do buraco em rápida chuva de torrões. Quando já tinham uma cova rectangular, que lhes chegava à altura dos ombros, Tom perguntou:

-Mais fundo ainda, pai? -Tem de ser bastante funda: alguns pés mais. Tu agora sais daí, Tom. Vai escrever o tal papel.

Tom içou-se para fora da cova e Noali tomou o lugar dele. Tom foi para junto da mãe, que estava arranjando o lume.

-A senhora tem papel branco e caneta, mãe? A mãe sacudiu vagarosamente a cabeça:

- Não. Foi coisa que não trouxernos... -Lançou um olhar a Sairy.

A sr.a Wilson foi depressa à tenda e voltou com uma bíblia e metade de um lápis.

-Tome -disse. -Pode tirar a primeira página da bíblia, que está em branco. -E entregou o livro e o lápis a Tom.

Tom sentou-se junto da fogueira. Enviesou os olhos, piscando-os, num gesto de concentração mental, e começou a escrever lenta e cuidadosamente, desenhando letras largas e bem traçadas, "Este que aqui jaz é William James Joad, que morreu de um ataque, já muito velho e que a família enterrou aqui praque não tinha Dinheiro pró funeral. Ning4érri. o matô, é que ele teve um ataque e morreu."

Parou.

- ó mãe, ouça lá. - E ele leu vagarosamente o que tinha escrito. -Acho que soa bem-disse ela.-Mas tu não podias escrever aí alguma coisa da bíblia, para ser um enterro religioso? Procura um pedaço bonito da bíblia e escreve-o também no papel.

-Sim, mas não pode ser uma coisa muito comprida, porque não dá.* O papel é muito pequeno.

Sairy interveio: -Talvez isto: "Deus guarde a sua alma." -Não-disse Tom.-Isso soa como se ele tivesse sido enforcado. Deixe, que eu vou ver se copio um pedaço qualquer da Escritura. -Virou as paginas, leu, movimentando os lábios e murmurando baixinho.-Aqui está um pedaço bonito e bem curto: "E Lot disse-Ihe: Oli, não é assim, meu Senhor."

-Mas isso não quer dizer nada-objectou a mãe.-Uma vez que vais escre-

ver, escreve qualquer coisa com sentido.

Sáiry atalhou: -Veja nos Salmos, mais adiante. Nos Salmos sempre se encontra alguma coisa.

Tom foi folheando e lendo os versículos. -Aqui está um-disse.-É bonito e bem religioso. "Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas e cujos pecados são esquecidos". Que tal?

147

-Esse sim. É bonito-disse a mãe.-Podes escrever esse. Tom copiou o trecho cuidadosamente. A mãe enxaguou e limpou um frasco de compota. Tom pôs nele o papel e atarrachou vigorosamente a tampa.

-Quem sabe? Talvez devesse ter sido o reverendo a escrevei isto.

- Não, o reverendo não é nosso parente-opinou a mãe. Pegou no frasco e entrou com ele na tenda escura. Abriu um dos pontos em que o lençol se encontrava seguro pelos alfinetes, meteu o frasco entre as mãos frias do morto e tornou a fechar o lençol. Depois, voltou para junto da fogueira.

Os homens regressavam da cova, com as faces reluzentes de suor. - Pronto! -exclamou o pai. Foi com John, Noah e AI à tenda, e voltaram, carregando a longa trouxa até à beira da cova. O pai saltou para dentro, recebeu o fardo nos braços e depositou-o cuidadosamente no fundo. O tio John estendeu a mão e ajudou o pai a subir novamente.

O pai perguntou: -E a avó? -Vou vê-la-respondeu a mãe. Foi até ao colchão e olhou para a velha por um instante. Depois foi à cova.

-Está a dormir - disse. - Talvez se volte contra mim depois, mas não tenho coragem de a acordar. Está muito cansada.

O pai fez nova pergunta: -Onde está o pregador? Ele tem que rezar qualquer coisa. Tom respondeu: -Anda aí pela estrada. Mas ele já não gosta de rezar. -Não gosta de rezar? -Não-disse Tom.-Ele já não é pregador. E diz que não é justo enganar o povo, fingindo de pregador, quando já o não é. Aposto que fugiu, para que a gente não pudesse pedir-lhe para rezar.

Casy, que se aproximara subtilmente, ouvira as últimas palavras de Tom.

-Não fugi, não-disse. -Quero ajudá-los, mas não quero enganar ninguém.

O pai replicou: -Mas o senhor não podia dizer umas palavras ao menos? Ainda ninguém da nossa família foi enterrado sem que se dissessem algumas palavras.

-Bem, eu digo -condescendeu o pregador. Connie conduziu Rosa de Sharon para junto da cova. Ela seguia contra vontade.

-Tu tens de vir-advertiu Cormie.-Não é justo que não venhas. É só um bocadinho.

148

A luz da fogueira caía sobre o grupo, salientando-lhe as faces e os olhos e reflectindo-se fracamente nas suas Vestes escuras. Todos tira-

ram os chapéus. A luz bailava, saltitante, sobre o grupo.

Casy disse: -Só meia dúzia de palavras. -Baixou a cabeça e os outros seguiram-lhe o exemplo.

Casy continuou com solenidade: -Este ancião viveu longa vida, ao fim da qual morreu. Não sei se era bondoso ou mau, nem isso interessa. Ele viveu e isso é o principal. Agora está morto e acabou-se. Uma vez, ouvi alguém recitar um poema assim: "Tudo o que vive é sagrado.". Se pensarmos um pouco nestas palavras, depressa descobrimos que significam muito mais do que, à primeira vista, parece. Não quero rezar por um homem que morreu. Cumpriu o seu destino. Ele está como deve estar. Tem uma tarefa a cumprir, mas essa tarefa já está talhada para ele e existe apenas uma maneira de a cumprir. E nós também temos uma missão a cumprir, mas existem mil maneiras de nos desempenharmos dela, e nós ignoramos a melhor maneira de a cumprirmos. E, se eu quisesse rezar, rezaria pelas pessoas que não sabem qual o caminho que devem escolher. O avô já tem o caminho traçado. Portanto, cubram-no e deixem que ele cumpra a sua missão.-E Casy ergueu a cabeça.

-Amém!-rematou o pai. E todos os outros murmuraram: "Amém!" Depois, o pai pegou na pá, encheu-a de terra e lançou-a suavemente na cova negra. Entregou a pá ao tio Jolin, que, por sua vez, lançou também uma pá de terra. A pá passou de mão em mão, até que todos os homens tiveram a sua vez. Depois de todos terem cumprido esse dever, e usado do seu direito, o pai tomou de novo

* pá e foi lançando terra solta, com o que ryidamente encheu

c

* cova. As mulheres voltaram para junto da oqueira, a fim de preparar a comida. Ruthie e Winfield olhavam para tudo, absortos.

Ruthie disse solenemente: -O avô agora está lá em baixo. E Winfield olhou-a com olhos horrorizados. Depois, correu até à fogueira, sentou-se no chão e pôs-se a soluçar.

O pai tinha enchido a cova até metade. Parou, ofegante de cansaço, e o tio John encarregou-se de terminar a tarefa. John modelava o monte de terra quando Tom o interrompeu:

-Escute, tio John-disse Tom.-Se der à terra forma de sepultura, não-de logo querer abri-la. É melhor deixá-la plana e depois espalhar-lhe, erva seca por cima. Tem de ser.

O pai disse então. -Nem pensei nisso. Mas não, está certo que se deixe uma cova sem ser alteada.

149

-Não há outro remédio-disse Tom.-Se percebem que é uma cova, desenteram logo o corpo e então a gente pode passar um mau bocado por não ter cumprido a lei. O senhor sabe o que me acontece se eu quebrar a lei...

-Sim, esquecia-me disso.-Tirou a pá da mão do tio John e começou a aplanar a superfície da cova. -No Inverno vai ceder -comentou.

- Que é que se há-de fazer ? - perguntou Tom. - No Inverno, já a gente estará bem longe daqui. Vamos pisar bem a terra e disfarçá-la com erva.

Uma vez aprontado o prato de carne de porco com batatas, as famílias

sentaram-se em volta da comida, no chão, e começaram a comer. Estavam silenciosos e olhavam para o fogo. Wilson, 1

ue acabava de arrancar uma fatia de carne com os dentes, suspirou e satisfação.

-É bom a gente comer carne de porco-disse. -Nós tínhamos dois porcos-esclareceu o pai-e achámos que era melhor comê-los agora. Davam-nos uma ninharia por eles. Depois, quando nos acostumarmos à viagem e a mãe puder fazer pão, então, sim, vai ser bom de verdade; admirarmos a paisagem e sabermos que temos duas barricas de carne de porco na bagagem. Há quanto tempo estão o senhor e a sua mulher de viagem?

Wilson limpou os dentes com a língua e palitou os resíduos. -Nós não tivemos sorte. Há três semanas que estamos fora de casa.

-Santo Deus! E nós que queremos estar na Califórnia dentro de dez dias, mais ou menos!

AI interrompeu-o: -Não sei, pai. Com este carregamento tão pesado, não vai ser fácil, talvez nem nunca lá chegemos. Principalmente se encontrarmos montanhas pela frente.

Calaram-se todos à volta da fogueira. Tinham a cabeça pendida para a frente e cabelos e testas brilhavam à luz das chamas. Acima da pequena cúpula formada pela fogueira, as estrelas daquele céu de Verão luziam fracamente. Sobre o colchão, afastada do lume, a avó choramingava baixo, como um cachorrinho. Todos os olhares convergiram para ela.

A mãe disse: -Rosasharn, sê boazinha; vai-te deitar com a avó. Ela precisa de alguém; já sabe tudo.

Rosa de Sharon levantou-se e foi para junto da avó. Deitou-se ao lado dela, no colchão, e o murmúrio abafado de ambas chegava até à fogueira. Rosa de Sharon e a avó cochichavam.

-E engraçado! O avô morreu e eu não sinto nada de especial. Não estou mais triste do que estava-disse Noah.

150

-É a mesma coisa-comentou Casy.-O avô e o sítio em que ele vivia era tudo uma só coisa.

AI interveio: -É uma pena, coitado! Costumava dizer que havia de esmagar as uvas por cima da cabeça, até que o sumo lhe escorresse pelas barbas.

Casy disse: -Dizia isso, mas de paródia, sem intenção de o fazer. O avô não morreu esta noite, morreu no instante em que o tirámos de casa. _ O senhor tem a certeza disso? -perguntou o pai.

-Bem, a certeza... É claro que respirava- continuou Cas@. -O que eu quero dizer é que ele já estava praticamente morto. Ele e a quinta faziam um bloco e ele bem o sabia.

- E o senhor sabia que ele ia morrer ? - perguntou o tio John. -Sim-disse Casy-eu sabia. John encarou-o fixamente e o horror estampou-se-lhe nas faces.

- E o senhor não revelou nada a ninguém? -Para quê?-volveu Casy.

- A gente... podia ter feito alguma coisa. -Ter feito o quê? -Não sei,

mas... -Não-disse Casy-não se poderia fazer nada. O vosso caminho já estava traçado e o avô não poderia participar dele. Mas não sofreu nada. A não ser quando o movimento começou esta manhã. Ficou aqui na terra, que era a terra dele. Não teve forças para a deixar.

O tio John suspirou profundamente. Wilson disse: -Nós tivemos de abandonar o meu irmão Will.-Todos se voltaram para ele. -Tínhamos quarenta acres juntos. Ele é mais velho do que eu. Nenhum de nós sabia guiar bem. Resolvemos abalar e vender tudo o que possuíamos. Will comprou um carro e o vendedor deu-lhe um rapazinho para o ensinar a guiar. Então, na tarde em que íamos partir, um pouco antes da nossa saída, Will e a tia Minnie andavam a praticar no carro. Will, numa curva, pôs-se a gritar: "Aí-oó!" Recuou de encontro a uma cerca. Gritou de novo: "Anda, pileca!" Carregou no acelerador e foi malhar no fundo de um barranco. E, pronto! Ele não tinha mais nada para vender e estava sem carro. Mas a culpa foi dele, Deus louvado! Ficou tão danado que nem quis ,rir connosco. Lá ficou, a praguejar contra tudo.

- E agora que vai ser dele ? -Sei lá. Ficou tão aborrecido que se sentiu incapaz de pensar no que iria fazer. E nós não podíamos esperar. Só tínhamos oitenta e cinco dólares. Não podíamos ficar lá e dividir o dinheiro,

1,51

mas, no fim de contas, já gastámos quase tudo. Nem sequer tínhamos feito cem milhas quando se partiu um dente do diferencial e tivemos de pagar trinta dólares pelo conserto. Depois, precisámos de comprar um pneu e logo depois estoirou uma vela e Sairy adoeceu. Tudo isto nos reteve mais de dez dias. E agora este calhambeque avariou-se outra vez e o dinheiro está nas últimas. Nem sei se chegaremos à Califórnia. Se, ao menos, eu entendesse de carros e pudesse consertar este!

AI perguntou com ar de importância: -Que é que tem o carro afinal? - Bem, resolveu não andar mais. O motor pega e pára logo em seguida. Depois, pega outra vez, mas, antes de se resolver a andar, o motor vai-se abaixo.

-Então ele só pega um minuto, mais ou menos? -Sim, senhor. E não quer andar mais, por mais gasolina que lhe meta. Está cada vez pior, e agora nem para trás nem para diante.

AI estava muito compenetrado e senhor de si.

- Isso deve ser o tubo de gasolina entupido. Vou ver se lhe faço uma limpeza.

O pai mostrava-se também muito ufano. -Ele entende um bocado de automóveis -disse, satisfeito.

- Pois eu ficaria muito agradecido - volveu Wilson. - A gente tem a impressão de que é urna verdadeira criança por não saber lidar com esta coisa. Quando chegar à Califórnia, hei-de comprar um bom? automóvel. Talvez esse se não estrague tão depressa.

-Sim, se a gente conseguir chegar à Califórnia- comentou o pai. Chegar lá é que são elas.

-Sim, mas vale pena-retorquiou Wilson.-Eu vi impressos que diziam que precisavam lá de muita gente para trabalhar nas colheitas de frutas e que pagavam ótimos ordenados. Só pensar no que aquilo vai ser: a gente debaixo de árvores de sombra, a apanhar fruta e a dar uma dentada de quando em quando! Ah--caramba!-nem se importam com o que a

gente come. A fartura é tanta! E, com os bons ordenados, talvez com o que se venha a economizar, seja possível comprar um pedacinho de terra qualquer. Sim - caramba! - a gente pode ter um bocadinho de seu.

-Nós também vimos esses impressos -informou o pai.-Até tenho um aqui.

Tirou a bolsa e de dentro dela um impresso cor de laranja, dobrado. Em caracteres negros, via-se escrito no papel: "Precisa-se de gente para a colheita das ervilhas na Califórnia. Bons salários durante a estação. Procuram-se oitocentos homens."

Wilson olhou para o impresso com curiosidade. -Sim, é igual ao que eu vi, Igualzinho. Foi este mesmo que eu vi. O senhor ach... quem sabe se eles já arranjaram os oitocentos homens ?

IS2

--Bom, mas isso é só numa pequena parte da Califórmi, que é o segundo Estado-en-i tamanho-do@ Estados Unidos. Vamos admitir que eles já tenham conseguido os oitocentos homens; mas isso não quer dizer nada, pois há muitas, muitas outras fazendas no Estado. Eu gostava de apANHAR frutas. Como diz o senhor, debaixo da sombra das árvores, a apANHAR fruta. Até uma criança gosta de um trabalho assim.

AI levantou-se súbitamente e foi até ao carro de turismo dos Wílsons. Examinou-o por um instante e tornou a voltar ao seu lugar.

-Hoje o senhor não poderá fazer nada-infori-nou Wilson. -Eu sei. Vou arranjá-lo amanhã de manhã. Tom olhava pensativo para o irmão mais jovem. -Estava a pensar uma coisa semelhante, também-disse ele. -Afinal, de que é que vocês estão a falar? -perguntou Noah. Tom e AI conservavam-se calados, pois um esperava que o outro respondesse.

-Diz-lhes tu-murmurou AI finalmente. -Bem, talvez não seja uma coisa acertada, talvez não seja bem o que o AI quer, mas vou dizer. Aqui está: nós estamos sobrecarregados, mas os senhores Wilsons têm o carro vazio. Se algumas pessoas da nossa família pudessem viajar com eles@ a gente podia pôr no caminhão algumas coisas mais leves deles e assini não corríamos o risco de partir as molas quando subíssemos as montanhas. Eu e o AI entendemos alguma coisa de automóveis e faremos um jeito para o carro de turismo andar. No caminho, podemos fazer viagem sempre juntos e assim é bom para todos.

Wilson ergueu-se num pulo: -Sim, senhor. Teríamos muito prazer. Eu estou de pleno acordo. Sairy, que é que tu dizes a isto?

-É uma boa ideia, sim-aprovou Sairy.-Mas não vamos ser pesados aos senhores?

- Não, por amor de Deus, não! - disse o pai. - Pelo contrário, vai ser até um auxílio.

-Bem, não sei, não-murmurou Wilson, desanimado. -Que foi? Não quer? - Bem, s4be... só temos trinta dólares e não queremos ser pesados a ninguém.

-O senhor e a senhora não nos vão ser nada pesados-disse a mãe.-Uns ajudam os outros, e assim vamos chegar todos à Califórnia. A D. Sairy ajudou ao enterro do avô-concluiu ela.

A amizade estava firmada. AI gritou: -No carro vão seis pessoas à von-

tade. Por exemplo: eu posso guiar e podem vir comigo a Rosa de Sharon, o Connie e a avó. E a bagagem ligeira, que está no carro, passa-se para o camião.

153

Depois a gente pode revezar-se nos lugares. -Falava em voz alta, excitado, pois que se livrava de uma grande preocupação.

Os outros sorriam acanhados, olhando o chão. O pai remexia a terra poeirenta com as pontas dos dedos. Depois, disse:

-A mãe quer uma casinha branca, rodeada de pés de laranjeira. Ela viu um quadro assim num calendário.

-Se eu adoecer outra vez, vocês não esperem por mim disse Sairy. -Não quero ser pesada a ninguém.

A mãe olhou-a com atenção e, pela primeira vez, pareceu reparar nos olhos alagados de sofrimento, no rosto de criatura perseguida, crispado pela dor.

-Tudo se há-de arranjar. Não foi a senhora mesma quem disse que se deve ajudar aqueles que estão em dificuldades?

Sairy examinava as mãos enrugadas à luz da fogueira. -Bem, temos de ir dormir esta noite.-E dizendo isto, levantou-se.

-O avó... até parece que já morreu há um ano - disse a mãe. As duas famílias preparavam-se lentamente para dormir, bocejando vigorosamente. A mãe foi ainda remexer nos pratos de estanho e limpou-lhes a gordura com um pano de linhagem. A fogueira extinguiu-se e as estrelas iam descendo no horizonte. Pela estrada quase não passavam carros de passageiros, mas os pesados caminhões faziam, de quando em quando, estremecer a faixa de cimento, provocando verdadeiros terremotos em miniatura. Os dois veículos que estacionavam na vala mal se viam à luz das estrelas. Um cão amarrado uivava lúgubrememente no pátio do posto de gasolina, ao fundo da rua. Ambas as famílias se haviam já aquietado e dormiam, e os ratos do campo tomaram coragem para deslizar entre os colchões. Apenas Sairy Wilson estava acordada. Contemplava o céu, resistendo-se toda, numa resistência à dor.

CAPITULO XIV

Enquietavam-se as terras do Oeste sob os efeitos da metamorfose incipiente. Os Estados ocidentais sentiam-se inquietos como os cavalos antes da trovoada. Os grandes proprietários inquietavam-se, pressentindo a metamorfose, sem atinarem, no entanto, com a sua natureza. Os grandes proprietários atacavam o que lhes ficava mais próximo: o governo de poder crescente, a unidade trabalhista cada vez mais firme; atacavam os novos impostos e os novos planos, ignorando que todas essas coisas são efeitos e não causas. As causas escondiam-se bem no fundo e eram simplesas causas eram a fome, a barriga vazia, multiplicada milhões de vezes, fome na alma, fome de um pouco de prazer e de um pouco de tranquilidade, multiplicada milhões de vezes; músculos e

154

cérebros que ansiavam por crescer, trabalhar, criar, multiplicados milhões de vezes. A última função clara e definida do homem -músculos que querem trabalhar, cérebros que querem criar para além das sim-

ples necessidades -isto é o homem. Construir um muro, construir uma casa, um dique, e pôr nesse muro, nessa casa, nesse dique algo do próprio homem, é retirar para o homem algo desse muro, dessa casa, desse dique. Obter músculos forte,, à força. de os mover, obter linhas e formas elegantes pela concepção. Porque o homem, ao contrário de qualquer coisa orgânica ou inorgânica do universo, cresce para além do seu trabalho, galga os degraus das suas próprias ideias, emerge acima das próprias realizações. E isto o que se pode dizer a respeito do homem. Quando as teorias mudam e caem por terra, quando as escolas filosóficas, quando os caminhos estreitos e obscuros das concepções nacionais, religiosas, económicas, se alargam e se desintegram, o homem arrastase para diante, sempre para a frente, muitas vezes cheio de dores, muitas vezes pelo caminho errado. Tendo dado um passo à frente, pode voltar atrás, mas apenas meio passo, nunca o passo todo que já deu. Isto é o que se pode dizer do

a_se quando as bombas homem: dizer-se e saber-se. Isto verific, caem dos aviões negros sobre a praça do mercado, quando os prisioneiros são tratados como porcos imundos e os corpos esmagados se esvaziam imundos, na poeira. Pode verificar-se deste modo. Não tivesse sido esse passo, não estivesse vivo no pensamento o desejo de avançar sempre, essas bombas jamais cairiam e nenhum pescoço teria nunca sido cortado. Receiem-se os tempos em que as bombas não caiam enquanto existam os bombardeiros, pois que cada bomba é uma demonstração de que o espírito ainda não morreu. E receiem-se os tempos em que as greves cessem, enquanto os grandes proprietários viverem ainda, pois cada greve vencida é uma prova de que se está dando um passo. E isto pode saber-se - receiem a hora em que o homem não queira sofrer mais e morrer por um ideal, pois que esta é a qualidade base da Humanidade, é o que a distingue entre todas as coisas do Universo.

Os Estados ocidentais inquietavam-se sob os efeitos da metamorfose incipiente, Texas e Oklahoma, Kansas e Arkansas, Novo México, Arizona, Califórnia. Uma família isolada mudava de terra. O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A Companhia das Terras-é o banco quando ela possui terras-quer tractores em vez de pequenas famílias nas terras. Um tractor é mau? A força que grava os profundos sulcos na terra é uma força errada? Se esse tractor fosse nosso-não meu, nosso -prestaria. Se esse tractor produzisse os sulcos na nossa própria terra, certamente estaria certo. Não nas minhas terras; nas nossas. Então, sim, a gente gostaria do tractor, como gostava

das terras quando ainda eram nossas. Mas esse tractor faz duas coisas diferentes: revolve as terras e expulsa-nos delas, Não há =

uase diferença entre esse tractor e um tank. Ambos expulsam os

ens que lhes barram o caminho, intimidando-os, ferindo-os. Há que reflectir sobre isto.

Um homem, uma família expulsos das suas terras, esse veículo enferrujado arrastando-se, rangendo pela estrada, rumo ao Oeste. Eu perdi as minhas terras; um tractor, um só, roubou-mas. Estou sózinho e desnor-teado. E uma família pernoita numa vala e outra família chega e as tendas surgem. Os dois homens acocoram-se no chão sobre os calcanhares e as mulheres e as crianças escutam em silêncio. Aqui está o nó, ó tu, que odeias as mudanças e temes as revoluções. Mantém esses dois homens afastados, faz com que eles se odeiem, se receiem, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que tu receias. Aí é que está o germe do que te apavora. E o zigoto. Porque aí transforma-se o "eu perdi as minhas terras" rompe-se uma célula e dessa célula rota brota aquilo

que tu tanto odeias: o "nós perdemos as nossas terras". Aí é que reside o perigo, pois que dois homens nunca se sentem tão sózinhos e tão abatidos como um só. E desse primeiro "nós" nasce algo muito mais perigoso: "eu tenho algum pão" mais "eu não tenho nenhum." E o resultado desta soma é: " Nós temos alguma coisa". Então, a coisa toma um rumo; o movimento passa a ter um objectivo. Basta, nessa altura, uma pequena multiplicação e esse tractor, essas terras são nossas. Os dois homens acorados numa vala, a pequena fogueira, a carne a fritar numa frigideira comum, as mulheres caladas, de olhos fixos; atrás, as crianças escutando com o coração palavras que o seu cérebro não alcança. A noite desce. A criança constipa-se. Olhe, tome esse cobertor. É de lá. Pertenceu a minha mãe. Tome, fique com ele para a criança. Sim, é aí que tu deves lançar a tua bomba. É este o começo da passagem do "eu" para o "nós".

Se tu, que tens tudo o que os outros precisam ter, puderes compreender isto, saberás também defender-te. Se tu souberes separar causas de efeitos, se souberes que Paine, Marx, Jefferson, Lenine, foram efeitos e não causas, sobreviverás. Mas isso é que tu não podes compreender, pois que a qualidade da posse te cristalizou para sempre na fórmula do "eu" e para sempre te há-de isolar do "nós".

Os Estados ocidentais inquietam-se sob os efeitos da metamorfose incipiente. A necessidade é um estimulante da concepção; a concepção, o estímulo para a acção. Meio milhão de homens caminha pelas estradas; um milhão mais se prepara para a caminhada; dez milhões mais sentem as primeiras impaciências.

E os tractores abrem sulcos e sulcos nas terras abandonadas.

1,5 6

CAPITULO XV

Ao longo da estrada 66, restaurantes improvisados. "Casa de Al e Susy" - "Carlos- Refeições ligeiras" - "Will- Comes e Bebes" - "Joe e Minnie". Barracas mal-amanhadas, de madeira. Duas bombas de gasolina em frente, um guarda-vento, um balcão comprido, tamboretas altas e um tubo de ponta a ponta, em baixo, para descansar os pés. Próximo da porta, três caça-moedas, cujos mostradores deixam ver a porção de moedas que qualquer poderá ganhar. E, ao lado deles, o gramofone de metal, com discos empilhados como grandes bolachas, prontos a deslizarem para o prato giratório e a executarem músicas de dança: "Ti-pi-ti-pi-tin", "Obrigado pela lembrança", Bing Crosby, Benny Goodman. Numa das extremidades do balcão, uma redoma de vidro: rebuçados para a tosse, sulfato de cafeína para espantar o sono, bombons, cigarros, lâminas de barba, aspirina, "Bromo-Seltzer, Alka-Seltzer". Paredes decoradas com cartazes coloridos, representando banhistas loiras, de grandes seios, ancas estreitas e faces de cera, vestindo fatos de banho brancos, segurando na mão garrafinhas de "Coca-Cola" e sorrindo: "Veja o que se consegue com "Coca-Cola". Balcão comprido, saleiros, pimenteiros, potes de mostarda e guardanapos de papel. Atrás do balcão, barris de cerveja e, ao fundo, as máquinas, de fazer café, reluzentes e fumegantes, com os tubos de vidro mostrando o nível do líquido existente. E doces, em caixas de rede e laranjas em pirâmides de quatro cada uma. E pequenas pilhas de bolos secos e latas de flocos de milho, dispostas de modo a formarem desenhos variados. E, forrados de mica reluzente, letreiros como estes: "Empadas à moda da minha mãe". "O crédito cria inimidades. Seja nosso amigo". "As senhoras podem fumar, mas cautela com as pontas de cigarro!" "Poupe trabalho a sua esposa e tome uma bebida com ela".

Noutra extremidade, na placa de aquecimento, os artigos de cozinha: panelas, caçarolas de guisado, batatas, carne assada e rosbife de carne de porco, para ser vendido às fatias.

Minnie, ou Susy ou Mae, geralmente uma mulher de meia idade, atrás do balcão, de cabelos ondulados, rouge e pó de arroz no rosto suado. Recebe as ordens, falando em voz baixa e suave, e transmite-as à cozinha com a voz estridente do pavão. Limpa o balcão, descrevendo movimentos circulares, e areia cuidadosamente as reluzentes máquinas de café. O cozinheiro chama-se Joe, ou Carl ou Al; encalmado no seu casaco e avental branco e sob o boné também branco, goteja-lhe o suor em bagas na fronte. É sorumbático, pouco conversador e lança tini olhar rápido à porta cada vez que entra um novo freguês. Enxuga a frigideira, mete nela outro hamburguês, confirma em voz baixa os pedidos

1.57

transmitidos por Mae, torna a raspar a frigideira, limpa-a com um pedaço de serapilheira. Sorumbático e silencioso.

Mae estabelece o contacto, sorridente mas irritada, prestes a explodir; sorrindo, sobretudo quando os seus olhos, voltando do passado, avistam motoristas de caminhões. São eles a espinha-dorsal do estabelecimento. Onde os caminhões param é onde chegam os fregueses. Não se pode tratar mal um motorista de caminhão, já se sabe. Os caminhões trazem os fregueses. já se sabe. Dêem-lhe uma chávena de café a saber a bafio e somem-se para sempre. Tratem-nos bem e eles voltarão. Mae sorri com o @eu mais irresistível sorriso para os motoristas. Empertiga-se um pouco, ajei_ta os cabelos pretos da nuca, de maneira que, com os movimentos dos braços, os seios subam; fala-lhes sôbre o tempo, conta-lhes coisas interessantes que cheirem a pârkdrega e lança boas piadas. Al nunca fala. Ele não existe para o público. Às vezes, sorri ligeiramente, ao ouvir alguma boa piada, mas nunca ri alto. Outras vezes, ergue a cabeça, ao captar a tonalidade viva da voz de Mae, e depois raspa a frigideira com uma espátula, retira a gordura, que cerca a frigideira nas bordas, para dentro de uma vasilha de ferro. Comprime o hamburguês que assobia na banha. Coloca o pão cortado em dois sobre a chapa, para o aquecer e torrâ. Reúne as cebolas espalhadas no prato e amontoa-as sobre a carne, fazendo-as penetrar com a espátula. Põe metade do pão sobre a carne, besunta a outra metade com manteiga derretida e tiras finas de pickles. Segurando com uma mão o pão que põe sobre a carne, mete a espátula por debaixo daquela, vira-a e coloca por cima a metade do pão amanteigado e põe o hamburgu@s pronto sobre um pires, colocando-lhe, ao lado, um pedaço de pickles aromatizado com funcho e duas azeitonas pretas. E atira com o prato pelo balcão fora, como se fosse uma m. alha. E continua a raspar, mal-humorado, a frigideira com uma faca.

Carros deslizam pela estrada 66. Placas de licença: Mass, Tenn. R. L. Ohio. Todos para o Oeste. Bons carros, correndo a cem à hora.

Aí vai um desses "Cords". Parece um câixão de rodas. Mas, Santo Deus, como essa gente viaja! Vê esse "La Salle"? É o que eu gostaria de ter. Não sou muito exigente. Contento-me com um "La Salle".

já agora, porque não deseja um "Cadillac"? Ainda é mais rápido,

Cá por mim, queria um "Zephir". Não vale nenhuma fortuna, mas tem categoria e corre bem. Cá para mim, um "Zephir".

Bem, pois eu-já sei que se vai rir de mim-eu contentava-me com um

"Buick-Puick". Para mim, seria o bastante.

Ora bolas! Esse custa tanto como um "Zephir" e não é tão resistente.

.1,58

Não me interessa. Não quero ter negócios com Henry Ford. Não gosto do tipo, nem nunca gostei dele. Um irmão meu andou a trabalhar lá na fábrica. Só queria que ouvisse o que ele me contava!

Sim, mas um "Zephir" não é nada mau. Os grandes carros correm na estrada. Senhoras encalmadas, lânguidas, pequenos núcleos, à volta das quais gravitam milhares de acessórios: cremes, pomadas para se engordurarem, tintas em vidrinhos: pretas, cor-de-rosa, encarnadas, brancas, verdes, prateadas, para a pintura dos cabelos, dos olhos, dos lábios, das unhas, das sobrancelhas, pestanas e pálpebras. Oleos, sementes e pílulas para a prisão de ventre. Um saco cheio de vidrinhos, seringas, pílulas, pós, líquidos e gelatinas para tornar as relações sexuais seguras, inodoras e estéreis. Isto sem falar nos vestidos. Uma porcaria dos diabos!

Linhas de fadiga em torno dos olhos, linhas de descontentamento em torno dos lábios, seios pesando nos pequenos soutiens, ventre e ancas apertados em cintas de borracha. E bocas ofegantes e olhos imprecando contra o sol, o vento e a poeira, queixando-se da comida e do cansaço, odiando o tempo, que raramente as torna mais belas e sempre as envelhece.

Ao lado delas, homenzinhos de ventre em forma de pipa, trajando roupas claras e chapéus Panamá; muito limpos, rosados, com os olhos inquietos, revelando preocupação e embaraço. Preocupação, porque os seus cálculos não dão certos, sequiosos de segurança e, ao mesmo tempo, sentindo que a segurança é coisa que vai desaparecendo da face da terra. Nos carros, as placas e os rótulos de hotéis e service clubs, lugares onde eles vão para verem os outros homenzinhos preocupados e se certificarem que o comércio é uma coisa nobre e não aquela ladroeira ritualizada que eles, no fundo, reconhecem, e que os comerciantes são homens, inteligentes, mau grado os seus records de estupidéz, e que eles são bondosos e caritativos, apesar dos princípios do comércio e que as suas vidas são cheias de interesse e não a repetição daquela fatigante rotina que eles bem conhecem, e que chegará o dia em que não precisarão ele continuar a ter medo.

E esses dois seguem para a Califórnia; vão para lá, a fim de se sentarem no hall do 13everley-Wilshire Hotel, a olhar os que passam e que eles invejam, a olhar as montanhas- montanhas, imacrinem e grandes árvores!-ele, com olhos cheios de preocupações e ela, pensando em como o sol vai ressequir-lhe a cútis. Vão ver o Oceano Pacífico, e eu aposto cem mil dólares contra nada, em como ela dirá: "Olha, não é tão grande como eu pensava!" E ela terá inveja dos corposjovens e frescos que se revolvem na areia das praias. Eles vão à Califórnia, para poderem regressar

159

da Califórnia, e para poderem dizer: "Fulano e Cicrano estiveram sentados ao lado da nossa mesa no Trocadero. Ela não presta para nada, mas veste-se admiravelmente". E ele: "Encontrei por lá uns negociantes graúdos. Eles dizem que as coisas só melhorarão quando a gente se livrar daquele tipo que ainda está na Casa branca." E: "Houve uma pessoa que me disse, pessoa bem informada, que ela tem sífilis-sabe? Aquela

que entrou naquele filme da Warner. E disse-me que ela conseguiu triunfar no cinema à custa dos homens que tem tido. Enfim, teve o que merecia." Mas os olhos preocupados não acham paz e a boca mal-humorada nunca se abre num sorriso. O carro enorme e luxuoso passa a cem à hora.

-Quero uma bebida gelada. -Pois, não! Ali adiante há um bar. Queres que eu pare? --Achas que será um sítio limpo e decente?

- Acho que sim; pelo menos o mais limpo que se pode encontrar nestas paragens que até Deus esqueceu.

-Bem, a soda engarrafada deve ser suportável! Os freios rangem e o carro pára. O homenzinho gordo e de olhos preocupados ajuda a mulher a descer.

Mae vê-os entrar e desvia os olhos. AI lança-lhes um olhar fugidio de entre as suas frigideiras e torna a baixar a cabeça. Mae já sabe. Eles vão pedir uma soda que custa cinco cents e reclamar que não está bem gelada. A mulher vai estragar seis guardanapos de papel e atirá-los ao chão. O homem vai engasgar-se e responsabilizar Mae por isso. A mulher vai torcer o nariz, como se sentisse cheiro de carne podre, e depois, vão-se os dois embora e contam por toda a parte como aquela gente do Oeste é malcriada. E Mae, quando fica sózinha com o AI, tem uma classificação para as pessoas assim: "São uns bardamerdas."

Os motoristas de caminhões, esses sim! Aí vem um grande caminhão. Espero que pare, para dissipar o cheiro que esses bardamerdas aqui deixaram. Quando eu trabalhava naquele hotel de Albuquerque, AI, só queria que visses o jeito que têm para roubar! Furtam tudo o que lhes cai nas mãos. E, quanto maior e mais potente é o carro deles, mais eles roubam: toalhas, talheres e saboneteiras. Tu nem sequer és capaz de fazer uma ideia!

E AI, com aspereza:-Que é que pensas, então? De que maneira arranjam esses carros assim tão grandes? Nasceram com eles? Tu é que nunca terás nenhum.

A gente do caminhão-um motorista e o ajudante. -Que tal, se a gente parasse para tomar um cafêzinho? Eu já conheço aquela tasca.

-E o nosso horário? -Ora! Estamos adiantados...

i6o

-Bem, então vamos a isso. Há lá uma mulher que ainda é bem boa! E o café é de estalo!

O caminhão pára. Dois homens de calças de montar, de caqui, botas e casacos curtos e bonés militares de pala brilhante. O guarda-vento bate com estrondo.

-Olá, Mae! Bill ?--Olhem! É o grande Bill, o Ratazana! Quando voltaste,

_ Há uma semana.-O outro homem mete uma moeda no gramofone, fica a ver o disco soltar-se e o disco giratório mover-se debaixo dele, para o prato, que começa a girar. A voz de ouro de Bing Crosby "Thanks for the memory" -Obrigado pela lembrança de um banho de sol na praia". E o motorista canta em voz alta para que Mae o ouça: "You might have been a haddock but you never was a whore" (1), parodiando a letra da conhecida canção, que é: "You might have been a headache, but you never

were a bore".

Mae ri. -Quem é este teu amigo, Bill? Vem contigo pela primeira vez, hein ?

O outro enfia uma moeda no "caça-moedas", ganha quatro fichas e mete-as todas na máquina outra vez. Vai ao balcão.

-Então que é que vai ser? -Cafêzinhos. Que bolos tem aí? -De creme de banana, creme de ananás, creme de chocolate e de maçã.

-De maçã... é bom. Espera... Que é isso aí, tão grande? Mae levanta o bolo e cheira. Creme de banana. -Corta um pedaço, mas um pedaço bem grande.

O outro, junto do caça-moedas, diz: -Dois! -Dois, então. Alguma anedota nova, Bill? -Tenho sim, escuta lá., --Cuidado, que estás a falar com uma senhora, Bill.

- Não há perigo. Esta é até bem inocente. Um miúdo chega atrasado à escola. O professor pergunta: "Porque chegaste tão tarde?" O garoto responde: "Tive de ir buscar uma vaca... para criizar". E o professor: "Olha lá, o teu pai não podia fazer isso?" Responde o miúdo: "Podia, sim, mas não tão bem como o touro."

Mae quase rebenta a rir, num riso agudo e estridente, e AI, que, com ar preocupado, corta cebolas em cima de uma tábua, ergue a cabeça, sorri e torna a baixar a cabeça sobre as cebolas.

(1) Podes ter sido insuportável; mas nunca aborrecida, eis o que diz a canção.

O wotorista fez a seguinte paródia: Podes ler sido um arenqi@e mas nunca uma pescada -

li-V. 1.

161

Motoristas de camião, esses sim! São bons de verdade. Largam, pelo menos, um quarto de dólar cada um. Quinze cents por um café e um bolo e dez cents para Mae. E não exigem nada dela.

Sentados berajuntos nos altos tamboretos, com as compridas colheres nas canecas do café. Estão a passar o tempo. E AI, que enxuga a sua frigideira, escuta tudo, mas não faz comentários. A voz de Bing Crosby já não se ouve. O prato do gramofone pára e o disco escorrega autornãticamente para o seu lugar na pilha. A luz vermelha apaga-se. A moeda que pôs em movimento todo aquele mecanismo, que fez com que se ouvisse a voz de Bing Crosby, acompanhada de orquestra, passa entre os pontos de contacto e cai na caixa, onde se arrecadam os lucros. Essa moeda, ao contrário dos outros dinheiros, provocou uma actividade, tornou-se fisicamente responsável de uma reacção.

jactos de vapor irrompem da válvula da máquina de fazer café. O compressor da geleira zune brandamente por algum tempo e depois emudece. A ventoinha eléctrica, a uni canto, abana lentamente a cabeça para um e outro lado, distribuindo um vento morno pelo salão. Na estrada-a estrada 66-deslizam carros e mais carros.

-Há bocadinho estava ali parado um carro de Massachussets -diz Mae.

Bill, o Ratazana, agarra na xícara pela parte de cima, de maneira que a colher lhe fica entre o polegar e o indicador. Sopra o café, para o esfriar um pouco.

-Queria que tu visses, aí, na estrada. E, um nunca acabar de carros. De todos os Estados. E vão todos para o Oeste. Nunca vi tantos em dias da minha vida. Devem levar pequenas boas à farta.

-A gente viu um desastre hoje de manhã-diz o companheiro. -Era um carro formidável-um Cadillac. Uma carroserie estupenda: baixinha, cor-de-creme, coisa especial. Esbarrou com um caminhão. O radiador amolgou-se de encontro ao tipo que guiava o carro. O volante furou a barriga do homem e deixou-o, a espernear como uma rã espetada num anzol. Ia, pelo menos, a cento e cinquenta à hora. Um carro que era uma beleza! Agora não vale um amendoim. O sujeito ia sózinho no carro.

Al levantou a cabeça: -E o caminhão, que é que lhe aconteceu? -Livra! Aquilo nem era bem um caminhão; era uma dessas geringonças feitas para uma viagem. Um carro velho, cheio de passageiros, transformado em caminhão de carga. Ia cheio de painéis e colchões, crianças e galinhas. Ia para o Oeste, sabes? Bom, o sujeito vinha a cento e cinquenta à hora, quis ultrapassar-nos; foi nessa altura que viu o outro carro a aproximar-se; deu uma volta ao volante e foi de encontro ao tal carro. O tipo que

10'2

guiava, parecia que estava bêbedo. Deus do Céu! -Foi um voar de galinhas, por todos os lados, de colchões a rebentar e de crianças a gritar. Um dos miúdos morreu logo. Nunca vi um inferno assim. A gente parou. O velho que guiava o caminhão ficou parado, a olhar para a criança morta. Não se lhe arrancava nem uma palavra. Ficou que nem surdo-mudo. Pois é isto. A estrada está toda cheia de famílias assim. Vão todas para o Oeste. A coisa está a tornar-se cada vez pior. Só queria era saber de onde vem toda esta gente.

-E eu gostava de saber para onde é que eles vão-disse Mae. -Às vezes, param, aqui por causa da gasolina, mas raramente compram qualquer outra coisa. O pessoal diz que eles gostam de roubar. Mas a gente não deixa nada à mão; por isso daqui nunca levaram nada.

Bill, mastigando o pedaço de bolo, lançou um olhar para a estrada através do guarda-vento.

-É melhor preparares-te. Acho que vem ali gente. Um "Nash" 1926 aproximou-se vagarosamente, parando à margem da estrada. No assento traseiro vinham empilhados, quase até ao tecto, sacos, painéis, frigideiras e sobre toda aquela pilha sentavam-se dois meninos. Sobre o tejadilho do carro via-se um colchão e uma lona de ter-da enrolada; os paus da barraca vinham fortemente amarrados aos estribos. O carro parou junto às bombas de gasolina. Um homem de cabelos escuros e rosto anguloso saltou com negligência. E os dois meninos escorregaram da pilha e saltaram também do carro.

Mac contornou o balcão e foi até à porta. O homem trajava calças cinzentas de lã e uma camisa azul, que, sob as axilas e nas costas, escurecera devido ao suor. Os meninos vestiam macacos e nada mais; macacos remendados e esfarrapados. Tinham cabelos louros que se lhes eriçavam no cocuruto, porque lhes haviam cortado muito rentes. Os rostos estavam cheios de poeira. Correram direitos à poça de água suja sob a bica e enterraram os pés na lama.

O homem perguntou: -Podemos tirar um pouco de água, menina? Uma sombra de aborrecimento passou pelas faces de Mae: -Pois não; pode tirar.-E,

por cima dos ombros, disse para trás: -Eu fico a ver.

Ficou vigiando os movimentos do homem, que, vagarosamente, desaparafusou a tampa do radiador e enfiou nele a ponta da mangueira.

Uma mulher, dentro do carro, uma mulher de cabelos cor de linho, disse:

-Vê se consegues arranjar aquilo!

O homem fechou a torneira de água, retirou a ponta da

163

mangueira do radiador e aparafusou de novo a tampa. Os dois ffieninos pegaram na mangueira, tornaram a abrir a torneira e beberam água com sofreguidão. O homem tirou o chapéu escuro, manchado, e ficou numa postura humilde diante do guarda-vento:

-A senhora poderia vender-nos um pouc6de pão;' - perguntou? -Isto aqui não é padaria-disse Mae.-O pão que temos é para fazer sanduíches.

-Eu sei, menina.-A sua humildade tornava-se insistente. -Mas a gente precisa de comer e por aqui não se encontra pão em parte nenhuma.

-Se a gente vender o pão, depois faz-nos falta.-Mae estava vacilante.

-Temos fome, menina-tornou o homem. -Porque não compra uma sanduíche? Temos boas sanduiches hamburguesas.

-Seria bom se a gente pudesse, mas, com dez cents, temos de matar a fome a todos nós.-E acrescentou, embaraçado: -Estamos bem mal de dinheiro.

Mae disse:

- Mas, por dez cents, o senhor não pode comprar pão aqui. Nós só temos pães de quinze cents.

Atrás dela, AI grunhiu: -Pelo amor de Deus, Mae, deixa-te disso; dá-lhes o pão. --Mas vai fazer-nos falta, até que chegue o carro do pão. -Pois que faça falta, caramba!-,? E ele tornou a baixar os olhos para a salada de batatas que estava a preparar.

Mae deu aos ombros roliços e lançou um olhar aos homens do caminhão, para mostrar que era contra aquele parecer.

Abriu o guarda-vento e o homem entrou, trazendo consigo um cheiro de suor. Os meninos seguiram atrás dele e trataram logo de correr ao armário de vidro, onde estavam os doces e ficaram-se a fitá-lo, não com olhares de desejo ou mesmo de esperança, mas apenas de admiração de que existissem coisas assim. Um deles coçou o tornozelo carregado de poeira corri as unhas dos dedos do outro pé. O outro murmurava-lhe qualquer coisa ao ouvido e ambos estenderam os braços, de maneira que os, punhos cerrados se desenhavam, dentro dos bolsos, através do leve pano azul dos macacos.

Mae abriu uma gaveta e tirou um pão comprido, embrulhado em papel encerado.

-Custa quinze cents este pão.

O homem pôs de novo o chapéu na cabeça. A sua voz mantinha o mesmo tom de inalterável humildade:

-A senhora... a senhora não podia cortar um pedaço que custasse só dez cents?

164

AI disse, com um rosnido: -Que diabo, Mae, não te disse já que lhe desses esse pão?

O homem virou-se para AI: -Não, senhor, isso não. Nós queremos comprar... mas só dez cents de pão. Senão, o dinheiro acaba antes de a gente chegar à Califórnia.

Mae disse, resignada: -Tome, leve lá o pão por dez cents. -Não, isso seria roubar a senhora. -Deixe-se disso... pode levar o pão; o AI mandou. -E empurrou o pão pelo balcão fora.

O homem puxou de uma funda bolsa de couro do bolso traseiro, desatou-lhe os cordões e abriu-a. Estava cheia de moedas de prata e de notas enebadas.

-Pode parecer esquisito que a gente tenha de fazer contas tão apertadas - desculpou-se -mas a viagem é muito longa e a gente nem sabe se, mesmo assim, o dinheiro vai chegar até ao fim.,

Mergulhou o dedo indicador na bolsa, tateou uma moeda de dez cents e tirou-a. Ao depô-la no balcão, notou que junto à moeda, vinha uma outra agarrada, de um penny. Ia para repor o penny na bolsa quando os seus olhos caíram sobre os dois meninos imobilizados de êxtase, na contemplação dos doces. Dirigiu-se lentamente para eles. Apontou para uns pauzinhos compridos, às riscas, de hortelã-pimenta.

-Um penny dá para comprar um pauzinho destes, menina?
- perguntou.

Mae aproximou-se e olhou: -Qual deles? -Esses aí, esses às riscas. Os meninos levantaram os olhos para ela e fixaram-na com a respiração suspensa. Tinham os lábios entreabertos e os corpos em grande tensão.

-Ali, esses? Esses são dois por um penny. -Ali, sim? Então dê-me dois, menina. Ele colocou o penny de cobre cuidadosamente no balcão. Os meninos respiravam fundo. Mae estendia os pauzinhos.

-Tomem-disse o homem. Eles pegaram nos doces com timidez; cada um tirou um e ficou-se a segurá-lo na mão caída e fortemente unida às calças, sem se atrever a olhar para a guloseima. Depois, os pequenos entreolharam-se e os cantos dos seus lábios mostravam qualquer coisa como um sorriso rígido e embaraçado.

-Muito obrigado, menina.

O homem agarrou no pão e saiu, e os meninos foram também atrás dele, em passo rígido, apertando sempre os pauzinhos de

165

riscas vermelhas de encontro às pernas. Como esquilos, saltaram para o cima da carga empilhada, por cima do assento da frente, e ocultaram-se de novo como se fossem esquilos.

O homem sentou-se ao volante e pôs o motor em movimento e o velho "Nash" deixou uma réstea de fumo azulado de óleo atrás de si e rodou em direcção ao Oeste.

De dentro do restaurante, o motorista do caminhão, Mae e AI acompanharam-nos com o olhar.

Bill rodou sobre os calcanhares. -Esses pauzinhos não custam dois um penny-disse. -Que é que você tem com isso?-refilou Mae, furiosa. - Custam cinco cents cada-retorquiou Bifi. -Bem, são horas de irmos andando -lembrou o outro homem. Estamos a perder tempo.

Meteram as mãos nos bolsos. Bill colocou uma moeda no balcão e o seu companheiro lançou-lhe um olhar; tornou a meter a mão no bolso e juntou-lhe outra moeda. Viraram as costas ao balcão, dirigindo-se para a porta.

-Até qualquer dia-disse BiIII. Mae chamou-os. -,Eh! Esperem aí pelo troco. -Vá para o inferno-gritou BiIII. E fechou o guarda-vento com estrondo.

Mae viu-os entrar no enorme caminhão, pôr o veículo em primeira, ouviu o roncar do motor e a mudança da embraiagem para segunda velocidade.

-AI-chamou ela baixinho. Ele ergueu a cabeça. -Que foi?-perguntou. - Olha para aqui. Ela apontou para as moedas deixadas ao lado das xícaras, duas moedas de meio dólar. AI acercou-se, olhou e voltou ao seu trabalho.

-Motoristas de caminhão-disse Mae, reverentemente. Que diferença, depois desse bando de bardamerdas!

As moscas zuniam de encontro ao guarda-vento e tornavam a afastar-se. O compressor sussurrou e tornou a calar-se. Na 66, o tráfego continuava intenso: camiões, lindos automóveis acrodinâmicos e calhambques - todos rodavam pelo asfalto com um troar fatídico. Mae tirou os pratos do balcão e atirou para um balde as migalhas de doce que neles restavam. Pegou num pano húmido e limpou o balcão com movimentos circulares. Os seus olhos vigiavam a estrada, onde a vida deslizava.

AI enxugava as mãos ao avental. Olhou para um papel pregado na parede por cima da frigideira. No papel havia três colunas de sinais. AI contou as cifras registadas na coluna mais

166

comprida. Dirigiu-se depois à caixa registadora e premiu o botão. "No sale" (1) e tirou uma mão-cheia de moedas.

-Que é que estás a fazer? -perguntou Mae. -E o número três, que está quase a ganhar -respondeu AI. Foi aolterceiro caça-moedas, meteu nele as moedas e deu à manivela. A quinta volta, as três barras apareceram e todo o dinheiro jorrou para a taça. AI apanhou o grosso punhado de moedas e voltou ao balcão. Meteu-as na gaveta da caixa registadora, fechando-a depois com uma pancada seca. Depois, voltou para o seu lugar, riscando a última linha de algarismos traçada no papel.

-Eles jogam mais no número três,? já reparaste bem? Acho que tenho de arranjar isto.-Ergueu uma tampa e mexeu cuidadosamente o guisado que fumegava.

-Só gostava de saber que diabo vão eles todos fazer para a Califórnia -disse Mae.

-Eles, quem? -Ora, quem havia de ser@ Essa gente toda, estes, por e-

xemplo, que ainda agora estiveram aqui.

-Só Deus sabe-comentou Al. -Tu achas que eles vão arranjar trabalho? -
-Como diabo queres tu que eu saiba? -respondeu Al. Ela olhou para a
estrada. -Aí vêm dois caminhões na direcção de leste. Talvez parem.
Deus queira que sim.

E, quando os dois pesados veículos encostaram pesadamente à porta do
estabelecimento, Mae agarrou no pano e pôs-se a limpar o balcão a todo
o comprimento. Passou também o pano pela máquina de fazer café e acen-
deu-lhe os bicos de gás. Al pegou numa porção de pequenos nabos e co-
meçou a descascá-los. O rosto de Mae alegrou-se, ao abrir-se a porta
para dar passagem a dois motoristas uniformizados.

-Olá, irmã! -Não sou irmã de ninguém, ouviu?--disse Mae. Eles riram e
Mae fez o mesmo.-Que é que há-de ser, meninos?

-Cafêzinho. Que bolos têm aí? -Creme de ananás, creme de banana, creme
de chocolate e de maçã.

-Venha o de macN. Não, espere lá. De que é este grande? Aqui...

-De creme de ananás. -Bom, corte um pedaço. E, pela estrada 66, os ve-
ículos rodavam com um troar fatídico.

(1) Fora de venda.

161-

CAPITULO :@VI

Os Joads e os Wilsons lá se iam arrastando juntos, rumo ao Oeste; El
Reno e Bridgeport, Clinton, Elk City, Sayre e Texas. Depois, veio a
fronteira e Oklahoma ficou para trás. Nesse dia, os carros continuavam
a arrastar-se, avançando sempre através do "Cabo de Frigideira" do Te-
xas. Shauirock e Alarireed, Groom e Yarneil. Depois, passaram à tarde
por Amarillo e só fizeram alto. quando já era noite escura. Estavam
fatigados, cobertos de poeira e cheios de calor. A avó tivera convul-
sões ocasionadas pelo calor e sentia-se muito fraca ao acamparem.

Naquela noite, Al furtou uma estaca e armou um toldo no caminhão, bem
amarrado nos extremos. Nessa noite, comeram apenas empadas frias e du-
ras ue tinham sobrado da refeição da manhã. Deixaram-se cair sobre os
colchões e adormeceram vestidos. Os Wilson nem sequer armaram a sua
tenda.

Os Joads e os Wilsons atravessaram desabaladamente o "Cabo de Frigi-
deira" do Texas, a terra ondulada, pardacenta, roída de sulcos e de
gretas e cheia de cicatrizes das antigas cheias. Fugiam de Oklahoma
através do Texas. Os cágados arrastavam-se pela poeira; o sol fustiga-
va a terra. À noite, o calor deixava o céu e da terra exalavam-se ba-
foradas de calor.

Dois dias correram as famílias assim desabaladamente, mas, ao terceiro
dia, a terra pareceu-lhes demasiada na sua imensidão e tiveram de op-
tar por uma nova maneira de viver; a estrada passou a ser o seu lar e
o movimento o seu meio de expressão. Pouco a pouco, habituaram-se, à
nova vida. Primeiro Ruthie e Winfield, depois, Al, depois Connie e Ro-
sa de Sharon e, finalmente, os mais velhos. A terra estendia-se, ondu-
lante, diante deles; Wildorado e Vega e Boíse e Glenrio. Aí é o fim do
Texas. Novo México e as montanhas. Muito distante, sinuosa e elevando-

se para o céu, a linha das serras. E as rodas dos veículos rangiam, os motores ardiam e o vapor espirrava das tampas dos radiadores. Arrastaram-se até ao rio Pecos e alcançaram Santa Rosa. E viajaram ainda mais vinte milhas.

AI Joad guiava o carro de turismo; a seu lado iam sua mãe e Rosa de Sharon. Diante deles, o camião avançava com difícil

idade. O calor espalhava-se em nuvens sobre a terra e as montanhas oscilavam na tremulina provocada pela calma. AI guiava despreocupadamente recostado, a mão frouxa na cruz do volante; tinha o chapéu cor de cinza amarrotado e puxado de forma incôfivelmente pretensiosa para os olhos; de vez em quando voltava a cabeça e cuspiam para o lado.

A mãe, ao lado dele, mantinha as mãos enlaçadas no colo, numa luta passiva contra a fadiga. Entregava-se ao abandono, deixando que os solavancos do carro lhe sacudissem à vontade a cabeça

168

o- o troço. Piscava os olhos, para distinguir as montanhas distantes. Rosa de Sharon, com o cotovelo direito encostado à porta, opunha o corpo aos movimentos do carro. O seu rosto redondo endurecia-se na resistência aos solavancos e a cabeça agitava-se em estremeções porque os músculos do pescoço se mantinham rígidos. Procurava, mantendo o corpo assim convulsivamente hirtos, transformarem-se como num vaso rígido que preservasse o fruto do seu

Virou a cabeça para a mãe. Mãe-disse ela.-E os olhos da mãe animaram-se ao dar atenção a Rosa de Sharon. -Fixou o rosto redondo, contraído e fatigado, e sorriu: -Mãe -disse a rapariga -quando agente chegar, vamos todos colher frutas e viver outra vez no campo, não é?

A mãe esboçou um sorriso ligeiramente irónico. -Ainda não chegámos -disse. -Nem sabemos bem como é aquilo lá na Califórnia. Primeiro temos de ver.

-Eu e o Connie não queremos viver mais no campo-disse a rapariga.-Nós já resolvemos o que iremos fazer.

Uma nuvem de preocupação deslizou pelas faces da mãe. -Então vocês não querem ficar connosco, com a família? -perguntou ela.

-Bem, eu e o Connie já resolvemos tudo. Mãe, nós vamos viver numa cidade. -Continuou excitada:-O Connie vai procurar trabalho numa loja ou talvez numa fábrica. E vai estudar em casa, talvez rádio, para vir a ser um técnico e pode ser que mais tarde até possamos ter uma loja nossa. Assim, a gente até pode ir ao cinema de vez em quando. E o Connie disse que, quando eu tiver a criança, vem o médico a casa, e que, conforme as coisas correrem, até posso ir para um hospital. Depois, a gente há-de ter um automóvel pequeno, já se vê. E, de noite, ele fica a estudar em casa e... oh! Vai ser tão bom! Ele arrancou uma página do livro História de amor do Oeste e vai mandá-la para receber o livro do Curso de Correspondência que a casa manda de graça. Está escrito na página que ele arrancou. Eu também vi. Depois... ali, sim, lá onde ele vai tirar o curso, até arranjam emprego para os alunos. A Rádio... sabe... é um serviço limpo, bonito e tem grande futuro. E a gente poderá viver numa cidade e ir ao cinema de quando em quando e ah... sim, vou ter um ferro eléctrico

e a criança terá só roupinhas novas. O Connie disse que ela vá ter tu-

do comprado novo, sabe?-tudo branquinho. À: mãe viu no catálogo, não viu? Têm de tudo o que uma criança precisa. Talvez no princípio seja um pouco difícil, quando o Connie ainda estiver a estudar em casa... mas, quando a criança vier, talvez ele já tenha terminado os estudos e a gente tenha a nossa casauma casinha modesta, bem entendido. A gente não quer uma casa grande, mas tem que ser bem bonitinha, por causa da criança, não acha?...-O rosto dela resplandecia de entusiasmo.-E eu

169

pensei, até... pensei que nós podíamos ficar todos na cidade, e, quando o Connie tiver unia loja, o Al poderá trabalhar com ele.

Os olhos da mãe não se afastavam, nem por um inomento, do rosto corado de Rosa de Sharon. Foi escutando com a maior atenção o desenrolar do projecto.

-Mas nós não querernos que tu nos deixes-disse ela.-Não é bom que a família se separe. AI rosanou: -Eu, trabalhar para o Connie E por que não há-de o Connie trabalhar para mim? Ele j ulga que é o único gajo capaz de estudar à noite ?

Para a mãe, tudo aquilo lhe pareceu, de repente, um sonho. Tornou a olhar para a frente e o corpo relaxou-se-lhe, nias o so,rriso leve ficou a brilhar-lhe nos olhos.

-Como é que a avó se sentirá hoje? -perguntou. AI endireitou-se de repente ao volante. O motor emitia pequenos ruídos. Acelerou a marcha e o ruído tornou-se mais audível. Diminuiu a marcha e escutou; tornou a acelerá-la por um instante e prestou de novo atenção. O ruído transformara-se num crepitar metálico. AI buzinou e encostou o carro à bermma. O caminhão que ia à frente, parou e retrocedeu devagar, em marcha atrás. Três carros passaram rumo ao Oeste. Todos eles buzinaram e o motorista do último carro debruçou-se para fora e berrou:

-ó seu bruto, então aí é que se pára? Tom encostou o camião bem à beirra da estrada, saltou e dirigiu-se para o carro de turismo. Da carrosserie do caminhão saíram cabeças curiosas. AI retardou a ignição e pôs-se a ouvir o, motor ao ralenti. Tom inquiriu:

-Que há, AI? AI fez funcionar o motor. -Ora escuta!-O crepitar soava mais forte ainda. Tom escutou. -Experimenta ao ralenti-disse. Levantou a tampa do motor * meteu a cabeça lá dentro. Bem, agora acelera. Ficou um instante * ouvir e depois fechou a tampa.-Sim, acho que tens razão, AI. -É o mancal da biela, não é? -Pelo menos, é o que me parece-disse Tom. -Mas eu pus-lhe bastante óleo -lastimou-se AI. -Bem, então foi o óleo que não chegou até lá. Está seco que nem um carapau. Bem; não há remédio senão tirá-lo. Olha, eu vou ver se encontro um bom sítio para a gente estacionar. Vê lá o que fazes ao carter.

Wilson perguntou: -É coisa séria? -Bastante, sim-disse Tom. E voltou ao camião, pondo-se a avançar lentamente.

170

AI explicou: -Nem sei como foi. Tinha bastante óleo. AI sabia que a culpa era dele. Sentia que tinha cometido um erro.

A mãe desculpou-o. -Tu não tens culpa, AI. Fizeste o que devias. E, depois, tímida, perguntou:-E coisa importante?

-Pode-se remediar, mas temos de arranjar outra biela ou então de consertar o mancal.-Respirou profundamente. -Ainda bem que o Tom cá está. Eu nunca ajustei um mancal. Deus queira que ele saiba fazer esse serviço.

Um grande cartaz vermelho erguia-se à beira da estrada, lançando nela uma sombra alongada. Tom conduziu o caminhão para a vala, atravessou-a e parou à sombra. Saiu e pôs-se à espera que AI se aproximasse.

-Agora, cuidado! - gritou ele. - Encosta devagar, senão, ainda por cima q@ebras uma das molas.

O rosto de AI tornou-se vermelho de raiva. Diminuiu a marcha do motor.

-Diabos me levem! -gritou. -já disse que não tenho culpa de o mancal estar seco. Que queres dizer com esse ainda por cima ?

Tom zombou: -Não vás à serra, homem. Não queria dizer coisa nenhuma. Só disse que tivesses cuidado com essa vala.

AI resmungou, ao desviar cuidadosamente o carro de turismo da faixa da estrada e ao levá-lo para o outro lado. Parou ao lado do caminhão.

-Agora não te vás pôr para aí a dizer aos outros que eu deixei secar o motor, ouviste?

O motor batia fortemente, e AI, desviando-se para a sombra, desligou-o.

Tom abriu a tampa do motor, prendendo-a depois em cima. -Só podemos começar depois de ele arrefecer- disse. As famílias saltaram dos veículos e rodearam o carro de turismo.

O pai perguntou a AI: -Que tal?-E acocorou-se no chão. Tom virou-se para AI. -já alguma vez arranjaste algum? -Não. Até hoje ainda não. Mas já desmontei carters, é claro. Tom destinou o serviço: -Bem; é preciso desmontar o carter e retirar a biela; depois, temos de arranjar uma peça de substituição. Depois, é preciso rectificá-la e ajustá-la. E trabalho para um dia, pelo menos. A gente tem de ir a Santa Rosa. Albuquerque fica ainda a umas setenta e cinco milhas... Co'a breca! Amanhã é domingo! Amanhã não se pode arranjar nada.

-71

A família ouvia a conversa em silêncio. Ruthie aproximou-se e espreitou para dentro do 'motor, na esperança de ver a peça partida.

Tom continuou em voz baixa: -Pois é, amanhã é domingo. Segunda-feira, a gente arranja a peça e só na terça é que podemos acabar de consertar o carro. Nem ferramentas de jeito temos. Vai ser um traba.'hão dos diabos.

A sombra de um gavião projectou-se sobre a terra e todos ergueram a cabeça para ver a ave negra que evolucionava no alto.

O pai lamentou-se: -Só tenho medo é de acabar o dinheiro antes de chegarmos à Califórnia. Afinal, tem de se comer, e é preciso comprar gasolina e óleo. Se se acabar o dinheiro, não se@ como há-de ser.

Wilson atalhou: -Acho que a culpa é minha. Desde o princípio que esse calhambeque vinha avariado. Vocês têm,sido muito bons para nós. Mas agora é melhor arrumarem as coisas e continuarem a viagem. Não vão em-

patar o vosso tempo por nossa causa. Eu e a Sairy v-amos ficar aqui; a gente cá se arranja. Não queremos incomodá-los mais.

-Nada disso. Agora somos quase da mesma família. O avô morreu na sua tenda-respondeu o pai devagar.

-Só lhes temos- causado complicações- disse Sairy, com ar cansado.

Tom enrolou um cigarro devagar, examinou-o e acendeu-o. Tirou o boné deformado e enxugou com ele a testa.

-Tenho uma ideia- disse. -Talvez vocês não gostem dela, mas sempre a vou dizer. Quanto mais depressa a gente chegar à Califórnia, mais depressa vai ganhar dinheiro. Este carro aqui corre duas vezes mais que o nosso caminhão. Por isso eu pensei que vocês podiam tirar qualquer coisa do caminhão e levar mais gente. Podiam caber todos, menos eu e o pregador. Nós dois ficávamos aqui e arranjávamos o carro de turismo e depois ainda os íamos alcançar, nem que tivéssemos de viajar de dia e de noite. Se a gente se não encontrasse na estrada, ao menos vocês já estariam a trabalhar. E, se o caminhão tiver alguma encrenca, então vocês acampam na estrada até a gente chegar. Para vocês tanto faz e, se conseguirem fazer o resto da viagem, já estará o a trabalhar, e tudo será mais fácil. O Casy vái-me ajudar a arranjar este carro e nós seguiremos assim que pudermos.

A família estava a pesar a ideia. O tio John acocorou-se ao lado do pai.

AI perguntou:

- Então não precisam de mim para dar uma ajuda no conserto da biela?

-Pois se tu mesmo me disseste que não sabias fazer esse trabalho!

172

-Está bem-confirmou AL-Mas precisas de alguém com força. Talvez o pregador não queira ficar.

-A mim tanto me faz. Pode ficar quem quiser-disse Tom. O pai esgaravatava a terra seca com o dedo indicador. -Acho que o Tom tem razão... Não adianta ficarmos todos a,qui-acudiu ele.-Antes de anoitecer, ainda podemos fazer umas cinquenta ou mesmo cem milhas.

A mãe inquiriu preocupada: -Como é que tu nos vais encontrar depois? -A gente tem de passar pela mesma estrada-disse Tom. -É sempre a 66, até chegar a uma cidade chamada Bakersfield. Vi no mapa. Vocês só o que têm a fazer é seguir sempre pela mesma estrada.

-Sim, e quando a gente chegar à Califórnia e encontrarmos cruzamentos?

-Não se incomode, mãe-tranquilizou-a Tom.-A gente há-de encontrar-se com certeza. A Califórnia não é o mundo inteiro.

-No mapa parece tão grande! -exclamou a mãe.

O pai apelou para outras opiniões: -John, tens alguma coisa a dizer em contrário? -Não-respondeu John. -Sr. Wilson, o carro é seu. O que é que o senhor diz? Acha mal que o meu filho o arranje e o traga depois?

-Acho até que é uma boa ideia-opinou Wilson. -Os senhores já fizeram tanto por nós que não vejo razão para não ajudar o seu rapaz.

-Vocês podem começar a trabalhar e pôr algum dinheiro de parte se nós não conseguirmos apanhá-los-disse Tom.-Imaginem se nós ficássemos todos aqui sem fazer nada! Nem água há neste sítio e o carro desta maneira não pode andar. Mas imaginem vocês todos, lá na Califórnia, a trabalhar? Arranjam dinheiro e vão talvez mesmo conseguir uma casa. Que é que acha, Casy? Quer ficar comigo para me ajudar?

-Faço o que quiserem-disse Casy.-Vocês trouxeram-me e eu faço tudo o que me pedirem '- seja o que for.

-Sim, mas o senhor terá de ficar de barriga para cima e de sujar a cara de óleo, se ficar aqui-disse Tom.

-Para mim, vem a calhar.

O pai interveio: -Bom, se já está decidido, o melhor é a gente ir indo já. Quem sabe? Podemos até fazer ainda hoje umas cem milhas.

A mãe postou-se à frente dele: -Eu não vou. -Não vens? Que história é essa agora? Tu tens de vir! A gente precisa de ti. Quem vai olhar pela família?

173

* pai estava pasmado com aquela revolta. * mãe chegou-se ao carro de turismo e procurou qualquer coisa por baixo do assento traseiro. Trouxe de lá um macaco e pôs-se a brandi-lo rapidamente.

-Não vou-repetiu.

1E eu digo-te que vens! É coisa decidida. Os lábios da mãe apertaram-se. E disse com voz surda: -Só saio daqui à pancada. -Continuou a brandir o macaco com ligeireza.-E isso não te convém, não é? Eu não permito que ninguém me toque e também não vou chorar nem pedir nada a ninguém. Salto-te em cima, ouves? E não me parece que tu te atrevas a bater-me. E, se o fizeres, juro-te or Deus que me ouve, que, logo que te apanhe de costas ou sentagoc, te despejo um balde por cima. juro por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo que o faço!

O pai, desconsertado, olhou o grupo. -Ela está maluca! -gritou. -Nunca a vi assim. Ruthie soltou um -riso agudo.

O macacci girou raivosamente nas mãos da mãe. -Anda, se queres ver-disse ela.-Tu já decidiste, não é verdade? Anda, dá-me uma sova, se és capaz! Ora experimenta. Eu disse quê não ia e, se me obrigares a ir, nunca mais dormirás sossegado, porque, -assim que tu pegares no sono, ferro-te uma paulada.

- Mas que mulher danada! - murmurou o pai. - E já não é nova... Faria se o fosse!

O grupo acompanhava a revolta. Olhavam o pai, esperando uma explosão de cólera. Olhavam-lhe as mãos frouxas, à espera de que os punhos se erguessern. Mas o pai não se encolerizava e as suas mãos continuavam frouxas, ao longo do corpo. E, num instante, o grupo compreendeu que a mãe tinha vencido. E esta também se apercebeu disso.

Tom perguntou então: -Mãe, enuáto que é isso? Que maneiras são essas? Que é que tem? Então agora põe-se contra nós?

O rosto da mãe abrandou, mas os seus olhos relampejavam ainda.

-Fizeste isso sem pensar-disse.-Que é que nos resta na vida? Nada, a não ser a nossa família. Mal a gente deixou a nossa terra, o avô morreu. E agora... agora tu queres que a gente se separe também.

Tom gritou: -Mãe, a gente não ia separar-se. Lmos ter com vocês depois. A mãe brandiu o macaco. -Imagina que nós estamos acampados ntim, sítio qualquer C voces nao nos vêem e passam de largo? Imagina até que che- ' Califórnia. Como é que vocês nos vão encontrar? Onde gamos l

17-1

é que nós poderemos deixar um recado para vocês, dizendo onde estamos?-E continuou: -Temos uma caminhada bem dura ainda na nossa frente. A avó está doente. Ela está deitada lá no caminhão; pode ser que também não dure muito tempo. Se morrer, temos de a enterrar como ao avô. Ela não aguenta mais: está no fim. *A caminhada é muito dura ainda.

O tio John insistiu: -Mas lá a gente pode começar a ganhar dinheiro. Poderíamos até economizar alguma coisa, até que os outros chegassem.

Os olhares do grupo convergiram para a mãe. Ela era a força. Dominava plenamente a situação.

-O dinheiro que a gente ganhasse dessa maneira não prestava para nada - disse ela. - Tudo o que nos resta é a nossa família, a nossa união. Somos como uma manada de vacas, que se unem todas quando vêm os lobos. Não tenho medo de nada enquanto estivermos todos juntos. Não quero que a gente se separe. Os Wilsons estão connosco e o reverendo também. Se eles se quiserem ir embora, nada posso fazer. Mas, com a minha família, é diferente; se ela se quiser separar, então vai ver o que é uma fera com isto na mão! -A sua voz era fria e decidida.

Tom disse, em tom apaziguador: -Mãe, nós não podemos acampar todos aqui. Não há água. Há poucas sombras e a- avó precisa de sombra.

-Bem-disse a mae.-Então, vamos continuar a viagem e parar no primeiro sítio.-) c!-,i que haja água e sombra. Em seguida, o caminhão volta para vos l(-var à cidade, onde comprarão a peça que falta e trã-los de no\,o. Tu não podes ir a pé com este sol, nem te quero aqui sózinho. Se te acontecer alguma coisa, não terás ninguém que te ajude.

Tom repuxou os lábios, baixando-os sobre os dentes. Abriu as mãos desconsoladamente e deixou-as cair ao longo do corpo. Depois, abriu novamente a boca:

-Pai-disse-se a agarrasse de um lado e eu do outro e os outros por detrás e se a avó lhe saltasse em cima, talvez assim a gente a dominasse, se ela não e, .@,rruL)asse uns dois ou três com o macaco. Mas, se o senhor não o quiser ficar com a cabeça rachada, é melhor fazer como a mãe quer. Deus do céu! Uma pessoa que sabe o que quer pode dominar uma porção de gente. A senhora ganhou, mãe. E agora ponha de lado esse macaco antes que magoe alguém.

A mãe olhou atônita o pedaço de ferro. A mão tremia-lhe. Deixou cair a arma no chão e Tom levantou-a com o maior cuidado e tornou a guardar o macaco no carro, dizendo:

-Pai, é melhor o senhor voltar para o seu lugar. AI, tu levas todos no caminhão, e páras num sítio bom; depois voltas, e eu e o pregador, durante, esse tempo, vamos desmontando o

mancal. Se for possível, a gente vai até Santa Rosa, para ver se arranja um mancal novo. Talvez a gente tenha sorte, visto que é noite de sábado. Trata de andar depressa, a ver se ainda podemos fazer o que pretendemos. Deixa aqui a chave inglesa e a turquês do caminhão.-Meteu a mão debaixo do carro e apalpou o carter besuntado. -Olha, deixa também esse velho balde aí, que é para recolher o óleo. Não podemos perder esse óleo todo.

AI passou-lhe o balde. Tom colocou-o sob o carro e abriu o tampão do tanque do óleo, com a ajuda da turquês. O óleo negro escorreu-lhe pelo braço, enquanto desatarrachava o tampão com os dedos, e depois o jacto negro caiu silenciosamente no fundo do balde. AI reuniu a família no caminhão em menos tempo do que foi necessário para encher o balde até metade.

Tom, com o rosto já sujo de óleo, olhou por entre as rodas e disse:

- Volta depressa, ouviste? Começou a tirar os parafusos do carter, enquanto o caminhão passava a pequena vala e se afastava lentamente, no terreno acidentado. O caminhão desapareceu. Tom deu uma volta a cada parafuso, afrouxando-os suavemente, a fim de poupar os empanques.

O pregador ajoelhou-se junto às rodas. -Posso ajudar? -perguntou. -Agora não. Mas, assim que o óleo sair todo e eu soltar os parafusos, pode-me ajudar a tirar o carter.

Tornou a meter-se debaixo do carro, afrouxando os parafusos com a chave e fazendo-os deslizar com os dedos. Mas não retirou os parafusos das duas extremidades, para evitar que o carter caísse de repente.

-O chão ainda está bem quente-disse.-E acrescentou: Escute, Casy, o senhor tem andado muito silencioso nestes últimos dias. Porquê, Santo Deus?! Quando a gente se encontrou pela primeira vez, o senhor fez-me um discurso de meia em meia hora. E agora, há bem dois dias que não diz dez palavras seguidas. Que é isso? Está farto disto tudo, hein?

Casy estava deitado de costas, a olhar para baixo do carro. O queixo, áspero, na sua barba mal semeada, descansava nas costas da mão. O chapéu, muito derrubado para trás, cobria-lhe inteiramente a nuca.

-Quando era pregador, falei que chegou para o resto da minha vida-disse.

-Sim, mas depois disso, o senhor também tinha sempre assunto...

-Tenho alidado preocupado, muito preocupado- disse Casy. -Quando ainda era pregador, não me apercebera disso, mas o facto é que tenho perdido muito tempo por aí. já que não sou

176

pregador, acho que devo casar-me. Sinto o desejo da carne, sabes, - ,Eu tamb@ni -disse Tom.-No dia em que saí de MacAlester, esLa,,-a completamente alucinado. Corri atrás de uma mulher, uma iiiLilh,,r da vida, como se ela fosse, um coelho. Nem qu(,íra saber o que aconteceu; até tenho vergonha de o contar.

Ca@@v rili. -- Cilculo. Unia vez ineti-me, no inato e estive muito

teuipo por lá em J(Jum@ Quando vcAffi-i, acoliteceu-me o mesmo.

--S('i-lio?-per,guntou Toni.-Bom, d., qualquer niaieira, poupei o meti dinheiro e elia mlío se queixou. Pensou que eu cra

doido. Bern sei que lhe dcvia ter pago, mas só tinha cinco dólares. Demais a mais, ela nem queria dinheiro... Bom, polilia-se aí debaixo e agarre-se a, qualquer coisa. O senhor tira esse parafuso e eu tiro o outro e a coisa torna-se fácil. Cuidado com o marical! Vê? Lá vem ele todo de uma vez! Estes "Dodges" antigos só têm quatro cilindros. Uma vez eu desmontei um carro assim. Os coxins são grandes que nem melões. Agora... cuidado... devagar... segure bem! Abra as juntas em cima, ali onde estão presas... Atenção... Isso! Muito bem.

O tanque de óleo, todo besuntado, estava no chão, entre os dois, e ainda havia um pouco de óleo no fundo. Tom meteu a mão num dos vãos e tirou dele alguns pedacos de metal.

-Ora aqui tem-disse, revirando o met@l entre os dedos. -O eixo está solto. Chegue-se para trás e agarre a manivela. Vá andando à volta até eu dizer.

Casy levantou-se, achou a manivela e ajustou-a.

- Pronto ? -Sim... devagar, agora... mais um pouco... um pouquinho, basta!

Casy ajoelhou-se e tornou a olhar para baixo do carro. Tom fez ressoar a biela de encontro ao eixo.

-É aqui que está quebrado-disse. -O que seria? -perguntou Casy. -O diabo é que sabe! Este calhambeque já tem mais de treze anos. Está com sessenta mil milhas, o que quer dizer que correu pelo menos cento e sessenta mil e só Deus sabe quantas vezes eles não desmarcaram já o conta-quilômetros. Aquece muito depressa também. Talvez alguém deixasse o nível do óleo muito baixo. E foi-se...

Puxou para fora as cavilhas e assestou a chave de parafusos no mancal da biela. Começou a desenroscá-lo e a chave de parafusos escapou da lenda. Um longo corte surgiu nas costas da sua mão esquerda. Tom examinou-o. O sangue brotava abundantemente da ferida; misturava-se com o óleo e pingava no balde.

I2-v. 1.

177

-Isso está feio-disse Casy.-É melhor eu continuar, enquanto você liga a mão.

-Qual o quê! Nunca reparei um automóvel sem me cortar. Agora, que a coisa já aconteceu, é de maneira que não tenho mais preocupações. - Tornou a assestar a chave de parafusos.-Se ao menos tivesse uma chave curva!-disse. E bateu com o punho contra o cabo da chave até que os parafusos deram de si. Tirou-os todos e depositou-os juntamente com as cavilhas no cartcr. Alargou depois os parafusos e tirou o pistão e colocou-o coma biela no carter. -Graças a Deus! -Saiu debaixo do carro, arrastando-se c levando o 'carter consigo. Limpou a mão a um pedaço de linhagem e examinou novamente o corte.-Sangra que eu sei cá!-disse.- Mas vai parar num instante. -Urinou no chão, apanhou uma mão cheia de terra embebida de urina e colocou-a à maneira de emplastro sobre a ferida. Por um instante, o sangue correu ainda; depois, parou.-L,? o que há de melhor para estancar o sangue-cxplicou Tom.

- Um pouco de teia de aranha faz o mesmo efeito - disse Casy. -Eu sei, mas aqui não há teias de aranha. E mijar é uma coisa que se pode fazer sempre.-Tom sentou-se no estribo e examinou o mancal quebrado.- Se a gente encontrasse agora um "Dodge" 25 e pudesse comprar uma bicicleta usada e algumas chapinhas, talvez pudessemos arranjar o carro. O Al deve estar longe como o diabo.

A sombra do grande cartaz da beira da estrada tinha já um comprimento de sessenta pés. A tarde ia morrendo.

Casy sentou-se no estribo e olhou em direcção ao Oeste. -Estamos quase nas montanhas altas-disse, e ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, continuou:-Tom!

-Que é? -Tom, tenho visto os carros que encontramos aí pela estrada, aqueles que nós ultrapassámos e os que nos ultrapassaram. E tenho estado a pensar...

-A pensar o quê? -Tom, são centenas de famílias como a nossa que vão para o Oeste. É uma coisa em que eu reparei... Compreende? Nenhuma delas para leste; todas para oeste... Não notou ainda?

-Notei, sim. -Bem, isto... isto parece até como quando se foge de soldados inimigos. É como se um povo inteiro fugisse diante de uma invasão.

-Sím-disse Tom.-É um povo inteiro que foge. Nós também fugimos.

-Pois é. Agora suponha que toda essa gente não consegue encontrar trabalho por lá?

-Que vá tudo para o diabo! Como é que eu posso saber? -gritou Tom. - Não faço outra coisa senão pôr um pé adiante do

178

outro. já fiz o mesmo durante quatro anos em MacAlester entrar e sair da cela; entrar e sair do refeitório. 'Alcu Deus! E eu que pensei que ia ser diferente agora! Que, quando saísse, a coisa mudava! Era incapaz de pensar noutra coisa senão dava em doido. E agora não penso em coisa nenhuma!-Voltou-se para Casy.-Vê? Esse mancal está partido. A gente não sabia que ele se ia quebrar, por isso não tivemos preocupações. Agora, que está quebrado, vamos tratar de o arranjar. E assim com tudo no mundo. Eu é que não quero preocupar-me com coisa nenhuma. Não quero, nem posso. Este pedacinho de ferro aqui, vê-o? Pois este pedacinho de ferro é a única coisa que, neste momento, me preocupa. Só queria saber onde diabo se meteu o Al.

Casy disse: ---Ora, ouça, Tom... Mas que inferno! É difícil a gente querer explicar uma coisa e não poder...

Tom retirou da mão a camada de terra suja, atirando-a para o solo. O sulco da ferida surgiu desenhado a lama. Lançou um olhar ao pregador:

-O senhor está-se a preparar para fazer um discurso, não é verdade? Eu gosto de ouvir discursos. O nosso carcereiro tinha a mania de fazer discursos a propósito de tudo. Para nós tanto fazia e ele ficava convencido de que era importante como o diabo.

Casy coçou os dedos de grossas articulações. -Alguma coisa vai acontecer e toda a gente anda numa roda viva.. Essa gente, essa que põe um

pé adiante do outro, como você diz, não pensa no que está a fazer. Está bem. Mas todos eles atiram os pés na mesma direção. E, se você prestar atenção, ouve-os mover, sente-os rastejar, sussurrar, cheios de desassossego. Há coisas que acontecem que essa gente toda em movimento não o compreende, por agora. Vai acontecer uma coisa, uma coisa que modificará toda a região.

Tom disse:

- E, apesar disso, eu continuo a pôr uma pata à frente da outra. -Sim, mas quando você encontrar uma cerca pela frente, tem de a saltar.

-Mas é isso que eu faço quando encontro uma cerca pela frente.

Casy suspirou: -É o melhor que se pode fazer. Tenho de concordar consigo. Mas há cercas diferentes. E gente como eu que trepa as cercas que ainda nem sequer barram o seu caminho. Não está mais na minha mão.

-Não é o AI que vem aí?-perguntou Tom. -Parece que é ele, sim. Tom levantou-se e enrolou a biela e as duas metades do mancal num pedaço de serapilheira.

179

-E necessário que a peça seja bem igual.

O caminhão pai-ou à margem da estrada e AI debruçou-se pela janela.

Tom disse: -Denioraste-le como o diabo! Até onde foram? AI suspirou. -Ti-aste a biela? -Tir(,1.-Tom ergueu o embrulho de serapilheira. O metal fez-se em pedaços.

-Bem, mas a culpa não foi minha-disse AI. -Não. Para onde levaste o pessoal? -Tivemos uma encrenca-disse AI.-A avó começou a berrar e, quando a Rosasharn a ouviu, começou também aos berros. Meteu a cabeça debaixo de um colchão e chorou à farta. A avó então nem se fala: deitou-se no chão e uivou que nem um cão em noite de lua. Tenho cá as minhas impressões de que ela perdeu o juízo. Parece uma criancinha. Não fala com ninguém, nem parece reconhecer a gente. Fala sózinha, como se estivesse falando com o avô.

-Onde estão? -perguntou Tom novamente. -Bem, parámos num acampamento. Havia lá muita sombra e água encanada. Paga-se meio dólar por dia. Mas estavam todos tão cansados e sem coragem, tão desmoralizados que resolveram ficar. A mãe disse que era preciso ficar ali mesmo por causa da avó, que não aguentava mais. Montámos a tenda do Wilson e armámos a nossa lona. Eu acho que a avó endoideceu.

Tom olhou o Sol que ia declinando. Casy disse: -Alguém tem de ficar aqui com o carro, senão, podem roubá-lo. O senhor quer ficar?

-Claro que sim. AI trouxe um embrulho de papel do assento do camião. -Aqui têm um pouco de carne e de pão-disse.-A mãe mandou isto para vocês. Também trouxe um jarro com água.

-Ela não se esquece de ninguém -comentou Casy. Tom sentou-se no camião ao lado de AI. -Escute-disse.-A gente volta o mais depressa possível. Mas não posso dizer ao certo o tempo que nos demoraremos.

- Eu espero. -Fixe! E não faça discursos a si mesmo. Vamos, AI!-E o camião começou a rodar na tarde avançada.-É um camarada às direitas-disse Tom.-Está sempre a pensar em coisas esquisitas.

- Ora! Se tu fosses pregador, fazias a mesma coisa. O pai está danado porque teve de pagar cinquenta cents para poder ficar à sombra de uma árvore. Custou-lhe a engolir. Anda por lá a

180

praguejar. Disse que, daqui a pouco, até nos vendem o ar em bidões. Mas a mãe respondeu-lhe que era preciso agente parar num sítio assim, que tivesse sombra e água, por causa da avó.

O veículo marchava estrada fora, e, como ia sem a carga, todo ele era ruídos de matraca e de peças entrechocadas. Todo o madeiramento da carroserie cortada ao meio rangia como desconjuntado. No entanto, rodava ligeiro e rápido. Ia a sessenta à hora. O motor fazia uma algazarra de ensurdecer; um fumo azul, próprio do óleo queimado, ia-se filtrando através das tábuas do chão do veículo.

-Mais devagar - disse Tom. - Senão, dás cabo até dos cubos da roda. Afinal que tem a avó?

-Não sei. Nos últimos dias, ela até parecia que não existia; não falava com ninguém, lembraste? É por isso que ela agora resolveu falar e gritar, para descontar o tempo perdido. Mas, quando fala, não é com ninguém. Quer dizer: parece que está a falar com o avô. Grita, chamando por ele. Também parece que anda com medo. A gente até parece que vê o avô ali sentado, fazendo caretas como fazia, refilando e procurando ajeitar a roupa. Ela parece que também o vê ali sentado. E então põe-se a descompô-lo. Ah, espera lá; o pai mandou-me entregar-te vinte dólares; disse que não sabe de quanto vais precisar. já viste a mãe discutir com ele como hoje?

-Que eu me lembre, não. Mas sempre te digo que apanhei uma rica altura para a minha liberdade condicional! E eu que, imaginava que ia passar uma rica vida, levantando-me tarde e enchendo a barriga quando chegasse! E que iria dançar e dormir com boas pequenas! E, afinal, que é do tempo para tudo isso?

-já me esquecia- tornou AI. -A mãe mandou-te uma porção de recomendações. Disse para tu não beberes, nem armares discussões nem te pores para aí à pancada. Tem medo que tu voltes para a prisão.

-Ela tem bastante em que pensar. Não serei eu quem lhe vá causar mais encrencas -prometeu Tom.

-Bem, mas a gente pode tomar uns copos de cerveja, não pode? Estou morto por isso.

-Não sei-disse Tom.-O pai vai ficar que nem uma bicha se a gente gastar dinheiro em cerveja.

-Escuta, Tom, eu tenho seis dólares. A gente podia beber alguma coisa com esse dinheiro e encher-se de pã ndega. Ninguém sabe que eu tenho esta massa. Caramba, isso é que era pagode, hein?

- Guarda o teu dinheiro - a aconselhou Tom. - Quando chegarmos à costa, então é que nos poderemos divertir à bruta. Talvez quando arranjarmos trabalho... - Voltou-se no assento. -Não sabia que tu percrias tão facilmente a cabeça. julguei que tinhas mais mão em ti...

181

-Que é que tu queres? Pois se eu não conheço aqui ninguém... Se isto

dura muito tempo, ainda acabo por me casar. Ma---- prefiro divertir-me à farta lá na Califórnia.

-Oxalá que assim seja-disse Tom. --Parece que já não tens a certeza de nada... -Confesso que não. -Quando mataste aquele tipo, tu... sim... sonhaste com ele mais tarde, ou qualquer coisa assim, hein? Andavas muito preocupado?

- Não. -Não é possível! Lembravas-te daquilo... -Lembrava-me às vezes. Sentia-me aborrecido por o saber morto.

-E... não estavas arrependido? Não estás arrependido ainda? -Não. Cumpri a minha pena. Acho que bastou. -Era muito ruim aquilo por lá? Tom disse nervoso: -Vou dizer-te uma coisa, AI. já cumpri a minha pena e agora acabou-se. Não quero estar sempre a falar nesse assunto. Aí está o rio. É só atravessar e estamos na cidade. Vamos procurar uma boa biela e o resto, que o leve o diabo!

-A mãe gosta de ti a valer!-dísse AI.-Quando tu estavas preso, ela vivia numa tristeza constante. Mas não dizia nada a ninguém; era como"se chorasse para dentro. Mas todos nós sabíamos o que a consurria.

Tom puxou o boné para os olhos. -Escuta, AI. E se mudássemos de conversa agora? -Só estava a contar-te o que a mãe fazia. -Eu sei, eu sei... Mas não quero falar nisso.agora. Prefiro... prefiro... pôr um pé à frente do outro e seguir.

AI recolheu-se a um silêncio ofendido. -Só queria contar-te... - repetiu daí a um minuto. Tom olhou-o e AI fixou os olhos em frente. O caminhão, aligeirado, ribombava com monotonia. Os lábios compridos de Tom arregaçaram-se sobre os dentes, e ele riu com brandura.

- Eu sei, AI -disse. -Talvez eu ainda esteja debaixo do reflexo da prisão. Um dia falo-te sobre isso. É natural que tu estejas interessado. Mas eu... é engraçado... eu acho que é melhor tratar de esquecer isso por algum tempo, sabes ? Mais tarde, talvez seja diferente. Mas, agora, quando penso nisso, tudo me gira na cabeça. Quero dizer-te uma coisa, AI... a prisão é uma

coisa que foi feita para nos fazer endoidecer a pouco e pouco. Compreendes? E unia pessoa fica mesmo maluca. As vezes, quando de noite, os que enlouquecem começam a gritar, a gente pensa que é a gente mesmo que grita. E, outras vezes, é assim mesmo.

AI interrompeu-o:

.r82

-Oh, não falemos mais nisso, Tom. -Trinta dias ainda se passam menos mal. Cento e oitenta dias ainda vá lá. Mais do que um ano... não sei, não. E pior do que qualquer outra coisa no mundo. E uma coisa de enlouquecer, verdadeiramente de enlouquecer, essa de fechar alguém numa cadeia. Ora! Quero que tudo vá para o diabo! Não quero falar mais nisso! Olha, ali adiante, o sol a bater nas janelas das casas!

O camião chegava à área dos postos de gasolina. À direita da rua havia um "cemitério de automóveis", talvez meio hectare cercado de arame farpado, um barracão coberto de zinco ondulado em frente do qual se amontoavam pneus usados ao pé das portas, com etiquetas ostentando os respectivos preços. Atrás, erguia-se uma barraca pequena, armada com madeiras velhas e chapas de folha de Flandres. As janelas compunham-se

todas de pára-brisas emoldurados nas paredes. No terreno, salpicado de erva, havia velhos carros de todos os tipos e com todos os defeitos, de radiadores tortos e arrombados, carros avariados, deitados de lado e sem rodas. Motores enferrujados jaziam encostados ao barracão. Um grande montão de ferro velho, pára-choques, partes laterais de caminhões, rodas e eixos; e, sobre tudo isto, flutuava o espírito da decadência, do bolor e da ferrugem. Ferros retorcidos, motores semiconsumidos: um monte de destroços.

AI parou o caminhão no terreno oleoso, em frente do cemitério. Tom saltou e lançou o olhar à entrada escura do barracão.

-Não vejo ninguém-disse. E gritou:-Eh! Não há ninguém aí?!... Deus queira que eles tenham "De,dges" 925.

Do fundo do barracão, ouviu-se o bater de urna porta. O espectro de um homem surgiu na penumbra, magro, sujo, de pele oleosa, esticada sobre músculos encordoados. Só tinha um olho, em cuja órbita avermelhada e descoberta, palpitavam os músculos quando ele mexia o olho perfeito. As calças e a camisa estavam endurecidas e brilhantes do óleo acumulado durante muito tempo, cheias de rugas, de gretas e de cortes. O lábio inferior, grosso, pendia num jeito de mau humor.

Tom perguntou: -Você é o dono disto?

O olho único teve um brilho rápido. -Não; trabalho aqui-disse o homem com hostilidade. -Que é que o senhor quer?

-Tem aí algum velho "Dodge" 925`> Preciso de uma biela. -Não sei se há. Se o patrão estivesse aqui, já lhe dizia, mas ele não está. Foi para casa.

A gente pode passar uma vista de olhos?

O homem assoou-se à palma da mão, limpando-a depois às calças.

-O senhor é aqui dos arredores?

183

-Não. Somos do Leste... e vamos para o Oeste. Pois vejam à vontade. Até podem deitar fogo a essa droga toda. Estou-me nas tintas para tudo isto...

-Você parece que não gosta muito do seu patrão.

O homem aproximou-se, arrastando os pés, com o olho

único a lançar chispas.

-Tenho-lhe ódio-disse baixinho.-Tenho ódio àquele filho da mãe. Foi para casa. Para casa dele.-As suas palavras caíam borbulhantes.-Ele tem uma maneira de chatear a gente, esse... esse filho da mãe! Tem iúria filha de dezanove anos, uma garota boa a valer! E diz-me assim:-Tu gostarias de casar com ela, hein? Diz-me isto, a mim! E, à noite, volta a dizer-me:-Olha, hoje à noite, há um baile... Não queres ir, hein? Diz-me isto, aquele bandido! As lágrimas brotaram-lhe com violência e pingavam-lhe dos cantos da órbita avermelhada. Um dia, por Deus, ele vai ver! Um dia que eu tenha uma chave de tubos no bolso... Quando diz estas coisas, está sempre a olhar para o meu olho. E eu, um dia, arranco-lhe a cabeça, arranco-lha com esta chave, pedaço a pedaço.-Ofegou de raiva. -Arranco-lha aos bocadinhos.

O Sol sur;iira-se por detrás das montanhas. AI passeava entre o ferro

velho do pátio e olhava os carros usados.

- Olha ali, Tom! Aquele parece um "Dodge", mas não sei se é 925 ou 926.

Tom virou-se para o zanolho: -Posso ver este carro, hein, amigo? -Pode ver à vontade. Até pode levar essa merda toda. Caminharam entre as carcaças de automóveis até chegarem a uma condulte enferrujada, que se mantinha de pé sobre os pneus esvaziados.

-E de 25 mesmo-gritou AI.-Olha, para aqui! Podemos tirar-lhe o carter, amigo?

Tom ajoelhou-se e depois olhou por debaixo do carro. -E já foi desmontado; levaram-lhe urna biela. Pelo menos parece. -Meteu-se debaixo do carro.-Traz uma manivela e põe-na a funcionar, AI.-Mexeu na biela de encontro ao fuso. -Está cheia de óleo velho-disse.

AI girou a manivela devagarinho. -Cuidado-avisou Tom. Apanhou uma lasca de madeira do chão e foi raspando o óleo que encobria a peça, bem como os parafusos.

-Que tal está?_perguntou AI. -Um pouco lassa mas acho que serve. -Lassa? -Sim. Mas pode-se apertar. Tem ainda uma porção de chapinhas. Serve bem. Vira com cuidado. Para baixo, ai, Cuidado! Traz-me as ferramentas que estão no carro.

184

O zanolho informou: -Eu tenho ferramentas aqui. Sumiu-se por entre, os ferros comidos de ferrugem e não tardou a reaparecer, trazendo uma caixa de metal cheia de ferramentas. Tom tirou dela uma chave de parafusos e entregou-a a AI.

-Desmonta-a, vá. Mas cuidado... não percas nenhuma das chapinhas. E presta atenção ao lugar onde pões os parafusos e os pinos. Aviso-te de que está a escurecer.

AI enfiou-se debaixo do carro. -A gente devia arranjar um jogo de chaves de parafusos. A chave inglesa não ci serve para nada-disse.

- Se quiseres que te ajude, chama-me, ouviste ? - avisou Tom. O zanolho estacionava, inútil, no mesmo local. -Se vocês quiserem, posso ajudá-los -disse. -Sabe o que fez aquele filho da mãe? Passou por aqui de calças brancas. E disse assim:-Vem, vamos até ao meu iate. Ai! Um dia rebento com ele!-Respirou com dificuldade.-Eu ainda não saí com uma mulher desde que perdi este olho. E ele diz-me coisas assim!

E grossas lágrimas abriram sulcos na sujidade que lhe cobria as faces.

Tom disse com impaciência: -Porque é que você se não põe a mexer daqui para fora? Ou há guardas que o prendam aqui?

-Sim, isso é fácil de dizer. Mas quem é que quer dar trabalho a um homem que tem só um olho?

-Oiça, companheiro -disse Tom, virando-se para ele.Você tem esse olho bem aberto. Anda porco e cheira mal. É isso mesmo que você quer. Você gosta de andar assim. Se não gostasse, não andava assim. Claro que não arranja uma mulher com esse buraco à mostra. Tape-o com qualquer coisa e lave a cara. Não precisa de rebentar a cabeça_a ninguém.

-É o que voce pensa. E porque não sabe o que é ter um olho só-disse o hornem.-A gente não vê as coisas como os outros. Não sabe a que distância estão as coisas. Fica tudo corno se fosse chato.

-Você está a dizer asneiras-disse Tom.-Eu conheci uma mulher da vida que tinha uma perna só. Pensa que ela se incomodava com isso? Qual o quê! Até ganhava meio dólar a mais. Ela dizia assim: "Tu já dormiste com uma mulher que tivesse só uma perna? Ai, não? Fixe! Pois então, já que tens aqui uma especialidade, tens de pagar mais, vai-te custar mais meio dólar." E toda a gente tinha de gemer com mais cinquenta cents. E ninguém achava mal; pelo contrário. Ficavam muito satisfeitos... Ela costumava dizer que dava sorte... E também conheci um cuncunda num sítio onde estive. Ele ganhava a vida, deixando

-r 85

que os outros lhe passassem a mão pela marreca. Pois então! E você, lá porque tem só um olho, já acha que está tudo perdido!

O homem disse, perturbado: -Sim, tem razão, mas se você visse como toda esta gente se afasta de mim, também pensava como eu.

-Pois tape esse buraco, caramba! Você faz gala em mostrar isso, como urna vaca mostra o rabo. Você gosta de sentir pena de si mesillo, é o que é, fique sabendo. Isso não vale nada. Compre também umas^ calças brancas. Aposto que você anda por aí a beber, feito desgraçado e depois põe-se a chorar na cairia à noite. ó AI, tu queres que te ajude?

-Não-respondeu Al.-O mancal já está solto. Estou a desatarrachar o pistão.

-Cuidado, não te magoes!

O zarolho disse mansamente: -Você então acha... que alguém se poderá interessar por mim ?

-Decerto -respondeu Tom. -Para onde vão vocês? -Para a Califórnia. Vai a família toda. Procurar trabalho. -Você acha que um tipo corno eu poderá encontrar trabalho também, você acha, hein? Com um pano preto no olho?

-E porque não? Você não é nenhum aleijado. -Poderei ir com vocês, hein? -Ali, isso agora é que não. já estamos tão sobrecarregados que mal nos podemos mexer. Você arranja outra maneira de sair daqui. Arme uma carcaça dessas e vá sózínho.

-E é que sou muito capaz de o fazer, caramba!-disse o zarolho.

Ouviu-se um forte som metálico. -Pronto -anunciou AL-Já cá canta. - Bom, deixa ver-disse Tom. AI entregou-lhe o pistão, a biela e a parte inferior do mancal. Tom limpou a superfície metálica e olhou-a de lado. -Parece que vai servir. Se a gente tivesse luz, podia montá-la esta noite.

-Olha, Tom. Eu pensei uma coisa. A gente não tem ganchos de anel. Vai ser um trabalho danado encaixar os anéis, principalmente os da parte de baixo.

Tom lembrou:

- Um tipo disse-me em tempos que se pode enrolar um fio de latão firú-nho em volta do anel para segurar a coisa.

-Sim, mas depois como é que se vai tirar o fio de latão outra vez?

-Não é preciso tirar. Ele derrete-se e não estraga nada. -Então fio de cobre ainda é melhor.

.r86

-Pois sim, mas não é tão resistente -disse Tom. E virou-se para o zanolho:-Vocês não têm por aí um bocadinho de fio de latão, hein?

1 Não sei. Vou ver. Acho que há um rolo para aí. Escute: onde é que você acha que se pode arranjar um pano preto desses para pôr no olho?

-Não sei-disse Tom.-Veja lá se acha o tal rolo de fio de latão...

Revolveram o barracão, virando alguns caixotes, até que encontraram o fio. Tom enfiou a biela num tornilho e enrolou cuidadosamente o fio em torno dos anéis do pistão, forçando-o a ficar bem apertado, e, onde o fio estava torcido, batia-o com um martelo para o achatado. Depois, virou o pistão, e, à medida que o ia virando, ia também batendo com o martelo para o achatado em toda a volta, até conseguir libertar a parede do pistão. Passou-lhe o dedo em volta, para verificar se o anel e o fio achatado estavam ao mesmo nível. Já fazia escuro no barracão. O zanolho trouxe uma lanterna eléctrica e iluminou o local do trabalho.

- Pronto - disse Tom. - Olhe lá, quanto é que você quer por esta lanterna?

-Ora, isso não vale quase nada. Tem uma bateria de quinze cents. Posso vendê-la por uns trinta e cinco cents.

-Fixe! E quanto é essa biela e o pistão?

O zanolho esfregou a testa com o nó de um dedo, tirando uma placa de sujidade.

-Eu nem sei quanto isso custa-disse.-Se o patrão estivesse aqui, podia ver no catálogo das peças quanto custa uma peça nova, e, enquanto você trabalhava, já tinha calculado o preço do custo para nós, e quem você era e quanto poderia pagar, e então diria, por exemplo, que o preço que estava no catálogo era de oito dólares, e que você podia levar isso por cinco. E, se você refilasse, ele deixava a coisa por três. Você pensa que tudo depende de mim, mas-Santo Deus!-aquilo é um filho da mãe! Adivinhava logo que você estava atrapalhado com a falta dessa peça e então tratava de o explorar. já o vi levar mais por uma engrenagem do que ele pagou pelo carro inteiro.

-Bom, mas quanto é que você quer, afinal? -Aí um dólar deve estar bem. -Bem, então vou dar-lhe mais um quarto de dólar por este par de chaves de parafusos. Tornam o trabalho duas vezes mais fácil.-Entregou o dinheiro.-Muito obrigado. E trate de tapar esse olho desgraçado, ouviu?

Tom e AI entraram no caminhão. Já estava completamente escuro. AI ligou o motor e acendeu os faróis.

-Até logo-disse Tom.-Talvez a gente se encontre na Califórnia. - Voltaram para a estrada e retomaram o seu caminho.

187

O zanolho seguiu-os com o olhar até que se sumiram e depois encamí-

nhou-se através do barracão de ferro, para a barraca das traseiras. Dirigiu-se, tateando, para o colchão estendido no solo e atirou-se-lhe para cima, a soluçar. Os sons dos carros que passavam, zunindo, ainda mais reforçavam as muralhas da sua solidão.

-Se tu me dissesse, AI, que a gente arranjava esta peça e a montava ainda esta noite, eu dizia-te que estavas maluco.

-Pois, Tom, vamos poder montá-la. Mas tu é que vais fazer isso. Eu tenho medo de a apertar demais e que se gaste, ou de a deixar tão larga, que salte do seu lugar.

- Bem, eu vou fazer isso - disse Tom. - Se se escangalhar, que se escangalhe. Não temos nada a perder.

AI pôs-se a olhar na escuridão. Os faróis não projectavam luz muito forte, mas, adiante, reflectiram-se nos olhos verdes de um gato, pronto a caçar.

-Tu fizeste afinar o tipo, hein, Tom?-disse AL-Deste-lhe para baixo...

-Era o que ele estava a pedir. Ali a encher-se de pena dele mesmo e a atirar as culpas todas para cima do tal defeito! É um preguiçoso e um porcalhão, aquele filho da mãe! Mas, quem sabe? Podia endireitar-se se tivesse alguém que lhe desse conselhos.

-Tom, eu não tive culpa que se queimasse o mancal, pois não? Tom ficou calado por um instante. E depois: -Olha, AI, já estou a chatear-me contigo. Porque é que tu tens medo que alguém te ponha as culpas? Eu sei o que é; és um garoto com a mania das grandezas; pensas que vales muito. Mas, escuta. Para que é que tu te defendes sempre, se ninguém te ataca ?

AI não respondeu. Olhava em frente. O caminhão ribombava estrada fora. Um gato atravessou-a correndo e AI procurou atropelá-lo, mas as rodas nem o afloraram e o gato sumiu-se na erva.

-Ia-o apanhando! -disse AL-Escuta, Tom. Tu ouviste o Connie dizer que queria estudar de noite? Eu pensei também em fazer isso. Podia estudar rádio ou televisão ou motores Diesel. Era um ponto de partida...

-Talvez-disse Tom.-Mas, primeiro, tens de saber quanto levam para ensinar isso. E depois, saber ao certo se tens vontade de estudar as lições. Havia tipos em MacAlester que estudavam nesses cursos por correspondência, sabes? Mas, até hoje, não vi ninguém que os acabasse. As pessoas cansam-se e desistem.

-Santo Deus! A gente esqueceu-se de comer qualquer coisa! -Para quê? A mãe mandou bastante comida. O reverendo não vai comer tudo aquilo sozinho. Com certeza que deixou

188

alguma coisa para nós. Só queria saber quanto falta ainda para a gente chegar à Califórnia.

-Sei lá, meu Deus! Sei que é preciso avançar. Recaíram no silêncio e a escuridão aprofundou-se mais. As estrelas cintilavam, finas e brancas.

Casy saiu do assento traseiro do "Dodge" e avançou até à berma da estrada quando avistou o camião.

-Não esperava que vocês voltassem tão depressa -disse. Tom reuniu as peças todas no pano de serapilheira que estava no chão.

-Tivemos sorte, muita sorte. Até uma lanterna eléctrica arranjàmos. Vamos começar já o trabalho.

-Vocês esqueceram-se de jantar-disse Casy._ -Vou jantar depois, quando terminar isto. O AI, convém encostares o caminhão bem à valeta da estrada e ajudares-me um pouco, segurando a lanterna.

Foi direito ao "Dodge" e meteu-se debaixo dele. AI deitou-se de barriga para baixo e assestou a luz da lanterna sob o motor.

-Está a bater-me nos olhos. Levanta-a um pouco mais. Tom enfiou o pistão no cilindro, fazendo-o girar e empurrando-o devagar. O revestimento de fio de latão roçava ao de leve as paredes do cilindro. Com um impulso brusco, fê-lo atravessar os segmentos.

-Que sorte não estar muito apertado, senão, a compressão ia prejudicar isto. Acho que vai trabalhar como deve ser.

-Espero que o fio não vá embaraçar os anéis-disse AI. -Pois foi por isso que eu o bati com o martelo. Vai ficar bem fixe, ou vai derreter-se ou espalhar-se, como se fosse um revestimento de chapa.

-E se arranhar as paredes? Tom riu. -Santo Deus! Não tem importância; essas paredes aguentam um arranhãozinho. já está a beber óleo como a toca de um arganaz. Um pouco mais não tem importância. -Colocou a articulação da biela debaixo do eixo e experimentou a metade inferior. -Vamos precisar de mais algumas chapinhas. E chamou: - ó Casy!

- Hein?

- Vou montar o mancal. Sente-se ao volante e vá rodando com ele devagarinh@ até eu dizer pare.-Apertou os parafusos. -Agora! Devagar!-E, quando o eixo P'irou, sacudiu o mancal para lhe experimentar a firmeza.-Tem chapinhas a mais-disse Tom.-Pare, Casy-Retirou os pinos e removeu as chapinhas de cada lado e tornou a colocar os pinos. - Experimente outra vez, Casy-disse.-E tornou a ocupar-se da biela.-Está um pouco frouxo ainda. Se eu tirar mais chapinhas, vai talvez ficar bem

189

assente. Vou experimentar. -Retirou novamente os pinos e outro par de chapinhas.-Rode agora, Casy!

-Parece que vai!-exclamou AI. Tom perguntou: -Gira com dificuldade, Casy? -Não, acho que está bem. -Bom, então creio que está feito o serviço. Deus queira que esteja bom. Porque, se fosse preciso limar alguma coisa, nem ferramenta para isso tínhamos. Essas chaves de parafusos facilitaram o trabalho que foi uma beleza.

AI disse: -O dono tlaquele ferro velho vai ficar danado da vida quando procurar as chaves de parafusos e não o as encontrar. _ Isso é lá com ele-disse Tom.-Nós não roubámos nada. -Enfiou as cavilhas, bateu-as e virou-lhes as pontas.-Agora sim, acho que está bem. Ouça, Casy. Segure a lanterna agora; o AI e eu vamos levantar o carter.

Casy ajoelhou-se e pegou na lanterna. Dirigiu o foco de luz sobre as mãos, que, cuidadosamente ajustavam o empanque no seu lugar e faziam

coincidir os buracos com as cavilhas do carter. Os dois homens retesavam os músculos ao peso do carter, assentaram as cavilhas dos dois lados; depois, apertaram as outras, e, quando estavam todas no seu lugar, Tom começou a apertá-las a pouco e pouco, até que o carter ficou bem a prumo, depois do que apertou a fundo.

-Bom, acho que isto está pronto-disse Tom. Colocou o parafuso de fecho, examinou cuidadosamente o carter; depois, pegou na lanterna e pôs-se a olhar para o chão. -Está tudo pronto. Agora vamos encher o depósito novamente.

Saíram de debaixo do carro e deitaram o conteúdo do balde de óleo no carter... Tom tornou a iluminar a gacheta, para verificar se vertia óleo ou não.

- Pronto, AI, podemos ir-disse. AI entrou no carro e acci'onou o motor, que emitiu um ronco forte. Um jacto de fumaça azul escapuliu-se do tubo de escape.

-Pára e deixa o motor a trabalhar! -berrou Tom.-Deixa gucimar óleo, até que o fio se derreta. já está mais fino.-Pôs-se a ouvir atentamente o inotor.-Está bom, AI-disse.-Pára o motor. Acho que está perfeito. E, agora, onde está essa trincadeira?

- Tu és um mecânico dos bons, hein?-elogiou AI. -Então! Não foi à toa que tñibalhei mais de um ano numa garagem. Agora, as primeiras duzentas milhas, a gente tem de andar devagar-o tempo suficiente para fazer a rodagem.

Limparani as mãos sujas de Óleo a punhados de relva e esfregaram-nas por fim nas calças. Caíram esfomeados sobre a carne de porco assada e sorveram a água da garrafa em longos tragos.

.190

-Estava quase a morrer de fome-disse AL-Que é que vamos fazer agora? Vamos ao acampamento?

-Não sei-disse Tom.-São capazes de querer meio dólar por nós também. Mas é bom a gente ir até lá e avisar a família. Se for preciso pagar, a gente desanda. Mas o pessoal tem de saber que a gentejá arranjou o carro. Meu Deus, estousatisfeito por amae nos ter prendido aqui! Olha, AI, acende a lanterna e vê se a gente não deixou nada. Traz essas chaves de parafusos; a gente pode precisar delas outra vez.

AI examinou o chão com a lanterna. -Não vejo nada-disse. -Muito bem. Eu é que vou guiar agora. Tu trazes o caminhão, AI.

Tom accionou o motor. O pregador entrou no carro também. Tom meteu em primeira vagarosamente, para poupar o motor, e AI seguiu-o com o veículo. Atravessou o barranco também vagarosamente. Tom disse:

-Um "Dodge" destes pode arrastar até uma casa em "primeira". E está em ponto morto. É bem bom; para nós, assim, não haverá perigo de se partir o mancal outra vez.

O carro rodava devagar estrada fora. Os faróis de doze volts lançavam uma fraca luz amarelada sobre o cimento.

Cas ra Tom: ,y virou-se pa -E engraçado como vocês foram capazes de consertar o carro. Foi só mexer nele um pouco e pronto. Eu

nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas. Nem mesmo agora, que vi fazer esse trabalho.

- É preciso aprender em criança - disse Tom. - É só aprender. Não é nenhum bicho de sete cabeças. Hoje em dia, até uma criança pode desmontar um carro com toda a facilidade.

Um coelho foi apanhado pela luz dos faróis e fugiu na frente do carro. De vez em quando, procurava esgueirar-se, com grandes saltos que lhe faziam tremer as orelhas, para um lado da estrada, mas a muralha de escuridão atirou-o de novo para o meio. Ao longe, surgiram faróis deslumbrantes, incidindo sobre ele.

O coelho hesitou, voltou-se e correu como um raio de encontro à luz mais fraca do "Dodge". Houve um levíssimo choque quando o animal se meteu debaixo das rodas. O carro que se aproximava ultrapassou-os a toda a velocidade.

-Acho que atropelámos o bicho-disse Casy. -Acho que sim-confirmou Tom.-Há motoristas que até gostam de atropelar animais. Eu, sempre que isso acontece, fico com uma treniura cá por dentro. O carro parece que está uma beleza. Os segmentos devem estar à vontade agora. já não deita tanto fumo!

-Foi um bonito serviço, o seu-disse Casy.

Igi

Uma casinha de madeira dominava o acampamento e, na varanda da casa, ardia, ciciante, um candeeiro de gasolina, que projectava um largo círculo de luz branca. Havia meia dúzia de tenáas armadas em redor da casinha, e os carros estacionavam perto das tendas. já terminara o preparo da refeição da noite, mas as brasas das fogueiras do acampamento luziam ainda, no chão, junto dos lugares onde as pessoas haviam acampado. Um grupo de homens estava reunido na varanda em volta da lâmpada de gasolina, e as suas faces recortavam-se firmes e musculosas na claridade crua da luz. Os chapéus projectavam sombras negras sobre as frentes e os olhos e os queixos adquiriam um relevo exagerado. Alguns homens estavam sentados nos degraus; outros, no chão, recostavam os cotovelos no piso da varanda.

O proprietário, um sujeito de rosto magro e rabugento, ocupava uma cadeira na varanda, encostando-se à parede e tamborilando com os dedos no joelhos. Dentro de casa, ardia uma lâmpada de querosene, cuja luz frouxa era neutralizada pelo intenso clarão branco e silvante do candeeiro de gasolina. O, grupo rodeava a cadeira do proprietário.

Tom dirigiu o "Dodge" para a beira da estrada e parou. AI passou o portão com o seu veículo.

-Não é preciso levá-lo lá para dentro-disse Tom. Saltou, foi andando, passou o portão e foi em direcção à claridade da lanterna.

O proprietário deixou os pés dianteiros da cadeira pousarem no chão e inclinou-se para a frente.

-Querem acampar aqui? -perguntou. -Não-disse Tom.-Temos aqui a família. Olá, pai!

O pai, que estava sentado no primeiro degrau da escada, disse:

Pensei que vocês iam ficar fora pelo menos uma semana. Está tudo pronto?

-A gente teve uma sorte danada-disse Tom.-Arranjámos a peça antes de anoitecer. Podemos continuar a viagem amanhã de manhã.

Ainda bem-disse o pai.-A mãe anda preocupada. A avó está fora dos eixos.

-Sim, o AI já me contou. Não está melhor? -Não! lXIAs, pelo menos, consegue dormir.

O proprietário interveio: -Se vocês quiserem pernoitar aqui, vão ter de gastar um pouco. Mas aqui há muito lugar e água e lenha para fazer fogo. E ninguCiri os incomodará.

-Qual o quê?-disse Tom.-Nós vamos dormir mas é lá fora no barranco. Ali não se gasta nem um chavo.

O proprietário tamborilou com os,dedos nos joelhos.

192

-O sherfff costuma passar por aqui todas as noites. Pode emburrar com vocês. Há uma lei que proibe que se durnia na estrada. O nosso Estado tem uma lei contra a vacaburida-em.

-(:@per dizer que, se eu pagar meio dólar para dormir aqui, não sou um vagabunclo, liein@?

-É isso mesmo. Os olhos de Tom brilharam de cólera: -E,,se slieriff não será algum cunhado seu@?

O proprietário debruçou-se ainda, mai_@ para a frente. -Não, não é. E ainda não chegáirios ao ponto-riós, os que sornos daqui-de ouvi@- de saforos de mendíí_,o@ da sua espécie, ouviu?

-Quando se tr_I-@ de nos esfolar o diriliciro, já não somos mencbgos, hein? E, se fóssemos mendigos, que tinha você com isso, desde que lhe não pedíssemos nada? Com que então todos nós somos mendigos, li(,in? Pois olhe que lhe não estamos a pedir dinheiro pau-a, termos o direito de dormir no chão.

Os homens esperavam, rígidos e em frio silêncio. Toda a expressão desaparecera das suas faces; e os olhos, sob a sombra projectada pelos chapéus, moviam-se subtilmente em direcção ao proprietário do acampamento.

O pai resmungou: -Acabou-se, Tom! -Está bem, acabou-se.

O círculo de homens que estavam nos degraus ou encostados à varanda, manteve-se em silêncio. Os seus olhos reluziam sob a luminosidade crua do cand(-eiro de gasolina. Os traços dos seus rostos endureciam sob a luz intensa. Continuavam imóveis. Sómente os seus olhares passavam de interlocutor a interlocutor, sem que as faces perdessem a rigidez inexpressiva. Uma borboleta nocturna bateu de encontro ao candc(.iro; queimou-se e caiu na escuridão.

Numa das tendas, uma criança vagia e uma voz branda de mulher procurava aquietá-la. Cant@u depois, baixinho: "O Menino Jesus é teu amiguinho durante a noite. Dorme, dorme bem. Jesus vela por ti durante a noite. Dorme, ó dorme!"

O candoáro da varanda ciciava. O proprietário coçava o triângulo da abertura da camisa, por onde lhe aparecia o peito coberto de pêlos brancos, todos emaranhados. Mostrava-se atento e receoso. Olliava os homens que o cercavam. Olhava, à espera de alguma manifestação, mas os

homens mantinham-se absolutamente imóveis.

Tom ficou em silêncio por longo tempo. Os seus olhos escuros dirigiram-se lentamente para o dono do acampamento.

-Não quero fazer barulho -disse. -Mas é duro chamarem-nos mendigos. Fique sabendo que eu não sou nenhum medroso. Se quisesse, saltava em cima de si e do seu sher?ff com estes punhos que Deus me deu-disse baixinho.-Mas não vale a pena.

13- v. 1.

193

Os homens começaram a movimentar-se, mudaram de posição e de lugar, e os seus olhos brilhantes fitaram os lábios do dono do acampamento, alguai-dando que eles se movessern. O homem tranquilizou-se. SCRItILI que tinha ganho a partida, mas não com tanta segui-aii(-,t que lhe perinitisse. tentar novo ataque.

- N, 'ocè m- -? -guntou. w tem incio dólai -pei

que tenho, sim. Mas -,,,ou precisar dele. Não posso dcsper(l'l(,@'-'-lo só por causa de uma dormida.

-Toda a gente tem de ganhar a vida. -Está certo-disse Tom.-Mas sem tirar para isso a camisa aos outros.

Os homens tornarain a agitar-se. E o pai atalhou: -Nós partinios anianhã de manhã cedo. Mas olhe, senhor, nós pagámos. L este rapaz faz parte da nossa família. Ele não pode ficar? A gente já pagou.

-L meio dólar cada carro-respondeu o proprietário. _Mas ele não trouxe carro. Deixou-o lá foi-a, na estrada. -Mas veio de cai-i-o-t(imou o proprietário. Se eu fosse a consentir semelhante coisa, toda a gente deixava o carro lá fora e não me pagava nada para dormir aqui.

Tom interveio: -Eu vou levar o carro uni pouco mais para lá, e, de manhã, venho buscar o senhor e os outros. O AI pode ficar, o tio Joha pode vir cormosco... -Virou-se para o pi-oprietário.--Convéni-lli(., assim?

O dono deu um balanço rápido à situação e resolveu condescender:

-Desde que fiquem tantos quantos vieram e pagaram, não tenho nada com isso.

Tom tirou a onca de tabaco, uma onça esfarrapada e desbotada, que tinha no @undo apenas um pouco de moinha. Fez um cigarro fininho e atirou fora o pacote vazio.

-Nós vamos indo-disse.

O pai virou-se para o círculo dos homens: -E um bocado custoso fazer o que nós fizemos. Nós tínhamos a nossa fazendinha própria. Não andávamos por aí sem eira nem beira. Esses diabos desses ti-actores acabaram corri tudo.

Um alto e magro, de sobranceiras amarelecidas pela acção do sol, ergueu vagarosamente a cabeça. _ Caseiros ?-perguntou.

-Colhíamos a ineias. Antigamente, a terra era só nossa. O jovem tornou a olhar em frente. -Como nós-disse. -Felizmente já não vai dui'.@r muito-disse o pai. -A gente vai para o Oeste, para arranjar trabalho e amanharmos um pedacinho de teira outra vez, com água e

tudo.

A um canto da varanda, estacionava um homem esfarrapado.

194

Do casaco preto, pendiam-lhe tiras de pario rasgado... e os joelhos das calças estavam completamente gastos. Tinha o rosto negro de imun-dície, e sulcado por onde o suor escorrera. Virou a cabeça na direcção do pai.

-E@tão vocês devem ter economizado um bocado. -Não, a gente não conseguiu economizar dinheiro nenhum -disse o pai.-'Mas a nossa família é grande e todos podem trabalhar. E lá, no Oeste, eles pagam bons salários. A gente economiza e então compra um pedaço de tcrra outra vez.

O homem esfarrapado encarou o pai e depois riu, num riso que acabou por se transformar num relincho prolongado. O círculo de rostos virou-se para o homem que ria. O relincho degenerou num acesso de tosse. Os olhos do homem estavam verinelhos e lacrimjavam quando, por fim, conse,@l_IiU dominar-se.

-Vocês vão... vocês vão para o Oeste? O Deus do céu! -Começou a rir novamente.-Vão para o Oeste... bons salários, hein?... Deus do céu!- Parou e acrescentou em tom irónico: -Colher laranjas, não é? E pêssegos, não é?

O pai disse, cheio de dignidade@ -A gente faz o serviço que houver. E lá há servico à farta...

O homem esfarrapado relinchou com mais disc@eção. Tom irritou-se: -Que é que você acha de engraçado nisto?

O homem esfarrapado calou a boca e olhou carrancudo para as tábuas do chão da varanda:

-Aposto que vocês vão todos para a Califórnia -disse, por fim.

-Olha que admiração! Então não lho disse já?-repliou o pai.

O esfarrapado disse lentamente: -Pois... eu venho justamente de lá. Estive lá algum tempo. Todos os rostos se voltaram para ele. Os homens não se mexiam. O cicio do candeeiro degenerou num suspiro e o proprietário do acampamento deixou poisar os pés dianteiros da cadeira no chão; ergueu-se e deu à bomba do candeeiro, até que o silvo vibrou de novo a<,udo e forte. Voltou para a cadeira, mas não a encostou à parede. O esfarrapado virou-se para os circunstantes:

-Voltei para morrer de fome. Assim como assim, prefiro morrer de fome o mais depressa possível.

-Mas que diabo está você a dizer, afinal de contas?-perguntou o pai.- Eu tenho um papel que diz que eles pagam bons salários e li há tempos no jornal que eles precisam de muita gente para a colheita da fruta.

O esfarrapado perguntou:

- @,?ocês não têm para onde ir? Não podem voltar para casa?

19,5

-Não-disse o pai.-Expulsaram-nos. Passaram um tractor por cima da casa. -i voltar para trás?

- Então não poden -Claro que não. -Então não vale a pena descorajá-los -disse o esfarrapado.

-Nem nos desencoraja. Pois se eu vi esse papel que dizia que eles precisavam de gente! Se eles não precisassem de gente, era um disparate gastarem dinheiro em impressos. Nem os distribuiriam se não precisassem de gente.

-Está bem; não quero desencorajá-los.

O pai gritou colérico: -Agora, que já começou a dizer asneiras, não fique calado, ouviu? Estava lá escrito: "Precisa-se de gente." E você aí a rir-se e a dizer que é mentira. Quem é que mente, afinal de contas?

O esfarrapado fixou bem os olhos irritados do pai. Parecia triste.

-O papel diz a verdade -respondeu. -Lá precisar de gente, precisam.

-Então porque é que você ri tanto? -É porque vocês não sabem de que espécie de gente é que eles precisam.

-Como, que espécie de gente?

O esfarrapado tomou uma decisão: -Ouça, senhor. Quanta gente diz o papel que eles precisam? -Oitocentos e isto é só num sítio. -É um papel cor de laranja, não é? -É sim, porquê? -Tem o nome do tipo... fulano de tal... engajador?

O pai meteu a mão no bolso e retirou o impresso dobrado. -É isso mesmo -confirmou. -Como é que você sabe? -Ouça-disse o homem. -Isso não faz sentido. Esse tipo quer oitocentos homens. Manda imprimir cinco mil desses papelinhos, que umas vinte mil pessoas lêem. Vão para lá pelo menos umas duas, três mil pessoas, por causa desse papel. Pessoas que já não sabem onde têm a cabeça com tanta preocupação.

-Mas isso não se compreende -gritou o pai. -Mas vão compreender quando falarem com o tipo que mandou distribuir esses papéis. Com ele ou com qualquer outro que trabalhe para ele. Vocês vão pernoitar nas valas das estradas, juntamente com outras cinquenta famílias mais. E ele vai procurar a vossa tenda, a ver se vocês ainda têm de comer. E quando vocês já não tiverem nada, pergunta-lhes assim: "Querem trabalhar?" E vocês respondem: "Queremos, sim, senhor. Que bom se o senhor nos arranjasse trabalho!" E ele dirá: "Talvez se possa arranjar alguma coisa." E vocês perguntam: "Quando poderemos

,r96

começar?" E ele então diz-lhes para onde devem ir e quando e depois vai-se embora. Talvez ele precise de umas duzentas pessoas, mas fala com quinhentas, pelo menos, que contam a coisa a outras, de modo que, quando vocês chegarem ao lugar marcado, já lá encontram umas mil pessoas. Aí, esse sujeito que falou com vocês, diz: "Eu pago vinte cents a hora." E então, pelo menos metade das pessoas vai-se embora. Mas ainda ficam outras quinhentas que estão a morrer de fome e que querem trabalhar nem que seja para poderem comprar pão. E esse sujeito tem um con-

trato que o autoriza a mandar colher pêssegos ou algodão. Compreende agora? Quanto mais gente esfomeada eles arranjam, menos precisam de pagar como salário. E eles preferem gente que tenha filhos, porque então... caramba! ... não quero desiludi-los mais. -O círculo de faces encarava-o com frieza. Os olhos mediam-lhe as palavras. O esfarrapado sentiu-se constrangido. -Eu disse que não valia a pena tirar-lhes as

ilusões e acabei por dizer tudo. Vocês têm de continuar a viagem, claro. Não podem voltar para trás.-O silêncio caiu sobre a varanda. O candeeiro assobiava e uma nuvem de mosquitos dançava constantemente em torno da luz. O esfarrapado continuava nervoso.-Vou dizer-lhes o que devem fazer quando aquele sujeito vier e disser que tem trabalho para vocês. Perguntem-lhe quanto paga. Digam-lhe para declarar por escrito quanto vai pagar. Digam-lhe isso. Se o não fizerem, vão ser levados ao engano.

O proprietário inclinou-se na cadeira para ver melhor aquele esfarrapado coberto de sujidade. Coçou a pele entre os cabelos grisalhos do peito e disse com frieza:

- Ouça lá; você não é um desses agitadores que andam por aí, hein? Um desses que arranjam sarilhos entre os trabalhadores ?

E o esfarrapado clamou: -411?! juro por Deus que não! -E porque andam muitos desses por aqui-disse o dono. -Só vivem provocando ódios .Fazem o pessoal maluco. Só estão bem a meter-se no que lhes não diz respeito. Um dia vão ser todos enforcados, esses derrotistas. Ou então vamos expulsá-los do país. É isto! Se um homem quiser trabalhar... fixe! Se não quiser, que vá para o inferno. XIas que não venha provocar sarilhos.

O esfarrapado empertigou-se: -Bem, eu só quis avisá-los, ouviram? Agora já sabem como é -disse.-A mim Icvou-me um ano inteiro a saber isso tudo. Custou-me a vida da mulher e de dois filhos. Mas vocês não querem acreditar. Não devia dizer nada, é o que é. Eu também não queria acreditar quando alguém me dizia isso. Não, não, vocês não podem acreditar! Quando as crianças estavam deitadas na tenda, de barriga inchada, que só tinham a pele e o osso, e tremiam e cho-

197

ravam que nem cachorrinhos, eu saí feito louco para arranjar trabalho, nem que fosse para ganhar uma miséria. Não queria salário, não queria dinheiro! -gritou. -Queria só um pouco de leite, um punhado de farinha, uma colherada de banha! Meu Deus!... Depois veio o médico legista. "As crianças morreram do coração"-disse ele. Escreveu isso num papel que trouxe. Tremiam e tinham a barriga inchada, que nem a bexiga de um porco.

Os homens, em volta, estavam silenciosos, de bocas entreabertas. A sua respiração saía opressa. Escutavam,

O homem olhou em volta, depois do que virou as costas ao grupo e caminhou rapidamente até se sumir na escuridão. A escuridão tragou-o mas os seus passos arrastados ouviram-se por muito tempo ainda sobre o cimento da estrada, onde um carro o tornou visível à luz dos faróis um instante, arrastando-se pela faixa, de cabeça pendida sobre o peito e mãos nos bolsos do casaco preto.

Os homens sentiam-se inquietos. Alguém disse: -Bom, já é tarde. Vou dormir.

O proprietário insinuou: -Deve ser um tipo sem eira nem beira. Há muitos assim agora pelas estradas.

Depois, ficou calado. Tornou a encostar a cadeira à parede e pôs-se a mexer com os dedos no pescoço.

Tom disse: -Acho que ainda vou falar um bocadinho corri a mãe. Depois,

vamo-nos.

E os Joads saíram dali. -Imagina se esse tipo falou verdade... - murmurou o pai.

O pregador respondeu:

- Claro que disse a verdade. A verdade do que lhe aconteceu. Não inventou nada.

- E conosco como é que irá ser ? - perguntou Tom. - Irá ser a mesma coisa ?

-Não sei-disse Casy. -Não sei-repetiu o pai. Foram andando até à tenda, -o pedaço de lona esticado por quatro paus. No interior, reinava a escuridão e havia silêncio. Quando já se encontravam perto, uma massa acinzentada agitou-se perto da entrada e erguendo-se, atingiu proporções humanas. Era a mãe que vinha ao encontro deles.

-Estão todos a dormir-disse ela.-A avó também, graças a Deus. - Depois viu que era Tom quem vinha. - Como é que tu vieste para cá?- perguntou ansiosa.-Não tiveste aborrecimentos ?

-A gente já fez o conserto -volveit Toni.-Podemos continuar a viagem quando estiverem prontos.

-Graças a Deus-diss(@, a mãe.-Estou ansiosa por partir.

198

já quase não aguento mais. Tomara já chegar onde há fartura e vegetação! Quanto mais depressa, melhor.

O pai pigarreou:, -Agora mesmo um camarada esteve a dizer... Tom agarrou-lhe o braço, sacudindo-o ligeiramente. -Engraçado o que ele esteve a dizer... -interrompeu Tom. -Disse que @á imensa gente a caminho.

A m_@@e lançou-lhe um olhar através da escuridão. Dentro da tenda, Ruthie tossia e ressonava alto.

-Lavei as crianças-disse a mãe.-Foi a primeira vez que nos deram bastante água para as lavar como deve ser. Deixei o balde lá fora, que é para vocês também se lavarem. A gente suja-se muito nestas viagens...

-Estão todos lá dentro? -perguntou o pai. -Todos, menos o Connie e a Rosasharn. Querem dormir lá fora. Dizem que cá na tenda há muito calor.

O pai observou em tom rezingão: -Essa Rosasharn está muito enjoada, toda não-me-toques. -É porque é a primeira vez-disse a mãe.-Ela e o Connie passam a vida a falar nisso. Tu também eras a mesma coisa.

-Bem, precisamos de ir-tornou Tom.-Vamos estacionar um pouco ali adiante, na estrada. Prestem atenção, caso a gente os não veja. Vamos ficar do lado direito.

-E o AI? Fica aqui? -Fica. Por isso é que o tiojohn vem conosco. Boa noite, mãe! Atravessaram o acampamento adormecido. Diante das tendas ardia uma fogueira vacilante e baixa, ao pé da qual rima mulher estava acocorada, a preparar a refeição da manhã seguinte. O cheiro do feijão que ela cozinhava era forte e apetitoso.

-Quem me dera agora um bom prato de feijão!-disse Tom, polidamente, ao

passar.

A mulher sorriu: -Está às suas ordens... quando estiver pronto. É só vir até aqui ao alvorecer.

-Muito obrigado - agradece Tom. Ele, o tio John e Casy passaram-i pela varanda. O proprietário ainda lá estava, sentado na cadeira, e a Uimpada sibilante, filarnejava. Voltou a cabeça para os três liioiii(-ns que- iara passando.

-Precisa de dt,itar gasolina nessc@ c@tiideciro-dissc-llic Tom. -Para quê? Está na liora de fecliar. -Agora já não há mais nenhum ni@-io dólar -a rolar pela estrada -coni(,iitoii Tom.

Os pés da cadeira poisaram no cli@ão. -Não me chateies! já te conheço! Ls um desses agitadores que andam por aí.

-Pois sou mesmo-disse Tom.-Sou t;tii bolchevista.
19.9

-É isso! Há muitos da tua espécie! Tom ia a rir quando saíram pelo portão direitos ao "Dodge". Abaixou-se para apanhar um torrão de terra e atirou-o com força contra a luz que ardia na varanda. Ouviram-no bater de encontro à casa e viram o dono do acampamento erguer-se num pulo e sondar a escuridão. Tom accionou o motor do carro, que retomou a estrada. Escutou com atenção o barulho do motor, no receio de ouvir pancadas estranhas. A estrada dwenrolava-se na penumbra, sob a luz débil dos faróis.

CAPITULO XVII

Os carros dos emigrantes arrastavam-se pela estrada principal, vindos dos caminhos que a cruzavam, e despejavam populações para o Oeste. À luz do dia, marchavam como percevejos nesse rumo; quando a escuridão baixava, agrupavam-se como percevejos à volta de um abrigo ou em regiões onde a água abundava. E isso, porque todos os que fugiam se sentiam solitários e perplexos, porque tinham vindo de terras, em que reinava a tristeza e a preocupação, porque iam para uma terra nova e misteriosa. Agrupavam-se estritamente, falavam uns com os outros sobre as esperanças que depositavam na nova terra, dividiam entre si a comida, a própria vida. Às vezes, uma família acampava próximo de uma nascente de água e vinha outra e acampava também no mesmo lugar, por causa da nascente e da companhia e ainda vinha uma terceira por causa das duas famílias que já ali se encontravam, por acharem o sítio bom. E, quando o sol caía no horizonte, já lá havia bem vinte famílias e vinte carros.

À noite acontecia uma coisa estranha: as vinte famílias tornavam-se uma só família; as crianças eram filhos de todas. A perda de um lar tornava-se uma perda colectiva, e o sonho dourado do Oeste, um sonho colectivo. E podia acontecer que uma criança enferma enchesse de pena os corações de vinte famílias, de cem pessoas; que um parto numa tenda mantivesse cem pessoas em silêncio e em expectativa durante uma noite e que a manhã seguinte encontrasse cem pessoas felizes cora o êxito de um parto de gente estranha. Uma família que, uma noite antes tivesse errado apavorada na estrada, era capaz de procurar entre os seus parques tesouros, algo que se pudesse dar de presente ao recém-nascido. À noite, sentados em redor da fogueira, os vinte perifaziam um só; uniam-se como um só, nos acampamentos, quer de tarde, quer de noite. Uma guitarra surgia então de sob um cobertor, e soava tristemente e entoavam-se cancoes-cancoes populares. Os homens cantavam a

letra e as mulhi@res cant@rolavam a melodia.

200

Todas as noites, um mundo surgia: amizades se cimentavam; inimizades se criavam; um mundo completo, com gabarolas e covardes, com gente silenciosa, com gente sossegada, gente humilde e gente bondosa. Todas as noites se entabulavam relações, relações que modelavam um mundo, e todas as manhãs esses mundos se desfaziam como circos ambulantes.

A princípio, as famílias titubeavam nas montagens e desmontagens desses mundos; mas, gradualmente, conseguiam assenhorear-se da técnica da construção desses mundos. Os chefes surgiam; faziam-se leis e códigos. E, à medida que os mundos se deslocavam para o Oeste, mais e mais completos e bem apetrechados se tornavam, porque os seus construtores já tinham adquirido mais experiência.

As famílias aprendiam quais as leis que deviam observar -as leis da vida privada nas tendas, as leis do encerramento do passado no coração, as leis de ouvir e calar, as leis de aceitar ou recusar auxílio, de oferecer auxílio ou de o recusar; as leis de um filho fazer a corte a uma rapariga e as de uma filha aceitar a corte de um rapaz; as leis que permitiam dar de comer aos famintos; as leis das mulheres grávidas e dos enfermos, que sobrepujavam todas as outras.

E as famílias aprendiam, embora ninguém o tivesse ensinado, quais as leis que deviam ser monstruosas e ser destruídas; o direito de se penetrar na vida particular, o direito de falar alto quando no acampamento todos dormiam, o direito da sedução e do estupro, o direito do adultério, do roubo e do assassinio. Esses direitos eram esmagados, porquanto os pequenos mundos não poderiam passar uma só noite sequer desde que eles se mantivessem.

E, à medida que esses pequenos mundos se moviam rumo ao Oeste, os regulamentos transformavam-se em leis, embora ninguém notificasse as famílias nesse sentido. É contra a lei sujar o local, é contra a lei poluir, de qualquer maneira, a água colectiva, é contra a lei comer coisas boas, suculentas, perto de uma pessoa esfaimada, a não ser que se lhe dê alguma coisa.

E, com as leis, surgiram as medidas punitivas, que eram sómente duas: uma luta rápida, de morte, ou então o exílio; e o exílio era o pior. Porque, quando alguém quebrava as leis e se ia embora, o seu nome e os traços da sua fisionomia depressa se divulgavam, não encontrando, por isso, abrigo em nenhum dos pequenos mundos, onde quer que estes fossem construídos.

Nesses mundos, a conduta social tornou-se rígida e fixa, de maneira que um homem tinha de responder "bom dia" a quem o cumprimentasse, um homem podia viver com uma pequena e, se ficasse com ela, teria de a proteger e aos filhos que ela tivesse. Mas a ninguém era permitido ter uma pequena uma noite e outra na seguinte, pois tal coisa viria pôr em perigo os mundos.

201

As famílias moviam-se rumo ao Oeste, e a técnica da construção dos tais mundos melhorava, de maneira que os homens se sentiam neles em segurança; e tudo era edificado de maneira que unia família, que observava as leis, sabia que estas a prote~ giani.

Forniam-se governos, governos com chefes e anciãos. Um homem inteligente descobria logo que a sua inteligência era de utilidade nos acampamentos; um homem imbecil não conseguia colocar a sua imbecilidade no mundo. E uma espécie de seguro se desenvolvia nessas noites. Um homem que tinha de comer alimentava outro que nada tinha, e dessa maneira assegurava a alimentação a si mesmo para quando as suas reservas se esgotassem. E, quando uma criança morria, uma pequena pilha de moedas ia juntar-se à porta da tenda dos pais, pois uma criança tem de ter um enterro condigno, já que nada obteve da vida. Um adulto podia ser sepultado na fossa comum; uma criança, nunca.

Para a construção de um mundo tornaiu-se indispensáveis certos requisitos naturais: água, a margem de um rio, uma corrente, uma fonte ou mesmo um encanamento sem vigilância. É indispensável certa quantidade de terra plana, onde as tendas se possam armar, e uma porção de galhos secos ou de lenha para fazer fogueiras. Se existir perto do local um depósito de lixo, tanto melhor, pois que neles sempre se acham coisas úteis: chapas de fogão, uma grade de chaminé para proteger o fogo, e latas de conserva que podem servir de panelas e de pratos.

E os mundos eram construídos à noite. Os homens, vindos da estrada, construíam-nos com as suas tendas, os seus corações e os seus cérebros.

Pela manhã, desarmavam-se as tendas; as lonas enrolavam-se; amarravam-se as estacas umas às outras nos estribos dos carros; as camas e os utensílios de cozinha dispunham-se nos veículos. E, à medida que as famílias se moviam rumo ao Oeste, a técnica de construção de um lar, à noite, e do seu equipamento de manhã tornava-se fixa; assim, a tenda arrumava-se em sítio certo, os utensílios de cozinha contavam-se antes de se meterem nas caixas próprias. E, à medida que as famílias se deslocavam rumo ao Oeste, cada membro da família sabia qual era o seu lugar, quais os seus deveres; de maneira que todos os referidos membros -velhos e moços-tinham o seu lugar determinado nos veículos, de modo que, nas noites quentes e extenuantes, quando os carros chegavam aos acampamentos, cada membro de família sabia o que tinha a fazer e fazia-o sem esperar instruções: as crianças juntavam lenha ou acarretavam água; os homens armavam as tendas e descarregavam as camas dos veículos; as mulheres preparavam a comida e cuidavam de tudo, enquanto a família

202

comia. E isto era feito sempre em vozes de comando; as famílias, cujas fronteiras eram urna quinta de dia e uma casa de noite, mudavam as suas fronteiras. Sob a prolongada e quente luz do sol, mantinham-se em silêncio nos carros que as levavam para o Oeste, e, de noite, uniam-se ao primeiro agrupamento que encontravam.

Assim modificavam a sua vida social-modificavam-na como só o homem em todo o Universo sabe fazê-lo. Deixara de haver lavradores fazendeiros; o que havia era homens que emigravam. E os pensamentos, os planos, os prolongados silêncios que, até então recaíam sobre o campo, mudavam-se agora para as estradas, para a distância, para o Oeste. O homem que antes pensava em acres, pensava agora em milhas. E os seus pensamentos e as suas preocupações já se não cingiam à chuva, ao vento, à poeira, à sua fé no resultado das colheitas... Os olhos vigiavam os pneus; os ouvidos escutavam os roncões dos motores e as suas preocupações concentravam-se em torno do óleo, da gasolina, da fina película de borracha que se ia gastando entre as rodas e o chão. Uma roda de engrenagem partida redundava em tragédia. A água, à noite, e a comida ao lume e-

ram as únicas aspirações, A saúde era indispensável para o prosseguimento da viagem; era a força necessária, o espírito necessário para prosseguir. A vontade antecipava-lhes os passos, e o medo, que outrora só as secas e as inundações provocavam, era agora despertado por tudo o que pudesse opor barreira ao avanço para o Oeste.

A altura de acampar tornou-se fixa; faziam-no ao fim de cada dia de viagem.

Nas estradas o pânico dominava algumas famílias, de tal maneira que viajavam de noite e de dia; quando paravam, era para dormir nos próprios veículos, a fim de continuarem depressa a viagem para Oeste. O desejo de, finalmente, se fixarem era tão grande que eles voltavam os rostos para Oeste, e viajavam, viajavam sem cessar, forçando os motores cheios de estalidos.

Mas a maioria das famílias aceitava a mudança, adaptando-se rapidamente ao novo ritmo de vida. E, quando o Sol torribava no horizonte...

É tempo de arranjar um sítio para acampar. É. Ali adiante há umas tendas...

O veículo encostava-se à beira da estrada e parava, e, porque os outros haviam chegado antes, impunha-se uma certa delicadeza. E o homem, o chefe de família, debruçava-se do carro:

A gente pode pernoitar aqui, hein? Pois não. Muito prazer. De que Estado são? Vimos dos confins do Arkansas. Do Arkansas? Pois olhe, ali adiante, na quarta tenda a contar daqui, mora gente do Arkansas.

Sim?

203

E a pergunta mais importante:—Que tal, a água? Bem, não é lá grande coisa, está meio suja, mas há bastante. Bom, muito obrigado. Não tem de quê. Mas a cortesia é necessária, indispensável. O veículo anda aos solavancos até à última tenda e pára. Aí todos descem, fatigados, e põem-se a distender os músculos rígidos da viagem. Depois, arma-se a nova tenda; as crianças mais novas vão buscar água e as mais velhas tratam de juntar ramos secos e gravetos para o lume. Acende-se este e põem-se os alimentos a cozer ou a fritar. Os que tinham chegado antes acercam-se dos recém-vindos, interrogam-nos sobre de que Estado são e muitas vezes descobrem-se amigos e até parentes.

É de Oklahoma? E de que região? Cherokee. Ah, sim? Pois eu tenho lá parentes. Conhece os Allens? Em Cherokee, há Allens por todos os cantos. Conhece os Willies?

Se conheço! E uma nova unidade se formava deste modo. O crepúsculo avançava, mas, antes que as trevas descessem, já a nova família fazia parte do acampamento. Já se haviam trocado palavras com todas as outras famílias. Era gente conhecida, gente boa.

Conheci os Allens toda a minha vida. Simão Allen, o velho Simão, estava sempre a zaragatear com a primeira mulher. Ela era de Cherokece, por um lado. Era linda que... nem um

potro negro.

Se era! E o filho dele, aquele que casou com uma Rudolph, lembra-se? Parece que eles moram em Enid. Estão bem como bem.

É o único dos Allens que está bem na vida. Tem uma garagem. Acarretada a água e cortada a lenha, as crianças caminhavam acanhadas, cautelosas, entre as tendas. E recorriam a complicada mímica para travarem conhecimentos. Um menino parava perto de outro menino e apanhava uma pedra; examinava-a muito bem, cuspiam-lhe em cima e limpava-a, ficando-se a olhá-la tanto tempo que o outro não se tinha sem perguntar:

Que é que tu tens aí? Nada. Uma pedra.-Era a resposta como que casual. Então porque olhas tanto para ela? Parece-me que tem ouro dentro. Como é que tu sabes? O ouro dentro de uma pedra não brilha, é preto.

Ora! Toda a gente sabe isso. Aposto que é porcaria e tu julgavas que era ouro. Nada disso. Eu conheço o ouro. O meu pai já achou ouro à farta e ensinou-me a descobri-lo.

Isso é que era bom descobrir um pedaço de ouro. Era canja.

204

Ai, não! Ia comprar um filho da mãe de um chupa-chupa grande como o diabo!

A mim não me deixam dizer palavrões mas eu cá vou-os dizendo à mesma...

Eu também. Vamos até à nascente. E também as raparigas travavam conhecimento e exibiam, com ar pudico, os seus triunfos e namoricos. As mulheres trabalhavam junto do lume, na pressa de saciarem a fome dos estômagos vazios da família-carne de porco-quando havia dinheiro suficiente, batatas e cebolas. Empadas ou pão de centeio com bastante molho por cima. Bifes ou costeletas, com uma chávena de chá preto, amargo. Sonhos fritos em banha, quando o dinheiro era pouco, sonhos tostados e estaladiços, regados com molho.

As famílias muito ricas ou gastadoras comiam feijão e pêssegos de conserva, pão e bolos de confeitaria, mas faziam-no às escondidas, nas suas tendas, pois parecia mal se revirem-se de tão boas coisas à frente de todos. E, ainda assim, as crianças que comiam sonhos fritos adivinhavam no ar o cheiro das refeições a aquecer e sentiam-se infelizes.

Terminada a refeição, caía a noite; então, os homens aco-
coravam-se para conversar.

E falavam das terras que tinham deixado para trás. Não sei como vai ser, diziam eles. Este país está por conta do diabo.

Há-de voltar a ser o que era, mas nós é que lá não estaremos. Um tipo do administrador disse-me: vocês deixaram a terra encher-se de barrancos. Se tivessem feito os sulcos de través, em vez de tornear a terra, não teriam feito barrancos. Mas eu nunca experimentei. E o tractor deles, esse, não sua com o trabalho. Não dá a volta ao terreno; vai sempre a direito e faz logo um sulco lundo de quatro milhas de comprido e, quanto a tornear alguma coisa, só se for a Deus em pessoa!

Talvez a gente tivesse pecado sem saber. E falavam em voz baixa dos seus antigos lares: havia uma cisterna debaixo da roda do moinho. A gente punha o leite lá dentro, que era para fazer nata, e também as melancias para gelar. Quando fazia um calor de rachar, lá na adega estava um fresco borri a valer. Ali, a gente abria uma melancia e quase

que a não podia comer, de tão íria que estava. A água corria da cisterna.

E cada um contava as tragédias que o haviam afligido: Eu tinha um irmão-Charlie, louro como unia espiga de milho e enorme. Sabia tocar harmônica que era uma beleza. Um dia andava a limpar os sulcos do arado. Bem, de repente, uma cascavel saltou mesmo junto dele, os cavalos assustaram-se e as grades do arado foram espetar-se-lhe na barriga dele e levaram a cara toda. Que horror, meu Deus!

205

Falavam sobre o futuro. Só queria saber como é a vida lá no Oeste.

Bom, pelas estampas que a gente viu, parece que aquilo por lá é bonito. Eu vi uma linda, que parecia do tempo quente e tinha umas noqueiras e uns pés de groselha... mesmo por detrás, tão perto como os pêlos do rabo de uma mula uns dos outros! Havia umas montanhas enormes cobertas de neve. Era uma estampa bonita a valer,

O que é preciso é arranjar trabalho. Nunca teremos frio, nem mesmo no Inverno as crianças apanharão frio quando forem para a escola. Hei-de fazer de maneira que os meus filhos não percam nenhuma aula. Eu leio mal, por isso nunca acho tanto prazer na leitura como os que sabem ler bem.

Às vezes, um homem puxava da guitarra, sentava-se num caixote, em frente da sua tenda e tocava. Todos se juntavam em volta dele atraídos pela música.

Muita gente sabe tocar guitarra, mas talvez esse homem seja um artista de verdade. E, então, tudo se torna diferente: os tons baixos ressoam, enquanto a melodia corre a passinhos miúdos pelas cordas. Dedos pesados e dedos que martelam o braço da guitarra. O homem tocava e os outros iam-se reunindo à volta dele, até que o círculo se fechava por completo. Depois ele cantava "Ten Cent Cotton and Forty-Cent Meat". E o círculo de homens cantava baixinho com ele. E ele cantava "Why do You Cut Your Hair, Girls?". E a roda cantava. Gemia depois uma canção saudososa: "Adeus, meu velho Texas" essa lúgubre canção alucinante que já se cantava antes da chegada dos espanhóis, com a diferença de que, então, a letra era indiana.

E agora o grupo formava uma só coisa, uma unidade, de maneira que, na escuridão, olhavam para dentro de si mesmos os olhos daquela gente toda, e o pensamento esvoaçava para outras épocas e a melancolia tornava-se reconfortante como o repouso ou o sono. Ele cantava os "Blues" e depois, para agradar aos velhos, entoava o "Jesus chama-me para o seu lado." As crianças sentiam sono com a irrisca e iam para as suas tendas e adormeciam e as canções acompanhavam-nas nos seus sonhos.

E, pouco depois, o liorneni da guitarra deixava de tocar e boc@i@iva. Boa noite, pessoal-dizia ele.

E os outros niurnniravani: Boa noite. E todos eles sentiam o d(-s('o de saber tocar guitarra, coisa que lhes parecia maravilhosíssima, lam ciitação para a cania e o acaniPaniento inergulhava no slJ@ncio. E as corujas Csv()a@,avanl por aqui c por ali; ao lona(,, os coiotes UIVaVan--- I e, os zornlho@ an(Lvain pelo à PFOCUra de restos de comicLi: zorrilhos baniboleanws, desavergonhados, seni niedo foss(@ do que, fosse.

A noite passava, e, aos pl'illi(@i,,@os raios da alvorada, as inulhe-

206

res deixavam as tendas, acendiam o lume e punham a água a ferver para o café. E os homens acordavam também e conversavam em voz baixa, na penumbra do alvorecer.

Quando se cruza o rio Colorado, chega-se ao deserto, dizem eles. Toma cuidado, que é para não teres unia avaria no deserto. Leva bastante água, que é para estares garantido se acontecer alguma coisa.

Nós vamos atravessá-lo de noite. Nós também, senão, a gente acaba com a própria alma ressequida.

As famílias comiam depressa; enxaguavam-se e limpavam-se os Pratos com um pano. Depois, desarmaram-se as tendas. Todos tinham pressa. E, quando o Sol surgia, o acampamento já se encontrava vazio; somente restavam os seus vestígios. E o sítio ficava pronto para receber um novo mundo, numa nova noite.

Mas, ao longo da estrada, os veículos dos emigrantes avançavam como percevejos e a estreita fita de cimento alongava-se por milhas e milhas à sua frente.

CAPITULO XVIII

A família Joad deslocava-se lentamente em direcção ao Oeste, subindo as montanhas do Novo México, para lá dos pináculos e das pirâmides do planalto. Galgou a região montanhosa do Arizona e, através de uma brecha da garganta, avistou, a seus pés, o deserto. Um guarda de fronteira fê-la parar.

-Aonde vão? -Para a Califórnia -disse Tom. -Quanto tempo pretendem ficar no Arizona? -S%c, o tempo necessário para o atravessar. -Trouxeram algumas plantas? -Não. Nenhumas. -Tenho de passar revista às vossas coisas. -Mas eu já disse que a gente não trouxe plantas. Uni guarda pregou-lhe um papelzinho no pára-bri@as. -Fixe! Podem passar, inas andem &pressa! -Bom. L o que a g,@nte vai fazer. A família trepou as encostas cobertas de árvores baixas e torcidas. Holhrooil-, Jos@--pli Cit-,,-, Winslow, e aí comc@,@avam as árvores altas. Os Carros Cuspian vapor, ni@,,i-l"iihi,,aiii penosamente as colinas. 'SurIgiu no cimo de tudo. De Fla,"staff para baixo, através dos pla-tôs, a estrada estendia-se rectilínea, a A água escasseava e comprava-se a cirico, d z c q linz

1 e 1 e cews o galão. O sol esgotava as terras rocliosas, já de si áridas, e, em frente, erguiuiu-se serras caóticas, de cristas quebradas--a

207

muralha ocidental do Arizona. E agora a família fugia ao sol e à seca. Viajara a noite toda e chegara também de noite às montanhas. Trepara durante a noite as muralhas denteadas e a fraca luz dos faróis errara nas paredes de pedra clara que orlava a estrada. Passou o pico ao anoitecer e desceu vagarosamente através das velhas ruínas pedregosas de Oatman e, quando a madrugada chegou, viu, lá em baixo, o rio Colorado. A viagem continuou até Topock e a família teve de estacionar na ponte, enquanto um guarda da fronteira raspava o papelzinho que havia sido pregado no pára-brisas. Depois, atravessou a ponte e pene-

trou no deserto selvagem e rochoso. E embora estivesse mortalmente cansada e o calor matinal fosse aumentando, resolveu parar.

O pai avisou:

- Chegámos... estamos na Califórnia! Olharam, sombriamente, todos os blocos de pedra que resplandeciam ao sol, e olharam, através do rio, a terrível muralha do Arizona.

-Temos ainda o deserto-disse Tom.-Precisamos de água e de descanso.

A estrada corre paralela ao rio, e o dia já tinha avançado bastante, quando os veículos, escaldando, chegaram a Needles, onde o rio corre velozmente entre os juncos.

Os Joads e os Wilsons pararam junto do rio e ficaram sentados nos carros, a olhar o maravilhoso espectáculo da água corrente que fazia inclinar ligeiramente as hastes dos juncos. Na margem do rio havia um acampamento pequeno-onze tendas-à beira de água, junto da relva alagada. Tom debruçou-se pela janela do camião.

-A gente pode parar aqui um bocadinho, hein? Uma mulher obesa, que esfregava roupa num balde, ergueu o olhar.

-Nós não somos os donos disto, rapaz. Pode ficar, se quiser. Mas não tarda que não venha aí um polícia para ver as suas coisas, ouviu?-E voltou a esfregar a roupa ao sol.

Ambos os veículos estacionaram numa clara eira que havia no meio da relva ensopada. Fixaram as tendas; a dos Wilsons foi armada e a lona dos Joads estendida sobre .-.s estacas ligadas por cordas. Winfield e Ruthie caminharam lentamente através dos salgueiros para onde havia juncos. Ruthie disse com excitação na voz abafada:

-Califórnia! Isto aqui é a Califórnia e nós cá estamos! Winfield arrancou uma haste, desfolhou-a, meteu a polpa branca na boca e mastigou-a. Entraram os dois na água e ficaram muito quietinhos com água pela barriga das pernas.

-A gente ainda tem de passar o deserto-disse Ruthie. -Como é o deserto?

208

-Não sei. Eu vi uma vez uma estampa com um deserto. Havia ossos por todos os lados.

-Ossos de gente? , -Acho que sim. Mas a maioria eram de boi. E a gente vai ver esses ossos? -Talvez. Eu não sei. N@s vamos viajar de noite. Foi o Tom que disse. Disse até que a alma da gente se estorricava se viajássemos de (lia.

-Que agradável e fresquinho que isto é!-diss(- NVintid, enterrando os dedos dos pés na areia do fundo.

Ouviram então a mãe chamar: -Ruthie! Winfield! Voltem depressa! Voltaram devagar, através dos juncos e dos salgueiros. Havia silêncio nas outras tendas. Por um instante, ao chegarem os dois veículos várias cabeças tinham emergido de entre as cortinas de lona, para logo se retirarem. As tendas das duas novas famílias estavam armadas e os homens achavam-se reunidos.

Tom disse: -Bem, eu vou tomar um banho. É o que vou fazer... antes de ir dormir. Como vai a avó, desde que dorme na tenda?

-Não sei-respondeu o pai.-Não consegui acordá-la. Virou a cabeça em direção à tenda e ficou um instante à escuta. Uma voz plangente, dis-correndo com volubilidade, veio de sob a tenda. A mãe foi depressa ver o que era.

-Acordou-disse Noah.-Durante toda a noite, julguei que ela ia esticar no carro. Parece que está doida.

Tom contestou: -Com os diabos! Ela está mas é muito cansada. Precisa de descansar. Se o não fizer o mais depressa possível, não vai durar muito. Está muito cansada. Quem vem comigo? Vou-me lavar e depois dor-mir o dia todo, à sombra.

Foi andando e os outros seguiram-no. Tiraram a roupa entre os salguei-ros e depois entraram na água e sentaram-se. Ficaram assim sentados muito tempo, com os calcanhares enterrados na areia; sómente as cabe-ças se lhes viam à superfície.

-Caramba! Estava a precisar deste banho!-disse AI. Pegou num punhado de areia e começou a esfregar-se com ela. Sentados na água, iam olhan-do os picos agudos que se chamam agulhas e as montanhas brancas e ro-chosas do Arizona. _ E a gente passou tudo aquilo! -exclamou o pai, cheio de admiração.

O tio John mergulhou a cabeça na água. -Bem, cá estamos. Aqui já é a Califórnia e não parece tão próspera como isso.

-Precisamos ainda de atravessar o deserto-disse Tom. -E ouvi dizer que é uma encrenca levada dos diabos!

14 - v. 1.

209

Noali perguntou: -Vai ser esta noite? -Que é que o senhor acha, pai? - Bem, não sei. Um pequeno descanso não seria nada mau para todos, prin-cipalmente para a avó. Mas, por outro lado, estou com uma vontade danada de atravessar isto tudo e de começar a trabalhar. A gente, ago-ra, só tem quarenta dólares. E é preciso trabalhar, que é para entrar algum dinheiro.

Sentados na água, eles sentiam a força da corrente. O pregador deixa-va os braços e as mãos flutuarem à superfície. Os corpos eram brancos até ao pescoço e pulsos, mas de um trigueiro quase castanho nas mãos e nas faces, com triângulos queimados entre as clavículas. Esfregavam-se todos com areia.

E Noali divagou indolentemente: -Se pudesse, deixava-me ficar aqui mesmo, dentro de água. Não ter fome nem aborrecimentos. Metido dentro de água a vida toda, cheio de preguiça que nem um porco na lama.

E Tom, alongando o olhar através do rio até aos picos eriçados das montanhas e até às agulhas, do lado de baixo da corrente, disse:

-Nunca vi montanhas assim. Esta terra aqui é uma terra de morte. Isto são os ossos de um país. Só queria saber se algum dia encontraremos um sítio onde se possa ganhar a vida sem precisarmos de nos arrastarmos por rochedos e pedras enormes. Vi urnas fotografias de uma região pla-na e verdinha, com casas pequeninas e brancas, daquelas em que a mãe fala. A mãe dava a vida por uma casinha branca. A gente pensa que uma

terra assim nem existe. Mas eu vi as fotografias.

-Espera até chegarmos à Califórnia- disse o pai.-Então vais ver o que é uma terra bonita.

-Santo Deus, pai! Mas a gente está na Califórnia! Dois homens, vestindo calças de algodão e camisas azuis, todas suadas, surgiram de entre os salgueiros e viram os homens nus. Perguntaram:

-Que tal o banho? Dá para nadar? -Não sei - respondeu Tom. - A gente ainda não experimentou. Mas, para ficar sentado, é uma delícia.

-Podemos ir também? -Ora, o rio não é nosso. Podemos ceder um bocadinho, querem?

Os homens tiraram as calças e as camisas, e foram andando rio adentro. A poeira cobria-lhes as pernas até aos joelhos; tinham os pés esbranquiçados e amolecidos pelo suor. Sentaram-se preguiçosamente na água e começaram a lavar os flancos com lentidão. Queimados pelo sol, ambos eram pai e filho-grunhiam e rugiam na água.

O pai perguntou com polidez:

210

-Vão também para o Oeste? -Nada disso. A gente , -em de lá. Vamos para casa. Lá não se consegue ganhar a vida.

-Onde é a vossa casa? -inquiriu Tom. -No "Cabo da Frigideira", perto de Pampa,

O pai voltou a perguntar: -E lá vocês não conseguem garililar a vida? - Isso síin! 'Mas, niorrer por morrer de fome, mais vale que isso nos aconteça em, casa, junto das pessoas conhecidas, do que no incio de gente que nos não pode ver.

O pai insistiu: -Sabe? Você é a segunda pessoa que me diz isso. Porque é que eles têm raiva à gente de fora?

-Sei lá!-respondeu o homem. Tomou a água na concha da mão e esfregou o rosto, fungando e como que gârgarejando. Dos cabelos escorreu-lhe uma água suja que lhe foi rolando pelo pescoço.

-Gostava de ouvir mais alguma coisa a esse respeito-disse o pai.

-Eu também-x-acudiu Tom.-Porque é que essa gente do Oeste nos tem ódio?

O homem encarou Tom firmemente. -Vocês vão para o Oeste? -Sim, vamos a caminho. -Ainda não estiveram na Califórnia? -Não, nunca. -Som, então não se incomodem corri o que eu disse. Tratem de ver tudo pessoalmente.

-&m-disse Tom-mas a gente sempre gostava de saber como é a vida @ium sítio para onde a gente vai.

-Bom, se vocês realmente querem saber... eu sou um desses tipos que perguntou muita coisa a esse respeito e que também pensou muito. A Califórnia é uma terra bonita. Mas foi roubada há uma porção -de tempo. Quando vocês passarem o deserto, vão chegar às cercanias de Bakersfield. Garanto que nunca viram uma terra tão bonita. Vinhedos e pomares por toda a parte... a mais linda terra que se pode ver. E vocês vão

passar por uma terra plana e rica, com água a trinta pés de profundidade. E esses campos estão abandonados. Mas não pensem que lhos vão dar. Pertence tudo à Companhia de Terras e de Gado. E, quando ela não quer cultivar a terra, deixa-a simplesmente abandonada. Mas experimentem vocês ir para lá e plantarem uma porçãozita de milho, que vão logo direitinhos para a cadeia.

-Terras boas, 4iz você? E ninguém as cultiva? -Não, senhor. E assim mesmo. E quando vocês virem isso, ficam danados. E ainda não viram nada. Aquela gente tem uma

211

maneira de olhar para nós que até faz ferver o sangue. Olham para nós e dizem: "Não gosto de você, seu filho da mãe!" Depois, vêm os delegados do shoriff e vocês são perseguidos. Acampamos em qualquer lugar à beira da estrada, e eles mandam-nos embora. Basta olhar para a cara deles; logo se ve :N raiva que têm à gente. E... vou-lhes dizer uma coisa: eles têm-nos raiva porque têm medo, Sabem que, quando alguém sente fome, trata de arranJar e-ornidt, ainda que tenha de a roubar. Sabem que deixar as terras ab4ndo. nadas é um pecado, e que alguém se dispõe logo a totuá-las. Diabo! Ainda ninguém lhes chamou "Okies"?

Tom perguntou: -"Okies"? Que quer isso dizer? -Bem, antigamente, "Okie" era aquele que vinha de OkIahoma. Agora é o mesmo que chamar a um tipo filho da m@c, "Okie" quer dizer que o sujeito é um merda. A palavra, emsi, não quer dizer nada; o que mete raiva é a maneira como eles 4 dizem. Mas não vale a pena dizer mais nada. Vocês têm de ver @@ coisa pessoalmente. Têm que ir para lá. Ouvi dizer que há por, lá agora umas trezentas mil pessoas, da nossa região, gente que vive como, porcos, porque tudo na CaWórnia tem dono. Não sobr-â coisa nenhuma. E os donos disso tudo agarram-se as suas coisas que eu sei cá. At@ são capazes de matar. Têm tanto medo que se poem como doidos. Vocês vão ver, vão ouvir o que por lá se diz. É a maAs linda terra do Mundo, mas o povo de lá é um bocado ruI@n. Tem tanto medo e tantos cuidados que até desconfia da sua própria gente,

Tom olhou a água e enterrou os calcanhares na areia. -Mas, se alguém trabalhar e fizer economias, pode comprar um pedacinho de terra, não pode?

O homem mais idoso riu e olhou para o filho, e o rapaz, calado, arreganhou os dentes numa expressão quase triunfal. E o homem disse:

-Vocês não conseguirão nenhum trabalho certo. Terão de arranjar dia a dia o dinheiro para a comida. E vão precisar de trabalhar para uma gente mesquinha como o diabo. Se apanharem algodão, podem estar certos de que a balança está viciada. Talvez não aconteça sempre, mas geralmente é o que se dá. Terão, por isso, de partir do princípio que todas as balanças estão viciadas, porque lhes é impossível saber quais é que estão certas. E não poderão fazer nada, mesmo nada.

O pai perguntou em voz baixa:

- Então... então aquilo por lá não é nada bom, pois não? -É bom, muito bonito tudo aquilo, mas a gente não consegue nada. Há, por exemplo, um pomar cheio de laranjas maduras... e um sujeito armado de revólver, que dá um tiro no primeiro que mexer nelas. E há um sujeito, dono de umjornal, lá perto da costa, que tem um milhão de acres de terra...

212

as ergueu vivamente a cabeça:

- g@ milhão de acres?! Que diabo faz o homem a tanta terra?@

-Sei lá! Sei que ele é o dono daquilo tudo e pronto. Cria algum gado e tem guardas armados por toda a parte, que é para ninguém entrar nas terras dele. E anda num carro à prova de balas. Já vi retratos dele. Um sujeito mole e gordo, com uns olhos pequenín,os e uma boca que parece um rabo de galinha. Tem um medo de morrer que se pela! Um milhão de acres, e com medo da moËte!

Gasy perguntou: -Mas que diabo faz ele a tanta terra? Para que é que ele quer uni milhão de acres?

O homem tirou as mãos embranquecidas e engelhadas da

esticou-as; depois, repuxou o lábio inferior e inclinou a canuelIJ sobre um dos ombros.

-Sei lá! - disse. - Talvez seja maluco. Tem que ser maluco por força. Eu vi o retrato dele. Tem tipo de maluco. De inaluco e de mau.

-Você diz que ele tem medo de morrer? -perguntou Casy. -Sim, é o que o povo diz. -Tem medo que Deus o venha buscar? -Não sei. Só sei que tem medo. -Mas o que é que o rala?-perguntou o pai. -Assim nem se di@rerte na vida...

-O avô não tinha medo-disse Toni.-Quando estava em riscos de morrer, era justamente quando tinha mais graça. Por exemplo, quando o avô e um outro tipo caíram em cima de um bandô de índios navajos, uma noite. Foi quando eles mais se divertiram na vida e ninguém dava um vintém pela vida deles.

C,l@sy interveio: -Sim, assim é que deve ser. Quando alguém acha graça às coisas, 'nem pensa na morte, mas, quando alguém se sente sè)zinho, e velho

pae, desconsolado então tem medo de morrer.

Perguntou: s porque é que ele há-de estar desconsolado, tendo um milhão de acres?

O pregador sorriu e teve uma expressão perplexa. Remexendo a água, afastou com as mãos um insecto que flutuava na corrente.

-Se ele precisa de um milhão de acres para se sentir rico, parece-me a mim que é porque se sente pobre lá por dentro e se ele \$C sente pobre por dentro, não é um milhão de acres que o vai fazer sentir-se rico e talvez se sinta desapontado por nada lhe dar a impressão de ser rico, como a sr.a Wilsoti se sentiu quando cedeu a ti@dá onde o avô morreu. Eu não quero pregar serniões, mas nuncá vi ninguém que tivesse passado a vida inteira a juntar,

213

ajuntar, que, no fundo, se riãQ sentisse desconsolado e desapontado. - Ele riu.-Isto até parece um sermão; parece, parece!

O Sol flamejava agora com fúria. O pai continuou: -Acho melhor a gente meter-se o mais possível dentro de gua, Este sol é capaz de nos derreter a alma. -Reclinou-se, deixando, satisfeito, que a corrente suave lhe afagasse o pescoço. -Mas, quando realmente se quer trabalhar, ar-

ranja-se trabalho, não é?-perguntou o pai.

O homem alçou o busto e encarou-o: -Ora oiça, amigo: eu também não posso sabev tudo. Talvez você chegue e encontre logo um serviço permanente, e então lá ia eu passar por mentiroso. Talvez não encontre nada, e, nesse caso, seria eu que o não avisara de nada. Só posso dizer-lhe o seguinte: a maioria das pessoas que lá estão passam mal como o diabo. -Anichou-se novamente na água.-Uma pessoa não é obrigada a saber tudo-repetiu.

O pai virou a cabeça e olhou para o tio Jolin. -Tu foste sempre um camarada pouco falador-disse o pai. -Mas o diabo me leve se tu já disseste mais do que duas palavras desde que safinos de casa! Que é que tu pensas de tudo isto, afinal ?

O tio John teve uma expressão sombria. -Não penso nada. Nós vamos para lá, não vamos? Não adianta dizer nada, porque vamos mesmo. Quando chegarmos, chegamos. Se a gente arranjar trabalhe,, trabalha, e, se o não arranjarmos, ficamos a catar as pulgas. Toda essa conversa não adianta nada.

Tom deitou-se, encheu a boca de água, soprou-a para o ar e riu-se.

-O tio John não falt muito, mas o que diz é urna verdade. Sim, senhor. Fala que nem uni livro aberto. Vamos continuar esta noite, hcJn, pai?

-Acho que sim, O melhor é acabar com isto de uma vez. -Bom, eu agora vou passar um bocadito pelas br<@sas ali no mato.

Tom ergueu-se e foi a andar, a chapinhar na água, até à margem arenosa. Vestiu a, roupa sobre o corpo molhado e fez uma careta,

sol lhe aquecera muito as roupas. Os outros seguirain"nQ. pois que o

O outro homem e o filho ficaram a ver os Joads sumirem@se. Então o filho disse:

-- só os ueria ver daqui a seis meses. Deus do céu! o =pou os cantos dos olhos com o indicador, -Eu não lhes devia ter dito nada. Mas a gente tem sempre vontade de mostrar que é mais esperta do que os outros> e toca a avisar as pessoas!

-Bem, pai, eles perguntârn, caramba!

214

-Sim, eu sei. Mas o homem não disse que iam de qualquer maneira? Não adiantou nada contar a verdade. Assim foi pior, pois eles vão sentir-se infelizes ainda antes de lá chegarem.

Tom caminhou por entre os salgueiros, arrastou-se para uma concavidade ensombrada e deitou-se. E Noali foi atrás dele.

-Vou dormir aqui-disse Tom. -Tom! -Que é? -Tom, eu já não quero ir com vocês. Tom sentou-se. -Que é que tu estás a dizer? -Tom, eu não deixo este rio. Vou descer por estas margens. -Tu estás inaluco-disse Tom. - Vou arranjar linha e anzóis e vou-me pôr a pescar. Perto de um rio ninguém morre de fome.

Tom perguntou: -4 a família? E a mãe? -E superior às minhas forças; não posso deixar este rio. -Os grandes olhos de Noali estavam semicer-

rados.-Tu sabes o que é, Tom. Tu sabes que todos me tratam muito bem. Mas, na verdade, a família não se importa comigo.

- Tu és doido! -Não, Tom. Eu sei como sou. Sei que eles vão ficar tristes. Mas... bem, eu não vou. Tu dizes à mãe, sim, Tom?

-Ouve-começou Tom. -Não, não vale a pena. Estive deitado naquela água. E agora não a deixo. Vou descer o rio, Tom. Posso pescar e nadar. Não vou deixar o rio. Não posso!-Saiu da concavidade de sombra.-'Iru dizes à mãe, Tom. E afastou-se.

Tom seguiu-o até à beira do rio. -Escuta, grandíssimo idiota... -Não vale a pena-disse Noah.-Custa-me fazer isto, mas tem de ser. Preciso de ir e acabou-se.

Voltou-se abruptamente e foi-se por ali abaixo, ao longo da praia. Tom quis ainda segui-lo mas acabou por desistir. Viu-o desaparecer entre os arbustos e depois tornar a surgir, seguindo
* margem do rio. O seu vulto foi diminuindo de tamanho pouco
* pouco, até se suinir de vez entre os salgueiros. Tom tirou o boné e coçou a cabeça. Voltou para a sombra dos salgueiros e deitou-se para dorinir.

Sob o tecto de lona, -,i avó jazia num colchão, e a mãe estava sentada a seu lado. O ar quente sufocava, e, na sombra da lona, as moscas zuniam. A avó estava nua, coberta por um comprido cortinado cor-de-rosa. Movia incessantemente a cabeça enrugada

215

de um lado para o outro; murmurava e estertorava. A mãe sentara-se no chão, ao lado dela, e, com o auxílio de um pedaço de cartão, mantinha as moscas afastadas e criava uma deslocação de ar quente sobre a velha face rígida. Rosa de Sharon encontrava-se sentada do outro lado e observava a mãe.

A avó chamou imperiosamente: -Will! Will! Vem cá, Will! - Os seus olhos abriram-se num olhar que errou em volta com ferocidade.-Eu disse-lhe que viesse aqui -exclamou. -Mas eu ainda lhe deito a mão. Arranco-lhe os cabelos!

Tornou a cerrar os olhos, rolou a cabeça para trás e para a frente, murmurando pastosamente. A mãe agitava o leque de cartão, na tarefa de afugentar as moscas.

Rosa de Sharon olhou desanimada para a avó e disse baixinho:

-Ela está muito doente. A mãe levantou os olhos para o rosto da rapariga. Os olhos da mãe mostravam-se pacientes mas juntavam-se-lhe rugas de preocupação na fronte. A mãe abanava sem cessar e enxotava as

moscas com o leque de cartão.

-Quando se é novo, Rosasharn, tudo o que acontece só interessa à pessoa a quem diz respeito, só a essa. Eu sei, Rosasharn, lembro-me bem disso.-Os seus lábios deleitavam-se em fazer soar o nome da filha.-Tu vais ter um bebé, Rosasharn, e é só isso o que te preocupa. Isso vai doer e só tu é que vais sentir as dores. E esta tenda é a única@ no mundo, Rosasharn.

Ela fez um gesto largo com a mão, para afastar um moscardo impertinen-

te e o insecto volumoso, enorme, zumbindo sempre, voou duas vezes dentro da tenda e saiu, perdendo-se no brilho ofuscante do sol.

A mãe continuou: -Lá virá o tempo em que tu verás as coisas de outro modo, em que cada morte fará pai-te da morte geral e em que a gravidez de cada uma fará parte da gravidez geral. A morte e a gravidez, afinal, são as duas faces da mesma coisa. Então deixarás de ter coisas pessoais. Uma dor não te será, nessa altura, tão difícil de suportar. Já não será uma dor pessoal, Rosasharn. Só queria poder explicar-te isto melhor, mas não posso.

E a sua voz era tão branda, tão cheia de amor, que Rosa de Sharon sentiu as lágrimas brotarem-lhe dos olhos e inundarem-nos ao ponto de lhe perturbarem a visão.

-Torna: vai abanando-disse a mãe, entregando à filha o pedaço de cartão.-É bom a gente abanar. Só queria poder explicar-te melhor o que eu penso.

A avó, cujas sobrancelhas se contraíam sobre os olhos fechados, guinchou:

216

-Will! Tu estás todo porco! Nunca foste aseado em toda a tua vida!

Levantou os dedos curtos e enrugados e coçou a face, Uma formiga vermelha correu ela coberta e trepou até às rugas flácidas da garganta da velha. A mãe apanhou-a rapidamente entre o polegar e o indicador; esmagou-a e limpou os dedos ao vestido.

Rosa de Sharon abanava o cartão. Olhou para a mãe.

- Ela... ?-e a frase morreu-lhe na garganta. 1 -Limpa os pés, Will, meu porco sujo! gritou a avó. A mãe disse: -Não sei. Talvez, se a gente a pudesse levar para um sítio mais fresco... Mas não sei. Não te preocupes, Rosasharn. Precisas de calma.

Uma mulher gorda, de vestido preto, todo rasgado, olhou para dentro da tenda. Tinha um olhar vago nos olhos remelosos; no pescoço, a pele pendia frouxa. Os lábios estavam apartados, de maneira que o lábio superior formava como que uma cortina de carne sobre os dentes, e o lábio inferior, devido ao peso, pendia solto, deixando à mostra as gengivas.

-Bom dia, minha senhora-disse ela.-Bom dia, e Deus -seja louvado!

A mãe encarou-a. -Bom dia-respondeu. A mulher entrou na tenda e debruçou-se para a avó. -Disseram-me que há aqui uma alma prestes a ir para o céu. Louvado seja o Senhor!

As feições da mãe tornaram-se duras e o seu olhar exprimiu desagrado.

-Ela não tem nada; está é cansada- disse. -Cansaço da viagem e do calor. Com descanso aqui -a pouco está boa outra vez.

A mulher debruçou-se sobre as feições da avó e fungou, parecendo que estava a cheirar. Depois, voltou-se para a mãe

e acenou com a cabeça: os lábios e a pele do pescoço "erni" -lhe.

-É uma pobre e boa mulher, mas que vai ver a Nosso Senhor Jesus Cristo-disse

ela.

A mãe gritou: -Não! Não!... A mulher acenou de novo, desta vez mais vagorosamente, e pôs a mão balofa na testa da avó. A mãe fez um gesto, como que querendo afastar a mão da mulher, mas não conseguiu a meio do caminho.

-É assim mesmo, irmã-disse a mulher.-Há seis em estado de graça na nossa tenda. Vou buscá-los e fazer com que eles possam descansar, Jeovitas, todos. São seis, comigo. Vou buscá-los,

A mãe endireitou -se.

217

- Não, não é preciso -disse. -Ela está muito cansada. Não aguenta.

A mulher insistiu: -Não aguenta uma reza? Não aguenta o doce hálito de Nosso Senhor? Não diga isso, irmã!

A mãe respondeu: -Não, aqui não. Ela está muito cansada. A mulher encarou a mãe com ar de censura. -A senhora não é crente, heín? -Nós sempre fomos crentes-disse a mãe.-Mas a avó está muito cansada; a gente viajou toda a noite. Não queremos incomodar ninguém.

-Não é incômodo, e ainda que fosse, a gente fazia tudo da mesma maneira... pois se tratar de uma alma para Nosso Senhor Jesus Cristo.

A mãe levantou-se. -muito obrigada-disse, com frieza.-Não queremos culto nenhum . na tenda .

A irmã olhou para ela demoradamente. -Bom, mas a gente não vai deixar morrer uma irmã sem uma oração. Vamos celebrar o culto na nossa tenda. E perdamos-lhe a dureza de coração.

A mãe tornou a sentar-se no chão e virou o rosto para a avó; as suas feições ainda estavam endurecidas.

-Ela está muito cansada-disse. -Cansada, apenas. A avó mexia a cabeça para um e outro lado e murmurava coisas ininteligíveis,

A mulher deixou a tenda, toda empertigada. A mãe continuava a olhar o rosto enrugado da velha.

Rosa de Sharon recomeçou a tocar o cartão, provocando

um ligeiro agitar do ar quente. E disse:

- Mãe! -Que é? -Porque é que não quis que eles viessem orar aqui? -Não sei-disse a mãe.-Os Jeovitas são boa gente. Dão grandes gritos e saltos. Mas não sei. Senti cá dentro uma coisa. Pensei que não podia aguentar. Ia-me abaixo, com certeza.

De perto vinham os sons do culto, que começava com a melodia arrastada de uma exortação. Não se percebia a letra, mas apenas a melodia, que crescia e diminuía de intensidade, mas subia de tom em cada ciclo, invariavelmente. Agora tinha parado, e uma voz isolada respondia ao cântico e a exortação subia, triunfal e poderosa. A melodia crescia e parava e, desta vez, a resposta veio num rugido. Agora, gradualmente, as frases da exortação encurtavam-se; tornavam-se intimativas como vozes de contando; as respostas soavam como queixumes, O ritmo tor-

nou-se mais acelerado. Vozes masculinas e femininas fundiram-se Uitim tom único, mas, depois, no meio de uma resposta, ergueu-se uma voz feminina cada vez mais plangente; feroz, como o grito de um animal ferido; uma voz feminina mais profunda seguiu-a uma voz como um latido-e ouviu-se uma voz masculina como o uivar de um lobo. A exortação parou finalmente; apenas se ouviam os queixumes animais, de mistura com o bater dos pés no chão. A mãe tremia. Rosa de Sharon respirava com dificuldade e rapidez e o coro uivante prolongou-se até a um ponto em que parecia que os pulmões iam rebentar.

A mãe disse: -Isto põe-me como doida. Não sei o que tenho: A voz uivante degenerara agora em gritos histéricos, gritos regougados de hiena, e o bater de pés cresceu de intensidade. Vozes esganiçavam-se e paravam; então o coro inteiro caiu num soluçar estertorante a meia voz, e ouviu-se o barulho de pés, e de mãos batendo nas coxas; e os estertores tornavam-se ganidos, parecidos com os dos cachorrinhos que lutam para alcançar um prato de comida.

Rosa de Sharon chorava baixinho, cheia de nervos. A avó sacudiu a coberta, descobrindo as pernas semelhantes a varas nodosas e cor de cinza. Gemia, com gemidos que vinham de longe. A mãe repôs a coberta no seu lugar. Então a avó suspirou .,Profundamente; a respiração tornou-se firme e fácil e as suas pálpebras descidas não mais se contraíram. Mergulhara num sono profundo e ressonava com a boca entreaberta. Os gemidos e uivos, ao longe, tornavam-se mais e mais brandos, até que se desvaneceram por completo.

Rosa de Sharon voltou-se para a mãe, com os olhos inundados de lágrimas.

-Fez-lhe bem-disse Rosa de Sharon.-Fez-lhe bem. A avó está a dormir.

A mãe tinha a cabeça baixa; sentia-se envergonhada. -Acho que fui injusta para com aquela gente. A avó adormeceu.

-Porque é que não pergunta ao nosso pregador se a senhora cometeu algum pecado? -perguntou a rapariga.

-Vou perguntar, sim... mas ele é um homem esquisito. Talvez tivesse sido por causa dele que eu pedi aos Jeovitas que não rezassem aqui na nossa tenda. Esse pregador... ele acha que tudo o que os homens fazem é bem feito.-Olhou para as mãos e disse: -Rosasharn, precisamos de dormir um bocado. Se quisermos viajar esta noite, temos de descansar um pouco.

E estirou-se na terra, ao lado do colchão. Rosa de Sharon perguntou: -E quem é que abana a avó?

-Ela está a dormir; não precisa. Deita-te um pouco e descansa.

-Só queria saber por onde andará o Connie-dísse a rapariga.-Há tanto tempo que o não vejo!

A mãe intimou: -Chiu! Dorme! -Mãe, o Connie quer estudar de noite para ser alguém na vida.

-Sim, sim, já me disseste isso. Agora dorme. A rapariga deitou-se a um lado do colchão da avó. -O Connie tem um novo plano. Está sempre a dar tratos à imaginação. Quando acabar de estudar electricidade, já sei que vai montar uma loja sua. Imagine a mãe o que vamos ter?

-O quê? -Gelo... gelo à farta. Vou ter uma geladeira. Cheia de coisas. As coisas não se estragam quando estão na geladeira.

-O Connie anda sempre a pensar nessas coisas-disse a mãe com um risinho.-Mas agora, trata de dormir.

Rosa de Sharon cerrou os olhos. A mãe deitou-se de costas e cruzou as mãos sob a cabeça. Prestou atenção à respiração da avó e à respiração da filha. Tirou uma das mãos de sob a cabeça, para afastar uma mosca que lhe poisara na testa. No calor ardente do acampamento mantinha-se em silêncio e os ruídos na telva quente, o canto dos grilos e o zunzum das moscas eram ruídos que caíam bem no silêncio. A mãe suspirou profundamente e fechou os olhos. Meio adormecida, ouviu passos que só aproximavam, mas só acordou quando ouviu uma voz masculina:

-Quem está aí? A mãe sentou-se rapidamente. Um homem de rosto moreno surgiu à porta da tenda e olhou para dentro. Calçava botas, calça de caqui e camisa com dragonas, do mesmo material. Do cinto de couro, largo, pendia a bolsa de um revólver e ostentava uma grande estrela de prata no lado esquerdo do peito. Trazia um boné militar deitado para trás. Tamborilava com os dedos no pano da tenda e a lona ondeava e vibrava como um tambor.

-Quem está aí dentro?-tornou a perguntar. -Que é que o senhor deseja? -inquiriu a mãe. -Que é que a senhora pensa que eu posso desejar? Quero saber quem está aí dentro.

-Ora! Só nós as três. Eu, minha filha e a avó. -E onde estão os homens? -Foram lavar-se aí no rio. Viemos de viagem a noite toda. -De onde vêm? -De perto de Sallisaw. Estado do Oklahoma. -Bem, não podem ficar aqui. -Nós queremos sair de noite, para atravessar o deserto.

220

-É o melhor que têm a fazer. Se amanhã de manhã ainda aqui estiverem, irão todos para a cadeia, ouviu? Não os queremos aqui.

A mãe fez-se vermelha, de raiva. Devagar, pôs-se de pé e agarrou numa frigideira de ferro.

-Escute!-disse ela.-O senhor tem uma estrela no peito e um revólver, mas isso não me aquece nem me arrefece. Lá de onde eu venho, as pessoas assim costumam falar delicadamente, ouviu?-Avançou, empunhando a frigideira. Ele afrouxou a arma no coldre. -Saia! -gritou a mãe.-Sim, senhor; a assustar mulheres! Ainda bem que os homens não estão aqui. Faziam-no em postas. Na minha terra, a gente como você tem muito cuidado com a língua!

O homem deu dois passos para trás. -Mas agora você não está na sua terra, percebe? Está na Califórnia, e nós não queremos aqui esses Okies danados como você!

A mãe parou hirta: -Okies?-disse ela, baixinho. - Okies ? -Sim, Okies! E, se vocês amanhã ainda aqui estiverem, vai tudo para o chelindró.

-vpirrou as costas, saiu, dirigiu-se para a tenda próxima e bateu na

lona cora a mão aberta.

-Quem está aí dentro? -perguntou. A mãe voltou vagarosamente para a tenda. Colocou a frigideira no caixote. Sentou-se de novo, com lentidão. Rosa de Sharon observava-a disfarçadamente. Mas, quando lhe viu as feições alteradas, cerrou os olhos, fingindo que dormia.

O Sol já se tinha aproximado bastante do horizonte, mas o calor não diminuía. Tom acordou do seu sono à sombra dos salgueiros e sentiu a boca ressequida, o corpo molhado de suor e a cabeça pesada. Levantou-se cambaleante e foi assim até ao rio. Tirou a roupa e meteu-se na água. Mal sentiu esta banhar-lhe o corpo, passou-lhe a sede. Deitou-se de costas num ponto profundo, deixando o corpo flutuar. Mantinha-se em equilíbrio, lincando os cotovelos na areia e ficou-se a olhar os dedos dos pés, que vinham surgindo à superfície.

Um menino magro, pálido, surgiu, arrastando-se como um bichinho através do juncal e tirou as roupas. O menino mergulhou no rio como um rato almiscarado e como um rato almiscarado ia progredindo na água, só com os olhos e o nariz à superfície. Depois, de repente, viu a cabeça de Tom e notou que este o observava. Parou com a brincadeira, sentando-se na água.

Tom disse, -Olá!

- Olá!

221

-Estavas a imitar o rato 'almiscarado, hein? -Pois estava... O menino foi recuando aos poucos para a margem, como quem não quer a coisa; de repente, saltou para fora de água, apanhou as roupas a correr e sumiu-se entre os salgueiros.

Tom riu de manso. Depois, ouviu chamar pelo seu nome em altos gritos:

-Tom, ó Toom!-Sentou-se na água e soltou um assobio por entre os dentes, que terminou num silvo trilhado. Os salgueiros agitaram-se e eis Ruthie olhando para o irmão.

-A mãe chama-te-disse ela.-Para tu vires depressa. -Sim, já vou. Ele ergueu-se e foi chapinhando na água até à margem. Ruthie observava com espanto e interesse o corpo nu do irmão.

Tom, dando-se conta da direcção dos olhos dela, ordenou: -Vai-te embora, anda! E Ruthie foi-se embora a correr. Tom ouviu-a chamar excitadamente por Winfield, enquanto se afastava. Vestiu a roupa quente no corpo refrescado e foi andando através dos salgueiros em direcção à tenda.

A mãe tinha feito uma fogueira com ramos secos de salgueiro e posto a água a ferver. Mostrou-se visivelmente aliviada ao vê-lo.

-Que é que há, mãe?-perguntou Tom. -Nada, estava com medo -respondeu. -Veio aí um polícia e disse que a gente não podia ficar neste sítio. Eu estava com medo que também tivesse falado contigo e que tu lhe tivesses batido@

Tom observou: -E por que razão havia eu de bater no polícia? A mãe sorriu: -Bem... ele era um bruto... Até eu tive vontade de lhe ir à cara.

Tom pegou nos braços dela e sacudiu-a vivamente, a -rir. Depois, rindo ainda, sentou-se satisfeito no chão.

-Santo Deus, mãe! Sempre a conheci de gênio brândõ. Que bicho lhe mordeu?

Ela olhou-o com seriedade. -Não sei, Tom. -Primeiro, a senhora quis quebrar a cabeça ao pai; agora quer avançar contra um polícia. Que foi que houve?-Ele riu com brandura, estendeu as mãos e acariciou carinhosamente os pés nus da mãe.-Gata velha-ciciou.

-Tom! -Que é? Ela hesitou um bocado. -Tom, esse polícia... ele chamou-nos Okies. Disse assim: "Nós não queremos aqui esses Okies danados como você!"

222

Tom encarou@a, pensativo e com a mão ainda carinhosamente nos pés nus da mãe.

-Houve um tipo que já me falou nisso. Eles parece que dizem isso para ofender. - Calou-se por um instante e depois prosseguiu: -Mãe, acha que eu sou mau? Acha que eu devia estar na cadeia, hein ?

-Não-disse ela.-Foste julgado... já pagaste. Não. Mas, porque me perguntas isso?

-Sei lá! Parece-me que era capaz de quebrar a cara a esse polícia.

A mãe sorriu, satisfeita. -Então também eu devia perguntar-te isso a ti, porque também eu tive vontade de lhe partir a cara com uma frigideira.

- Mãe, porque é que ele diria que a gente não pode ficar aqui?

-Disse que não quer nenhum desses danados Okies aqui estabelecidos. Acrescentou que vai pôr a gente na cadeia se amanhã de manhã ainda aqui estivermos.

-Mas nós não estamos habituados a ser maltratados pelos polícias.

-Foi o que lhe declarei-disse a mãe.-Ele respondeu-me que a gente não está na nossa casa. Que estamos na Califórnia e que eles aqui fazem o que querem.

Tom informou a medo: -Mãe, preciso de lhe contar uma coisa. O Noa4... foi-se embora rio abaixo. Disse que não queria ir com a gente.

-A mãe não compreendeu logo. -Porquê? -perguntou ela por fim, baixinho. -Não sei. Ele disse-me que tinha de ser. Que não podia sair deste rio. Pediu-me para lhe dizer. _E que é que ele vai comer? -perguntou ela.

-Não sei. Ele disse que ia pescar. A mãe ficou calada durante longo tempo. -A família está a desfazer-se, aos poucos. Não sei. já nem posso pensar. Não posso pensar mais nada. É demais!

Tom, para a tranquilizar, disse sem convicção: -Não lhe há-de acontecer nada, mãe. E um tipo bem apanhado, ele!

A mãe voltou os olhos aturdidos para o rio. -Não posso pensar mais

coisa nenhuma. Tom olhou para a fileira de tendas e viu Ruthie e Winfield diante de uma tenda, em conversa cerimoniosa com alguém que devia estar lá dentro. Ruthie torcia a saia com as mãos, enquanto Winfield fazia um buraco no chão com o dedo do pé.

Tom chamou:

223

- Ruthie, vem cá! Ela, olhou para cima, enxergou-o e veio a correr, e Winfield também veio correndo atrás dela.

Quando a menina chegou Tom disse: -Vai buscar o pessoal, Ruthie. Eles estão todos a dormir debaixo dos salgueiros. Vá buscá-los. E tu, Winfield, diz aos Wilsons para se prepararem, que a gente vai-se embora daqui já, já.

As crianças partiram a correr. Tom inquiriu:

- Mãe, e a avó? Ela já está melhor? - Não, ao menos hoje dormiu. Pode ser que esteja melhor. Ainda está a dormir.

- Isso é bom, que carne temos ainda? - Não muita, não. Um quarto de porco, talvez. - Bom, então precisamos de encher o outro barril de, água. Convém a gente levar bastante água.

Ouviram os gritos agudos de Ruthie, chamando os homens entre os salgueiros.

A mãe pôs ramos de salgueiro na fogueira, que se alteou, lambendo a panela enegrecida. E disse:

- Só peço a Deus para nos dar descanso. Peço a Jesus que nos permita estabelecer-nos num bom sítio.

1 O Sol cala por detrás das colinas dentadas, quebradas no ocidente. O conteúdo da panela fervia penosamente sobre a fogueira. A mãe entrou na tenda; voltou com o avental cheio de batatas e lançou-as na água a ferver.

- Peço a Deus que me permita lavar um pouco de roupa. Nunca andámos tão agora. Nem as batatas podem

ao sujos com os lavar antes de as cozinhar. E porquê? Até parece que todos nós perdemos a coragem.

Os homens vieram em bando, com os olhos cheios de sono, e os rostos vermelhos e inchados, daquele sono feito de dia.

O pai perguntou: - Que foi que houve? - Vamo-nos embora - disse Tom. O polícia disse para a gente sair daqui. Mais vale acabar depressa a viagem. Quanto mais cedo sairmos, mais cedo chegaremos. Só faltam umas trezentas milhas.

O pai respondeu:

- Eu pensei, que a gente ia descansar um pouco.

- Pois era, mas não pode ser. A gente tem que se ir já, pai - disse Tom. - O Noali não vem. Ele foi-se embora rio abaixo.

- Não vem? Que diabo tem ele? - E depois parou bruscamente. - A culpa é minha - comentou abatido. Aquele rapaz... É culpa minha...

- Não!

-Não quero falar nisso-disse o pai.-Não posso; a culpa é minha.

-Bem, temos de ir de qualquer maneira. Wilson aproximou-se, ao ouvir as últimas palavras: -Nós não podemos ir, amigos. A Sairy, coitada, não pode mais; ela está esgotada. Precisa de descansar. Se tiver de atravessar o deserto neste estado, morre,

Todos se calaram ao ouvir isto. Depois Tom informou: -Esteve aqui um polícia e disse que nos põe na cadeia se ainda aqui estivermos amanhã.

Wilson abanou a cabeça. Os seus olhos estavam vidrados de preocupação, e o seu rosto empalideceu sob a tez queimada do sol.

-Então, se tivermos de ir para a cadeia, vamos para a cadeia, pronto! A Sairy não pode viajar assim. Ela tem de descansar para ganhar forças.

O pai opinou: -E melhor ficarmos todos e esperarmos. -Não-disse Wilson. Vocês têm sido muito bons para cormosco; não posso permitir que fiquem. Vocês têm de continuar a viagem e de tratar de arranjar trabalho. Não posso permitir que fiquem.

O pai disse, todo excitado: -Mas vocês já não têm nada! Wilson sorriu: -Quando vocês nos encontraram, também já não tínhamos nada. Vocês é que não devem incomodar-se com isso. Continuem a viagem, senão, eu torno-me ordinário e brigo com vocês.

A mãe arrastou o pai até ao interior da tenda e falou com ele em voz baixa.

Wilson voltou-se para Casy: -A Sairy pede para o senhor a ir ver. - Pois não!-disse o pregador. Foi até à pequena tenda cor de cinza que pertencia aos Wilsons, afastou os lados e entrou. Havia obscuridade e calor lá dentro. O colchão estava estendido no solo, e, em volta dele, viam-se espalhadas as coisas do casal, tal como haviam sido descarregadas de manhã. Sairy estava deitada no colchão com os olhos muito abertos e brilhantes. Casy parou e baixou os olhos para ela, com a grande cabeça curvada e os músculos encordoados do pescoço avultando aos lados. Tirou o chapéu que segurou na mão.

Ela começou: -Meu marido já disse que a gente não podia continuar a viagem? @ -já sim, senhora.

15-v. 1.

225

-Eu queria que fôssemos também. Sabia que não ia viver o suficiente para chegar até onde pretendíamos, mas que ele, ao menos, chegasse..Mas ele não quer. Ele não sabe; pensa que eu me ponho boa. E que ele não sabe.

-Ele disse que não quer ir. -Sim, ele é teimoso. Pedi-lhe que viesse aqui para o senhor rezar por mim.

-Mas eu já não sou pregador-volveu ele em voz baixa. -As minhas rezas não adiantam nada.

Ela humedeceu os lábios. -Eu vi o senhor fazer uma prece quando o avô morreu.

- Mas isso não era uma prece.
- Era, sim. Eu ouvi-disse ela. -Pelo menos, não era reza de pregador.
-Mas foi uma bonita prece. Queria que o senhor dissesse uma assim por mim.

-Não sei o que hei-de dizer. Ela cerrou os olhos por um instante e logo tornou a abri-los. -Então diga-a para si mesmo. Não é preciso dizê-la em voz alta. Assim mesmo serve.

-Eu já não tenho Deus. -Tem, sim, eu sei que tem. Não importa o senhor saber ou não o que Ele é, mas tem.

O pregador curvou a cabeça. A mulher olhou-o com apreensão. E, quando ele tornou a erguer a cabeça, ela parecia aliviada.

-Assim foi bom-disse ela. -Era o que eu precisava. Alguém perto de mim, para rezar.

Ele sacudiu a cabeça, como se quisesse acordar de um sonho. -Não compreendo... não entendo isto-disse. E ela contradisse: -Sim, o senhor sabe. Não é verdade? -Sei, eu sei, mas não entendo-disse ele.-Eu... bem, daqui a uns dias a senhora com certeza que estará boa e poderá continuar a viagem.

Ela moveu a cabeça vagarosamente. -Não passo de um molho de sofrimentos, coberto de pele. Sei o que é, mas não quero dizer ao meit marido. Ele ia ficar muito triste. De qualquer maneira ficava sem saber o que fazer. Talvez de noite, quando ele estiver a dormir... quando acordar, talvez não lhe custe tanto.

-A senhora quer que eu fique aqui? -Não-disse ela.-Não. Quando eu era criança, gostava muito de cantar. O povo dizia que eu cantava tão bem como Jenny Lind. E toda a gente vinha ouvir-me cantar. Quando me ouviam, ficavam junto de mim e eu sentia-me mais próxima deles do que nunca. E sentia-me muito grata. Não acontece muitas

226

vezes ser-se assim tão feliz, sentir os outros tão próximos de nós... como naquele tempo em que eles ficavam a ouvir-me cantar. Pensava até em vir um dia a cantar num palco, mas nunca o fiz. Assim nada se meteu entre mim e eles. Por isso, pedi para o senhor vir aqui rezar por mim. Queria sentir mais uma vez que tinha alguém perto de mim. Cantar ou rezar é a mesma coisa. Mas gostaria que o senhor me tivesse ouvido cantar.

Ele fitou-a bem nos olhos. -Bom, até logo-disse. Ela sacudiu novamente a cabeça devagar, apertando os lábios.
O pregador deixou a tenda onde reinava a escuridão, para entrar de novo na luz ofuscante.

Os homens carregavam o caminhão. O tio John encontrava-se dentro do carro e os outros passavam-lhe as coisas. Agarrava-as com cuidado, prestando atenção a que a superfície do carregamento ficasse ao mesmo nível. A mãe pôs o resto da carne de porco num panclão; Tom e Al levaram as barricas ao rio e lavaram-nas bem. Amarraram-nas depois aos estribos, trouxeram água nos baldes e encheram-rias. Depois, cobriram-nas com um pano de lona para que a água não se entornasse. Só faltava carregar a tenda e o colchão da avó.

-Com toda esta carga que a gente leva, este calhambeque vai ferver co-

mo o diabo. E bom a gente levar bastante água -disse Tom.

A mãe tirou as batatas da panela, trouxe o saco meio vazio da tenda. A família comeu em pé, passando as batatas de uma mão para a outra, até esfriarem.

A mãe foi depois à tenda dos Wilsons; demorou-se lá uns dez minutos e voltou silenciosa.

-É tempo de a gente ir aridando-disse ela. Os homens entraram na tenda dos Joads; a avó dormia ainda de boca aberta. Agarraram nela com o colchão e tudo, e depu" foram-na devagarinho dentro do carro, em cima da carga. A avó encolheu as pernas, fez uma careta mas não acordou,

O tio John e o pai estenderam a lona sobre os taipais do camião, de maneira a formar uma barraca. As pontas ficaram amarradas às bordas do veículo. Estava tudo pronto. O pai tirou a bolsa do dinheiro e puxou de duas notas amarrotadas. Dirigiu-se a Wilson e estendeu-lhas.

-A gente gostava que o senhor ficasse com isto c...-apontou para as batatas e para a carne de porco-com isto também.

Wilson sacudiu cnèrgicamente a cabeça. -Não, senhor, não quero nada disso. Vocês não têm o suficiente nem para vocês.

-O que temos dá até chegarmos-disse o pai. O que deixamos não faz falta. Depois, havernos de arranjar trabalho.

227

-Não, senhor-teimou Wilson.-Fico aborrecido se vocês não levarem isso.

A mãe tirou as duas notas das mãos do pai. Alisou-as bem, colocou-as no chão e pôs-lhe em cima o painelão com a carne

de porco.

-Fica aqui-disse ela.-Se o senhor não quiser, outro qualquer se aproveitará.

Wilson baixou a cabeça, voltou-se, foi para a sua tenda e a lona fechou-se atrás de si.

Por alguns instantes, a família esperou. -Bem, vamos indo-disse Tom.- Ia a apostar que são quase quatro horas.

A família subiu para o caminhão; a mãe ficou no alto da carga, ao lado da avó; Tom, Al e o pai no assento, e Winfield, ao colo do pai. Connie e Rosa de Sharon fizeram um ninho de encontro à cabina do motorista. O pregador, o tio John e Ruthie iam em montão sobre a carga.

O pai gritou: -Adeus, sr. Wilson; adeus, sr.a Wilson! Da tenda, não veio resposta alguma. Tom pôs o motor a funcionar, e o caminhão arrancou. Quando já galgavam a estrada grosseira que conduzia a Needles e à estrada principal, a mãe olhou para trás. Wilson estava parado em frente da sua tenda, acompanhando-os com os olhos. O sol projectava-se-lhe em cheio no rosto. A mãe agitou a mão para o cumprimentar, mas ele não correspondeu ao gesto.

Tom atravessou a pequena estrada em segunda velocidade, para proteger as molas. Em Needles, parou diante de um posto de serviço, mandou ex-

perimentar a pressão de ar dos pneus e encher o tanque de gasolina. Comprou duas latas de gasolina, de cinco galões cada uma, e uma lata de óleo de dois galões. Encheu o radiador, pediu um mapa emprestado e estudou-o.

O empregado do posto de serviço, de uniforme branco, parecia estar inquieto enquanto lhe não pagaram a conta.

-Vocês têm coragem -observou ele depois. Tom ergueu os olhos de cima do mapa. -Porque é que você diz isso? -perguntou. -Ora, fazer a travessia num calhambeque destes! -Você já fez esta travessia? -já, muitas vezes. Mas não num calhambeque assim. -Quer dizer que se se quebrar uma peça qualquer, ninguém nos poderá livrar de uma encrenca?

-Bem, é possível que sim. Mas, geralmente, todos têm medo de parar de noite. Eu, por exemplo, detesto fazê-lo. É preciso muita coragem para o fazer.

Tom riu.

228

- Não é preciso muita coragem quando se não pode fazer outra coisa. Bom, muito obrigado. Nós vamos indo.

Subiu para o camião e pô-lo a rodar.

O empregado de branco entrou na barraca de chapa de ferro, onde o seu ajudante trabalhava num livro-caixa.

-Livra! Nunca vi um camião tão cheio de cangalhada! -Qual? O calhambeque desses Okies? Todos eles são assim... -Deus do céu! Eu é que não viajava de semelhante maneira. -Bem, é que a gente não é trouxa. Mas esses Okies danados andam completamente malucos, já não têm sentimentos; não são humanos. Um homem não pode viver assim. Nenhum ser humano poderia suportar ver-se assim sujo e miserável. Valem pouco mais do que um gorila.

-De qualquer modo, ainda bem que eu não sou forçado a atravessar o deserto num Hudson Super-Six. Esses carros fazem barulho que nem uma metralhadora.

O outro debruçou-se de novo sobre o livro-caixa. Uma grossa baga de suor caiu-lhe no dedo, parando sobre o maço de facturas cor-de-rosa.

-Sabe, eles não se incomodam muito com isso. São tão estúpidos que nem notam o perigo. Eles não vêem um palmo adiante do nariz, santo Deus! Para que é que você se incomoda tanto com eles?

-Eu não me incomodo. Só disse que eu é que não fazia semelhante coisa.

-É natural. Você sabe o que significa uma viagem dessas. Mas eles não sabem.-E limpou com a manga o suor que caíra na factura cor-de-rosa.

O camião alcançou a estrada principal e agora rodava para o alto das colinas através de fileiras de rochedos quebrados e apodrecidos. O motor não tardou a aquecer e Tom diminuiu a marcha para o não fatigar em excesso. A estrada subia sempre, serpeando, toda torcida, por terras mortas, calcinadas, brancas e cinzentas, sem o menor vestígio de vida. Tom parou por alguns minutos, para esfriar um pouco o motor; depois, prosegiu. Chegaram ao alto da ladeira quando o Sol ainda ia alto; olharam o deserto a seus pés-montes de cinza enegrecida ao longe, e o

sol dourado, reflectindo-se no areal cinzento. Alguns arbustos ressequidos, salva e sempre-vivas, lançavam sombras vigorosas sobre a areia nos bordos da rocha. Tinham o sol pela frente, e Tom fez pala com a mão para poder enxergar. Passaram o cume, e, na descida, pararam o motor para ele esfriar. Desceram, rápidos, pelo declive e alcançaram a planura do deserto. O ventilador girava e esfriava a água no radiador. No assento dianteiro, Tom, Al e o pai, com Winfield nos joelhos, olhavam o Sol que descia

229

no horizonte; os seus olhos mantinham-se fixos e as suas faces, tostadas, cobriam-se de suor. A terra ardente e os montes de cinza enegrecidos cortavam a uniformidade da paisagem, dando-lhe um aspecto terrível, à luz do poente.

Al exclamou: -Meu Deus, que sítio! Que me dizem a passar por aqui a pé? -Ora, já houve muita gente que o fez-disse Tom.-Muita gente. E, se eles o fizeram, também nós o poderíamos fazer.

-Pois sim, mas ia jurar que muitos terão esticado o pernil -respondeu Al.

-Bem, nós também ainda não chegámos ao fim. Al permaneceu calado uns instantes, e o deserto vermelho deslizava ao lado do camião.

-Tu achas que a gente ainda torna a ver os Wilsons, hein? -perguntou Al.

Tom deitou um olhar ao nível do óleo. -Tenho um pressentimento em como ninguém verá a sr.a Wilson por muito tempo. É a impressão que tenho.

-Pai, eu quero ir lá fora-disse Winfield. Tom olhou-o. -Acho que todos devíamos fazer isso antes do cair da noite. -Diminuiu a marcha e fez parar o veículo.

Winfield saltou e urinou à beira da estrada. Tom debruçou-se para fora do assento.

-Alguém mais? -A gente aguenta-disse o tio John.

O pai determinou: -Winfield, tu agora passas lá para trás. Tenho as pernas dormentes de te levar nos joelhos.

O menino abotoou o macaco e trepou obediente, para cima da carga e, arrastando-se por cima do colchão onde ia a avó, foi encolher-se ao lado de Ruthie.

O camião tornou a rodar a caminho da noite. O Sol tocou aquele horizonte selvagem e tingiu o deserto de vermelho.

-Eles não te quiseram lá em baixo, hein?-perguntou Ruthie. -Eu é que não quis ficar, porque não é tão bom como aqui. Nem podia deitar-me.

-Bem, eu aviso-te: não me chateies com conversas, que eu quero dormir, ouviste?-disse Ruthie.-Vou dormir e, quando acordar, já a gente está na Califórnia. Foi o Tom que disse. Vai ser engraçado ver uma região tão bonita!

O Sol desapareceu, deixando um halo enorme no céu. Sob o tecto de lona do camião, reinava escuridão completa; era um buraco escuro com faixas de luz nas extremidades-um triângulo de linhas de luz.

Connie e Rosa de Sharon encostaram-se ao assento da frente

230

e o vento quente, que se insinuava na tenda, batia-lhes de encontro à base do crânio e fazia ondular e martelar o pano de lona. Falavam baixinho um com o outro e a tonalidade das suas vozes era abafada pelo sussurro da lona sacudida pelo vento; ninguém poderia ouvir o que eles diziam. Quando Connie falava, virava a cabeça e aproximava a boca dos ouvidos da mulher e ela fazia o mesmo com ele. Ela dizia:

-Até me parece que a gente não faz outra coisa na vida sertão viajar. já estou farta disto tudo.

Ele encostou a boca ao ouvido dela: -Talvez amanhã de manhã, a gente já lá esteja... Que bom se nós estivéssemos agora sós, hein?-Na escuridão, estendeu a mão e acariciou-lhe a anca:

-Não! Fazes-me perder a cabeça-gemeu ela. E virou a cabeça para lhe ouvir a resposta.

-Bem, então quando todos dormirem... hein ? -Talvez-disse ela.-Mas então espera que todos durmam. Estás-me a excitar e, afinal, pode ser que eles não adormeçam.

-já não posso mais-respondeu ele. -Bem sei. Eu também não. Vamos falar sobre a Califórnia. E vê se te chegas um pouco mais para lá, antes que eu perca a cabeça.

Ele afastou-se um pouco. -Pois é isso; vou tratar de estudar de noite, logo que chegar -disse. Ela suspirou profundamente. -Vou comprar um livro que explica tudo isso e cortar o cupão.

-Segundo a tua opinião, quanto tempo demorará isso? -Isso o quê? -Tu ganhares o dinheiro suficiente para a gente ter gelo em casa ?

-Ah, isso não sei -disse ele com ar importante. -É uma coisa que se não pode calcular assim. Mas até ao Natal, acho que poderei terminar os estudos.

-E assim que acabares de estudar, a gente já pode ter o gelo e tudo, não é verdade?

Ele pôs-se a rir. -Acho que é do calor-disse, -Para que é que tu queres gelo no Natal com aquele frio?

Ela teve um risinho abafado: -Não me lembrava. Mas eu gostava de ter sempre gelo em casa. Não, agora não! Está quieto! Olha que me pões fora de mim!

A penumbra transformara-se em noite escura e as estrelas do deserto surgiram lúcidas, perfurantes e cristalinas, pontinhos * raios num céu de veludo. O calor transformara-se. Enquanto * sol se mantivera no espaço, era um calor martelante e implacável, mas agora era um calor que vinha de baixo, que se exalava da pró-

231

pria terra, pesado e sufocante. As luzes do camião acenderam-se e espalharam-se num pequeno quadrilátero diante do veículo, formando es-

treitas faixas dos dois lados da estrada, onde se estendia o deserto. E, às vezes, brilhavam olhos à luz dos faróis, mas nenhum animal surgia à vista. Sob a tolda, a escuridão era agora absoluta. O tio John e o pregador estavam enovelados no meio do caminhão, descansando e olhando para o triângulo luminoso dos outros lados. Distinguiam-se duas saliências, recortando-se mais nítidas-a mãe e a avó. E viam também a mãe mexer-íe às vezes e o seu braço escuro mover-se para o lado de fora.

O tio John conversava com o pregador. -Casy-disse ele-você é um camarada que devia saber o que convém saber.

-Fazer a respeito de quê? -Não sei-respondeu o tio Jolin. -Ora aí está uma resposta compreensível -ironizou Casy. -Bem, você foi um pregador... -Escute, Jolin, vamos deixar isso. Toda a gente pensa que eu sou mais do que os outros só porque já fui pregador. Um pregador é um homem como outro qualquer.

-Sim, mas... de outra qualidade, senão, não seria pregador. Eu queria perguntar-lhe... você acha que uma pessoa pode dar azar aos outros?

-Não sei-disse Casy.-Não sei. -Bem, quer saber? Eu fui casado com uma rapariga boa e bonita. E, uma noite, ela teve umas dores na barriga. E disse: -É melhor tu chamares um médico.-Mas eu respondi:-Qual? Para que é o médico? Tu comeste demais, com os diabos!-E o tio John colocou a mão sobre o joelho de Casy e olhou-o ansiosamente, procurando distinguir-lhe as feições na escuridão.-Ela olhou-me de uma mancira... E depois gemeu toda a noite e, na tarde seguinte, morreu.-O pregador murmurou qualquer coisa. -já vê-prosseguiu John-fui eu que a matei. E daí para cá fiz tudo para pagar o meu pecado, principalmente com as crianças. Fiz tudo para ser bom, mas acho que não consigo. Apanho uma carraspana e desato logo a fazer tolices.

-Or,@, isso acontece a qualquer. Todos bebem. Eu também -disse Casy.

-Sim, mas você não cometeu um pecado como eu. Casy objectou mansamente: -,NLI,is eu também cometi pecados. Toda a gente comete pecados. O pecado é uma coisa de que a gente nunca se livra. Essa gente qti,- diz ser santa, que nunca fez nada de mau... bem, esses são uns filhos da mãe mentirosos, e, se eu fosse Deus, dava-lhes um poritapé no rabo e fazia-os voar do céu para fora. Não os gramava!

232

O tio John replicou: -Tenho cá a minha impressão de que dou azar. Acho que devia ter-me ido embora daqui, deixá-los sózinhos. Não me sinto nada satisfeito.

Casy replicou rapidamente: -Eu sei o que isso é... um homem deve fazer aquilo que acha que é recto. Não sei, palavra que não sei. Acho que isso de sorte e azar é coisa que não existe. Só sei de uma coisa: ninguém tem o direito de se meter na vida dos outros. Cada um deve resolver a sua vida sózinho. Ajudar alguém, isso sim, talvez, mas dizer-se o que cada um deve fazer, isso nunca.

O tio John disse, desapontado: -Então você também não sabe? -Não sei. -Você acha que foi um pecado eu deixar morrer a minha mulher daquela maneira?

-Bem-disse Casy-todos acharam que foi um descuido, mas, se você pensa que foi um pecado, então é porque foi um pecado. O pecado é uma coisa

que a gente mesmo cria.

-Bem, acho que tenho de pensar no caso-disse o tio John. -Enovelou-se de costas, ficando de joelhos erguidos.

O camião rodava sobre a terra quente, e as horas passavam-se. Ruthie e Winfield tinham adormecido. Connie tirou um cobertor, lançou-o sobre si e sobre Rosa de Sharon e, retendo a respiração, enlaçaram-se, a despeito do calor. Daí a pouco, Connie punha de lado o cobertor, e o vento quente, que passava pela fresta da lona armada, acariciava-lhes os corpos molhados de suor.

Atrás, no fim do carro, estava a mãe deitada ao lado da avó. Nada podia ver, mas podia sentir-lhe o corpo debater-se e o coração lutar; tinha aquela respiração arquejante nos ouvidos. A mãe dizia constantemente: @Vai ficar tudo bem; tudo se resolverá.-E repetia com voz rouca:-Bem sabes que a gente tem de continuar. Tu bem sabes.

O tio John perguntou: -Segue tudo bem? A resposta dela demorou um pouco: -Tudo bem. Acho que sim. Creio que me deixei dormir. E, pouco depois, a avó imobilizava-se e a mãe mantinha-se rígida, ao lado dela.

As horas nocturnas passavam e reinava completa escuridão no veículo. Às vezes, passavam carros, de viagem para o Oeste, que logo se sumiam; outras vezes, pesados veículos vinham do Oeste e ribonibavam, rumo a leste. E as estrelas desciam em vagarosa procissão para ocidente. Era cerca de meia-noite quando chegaram às proximidades de Dagget, onde fica o posto de

233

inspecção. A estrada encontrava-se profusamente iluminada naquele ponto, e havia uma grande tabuleta luminosa com os dizeres: Mantenha-se na sua direita e pare! Os funcionários mandriavam no interior da casinha do posto, mas saíram logo para o comprido alpendre quando viram chegar o camião dos Joads. Um dos oficiais anotou o número de matrícula do camião e abriu a tampa do motor.

Tom perguntou: -Que é isto aqui? -Fiscalização de Agricultura. Temos de fazer uma busca às vossas coisas. Têm aí vegetais ou sementes?

-Não-disse Tom. -Bom, temos de examinar a carga. Desçam todos! A mãe saltou pesadamente do camião. Tinha o rosto inchado e os olhos de expressão endurecida.

-Escute -começou. -A gente traz uma senhora de idade muito doente. Temos de ir com ela a um médico. Não podemos perder muito tempo.-Ela parecia estar com um ataque de histeria.-O senhor não tem o direito de nos fazer esperar.

-Ai, não? Pois tenha paciência; a busca tem de se fazer. -Juro que não temos nada disso!-exclamou a mãe.-Juro! E a avó está muito doente!

-A senhora também não me parece que esteja muito boa -disse o funcionário.

A mãe trepou para as traseiras do caminhão e endireitou-se com grande esforço.

-Aqui, olhe!-disse ela.

O funcionário lançou um jacto de luz da lanterna eléctrica sobre o

rosto rígido da velha.

-Meu Deus! -disse. -A senhora jura, então, que não levam nem frutas, nem vegetais, nem sementes, nem milho, nem laranjas?

-Não, não. juro! -Bom, então vão indo. Em Barstow há um médico. Fica a oito milhas daqui. Podem seguir.

Tom trepou para o assento do caminhão e continuou a viagem.

O funcionário virou-se para os colegas: -Não me senti no direito de os demorar. -Quem sabe se foi trapaça? -arriscou o outro. -Não, garanto que não era. Só queria que você visse a cara da velha. Aquilo não era comédia.

Tom aumentou de velocidade e, ao chegarem a Barstow, parou, saltou e deu a volta ao veículo. A mãe debruçou-se.

-Está tudo bem-disse ela.-Não quero parar aqui; o que tinha era medo de que nos não deixassem passar.

-Sim? Como vai a avó?

234

-Bem. Vai andando para a frente. Vê se a gente chega depressa!

Tom meneou a cabeça e voltou para o seu lugar, -AI-disse cle@ago@a vamos encher o depósito e tu vais guiar um bocado.-E parou.

Parou junto a um posto de serviço nocturno, mandou encher o depósito e o radiador e mandou também encher o depósito de óleo. Depois, AI sentou-se ao volante e Tom tomou lugar junto à outra janela, deixando o pai no meio dos dois. O camião ia rodando, pela escuridão fora, e as colinazitas das cercanias de Barstow foram ficando para trás.

Tom disse: -Não sei o que é que a mãe tem. Anda brava que nem um cão com mosca na orelha. Não ia levar um tempo por ali além revistarem as nossas coisas. Primeiro, ela disse que a avó estava muito mal, e agora diz que ela está boa. Não sei o que a mãe tem; acho que se não sente muito bem. E se ela endoidece na viagem?

O pai respondeu: -A mãe está tal e qual como quando era nova. Era tesa que eu sei lá! Não tinha medo de nada. Pensei que, depois de ter os filhos e de estar velha, a coisa lhe passasse. Mas qual o quê?! Quando ela estava com aquele ferro na mão, eu é que não ia tirar-lho, não!

-Não sei o que ela tem-tornou Tom.-Talvez seja só do cansaço.

-Tomara já isto passado. Tenho o diabo deste carro na consciência -disse AI.

-Foi uma boa compra que tu fizeste. Este calhambeque quase não deu trabalho à gente-assegurou Tom.

Durante toda a noite foram atravessando as trevas quentes; às vezes surgiam coelhos do mato à luz dos faróis e procuravam fugir com grandes saltos. E a manhã acinzentada começava a nascer por detrás deles, quando à sua frente surgiram as luzes de Mejave. O alvorecer alastrava-se e deixava ver grandes montanhas a oeste. Em Mejave encheram o

depósito de óleo e puseram água no radiador; quando galgaram as montanhas, o alvorecer já as cobria de luz clara.

-Graças a Deus, passámos o deserto! Pai, AI, em nome de Deus! Atravessámos o deserto! -exclamou Tom.

- Para mim tanto faz; estou é cansado como o diabo - disse AI. -Tu queres que eu guie? -Não, por enquanto não. Aos primeiros raios do Sol que surgia, os joads atravessaram Tchachapi, e o Sol crescia atrás deles... depois, de repente, viram diante de si o grande vale. AI travou e, parando no meio da estrada, disse:

235

-Meu Deus, olhem! Os vinhedos, os pomares, o grande vale verdejante, fileiras de árvores, as casinhas brancas!

-Deus todo poderoso! -exclamou o pai. As cidades, ao longe, as aldeias entre os pomares e um sol matinal que dourava todo o vale. Um carro buzinou atrás deles. AI encostou o caminhão à beira da estrada.

-Preciso de ver bem isto. Os campos de trigo, dourados ao sol matinal, os renques de salgueiros, os eucaliptos bem alinhados.

O pai suspirou. -Eu não imaginava que houvesse unia coisa assim tão bonita... Os pessegueiros, os grupos de noqueiras e as manchas verde-escuro das laranjeiras. Telhados vermelhos entre as árvores, e celeiros... celeiros cheios.

AI saltou, estirou as pernas e gritou: -Mãe, venha ver. Chegámos! Ruthie e Winfield escorregaram de cima do caminhão até ao solo e ficaram-se, silenciosos e maravilhados, cheios de embaraço, diante do espectáculo do grande vale. Flutuava uma cerração fina, e as terras adquiriam contornos suaves à distância. Um moinho reluzia ao sol e as pás em movimento davam-lhe o aspecto de um pequeno heliógrafo. Ruthie e Winfield contemplavam-no e Ruthie sussurrou:

-É a Califórnia. Winfield moveu os lábios em silêncio, como se estivesse a soletrar, e disse em voz alta:

-E há fruta à farta. Casy, o tio Jolin, Connie e Rosa de Sharon desceram do camião. E todos ficaram parados, em silêncio. Rosa de Sharon procurava pentear os cabelos para trás, mas, quando os seus olhos pousaram sobre o vale, deixou cair lentamente as mãos.

-Onde está a mãe? Quero que a mãe veja isto. Olhe, mãe! Venha cá, mãe!-gritou Tom.

A mãe descia, vagarosa e hirta, pelas traseiras do camião. Tom olhou para ela. -Meu Deus, a senhora está doente?

O rosto dela estava rígido como o de uma escultura; os olhos vermelhos, que parecia terem mergulhado profundamente nas órbitas, revelavam enorme cansaço. Os seus pés tocaram o chão, e ela precisou de se apoiar bem à borda do veículo.

Com voz rouca, perguntou: -Que é que vocês disseram? A gente já chegou? Tom apontou para o grande vale.

- Olhe! - disse. Ela voltou a cabeça e os seus lábios entreabriram-se. Os dedos tactearam a garganta, apertando ao de leve a pele.

236

-Graças a Deus!-disse.-A família chegou.-Mas os seus joelhos vergaram e ela teve de sentar-se no estribo do camião.

-Mãe, a senhora está doente? -Não, apenas cansada. -Mas a senhora não dormiu? -Não. -A avó passou mal? A mãe baixou o olhar para as mãos, que jaziam no seu colo como dois amantes cansados.

-Apenas queria não ter nada para lhes dizer; só queria dizer coisas agradáveis.

O pai perguntou: -Então a avó está mal? A mãe ergueu os olhos e lançou-os sobre o vale. -A avó morreu. Eles olharam-na e o pai perguntou: -Quando foi? -De noite, antes de terem feito parar o camião, a noite passada.

-Então foi por isso que tu não quiseste que eles revistassem... -Tinha medo que não nos deixassem passar -confessou ela. -Disse à avó que não havia outro remédio. A família tinha de passar. Disse-lhe isto quando ela estava a morrer. Pois se a gente não podia parar no deserto! Havia as crianças... e o bebé de Rosasharn. Foi o que eu lhe disse. A mãe ergueu as mãos e cobriu as faces por um instante.-Agora podemos enterrá-la num sítio bonito, todo verde. Uma linda terra cheia de árvores. Ela tinha que descansar na Califórnia- murmurou.

A família olhou a mãe com um ligeiro temor da sua coragem. -Meu Deus! E a senhora toda a noite ao lado dela!exclamou Tom. _ A família tinha de passar-disse a mãe acabrunhada.

Tom chegou-se a ela e colocou-lhe a mão no ombro. -Não me toques-disse ela.-Senão, não aguento mais. -Bem, vamos indo, vamos indo...-sugeriu o pai. A mãe olhou para ele: -Eu... eu posso sentar-me à frente, agora? Não quero ficar mais lá atrás. Estou cansada, estou muito cansada.

Treparam todos para cima da carga, evitando olhar o vulto rígido, coberto e bem embrulhado numa manta. Tomaram os respectivos lugares e tentaram desviar os olhos do macabro volume; uma das extremidades, onde se alteava uma pequena saliência, devia ser o nariz e aquela, mais aguda, mais em baixo, a projecção do queixo. Tentaram desviar os olhos e não puderam. Ruthie e Winfield, que se tinham encolhido no canto mais afastado, o mais afastado possível do corpo, fixavam afinal o vulto enrolado.

237

E Ruthie cochichou: -É a vovó. Ela está morta. Winlield concordou solenemente: -já não respira. Está morta a valer. E Rosa de Sharon disse baixinho a Connie: -Ela estava justamente a morrer quando nós... -A gente nã o podia adivinhar - tranquilizou-a o marido. AI subiu para o camião e cedeu, assim, o seu lugar à mãe. E AI arvorou um ar fanfarão, precisamente porque se sentia triste. Deixou-se cair entre Casy e o tio Jolin.

- Ora, ela j à era muito velha. Chegou a hora dela - disse AI. -Um dia todos têm de morrer. - Casy e o tio John olharam-no sem expressão nos olhos como se ele fosse um fantoche.-Não é assim? -perguntou. E os olhos continuaram inexpressivos, deixando AI carrancudo e deveras agitado.

Casy disse, admirado: -E ficou ali sózinha toda a noite! Jolin, ela é uma mulher cheia de amor... Assusta-me! Palavra que me mete medo. Sin-

to-me pequeno ao pé dela.

John perguntou: -

-Teria sido um pecado? Será uma das coisas que vocês chamam pecado?

Casy virou-se para ele atônito: -Um pecado? Não, senhor, nada disso. - Eu nunca fiz nada que, no fundo, não tivesse qualquer coisa de pecado - disse Jolui. E olhou para o comprido vulto embrulhado.

Tom, a mãe e o pai subiram para o assento do motorista. Tom pôs o veículo em andamento e depois ligou o motor. E o pesado carmão desceu a montanha, saltando e roncando no meio de estouros. O Sol ficava para trás, e o vale, dourado e verdejante, espreadava-se em frente. A mãe meneava vagarosamente a cabeça.

-Mas que beleza! - disse ela. - Só queria que eles pudessem ver isto!

-Também eu - disse o pai. Tom deu palmadinhas leves no volante. - já eram muito velhos - disse. - Nem iam dar valor a tudo isto. O avô ia pensar que vinham os índios aí pelos campos como quando ele era novo. E a avó ia pensar na primeira casa em que viveu. já eram muito velhos. Quem realmente aproveita isto é a Ruthie e o Winfield.

-Este Tommy fala como um homem feito, ou melhor, quase como um pregador - disse o pai.

A mãe esbocou um sorriso triste. - Ele lá é um homem feito, cresceu tanto e de tal maneira que, às vezes, nem o consigo acompanhar.

238

Desciam a montanha aos pulos e sacudidelas, perdendo algumas vezes o vale e tornando novamente a achá-lo. E o hálito quente do vale enviava-lhes exalações mornas de verduras, das salvas resinosas e do tomilho. Os grilos cantavam ao longo da estrada. Uma cascavel atravessou, rastejando. Tom atropelou-a, deixando-a a contorcer-se.

-Acho que antes de mais nada, a gente tem de procurar o delegado de saúde - disse Tom. - E preciso fazer o enterro à avó. Que dinheiro temos ainda, pai?

-Uns quarenta dólares - respondeu o pai. Tom riu. - Vamos começar a vida aqui bem tesos. Pode dizer-se que vimos de mãos a abanar! Riu ainda por um instante; depois, as suas feições tornaram-se sérias. Puxou a pala do boné bem sobre os olhos.

E o camião continuou descendo a montanha, rumo ao grande vale.

CAPITULO XIX

A Califórnia já pertenceu ao México, e as suas terras aos mexicanos; uma horda de americanos andrajosos e febris inundou a região. E tal era a sua fome de terra que as tomaram, roubaram as terras dos Suters e dos Guerreros, roubaram e destruíram as concessões e esses homens esfomeados e raivosos brigaram uns com os outros sobre a presa e guardaram de armas na mão, as terras de que se tinham apoderado. Construíram casas e celeiros, revolveram as terras e semearam-nas. Isso era a apropriação e a apropriação equivalia a um título de posse.

Os mexicanos eram moles por excesso de alimentação. Não puderam resis-

tir porque nada se desejava no mundo como os americanos desejavam a-
quelas terras.

Depois, com o tempo, os acocorados (1) deixaram de ser acocorados para
passarem a proprietários; os seus filhos cresceram e, por sua vez, ti-
veram filhos. E a fome acabou-se entre eles, essa fome animalesca, es-
sa fome corroedora e lacerante da propriedade, da água e de um céu a-
zul sobre ela, da relva fresca exuberante, das raízes entumescidas.
Tinham tudo isso, e com tal abundância que deixaram até de ver essa
riqueza. Já se não sentiam corro-Idos pela ânsia de obterem um acre de
terra fértil ou um arado brilhante para nela abrir sulcos, sementes ou
um moinho agitando o ar

com as pás. já não acordavam nas madrugadas escuras, para ouvir

(1) A palavra spialter, cujo sentido literal é acocorado, designa i-
gualmente os operários sem trabalho e os pequenos proprietários.

239

o primeiro chilrear dos pássaros ainda ensonados, ou o ruído do vento
matinal em torno de casa enquanto aguardavam os primeiros clarões, à
luz dos quais deveriam ir para os seus amados campos. Tudo isso fora
esquecido, e as colheitas eram avaliadas em dólares e as terras eram-
no em capital mais juros e as colheitas compradas e vendidas mesmo an-
tes de se fazer a plantação. Nessa altura, já o malogro das colheitas,
as secas e as inundações haviam deixado de significar pequenas mortes
dentro da vida, mas simplesmente perda de dinheiro. E todos os seus
afectos eram medidos pelo dinheiro, e toda a sua impetuosidade se di-
luía, à medida que lhes aumentava o poder, até que finalmente eles
deixaram de ser fazendeiros ou rendeiros, para se transformarem em ho-
mens de negócios dos produtos da terra, pequenos industriais, que ti-
nham de vender antes de terem produzido qualquer coisa. E os fazendei-
ros, que não eram bons negociantes, perdiam as suas terras, em favor
dos que eram bons negociantes. Não importava que fossem trabalhadores
e diligentes e que amassem a terra e tudo quanto nela crescia, desde
que não fossem também bons negociantes. E, com o tempo, os bons nego-
ciantes apropriaram-se de todas as terras e as fazendas foram aumen-
tando de tamanho, ao mesmo tempo que diminuiam em quantidade.

já então a agricultura era uma indústria, e os donos das terras segui-
am o sistema da Roma antiga, conquanto o não soubessem. Importavam es-
cravos, embora lhes não dessem tal nome: chineses, japoneses, mexica-
nos, filipinos. Vivem de arroz e de feijão, diziam os negociantes. Não
precisam de muita coisa para viver. Nem saberiam o que haviam de fazer
com bons salários. Ora vejam como eles vivem. Ora vejam o que eles co-
mem. E, se eles se tornarem exigentes, a gente expulsa-os do país.

E as propriedades cresciam cada vez mais e os proprietários iam simul-
taneamente diminuindo. E havia tão poucos fazendeiros pobres na terra,
que até fazia dó. E os escravos importados passavam fome; eram maltra-
tados, sentiam-se apavorados; alguns regressavam aos lugares de onde
tinham vindo e outros rebelavam-se, mas eram assassinados ou deporta-
dos. E as propriedades cresciam e diminuía a quantidade dos proprietá-
rios.

As colheitas tornavam-se diferentes. Árvores frutíferas toma-

vam o lugar das plantações de cereais e os legumes destinados a ali-
mentar o mundo alastravam por todos os lados: alface, couve-flor, al-
cachofra, batatas, produtos que se colhem de rastos. Uni homem pode

permanecer de pé quando trabalha com a gadanha, com a charrua, ou com o arado, mas tem de rastejar como um percevejo por entre os renques de alface, tem de se curvar e de arrastar o saco enorme por entre os algodoeiros e tem de vergar os joelhos como um penitente ao tratar de um canteiro de couve-flor.

240

E chegou a hora em que os proprietários já não trabalhavam nas suas propriedades. Trabalhavam no papel; esqueciam as terras e a satisfação de as cultivar; lembravam-se apenas delas quando lhes apreciavam os lucros e as perdas. E algumas das propriedades cresciam, a ponto de um homem já nem poder imaginar o seu tamanho. Eram tão grandes que requeriam batalhões de guarda-livros para o cálculo dos lucros ou perdas que lhes proporcionavam; químicos para analisar a qualidade das terras e as tornar mais produtivas; capatazes, cuja missão consistia em fazer com que os homens que labutavam nas terras, trabalhassem até ao último resquício da sua força física. Então, esses proprietários transformavam-se em autênticos armazenistas. Pagavam aos homens e vendiam-lhes géneros alimentícios e assim recuperavam o dinheiro que lhes pagavam. E, após algum tempo, deixaram totalmente de pagar aos homens e economizaram a escrituração e os guarda-livros. Os proprietários vendiam alimentos a crédito aos trabalhadores. Um homem podia assim trabalhar e comer; quando terminava o trabalho, verificava simplesmente que ainda devia dinheiro ao proprietário. E os proprietários não só não trabalhavam nas suas terras como havia muitos que já mais as tinham visto.

Chegaram então as multidões de espoliados e assaltaram o Oeste-vinham de Karisas, Oklahoma, Texas, Novo México; de Nevada e Arkansas, famílias e tribos expulsas pela poeira e pelos tractores. Carros cheios, caravanas de gente sem lar e de esfomeados; vinte mil, cinquenta mil, cem mil, duzentos mil desaguavam das montanhas, famintos e inquietos - inquietos como formigas, famintos de trabalho, de poder carregar, puxar, arrancar, colher, cortar, fazer de tudo, dar todo o seu esforço por uma côdea de pão. As crianças têm fome... Não temos casa para viver. Inquietos como formigas, atrás de trabalho, de comida e, sobretudo, de terra.

Não somos estrangeiros. Temos, atrás de nós, sete gerações de americanos e, antes disso, de irlandeses, escoceses, ingleses e alemães. Tivemos avós na Revolução e muitos outros parentes na Guerra Civil... de ambos os lados. Eram americanos.

Vinham famintos e ferozes. Tinham alimentado a esperança de encontrar um lar e só encontraram ódio. Okies... os proprietários odiavam-nos porque sabiam que eram indolentes e que os Okies eram fortes, que eles estavam saciados e que os Okies passavam fome. E talvez os proprietários tivessem ouvido os seus avós contarem como era fácil a alguém roubar terras a um homem indolente quando esse alguém era forte e se encontrava armado. Os proprietários odiavam-nos. E os donos das casas comerciais das cidades odiavam-nos também porque eles não tinham dinheiro para gastar. Não há? caminho mais curto para provocar o des-

16-v. i.

241

prezo de um comerciante, orientado precisamente para estimar o contrário. Os homens das cidades, pequenos banqueiros, odiavam os Okies, porque um homem esfomeado tem de trabalhar e, quando precisa de traba-

lhar e não acha onde, automaticamente trabalha por um salário menor, e então todos têm- de trabalhar por salários menores.

E os espoliados, os emigrantes inundavam a Califórnia; eram duzentos e cinquenta mil ou trezentos mil. Atrás deles, novos tractores marchavam pelas terras e os arrendatários que ainda tinham ficado eram também expulsos. E novas ondas estavam a caminho, novas ondas de espoliados e de expulsos, de coração endurecido, vorazes e perigosos.

E, enquanto os californianos desejavam muitas coisas: acumular riquezas, triunfos sociais, diversões, luxo e uma boa segurança bancária, os novos bárbaros só desejavam duas coisas: terra e comida, e, para eles as duas coisas fundiam-se numa só. E, enquanto os desejos dos californianos eram nebulosos e indefinidos, os desejos dos Okies jaziam à beira dos caminhos: eram visíveis e palpáveis: bons campos em que se podia perfurar a terra e achar água, boas terras verdejantes, terras que se podiam esmigalhar entre as mãos para as experimentar, relva que se podia cheirar, hastes de aveia que se podiam mascar até se lhes sentir o gosto agridoce na garganta. Um homem podia olhar para um campo em pousio e saber logo, sentir logo que as suas costas curvadas e os seus braços afadigados o fariam frutificar; produzir a couve, o milho dourado, os rabanetes e as cenouras à luz do sol.

E o homem sem lar e esfomeado, que, com a mulher ao lado e os filhos magros no assento traseiro, viajava pelas estradas, podia olhar para os campos em pousio, capazes de produzir alimentos, mas não lucros financeiros; esse homem sabia que um campo em pousio era um pecado, um crime cometido contra os seus filhos magros. Um homem assim viaja pela estrada e sente a tentação de apoderar-se de terras assim e de as fazer produzir força para os filhos e um pouco de conforto para a mulher. A tentação domina-o sempre; está permanentemente diante dele. As terras atraíam-no e a boa água da companhia, correndo a jorros, ajudava a tentação a aguilhoá-lo. E, no sul, ele via as laranjas doiradas pendendo das árvores, as pequenas laranjas cor de ouro no verde-escuro das ramagens; e guardadas com as armas de fogo dos que patrulhavam o sítio, de maneira a evitar que alguém apanhasse alguma para um filho magro; laranjas que estavam destinadas a apodrecer ali mesmo se os preços fossem muito baixos.

Guiava o velho carro até à cidade. Revolvia as fazendas em busca de trabalho. Aonde vamos dormir hoje?

Bem, vão dormir mesmo em Hooverville, à beira do rio. já lá há um bando de Okies.

242

Guiava o carro até Hooverville. Já não precisava de perguntar nada, porque, nos arredores de todas as cidades, havia um Hooverville.

A cidade dos maltrapilhos estendia-se perto da água; as casas eram tendas e choças cobertas de caniço, casas de papel, um montão informe de sucata. O homem chegava lá com a família e tornava-se um cidadão de Hooverville... Esses sítios chamavam-se sempre Hooverville. O homem armava a sua tenda, o mais perto possível da água, e, quando não tinha lona para fazer uma tenda, ia ao monturo da cidade, apanhava folhas de papelão e construía uma casa de cartão ondulado. E, quando a chuva caía, a casa desmoronava-se e era impelida pela enxurrada. Estabelecia-se em Hooverville e dali saía à cata de trabalho, e o pouco dinheiro V

e lhe restava, gastava-o em gasolina, ao procurar trabalho. noite, os

homens reuniam-se e palestravam uns com os outros. Acocorados em roda, falavam da terra que acabavam de conhecer.

Há uma fazenda de trinta mil acres ali adiante, mais para o Oeste. Está abandonada. Meu Deus, o que eu faria com cinco acres daquilo! Dava para a gente comer o que quisesse, caramba!

Tu já reparaste numa coisa? Nessas fazendas não há verduras, nem galinhas, nem porcos. Eles só querem uma coisa; plantar algodão ou então pêssegos, ou então alface. Às vezes, só criam galinhas. E compram as coisas que poderiam ter de graça se as plantassem ali mesmo, atrás da habitação.

Santo Deus, o que eu não faria com um casal de porcos!

Bem, não vale a pena falar nisso; não é teu nem nunca será. Mas o que é que a gente vai fazer, afinal? As crianças não podem ser criadas desta maneira.

E nos acampamentos, a novidade corria em sussurro; em Shafter há trabalho. Então, de noite, carregavam os carros e as estradas enchiam-se: era uma corrida para o trabalho, que se assemelhava à febre com que se corre para os terrenos auríferos. As pessoas chegavam aos magotes a Shafter; eram cinco vezes mais do que as necessárias. Era a corrida do ouro, mas para o trabalho. Saíam de noite, frenéticos, em busca de trabalho. E, ao longo das estradas, estendia-se a tentação, as terras que garantiam a conuda.

já têm dono. Não são nossas. Mas, quem sabe? A gente podia amanho nem que fosse um pedacinho pequeno. Olhe aquele pedaço ali! Está abandonado; só dá mato. E quanta batata se podia colher ali, meu Deus! Dava bem para toda a família encher a barriga!

Sim, mas isso não é nosso. Tem de ficar assim mesmo, cheio de mato.

De vez em quando, alguém tentava; rastejava pela terra; arrancava o mato e tentava, como um ladrão, roubar à terra um

243

Uco da sua riqueza. Hortas clandestinas, no meio do mato. ma
mancheia de sementes de cenoura, uma porção de
nabos e de cascas de batatas. Vinham furtivamente, de noite,
cavar a terra roubada.

Deixa o mato crescer em volta; assim ninguém te verá.
Também no meio convém deixar algumas ervas ruins, das altas. al-
tas. Hortejo secreto, à noite, e água transportada em latas
enferrujadas.

E então, um dia chega um ajudante do sheriff. Eh, jua anda você aqui a fazer? Não aça mal nenhum... Tenho andado com o olho em você. Você pensa que essa terra aí é sua, hein? Isso é uma infracção à lei.

Mas a terra está abandonada. Não faço mal nenhum. Não prejudico ninguém.

ó seu acocorado de uma figa! Daqui a pouco armava-se em dono disto! Daqui a pouco punha-se aí soberbo como o diabo. Armava-se em senhor disto. O melhor é pôr-se a mexer daqui para fora.

E os rebentos verdes das cenouras eram arrancados e os nabos pisados com desprezo. Então o mato tomava a crescer naquele sítio. Mas o polícia tinha razão. Bastava mais um pouco... e a terra pertenceria ao intruso. Cuidada e plantada a terra comida a primeira cenoura... um homem estaria pronto a lutar pelo solo que lhe fornecia o alimento. Convém pô-lo fora logo de princípio. Senão, acaba por pensar que aquilo é dele. Senão, é capaz de lutar até à morte pelo pedacinho de horta oculto entre as ervas daninhas.

Tu viste a cara'dele, quando a gente pisou aqueles nabos? Tinha olhos de assassino. Se a gente não corre com eles, acabam por tomar conta de tudo. Sim, senhor, tomam conta de tudo pela certa!

São estranhos, estrangeiros. Sim, eles falam a mesma língua que nós, mas não é a mesma coisa. Olha como eles vivem. Tu achas que a gente era capaz de viver assim? Não, com um raio!

E, à noite, acocoravam-se numa roda e conversavam. E um homem excitado dizia:-Porque é que a gente se não reúne para aí uns vinte, e não toma um pedaço de terra? Armas tem a gente. É levá-las e dizer: Tirem-nos daqui se são capazes. Por que é que não vamos a isso?

Eles matavam-nos como se fôssemos bichos. Que é que tem? É melhor morrer que apodrecer aqui. Debaixo da terra, ou numa casa feita de bocados de saca? Tu queres que os teus filhos morram agora ou daqui a dois anos com o que eles chamam subnutrição? Tu sabes o que foi que a

244

gente comeu durante a semana toda? Pão e urtigas. Tu sabes onde arranjámos a farinha para o pão? Apanhámos os restos de um transporte de farinha.

Assim se falava nos acampamentos, e os adjuntos, homens gordos, bem nutridos, com coldres de revólveres nas ancas roliças, giravam pelos acampamentos. É para se não esquecerem. A gente tem que os ter debaixo de olho, senão... senão, Deus sabe o que são capazes de fazer! São mais perigosos que os negros do Sul. Se se ajuntarem, ninguém poderá com eles.

Notícia: Em Laurenceville, um adjunto do sheriff procedeu à expulsão de um desses acocorados. O homem resistiu, compelindo o polícia a usar da força. Um filho dele, apenas de onze anos, deu um tiro na autoridade, matando-a. A arma usada foi um rifle, calibre 22.

Cascaveis! Não convém dar-lhes facilidades. É atirar primeiro. Se uma criança é capaz de matar um polícia, que fará um adulto? A única coisa que se pode fazer é ser mais teso do que eles. Maltratar essa gente; meter-lhe medo.

E se eles se não deixarem assustar? Se eles fizerem frente e se defenderem a tiro? Esses homens usam armas desde crianças. Uma arma é, por assim dizer, um prolongamento das suas pessoas. Que fazer se eles não se assustarem? Se, algum dia, eles formarem verdadeiros regimentos e marcharem pela terra, como fizeram os lombardos na Itália, os alemães na Gália e os turcos em Bizâncio? Também eles tinham fome de terra, também eles formavam bandos mal armados e as legiões não os conseguiram deter. Nem a morte nem o terror os detinham. Como é que se pode incutir medo num homem que não sente fome apenas no estômago, mas também no ventre torturado dos filhos? Não se pode assustar um homem nestas condições... ele já passou por todos os transes.

Em Hooverville, os homens conversavam: -Meu avô tomou * terra aos índios. Não, isto não é justo. A gente só está aqui de conversa. Fazer * que tu dizes é o mesmo que roubar. Eu não sou nenhum ladrão. Não? Quem foi que roubou uma garrafa de leite da porta de uma casa anteontem à noite? E quem foi que roubou aquele fio de cobre e o vendeu por um pedacinho de carne?

Bem, mas isso foi porque as crianças passavam fome. Mas não deixou de ser um roubo. Tu sabes como surgiu a fazenda Fairfield? Vou dizer-te. As terras pertenciam ao governo e podiam ser cultivadas. Bem, um dia, o velho Fairfield foi a S. Francisco e andou pelos cafés e bares e juntou trezentos bêbedos que andavam por ali a vadiar. Pois os bêbedos ocuparam as terras. O Fairfield dava-lhes só comida e whisky para eles tomarem conta das terras e, depois de eles as experimentarem, o velho ficou com tudo sézinho. O velho

245

costumava dizer que cada acre de terra lhe não tinha custado mais que uma garrafa de cachaça. Que é que tu achas? Isso não foi roubo, hein?

Não foi justo, isso não foi, mas ele não foi para a cadeia por causa do que fez.

Não, nunca foi. E também aquele gajo que pôs uma canoa no carro e fez o seu relatório como se tudo estivesse alagado pela água, porque ia de barco, esse gajo também não foi para a cadeia. E também aqueles ajos que compraram os deputados e os senadores também não floram para a cadeia. . Por todo o Estado, por todas as Hoovervilles, impera a tagarelice.

E depois, as batidas policiais -grupos de agentes uniformizados, invadindo os acampamentos. Saíam daqui! Ordem da Saúde Pública! O acampamento é um perigo para a saúde colectiva.

Mas, para aonde vamos? Isso já não nos diz respeito. Recebemos ordem para fazermos evacuar o acampamento. Dentro de meia hora, vamos deitar fogo a tudo o que aqui estiver.

Há tifo ali em baixo. Vocês querem provocar uma epidemia? Temos ordem de os fazer sair daqui. Bem, vão saindo. Daqui a meia hora, largamos fogo a tudo.

Em meia hora, a furharada das casas de papelão subiu das casas feitas de erva seca, rumo ao céu e a gente expulsa, nos respectivos calhambiques, inundava as estradas, à cata de outra Hooverville.

E no Kansas, no Arkansas e no Texas e no Novo México, os tractores expulsavam os arrendatários das terras.

Trezentos mil na Califórnia e outros mais a can-únho. Na Califórnia, as estradas estão cheias de gente alucinada, que corre como formigas, à procura de algo para puxar, para arrancar para erguer, para trabalhar, enfim. Para cada carga a levantar, cinco braços se estendiam; para receber cada mancheia de comida, cinco bocas famintas se escancaravam.

E os grandes proprietários, que têm, de perder as suas terras na primeira transformação, os grandes proprietários que estudam a História que têm olhos para ler a História, deviam conhecer este grande facto:

a propriedade, quando acumulada, em muito poucas mãos, há-de vir a ser espoliada. E também este outro facto paralelo: quando uma maioria passa frio e fome, tomará à força aquilo que necessita. E também o facto gritante, que ecoa por toda a História: a repressão só conduz ao fortalecimento e união de todos os oprimidos. Os poderosos proprietários ignoram os três gritos da História. A terra acumulou-se em poucas mãos, o número dos espoliados cresceu e todos os esforços dos grandes proprie-

246

tários se orientaram no sentido da repressão. Gastava-se o dinheiro em armas e gases para protecção das grandes propriedades e enviavam-se espiões com a missão de descobrir conspiratas latentes, que convinha abafar à nascença. Ignorava-se a transformação económica; não se tomavam em consideração os planos para a transformação; apenas se tomavam em conta os meios de destruir as revoltas enquanto as causas das revoltas subsistiam.

Os tractores, que arrancam os lavradores ao seu trabalho e os tapetes rolantes que transportam as cargas, as máquinas que produzem-tudo isso foi aperfeiçoado e cada vez maior número de famílias vai rolando nas estradas, à procura das migalhas que caem das grandes propriedades, cobiçando as terras que se estendem à beira das estradas. Os grandes proprietários formavam associações de protecção e reuniam-se para estudar o meio de intimidar, de matar com gases... E sentiam-se diante de um pavor permanente... se um dia 'esses trezentos mil tiverem um chefe, será o fim. Trezentos mil, famintos e miseráveis, se algum dia eles descobrirem a sua própria força, nesse dia, a terra será deles, e nem todo o gás, e nem todas as espingardas do mundo serão capazes de os deter. E os grandes proprietários que, através das suas empresas se tomavam simultâneamente mais e menos do que seres humanos, corriam para a sua destruição e usavam todas as armas que concorriam para a sua própria destruição. Todos os pequenos meios, todas as violências, todas as excursões policiais às Hoovervilles, todos os agentes da polícia, armados em fanfarrões por entre os acampamentos de esfarrapados, adiavam um pouco a chegada do dia da destruição, mas contribuíam também para a sua chegada infalível.

Os homens agachavam-se sobre os calcanhares, homens de faces angulosas, magros de fome e endurecidos pela resistência que a ela opunham, olhares sombrios e maxilares fortes. A terra fértil, à volta deles, ali...

Você já ouviu falar daquela criança, ali, na quarta tenda? Não. Cheguei agora mesmo. Pois essa criança chorava e remexia-se toda a sonhar. Todos pensavam que tinha lombrigas. Então deram-lhe um purgante e ela morreu. Mas o que a criança tinha era aquilo que se chama pela-gra. Apanha-se quando se não tem nada de j cito para comer.

Coitadinha! Pois é, e os pais dela nem dinheiro têm para o enterro. Tem de ir para a vala comum.

Safa, que inferno! E as mãos mergulhavam nos bolsos e puxavam pequenas moedas. Diante da tenda, a pilhazinha de dinheiro crescia. E a família lá a encontrou.

A nossa gente é boa gente,-, a m,)ssa gente é gente de coração.

21-7

Deus queira que algum dia a gente boa não seja toda ela gente pobre. Deus queira que algum dia uma criança tenha bastante que comer.

E as associações de proprietários sabiam que algum dia cessariam as preces.

E então seria o fim.

CAPITULO XX

No topo do caminhão, Cormie, Rosa de Sharon e o pregador sentiam os corpos rígidos e cheios de cãibras. Tinham esperado ao sol diante da casa do médico-legista de Bakersfield, enquanto o pai, a mãe e o tio John se mantinham lá dentro. Depois, trouxeram um cesto para fora e desceram o vulto alongado do caínião. E esperaram ao sol, enquanto o cadáver era examinado, verificada a causa da morte e passada a certidão de óbito.

AI e Tom vadiavam pela rua, olhando as vitrinas das lojas e as pessoas estranhas que cruzavam nos passeios.

E, finalmente, o pai, a mãe e o tio John, saíram de novo. Vinham abatidos e silenciosos. O tio John trepou para cima da carga, e o pai e a mãe sentaram-se à frente. Tom e AI regressaram devagar, e Tom sentou-se ao volante. Ficou ali sentado, esperando em silêncio, uma ordem. O pai fixou o olhar em frente, com o chapéu escuro puxado para os olhos. A mãe esfregou as comissuras dos lábios com os dedos. O seu olhar perdia-se nos longes, esquecido e morto de cansaço.

O pai soltou um suspiro profundo. --Não havia mais nada a fazer-- exclamou. --Bem sei--disse a mãe.--Mas ela sempre desejou um enterro bonito. Sempre!

Tom olhou-a de lado. --Vala cornum?--perguntou ele. --Sim.--O pai sacudiu a cabeça vivamente, como se fizesse força para voltar à realidade.-- Não tínhamos o suficiente. Não era possível!

Dirigiu-se à mãe: --Tu não deves levar isso tanto a sério. Não podia ser, por mais que a gente quisesse. Não há dinheiro. Embalsarnamento, caixão, pregador e o túmulo no cemitério teriam custado dez vezes mais do que aquilo que temos. A gente fez o que pôde.

-- Eu sei--disse a mãe.--Mas isto não me sai da cabeça. O que ela desejava um enterro bonito! Mas não há remédio. --Suspirou profundamente, esfregando os lábios.--Aquele homem que estava lá dentro era bem simpático. Muito autoritário, mas simpático.

248

---Sim-- confirmou o pai.--Não esteve com meias medidas; falou-nos de caras.

A mãe alçou o cabelo para trás com a mão. Os músculos das faces contraíram-se-lhe.

--Temos de continuar--disse. -- A gente tem de escolher um sítio para acampar, temos de achar trabalho e temos de nos instalar. Não podemos deixar as crianças passar fome. A avó também não gostaria disso. Na casa dela sempre se fez boa ceia de velatório.

--Aonde vamos?--inquiriu Tom.

O pai tirou o chapéu e coçou a cabeça. -A um acampamento -disse. -O pouco que ainda temos não se pode gastar. Primeiro, a gente tem de arranjar trabalho. Leva-nos para o campo.

Tom pôs o motor em movimento, e atravessaram as ruas em direcção ao campo. Perto de uma ponte, viram uma aglomeração de tendas e barracas.

Tom alvitrou: -Podemos parar aqui. Veremos o que se passa e veremos onde se pode arranjar trabalho.

Desceu por um atalho curto e íngreme, parando a um lado do acampamento.

Não havia ordem nesse acampamento. Estavam misturadas em desordem as pequenas tendas cor de cinza, as barracas e os carros. A primeira casa era simplesmente indescritível. A parede do lado sul consistia em três chapas de folha-de-flandres onduladas e cheias de ferrugem; a do leste era um velho tapete bolorento, estendido entre duas estacas, a do norte, uma tira de papelão alcatroado e outra de lona esfarrapada, e a parede do oeste era feita de seis pedaços de linhagem. O telhado compunha-se de ramos não esquadriados, de salgueiro, sobre os quais havia hastes verdes, acumuladas em forma de pirâmide. A entrada, do lado da parede de linhagem, estava atravancada com utensílios diversos. Uma grande lata de querosene servia de fogão. Estava poisada de lado, tendo incrustado numa das extremidades um pedaço de chaminé de fogão enferrujado. Um aparelho de fazer a barrela via-se deborcado contra a parede e havia caixotes dispersos em volta, caixotes que serviam de cadeiras e de mesas. Uma conduíte "Ford", modelo T, e uma roulotte de duas rodas estacionavam ao lado da barraca. Sobre tudo aquilo pairava uma atmosfera de desordem e de desespero.

Perto da barraca, havia uma pequena tenda de lona desbotada por força das intempéries, mas armada com ordem. Os caixotes, diante dela, estavam encostados às paredes. Um tubo de fogão apontava o alto, através da entrada da tenda, e o chão, em frente, via-se que estava varrido e regado. Num dos caixotes

249

havia um balde cheio de roupa molhada. O acampamento oferecia naquele local um aspecto asseado e pessoal. A um lado da tenda, via-se um "Roadster", modelo A e uma pequena roulotte de fabrico caseirici. , Seguia-se uma enorme tenda, esfarrapada, feita em tiras e com os buracos remendados a arame. A entrada estava aberta, e, dentro, no chão, havia quatro colchões de casal. Numa corda de roupa esticada a um lado, enxugavam vestidos de algodão cor-de-rosa e vários fatos-macacos. Havia ali, ao todo, quarenta tendas e barracas, e, ao lado de cada habitação, estacionava sempre um automóvel qualquer. Mais para trás, agrupavam-se algumas crianças, a olhar o carro que acabava de chegar. Outros corriam ao seu encontro -rapazinhos de fato-macaco e pés descalços, com os cabelos cinzentos de poeira,

Tom parou o carro, olhando o pai. -Não é muito bonito, isto. O senhor quer ir para outro sítio? -Não podemos ir para qualquer outro sítio sem sabermos primeiro o que nos espera. Temos de saber o que há a respeito de trabalho-disse o pai.

Tom abriu a porta e saiu. A família desceu do alto da carga, olhando curiosamente em volta de si. Ruthie e Winfield, de acordo com o hábito contraído na estrada, tomaram o balde e correram em direcção aos salgueiros, onde, provavelmente, haveria água. E a fileira formada pelas

crianças abriu-se para os deixar passar, fechando-se de novo, em seguida.

A entrada da primeira barraca abriu-se, dando passagem a uma mulher. De cabelos encanecidos entrançados, usava uma bata suja, toda às florinhas. O rosto era ressequido e de aparência estúpida. Sob os olhos sem expressão, cavavam-se fundos papos cinzentos e a boca era frouxa e mole.

O pai perguntou-lhe: -A gente pode instalar-se aqui? A cabeça tornou a desaparecer na tenda. Por um instante, reinou o silêncio, depois, entreabriu-se novamente o pano de linhagem e um homem barbudo, em mangas de camisa, saiu da tenda. A mulher espreitou atrás dele mas não saiu da barraca.

O homem barbudo disse: -Bom dia, minha gente.-E os seus olhos escuros e inquietos passavam de um para outro membro da família, e destes para o caminhão carregado.

- Acabo de perguntar à sua senhora se nos podemos instalar aqui-repetiu o pai.

O barbudo olhou o pai com gravidade, como se este tivesse dito alguma coisa muito profunda e que exigisse certa meditação.

-Instalar-se aqui, no acampamento? -perguntou.

250

-Sim. O acampamento pertence a alguém a quem devemos pedir licença?

O barbudo piscou o olho esquerdo, examinando o pai. -Então querem acampar aqui?

O pai começava a irritar-se. A mulher de cabeça encanecida espreitou de novo por entre a serapilheira.

-Então que tenho eu estado a perguntar senão isso? tornou o pai. .-Bem, se querem acampar aqui, porque não o acampam? Eu não tenho nada com isso.

-Compreendeu afinal-disse Tom, a rir.

O pai encheu-se de paciência.

- Só quis saber se o acampamento pertencia a alguém. A gente tem de pagar alguma coisa?

O barbudo projectou o queixo para diante. -Se pertence a alguém? -perguntou.

O pai virou-lhe as costas. -Ora vá para o diabo que o carregue! A mulher encolheu de novo a cabeça.

O barbudo avançou ameaçador. -Se pertence a alguém? -repetiu. -Quem é que vai pôr-nos fora daqui? Diga!

Tom colocou-se entre ele e o pai. -É melhor você ir fazer uma boa soneca-disse.

O barbudo abriu a boca, passando o dedo sujo pelas gengivas do maxilar inferior. Olhou Tom por um instante pensativamente; depois, girou nos calcanhares e entrou precipitadamente na barraca, atrás da mulher de cabelos grisalhos.

Tom voltou-se para o pai. -Que raio foi isso ?-perguntou.

O pai encolheu os ombros. Deixou os olhos errarem pelo acampamento.

frente de uma das tendas, estacionava um velho "Buick," com a cúpula do motor desmontada. Um rapaz esmerilhava as válvulas, e, enquanto passava a fita para trás e para a frente, lançou um olhar ao caminhão dos Joads. Via-se que ria consigo mesmo. Quando o barbudo desapareceu, o rapaz deixou o trabalho e avançou vagarosamente.

-Bom dia-disse, e os seus olhos azuis brilhavam divertidos. -Estive a ver como vocês falavam com o Presidente da Câmara.

-Que diabo tem ele?

O rapaz deu uma gargalhada. -É um maluco como você e como eu. Talvez um pouco mais do que eu. Não sei.

O pai explicou: -Só lhe perguntei se podíamos acampar aqui.

251

O rapaz limpou às calças as mãos cheias de óleo. -É natural. Vocês acabam de chegar, não é? -Sim-disse Tom.-Chegámos hoje de manhã. -Então nunca estiveram em Hooverville? -Onde é Hooverville? - É aqui. -E?-perguntou Tom.-Não sabia. Como acabámos de chegar...

Winfield e Ruthie voltavam, trazendo a meias um balde cheio de água.

-Vamos armar a tenda. Estou exausta. Pode ser que a gente possa descansar aqui algum tempo-disse a mãe.

O pai e o tio John começaram a descarregar a lona e as camas.

Tom acompanhou o rapaz até ao carro que este estava a consertar. A fita de polir jazia sobre o bloco do motor desmontado e uma pequena lata amarela com massa de esmeril estava entalada no tanque vazio.

-Que diabo tem aquele gajo velho das barbas? -perguntou Tom.

O rapaz apanhou a fita de polir e recomeçou a trabalhar, esfregando para trás e para diante, polindo as válvulas de compressão.

-O Presidente da Câmara? Só Deus sabe. Acho que ele está com medo da polícia.

-Medo da polícia porquê? -Acho que a polícia o perseguiu até o deixar maluco de todo. Tom perguntou: -Mas porque perseguem eles um tipo assim?

O rapaz interrompeu a tarefa, olhando bem nos olhos de Tom. -Só Deus sabe -disse. -Você acaba de chegar. Pode ser que acabe por descobrir o motivo. Uns dizem isto; outros dizem aquilo. Mas demore-se algum tempo num acampamento e você vai ver a rapidez com que o sheriff o põe fora.-Agarrou numa válvula, untando a haste com um pouco de esmeril.

-Mas porquê? -Sei lá! Alguns dizem que eles não querem que a gente vote. Mantêm-nos sempre em movimento, para que não tenhamos direito a voto. E outros dizem que fazem isto para que não recebamos o auxílio dos desempregados. E outros dizem que eles têm medo que a gente se organize se estivermos sempre no mesmo sítio... Sei que nos enxotam sempre. Espere um tempo e vai ver.

-Mas nós não somos vagabundos -insistiu Tom.-Procuramos trabalho. E aceitamos qualquer trabalho.

O rapaz cessou de esfregar a fita na haste da válvula. Olhou Tom com surpresa.

252

-Andam à procura de trabalho, hein? -disse. -Então vocês andam à procura de trabalho? E nós todos, que é que andamos procurando por aí? Diamantes? Então por que motivo pensa você que eu ando aqui a dar cabo do canastro? Voltou a esfregar a fita para trás e para diante.

Tom olhou em torno de si; viu as tendas imundas, os equipamentos em desordem, os ca@ros velhos, os colchões esfarrapados, estendidos ao sol, e as latas negras sobre as pedras enegrecidas pelo fogo. Perguntou baixinho:

-Não há trabalho? -Não sei. Deve haver. Mas, por agora, não há colheitas por estas bandas. As uvas e o algodão colhem-se mais tarde. Seguimos paxa a frente assim que eu terminar as válvulas. Eu, minha mulher e as crianças. Ouvimos dizer que lá para o norte há trabalho... Perto de Salinas.

Tom viu o pai, o tio John e o pregador estenderem a lona sobre os paus e a mãe, de joelhos, lá dentro, sacudindo os colchões no solo. Uma roda de crianças mantinha-se silenciosamente a alguma distância, observando como se arranjava a nova família. Crianças taciturnas, descalças e de cara suja. Depois, prosseguiu:

-Pela nossa terra passaram homens distribuindo folhetos, desses cor de laranja. Diziam que se precisava aqui de muita gente para os trabalhos da colheita.

O rapaz riu. -Aqui somos para aí umas trezentas mil pessoas, e aposto que todas elas viram esses malditos folhetos. _ Pois então? Se não precisam da gente, porque é que imprimiram essas coisas?

-Puxe pela cabeça. -Era o que eu gostava de saber. -Olhe-disse o rapaz.-Imagine que você precisa de gente para um serviço qualquer e que só aparece um homem a querer pegar nesse serviço. Então você tem de lhe pagar o que ele exigir. Mas se, em vez de um, aparecerem cem homens... -Abandonou a ferramenta; o seu olhar fez-se duro e a sua voz mais aguda. -Suponha que há cem homens a querer esse emprego. Esses cem homens têm filhos e os filhos têm fome. Suponha que uma moeda de dez cents chega para umas papas para os n-iiúdos. Suponha ainda Olle cinco cents chegam para comprar qualquer coisa aos pequenos. E são cem homens. Você oferece-lhes uma tuta-e-meia e vai ver: matam-se uns aos outros para ganhar essa ninharia. Sabe quanto me pagaram no último trabalho que tive? Quinze cents à hora. Dez horas por um dólar e meio, e a gente não pode pernoitar na fazenda. Temos ainda de gastar gasolina com o caminho.- Estava ofegante de raiv4, e o ódio brilhava nos seus olhos.-Foi por isso que distribuíram esses folhetos. Eles podem imprimir folhetos como

253

o diabo, com o dinheiro que economizam, pagando apenas quinze cents à hora de trabalho no campo.

-Mas que canalhice! -exclamou Tom.

O rapaz riu com aspereza. -Fique aqui uns tempos e, se achar a árvore das patacas, diga-me.

-Mas trabalho há, não há?-interrogou Tom.-Meu Deus, com tanta coisa que há por aí! Pomares, uvas, e legumes; eu vi. Eles têm de precisar de gente! Vi tudo isso.

Uma criança chorava numa tenda próxima do carro. O rapaz entrou, e a sua voz soou abafadamente através da lona. Tom pegou na fita de polir, colocou-a no encaixe da válvula e continuou o trabalho, esfregando com a mão para diante e para trás. A criança cessou de chorar. O rapaz voltou e observou:

-Vocêd-ápara a coisa- disse. -Ainda bem! Vai-lhefazerjeito. -Mas, como ia dizendo...-Tom voltou ao tema anterior. -Eu vi que por aqui se semeia e se planta muita coisa.

O jovem acocorou-se sobre os calcanhares. -Eu vou explicar-lhe a coisa-disse tranquilamente.-Há aqui uma fazenda de pêssegos grande como o diabo, onde eu tenho trabalhado. Precisam apenas de nove homens durante o ano todo. -Fez uma pausa para impressionar. -Mas, durante duas semanas, necessitam de três mil homens. E quando os pêssegos estão maduros... Precisam de arranjar esses homens, senão os pêssegos apodrecem. Então, que fazem eles? Distribuem impressos por toda a parte, até no inferno, se for preciso. Precisam de três mil homens, mas aparecem seis mil. E eles arranjam os homens pelo ordenado que muito bem lhes apetece pagar. Se você não quiser aceitar o que eles pagam, que vá para o diabo; têm mil outros que esperam pelo seu trabalho. Escolhe-se, colhe-se a fruta e daí a pouco acabou-se tudo. Em toda aquela zona só há pêssegos. E todos amadurecem ao mesmo tempo. Quando você acabar a colheita, não haverá mais nada que fazer em toda a região. Então, os proprietários não querem que vocês fiquem por lá. Vocês, os três mil. O trabalho está feito. E possível que vocês queiram roubar; é possível que lhes dê para beber, é possível que façam bulha. E, além disso, vocês não produzem bom efeito; moram em barracas miseráveis, e a região é linda; vocês estragam-na com a vossa presença. Eles não os querem na região. Por isso, tratam de os enxotar para outros lados. E assim é que é a coisa.

Tom lançou um olhar à tenda da família. Viu como sua mãe, pesada e lenta, devido ao cansaço, armava e acendia uma pequena fogueira, colocando sobre ela as panelas. Aproximara-se a roda de crianças, e os olhos calmos e esbugalhados dos pequenos observavam os movimentos das mãos da mãe. Um velho muito velho, com as costas abauladas, saindo de uma das tendas como um

254

texugo, avançava com passos arrastados, farejando o ar. Cruzou as mãos atrás das costas, e fez companhia às crianças que olhavam para a mãe. Ruthie e Winlield estavam perto dela, encarando os estranhos com olhares hostis.

Tom disse colérico: -Os pêssegos devem ser colhidos imediatamente, não é? Assim que amadurecerem?

-E sim. -Bem, imagine que a gente se junta e diz: pois então que se estraguem! Era um instante enquanto os ordenados aumentavam, santo Deus!

O rapaz ergueu os olhos de sobre as válvulas, lançando a Tom um olhar sarcástico.

-Livra! Descobriu a novidade, hein? E você sê>zinho inventou tudo isso

?

- Estou cansado - disse Tom. - Guiei toda a noite. Não quero discutir agora. Mas estou com um cansaço tão levado dos diabos que nada me custa brigar. Por favor, não se ponha aí a armar em esperto. Estou a perguntar-lhe o que pensa disto.

O jovem sorriu. -Não foi por mal. Não me lembrei de que você está aqui pela primeira vez. Mas é que já houve outros que pensaram nisso. E o pessoal da fazenda de pêssegos já pensou nisso também. Olhe, para a gente se organizar, ç preciso um chefe, um camarada que fale pela gente. Bem, a primeira vez que esse camarada abrir a boca, agarram-no e metem-no no xadrez. E, se vem outro chefe, vai para o xadrez também.

Tom disse: -Bem, mas no xadrez, ao menos, a gente tem de comer. -Mas os filhos não têm. E você gostaria de estar no xadrez
* os seus filhos cá fora, a morrer de fome?

-Aí é que está-disse Tom lentamente.-Aí é que está... -E mais uma coisa. Você já ouviu falar na lista negra? -O que é isso? -Basta você abrir o bico, dizer que nos vamos organizar,
* vai ver. Tiram-lhe o retrato e mandam-no para toda a parte. E então você nunca mais consegue arranjar trabalho em parte nenhuma. E, se você tiver filhos...

Tom tirou o boné, e pôs-se a dar-lhe voltas entre as mãos. -Então temos de aceitar o que nos dão, ou morreremos de fome. E, se respingamos, morremos também de fome.

O jovem fez um vasto círculo com a mão, e esse gesto envolveu as tendas esfarrapadas e os carros enferrujados.

Tom olhou novamente para a mãe, que estava sentada, descascando batatas. As crianças tinham-se aproximado dela ainda mais.

255

-Eu não vou aguentar isto, caramba! Que diabo! Eu e a minha gente não somos ovelhas! Vou reagir, seja contra quem for -ameaçou Tom.

-Por exemplo, contra um polícia? -Seja quem for. -Está maluco-disse o rapaz. -Deitam-lhe a mão que e um regalo! Você não tem nome nem dinheiro. Vão encontrá-lo no fosso de uma estrada, com o sangue já seco na boca e no nariz. Depois, aparece uma linha no jornal. Sabe o que diz? "Vagabundo encontrado morto." E pronto! É. um ror de notícias assim no jornal. "Vagabundo encontrado morto."

-Pelo menos, hão-de encontrar mais outro morto ao pé desse vagabundo-disse Tom.

-Está maluco!-disse o rapaz.-Que adianta isso? -Bem, e você, que é que faz?-Olhou-lhe a cara manchada de óleo. E um véu desceu sobre o rosto do jovem.

-Nada. De onde vêm vocês? --Nós? De perto de Sallisaw, Oklahoma. -E acabam de chegar? ---:'Sim, hoje mesmo. -Querem ficar aqui muito tempo? -Não sei. Queremos ficar onde acharmos trabalho. Porquê? -Por nada.-E o véu tornou a descer. -Temos de dormir-disse Tom.-Amanhã vamos sair, à procura de trabalho.

-Podem experimentar. Tom voltou-lhe as costas e dirigiu-se à tenda dos

Joads. nela. O rapaz pegou na lata de massa de esmeril, metendo o dedo

- Eh! - gritou. Tom voltou-se novamente. -Que é que há? -Vou-lhe dizer uma coisa. -Sacudiu o dedo, a que se agarrara um pouco de massa.-Vou-lhe dizer uma coisa apenas. Não se metam em sarilhos. Lembra-se da cara daquele tipo com a mania da perseguição ?

-Aquele velho da primeira barraca? -Sim. Aquele que parecia mudo, com cara de idiota. -Que tem ele? -Bem, quando os polícias vicrem-e eles andam sempre por aí-é assim que a gente deve ser. Fazer-se parvo, como se não compreendesse nada. É assim que os polícias nos querem. Não caia em bater-lhes... Isso seria um autêntico suicídio. Faça-se trouxa...

-Devo então consentir que esses malandros desses polícias me escorracem sem eu fazer nada?

256

-Isso mesmo. Escute. Esta noite vou ter consigo. Talvez eu esteja enganado. Ele há aí espiões por todos os lados... Eu estou a arriscar-me e tenho uni filho... Mas, esta noite, vou ter consigo. E, se vier um polícia, você faz de Okie idiota, já sabe, hein?

-Entendido. Só quero que a gente faça alguma coisa-disse Tom.

-Não se apoquente. Claro que a gente faz. Mas sem barulho. Uma criança morre de @ome muito depressa. Leva dois ou três dias apenas.

1

Voltou para o seu trabalho, untando com a massa o encaixe da válvula, e a sua mão ia e vinha ràpidamente na fita, enquanto o rosto se mostrava sombrio e fechado.

Tom dirigiu-se vagarosamente para a tenda, -Fazer de idiota! Fazer de idiota! - murmurava entre dentes.

O pai e o tio John voltavam, carregados de ramos secos de salgueiro; atiraram-nos ao lume e acocoraram-se.

-Custou a colher isto-disse o pai.-Fartámo-nos de caminhar para arranjar esta lenha.

Levantou os olhos para a roda de crianças pasmadas que os rodeavam.

-Meu Deus! -exclamou. -De onde saíram vocês todos?! As crianças, envergonhadas, baixaram os olhos, fixando-os nos pés.

-Parece-me que sentiram o cheiro da comida ao lumeesclareceu a mãe. -O Winfield, sai-me do caminho, anda! -E deu-lhe um empurrão.-Estou com vontade de preparar um guisadinho -disse. -Ainda não comemos nada bem cozinhado desde que saímos de casa. Pai, vai ali à venda e traz carne para guisar. Vou fazer um bom guisadinho.

O pai levantou-se e afastou-se lentamente. AI abriu a tampa do motor e examinou as peças lubrificadas. Ergueu a cabeça quando Tom se aproximou dele.

-Olá! Vens aí contente que nem um rato. -Nem tu imaginas! Satisfeito que nem um rato à chuvarrespondou Tom.

-Repara no motor. Está bom, não está? Tom olhou. -Parece que sim, que

está perfeito. -Perfeito? Formidável é que ele está. Não vazou óleo nem nada. - Desaparaf usou uma vela, metendo o indicador no buraco. - Um bocado agarrado mas está seco.

Tom prosseguiu: -Sim, fizeste um bom negócio, quando compraste este carro. Era o que querias ouvir, não era?

-Bem, o facto é que toda a viagem suei, pensando que a coisa,não a-guentasse, e que a culpa fosse minha.

17-v. 1.

257

-Não, senhor. Fizeste tudo bem. Mas é melhor verificar se tudo está em ordem, porque amanhã vamos sair à procura de trabalho.

-Vai continuar que é uma beleza-disse AL-Não te preocupes.

Tirou um canivete do bolso e pôs-se a raspar os resíduos das velas.

Tom rodeou a tenda e viu Casy sentado no chão, olhando pensativo o pé descalço; sentou-se pesadamente ao lado dele. _ Acha que ainda servem?

-O quê?-perguntou Casy. -Os dedos do pé. -Ali! Sentei-me a pensar um pouco. -Você tem sempre tempo para isso-disse Tom. Casy, com um sorriso calmo, levantou o dedo grande do pé e baixou o segundo dedo.

-É bastante difícil uma pessoa pensar como deve ser, sem baralhar os pensamentos.

- Há muitos dias que você não dá um pio - disse Tom. - Tem estado todo esse tempo a pensar ?

- Sim, tenho estado a pensar. Tom tirou o boné sujo e todo estragado, com a pala em ângulo agudo, voltou a tira de couro e retirou de lá uma fita de papel de jornal dobrado que o forrava.

-Suei tanto que encolheu-disse, olhando o movimento dos dedos do pé de Casy. -Você não pode deixar de pensar e ouvir-me por um momento?

Casy virou a cabeça assente num pescoço robusto como um caule.

-Estou sempre a ouvir. É por isso que vivo a pensar. Escuto as pessoas e procuro logo compreender o que sentem. Passo assim todo o tempo. Ouço-as e compreendo-as. As pessoas vivem a bater

as asas como pássaros numa água-furtada. E quebram as asas de encontro à janela cheia de pó por onde querem escapar-se.

Tom observou-o com os olhos arregalados; depois, desviou-os, poisando-os numa tenda cinzenta, armada à distância de vinte pés. Nas cordas da tenda viam-se calças, camisas e um vestido lavados. Disse depois, em voz baixa:

-Era nisso que eu ia falar. Mas você já compreendeu. -Já-confirmou Casy.-Há um exército inteiro de gente como nós, um exército sem couraças. -Baixou a cabeça, passando ,lentamente a mão aberta pela testa e pelos cabelos.-Vi isto por toda a parte-disse-por toda a parte por onde passámos. A gente sente fome de carne e, quando a consegue arranjar, não dá; é muito pouca. E, quando eles sentem tanta fome que nao aguentam mais, vêm pedir-me que reze por eles. E, às vezes, eu rezo. Cingiu os

joelhos levantados com ambas as mãos, encolhendo as pernas. -E pensei que isso lhes poderia servir de remédio. Fazia uma oração e metia nela as preocupações todas como moscas num mata-moscas e a oração ia voando e levava consigo as preocupações. Mas agora já não dá resultado.

Tom respondeu: -Uma oração nunca deu carne a ninguém. Para isso é preciso um porco.

-Sim-disse Casy-e o bom Deus nunca aumentou os ordenados. Esta gente aqui contenta-se com o viver decentemente e criar os filhos como deve ser. Quando estão velhos, o que querem é sentar-se à porta de casa, a olhar o pôr do Sol. E, quando são jovens, sórmente querem dançar, cantar e dormir com alguém. Querem comer, embriagar-se e trabalhar. Apenas isto; só querem utilizar os músculos até ficarem cansados. Céus! Que é que eu estou a dizer?!

-Não sei-disse Tom-mas não soa mal. Você acha que pode trabalhar e deixar de pensar por algum tempo? Temos de procurar trabalho. O dinheiro já se foi quase todo. O pai pagou cinco dólares por umas tábuas pintadas que puseram na terra onde enterraram a avó. Agora não nos sobra quase nada.

Um cão atravessado, de cor parda, passou, farejou, ao lado da tenda. Estava nervoso e pronto a esgueirar-se. Farejou o chão durante alguns instantes, até reparar nos dois hornens. Erguendo os olhos, viu-os; deu um pulo para o lado, e fugiu com as orelhas derrubadas para trás e o rabo escanzelado entre as pernas. Casy seguiu-o com os olhos até ele desaparecer, escapulindo-se por detrás de uma tenda... Casy suspirou.

-Não sirvo para nada-disse-nem para mim nem para ninguém. já pensei que devia ir-me embora sózinho. Só sirvo para comer a vossa comida e tomar espaço. E não posso dar-vos nada em troca. Talvez encontre um trabalho regular, para vos pagar alguma coisa do que gastaram comigo.

Tom abriu a boca, avançou o maxilar inferior, e bateu nos dentes de baixo com uma haste de mostarda seca. Os olhos dele giraram pelo acampamento, por sobre as tendas cor de cinza e das barracas de erva seca, de lata e de papel.

-Quem me dera aqui uma onça de Durham! -disse -há séculos que não tenho nada que fumar! Em MacAlester, sempre davam tabaco à cente. Quase que preferia ter ficado lá!-Bateu de novo nos derões, voitando-se súbitamente para o pregador. -Você já esteve alguma vez na cadeia?

-Não disse Casy-nunca. -Não se vá já embora-disse Tom.-Não vá ainda. - Quanto mais cedo procurar trabalho, mais cedo o encontrarei.

Tom examinou-o de olhos semicerrados, pondo novamente o boné.

-Escute -disse. -Isto aqui não é a terra da promessa, como dizem os pregadores. Aqui a coisa é feia. A gente daqui tem medo das pessoas que vêm para o Oeste e, por isso, mandam os polícias para nos assustar.

-Sim-disse Casy-eu. sei. Mas porque é que perguntou se eu já estive na cadeia?

Tom respondeu lentamente: -E que, na prisão, a gente acaba por adivinhar as coisas a distância. Não deixam ninguém conversar. Duas pessoas podem conversar; um grupo, não. E assim a gente acaba por adivinhar, sempre que alguma coisa anda no ar. Quando, por exemplo, um camarada tem um acesso e bate num guarda com o cabo da vassoura, a gente já sabe da coisa antes. Quando está para haver uma evasão ou um motim, ninguém precisa de nos avisar. A gente torna-se sensível, adivinha logo as coisas.

-Sim? -Deixe-se estar por aqui-disse Tom. - Deixe-se ficar por aqui até amanhã. Pressinto qualquer coisa. Falei com um rapaz ali adiante. E ele pareceu-me tão misterioso e, tão sabido como um coiote; quer dizer, sabido de mais. Como um coiote que só se interessa pela sua vida, e tão doce, tão inocente, que acha graça a tudo, sem fazer dano a coisa alguma. Bem, cheira-me que há qualquer coisa no ar.

Casy encarou-o atentamente. Esteve para lhe dirigir uma pergunta, mas acabou por pregar firmemente os lábios. Tamborilou devagar com os dedos do pé, e, separando os joelhos, esticou as pernas para ver os pés.

-Bem- disse -então não me vou embora por enquanto. Tom prosseguiu: - Quando um grupo de camaradas, gente boa e sossegada, de repente não sabe nada, é porque alguma coisa se está preparando.

-Então fico, pronto-disse Casy. -E amanhã vamos à procura de trabalho. -Sim-volveu Casy. E mexeu os dedos dos pés para cima e para baixo, observando-os com gravidade.

Tom apoiou-se num cotovelo e fechou os olhos. Chegaram-lhe aos ouvidos, do interior da tenda, as vozes de Rosa de Sharon, seguida das respostas de Connie.

A lona lançava uma sombra escura. A luz, que lhe batia de ambos os lados, em forma de cunha, era uma luz crua e penetrante.

Rosa de Sharon estava deitada num colchão, e Connie acocorado a seu lado.

260

-Eu devia ajudar a mãe-disse Rosa de Sharon.-já experimentei, mas cada vez que me levantava, punha-me a vomitar.

Os olhos de Connie lançavam uma luz sombria. -Se eu soubesse que a coisa era assim, não tinha vindo. Ia mas era estudar de noite, em casa, aprender a manejar tractores, e arranjava, pela certa, um emprego de três dólares. Um tipo pode viver perfeitamente com três dólares por dia, até ao cinema pode ir todas as noites, se quiser.

Rosa de Sharon parecia apreensiva. -Mas tu não disseste que querias estudar de noite, estudar rádio ? A resposta dele tardou.

-Não disseste ?-insistiu ela. -Claro que quero, quando endireitar a vida. Primeiro preciso de arranjar uns cobres.

Ela virou-se, apoiando-se no cotovelo. -Mas tu não vais deixar tudo isto, pois não? -Não, não, naturalmente que não. Mas... eu não sabia que a gente ia viver assim, num lugar destes.

Os olhos da rapariga tornaram-se duros. -É o teu dever...-disse calmamente. -Sim, sim, está bem. Eu sei. Mas só quando endireitar a vida.

Quando tiver uns cobres. Tinha sido melhor ficar em casa e estudar tractores. Aquele pessoal ganha três dólares por dia, e, às vezes, ainda tem gratificações. -Os olhos de Rosa de Sharon iam tirando conclusões. Olhando-a, ele percebeu como ela o media

com os olhos, perscrutando-lhe os pensamentos. -Mas eu vou estudar-disse ele.-Assim que tirar o pé da lama.

Ela disse impetuosamente: -Temos de arranjar uma casa antes de o menino nascer. Não quero dar à luz numa tenda.

-Claro -respondeu ele.-Assim que eu endireitar a vida. Saiu da tenda e lançou um olhar à mãe, que estava agachada junto da fogueira. Rosa de Sharon deitou-se de costas, fixando os olhos no tecto da tenda. E, metendo o polegar na boca, para sufocar os soluços, começou a chorar em silêncio.

A mãe estava ajoelhada junto da fogueira, quebrando tronquitos para alimentar o lume sob a panela. O fogo tão depressa subia como baixava. As crianças-quinze ao todo -mantinham-se silenciosas a observá-la e as suas narinas dilatavam-se ligeiramente quando recebiam o aroma do guisado. A luz do sol reflectia-se cintilante nos seus cabelos cobertos de poeira. As crianças mostravam-se envergonhadas mas não arredavam pé. A mãe falava em voz baixa a uma menina que se mantinha no meio do círculo cobiçoso. Equilibrava-se num pé só, acariciando a barriga da perna com o outro pé. Tinha os braços cruzados atrás das

26r

costas. Observava a mãe com os seus olhinhos fixos, cor de cinza.

-Se a senhora quiser, posso ir buscar mais lenha - propôs ela.

A mãe ergueu os olhos. -O que tu queres é que a gente te peça para jantares connosco, não é ?

-Sim, senhora-disse a menina com voz firme. A mãe pôs mais lenha no forno e as chamas começaram a crepitar.

-Tu não almoçaste? -Não, senhora. Não há trabalho aqui nos arredores. O pai foi à cidade a ver se vendia umas coisas, que é para comprar gasolina e continuarmos a viagem.

A mãe ergueu os olhos. -Então nenhuma delas almoçou? As crianças mexiam-se nervosamente, desviando os olhos da panela em que fervia o guisado. Um menino disse, gabarola:

-Eu almocei... sim e o meu irmão também. E aqueles dois ali, também, que eu vi. A gente comeu bem. E hoje de noite vamo-nos embora para o sul.

A mãe sorriu: -Então tu não tens fome, não? Ainda bem porque a comida não dá para todos.

O pequeno estendeu os lábios, a fazer beijo: -Sim, a gente comeu bastante-disse. Virou as costas e correu, mergulhando numa tenda.

A mãe seguiu-o com os olhos por tanto tempo que a pequena mais velha do grupo teve de chamar-lhe a atenção.

-O lume está-se a apagar. Mas, se a senhora quiser, eu posso abaná-lo.

Ruthie e Winfield estavam no meio do grupo, comportando-se com frieza e dignidade. Pareciam distantes e, ao mesmo tempo, dominadores. Ruthie lançava olhares frios e indignados à pequena. Acocorando-se, começou a preparar lenha para pôr no lume.

A mãe ergueu a tampa da panela e mexeu o conteúdo com um pau.

-Fico bastante contente por saber que nem todos vocês têm fome. Pelo menos, aquele menino parece que não o tem.

A rapariguita torceu o nariz. -Ora, aquele! Aquilo é gabarolice, e grande, Sabe o que é que ele costuma fazer quando não tem de comer? Faz assim: ontem à noite chegou-se ao pé de mim e disse-me que iam comer frango. Pois eu passei pelo sítio onde eles estavam a comer e sabe o que eu vi? Estavam a comer papa de farinha como toda a gente.

-Imagine!

262

A mãe olhou novamente para a tenda por onde o pequeno desaparecera. Depois encarou a rapariguinha:

-Escuta: há quanto tempo estás na Califórnia? -perguntou. -Eu? Há uns seis meses. Durante algum tempo, a -gente morou num acampamento do governo. Depois, fomos para o Norte e, quando voltámos, já o acampamento estava cheio. Sabe, esse acampamento é bem bonito!

-É?-perguntou a mãe. Pegou nos paus e na lenha que estavam nas mãos de Ruthie e pô-los no fogo.

Ruthie lançou um olhar de ódio à pequena.

- Pois é. Fica perto de Weedpatch. Há retretes e casas de banho, que é um luxo! Pode-se lavar a roupa em tinhas e há água à farta, água boa para beber; à noite, há gente que toca bonitas músicas e, nas noites de sábado, há um baile. A senhora com certeza que nunca viu uma coisa assim. E há um sítio para as crianças brincarem. E retretes com papel. A gente só puxa uma corrente e a água cai mesmo dentro da retrete. Não há nenhum polícia para meter o nariz nas tendas da gente a toda a hora; o homem que manda no campo é unia pessoa muito delicada, que nos visita e fala bem com a gente; não tem a mania de armar em chefe. Quem me dera que a gente fosse outra vez para lá!

A mãe disse: -Nunca ouvi falar desse acampamento. Sempre te digo que ficaria encantada se me pudesse servir de unia selha.

A pequena continuou com excitação: -Meu Deus, até há água quente nos canos! Quando a gente se mete debaixo de um chuveiro, sai água quente. Aposto que a senhora nunca viu um sítio assim?

-Dizes que está cheio de gente agora? -perguntou a mãe. -Deve estar, sim. já da outra vez estava. -E deve custar um dinheirão. -Bem, lá isso é verdade, mas, quando a gente não tem dinheiro, pode trabalhar para pagar as despesas. Trabalha algumas horas por semana, limpa a cozinha, despeja o caixote do lixo... coisas assim... E, à noite, sempre há música, e as pessoas juntam-se todas a conversar. E há mesmo, de verdade, água quente nos canos. A senhora nunca viu uma coisa tão bonita.

-Gostava de ir para lá. Ruthie aguentara o mais que podia, mas, por

fim, explodiu com violência:

-A avó morreu em cima do caminhão.-A pequena olhou-a com ar interrogativo.- Morreu, sim. E o delegado veio buscá-la. -Cerrou os lábios com firmeza e pôs-se a partir um pequeno feixe de ramos secos.

Winfield deixou-se arrebatado pela audácia do ataque.

263

-Em cima do caminhão-ecoou.-E o delegado meteu-a num grande cesto.

-Calem a boca ou mando-os embora!-ameaçou a mãe. E deitou mais lenha no fogo.

Mais atrás, AI, andara por ali até se aproximar do rapaz que esmerilhava as válvulas.

-Parece que isso está quase pronto-disse. -Faltam duas ainda. -Há boas pequenas aqui no acampamento? -Sou casado-disse o rapaz.-Não tenho tempo para as pequenas.

-Pois eu arranjo sempre tempo para isso-respondeu AI. -Não tenho mesmo tempo para mais nada.

-Quando você tiver fome, já muda. AI riu. -Pode ser. Mas até agora nunca mudei de opinião a esse respeito.

-Aquele rapaz com quem estive a falar é do vosso grupo, não é?

-É meu irmão. Chama-se Tom. É melhor não se meter com ele. já matou um tipo...

-Matou? Porquê? -Foi numa briga. O tipo avançou para ele com uma faca. E o Tom rachou-lhe a cabeça com uma pá.

-Não me diga! E que fez a polícia? -Soltaram-no porque foi uma briga-disse AI. -Não tem cara de valentão. -Ele não é nenhum valentão. Mas não aguenta brincadeiras de ninguém.

A voz de AI estava cheia de orgulho. -Tom não fala r.-xuito. Mas cuidado com ele! --Bem, eu conversei com ele. Não me pareceu assim ruim. - Pois claro que não é ruim. É manso como uma ovelha. Mas, quando se zanga... é preciso ter cuidado com ele. -O rapaz limava a última válvula.-Quer que o ajude a encaixar as válvulas e a pôr a cúpula?

-Se você não tem mais que fazer, quero. -Devia doripir um bocado-disse AI-mas, quando vejo um motor desmontado, meu Deus! Tenho de lhe meter as unhas. Não resisto.

-Bom, fico muito satisfeito com a sua ajuda-disse o rapaz. -Charno-me Floyd Knowles.

-Eu chamo-me AI Joad. -Muito prazer. -Igualmente -respondeu AI.-Você vai servir-se da mesma gaxeta ?

264

remédio! -exclamou Floyd. AI tirou o c2nivetete do bolso e pôs-se a raspar o bloco. -Sabe-disse-não há nada de que eu goste tanto como de um motor.

-E então as pequenas? -Bem, também as não desprezo, não. O que eu não daria por desmontar um "Rolls" e tornar a montá-lo! Uma vez olhei para dentro da tampa de um motor de um "Cadillac" 16 c-Deus do céu!-garanto que você nunca viu uma coisa tão bonita na vida! Foi em Sallisaw, e aquele "Cadillac" estava parado à porta de um restaurante. Eu cheguei e, sem perguntar nada a ninguém, levantei a tampa do motor. Então apareceu um sujeito que vinha do restaurante e me disse: "Que diabo é que você está aí a fazer?" Eu respondi: "Estou só a ver." "É formidável, não é?" E o sujeito pôs-se ao meu lado. Parece que ele nunca tinha visto um motor de automóvel. E ficou a olhar sem dizer nada. Parecia um rapaz rico, com chapéu de palha, camisa listrada e óculos. Não dizíamos nada. Ficámos a olhar. De repente, ele disse: "Apetecia-lhe guiar um bocado?"

-Ena, pal!-disse Floyd. -Sim, senhor. Ele disse-me: "Apetecia-lhe guiar um bocado Mas eu estava de fato-ma-caco e sujo como o diabo! E disse: "Mas vou sujar o carro." "Venha daí", respondeu ele. "Vamos dar a volta às casas." Sentei-me ao volante e dei oito voltas e -ali, rapazes!...

--Foi bem bom, hein?-disse Floyd. -Deus do céu!-exclamou AI.--Dava sei lá o quê para poder desmontar um " bicho" daqueles.

Floyd afrouxou o movimento do braço. Retirou a última válvula do encaixe e examinou-a.

-É melhor você acostumar-se a um destes nossos calhambèques -disse. - Você nunca há-de guiar um "Cadillac."

Colocou a fita de polir sobre o estribo e pegou num formão para raspar a crosta do cilindro. Duas mulheres robustas, descalças e sem chapéus, passaram por ali, carregando um balde cheio de água cor de leite, que ambas seguravam. Manquejavam ao peso do balde e levavam os olhos fixos no chão. O Sol ia já a meio da sua caminhada no céu.

-Você não me parece muito satisfeito -comentou AI. -Estou aqui há seis meses já-retorquii o rapaz.-Andei por esse Estado todo, à procura de trabalho, fazendo um esforço dos diabos, para ganhar apenas o suficiente para carne e batatas que chegassem para mim, para a mulher e para as crianças. Corri tudo isso como um coelho, e nada: nunca pude ganhar o suficiente para comer. Não há maneira. Começo a estar farto, é o caso. E não sei o que hei-de fazer.

265

-Mas não se encontra trabalho regular para um tipo aqui? -perguntou AI. ' formão destacou a crosta do cilindro,

-Isso sim!-Com o e passou com um pano engordurado de óleo pelo metal baço do bloco.

Um carro de turismo enferrujado entrava no acampamento. Trazia quatro homens, homens de feições duras e morenas. O carro atravessou lentamente o acampamento. Floyd gritou atrás dele:

-Tiveram sorte ?

O carro parou. O homem que ia ao volante disse: -Qual o quê? Andámos por Seca e Meca. Não se encontra trabalho nesta maldita terra. Vamos embora.

-Para onde?-perguntou AI. -Sei lá! Aqui já explorámos tudo.-Pôs o motor em marcha

e o carro prosseguiu no seu lento percurso pelo acampamento.

AI seguiu-o com os olhos. -Não seria melhor eles andarem sózinhos? Um homem sózinho encontra trabalho com mais facilidade.

Floyd pôs o formão de lado e sorriu com azedume. -Você é um anjinho - disse. -Para se andar por aí é preciso muita gasolina. E a gasolina custa quinze coits o galão. Ora, se eles fossem sózinhos, tinham de ir em quatro automóveis. Assim, não. Cada um contribui com dez cents para comprar gasolina. já vejo que você tem muito que aprender ainda.

-Ali! AI enxergou Winfield atrás dele com um ar de importância. -AI disse Winfield-vem, que a mãe já está a servir o guisado. Mandou dizer para vires.

AI limpou as mãos às calças. -A gente hoje ainda não comeu-disse a Floyd.-Quando acabar de comer, volto para o ajudar.

-Não é preciso. A não ser que tenha vontade disso... -Tenho, sim. -E acompanhou Winfield em direcção à tenda da família Joad.

Havia muita gente aglomerada em frente da tenda. A criançada comprimia-se em volta da panela, de maneira que a mãe, no decorrer da sua tarefa, empurrava-as de quando em quando com o cotovelo. Tom e o tio John também lá se encontravam.

A mãe disse desanimada: -Não sei o que hei-de fazer. Tenho de dar de comer à família. E esta criançada toda?

As crianças mantinham-se imóveis, olhando-a; as suas feições estavam rípidas e vazias de expressão e os seus olhos passeavam mecânicamente da panela para o prato de estanho que a mãe segurava. Os seus olhos acompanhavam a concha, ao passar da panela para o prato, e, quando a mãe entregou ao tio John o prato

266

fumegante, os olhares das crianças seguiram também esse gesto. O tio John mergulhou a colher no prato de guisado, e os olhos a criançada acompanharam o movimento da colher. Uma batata desapareceu na boca do tio John e os olhos das crianças poisaram no rosto dele, observando a maneira como iria reagir. Estaria boa a batata? Teria gostado?

Nesse momento, o tio John pareceu aperceber-se pela primeira vez das crianças. Mastigou vagarosamente.

-Anda cá, toma-disse a Tom.-Eu não tenho fome. -Mas o senhor não comeu nada hoje. -Eu sei, mas é que estou com dores de barriga. Não tenho vontade de comer.

Tom disse em voz baixa: -É melhor levar o seu prato e ir comer para a tenda.

- Mas não sinto fome - teimou o tio Jolin. - E, lá da tenda, verei as crianças da mesma maneira.

Tom voltou-se para as crianças: -Bom. Vão-se embora. Vamos, andem, não ouviram? Os olhos da criançada deixaram o guisado e pousaram no rosto de Tom cheios de surpresa. -Vão indo, vá. Vocês aqui são demais. Não vêem que a comida não chega para todos?

mãe deitou comida em todos os pratos de estanho, muito pouco em cada um e colocou os pratos no chão.

-Não tenho coragem de mandar essas crianças embora -disse.-Não sei o que hei-de fazer. É melhor vocês pegarem nos pratos e irem comer para dentro da tenda. O que sobrar distribui-se pelas crianças. Espera aí, leva esse prato de comida à Rosasharn! -Olhou para as crianças: - Escutem, arranjem um pedacinho de madeira liso, que eu dou a cada um de vocês um bocadinho do que restar. Mas não quero brigas.-O grupo dissolveu-se rapidamente no maior silêncio. A criançada foi a correr à procura de pauzinhos. Algumas crianças correram para as tendas, a fim de trazerem colheres. Antes que a mãe tivesse tido tempo de encher os pratos de estanho, já elas estavam de volta, silenciosas e ávidas como lobos. A mãe abanou a cabeça.-Não sei o que hei-de fazer. Não posso prejudicar a família. Primeiro, tenho de dar de comer a todos. Ruthie, Winfield, AI!-gritou ela com força. -Peguem nesses pratos e vão para dentro da tenda. Aviem-se! Olhou as crianças como que pedindo-lhes desculpa. -A comida é muito pouca-disse contristada. -Deixo a panela aqui, para vocês; é só para provarem, que a comida não dá para todos, nem vos fará grande coisa - gaguejou. - Que é que eu hei-de fazer? Não posso fazer outra coisa... Tirou a panela do fogo e colocou-a no chão.-É melhor esperarem um pouco; a comida está muito quente-disse. E refugiou-se na tenda, para não ver

mais nada.

267

A família estava toda sentada no solo, cada qual com o seu prato na mão. Ouviram as crianças lá fora, raspando o fundo da panela com os paus, as collier@s e pedacinhos de metal enferrujado. A panela tornara-se invisível, oculta por uma muralha, viva de crianças. Não lidavam, não discutiam nem brigavam, mas todas elas eram movidas por unia ferocidade muda. A mãe virou as costas, para não ver a cena.

-Para a outra vez tem ele se evitar isto -disse. -Ternos de comer sózinhos.

Ouviu-se ainda um instante o raspar da panela; depois o cacho de crianças desmanchou-se e elas dispersaram, deixando no chão a panela limpa. A mãe olhou para os pratos vazios. (-Nenhum de vocês ficou satisfeito com certeza -comentou.

O pai ergueu-se e deixou a tenda sem lhe dar resposta. O pregador sorriu e deitou-se de costas com as mãos cruzadas por detrás da nuca. AI pôs-se de pé.

-Tenho de ajudar ali um rapaz numa coisa... A mãe juntou os pratos e foi lavá-los lá fora. -Ruthie, Winfield! Vã o buscar já um balde de água.Entregou-lhes um balde vazio e os miúdos saíram indolentemente em direcção ao rio.

Uma mulher forte e robusta surgiu. Tinha o vestido manchado de lama e salpicado de óleo de automóvel. Mantinha a cabeça orgulhosamente erguida. Deteve-se a pequena distância, olhando para a mãe com hostilidade. Acabou por se aproximar.

-Boa tarde-disse com frieza. -Boa tarde-respondeu a mãe, erguendo-se e oferecendo um caixote à visitante.-A senhora quer sentar-se? A mulher aproximou-se mais.

-Não, não me quero sentar. A mãe encarou-a interrogativamente: -Quer alguma coisa de mim? A mulher pôs as mãos na cintura. -Quero sim, quero que se meta com os seus filhos e deixe os meus em paz.

A mãe arregalou os olhos. -Mas eu não fiz nada-explicou. A mulher olhou-a com ar carrancudo. -O meu garoto chegou a casa a cheirar a guisado. Foi a senhora que lhe deu de comer. O miúdo contou-me. A senhora quer saber uma coisa? Não vale a pena andar por aí a alardear

o seu guisado. Deixe-se disso. Os cuidados que tenho já me chegam. O miúdo chegou a casa e começou logo a perguntar: "Mãe, porque é que nunca faz um guisadinho?"-A voz da mulher tremia de raiva.

A mãe aproximou-se:

268

-É melhor a senhora sentar-se um bocadinho. Sente-se, sente-se e vamos conversar um pouco.

-Não, não me sento coisa nenhuma. Trabalho como uma negra para dar de comer à minha família e vem a senhora estragar tudo com esse seu guisado.

-Sente-se, mulher!-disse a mãe.-Este foi o nosso último guisado, pelo menos enquanto a gente não encontrar trabalho. Imagine que a senhora estava a cozinhar e uma porção de crianças se punha ali na sua frente, a olhar para si com cada olho que nem uma lua cheia? O que é que a senhora fazia? A gente não tinha comida nem para matar a nossa própria fome, mas, quando vi as crianças a olharem daquela maneira, não pude deixar de lhes dar também um bocadinho.

As mãos da mulher dtixaram a cintura. Por um instante, ela encarou a mãe com ar incrédulo. Depois, voltou-se e foi-se embora quase a correr; entrou numa tenda e fechou-a atrás de si. A mãe seguiu-a, com os olhos e depois, pôs-se de joelhos ao lado da pilha de pratos de estanho.

AI chegou a correr. -Tom-gritou.-Mãe, o Tom está aí dentro? A cabeça de Tom apareceu à porta da tenda. -Que é que tu queres? -Vem comigo, Tom-disse AI, excitado. Tom acompanhou-o. -Que é que há?-perguntou Tom. -Espera um pouco e vais ver.-Conduziu Tom até ao carro desmontado. -Este aqui é o Floyd Knowles-disse, apresentando o rapaz.

-Eu já o conheço. Como vai isso, Floyd? -Bem-respondeu Floyd.-Estou a afiná-lo. Tom passou o dedo pelo cilindro. -Então, AI, que bicho te mordeu? -perguntou. -Olha, Tom, o Floyd disse-me uma coisa. Conte-lhe, Floyd. Floyd disse: -Pode ser palermice isto que eu quero fazer, mas sempre lhe digo. Passou por aqui um tipo que disse que vai trabalhar lá para o Norte.

-Para o Norte? -Sim, num sítio chamado Santa Clara Valley, bem ao norte, longe como o diabo.

-Que é que ele vai fazer para lá? -Colher ameixas, peras e trabalhar numa fábrica de frutas em calda. Ele diz que já está a chegar a altura de as frutas aniadurecerem.

-Qual é a distância daqui até lá?-perguntou Tom. -Sei lá! Mas acho que deve ser a umas duzentas milhas daqui.

-Livra! Longe como o diabo! -respondeu Tom.-Antes de a gente_lá chegar, acaba-se o trabalho.

-E possível. Mas a gente aqui o que faz? E esse tipo que foi para o Norte diz que recebeu uma carta do irmão o, dizendo que também já estava a caminho. E pediu-me para eu não contar nada a ninguém, que e para evitar que vá para lá muita gente. Vamos sair daqui de noite. E preciso que a gente ache afinal um trabalho de jeito.

Tom olhou-o, intrigado: -Mas porque havemos de sair de noite? Sair às escondidas ?

-Ora, rapaz! Então você não percebe? Se toda a gente for para lá, não há trabalho para todos.

-Mas é longe que é uma barbaridade -disse Tom. Floyc[mostrou-se ofendido. -Bom, eu dei o palpite. Vocês aceitam se quiserem. Este seu irmão ajudou-me, foi por isso que os informei.

-Mas é certo, certo que não existe trabalho nestas redondezas?

-Olhe, eu passei três semanas para cá e para lá, feito doido e não achei nada que fazer. Se vocês também quiserem experimentar, podem, mas garanto que é gastar gasolina à toa. Para mim, é até melhor que vocês não venham. Quanto menos gente, mais probabilidades para mim.

Tom disse: -Eu acho que você tem razão. O pior é que isso é muito longe. E a gente tinha tanta esperança de arranjar trabalho por aqui e de alugar uma casinha para morar!

Floyc[respondeu pacientemente: -Eu sei, vocês são novos aqui. Têm que aprender muita coisa ainda. Por isso, eu lhes estou a dar alguns conselhos; é para lhes evitar desgostos. Se não quiserem ouvir-me, então terão de aprender à vossa custa... Não podem estabelecer-se aqui, porque não há por cá trabalho para isso. Agora já sabem. E, quando chegar a fome, é que vocês vão ver de verdade.

- Tinha vontade de dar uma vista de olhos por aqui primeiro -disse Tom indeciso.

Um "Scdan" atravessou o acampamento, parando ao lado da tenda vizinha. Um homem vestido de fato-macaco e camisa azul, saltou do carro.

Floyc[gritou-lhe: -Então? Teve sorte? -Não há trabalho nenhum nesta maldita terra. Nenhum, antes d.@ safra do all-odão.-E entrou na tenda esfarrapada.

-Está a ver ? -perguntou Floyd. -Sim, sim, estou a ver. Mas duzentas milhas, meu Deus!

-Bem, mas vocês não podem ficar num sítio onde não há trabalho. É melhor resolverem isso.

-É melhor a gente ir-disse AI. Tom perguntou . -Quando é que se começa a trabalhar por aqui? -Bem, o algodão acho que começa daqui a um mês. Se vocês têm dinheiro, podem esperar pelo algodão.

-A minha mãe não vai querer sair daqui. Ainda está muito cansada da viagem.

Floyd encolheu os ombros. -Bem, eu não insisto. Vocês é que devem resolver. Eu só disse o que soube.-Retirou do estribo a gacheta lubrificada e aper@ou-a, encaixando-a cuidadosamente no cilindro. - Agora - disse para Al-se você quisesse, poderia ajudar-me.

Tom observou como os dois colocavam cautelosamente a pesada cúpula nos parafusos da base e a largavam, equilibrando os movimentos.

-Temos de conversar mais a respeito do caso-disse. -Não quero que mais ninguém, a não ser vocês, saiba disto. Eu nada teria dito se o AI não me tivesse ajudado.

Tom continuou: -Bem, de qualquer maneira, muito obrigado pelo palpite. Vamos pensar nisso. Pode ser que a gente resolva ir.

-Eu acho que vou-disse AI. -Mesmo que vocês não venham. Não quero criar bolor neste sítio.

-E deixas a família? -perguntou Tom. -Que é que isso tem? Quando voltar, é com os bolsos cheios de notas. Porque não?

-A mãe não vai gostar disso-replicou Tom.-E o pai também não.

Floyd colocou as porcas, aparafusando-as com os dedos até onde podia.

-Eu e a minha mulher chegámos aqui com a família-disse. -Lá em casa, nunca nos passaria pela ideia o separarmo-nos. Nem pensar nisso! lXIAs, um dia, estávamos todos no Norte havia um tempo quando eu vim para aqui e eles mudaram-se Deus sabe para onde. A gente tem perguntado por eles constantemente. -A .ustou a chave inglesa nas porcas do bloco e apertou-as de maneira uniforme: uma volta de cada vez para cada uma das porcas.

Tom acocorou-se ao lado do carro e ficou olhando, de olhos semicerrados, o conjunto de tendas. Havia um pouco de restolho pisado entre elas.

-Não, senhor-disse.-A mãe não, vai gostar que te vás embora.

-Eu acho que um tipo sózinho tem muito mais possibilidade de arranjar trabalho do que acompanhado.

271

-Pode ser que tenhas razão. Mas a mãe não vai achar graça nenhuma.

Dois carros cheios de homens, cujas feições reflectiam desgosto, chegavam ao acampamento. Floyd ergueu os olhos mas não lhes perguntou se tinham tido sorte. Os rostos dos tais homens estavam cheios de poeira, tristes e carrancudos. O Sol, no ocaso, dardejava uma luz amarelada sobre Hooverville e sobre os salgueiros que se alinhavam atrás da cidade dos refugiados. Crianças deixavam as tendas para vaguear pelo campo. As mulheres saíam e faziam pequenas fogueiras. Os homens formavam grupos e, acocorados, conversavam.

Uma limousine "Chevrolet" nova ainda, desviou-se da estrada e entrou no acampamento. Parou a meio do aglomerado de tendas. Tom perguntou:

-Quem será? Acho que não pertencem aqui. Floyd respondeu: -Não sei. Talvez seja a polícia. A portinhola do carro abriu-se. Um homem saltou, postando-se ao lado do carro. O seu companheiro permaneceu sentado. Os homens acorados examinavam agora os recém-chegados. As bocas emudeceram. E as mulheres que preparavam as fogueiras contemplavam furtivamente o automóvel que reluzia. As crianças aproximavam-se cautelosamente do carro, dando passadas vagarosas e descrevendo rodeios.

Floyd pôs de lado a chave inglesa. Tom ergueu-se. AI limpou as mãos às calças. E os três dirigiram-se lentamente para o automóvel. O homem que tinha saltado vestia calças de caqui e camisa de flanela. Tinha na cabeça um chapéu Stetson, de aba direita. Do bolso da camisa, saía um maço de papéis seguro ao pano por prendedores de canetas de tinta permanente e de lápis amarelos. Do bolso detrás das calças espreitava um caderno de capa metálica. Dirigia-se agora a um grupo de homens acorados; os homens olhavam-no com desconfiança e sem pronunciarem palavra. Tom, AI e Floyd aproximaram-se como que por casualidade.

O homem perguntou: -Vocês querem trabalhar? Os homens continuaram a olhá-lo, mudos e desconfiados. Outros homens de todos os pontos do acampamento vinham-se aproximando.

Finalmente, um dos homens acorados respondeu: -Claro que queremos trabalho. Onde é que o há? -Em Tulare Country. As frutas por lá já estão a amadurecer. Precisamos de muita gente para a safra.

Floyd interveio na conversa: -O senhor é que é o patrão? -Não. Tenho um contrato com a fazenda.

272

Ha@,ia agora um grupo compacto de homens a cercá-los. Um homem tirou o chapéu preto e penteou para trás, com os dedos, o cabelo negro e comprido:

-Quanto é que o senhor paga? -perguntou. -Bem, ainda não posso dizer ao certo. Acho que trinta coits, mais ou menos.

-Corno é que não pode dizer ainda? O senhor tem um contrato, não tem?

-Tenho sim-disse o homem vestido de caqui.-Mas ainda não está bem assente a questão dos salários. Pode ser que a gente venha até a pagar mais; também pode ser que tenha de pagar um pouco menos.

Floyd avançou alguns passos. E disse com calma: -Pois olhe, cri aceite esse trabalho. O senhor é o empreiteiro, não é? Tem licença para contratar pessoal? Então mostre-a, e é só dar-nos ordem para se começar o serviço, e dizer onde é, quando é que começa e quanto é que vai pagar. Assine isto e pode contar com todos nós.

O empreiteiro voltou-se para ele, com as feições carrancudas: -Você pretende ensinar-me como é que eu devo fazer os meus negócios ?

Floyd acrescentou:

- O negócio é nosso também, visto que vamos trabalhar para,3i. -Bem, não é você que me vem ensinar o que devo Luer. já lhe disse que preciso de homens.

Floyd objectou, irritado: -Pois é, mas o senhor ainda não disse de quantos homeris precisava, nem quanto vai pagar.

-Que diabo! Mas se eu próprio não sei ainda! -Se o senhor não sabe, não tem o direito de querer contratar ninguém.

-Faço os meus negócios como entendo. Se vocês querem ficar a coçar o rabo pelas esquinas, que lhes faça muito bom proveito! já disse que preciso de alguns homens para trabalhar em Tulare Cotintry; preciso mesmo de bastante gente.

Floyd voltou-se para a roda que os cercava. Os homens estavam de pé, encarando, imóveis os dois que discutiam. Floyd continuou:

-já duas vezes me levaram à certa desse modo. Pode ser que ele precise de uns mil homens. Mas está a fazer tudo para arranjar uns cinco mil, e então o que ele vai pagar é - o máximo -

para aí quinze cents à hora. E vocês, pobres diabos, têm de aceitar tudo, porque passam fome. Se ele quiser empregar gente, que faça isso por escrito, dizendo quanto vai pagar. Peçam-lhe para mostrar a licença. Ele não tem o direito de contratar ninguém sem ter licença. para isso.

I8-v. 1.

273

O empreiteiro virou-se em direcção ao "Chevrolet" e deu um grito:

-Joe!

O companheiro deitou a cabeça de fora do carro, abriu num gesto largo a portinhola do carro e saltou. Usava calções de montar e botas de atacadores. Tinha à cintura um cinto de cartucheira de onde pendia um revólver pesado. Na camisa parda ostentava uma estrela de delegado de sheriff. Foi-se aproximando do grupo com passos pesados. Mostrava um pálido sorriso.

-Que há?

O revólver baloiçava-lhe na anca ao compasso do andar. -já viste este tipo aqui, John?

O delegado perguntou: -Qual deles ? -Este aqui.-O empreiteiro indicou Floyd.

Que foi que ele fez? -O delegado olhou para Floyd sorrindo. -Está a fazer discursos vermelhos. A agitar o pessoal. _Hum, hum...-O delegado andou lentamente à volta de Floyd, examinando-lhe o perfil.

O sangue subiu às faces de Floyd. -Vêem?-gritou ele.-Se este tipo fosse sério, precisava por ventura de trazer um polícia com ele?

-já o viste alguma vez?-insistiu o empreiteiro. -Hum, hum... Parece-me que o vi, sim. Foi a semana passada, quando houve aquele roubo de automóveis de saldo. Parece-me que vi por lá este tipo. Sim, senhor 1 Sou capaz de jurar que é o mesmo. - Súbitamente, o sorriso desvaneceu-se-lhe. - Entre para o carro-disse, abrindo o estojo do revólver.

Tom disse: -Vocês não podem provar nada contra ele.

O delegado voltou-se rapidamente: -Se tu quiseres ir também, é só tornares a abrir o bico. Olha que foram dois os tipos que eu vi no tal roubo.

-Eu ainda não estava neste Estado a semana passadarespondeu Tom.

-Bem, quem sabe se andam à procura de ti noutra parte? Mete a viola no saco!

O empreiteiro tornou a dirigir-se aos homens: -Vocês não devem dar atenção a estes danados destes vermelhos. São uns amotinadores. Só querem metê-los em sarilhos. Repito: tenho trabalho para todos vocês em Tulare Country.

Os homens nada responderam.

O delegado virou-se para eles: -Talvez não fosse mau vocês irem para lá-disse, e o sorriso pálido voltou a iluminar-lhe as feições. -A Higiene deu ordem para a gente limpar este acampamento. E, se se souber que há vermelhos

274

aqui, bem... pode ser que aconteça alguma coisa desagradável. Acho melhor vocês irem todos para Tulare. Vocês por aqui não arranjam nada. Falo como amigo. Deve vir por aí uma porção de gente com picaretas para derrubar tudo isto. É melhor vocês saírem antes.

-já vos disse que preciso de gente. Agora, se vocês não querem trabalhar, bem, isso é lá com vocês-disse o empreiteiro.

O delegado sorriu. -Nesta terra só há lugar para quem trabalha. Os vagabundos são postos fora dela.

Floyd mantinha-se muito empertigado ao lado do delegado do sheriff, com os polegares enganchados no cinto. Tom lançou-lhe um olhar furtivo e depois fixou o chão.

-Pois é isto-disse o empreiteiro -preciso de muita gente lá em Tulare; há trabalho para todos.

Tom olhou lentamente as mãos de Floyd, notando como os os seus tendões se crispavam nos pulsos. Ergueu também as mãos e enganchou os polegares no cinto.

-Pois é só isto. E amanhã de manhã, não quero ver ninguém aqui.

* empreiteiro entrou no "Chevrolet".

* delegado virou-se para Floyd: -Vamos, subavocê agora! -Estendeu a-larga mão, agarrando o braço esquerdo de Floyd.

Com um movimento único, Floyd deu uma volta e a sua mão vibrou o golpe. O punho atingiu em cheio o rosto largo do delegado e, no mesmo instante, Floyd fugiu correndo, esquivando-se por detrás das tendas. O delegado cambaleou e Tom passou-lhe uma rasteira. O delegado caiu pesadamente no chão, rolando sobre si mesmo. Depois, apanhou o revólver. De instante a instante, a figura de Floyd aparecia entre os espaços das tendas. Mesmo deitado no chão, o delegado disparou a arma. Em frente de uma das tendas, uma mulher deu um grito e pôs-se a olhar para a mão, que ficara sem articulações. Os dedos pendiam, seguros pelos tendões de encontro à palma, e a carne dilacerada ficara branca e exangue. Ao longe, Floyd tornou a aparecer, procurando embrenhar-se nos salgueiros. O delegado, ainda no chão, tornou a levantar a arma, e, nesse momento, Casy saiu de repente de entre o grupo de homens. Deu um pontapé na nuca do delegado e afastou-se, ao mesmo tempo que o homem, pesadão, tombava sem sentidos.

O motor do "Chevrolet" roncou forte e o carro saltou, atirando violen-

tamente uma nuvem de poeira. Galgou a estrada e desapareceu. A mulher, diante da tenda, ainda contemplava a mão dilacerada. Pequenas gotas de sangue começavam a porejar do ferimento. E um riso histérico desabrochou-lhe na garganta, um riso uivado, que subia de tom a cada arfar do peito.

27,5

O delegado estava caído de lado, com a boca aberta, em

contacto com a poeira.

Tom apanhou o revólver, retirando-lhe o tambor, que arremessou para o meio dos arbustos. Tirou para fora o projectil que estava no cano da arma.

-Um tipo como este não devia ter o direito de usar armas -disse. E atirou com 3. arma ao chão.

Um grupo havia-se reunido em torno da mulher que tinha a mão ferida. O seu riso histérico crescia de intensidade, transformando-se em verdadeiros gritos.

Casy aproximou-se de Tôm. -Você tem de fugir-disse ele.-Esconda-se naquele salgueiral e espere. Ele não me viu dar-lhe o pontapé, mas viu-o a você pregar-lhe a rasteira.

-Não quero fugir-redarguiu Tom. Casy aproximou a cabeça da dele e cochichou: -Olhe, Tom. Eles vão tirar-lhe as inpressões digitais. Você quebrou a liberdade condicional. Eles mandam-no de novo para a cadeia. _ Deus do céu! Até me esqueci disso-fez Tom, suspirando.

-Então vá depressa-disse Casy-antes que o homem recupere os sentidos.

-Gostava de ficar com este revólver. -Não, deixe-o. Quando as coisas acalmarem, volte. Eu aviso-o, dando quatro assobios fortes.

Tom foi-se afastando vagarosamente, para não despertar suspeitas. Mas, quando já se encontrava longe do grupo, acelerou o passo, sumindo-se no salgueiral da margem do rio.

AI pôs um pé sobre o corpo do delegado. -Jesus! Isso é que foi dar-lhe! Os homens do grupo continuavam a olhar o outro sem sentidos. Nesse instante, ouviu-se uma sereia a grande distância, em escala crescente; calou-se, silvou novamente, desta vez mais perto. Os homens ficaram logo nervosos. Agitavam os pés. E debandaram, indo cada um para a sua tenda. Apenas AI e o pregador permaneceram no local.

Casy voltou-se para AI: -Vamos, fuge também. Vai para a tua tenda. Tu não sabes de nada.@

-E o senhor? Casy sorriu. -Alguém tem de tomar a responsabilidade. Eu não tenho filhos. O mais que me pode acontecer é eles pregarem comigo na cadeia. Talvez lá se este a melhor do que aqui fora.

-Mas eles não têm razão para fazer isso-afirmou AI.

- Some-te! - replicou Casy conivência. - Não te metas nisto!

276

AI resistiu: -Eu não recebo ordens suas. Casy respondeu com suavidade:

-Olha, rapaz, se tu te metes nesta história, não és só tu quem vai sofrer; vais apoquentar a família toda. Para ti não tem importância, mas quem vai sofrer é o teu pai e a tua mãe. E também pode ser que mandem o Tom para McAlester outra vez.

AI hesitou: -Está bem-disse por fim-mas não posso deixar de dizer que o senhor não passa de um louco varrido.

-E p@rque não?-perguntou Casy. A sereia silvava constantemente e estava cada vez mais próxima. Casy pôs-se de joelhos e virou o corpo do delegado.

O homem gemia e mexia as pálpebras, procurando abrir os olhos. Casy limpou a poeira que lhe cobria os lábios. Todas as famílias estavam agora dentro das respectivas tendas, com as entradas bem fechadas. O poente tingia a atmosfera de vermelho e emprestava um tom de bronze à lona das tendas.

Pneus chiaram na estrada e um carro aberto penetrou rapidamente no acampamento. Quatro homens, armados de carabinas, saltaram para fora do carro. Casy ergueu-se e foi ao encontro deles.

-Que diabo aconteceu aqui? -Nada, tive de ensinar esse tipo aí-explicou Casy. Um dos recém-chegados foi ao encontro do delegado, que já voltara a si e tentava com dificuldade sentar-se.

-Como foi isso? -Foi simples-disse Casy.-O homem armou em valentão e eu tive de lhe dar para baixo! Então ele deu um tiro e feriu uma mulher que estava lá em baixo. E eu atirei-me de novo a ele.

-Então que é que você fez primeiro?

- Respondi-lhe -volveu Casy. -Suba para o carro. -Pois não-disse Casy, entrando no automóvel e sentando-se no assento traseiro.

Dois dos homens ajudaram o delegado a pôr-se de pé.

O homem apalpava a nuca cautelosamente. Casy continuou:

-Ali em baixo há uma mulher que pode morrer com uma hemorragia. Apanhou um tiro na mão.

-Bom, depois vamos ver isso. Mike, foi este o tipo que o agrediu ?

O homem, ainda entontecido, olhou, com olhos perturbados, para Casy.

-Não, parece-me que não foi este. -Fui eu, sim senhor, garanto que fui eu-afirmou Casy. Desta vez, deu com o seu menino.

Mike sacudiu vagarosamente a cabeça.

277

-Não, não me parece que tenha sido você. Livra! Estou a sentir-me mal.

Casy disse: -Estou pronto a ir com vocês. Não quero mais complicações. O que eu acho é que vocês devem ir ver essa mulher que foi ferida.

-Onde está ela? -Ali, naquela tenda... ali adiInte.

O chefe dos delegados dirigiu-se para a tenda, com a carabina na mão. Gritou qualquer coisa através da lona e entrou. Um momento depois, tornou a sair e voltou para junto dos companheiros. E disse, com certo orgulho na voz:

-Meu Deus! O que uma bala de 45 pode fazer! já puseram um torniquete à mulher. Depois a gente manda cá o médico.

Ao lado de Casy sentaram-se dois polícias. O chefe tocou a sereia. No acampamento não havia a menor manifestação de vida. Todas as tendas se mantinham fechadas e todos permaneciam dentro delas. O motorista pôs o motor a trabalhar; o carro começou a rodar e descreveu uma curva, deixando o acampamento. Entre os gwrdas, Casy sentava-se orgulhoso. Tinha a cabeça erguida e os músculos do pescoço salientes. Nos lábios, bailava-lhe um leve sorriso e no seu rosto havia uma curiosa expressão de triunfo.

Depois da retirada dos polícias, aquela gente começou a sair das tendas. O Sol já declinara por completo e a branda luz azul da tardinha pairava sobre o acampamento. As montanhas, a leste, mostravam-se ainda aloiradas pelos últimos raios solares. As mulheres tornaram a acocorar-se junto das fogueiras, que se haviam apagado. E os homens voltaram a formar grupos e, acocorados, palestravam em voz baixa.

Quase arrastando-se para fora das tendas dos Joads, AI dirigiu-se ao salgueiral e assobiou, chamando por Tom. A mãe saiu e começou a juntar galhos secos para fazer uma pequena fogueira.

-Pai-disse ela-a comida não vai ser muita. Comemos tão tarde!

O pai e o tio John ficaram-se a ver a mãe descascar as batatas, cortá-las e deitá-las cruas numa frigideira cheia de banha.

-Para que é que esse pregador do diabo se lembrou de fazer aquilo? - perguntou o pai.

Ruthie e Winfield aproximaram-se de gatas, para ouvir a conversa.

O tio John traçava, com um prego comprido e enferrujado, sulcos profundos na terra.

-Ele sabia muito a respeito de pecados. Um dia perguntei-lhe e ele explicou-me. Mas não sei se ele tem razão o. Disse-me que um sujeito só peca quando pensa que está a pecar.-Os olhos

278

do tio John mostravam cansaço e tristeza. -Eu fui toda a minha vida um homem cheio de segredos -disse -fiz coisas de que nunca falei.

A mãe, ao pé da fogueira, virou-se para ele: -Não contes nada à gente, John--disse ela--conta tudo ao bom Deus. Não sobrecarregues os outros com os teus pecados. Não é bonito.

-Mas esses pecados mortificam-me -confessou John.

- Acredito, mas não contes nada à gente. Vai até ao rio, mete a cabeça na água e conta à água os teus pecados.

Enquanto a mãe falava, o pai acenava lentamente com a cabeça.

-Ela tem razão-disse.-É um alívio podermos falar quando temos de dizer alguma coisa, mas não convém fazê-lo porque apenas espalhamos os nossos pecados.

O tio John olhava as montanhas douradas pelo sol e as montanhas reflectiam-se-lhe nos olhos.

-Eu bem quero enterrá-los cá no fundo-disse.-Mas não consigo. E isso vive a roer-me cá por dentro.

Por detrás dele, Rosa de Sharon surgiu cambaleante à porta da tenda.

-Onde está o Connie? -perguntou em tom irritado.-Há que tempos que o não vejo. Onde foi ele?

-Eu não o vi-respondeu a mãe.-Se o encontrar, digo-lhe que venha ter contigo.

-Não me sinto bem-disse Rosa de Sharon.-O Connie não me devia deixar sózinha.

A mãe olhou o rosto inchado da filha. _ Estiveste a chorar, não foi? As lágrimas brotaram de novo nos olhos de Rosa de Sharon. A mãe prosseguiu com voz firme: -Tens de te conter. Todos nós estamos contigo. Vem daí e ajuda-me a descascar umas batatas. Preocupas-te apenas contigo.

A rapariga quis voltar para a tenda, esforçando-se por fugir aos olhares severos da mãe, mas estes obrigaram-na a dirigir-se lentamente para junto da fogueira.

-Ele não devia deixar-me-lastimou-se, mas as lágrimas já lhe não brotavam dos olhos.

-O que deves é trabalhar-disse a mãe.-Estás sempre na tenda, e, por isso, só vives a pensar em ti. Eu nunca pude tomar conta de ti. Vou fazê-lo agora. Pega nessa faca e trata de descascar essas batatas.

A rapariga obedeceu, pondo-,ze de joelhos. -Deixe-o voltar-disse furiosa-e ele vai ver! A mãe sorriu calmamente. -Ele qualquer dia é bem de te dar uma sova. E a

279

culpa é tua. Só vives a chorar e a armar em mimalha! Eu até lhe agradecia se ele te desse uma ensinadela.

Os olhos da rapariga luziam de indignação mas permaneceu calada.

O tio John enterrou mais profundamente o prego ferrugento no chão, com o auxílio do dedo polegar.

-Preciso de contar uma coisa-disse ele.

O pai desabafou: -Então, conta, que diabo! Quem foi que mataste?

O tio John enfiou o polegar na algibeira das calças, tirou de lá uma nota de banco suja e amarrotada.

-Cinco dólares-disse, exibindo a nota.

-Roubaste-a? -inquiriu o pai. -Não, é dinheiro meu. Tenho estado a guardá-lo. -E teu, não é assim? -É meu, sim, mas eu não tinha o direito de o guardar só para mim.

-O que é que tem isso?-perguntou a mãe.-Não vejo nisso pecado nenhum: o dinheiro é teu.

O tio John disse lentamente: --Não é só o facto de o ter guardado só para mim. Guardava-o para tomar uma pinga. Sabia que não tardaria a

altura em que eu tinha de tomar uma pinga. Quando me começo a chatear, já sabem: tenho de apanhar uma bebedeira pela certa. Pensei que esse dia ainda vinha longe, mas agora... o pregador entregou-se à polícia para salvar o Tom.

O pai acenava com a cabeça, pondo a mão aberta atrás das orelhas para ouvir melhor. Ruthie avançou como um cachorrinho, ariastando-se sobre os cotovelos e Winfield seguiu-a. Rosa de Sharon tirou com a ponta da faca um grande olho de batata. A noite aprofundava-se, tornatido-se de um azul mais carregado.

A mãe disse positiva: -Não vejo porque te havias tu de embebedar lá porque o pregador salvou o Tom.

John respondeu tristemente: -Não sei bem o motivo. Mas sinto-me muito acabrunhado. Foi só avançar e dizer: "Fui eu." E os guardas levaram-no. E agora não tenho remédio senão embebedar-me.

O pai continuava meneando a cabeça. -Mas porque é que tu vens contar isso à gente? Eu, no teu caso ia beber, se não visse outro remédio.

-Tinha chegado o momento de eu poder fazer uma coisa fornicária,,,el para me livrar do grande pecado da minha alma disse o tio John com tristeza. E deixei fugir a ocasião! Não a agarrei pelos cabelos. E pronto! Agora, foi-se! Escuta:--disse -dá-nie dois dólares.

280

O pai, relutante, meteu a mão no bolso e tirou urna carteira de couro.

-Mas tu não precisas de sete dólares para te embebedares. Com certeza que não vais tomar champanhe, pois não?

O tio John estendeu-lhe a nota. ---Fica com isso e dá-me dois dólares. Dois dólares chegarri b(,rn para eu me embebedar. Não quero ter também o pecado de @@àstar muito dinheiro. Só gasto aquilo que tiver no bolso. Scj,,lp@,, assim fui.

O pai pegou na nota suja e deu ao tio John dois dólares cni rnoedas de prata.

-Pega-disse-a gente faz sempre o que acha que deve fazer. Ninguém tem autoridade para te dar conselhos.

O tio John pegou nas moedas. -Mas tu não me vais ficar com raiva, pois não? Sabes que tenho de fazer isto.

-Não, santo nome de Cristo! -respondeu o pai.-Tu lá sabes o que fazes.

-Era incapaz de me aguentar esta noite de outra maneira
- disse ele. Dirigiu-se à mãe: - E tu ? Vais querer-me mal por isso ?

A mãe levantou os olhos. -Não-disse ela brandamente -não, acho que tu deves ir.

O tio John ergueu-se e foi andando com ar desamparado pela noite fora. Alcançou a estrada e atravessou-a em direcção à venda. À entrada do guarda-vento, tirou o chapéu, atirou-o ao chão e pisou-o com o calcanhar, como se se estivesse castigando a si mesmo. E o chapéu preto ali ficou abandonado, sujo e cheio de amolgões. Entrou na venda e dirigiu-se para as prateleiras onde se encontravam as garrafas de whisky, a- brigadas por urna tela de arame.

O pai, a mãe e as crianças tinham observado o tio John afastar-se. Rosa de Sharon cravou os olhos nas batatas, com ressentimento.

-Coitado do John! -disse a mãe. -Adiantaria alguma coisa se eu... não, acho que não adiantava. Nunca vi um homem tão apoquentado.

Ruthie voltou-se de lado na terra. Aproximou a cabeça da de Winfield e puxou-lhe a orelha, de modo a ficar-lhe à altura da boca.

-Tenho que tomar uma pinga - cochichou. Winfield fungou de riso, apertando os lábios. As duas crianças afastaram-se sempre de gatas, retendo a respiração e com os rostos vermelhos do esforço de conterem o riso. Foram-se arrastando, a contornar a tenda. Ergueram-se num pulo e foram correndo, a gritar. Enfiaram-se no salgueiral, e, uma vez escondidos, estoiraram em gargalhadas irreprimíveis. Ruthie revirou os olhos

281

e cambaleava, com os braços e as pernas frouxos, tropeçando comicamente, com a língua pendente da boca.

-Estou bêbeda-disse. -Olha-gritou Winfield. -Olha para mim! Eu... eu sou o tio John.-Deixou pender os braços e pôs-se a trepar e a bufar, dando voltas e voltas até entontecer.

-Não-disse Ruthie-não é assim. É assim, queres ver? Eu sou o tio John e estou bêbeda como o diabo.

AI e Tom caminhavam calmamente pelo salgueiral, encontrando-se com as crianças, que cambaleavam como doidas. A escuridão agora começava a adensar-se. Tom estacou, fazendo um esforço para enxergar.

-São a Ruthie e o Winfield, não são? Que diabo estão eles a fazer?

Foram-se aproximando. -Vocês estão malucos? -perguntou Tom. As crianças imobilizaram-se, embaraçadas.

- Nós... nós estávamos a brincar -respondeu Ruthie. -Mas que brincadeira tão parva!-disse AI. Ruthie retorquiu descaradamente: -É tão parva corno qualquer outra. AI continuou a andar, dizendo a Tom: -A Ruthie anda mesmo a pedir um pontapé no rabo. Anda mesmo a fazer por isso. Agora vinha mesmo a calhar.

Ruthie, atrás dele, fez uma careta, escancarando a boca com o auxílio dos dedos indicadores; deitou-lhe a língua de fora; insultou-o por todos os modos ao seu alcance. Mas AI nem sequer se voltou. Ruthie voltou para junto de Winfield, para recomeçarem a brincadeira, mas a coisa já estava estragada. Ambos sentiram isso.

-Vamos até ao rio dar um mergulho -sugeriu Winfield. Foram os dois andando pelo salgueiral, irritadíssimos contra
* irmão.

AI e Tom dirigiram-se lentamente para a tenda. Tom disse: -O Casv não devia ter feito aquilo. Eu devia ter adivinhado
* que ele ia fazer. já outro dia se tinha queixado de não poder fazer nada pela gente. O Casy é um tipo muito engraçado, AI, anda sempre a cismar.

-Pois se é pregador!-disse AI.-Os pregadores têm sempre coisas na ca-

beça.

-Aonde te parece que tenha ido o Cormic? -Deve ter ido aliviar a barriga... -Livra! Nesse caso foi para bem longe, pois está-se a demorar como o diabo!

Chegaram ao aglomerado de tendas, mantendo-se colados às paredes de lona. junto à tenda de Floyd, ouviram chamar e

2 0'2

pararam. Aproximaram-se da entrada da tenda e acocoraram-se. Floyd ergueu um pouco a lona.

-Vocês vão-se embora daqui? -Não sei-disse Tom.-Você acha melhor? Floyd riu com azedume: -Não ouviu o que o polícia disse? Se a gente não abalar, deitam fogo a todo o acampamento. Se voce pensa que esse delegado aguenta uma coisa daquelas sem mais nem menos e não vai tratar de se vingar, é porque não está bom da cabeça. Garanto que essa gente volta hoje mesmo à noite, para queimar tudo.

-Então é melhor a gente tratar de fugir-concordou Tom. -Para aonde vai você?

-Eu vou para o norte, já lhe disse. -Escute. Um tipo disse-me que havia aqui perto um acampamento do governo. Você, por acaso não sabe onde ele fica? -perguntou AI.

-Ora! Aquilo deve estar completamente cheio. -@im, mas onde é que fica? -E descer pela 99 umas doze a catorze milhas para o sul e depois virar a leste, em direcção a Weedpatch. Fica lá perto. Mas aquilo deve estar à cunha.

-O sujeito disse-me que aquilo lá é bonito a valer-disse AI. -E com certeza. Dizem que as pessoas lá são tratadas como gente e não como cães. E polícias é coisa que lá não há. Mas está cheio...

-O que eu não sou capaz de compreender é porque é que aquele polícia armou em teso. Parece que queria à viva força armar uma zaragata. O que ele queria era aquilo-disse Tom.

-Não sei como é a coisa por aqui, mas no Norte conheci um polícia que era uma excelente criatura -afirmou Floyd. -Ele contou-me que na zona dele, os polícias têm de caçar gente para meter no xadrez. O sheriff ganha setenta. e cinco por dia por cada preso que meter na cadeia e só gasta vinte e cinco para lhe dar de comer. Não tendo presos, deixa de ganhar dinheiro.

O tal polícia disse-me que passou uma semana sem prender ninguém, e então o sheriff disse-lhe que tratasse de arranjar presos ou então que entregasse o emblema. Também esse gajo que esteve aqui parecia disposto a prender gente de qualquer maneira.

-Bom, então é melhor a gente ir-se embora daqui-disse Tom.-Até logo, Floyd!

-Até logo, Tom! A gente ainda se encontra, Pelo menos, faço votos por isso.

-Bem, adeus!-disse AI. Atravessaram o acampamento mergulhado nas trevas e foram andando em direcção à tenda dos Joads.

O azeite crepitava, espirrando na frigideira cheia de batatas.

283

A mãe mexia as rodelas grossas de batata com uma colher. O pai estava sentado ao lado dela, cingindo os joelhos. Rosa de Sharon encontrava-se no interior da tenda.

-E o Tom!-gritou a mãe.-Graças a Deus! -A gente tem de se ir embora daqui-disse Tom. -Que é que há de novo? -O Floyd disse que os polícias vão queimar o acampamento hoje mesmo, de noite.

-Mas porquê? Porquê, raios? -perguntou o pai.-A gente não fez nada!

-Ai, nada! Quase que matámos um polícia!

- Mas a culpa não é de todos. -Pelo que o polícia disse, vamos ser todos escorraçados daqui.

Rosa de Sharon perguntou: -Viste o Connie? -Vi, sim-respondeu Al-Ia a caminho do rio para os lados do sul.

- Ele... ia-se embora? -Não sei. A mãe dirigiu-se à rapariga: - Rosasharn, tu estás muito esquisita. Que foi que o Connie te disse ?

-Ele disse que era melhor ter ficado em casa, a estudar tractores.

Todos se quedaram m. caiados. Rosa de Sharon olhava para a fogueira e os seus olhos cintilavam à luz das chamas. As batatas assobiavam alto na frigideira. A rapariga fungou e limpou o nariz com as costas da mão.

-O Connie não valia nada-disse o pai.-Já tinha notado isso. Só tinha garganta.

Rosa de Sharon ergueu-se e meteu-se na tenda. Deitou-se em cima do colchão, virou-se sobre o ventre e enterrou a cabeça nos braços cruzados.

-Acho que não vale a pena a gente ir buscá-lo-disse Al.

O pai respondeu: -Para quê? Ele não presta para nada... Para que é que a gente precisa dele?

A mãe olhou para a tenda, em cujo interior Rosa de Sharon estava deitada no colchão e avisou:

-Pschiu! Não digam isso! -Porque não? Se ele não prestava... -insistiu o pai.-Era um desses homens que vivem a falar no que vão fazer. E nunca fazem nada. Enquanto ele estava com a gente, eu não dizia nada, mas, agora que ele se foi...

-Chiu!-fez a mãe com brandura.

284

-Chiu porquê, santo Deus?! Porque é que me hei-de calar. Ele pôs-se a mexer, ou não ?

A mãe mexeu as batatas com a colher, e o azeite fervente espirrou. Pôs mais lenha na fogueira e as labaredas vivas ergueram-se, iluminando a tenda; depois disse:

-Mas a Rosasharn. vai ter uma criança e a metade dessa criança é do Connie. Não faz bem a uma criança criar-se no meio de gente que diz que o pai não servia para nada.

-Talvez seja melhor mentir, não?-perguntou o pai. -Isso também não - interrompeu a mãe. -Vamos fazer de conta que ele morreu. Tu não dirias mal dele se ele tivesse morrido, pois não?

Tom interveio: -Eh lá, que é que vocês estão a dizer? A gente ainda não sabe se o Connie se foi embora. Não podemos perder tempo a conversar. Vamos tratar de comer e sair daqui para fora.

- Vamo-nos embora? Mas chegámos agora mesmo... -A mãe olhou-o na escuridão levemente atenuada pela luz avermelhada das chamas.

Tom explicou com paciência: -Vão lançar fogo ao acampamento esta noite, mãe. A senhora sabe que eu não sou daqueles que olham para essas coisas de braços cruzados, e o pai e o tiojohn também não. Pegávamos à pancada, e eu não posso arriscar-me a ser de novo preso. Hoje ia acontecendo isso mesmo, se o pregador se não tivesse metido no caso.

A mãe continuava a mexer as batatas que fritava no azeite quente. Por fim, decidiu-se:

-Bom, então vamos. Vamos comer depressa e partir.-E foi distribuindo os pratos de estanho.

-E o john?-perguntou o pai. -Onde está o tio john?-repetiu Tom. O pai e a mãe mantiveram-se calados um momento. -Foi apanhar uma bebida-disse o pai. -Deus do céu!-exclamou Tom.-Escolheu uma bonita hora! Aonde é que ele foi?

-Não sei-respondeu o pai. Tom levantou-se. -Ouçam -disse. -Comam todos e vão pondo as coisas no can-úão. Eu vou procurar o tio Jolin. Deve estar naquela taberna do outro lado da estrada.

Tom saiu à pressa. Diante de quase todas as tendas e barracas ardiavam pequenas fogueiras e o brilho das chamas projectava-se .e no rosto dos homens e das mulheres esfarrapados, e nas crianças acoradas. Nalgumas tendas, a claridade de uma lâmpada de querosene brilhava através da lona, agigantando a sombra das pessoas na tela.

285

Tom galgou o atalho poeirento e atravessou a estrada em direcção à tabernica. Parou à entrada do guarda-vento, lançando um olhar para o interior. O dono da loja, um homenzinho encanecido, de bigodes em desalinho e olhos aguados, apoiava-se ao balcão, lendo o jornal. Os seus braços magros estavam nus. Usava um comprido avental branco. Atrás dele e à sua volta havia latas de conserva armadas em montes, pirâmides e muralhas. À entrada de Tom, o homem cerrou os olhos, como se estivesse fazendo a pontaria com urna espingarda.

-Boa noite -perguntou -perdeu alguma coisa? -Perdi o meu tio-disse Tom.-Ou então foi ele que se perdeu, ou coisa semelhante.

O homem grisalho esboçou uma expressão em que havia simultaneamente surpresa e aborrecimento. Levou delicadamente um dedo à ponta do nariz e ficou-se a esfregá-lo e a coçá-lo.

-Vocês andam sempre a perder a família -disse. -Mais de dez vezes ao

dia, entra aqui um tipo a dizer: "Se o senhor vir um homem que se chama assim ou assado, e que tem uma cara assim qu assado, faça o favor de lhe dizer que a gente foi para o Norte." E isto constantemente.

Tom riu. -Muito bem, se o senhor vir um ranhoso de um rapaz chamado Connie um pouco parecido com um coiote, diga-lhe que vá para o inferno e que a gente já foi para o Sul. Mas eu não ando à procura desse tipo. Procuo um sujeito aí de uns sessenta anos, de calças pretas, já com cabelos brancos. Ele não esteve aqui a comprar whisky?

Os olhos do dono da taberna brilharam. -Ali... já sei! Esteve aqui, sim, senhor. Nunca vi uma coisa assim! Antes de entrar na venda, atirou o chapéu ao chão e pisou-o à doida. Tenho aqui o chapéu. Guardei-o.-E tirou o chapéu sujo e amarrotado da parte inferior do balcão.

Tom pegou no chapéu. -É o dele, é. Obrigado. -Ele comprou duas garrafinhas de whisky e não disse coisa nenhuma. Tirou a rolha e meteu o gargalo na boca. Mas agora a lei não permite que se beba nas vendas. Por isso, eu disse-lhe: "Olhe que é proibido beber aqui dentro. Tem de ir beber lá para fora." Pois sim, senhor! Saiu e ia jurar que esvaziou as garrafas em quatro goladas. Só o vi atirar fora as garrafas vazias e encostar-se à porta. Os olhos dele já estavam bem carregados. Ele disse-me: "Muito obrigado." E foi-se embora. Nunca na minha vida vi um homem beber daquela maneira.

-Foi-se embora? E para que lado? Tenho de o encontrar. -Olhe, por acaso, sei para onde foi. Nunca vi um tipo beber daquela maneira e, por isso, estive sempre de olhos pregados

286

nele. Foi para os lados do Norte. Os faróis de um carro iluminaram-no a certa altura e ele desceu para a valeta. As pernas dele parecia que já se não aguentavam lá muito bem. Não deve estar longe, não, senhor-da maneira como ele ia...

-Bem, muito obrigado. Vou ver se o encontro-disse Tom. -Então não quer levar o chapéu dele? -Quero, quero! Vai precisar dele. Bem, muito obrigado, sim? -Que é que ele tem?-perguntou o homem grisalho.-Pareceu-me que não estava a gostar lá muito da bebida. Palavra que não.

-Não é nada. Ele é assim mesmo, meio esquisito. Bem, boa noite. E, se o senhor vir aquele patife do Con nie, pode dizer-lhe que a gente foi para o Sul.

-Isso é difícil. já tenho tantos recados na cabeça, que quase me não lembro de nenhum.

-Bom, então não se rale-replicou Tom. E passou o guarda-vento, levando o chapéu preto do tio Jolin, todo sujo e amarrotado.

Atravessou a estrada e foi caminhando pela berma. A seus pés estendia-se Hooverville, com as pequenas fogueiras luzindo na escuridão e as lanternas brilhando através das tendas. Vinham, não se sabia de onde, os sons de uma viola em lentos acordes, lentos, sem sequência, como se alguém estivesse a praticar. Tom parou um instante a escutar; depois prosseguiu vagarosamente o seu caminho à beira da estrada, e, de vez em quando, tornava a parar, pondo-se à escuta. Andara cerca de um quarto de milha quando ouviu, por fim, aquele que procurava. De sob um talude, vinha o som de uma voz desafinada e grossa. Tom inclinou a cabeça para a frente, tentando ouvir melhor.

E a voz monótona cantava: "Dei o meu coração a Jesus; agora Jesus leva-me consigo. Dei a minha alma a Jesus; agora Jesus é o meu lar".-O cântico degenerou num murmúrio e extinguiu-se por completo. Tom desceu o talude a correr, em direcção aos sons. Daí a pouco parava a escutar. Os sons ouviam-se mais próximo e, no mesmo cântico lento e sem harmonia: "Oh, na noite em que Maggie morreu, ela chamou-me e deu-me as suas calças, as calças velhas, de flanela vermelha que ela sempre usara. As calças estavam poídas nos joelhos ... "

Tom avançou cautelosamente. Divisou um vulto negro sentado no chão, e, aproximando-se, sentou-se ao lado dele. O tio John ergueu a garrafa e o líquido borbulhou no gargalo.

Tom disse com calma: -Eh, espere aí. E para mim, não há nada?
O tio John virou a cabeça: -Quem és tu? -Então não querem lá ver que o senhor já se esqueceu de mim? O senhor já tomou quatro goles e eu só um.

287

-Não, Tom, não brinques comigo. Eu estou aqui sózinho. Tu nunca aqui estiveste.

-Bom, mas agora estou, garanto-lhe. O senhor não me quer dar uma pinguinha?

O tio John tornou a erguer a cabeça e o wInsky borbulhou. Abanou depois a garrafa vazia.

-Acabou-se -disse. -Era bem bom que eu morresse awra. Ter uma morte terrível ou, pelo menos, niorrer uni bocad.;iiho. Tem de ser! Sinto-me tão cansado! Muito cansado. Q2icia sabe? Se eu pudesse não acordar mais, nunca mais!-A voz dele maritinha a mesma entoação monótona.--Vou usar uiria coroa, uma coroa de ouro autêntica.

Tom prosseguiu: -Tio Jolin, escute. A gente agora tem de partir. O senhor vem comigo e depois pode dormir à vontade, lá em cima do carnião.

John sacudiu a cabeça. -Não, vai tu sózinho. Eu não saio daqui. Não vou, Terilio de ficar aqui. Não vale a pena ir. Não sou útil a ninguém. a arrastar-me com os meus pecados no meio de gente decc!i:(-. Não, não vou.

-Vamos, tio Jolin. A gente não pode ir sem o senhor. -Vai tu só. Deixa-me. Eu não presto, não presto para nada, ouviste? Vivo a sujar toda a gente com os meus pecados.

-O senhor não é mais pecador do que qualquer outro. John aproximou a cabeça da de Tom e piscou um olho com gravidade. Tom via-lhe os traços fisiónómicos à luz das estrelas.

-Ninguém sabe dos meus pecados, ninguém: só Deus. Ele é que sabe.

Tom pôs-se de joelhos. Colocou a palma da mão na testa do tio Jolin, que ardia e estava seca. O tio John afastou a mão do sobrinho desajeitadamente. -Então, vamos-suplicou Tom.-Venha, tio Jolin.

-Não vou, pronto, já disse. Estou cansado. Vou ficar aqui mesmo. Aqui mesmo, pois então?

Tom encontrava-se muito próximo dele. Encostou o punho ao queixo do tio Jolin. Traçou no ar duas pequenas voltas, calculando a distância, e afastou o braço do ombro. O golpe foi desferido com esmerada perfeição. O maxilar do tio John fechou-se com um estalido seco, e ele caiu de costas, tentando ainda erguer-se. Mas Tom já se ajoelhava sobre o corpo do tio, e, quando ele conseguiu firmar-se num dos cotovelos, vibrou-lhe novo golpe..

O velho caiu e ficou imóvel.

Tom levantou-se e, debruçando-se, ergueu o corpo frouxo e vacilante do tio John e pô-lo ao ombro. Cambaleou um pouco sob aquele peso morto. As mãos caídas do tio John batiam-lhe nas costas, enquanto subia arquejante para a estrada. Um carro

288

passou por ele e os faróis lançaram uma luz brilhante, mostrando-o com o homem baloiçando-lhe às costas. O carro diminuiu por um instante a marcha; 'depois, retomou andamento com um rugido do motor.

Tom ofegava ao chegar a Hooverville, depois da marcha pela estrada até ao caminhão dos Joads. John voltava a si, agitando-se fracamente. Tom d(,pô-lo cuidadosamente no chão.

O acampamento havia sido levantado durante a sua ausência. AI passava as trouxas para o caminhão. A lona estava pronta para ser estirada por cima da carga.

-Que bebedeira desgraçada! -exclamou AI. Tom desculpou-o: -Coitado! Tive de lhe dar um soco e derrubá-lo, senão, não vinha comigo.

-Não o feriste, hein?-perguntou a mãe. -Acho que não. Ele está a vir a si.

O tio John jazia no chão. Parecia muito fraco e doente. Vômitos sacudiam-lhe o corpo frequentemente.

-Guardei um prato de batatas para ti, Tom-disse a mãe. Tom soltou uma curta risada. -Palavra que não tenho vontade nenhuma de comer.

O pai gritou: -Está tudo pronto. AI, amarra a lona!

O caminhão estava carregado e pronto a partir. O tio John havia adormecido. Tom e AI içaram-no para cima da carga, enquanto Winfield, nas traseiras, imitava os gestos do tio John quando vomitava e Ruthie tapava a boca com a mão, para não desatar às gargalhadas.

-Pronto! -repetiu o pai. Tom perguntou: -Onde está a Rosasharn? -Está aí-respondeu a mãe.-Rosasharn, vem cá. Vamo-nos embora.

A rapariga estava sentada no chão, completamente imóvel. Tinha o queixo caído sobre o peito. Tom dirigiu-se a ela.

-Anda -disse-lhe. -Não vou!-respondeu ela, sem sequer erguer a cabeça.

- Tens de vir. -Quero o Connie. Só saio daqui com ele. Três carros deixavam o acampamento, subindo para a estrada: carros velhos, carregados de objectos para acampar e de gente. Arrastaram-se pelo barranco acima e afastaram-se, perfurando a escuridão com os faróis.

-O Connie há-de encontrar-nos depois-disse Tom.-Deixei na venda um recado para ele. Mande-lhe dizer para onde vamos. Ele há-de dar connosco depois.

A mãe também se aproximou, ficando ao lado de Tom. -Anda, Rosasliarn, anda, querida--disse ela com ternura. -Quero esperar pelo Comile. -Não podemos esperar por ninguém. A mãe inclíiiiou-se, cingiu a filha com os braços e ajudou-a a levantar-se.

-Ele depois vai ter com a gente-disse Tom.-Não te preocupes. Ele vai ter com a gente.

Foram caminhando ao lado de Rosa de Sharon. -Pode ser que ele tenha ido comprar os livros para estudar exclamou a rapariga. - Talvez ele quisesse fazer-nos uma ,surpresa.

A mãe respolideu-lhe: -Sim, pode ter sido isso. Conduziram-na até ao caminhão e ajudaram-na a subir. A rapariga meteu-se debaixo da lona e desapareceu na toca de sombra.

O homem de barbas, que morava na barraca de tecto de ervagem, aproximou-se, postando-se timidamente ao lado do camião. Parou, numa atitude de expectativa, com as mãos atrás das costas.

-Vocês não deixam aqui nada que preste? -inquiriu finalmente.

-Que eu saiba, não. A gente não tem nada que deixardisse o pai.

-Você não se vai embora também? -perguntou Tom.

O barbudo encarou-o durante algum tempo. -Não-disse por fim. -Mas vão lancar fogo ao acampamento. Os olhos inquietos fixaram-se no chão. -Eu sei. Eles já têm feito isso muitas vezes. -Mas então por que diabo não se vai embora? Os olhos desvairados ergueram-se por um instante, para se tornarem a baixar, e a luz moribunda das chamas reflectia-se muito vermelha.

-Sei lá! Levamos tanto tempo a arrumar as coisas! -Se eles queimarem tudo, vocês ficam sem nada. -Eu sei. Vocês não deixam nada que preste? -Não, a gente já fez a limpeza; levamos tudo-disse o pai. E o homem afastou-se com passos hesitantes.-Que é que ele tem? -perguntou o pai.

-A culpa é da polícia -respondeu Tom.-Disseram-me que tem a marua da perseguição. Deve ter apanhado muita pancada na cabeça.

Outra caravana deixava o acampamento, galgando o barranco e rodando estrada fora.

290

-Vamos, pai, vamo-nos embora-disse Tom.-O senhor, eu e o AI vamos sentados na frente. A mãe pode ir em cima da carga. Não, mãe, a senhora vai no nicio.-Tom meteu a mão no assento e retirou uma grande chave inglesa.-AI, tu vais sentar-te lá atrás. Toma, pega nisto. Se alguém quiser saltar para o camião, dás-lhe com isso na cabeça.

AI pegou na chave e trepou para o carro. Sentou-se com as pernas cruzadas, segurando na mão a chave inglesa. Tom tirou de baixo do assento o macaco e colocou-o no chão, ao lado do pedal do travão.

-Pronto! -disse. -Mãe, agora suba e sente-se aí no meio. -E eu não fico com coisa nenhuma? -perguntou o pai. -O senhor pode pegar no macaco-disse Tom.-Mas queira Deus que a gente não precise dele.

Premiu o arranque e o calhambeque barulhento começou a trabalhar. O motor pegou, esmoreceu e tornou a pegar. Tom acendeu as luzes do cami-

ão e deixou o acampamento em primeira. As luzes embaciadas apontavam nervosamente a estrada. Subiram para a faixa de cimento e foram rodando em direção ao sul. Tom disse:

-Há horas em que um tipo fica completamente transtornado. A mãe interrompeu-o: -Tom, tu disseste... tu prorrieteste-me que não serias assim. Prometeste...

-Eu sei, mãe, e estou a esforçar-me por cumprir. Mas esses malvados desses polícias! A senhora já viu algum sheriff que não tenha um rabo de padeiro? E mexem o rabo de propósito, como que para fazer balançar o revólver. Mãe-continuou-se fosse a lei que estivesse contra nós, vá lá. Mas não é a lei. Eles torturam-

-nos a alma; querem que a gente viva a bajulá-los e que nos arrastemos pelo chão como cães, com o rabo entre as pernas. Eles querem desmoralizar-nos. Santo Deus! Mãe, ainda há-de chegar o dia em que um homem só poderá ser um tipo decente quando partir os dentes a um polícia. Eles o que querem é fazer-nos perder a dignidade!

A mãe respondeu: -Tu prometeste, Tom. O pobre do Floyd foi assim que começou. Eu conheci a mãe dele. E eles deram conta do rapaz...

-Estou a esforçar-me por manter a calma, mãe. Deus sabe que assim é. Mas a senhora não quer com certeza que eu ande a rojar-me no chão como urna cadela que apanhou pancada, pois não?

-Estou a rezar, Tom, a pedir a Deus que evites essas coisas. A nossa família está a desmantelar-se. Tens que te dominar.

-Vou tentar, mãe. Mas é duro a gente dominar-se quando um desses rabos de padeiro nos provoca. Se fosse a lei que estivesse

291

contra nós, era diferente. Mas lançar fogo aos acampamentos não é da lei.

O caminhão ia avançando aos solavancos. À frente, via-se uma pequena fila de luzes vermelhas pela estrada fora.

-Parece-me que é um desvio. Diminuiu a marcha e parou. Imediatamente um grupo de homens cercou o caminhão. Estava armado de picaretas e de carabinas. Os homens traziam capacetes, mas havia alguns com bonés da Legião Americana. Um dos homens encostou-se à janela, do caminhão. Exalava um bafo quente, a wlsky.

-Para onde é que vocês querem ir?-Aproximou o rosto avermelhado do de Tom.

As faces deste crisparam-se. Baixou a mão e, às apalpadelas, segurou no macaco. A mãe travou-lhe do braço com firmeza. Tom disse:

-Está bem, mãe... -e então a sua voz adquiriu um tom de servilidade, tornando-se chorosa:-A gente não é daqui-disse. -Disseram-nos que havia trabalho num sítio chamado Tulare:

-Vocês vão por caminho errado, diabo! Não queremos aqui nenhum Okie dos diabos, ouviu?

Tom sentia os ombros e os braços retesados e um arrepio sacudiu-lhe o

corpo. A mãe apertou-lhe o braço com mais força. O caminhão estava rodeado à frente por homens armados. Alguns de entre eles, para terem uma aparência militar, usavam fardas e cingiam beldriés.

Tom lamuriou: -Então por onde é que a gente deve ir, senhor? -Dê meia volta e siga para os lados do Norte. E não volte cá antes da safra do algodão!

Todo o corpo de Tom estremeceu. -Sim, senhor-disse. Voltou o carro e foi andando pelo caminho que acabara de percorrer. A mãe soltou-lhe o braço, acariciando-o com brandura. E Tom procurou reter um grande soluço abafado.

-Não te rales-disse a mãe.-Não te rales. Tom assoou-se para fora do carro e limpou os olhos com a manga do casaco.

-Esses filhos da mãe! -Fizeste bem-disse a mãe com ternura. O camião penetrou numa estrada lateral, que não era cimentada e avançou por ela cerca de cem jardas. Então apagou as luzes e desligou o motor. Saiu do carro com o macaco na mão.

-Aonde vais?-perguntou a mãe. -Vou dar uma vista de olhos por aqui. A gente não vai para o Norte.

As lanternas encarnadas movimentavam-se na estrada. Tom

292

viu-as passar pelo entroncamento da estrada lateral com a estrada principal e sumirem-se nesta. Momentos depois, chegou-lhes aos ouvidos barulho de gritos, seguido de um intenso clarão que se ateava lá para os lados de Hooverville. O clarão cresceu de intensidade, espraiou-se e ouviram-se estrondos. Tom tornou a subir para o caminhão. Deu uma volta e regressou pela estrada lateral, com as luzes do veículo apagadas. Novamente na estrada principal, tomou a direcção do Sul e acendeu os faróis.

A mãe perguntou timidamente: -Aonde vamos, Tom? -Para o Sul-foi a resposta.-Não vou consentir que esses bandidos nos enxotem daqui sem mais nem menos. Não pode ser! Vamos contornar a cidade mas não a atravessamos.

- Sim, mas para aonde é que a gente vai ? - O pai falou pela primeira vez.-Só queria saber para aonde vamos.

-Vamos à procura daquele acampamento do governo-disse Tom.-Um tipo informou-me de que não há lá polícias. Mãe, eu tenho de os evitar; estou com medo de acabar por dar cabo de um.

-Calma, Tom-aconselhou a mãe num tom apaziguador. -Calma, Tommy. Tu já procedeste bem uma vez. Vê se fazes sempre assim.

-Sim, e aos poucos vou perdendo a vergonha. -Calma! Tens de ter paciência. Olha, a nossa gente ainda há-de existir quando eles morrerem. Nós viveremos, Tom, havemos de existir sempre. Ninguém nos pode destruir. Nós somos o povo; vamos sempre para diante. @Sim, mas apanhando sempre também.

A mãe riu: -Sim, lá isso também é verdade. Talvez seja por isso que somos tão resistentes. Aquela gente rica nasce e vai-se, e os filhos

morrem antes de tempo. Acaba-se-lhes a raça. Mas nós, Tom, nós continuamos. Não percas a calma, Tom, outros tempos hão-de vir!

-Como é que a senhora sabe disso? -Sei lá! Só sei que sei. Iam entrando na cidade, e Tom lançou-se numa rua lateral, evitando assim a zona do centro. À luz dos candeeiros olhou o rosto da mãe-um rosto tranquilo, com uma estranha expressão nos olhos, parecidos com os olhos eternos de unia estátua. Tom estendeu a mão e tocou levemente no ombro dela num gesto irreprimível. Depois, retirou a mão.

-Nunca na minha vida ouvi a senhora falar tanto-disse. -E que nunca tive tanta razão para falar-replicou a mãe e. Seguindo as ruas desviadas, contornou a cidade e depois voltou para trás. Num entroncamento via-se a placa indicando a estrada 99. Continuaram rumo ao Sul.

293

-Bem, de qualquer maneira, não conseguiram atirar connosco para o Norte-disse Tom.-A gente vai para onde quiser, nem que seja de rastos.

As luzes esmaecidas incidiam sobre a larga e negra estrada que se desenrolava à sua frente.

CAPITULO XXI

Os homem errantes, sempre em busca de alguma coisa, haviam-se tornado nômadas. As pessoas que até aí tinham vivido no seu pedaço de terra, que até então tinham vivido e morrido nos seus quarenta acres, que haviam comido deles ou neles passado fome, todas essas famílias tinham agora o Oeste inteiro, para nele vaguearem à vontade. E corriam pelo país fora, à procura de trabalho. As estradas estavam metamorfoseadas em caudais de homens e nas valas, à beira das estradas, formigavam multidões de homens. Atrás deles vinham outros a caminho. As grandes estradas formigavam de povo em marcha. No oeste central e no sudoeste vivia um povo simples e agrário, que não era influenciado pela indústria, um povo que nunca empregara máquinas nas suas propriedades, nem conhecia o poder ou o perigo das máquinas em mãos de particulares. Era um povo que ainda não sentira as contradições da indústria; um povo de sentidos ainda bastante penetrantes para perceber o ridículo da vida industrial-

E, de repente, as máquinas expulsaram esse povo e esse povo enxameou nas estradas. A movimentação alterou-lhe a natureza; as estradas, os acampamentos, o espectro da fome e finalmente esta última alteraram-lhe a natureza. As crianças sem comida, alteraram-na; alteraram-na as viagens intermináveis. Era um povo migrante. Alterava-o a hostilidade do ambiente e essa hostilidade caldeava-o, era a hostilidade que costumava impelir pequenas cidades a formar grupos armados, como que para repelir um invasor, a formar bandos munidos de picaretas, grupos de empregados e de patrões armados de carabinas, protegendo-se contra a sua própria gente.

Reinou o pânico no Oeste, quando se multiplicaram os homens nas estradas. Os homens receavam pelas suas propriedades. Homens que nunca tinham tido fome viam os olhos dos esfaimados. Homens que nunca na sua vida tinham sentido verdadeira necessidade de qualquer coisa viam a chama da necessidade arder nos olhos dos homens das estradas. E os homens das cidades e dos campos suburbanos que rodeavam as cidades preparavam a defesa. Tinham estabelecido que eles é que eram bons e que os outros-os irivadores-eram maus, como fazem sempre os homens antes dos combates. E diziam: "São uns malditos duns Okies,

uns ignorantes imundos. São uns degenerados, uns maníacos sexuais. Uns ladrões, esses Okies danados, que roubam tudo o que encontram. Não têm a consciência do direito de propriedade." E esta última afirmação era realmente verdadeira, pois, como pode um homem que nada possui compreender as preocupações dos que possuem alguma coisa? E os que se defendiam, diziam: "São uns imundos que espalham epidemias. Não o podemos consentir que os filhos deles frequentem a mesma escola que os nossos. Eles são estranhos. O que é que tu dirias se a tua irmã fosse passear com um deles?"

A gente das cidades esforçava-se por adoptar ares de crueldade. Formava grupos e companhias e armava-os; armava-os com casse-têtes, bombas de gás e carabinas. A terra é nossa-diziam. É bom a gente não perder de vista esses danados desses Okies. E as terras não pertenciam aos homens armados, mas estes pensavam que eram os donos das terras. E os empregados, que se exercitavam à noite, nada possuíam de seu e os donos de lojas insignificantes não possuíam outra coisa além de dívidas. Mas até um emprego é alguma coisa; até uma dívida é alguma coisa. O empregado pensava: "Ganho quinze dólares por semana; talvez um desses malditos Okies se contentasse com doze." E o patrão pensava: "Não posso competir com um homem que não tem dívidas."

E os homens em êxodo espriavam-se pelas estradas e havia fome e miséria nos seus olhos. Não empregavam argumentos nem possuíam um sistema certo de agir; tinham apenas o seu número e as suas necessidades. Quando aparecia trabalho para um homem, havia logo dez a disputá-lo, lutavam por ele, aceitando uma paga miserável. "Se aquele tipo trabalha por trinta cents, eu trabalho por vinte e cinco."

"Se ele trabalha por vinte e cinco, eu trabalho por vinte." "Não, eu... eu, que tenho fome. Trabalho nem que seja por quinze." "Trabalho mesmo só pela comida. Os meus filhos! Só queria que o senhor os visse! Estão com o corpo cheio de furúnculos, estão que nem podem andar. Deilhes frutas podres, apanhadas do chão; incharam terrivelmente. Eu; eu trabalho até por um pedacinho de carne."

E isso causava satisfação, pois, embora os salários diminuíssem, os preços dos géneros mantinham-se altos. Os grandes proprietários estavam contentes e mandavam distribuir ainda mais impressos para atrair mais gente. Os salários baixavam e os preços mantinham-se altos. Não tarda muito que não haja de novo

escravos no nosso país.

Foi então que os grandes proprietários e as companhias inventaram um novo método. Um grande proprietário comprava uma fábrica de frutos de conserva. E, quando as peras e os pêssegos amadureciam, ele descia o preço das frutas abaixo do custo da

produção. Como fabricante de frutas de conserva, ele pagava a si mesmo um preço baixo pelas frutas e, mantendo alto o preço das frutas em conserva, auferia óptimos lucros. Os pequenos proprietários, que não possuíam fábricas de frutas de conserva, perdiam as suas propriedades, que eram absorvidas pelos grandes proprietários, pelos bancos e pelas companhias, às quais pertenciam essas fábricas. Com o tempo, diminuía o número das propriedades. Os pequenos proprietários não tardavam a

mudar-se para as cidades por um certo tempo, onde esgotavam o crédito, os amigos, as relações. Depois, acabavam por sair também para as estradas. E as estradas formigavam de homens ávidos de trabalho, prontos a assassinar por causa do trabalho.

As companhias e os bancos trabalhavam para a sua própria ruína, mas ignoravam-no. Os campos estavam prenhes de fruta, mas nas estradas marchavam homens que morriam de fome. Os celeiros estavam repletos, mas as crianças cresciam raquíticas e inchava-lhes o corpo com as pústulas da pelagra. As grandes companhias ignoravam quão estreita é a linha divisória entre a fome e a ira. E o dinheiro, que podia ter sido empregado na melhoria de salários, gastava-se em bombas de gás, em carabinas, em agentes e espiões, em listas negras e exércitos bélicos. Nas estradas, os homens deslocavam-se como formigas, à procura de trabalho e de comida.

E a ira começou a fermentar.

CAPITULO XXII

já era tarde quando Tom joad atravessou um atalho, à procura do acampamento de Weedpatch. Em volta, viam-se poucas luzes e apenas um clarão indicava no firmamento a direcção de Bakersfield. O caminhão rodava vagorosamente; de vez em quando, gatos bravos atravessavam o caminho. Numa encruzilhada, surgiu um pequeno aglomerado de casas de madeira pintada de branco.

A mãe, sentada à frente, dormitava e o pai vinha há muito calado e taciturno.

Tom cortou o silêncio: -Não sei onde fica esse acampamento. Talvez seja melhor esperar até de madrugada e perguntar a alguém.

Estacionou ao pé de um marco do caminho e, no mesmo instante, parou outro carro na encruzilhada. Tom inclinou-se para fora do veículo.

-Olá-disse-o senhor não sabe onde fica o acampamento do governo?

-Aí mesmo em frente.

296

Tom atravessou a estrada e foi andando em frente. Passadas algumas centenas de metros, parou novamente. Uma alta cerca de arame margina a estrada e, logo a seguir, diante de um largo portão abria-se um caminho, pelo qual Tom enveredou.

O veículo deu um salto e depois caiu com estrondo sobre as rodas.

-Meu Deus!-exclamou Tom.-Não vi essa corcova. Um guarda saiu do alpendre e veio direito ao caminhão, encostando-se a ele.

-Para a outra vez já faz a coisa mais devagar. -Mas para que é isto logo à entrada?

O guarda, riu.

-que há muitas crianças aqui que costumam andar para aí a brincar. Se apenas se avisam os motoristas para andarem devagar, não ligam nenhuma. Mas, se se lembrarem deste montão de terra aqui à entrada, garantio que já entram com menos pressa.

-Ai, é? Oxalá não tenha quebrado alguma peça. Ouça: há aí lugar para

nós?

-Dá-se um jeito. Quantos são? Tom pôs-se a contar pelos dedos. -Eu, o pai, a mãe, o AI, a Rosasharn, o tio Jolin, a Ruthie e o WinficId. Estes dois são ainda crianças.

--Bem, parece-me que há lugar para todos. Vocês trouxeram coisas onde possam dormir?

-Temos camas e uma barraca grande.

O guarda subiu para o estribo do caminhão. -Vá andando até ao fim desta fila aqui e depois corte à direita. Vocês vão ficar no departamento sanitário 11.0 4-

-O que é isso? -Chuveiros, casas de banho e tanques para lavar a roupa. -Aqui há água corrente? -perguntou a mãe. -Claro que há. -Oh, graças a Deus!-exclamou. ela. Tom ladeou a fila de tendas mergulhadas na obscuridade. No edificio sanitário ardia urna lamparina pequena.

-Pode parar-disse o guarda.-E um bom sítio e acaba de ficar vago.

Tom desligou o motor do caminhão. -Está bem aqui? -Está. Agora você deixe os outros tirarem as coisas do caminhão, enquanto eu faço o registo. Preciso de ir dormir. Amanhã de manhã, o comité aqui do acampamento vem fazer-lhes uma visita para vocês explicarem umas coisas.

Tom baixou os olhos.

- Polícia ? - perguntou.

O guarda riu.

297

-Não, nada de polícia... A gente tem as nossas próprias autoridades. Aqui somos nós quem elege a nossa polícia. Bom, venha daí.

AI saltou do caminhão e pôs-se a andar por ali. -Vamos ficar aqui? - Vamos, sim-disse Tom.-Ajuda o pai a descarregar as coisas enquanto eu vou ao escritório.

-Mas cuidado, não façam barulho -recomendou o guarda. -

Há muita gente a dormir.

Tom seguiu-o na escuridão. Subiu os degraus do escritório e penetrou numa salita onde havia apenas uma escrevaninha velha e uma cadeira. O guarda sentou-se à escrevaninha e pegou numa ficha em branco.

-Nome? -Tom Joad. -Ali aquele homem é seu pai?

- É. -Qual é o nome dele? -Tom Joad, também.

O interrogatório continuou. De onde são, há quanto tempo estão neste estado, onde trabalharam até agora, etc. O guarda ergueu os olhos:

-Não somos metediços, mas precisamos de saber certas coisas.

-É natural-disse Tom. -Bem... vocês têm dinheiro? -Muito pouco. -Então não estão sem recursos? -Temos muito pouco dinheiro. Porquê? -Olhe, aqui paga-se um dólar por semana, mas vocês podem trabalhar para pagar a dívida que contraírem. Transportar o lixo, limpar o acampamento e outras coisas semelhantes.

-Bom, então a gente vai trabalhar. -Está bem. Amanhã vocês vão ver o

comitê, para saberem como se vive aqui no acampamento. Vão conhecer o código.

-Escute, o que é isso de comitê?- perguntou Tom.
O guarda recostou-se na cadeira. -E uma coisa muito bem organizada. Aqui há cinco departamentos sanitários. Cada um elege uma pessoa para formar o departamento central. É o comitê que executa as leis. O que eles determinam tem de ser cumprido.

-Mas, e se eles não tiverem razão? Bem, a gente deixa de votar nele com a mesma facilidade com que o elegeu. Mas eles têm feito coisas boas. Quer ouvir uma? Você conhece aqueles pregadores da seita dos Holy Rol-

298

lers (1) que vivem a perseguir toda a gente com as suas orações e colectas, não conhece? Pois bem. Um dia, eles quiseram pregar aqui no acampamento. Havia uma porcao de velhos que os queria ouvir. Então o comitê teve de decidir. Fizeram uma sessão e quer ver como resolveram o caso? Disseram assim: "Qualquer pregador pode pregar neste acampamento. Mas nenhum pode fazer colectas." Desde então, nenhum pregador tornou a aparecer por cá. E os velhos ficaram tristes com isso.

Tom riu. -Você quer dizer -perguntou -que é gente daqui mesmo, como nós, quem administra o acampamento?

-Pois claro! E corre tudo muito bem, graças a Deus. -E não há nenhum polícia? -Não. O comitê central mantém a ordem e elabora o código E

ue deve regular a vida no acampamento. Há ainda um comitê

senhoras. Elas amanhã irão visitar a sua mãe. Cuidam das crianças e dos departamentos sanitários. Se a sua mãe não trabalhar, tem de cuidar dos filhos das mulheres que trabalham. E, se ela encontrar trabalho, então serão as outras quem tomará conta dos filhos dela. Fazem a costura e vem aqui uma professora ensiná-las. Uma data de coisas assim.

-Então você diz que não há nenhum polícia no acampamento ?

-Não, senhor. Nada disso. Aqui a polícia só entra com ordem especial.

-E se alguém se embriaga ou arma, em valentão e tenta brigar? Que é que acontece?

O guarda furou o mata-borrão com a ponta do lápis. -Bem, a primeira vez é advertido pelo comitê central. segunda sofre uma advertência grave e, à terceira, é expulso do acampamento.

-Meu Deus, quase que é inacreditável! Ainda a. noite passada, a polícia e uns tipos que usavam bonés pequenos lançaram fogo àquele acampamento à beira do rio.

-Aqui não podem entrar-disse o guarda.-O que eles fazem às vezes é patrulhar do lado de fora do acampamento. Principalmente quando há baile.

-Baile?! Meu Deus, será possível? -Sim, senhor. Os melhores bailes da região são aqui, todos os sábados.

-Porque será que não existem mais sítios como este?
O guarda lançou-lhe um olhar sombrio. -Bem, isso tem você de adivinhar. E agora é melhor ir dormir.

(1) Pequena seita religiosa norte-americana, cujo culto se caracteriza pelo exagero da excitabilidade.

299

-Boa noite-disse Tom.-A minha mãe vai gostar disto. Há muito tempo que ela não é tratada como deve ser.

-Boa noite-d'sse o guarda. -Agora trate de dormir. O pessoal aqui do acampamento costuma acordar cedo.

Tom atravessou a rua formada por duas filas de tendas. Os seus olhos já se tinham acostumado à luz das estrelas. Notou que as filas de tendas eram bem niveladas e que ao pé delas não havia imundície. O chão da rua tinha sido varrido e regado.

O ressonar dos que dormiam vinha de dentro das tendas. O acampamento inteiro zumbia e ressonava. Tom caminhava vagarosamente. Aproximou-se do departamento sanitário n.º 4 e pôs-se a olhar com curiosidade. Era uma construção baixa, tosca e sem pintura. Num telheiro aberto dos lados estavam os tanques em fileira. Tom notou o caminhão da família Joad, que estacionava próximo, e para lá se dirigiu sem fazer barulho. A tenda já havia sido armada e reinava um silêncio completo. Ao chegar mais perto, um vulto surgiu da sombra do camião e dirigiu-se ao seu encontro.

-És tu, Tom?-perguntou a mãe em voz baixa. -Sou. -Chiu-fez ela.-Fala baixo, que estão todos a dormir. Estavam muito cansados.

-A senhora também devia estar já a dormir-disse Tom. -Pois devia, mas eu queria falar contigo. Está tudo arranjado?

-Está, sim-disse Tom.-Mas agora não lhe vou contar nada. Amanhã de manhã conto-lhe tudo. Garanto que vai gostar.

Ela sussurrou: -Ouvi dizer que até têm água quente. -Têm, sim. Mas agora trate de dormir. já nem me lembro quando é que a senhora dormiu a última vez.

-O que é que tu não me queres dizer?-insistiu ela. -Não digo. E melhor ir dormir agora. Súbitamente, ela assumiu uns ares de menina curiosa. -Como poderei dormir, a pensar no que tu me não queres dizer ?

-Ora, deixe-se disso. A senhora vai dormir e amanhã veste outro vestido e então... vai ver.

-Mas não vês que não posso dormir assim? -Mas a senhora deve dormir-repetiu Tom, com uma risada feliz.-Trate de dormir.

-Boa noite-disse ela baixinho e, curvando-se, entrou na tenda às escuras.

Tom trepou para a prancha traseira do carritião e apoiou a nuca nas mãos cruzadas, encostando os antebraços às orelhas. A noite começava a tornar-se mais fria. Tom abotoou o casaco

300

no peito e tornou 4 deitar-se. As estrelas luziam claras, com um brilho agudo, acima da sua cabeça.

Fazia escuro ainda quando ele acordou. Despertara-o, um leve ruído metálico. Agitou os membros rígidos e o ar frio da madrugada causou-lhe um arrepio. O acampamento dormia ainda. Tom levantou-se e lançou um olhar através dos taipais do camião. As montanhas, a leste, surgiam, coloridas de azul-marinho. Enquanto as olhava, uma luz fraca irrompia por detrás delas e tingia-lhes os rebordos de um vermelho desbotado. Depois, subindo, a luz tornava-se mais fria, mais cinzenta e mais escura, até que, mais próximo do horizonte ocidental, se misturava com a noite pura. Em baixo, no vale, jazia a terra, que parecia coberta de um cinzento de alfazema provocado pelo crepúsculo matinal.

Retinia ainda o ruído de ferros que se chocam. Tom olhava as tendas, cuja cor de cinza era um pouco mais clara do que a do chão. À boca de uma das tendas, observou o clarão alaranjado das chamas que se escapavam de um velho fogão de ferro. De um cano curto saía uma fumarada cinzenta.

Tom saltou do caminhão. Devagar, dirigiu-se para o fogão. A trabalhar nele, viu uma rapariga com um bebé num dos braços. O bebé mamava com a cabeça metida na blusa da rapariga. Esta atçou o lume, levantando as tampas enferrujadas, para avivar as chamas, e abriu a porta do fogão. O bebé mamava sôfregamente enquanto a mãe o passava com destreza de um braço para o outro. O menino não a incomodava na sua tarefa, nem lhe alterava a graça de,,@envolt-a dos movimentos. O fogo lançava agora labaredas vermelhas pelas fendas do fogão e projectava reflexos cintilantes sobre a lona da tenda.

Tom aproximou-se mais. Sentiu o cheiro de presunto frito e de pão torrado. A leste, a luz aumentava rapidamente de volume e extensão. Tom aproximou-se do fogão e estendeu sobre ele uma das mãos. A rapariga olhou-o e acenou, ao mesmo tempo que as suas tranças compridas se moviam levemente.

-Bom dia! -disse ela, virando o presunto na frigideira. A lona da tenda abriu-se, surgindo um rapaz, seguido de um homem mais idoso. Vestiam roupas novas de brim azul e nos seus casacos lustrosos brilhavam botões de latão. Eram homens de feições duras, muito parecidos um com o outro. O mais moço tinha barba escura e hirsuta e a do mais velho era branca e igualmente hirsuta. Tinham a cabeça e o rosto húmidos. A água gotejava-lhes dos cabelos e havia gotas dela na barba de ambos. As faces reluziam. Pararam ao mesmo tempo, olhando com tranqüilidade o brilho pálido da alvorada. Bocejaram simultâneamente, observando a claridade que emergia do rebordo da montanha. Depois voltaram-se e viram Tom.

301

-Bom dia! -saudou o homem mais idoso, com uma expressão que não era nem amigável nem hostil.

-Bom dia!-respondeu Tom. -Bom dia!-disse o rapaz. A água que lhes cobria o rosto secava vagarosamente. Os dois chegaram-se ao fogão e começaram a aquecer as mãos.

A rapariga prosseguia na sua tarefa. Colocou o menino no chão e atou as compridas tranças com uma fita. E as tranças bamboleavam e bailavam sempre que ela se movia. Pôs canecas de folha-de-flandres num grande caixote e distribuiu pratos de folha, facas e garfos. Despejou numa

travessa de folha o presunto, que nadava na banha borbulhante da frigideira, onde rechinava e encolhia, à medida que se ia tostando. A moça escancarou a porta do fogão ferrugento, para retirar dele uma panela cheia de empadas altas e compridas.

Quando o aroma das empadas inundou o ar, os dois homens puseram-se a aspirá-lo profundamente. O rapaz disse em voz baixa:

- CéééUs!

O mais velho voltou-se para Tom: -já tomou o pequeno almoço? -Bem, ainda não. Eu estou aqui com a minha família, mas ainda estão todos a dormir. Estavam muito cansados.

-Então faça-nos companhia. Há comida que chegue, graças a Deus.

-Muito obrigado -agradeceu Tom.-Isso deita um cheiro formidável. Não tenho coragem de dizer que não.

-Bom cheiro, hein?-disse o rapaz.-Já sentiu alguma vez um cheiro tão bom?

Puseram-se em volta do caixote e acocoraram-se. -Trabalha por aqui?-perguntou o rapaz. -Não, mas vontade não me falta-disse Tom.-Chegámos ontem à noite. Ainda não tive tempo de procurar.

-Pois a gente já trabalhou doze dias. A rapariga, que se atarefava junto do fogão, interveio: -Até roupa nova compraram. Os dois homens olliaram as roupas muito duras e muito azuis com um sorriso acanhado. A rapariga poisou a travessa de presunto e as empadas loiras e altas com um,-L tigelinha contendo a gordura do presunto e um bule de café, e acocorou-se também ao lado deles. O bebé maniava ainda, com a cabeça escondida na blusa da mãe.

Encheram todos os respecti-,.-os pratos, derramando gordura de presunto sobre as empadas e deitaram açúcar no café.

O homem mais idoso encheu a boca, mastigou e engoliu, dando estalos com a língua.

302

-Que bom, meu Deus!-disse, e tomou a encher a boca.

O rapaz voltou a falar: -já há doze dias que não nos falta comida. Estamos a trabalhar bem, recebemos o nosso dinheiro e comemos todos os dias, sem falhar uma refeição.

Voltou a mastigar com entusiasmo quase frenético e tornou a encher o prato. Tomaram o café bem quente, derramando a borra no chão e enchendo novamente as respectivas canecas.

A luz da madrugada ia adquirindo um brilho avermelhado.

O pai e o filho pararam de comer. Tinham o rosto voltado para leste e iluminado pelo clarão avermelhado. A imagem da montanha coroada de luz reflectia-se-lhes nos olhos. Tornaram a derramar borra de café no chão e ergueram-se ao mesmo tempo.

-Bom, a gente agora tem de ir-disse o mais velho.

O rapaz dirigiu-se a Tom: -Ouça. A gente anda a colocar canos. Se você quer vir connosco, é possível que a gente lhe arranje também trabalho por lá.

-Oh, é muita amabilidade da vossa parte! E muito obrigado pelo almoço.

-Não tem de quê-disse o mais velho.-Vamos a ver se conseguimos alguma coisa para si, se tem empenho nisso.

-Lá vontade de trabalhar não me falta-disse Tom.Esperem um instantinho; vou só avisar a família.-Correu para a tenda dos Joads, e, curvando-se um pouco, olhou para dentro.

Na obscuridade que reinava sob a lona não conseguiu enxergar senão o avultar das formas das pessoas que ainda dormiam. Mas eis que alguém se movimentava agora entre as roupas das camas. Era 'Ruthie, que se espreguiçava como upa -serpente, com os cabelos para os olhos. Estava vestida, com a roupa amarrotada

* todo torcido em volta do corpo. Arrastou-se cuidadosamente

* depois levantou-se. Os seus olhos cinzentos brilhavam, claros

* calmos, após uma noite de sono. Não havia malícia neles. Tom afastou-se da tenda e fez sinal para que a rapariguinha o seguisse.. Quando ele tornou a virar-se, ela olhou-o.

-Meu Deus! Tu estás uma raparigaça! -exclamou ele. A p-quena desviou o olhar, dominada por um repentino acanhamento.

-OLI@-C-dissc-llic Tom-não acordes ninguém, mas, quando eles acordarem, diz-lhi,s que fui ver se arranjava trabalho para inim, ouvistc ? E diz à mãe que já almocei com uns vizinhosAstás a ouvir?

Ruthic disse que sim; virou a cabeça e os seus olhos eram uns olhos iiiocciiti,s de criança.

-Não acordes ninguém-tornou a recomendar Tom, e voltou a correr para-junto dos seus novos amigos.,

Ruthie tinha-se aproximado cautelosamente do departamento

303

sanitário e agora espreitava para dentro da construção pela porta entreaberta.

Os dois homens aguardavam a volta de Tom. A rapariga tinha a?'rastado um colchão para fora da tenda e colocara sobre ele o bebé, indo lavar a louça.

Tom disse: -Quis avisar a minha gente do que ia fazer. Estavam todos a dormir ainda.

E os três homens desceram a rua formada pelas tendas.

O acampamento começava a animar-se. Em volta das fogueiras recém-acesas trabalhavam mulheres, cortando a carne e sovando a massa do pão. Os homens atarefavam-se junto das tendas e dos automóveis. O céu, agora, estava cor-de-rosa. Diante do escritório, um velhote magro limpava cuidadosamente o chão com um ancinho. Atirava com força o seu instrumento de trabalho, de maneira que os dentes ficavam marcados na terra.

-Você hoje levantou-se cedo, hein, velhinho?-disse o rapaz, ao passar pelo homem do ancinho.

-Então? Tenho de ganhar o dinheiro do aluguer. -Qual aluguer, qual carapuça!-disse o rapaz.-Você estava bêbedo como o diabo no sábado pas-

sado. Toda a noite cantou sentado na taberna. Foi por isso que o comitê lhe deu esse trabalho.

Iam andando à beira da estrada salpicada de óleo. Um renque de nogueiras crescia à margem da estrada. Os contornos do sol surgiam no topo das montanhas.

Tom disse: -É engraçado. Comi com vocês e nem lhes disse o meu nome e nem vocês me disseram ainda como se chamavam. O meu nome é Tom joad.

O homem mais velho olhou-o com um leve sorriso. -Aposto que você está aqui há muito pouco tempo. -Estou aqui há poucos dias. -Pois claro. Eu tinha a certeza disso. Aqui passa-se uma coisa muito engraçada. A gente perde o hábito de se apresentar. Há gente a mais. Bem, eu chamo-me Timothy Wallacc e este é o meu filho Wilkie.

-Muito prazer em conhecê-los -respondeu Tom.-Vocês estão aqui há muito tempo?

-Há dez meses-disse Wilkie. -Chegámos aqui o ano passado, logo depois da cheia. Livra! A gente passou por coisas que você nem pode imaginar. já estávamos quase a morrer de fome.

Os pés deles batiam ruidosamente na estrada. Passou um caminhão repleto de homens e cada um desses homens parecia terrivelmente absorto. Todos eles se agarravam a um ponto qualquer do veículo e olhavam sombriamente diante de si.

304

- Vão para a Companhia do Gás-disse Tiniothy.-Estão lá muito bem empregados.

-A gente podia ter vindo no nosso caminhão-disse Tom. -Para quê? Timothy ajoelhou-se e apanhou do chão unia noz verde. Experimentou-a com o polegar e atirou-a na direcção de um melro pousado numa cerca. O pássaro levantou voo, deixou que a noz tombasse abaixo dele e depois voltou a poisar no mesmo sítio, acamando com o bico as penas lisas e brilhantes.

-Vocês não têm carro @ -perguntou Tom. Os dois Wallaces permaneceram calados e Tom, olhando-os no rosto, viu que se sentiam envergonhados.

Wilkie disse: --Não precisamos de carro. Daqui até ao sítio onde a gente trabalha é apenas uma milha.

Timothy falou em voz alta, irritado: @@Não, a gente não tem carro. Vendemos o nosso. Teve de ser. já ilão tínhamos que comer; não tínhamos nada. Não havia meio de arrarijarmos trabalho. Por aqui passam sempre todas as

semanas uns tipos que querem comprar carros. Eles vêm quando nós estamos cheios de fome e então compram os nossos carros. Quando a fome aperta muito, levam um carro quase de graça. E... bem, a gente já estava cheia de fome. Vendemos o carro por dez dólares.-E cuspiu para a estrada.

Wilkie disse tranquilamente: -Estive a semana passada em Bakersfield. Vi-o no meio de uma porção de carros usados. Sabe qual era o preço por que o tinham marcado? Setenta e cinco dólares!

-Era o único recurso que nos restava -explicou Timothy. -Ou a gente deixava que eles nos roubassem o carro, ou era a gente que tinha de lhes roubar alguma coisa. Até agora, nunca precisámos de roubar nada-caramba! -mas já estivemos bem perto disso.

Tom interveio: -Sabe? Toda a gente afirmava que havia por aqui muito trabalho. Até andaram a distribuir uns impressos onde diziam que precisavam de gente e que pagavam bem.

-Hum...-fez Timothy-nós também vimos esses impressos. Mas não há nada muito trabalho. E os salários estão sempre a baixar. Estou farto até aos olhos de dar cabo da cabeça para arranjar dinheiro para a comida.

-Mas vocês agora têm trabalho... disse Tom. -Pois temos, mas não será por muito tempo. Trabalhamos para um tipo fixe. É dono de umas terras e trabalha ao nosso lado. Mas a coisa-raios!-não vai durar muito.

Tom perguntou:

20 -V. 1.

305

-Mas então por que diabo vocês me levam aitiá a míni para lá? Indo eu, o trabalho acaba mais depressa. Vocês assim 'ficam prejudicados.

Timothy sacudiu lentamente a cabeça.

- N !o sei porque é que a gente fez isso. E uma coisa que não faz sentido. A gente queria comprar uni chapéu novo para cada um de nós, mas agora acho que já não pode ser. Olhe, o terreno é este aqui, à direita. O ser-viço é bem bom. Pagam trinta ceaits à hora. E o sujeito para quem a gente trabalha é um tipo muito camarada.

Deixaram a estrada e tomaram por um caminho ensaibrado = ue atravessava uma pequena horta. Por detrás das árvores,

ia uma casinha pintada de branco, ladeada por algumas árvores de sombra, e um barracão. Atrás deste estendia-se um parreiral e, logo a seguir um campo de algoffio. Ao passarem pela casinha branca, a porta abriu-se ruidosamente; uni homem robusto e queimado pelo sol desceu os degraus das traseiras. Trazia na cabeça uni carapuço de papel, para se proteger dos raios solares. Enrolava as mangas da camisa ao atravt,ssar o p,@tío. Os seus olhos ensonibrados por grossas sobrance-lhas, queimadas de sol franziam-se mim jeito de mau humor. O rosto era vermelho como um tomate.

-Bom dia, sr. Thomas-disse Timothy. -Bom dia-respondeu o homem, num tom irritado. Timothy apresentou: -Este aqui é o Tom Joad. Talvez o senhor lhe possa dar trabalho.

Thomas fitou Tom com olhos sombrios. Depois, soltou uma curta risada, de sobrolho ainda carregado.

-Oh, pois não! Naturalmente, posso dar-lhe trabalho! Posso dar trabalho a toda a gente. Quem sabe se vocês ainda me trazem mais uns cem homens...

-Desculpe. A gente pensou... -começou a defender-se Timothy.

Thomas interrompeu-o:

- Sim, também eu pensei. -Virou-se com rapidez e encarou os homens.- Tenho que lhes dizer uma coisa. Tenho pago trinta cents à hora, não

tentio ?

-Tem si, sr. Thomas, mas... -Pois é. E, em troca, vocês faziam um trabalho que valia os trinta cents.

As suas mãos, grandes e calosas, batiam uma na outra. -A gente tem-se esforçado... -Eu sei, que diabo! Mas, de hoje em diante, só posso pagar vinte e cinco cents, ouviram? Vocês aceitam ou largam, como quiserem. -O seu rosto encolerizado tornou-se ainda mais vermelho.

306

@hI,noI@ reJ@pondeu: M s a ge ite trabalha a valer. O senhor mesmo disse isso, não disse?

-Disse, sim, senhor? Mas parece que já não sou eu que contrato os meus homens.-Engoliu a saliva. -Olhem @- disse. -Eu tenho aqui uns sessenta e cinco acres de terra. Vocês já alguma vez ouviram falar da Associação dos Fazendeiros?

-Já, sim senhor. -Pois bem. Eu sou sócio dessa coisa. Ontem à noite tivemos uma reunião. Vocês sabem quem realmente dirige agora a Associação dos Fazendeiros@? Pois vou dizer-lhes: é o Banco do Oeste. Quase todo esse vale pertence ao banco, e o que ainda lhe não pertence está-lhe hipotecado. Bom, ontem à noite, um dos gerentes do banco veio falar comigo e disse-me assim: "Olhe, a gente soube que você paga trinta celits à hora. Acho melhor você baixar isso para vinte e cinco." E eu respondi: "Alas porquê? Eu tenho comigo uma gente boa, muito trabalhadora. Valem bem trinta." E ele disse: "Não se trata disso. É que toda a gente paga a vinte e cinco. Se você pagar trinta, vai arranjar encrências aos outros. E, por falar nisso- acrescentou ele-você vai precisar para o ano que vem daquele empréstimo do costume para as futuras colheitas, não vai?"-Thomas suspendeu a fala. Arfava de indignação.Estão a ver? Pois é isto. Passam a ganhar apenas vinte e cinco, e é se quiserem.

-Mas a gente tem trabalhado como deve-disse Timothy atrapalhado.

-Você ainda não compreendeu a coisa? O banco dá trabalho a dois mil homens e eu sómente a três. E eu tenho a minha terra hipotecada ao banco. Se vocês vêem algum rei-nédio para esta situação, digam. Eu não vejo. Estou completamente bloqueado.

Timothy sacudiu a cabeça. -Não vejo nada. -Esperem um instantinho. - Thomas correu para dentro de casa. A porta fechou-se com violência atrás dele. Regressou pouco depois, trazendo um jornal na mão.-Já viram isto aqui? Vou ler-lhes: "Cidadãos, irritados com a acção dos agitadores vermelhos, lançaram fogo a um acampamento de refugiados. A noite passada, um grupo de cidadãos, enfurecidos pela agitação que se estava a desenvolver num campo de refugiados próximo, lançou fogo a todas as suas tendas e expulsou os agitadores desta região.

Tom começou: -Bem, eu...-Mas calou-se. Thomas dobrou cuidadosamente o jornal e meteu-o no bolso. Conseguira dominar os nervos. Disse tranquilamente:

-Esses homens foram mandados pela Associação. Denun-

307

ciei-os agora. Se souberem disto, para o ano que vem tiram-me a minha

fazenda.

-Bem, palavra quê não sei o que hei-de dizer-murmurou Timothy.-Se ali havia realmente agitadores, compreende-se que o pessoal se tivesse irritado.

-já há tempos que ando a observar isto-disse Thomas. -Surgem sempre agitadores quando se baixam os salários. É infalível. Não se pode fazer nada. Com os diabos! Esses tipos dominam-nos por completo. Bom, vamos a ver. -Aceitamos vinte e cinco?

Timothy pôs os olhos no chão. -Eu aceito -respondeu. -Eu também-disse, por sua vez, Wilkie. Tom disse, por fim: -Parece que vim bater a má porta. Pois olhem, eu também aceitava os vinte e cinco. Que é que se há-de fazer?

Thomas tirou do bolso um lenço grande de cor parda e enxugou com ele a boca e o queixo.

-Não sei por quanto tempo isto poderá ainda aguentar-se. Não consigo compreender como é que vocês conseguem alimentar as vossas famílias com tão pouco dinheiro.

-Enquanto trabalhamos, sempre podemos. Quando não há trabalho, é que são elas!-respondeu Wilkie.

Thomas consultou o relógio. -Bom- disse -vamos começar a escavar este fosso. É verdade, vou contar-lhes uma coisa. Vocês moram naquele acampamento do governo, não moram?

-Moramos sim-respondeu Timothy um pouco admirado. -Há lá baile todos os sábados, não há? Wilkie sorriu: -Há, sim. -Bom, então é conveniente vocês terem cautela para o sábado que vem.

Timothy retesou o corpo e aproximou-se de Thomas. -Que é que o senhor quer dizer com isso? Eu faço parte do comité central. Preciso de saber.

Thomas parecia preocupado. -Mas não vá dizer a ninguém que fui eu que os informei, há? -O que há?-perguntou Timothy. -Bem, a associação não gosta lá muito desses acampamentos do governo, porque não pode mandar a polícia intervir. E aí esse pessoal faz as suas próprias leis-dizem-e sem ordem de prisão não se pode prender ninguém ali dentro. Mas, se lá houvesse uma briga forte, com tiroteio, etc., então a polícia poderia entrar e correr com todos do acampamento para fora.

Timothy nem parecia o mesmo; tinha os ombros bem erguidos e os olhos frios.

308

-Bem, e então? -Não digam a ninguém o que acabo de vos contar-pedi Thomas, inquieto.-Vai haver barulho no acampamento, sábado que vem. E os polícias estão prontos a invadir o recinto.

Tom perguntou: -Mas, pelo amor de Deus, porquê? Aquela gente nunca fez mal a ninguém...

- Vou-lhes dizer porquê - começou Thomas. - Aquele pessoal do acampamento está habituado a ser tratado como gente. E, se tiver de voltar para os acampamentos dos "acocorados", vai revoltar-se a valer. -

Tornou a enxugar o rosto com o lenço. -Bem, agora vão trabalhar. Meu Deus! Falei tanto que sou capaz de perder a minha fazenda. Mas que hei-de fazer? Gosto de vocês e pronto.

Timothy dirigiu-se a ele e estendeu-lhe a mão endurecida e magra, que Thomas apertou.

-Ninguém saberá quem nos informou, garanto-lhe. E muito obrigado. Não vai haver briga nenhuma.

-Bom, agora tratem de trabalhar-disse Thomas-e por vinte e cinco a hora.

-Por vinte e cinco-respondeu Wilkie.-Sim, por ser para quem é.

Thomas dirigiu-se a casa. -Eu volto já-disse.-Vocês podem começar.-A porta bateu atrás dele.

Os três homens começaram a andar, passando o pequeno barracão caído, e ao longo da margem de um campo. Chegaram a um fosso comprido e estreito, à beira do qual havia alguns tubos de cimento armado.

-É aqui que a gente trabalha -informou Wilkie. O velho tirou duas picaretas de dentro do barracão e depois mais três pás. E disse a Tom:

-Aqui tem a sua menina. Tom agarrou na picareta. -Santo Deus! Sinto-me bem a valer com isto na mão. -Espere pelas onze horas. Então é que eu quero ver se ainda se sente bem-atalhou Wilkie.

Caminharam até à extremidade do fosso. Tom tirou o casaco e atirou-se para cima de um monte de entulho. Depois, saltou para dentro do fosso. Cuspiu nas mãos. A picareta subiu no ar e tombou pesadamente. Tom gemeu baixinho.

A picareta tornou a subir e a cair, e, no momento em que ela penetrava no solo, desprendendo a terra, Tom tornou a gemer de satisfação.

- Veja, pai -observou Wilkie -temos aqui um trabalhador de alto lá com ele. Até parece que está casado com aquela picaretazinha.

309

Tom respondeu: -Levou tempo! (Hum!) Há anos que andava a suspirar por isto. (Hum!) Até que enfim! (Hum!) O chão esboroava-se-lhe debaixo dos pés. O sol brilhava. agora nas árvores frutíferas, e as folhas dos vinhedos tingiam-ge de um verde dourado. Tom abriu uma faixa de uns seis pés de comprimento; saltou para o lado e enxugou a testa. Wilkie veio @

ôr-se detrás dele. A pá subia e descia, e a terra voava para cima e um montão que se formava à beira do fosso em crescimento.

-já me falaram desse comité central - declarou Tom. - Então você faz parte dele, hein?

-Faço, sim-respondeu Timothy.-E é uma responsabilidade. Toda aquela gente... Fazemos o que podemos e todo aquele pessoal, por sua vez, faz o que pode. Só queria que esses grandes fazendeiros nos não chateassem tanto. Só queria isso.

Tom voltou ao seu trabalho dentro do fosso e Wilkie descansou um pouco. Tom disse: -

1

-E a illo da briga no sábadó (hum!) no baile, aquela briga

eleju

alou ? (Hum!) Para que é que eles fazem essas de que coisas ?

Timothy seguia no rasto de Wilkie e a sua pá aplainava o fundo do fosso, tornando-o apto a receber os tubos de cimento.

-Acho que eles querem correr connosco-disse Timothy. -Têm medo de que a gente se organize-é o que me parece. E pode ser que tenham razão. O nosso acampamento é uma organização perfeita. Cada um toma conta de si mesmo. Temos a melhor orquestra de corda da região. Temos uma pequena conta corrente no armazém, para poder fiar aos companheiros que não têm que comer. Por cinco dólares, pode-se comprar comida suficiente e o acampamento fica sendo o fiador desses cinco dólares. A gente nunca teve encrencas com a polícia. Acho

e é por isso que os grandes fazendeiros andam com medo. Mão nos podem meter na cadeia; é por isso que eles andam com medo. Pode ser que pensem que, já que nos governamos tão bem, possamos também fazer outras coisas.

Tom saltou para a beira do fosso e enxugou o suor dos olhos. -Vocês ouviram falar do que aquele jornal disse sobre os agitadores, lá no norte, em Bakersfield ?

-Claro que ouvimos -disse Wilkie. -Não se fala noutra coisa. -Pois eu estava lá nessa altura. Não havia lá agitadores, isso a que chamam vermelhos. Que diabo querem eles dizer com isso de vermelhos ?

Timothy aplainou uma pequena saliência no fundo do fosso. O sol punha-lhe fulgores na barba branca de pêlos eriçados.

-Há muita gente que quer saber o mesmo.-Riu.-Um dos nossos rapazes descobriu a coisa.-Alisava a terra cuidadosamente

com a pá.-Há aí um tipo que se chama Hines. É dono de uns

310

trinta mil acres de terra, com pessegos e uvas, e tem uma fábrica de frutas e um lagar. Bem, ele vive constantemente a gritar contra "os malvados dos vermelhos". "Esses vermelhos dos diabos levam o país à ruína", diz ele. "A gente tem de os enxotar daqui, a esses patifes desses vermelhos." Bem, um outro tipo que acabava de chegar do Oeste, ouviu a coisa. Coçou a cabeça e disse: "Olhe, sr. Hines, eu estou aqui há pouco tempo. O senhor pode dizer-me quem são esses malvados desses vermelhos ?" Bem, rapazes, o Hines respondeu assim: "Um vermelho é um desses filhos da mãe que exigem trinta cents à hora quando a gente só quer pagar vinte e cinco."

O rapaz ficou a pensar no caso, coçou a cabeça e disse: "Olhe, sr. Hines, eu não sou nenhum filho da mãe, mas também uero trinta cents à hora. Quem é que os não quer? Que diabo, sr. Hines, se assim é, então toda a gente é vermelha."-Timothy meteu a pá no fundo do fosso e a terra lisa brilhou nos lugares cortados pelo instrumento.

Tom riu. -Se assim é, também eu sou vermelho.-A sua picareta vibrou no ar e a terra estalou debaixo dela corri un-i baque surdo. O suor escorria-lhe pela testa e ao longo do nariz, brilhando também no pescoço. - Caramba! - exclamou. - Que bela coisa é uma picareta! (Hum!), quando a gente se sabe servir dela! (Hum!) O que é preciso é que o homem e a picareta se entendam bem.

Os três homens trabalhavam em fila e o fosso ia-se alongando. O Sol brilhava com intensidade sobre eles e espalhava calor, um calor que aumentava à medida que o dia avançava.

Quando Tom a deixou, Ruthie ficou por alguns instantes a espreitar à entrada do departamento sanitário. Não era muito corajosa quando Winfield não estava a seu lado e a levava à gabarolice. Pôs um pé descalço no chão de cimento para em seguida o retirar. Na rua das tendas, unia naulher surgiu e começou a acender o lume num fogão de canipanha feito de folha. Ruthie deu alguns passos na direcção da inulher, mas não podia deixar aquilo. Esgueirou-se por fim até à tenda dos Joads e olhou para dentro. A uni dos lados, o tio John estava deitado no chão, de boca entreaberta, ressonando, com a garganta cheia de roncos e de marulhos. O pai e a mãe, tapados com o mesmo cobertor, estavam mais afastados da entrada e, portarito, da luz exterior. AI tinha-se deitado mais longe, do lado oposto ao do tio John e tinha unk braço a tapar-lhe os olhos. Rosa de Sharon e Winfield estavam per@o da entrada da tenda, e, ao lado de Winfield, cavava-se o vazio deixado por Ruthie. Acocorou-se, continuando a olhar o interior da tenda. O seu olhar fixou-se na cabeça cor de palha de Winfield. E, enquanto ela o observava, o pequeno abriu os olhos, cravando nela um olhar sério, Ruthie pôs um dedo nos

yl

lábios, fazendo-lhe sinal com a outra mão. Winfield lançou um olhar a Rosa de Sharon, que, a seu lado, dormia com a boca entreaberta. Cautelosamente, Winfield ergueu um pouco o cobertor. Saiu de rastos, subtilmente e aproximou-se de Ruthie.

-Quando te levantaste ?-cochichou. , Ela lê-lo afastar-se da tenda com mil cuidados e, quando viu que estavam em segurança, declarou:

-Não dormi toda a noite. Estive sempre a pé. -Isso é que não estives-te! Sempre me saiste uma mentirosa de alto lá com um charuto.

-Ai, sim? Então, se é mentira, não te conto nada. Não te conto como mataram um homem com um punhal e como veio aqui um urso e levou uma criança.

-Qual urso, nem qual carapuça!-disse Winfield inquieto, penteando para trás, com os dedos os cabelos e dando puxões entre pernas ao macaco que vestia, para o chegar ao seu lugar.

-Então está bem. Não veio urso nenhum. Está bem-tornou ela, sarcástica.-E também não é verdade que existem coisas de louça branca como as que a gente viu uma vez nos catálogos.

Winfield olhou-a com gravidade. Apontou para o departamento sanitário.

-Ali dentro, hein? -Não sei. Sou uma mentirosa de alto lá com um charuto. Para que é que eu liei-de contar-te coisas?

-Vamos lá ver-propôs Winfield. -Eu já lá estive-afirmou Ruthie.-Já me

sentei em cima daquela louça e até mijei nela.

---Tu não fizeste nada disso -contradisse Winfield. Foram até às instalações sanitárias e, dessa vez, Ruthie não sentiu medo. Corajosamente, conduziu o irmão até ao interior do departamento. As retretes seguiam-se em fila a um lado da grande sala e cada unia delas formava um compartimento isolado e tinha a sua porta. A porcelana branca brilhava. Na parede fronteira, corria uma fila de lavatórios, enquanto na terceira parede havia três compartimentos com chuveiros.

- Estás a ver ? - disse Ruthie. -- São as bacias que a -ente viu naquele, catálogo. - @\proxiinarani-s,- os dois de unia das bacias e Ruthie, nuin acesso de bravata, levantou a saia e sentou-se nela. --Não te contei que já aqui estive?-&zse. Como para confirmar o que dizia, ouviu-se um iiiui-iiiúrio de água dentro da retrete.

Winfield ficou enibaraçado. A nião dele inovimentou a alavarica da água. A água precipitou-se num tumulto. Ruthie deu um salto e saiu a correr. Um pouco @ifastados, ela e Winfield ficaram-se a olhar o compartimento misterioso. O silvo da água correndo persistia.

312

-Vês o que tu fizeste?-fez Ruthie. -Quebraste aquilo. Em bem vi.

-Não quebrei nada. Palavra de honra que não. --Eu vi, sim-disse Ruthie. -Não se te pode mostrar nada bonito, que tu não tenhas logo vontade de escangalhar tudo!

Winfield baixou a cabeça. Olhou para Ruthie, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Tremia-lhe o queixo, e Ruthie arrependeu-se imediatamente.

-Não faz mal-disse ela.-Eu não digo nada a ninguém. A gente diz que aquilo já estava quebrado. Não, é melhor dizermos que nem estivemos aqui.-Levou o irmão para fora do departamento.

O Sol surgia agora no topo das montanhas e brilhava sobre os tectos de chapa ondulada dos cinco departamentos sanitários que havia no acampamento. Lançava os seus raios sobre a lona cinzenta das tendas e no chão o varrido da rua. O acampamento despertava. O lume ardia nos fogareiros de campanha feitos de latas de querosene e de chapas de ferro. O cheiro do fumo pairava no ar. Abriam-se as tendas e apareciam homens nas ruas. Em frente da tenda dos Joads, a mãe olhava a rua para cima e para baixo. Os seus olhos passeavam pela rua fora.*Viu as crianças e dirigiu-se a elas.

-já estava preocupada -disse a mãe.-Não sabia onde é que vocês estavam.

-Andámos a ver isto-respondeu Ruthie. -Onde está o Tom? Tu não o viste? Ruthie tomou um ar de importância. -Vi, sim senhora. Tom acordou-me e disse-me para lhe dizer...-Fez uma pausa, como querendo salientar a importância da futura revelação.

-Dizer-me o qu .-perguntou a mãe. -Ele mandou-me dizer...-e Ruthie fez nova pausa, para que Winfield apreciasse devidamente a sua posição de importância.

A mãe levantou a mão, ameaçando Ruthie: -Fala... -Arranjou trabalho-disse Ruthie com rapidez.-Foi trabalhar.-Olhou apreensiva a mão ergui-

da da mãe.

A mão baixou-se, estendendo-se depois para Ruthie. E a mãe cingiu a filha num abraço apertado e convulsivo, soltando-a daí a pouco.

Embaraçada, Ruthie cravava os olhos no chão. E mudou de assunto.

-Mãe, a senhora já viu? Ali há umas bacias brancas, muito bonitas.

-Estiveste lá dentro? -perguntou a mãe.

313

-Sim. Eu e o Winfield -disse, acrescentando traiçoeiramente:-Mãe, o Winfield quebrou uma daquelas bacias.

Winfield corou e olhou para Ruthie com raiva.

- E ela mijou na bacia-disse maldosamente. A mãe sentia-se apreensiva. -Que é que vocês andaram a fazer? Venham mostrar-me, andem!-Fê-los entrar no departamento. -Que é que vocês fizeram ? - perguntou.

Ruthie apontou com o dedo. -Foi ali. Fazia che... che, mãe. Mas agora já parou. -Mostra o que fizeste!-mandou a mãe. Relutante, Winfield dirigiu-se para a bacia. -Não puxei com força-disse.-Só agarrei naquilo e... A água tornou a cair com força na retrete.

Winfield deu um salto para o lado. A mãe riu, atirando a cabeça para trás. Ruthie e Winfield observavam-na, ressentidos.

-Mas é assim mesmo que isto funciona- explicou a mãe. -Eu já tinha visto isso. Quando se acaba, puxa-se o botão.

Esmagava-os a vergonha de tamanha ignorância. Foram para a rua, observar a refeição de uma família numerosa.

A mãe viu-os sair e depois olhou à sua volta. Dirigiu-se aos gabinetes dos chuveiros e examinou-os. Foi até aos lavatórios * passou os dedos pela porcelana branca e lisa. Abriu um pouco * torneira, estendendo o dedo para receber a corrente e sobressaltou-se quando a água quente lhe correu para a mão. Ficou um instante a contemplar o lavatório. Depois, colocou a válvula do lavatório, encheu metade com água quente e metade com água fria. Lavou as mãos na água morna e, a seguir, lavou o rosto. Humedecia os cabelos com os dedos quando ouviu o soar de passos no chão de cimento atrás de si. Virou-se rapidamente. Um homem de idade olhava-a com ar escandalizado.

-Como entrou aqui?-perguntou. ele com indignação. A mãe engoliu em seco. Sentia a água cair-lhe em pingos grossos pelo queixo e molhar-lhe o vestido. . -Eu não sabia - defendeu-se. -Pensei que isto era para uso de todos.

O homem idoso encarou-a de sobreceño carregado. -É para homens-disse com severidade. Foi até à porta e apontou para um letreiro em que estava escrito: HOMENS. -Aí tem a prova. Então não viu?

-Não-disse a mãe, envergonhada. -Ainda não tinha visto. Para onde devem ir as mulheres?

A cólera do homem dissipou-se.

A senhora acaba de chegar, não é?-perguntou, com mais afabilidade.

-Cheguei a meio da noite-respondeu a mãe.

- Então ainda não falou com o comité? -Que comíti? -Ora, o comité das senhoras. -Não, senhor. Ainda não falei. Ele disse com visível orgulho: -O comité há-de ir visitar a senhora daqui a pouco e dar-lhe todas as explicações. A gente cuida das pessoas recém-chegadas o melhor que pode. Bem, se a senhora quiser ir ao toilette das senhoras, tem de ir pelo outro lado do edifício. Aí é que é o das senhoras.

A mãe perguntou com, inquietação: -O senhor disse que o comité das senhoras me vai visitar na minha tenda?

O homem inclinou a cabeça: -Vai, sim. Não deve demorar. -Muito obrigada-disse a mãe. E foi andando à pressa para a tenda.

-Pail-gritou ela, mal chegou.-John, levantem-se, andem! Vão-se lavar!

Olhos sonolentos e estremunhados ergueram-se para ela. -Vamos, todos!-clamou a mãe.-Levantem-se, lavem a cara e penteiem-se!

O tio John estava pálido e parecia doente. Tinha uma contusão vermelha no queixo.

O ai perguntou: -&Ue houve? -O comité!-gritou a mãe.-Vem aí um comité de senhoras visitar a gente. Levantem-se e lavem a cara. Enquanto a gente dormia e ressonava, o Tom saiu, arranjou serviço e até já está a trabalhar. Vamos! Tratem de se levantar!

Deixaram a tenda, sonolentos. O tio John cambaleava um pouco e sentia o rosto dorido.

-Vão ali àquela casa e lavem a cara-ordenou a mãe. -A gente vai comer e depois põe-se à espera do comité. - Dirigiu-se para, junto de um monte de lenha próximo da tenda; fez uma fogueira e foi buscar os utensílios de cozinha.-Papais de milho corria molho de toucinho-monologava ela-é uma coisa que se faz depressa. A gente tem de se despachar. - E continuou monologando.

Ruthie e Winfield olhavam-na, admirados. Ela fumava as folhas das folhas pairava sobre o acampamento. Ouviam-se vozes por todos os lados.

Rosa de Sharon, despenteada e ainda com os olhos cheios de sono, arrastou-se para fora da tenda. A mãe ergueu os olhos da farinha de milho que media às mancheias. Notou o vestido

sujo e amarrotado da filha, o seu cabelo despenteado e todo emaranhado.

-Vai-te pôr mais decente-ordenou a mãe com severidade. -Aí em frente podes lavar-te bem. Tens um vestido limpo, que eu lavei. E penteia-te. E tira-me essas remelas dos olhos, anda! -A mãe parecia. excitada.

Rosa de Sharon respondeu, enfadada: -Não me sinto bem. Quem me dera que o Connie tivesse vindo! Não me sinto capaz de fazer nada sem o Connie.

A mãe virou-se completamente para ela. A farinha de milho, amarela,

colara-se-lhe às mãos e aos pulsos.

- Rosasham- disse com severidade-vê sé crias um pouco de coragem. Tu já choramingaste o suficiente. Vem aí um comitI de senhoras visitar-nos e a nossa família não se pode apresentar assim suja, ouviste?

-Mas eu não me sinto bem, mãe. A mãe avançou alguns passos e estendeu as mãos sujas de farinha.

-Vai imediatamente -ordenou. -Há ocasiões em que a gente guarda só para nós aquilo que sente, compreendes?

-Vou vornitar-gerneu Rosa de Sharon. -Pois vomita tudo de uma vez. É natural que tenhas vontade de von-ú tar. Acontece isso a todas nós. Voibita de uma vez e depois trata de te arranjares. Lava os pés e calça os sapatos. -Tomou à sua tarefa.-E entrança esse cabelo! -recommdou.

Na frigideira, a banha espirrava para o lume e, quando a mãe deitou nela uma colherada de massa, a iordura deu um forte estalo e espirrou mais fortemente sobre o ume. Numa cafeteira, ao lado, o café começou a transbordar e o seu aroma espalhou-se no ar.

O pai voltava do departamento sanitário; a mãe examinou-o com olhos críticos. O pai perguntou:

-Tu disseste que o Tom arranjou trabalho? -Sim, senhor. E partiu antes de nós acordarmos. Bom, vai abrir aquele caixote e tira de lá um fato-macaco limpo e uma camisa. Olha, eu estou muito ocupada. Vê se dás um jeito às orelhas da Ruthie e do Winfield. Lá dentro há água quente. És capaz de me fazer isso, és? Esfrega bem as orelhas das crianças * o pescoço também. Esfrega, até que brilhem e fiquem vermelhos.

-Nunca te vi assim nervosa -comentou o pai. A mãe gritou: -já é tempo de a família voltar a andar como deve. Durante * viagem era impossível, mas agora pode muito bem ser. Deixa * teu fato sujo na tenda que eu, depois, o lavarei.

O pai entrou na tenda e voltou logo a seguir, vestindo um fato-macaco azul, bastante desbotado, mas limpo, e uma camisa,.

316

E levou as crianças tristonhas e inquietas até ao departamento sanitário.

A mãe gritou-lhe: -Esfrega-lhes bem as orelhas!

O tio John deixou o departamento sanitário dos homens e olhou em volta. Depois, tornou a entrar, sentou-se numa das retretes e quedou-se a pensar, por muito tempo, encostando a cabeça dorida às mãos.

A mãe retirou do lume a frigideira que continha as papas loirinhas e estava a deitar colheres de gordura para uma nova frigideirada, quando uma sombra se projectou sobre ela. Olhou por cima do ombro. Um homem de baixa estatura ' inteiramente vestido de branco, estava atrás dela. Era um homem de rosto magro @ vincado, queimado de sol, no qual cintilavam uns olhinhos joviais. Era delgado como um palito. Tinha a roupa muito limpa mas esfriampada nas costuras. Olhava para a mãe com um sorriso nos lábios.

-Bom dia-disse. A mãe viu o fato branco e o seu rosto adquiriu uma expressão de desconfiança.

-Bom dia-respondeu. -A senhora é que é a sr.a Joad? -Sou, sim, senhor. -Bem, o meu nome é Jim Rawley. Sou o director do acampamento. Resolvi dar um pulo até aqui, para ver se estava tudo em ordem. A senhora não precisa de nada?

A mãe olhava-o com desconfiança. -Não, senhor-disse ela. Rawley informou: -Eu já estava a dormir quando a sua família chegou, ontem à noite. Ainda bem que conseguiram uma vaga.-A voz dele era carinhosa.

A mãe disse com simplicidade: -Aqui é tudo tão bonito! Principalmente os tanques de lavar a roupa.

-Espere que as mulheres comecem a lavar. Elas vêm daqui a pouco. Garanto que a senhora nunca ouviu tanto barulho na sua vida. Parece um congresso. Sabe o que elas fizeram ontem, sna Joad ? Resolveram cantar, cantar em coro. Cantaram um hino e, enquanto cantavam, iam esfregando a roupa. Foi pena a senhora ter perdido esse espectáculo.

A expressão de desconfiança ia desaparecendo do rosto da mãe. -Deve ter sido bonito-disse ela.-Então o senhor é que é o chefe disto ?

-Não-disse ele.-O pessoal faz todo o meu trabalho. Cuidam da limpeza do acampamento, mantêm a ordem, fazem

317

tudo, enfim. Nunca vi uma gente assim. Estão a fazer roupas na sala das reuniões. E brinquedos. Nunca vi uma gente assim.

A mãe baixou os olhos para o vestido sujo. -A gente ainda não pôde lavar-se convenientemente -disse. -Em viagem, a gente suja-se muito.

-Ora, como se eu não soubesse disso!-foi a resposta dele, Pôs-se a cheirar.-Este café que cheira tão bem é o que a senhora está a fazer?

A mãe sorriu: -Cheira bem, não cheira? Assim, ao ar livre, tem bom cheiro. -E acrescentou com orgulho.-Seria uma honra para nós-se o senhor quisesse almoçar connosco.

Ele acocorou-se ao lado da fogueira. Com esse gesto, quebrou-se a resistência final da mãe.

-Seria um grande prazer para nós-continuou el@L,-.Não temos coisas muito finas, mas o senhor será bem-vindo.?

O homem sorriu. -já tomei o meu pequeno almoço, mas aceito uma xícara de café. Cheira tão bem!

-Pois não. Com muito prazer. -Não há pressa. A mãe deitou o café de uma grande lata para unia caneca de folha. E disse:

-Não temos ainda açúcar. Talvez hoje se arranje algum. Se o senhor está acostumado a tomar o café com açúcar, não vai gostar.

- Mas eu tomo sempre o café sem açúcar-foi a resposta. -O açúcar estraga o paladar do café.

-Bem, eu gosto do café um pouco doce-disse a mãe. Examinou-o súbita e silenciosamente, surpresa com tão rápida intimidade. Devassou-lhe o rosto e não encontrou senão traços de amabilidade. Notou-lhe as costu-

ras do casaco branco no fio e sentiu-se tranquilizada.

Ele sorvia o café. -Acho que as senhoras não tardam a vir visitá-la. - Mas a gente ainda não está limpa-disse a mãe.-Elas deviam vir depois de tudo estar mais arranjado.

-Ora! Elas sabem como são essas coisas -tranquilizou-a o director. - Quando elas aqui chegaram, aconteceu-lhes o mesmo. Pois claro. Se os conzités aqui do acampamento servem para alguma coisa é precisamente porque também já passaram por essas dificuldades.-Tomou o resto do café e ergueu-se.-Bem, tenho de ir andando. Se a senhora precisar de alguma coisa, é só dar um

pulo até ao meu escritório. Estou sempre lá. Mas que café forinidável! Muito obrigado. -Colocou a caneca em cima. do caixote, ao pé das outras, acenou com a mão e afastou-se, caminhando

318

pela rua das tendas abaixo. A mãe o*uviu-o ainda conversar com outras pessoas, à medida que ia avançando.

A mãe, baixando a cabeça sobre o peito, lutou contra o irresistível desejo de chorar.

O pai regressava com as crianças, que tinham ainda os olhos humedecidos por causa da dor que a esfrega das orelhas lhes havia causado. Pareciam muito submissas e brilhavam de asseio. A pele do nariz de Winfield, queimada do sol, começava a levantar.

-Pronto-disse o paL-Tirei-lhes bem duas camadas de porcaria. Por pouco, ia também a pele. Quase que tive de lhes chegar a roupa ao pêlo para os segurar.

A mãe examinou as crianças. -Estão bem bonitos -disse. -Tenho ali papas de milho com molho para vocês. Depois, vamos tirar tudo do caminho e arrumar as coisas lá dentro.

O pai encheu os pratos de folha das crianças e o seu também. -Só queria saber como foi que o Tom arranjou trabalho. -Não sei. -Bem, se ele arranjou, também nós seremos capazes de o arranjar.

AI, muito excitado, regressava à tenda. -Que sítio formidável! - exclamou. Serviu-se de papas e encheu a caneca de café.-Sabem o que um tipo aí adiante está a fazer? Está a construir uma roulotte. Ali perto, atrás daquela tenda. E a roulotte vai ter camas, fogão e tudo. Pode-se morar lá dentro. Meu Deus! Aquilo é que é viver bem! A gente pode, parar em qualquer sítio, que está sempre como em sua casa.

-Eu preferia uma casinha autêntica-disse a mãe.-Assim que for possível, vamos tratar de arranjar uma casinha.

O pai interrompeu:

- AI, depois de termos comido, tu, eu e o tio John vamos, no caminhão, procurar trabalho.

-Perfeitamente -respondeu AI-Eu gostava de me empregar numa garagem, se é que por aqui precisam de empregados. E um trabalho de que eu gosto. Podia ter um Fordeco, mesmo desses pequenos e antigos. Pintava-o de amarelo e ia ver tudo por aí. Vi uma pequena bem bonita, aqui na rua. Pisquei-lhe o olho. Mas que pequena formidável, bonita como o di-

abo!

O pai comentou com severidade: -E melhor tu tratares de trabalhar em vez de andares por aí a namoriscar.

O tio John saía do departamento sanitário e aproximava-se lentamente. A mãe olhou-o e franziu as sobrancelhas.

-Mas tu nem te lavaste-começou ela. Então, notou como o tio John estava abatido, fraco e cheio de tristeza. Acho melhor

319

tu ires para a tenda e deitares-te um pouco. Parece que te sentes mal.

Ele sacudiu a cabeça. -Não- respondeu. -Eu cometi um pecado, e agora tenho que receber o castigo. -Acocorou-se num desespero mudo, e encheu a xícara de café.

A mãe retirou da frigideira as últimas papas e disse como casualmente:

-O director do acampamento esteve aqui e tomou café comigo.

O pai, lentamente, ergueu o olhar: -Sim? Que é que ele queria já? - Nada. Apenas passar o tempo-disse a mãe, com afectação. -Sentou-se aqui e tomou uma caneca de café. Disse que nem sempre se encontrava um café tão bem feito.

--Mas o que é que ele queria?-repetiu o pai. -Nada, já disse. Veio só para saber como é que a gente ia. -Não acredito-volveu o pai.-Se calhar, veio por aí nieter o nariz, farejar coisas...

-Nada disse-gritou a mãe, zanrda.-A gente percebe logo quando alguém vem para espiar. uma coisa que eu vejo à légua.

O pai derramou no chão a borra do café.

- Não f aças isso, ouviste ? - censurou a mãe. - Isto aqui é um lugar limpo.

-Pois é. Estou vendo que acaba por ser tão limpo que nem se pode viver aqui-disse o pai, arreliado. -Avia-te, AI. Vamos ver se a gente arranja trabalho.

AI limpou a boca com a mão. -Eu estou pronto-disse.

O pai voltou-se para o tio Jolin: -Tu não vens? -perguntou. -Vou, sim.

-Não estás lá com muito boa cara. -Não me sinto muito bem, mas quero ir com vocês. AI trepou para o caminhão. -Precisamos de gasolina-disse. Pôs o motor em movimento.

O pai e o tio John sentaram-se a seu lado e o veículo saiu, rodando rua abaixo.

A mãe seguiu-os com o olhar. Depois, pegou num balde e foi até aos tanques instalados ao lado do departamento sanitário. Encheu o balde de água quente e levou-o para a sua tenda. Ocupava-se da lavagem dos pratos e das canecas, quando Rosa de Sharon apareceu.

-Pus a tua comida num prato-disse a mãe, examinando a filha com atenção. Os cabelos, penteados, escorriam e a pele

320

rosada reluzia. Trazia um vestido azul, estampado com pequeninas flo-

res brancas. Calçava os sapatos de salto alto que usara no dia do casamento. Corou sob o olhar investigador da mãe.

-Tornaste banho.-observou ela. As palavras brotaram rápidas da boca de Rosa de Sharon: _ Eu estava lá dentro quando entrou uma senhora e começou a tomar banho. A senhora sabe como é que se faz? A gente entra numa coisa que parece um balcão, mas lá dentro, dá-se volta a um rodinha e a água conicca a cair em cima da gente. Água quente ou fria, coniorne a gAte quiwr. Eu vi como ela fazia e depois fiz o mesmo.

-Pois vou lá tomar banho também-exclamou a mãe. -Assim que acabar isto, vou lá. Tu explicas-me corno se faz.

-Pois siin-respoiideu Rosa de Sharon.-Agora vou fazer o mesmo todos os dias. Sabe, mãe, ela viu que eu estava de barriga e sabe o que me disse? Disse-me que vem aqui, todas --s sernanas, uma enfermeira. E aconselhou-me a falar com essa enfermeira, que ela vai indicar-me tudo o que eu devo fazer para o bebé nascer forte. Disse que todas as senhoras daqui fazem o mesmo. E eu vou fazer o mesmo tambem.-As palavras brotavam-lhe precipitadamente dos lábios. -Sabe? A semana passada nasceu um bebé aqui e então fizeram uma festa no acampamento. Toda a gente deu roupinhas e presentes ao bebé... até um carrinho lhe deram, um carrinho de vime. Não era novo, mas pintaram-no de cor-de-rosa e ficou como novo. Puseram nome ao bebé e fizeram um bolo. Oh, meujesus! - exclamou ela, ofegante, acabando por se acalmar.

-Graças a Deus! Agora, sim. Estamos entre gente da nossa. Bem, vou tomar um banho-disse a mãe.

-Que bom que isto é!-exclarnou a rapariga. A mãe enxugou os pratos de folha, colocando-os em pilha. -Nós somos os joads. Nunca baixámos a cabeça diante de ninguém. O avô do nosso avô combateu na revolução. Era dono de uma fazendinha, até que ficou cheio de dívidas. Então... então veio aquela gente! E transformaram-nos... De cada vez que eles vinham era como se me chicoteassem. A mim e a todos nós. Depois, aquela polícia de NeedIes! Isso também me fez mal. Sentia-me miserável, cheia de vergonha. Esta gente aqui é da nossa e o director disto sentou-se aqui, tomou café comigo e disse: "Sr.ajoad, isto... Sr.ajoad, aquilo... Como vão as coisas, sr.ajoad? -Calou-se e depois soltou um suspiro.-Pois é isto, voltei a sentir-me gente.-Pôs o último prato na pilha. Entrou na tenda e revolveu o caixote, à procura dos sapatos e de um vestido limpo. Encontrou também um pequeno embrulho de papel com os brincos. E, quando passou pela filha, recomendou: -Rosasharn, quando aquelas senhoras vierem, diz-lhes que volto não tarda nada.-E sumiu-se para os lados das instalações sanitárias.

2I-V. 1.

321

Rosa de Sharon deixou-se cair pesadamente sobre uni caixote, a contemplar os sapatos que usara no dia do seu casamento, uns sapatos de verniz preto, de lacinhos da mesma cor. Esfregou as biqueiras com os dedos e depois limpou-os ao avesso da saia. Sentiu uma pressão no ventre ao curvar-se. Endireitou-se e apalpou o ventre com dedos cautelosos. E sorria.

Unia mulher robusta atravessava a rua, carregando um caixote, cheio de roupa suja, em direcção ao tanque. Tinha o rosto queimado do sol e os olhos eram negros e brilhantes. Trazia uni grande avental de linhagem por cima do vestido de chita e calçava sapatos de hornem, de cor castanha. Reparou em Rosa de Sharon, acariciando o ventre e notou

o sorriso no rosto da rapariga.

- Hein? -perguntou prazenteiramente. O que é que supõe que vai ter ?

Rosa de Sharon corou e baixou os olhos. Depois, ergueu a cabeça e viu que os olhitos ne ros e brilhantes da mulher a exa-

9 minavam.

-Não sei...-niurmurou ela. A mulher colocou no chão o caixote da roupa suja. -Tem aí um tumor vivo-disse, cacarejando como uma galinha satisfeita.

O que é que preferia? -Não sei... Acho que gostaria de ter um menino... sim... um menino, com certeza.

-Você chegou há pouco, não é verdade? -Foi ontem à noite, irias já muito tarde. -Vão ficar aqui mesmo? -Não sei. Se houver por aqui trabalho, a gente fica. Uma sombra cruzou o rosto da mulher e os seus olhitos adquiriram um brilho duro.

-Se houver trabalho... É só o que se ouve dizer. -O meu irmão já arranjou. já está a trabalhar. -já encontrou trabalho, hein? Bom, talvez vocês sejam criaturas com sorte. Pois tomem cuidado com a sorte. Não se pode ter confiança nela.-Foi-se aproximando.-Há apenas uma espécie de felicidade. Mais nenhuma. O que é preciso é terjuízo. Juízo é que é preciso-disse com ímpeto.-Mas, se você se der ao pecado, então, caute-la com o bebé... -Acocorou-se no chão, em frente de Rosa de Sharon.- Passam-se coisas escandalosas neste acampamento -disse, sombria.-Há bailes todos os sábados e eles não dançam quadrilhas, não! Dançam agarrados, como quem se abraça. Eu já os tenho visto.

Rosa de Sharon disse com reserva: -Eu gosto de dançar as quadrilhas.-E acrescentou com ar virtuoso:-Nunca dancei da outra maneira.

322

A 'mulher queimada do sol abanou a cabeça tristemente: _Mas há gente que o faz. Mas Nosso Senhor não deixa passar essas coisas. Não, senhora. Não pense que sim.

-Não, senhora-disse a rapariga com timidez. A mulher colocou a mão niorêlia e rugosa sobre o joelho de Rosa de Sharon. A rapariga estremeceu àquele contacto.

-Deixe-me avisá-la. São muito poucos os que vivem aqui no acampamento que amam Jesus de todo o coração. Aos sábados, à noite, quando a banda começa a tocar aquelas iriúsicas de dança em vez de escolher melodias sa@radas, essa gente desata a rodopiar, sim, senhor, a rodopiar... Eu bern os veio. Mas não me chego lá nem permito que os meus o façam. É uma coisa indecente, acredite.-Fez uma pausa enfática e prosseguiu, num cochichar roufenho.-E não é só isso. Até peças representam. - Vergou o corpo para trás, inclinando a cabeça, a ver o eleito que em Rosa de Sharon produzia aquela revelação.

-Artistas? -perguntou a rapariga, tomada de respeitoso medo.

-Não, senhora- explodiu a mulher. Não são actores, essas criaturas já condenadas! São gente daqui, gente da nossa. Até as crianças representam! Eu nem quis ver. Mas ouvi-os contar o que iam fazer. É o demónio que anda à solta neste acampamento.

Rosa de Sharon escutava-a de olhos arregalados e de boca aberta.

-Na escola, uma vez, a gente representou uma peça sobre o Menino Jesus, no Natal...

-Bem, isso era outra coisa. Uma peça sobre o Menino Jesus é outra coisa. Mas não sei bem se mesmo isso se deve fazer. Mas o @

ue eles fizeram aqui não foi nenhuma representação do Natal. oi um pecado, uma loucura, uma coisa do demônio. As pessoas andavam a pavonear-se, a gabar-se, a mostrar aquilo que na realidade não são. E dançavam agarrados uns aos outros, que era uma indecência!

Rosa de Sharon suspirou.

- E não eram poucos -continuou a mulher niorena.-Hoje em dia, podem-se contar pelos dedos so autênticos cordeiros do Senhor. Mas não pense você que eles vão escapar ao castigo, não, senhora. Deus vai apontando os pecados; vai-os somando todos. Deus está sempre a observar e eu também. Duas criaturas já pagaram os pecados que cometeram.

-Ali, sim?-perguntou Rosa de Sharon, palpitante. A voz da mulher morena ia subindo de tom e de intensidade. -Quer saber como foi? Era uma rapariga que estava à espera de um bebé, assim como você. Também tomou parte na tal representação e começou também a dançar daquela maneira indecente.-E a sua voz tornou-se fria e sinistra:-Ela começou

323

a emagrecer, a emagrecer... e o bebé, quando nasceu, nasceu morto.

-Meu Deus!-exclamou Rosa de Sharon, pálida como um espectro.

-Nasceu morto, todo ensanguentado. É claro, que, depois disso, ninguém mais lhe falou. E ela teve de se ir erabora daqui. Quem peca por vontade é assim que acaba. Sim, senhora! E havia outra ainda que fazia a mesma coisa. Essa também começou a emagrecer cada vez mais. E sabe o que aconteceu? Uma noite foi-se embora. Dois dias depois, estava de volta. Disse que tinha ido visitar não sei quem... Mas, quando voltou... já vinha sem o bebé. Sabe o que é que eu penso? Acho que o director a tirou daqui para ela ir fazer um aborto. Ele não acredita no pecado. Disse-mo, a mim. Disse-me que pecado é ter fome e sentir frio. Foi ele mesmo quem disse que nisso não via Deus, e que elas estavam magras porque não tinham que comer. Mas eu respondi-lhe à letra.-A mulher ergueu-se e deu alguns passos para trás.

O olhar dela fuzilava. Apontou rigidamente o indicador na direcção do rosto de Rosa de Sharon.-Eu respondi-lhe: "Saia de ao pé de mim! Eu já sabia que o demônio andava à solta neste acampamento. Agora sei quem ele é. Saia, Satanaz!" E, por Deus, ele foi-se embora. E tremia... parecia um verme! Depois, pediu-me: "Por favor, não faça as pessoas infelizes." Infelizes? "E então as almas dessa gente? O que é que aconteceu àqueles bebés que nasceram mortos e àqueles infelizes pecadoras que representavam no teatro?" Ele ficou a olhar para mim, arreganhou os dentes, o malvado, e foi-se embora. Viu que tinha encontrado uma verdadeira serva de Deus. E eu disse-lhe ainda: "Eu, aqui, ajudo Jesus a ver o que se passa. E você e esses outros pecadores não hão-de escapar ao castigo". Apanhou o caixote da roupa suja. -Tenha cuidado. Eu já a preveni. Cuidado com a criança que traz na barriga; afaste-se do pecado!-E foi andando, titânica, com os olhos a luzir, de virtude.

Rosa de Sharon acompanhou-a com o olhar. Baixou a cabeça e escondeu-a

entre as mãos, desatando a solução. Uma voz suave soou junto dela. Ergueu os olhos, envergonhada. Era o director, pequeno, com o seu fato branco.

-Não lhe dê importância- disse ele-não se preocupe, rainha filha.

Os olhos de Rosa de Sharon estavam cegos de lágrimas. -Mas eu também fiz o que ela condena -choramingou. -Também já dancei assim. Não quis confessar-lho, mas já fiz o mesmo. Foi em Sallisaw. Eu e o Connie.

-Ora. Não se preocupe com isso-disse o director. -Mas ela assegura que eu vou perder o meu bebé... Eu sei que ela costuma dizer isso. Ando sempre com os olhos

324

nela. É boa mulher, mas tem a mania de fazer os outros infelizes.

Rosa de Sharon sorveu as lágrimas. -Ela contou que conheceu duas raparigas que perderam os seus bebés neste acampamento.

O director acocorou-se ao lado dela. -Olhe-disse-eu também as conheci. O que elas tinham era muita fome e muito cansaço. Trabalhavam demais. E viajavam aos solavancos sobre os buracos das estradas. Estavam doentes. A culpa não foi delas.

-Mas ela disse... -Não se incomode com o que ela disse. Ela gosta de semear * desassossego. -Mas ela afirmou que o senhor é o demónio. - Eu sei que ela diz isso. É porque eu a não deixo andar * atormentar as pessoas.-Fez-lhe uma festa no ombro.-Não se incomode. Ela não sabe o que faz.-E afastou-se com ligeireza.

Rosa de Sharon acompanhou-o com o olhar. Os ombros estreitos do homenzinho agitavam-se ao ritmo dos seus passos. Ela estava ainda a seguir-lhe o vulto delgado quando a mãe voltou, limpa e corada, com os cabelos bem penteados e húmidos, presos atrás. Trazia um vestido de ramagens e os velhos sapatos, todos gretados. Tinha também posto os brincos nas orelhas.

-Pronto-disse a mãe.-Fiz como tu disseste. Meti-me debaixo do chuveiro e deixei a água quente cair sobre mim. E estava lá uma senhora que me disse que a gente podia fazer isso todos os dias se quisesse. E, olha, o comité das senhoras já veio?

-Hum... Hum... -respondeu a rapariga, fazendo um sinal negativo.

-Estiveste aqui este tempo todo e nem ao menos arrumaste a tenda.

Enquanto falava, a mãe pegou nos pratos de folha.-Temos de pôr tudo em ordem -disse. -Vamos, anda. Pega nessa saca e varre com ela o chão.-Recolheu os pratos, colocou as panelas no caixote e levou-o para a tenda.-Faz as camas bem feitas! -ordenou.-Mas que bem que me fez aquela água quente!

Rosa de Sharon obedeceu com indiferença. -A senhora acha que o Connie virá esta noite? -Talvez sim e talvez não. Sei lá! -Mas ele sabe onde a gente está, não sabe? -Sabe, sim. -Mãe, parece-lhe que o poderiam matar quando deitaram fogo ao acampamento?

-Não!-disse a mãe confiadamente. -Ele sabe mexer-se quando quer. É ligeiro que nem um coelho e sabido que nem uma raposa.

- Quem me dera que ele viesse! -Ora! Virá quando vier.
 - Mãe... -Eu queria era que tu trabalhasses. -Sim, mas... Mãe, acha que é pecado a gente dançar e representar no teatro e que eu por causa disso, posso ficar sem o meu bebê?

A mãe interrompeu a tarefa e pôs as mãos na cintura. -Mas que conversa vem a ser essa? Tu nunca trabalhaste no teatro...

-Eu não. Mas aqui, no acampamento houve uma rapariga que o fez e o bebê nasceu morto e cheio de sangue, como se fosse castigo.

A mãe tinha os olhos fitos nela. -Quem foi que te disse isso? -Foi uma mulher que passou por aqui. Depois passou aquele homem baixo, de fato branco e afirmou que não tinha sido por causa disso.

A mãe franziu a testa.

- Rosasharn -disse ela-vê se deixas de te preocupar sempre contigo. Assim, ralas-te e acabas por chorar. Não sei que bicho te mordeu. A nossa família nunca foi assim. Aceitava de olhos secos tudo o que lhe acontecia. Aposto que foi o Connie quem te meteu essas ideias na cabeça. Esse rapaz tem a mania das grafidezas.-E prosseguiu com severidade: -Rosasharn, tu és apenas uma pessoa, e, no mundo, há muita, muita gente. Deixa-te estar no teu lugar. Conheço uma porção de gente a quem meteram na cabeça essa história dos pecados e que acabaram por pensar que não valiam um chavo aos olhos do Senhor.

- Mas, mãe... -Cala a boca e agora vai trabalhar. Tu não és nem tão importante nem tão insignificante que valha a pena incomodar o bom Deus com as tuas histórias. Eu acabo por te dar uma bofetada se continuas a preocupar-te tanto com a tua pessoa.-Varreu a cinza para dentro da cova do lume e varreu as pedras em volta. Então viu o comité a aproximar-se na rua.-Vai trabalhar, anda! -disse-aí vêm as senhoras. Vai trabalhar, para eu poder orgulhar-me de ti. -Não ergueu os olhos, mas sabia que o comité estava próximo.

Não poderia haver dúvida alguma de que era o comité: três senhoras muito limpas e com os seus melhores vestidos; uma, magra, de cabelos que pareciam fios e de óculos de aros de metal; outra, gorducha, de cabelos grisalhos e crespos com uma boca pequena, de linhas suaves e doces, e a terceira, parecida com um mastodonte, de pernas e nádegas excessivamente grossas, seios volumosos e musculosa como um cavalo de tiro. O seu andar

era o de uma pessoa segura de si. O comité atravessou a rua cheio de dignidade.

A mãe achava-se propositadamente de costas para elas, como se estivesse distraída. Elas pararam, rodaram e ficaram em fila. E a mais gorda fez-se ouvir primeiro numa voz estrondosa:

-Bom dia, a senhora é que é a sr.a Joad, não é verdade? A mãe voltou-se com rapidez, como se tivesse sido apanhada de surpresa.

-O quê? Ali, sim, sou eu. Como é que a senhora sabe o meu nome?

-Nós somos do comité- respondeu a mulher alta.-Somos o comité das se-

nhoras do departamento sanitário n.º 4, Soubemos o seu nome no escritório.

A mãe disse, confusa: -Ainda não estamos muito apresentáveis. Seria um grande prazer para mim se as senhoras pudessem sentar-se um bocadinho enquanto eu lhes fazia um pouco de café.

A gorducha do comité atalhou: -Mas, Jessie, apresente-nos também à sr.a Joad. Jessie é a presidente -explicou.

Jessie disse cerimoniosamente: -Sr.a Joad; esta aqui é Annie Littlefield; esta é Ella Summers e eu chamo-me Jessie Bullitt.

-Muito prazer em conhecê-las -respondeu a mãe.-Não querem sentar-se? Aliás ainda não há lugar para se sentarem crescentou-mas vou já fazer um cafèzinho.

-Não, não-disse Annie-não se incomode conosco. Nós demos um pulo até aqui apenas para a cumprimentar e ver como vai. Queremos que a senhora se sinta aqui plenamente à vontade.

Jessie Bullitt observou com severidade: -Annie, agradecia-lhe que se não esquecesse de que a presidente sou eu.

-Pois, não. Eu sei. Mas, para a semana que vem, sou eu. -Pois então, espere até à semana que vem. A gente reveza-se todas as semanas -explicou.

-Mas não tomam um cafèzinho? -perguntou a mãe embaraçada.

-Não, muito obrigada. -jessie voltou a exercer a sua autoridade. -Primeiro, queremos mostrar-lhe o que há no departamento sanitário, e, depois, se a senhora quiser, pode entrar para o clube das senhoras e assumir um cargo qualquer. Claro que não é obrigada a entrar para o clube.

-Isso custa muito caro? -Não custa nada. Apenas é preciso trabalhar um bocadito. E, quando a senhora for mais conhecida, até pode ser eleita para

327

o comité- interrompeu Annie. -jessie representa no comité o acampamento inteiro. É pessoa importante no comité.

Jessie sorriu com orgulho. -Fui eleita por unanimidade -disse. -Bem, sr.a Joad, acho que é altura de lhe mostrarmos como são as coisas aqui no acampamento.

A mãe interrompeu: -Esta é a minha filha, Rosasharn. -Muito prazer-disseram as senhoras do comité. É melhor ela vir também conosco. A enorme Jessie falou novamente; tinha um ar misto de dignidade e de benevolência. O seu discurso tinha o ar de ensaiado.

-Não pense que a gente se quer meter na sua vida, sr.a Joad. Neste acampamento há uma porção de coisas que são de uso colectivo. E nós temos leis feitas por nós mesmas. Bem, vamos até ao departamento. E uma das coisas de uso colectivo. Por isso, todos nós temos de cuidar dele.-Foram andando vagarosamente até à secção dos tanques de lavar roupa, que eram em número de vinte. Oito estavam ocupados. As mulheres debruçavam-se sobre eles, a esfregar roupa suja, e, no chão muito lim-

po, de cimento, havia pilhas de peças de roupa torcidas. -A senhora pode servir-se desses tanques quando quiser-disse Jessie. A única obrigação que tem é deixá-los limpos.

As mulheres ergueram as cabeças num movimento de curiosidade. Jessie informou em voz alta:

-Estas são as sr as Joad e Rosasharn. Vieram morar aqui, conosco.

As mulheres cumprimentaram a mãe, em coro, e a mãe fez uma pequena reverência desajeitada e disse:

-Muito prazer em conhecê-las. Jessie foi adiante do comitê até aos tolletes e chuveiros. -já aqui estive-disse a mãe.-Até tomei um banho. -Fez muito bem. É para isso que eles aqui estão-volveu Jessie.-E o regulamento aqui é o mesmo: deixar tudo muito limpo. Todas as semanas se organiza um comitê que está encarregue de lavar e de esfregar bem o chão todos os dias. E possível que a senhora também entre nesse comitê. Cada uma de nós trás o sabão.

-Temos de comprar sabão. Estamos sem nenhum-disse a mãe.

A voz de Jessie tornou-se quase reverente: --A senhora já se tinha servido de uma coisa assim?-perguntou, apontando para os wcos sanitários.

-já, sim senhora. Airida hoje de manhã. Jessie suspirou: -Bom, então está bem. Ella Summers disse:

328

-A semana passada... Jessie interrompeu-a, com severidade: -Sr.,? Summers, eu é que conto... A outra cedeu: -Perfeitamente. Jessie continuou: -A semana passada, quando a senhora era a presidente, eu não me metia nas suas explicações. _ Pois sim, -nas conte o que aquela senhora fez-volveu Ella.

-Bem-disse Jessie.-Não é costume deste comitê meter-se em mexericos, mas eu vou contar a coisa, sem citar nomes. A semana passada chegou ao acampamento uma senhora, e veio aqui antes que o comitê lhe tivesse feito uma visita. Pois bem, ela pegou nas calças do marido; pô-las de molho na bacia da retrete e disse:-Livra! Mas isto é muito baixinho. Deviam fazer isto mais alto; a gente fica com as costas doridas de tanto se curvar. Porque é que não teriam feito isto mais alto?-O comitê sorriu com um sorriso de superioridade.

Ella interrompeu de novo: -E a tal mulher ainda disse mais. Disse assim: "Não dá para se pôr muita roupa suja de uma vez; é muito pequena."

Ella teve de enfrentar o olhar severo de Jessie. Esta prosseguiu: - Também temos os nossos aborrecimentos com o papel higiênico. O regulamento diz que ninguém pode tirar o papel higiênico daqui.-Deu um estalo agudo com a língua.-Todo o acampamento contribui para a compra do papel higiênico. -Calou-se por um instante, para confessar depois:-O n.º 4 está a gastar papel higiênico demais. Alguém o rouba pela certa. Até na assembleia geral das senhoras, se discutiu o assunto. "O departamento n.º 4 das senhoras gasta demasiado papel higiênico." disseram. Imagine! Na assembleia geral!

A mãe seguiu a narrativa com a respiração em suspenso. -Roubam o pa-

pel? Porquê? -perguntou. -Bem-disse Jessic-não é a primeira vez que isso acontece. Da outra vez, eram três meninas que tiravam o papel para fazer bonecas. Apanhámo-las em flagrante. Mas agora não podemos imaginar quem seja. Mal se coloca um rolo, logo se gasta. Imagine, até na assembleia tiveram de falar no caso! Uma senhora disse que a gente devia arranjar uma campainhazinha para tocar cada vez que o rolo de papel girasse. Assim, a gente poderia fiscalizar o papel que se gastava. Sacudiu a cabeça.-Mas, francamente, não sei o que hei-de fazer. Andei preocupada com isso toda a semana. Alguém rouba o papel higiênico do n.o 4.

Da porta veio uma voz chorosa: -Sr.o- Bullit!

329

O comité voltou-se.

- Sr.a Bullit, eu ouvi o que a senhora disse. -Uma mulher muito corada e cheia de suor apareceu à porta.-Não tive coragem de ir denunciar-me à assembleia. Não tive coragem, sr.a Bullitt. Iam rir-se de mim.

-De que é que a senhora está a falar? -perguntou Jessie. -Pois é... nós todas... pode ser que seja a gente. Mas nós não roubámos nada, não, sr.a Bullitt.

i

essie aproxim * ou-se dela. O suor caía em grandes bagas da testa da mulher cheia de confusão.

-Não ternos culpa, sr.a Bullitt. -Diga de uma vez o que tem a dizer -ordenou Jessie. -Esta secção tem passado uma vergonha por causa da falta do papel higiênico.

-Toda a semana... Não tivemos culpa... sr.a Bullitt. A senhora bem sabe que eu tenho cinco filhas.

-Sei, e que é que elas fizeram? -perguntou Jessie com voz arneçadora.

-Não fizeram nada. Apenas se serviram do papel. É a verdade, verdade-nha.

-Mas não tinham esse direito. Quatro a cinco folhas é o suficiente. Que é que elas têm?

A mulher guinchou: -Era diarreia, sr.a Bullitt. Todas as cinco com diarreia. Nós estamos mal de dinheiro. Comeram uvas verdes. Apanharam urna diarreia terrível. Tinham de correr para aqui de dez em dez minutos. -Começou a defender as filhas:-Mas não roubavam o papel, não, senhora.

Jessie suspirou: -A senhora já devia ter contado tudo isso. Devia ter dito.

O nosso departamento passou por uma vergonha, só porque a senhora não disse nada. Diarreia, toda a gente pode ter.

A voz humilde ganiu: -Que é que eu havia de fazer? Não pude impedir que comessem uvas verdes.

E cada vez é pior. Ella Summers explodiu: -Mas, e o auxílio? Elas deviam receber o auxílio! -Sr.a Summers-atalhou Jessie-aviso-a pela última vez: a presidente não é a senhora, sou eu. -Voltou-se para a mu-

lher, toda assustada e vermelha.-A senhora não tem dinheiro, sr.aJoyce?

A mulher baixou os olhos, envergonhada. -Não, senhora. Mas com certeza que brevemente encontraremos trabalho.

-Não se incomode com isso-disse Jessie.-Não é nenhum crime. A senhora vai daqui direitinha ao aririazém de Weedpatch

330

comprar artigos de mercearia. O acampamento tem lá um crédito até vinte dólares. A senhora pode fazer compras no valor de vinte dólares. Depois, quando arranjar trabalho, devolve esse dinheiro ao comitê central. Mas, sr.a Joyce, a senhora sabia isto; como é que teve coragem de deixar as suas filhas passarem fome?!

-A gente nunca aceitou esmolas-disse a sna joyce. -A senhora bem sabe que isto não é uma esmola-gritou Jessie, enfurecida. -Neste acampamento não há esmolas. Nenhum de nós as aceitaria. Bem, agora, a senhora trate de ir ao armazém fazer as suas compras. Traga a nota e entregue-a.

A sr.a Joyce replicou com timidez: -Mas, e se a gente nunca mais estiver em condições de pagar? Há muito tempo que a gente não tem trabalho...

-A senhora só paga se puder. Se não puder, isso não é da minha conta nem da sua. Houve um homem que dei@ou este acampamento já há mais de dois meses e agora mandou-nos o dinheiro que ficou a dever. A senhora não tem o direito de deixar as suas filhinhas passarem fome neste acampamento.

-Sim, senhora -respondeu, submetida, a sr.,A Joyce. E apressou-se a desaparecer. Jessie, toda encolerizada, dirigiu-se ao comitê: -Ela não tem o direito de se fazer fina. Não tem o direito de nos fazer uma coisa destas.

-Está aqui há muito pouco tempo. Pode ser que não soubesse -disse Annie Littlefield. -Talvez que já lhe tivesse acontecido dirigir-se a uma organização de beneficência. Não, Jessie, não me mande calar agora. Também tenho o direito de falar. -Dirigiu-se à mãe. -Quando se recorre alguma vez à caridade, abre-se dentro de nós urna ferida que não sara nunca. Aqui não há esmolas, mas, quando alguma vez se foi forçado a aceitar uma esmola, nunca mais a gente esquece. Aposto que nunca lhe aconteceu isso, Jessie.

-Não, nunca-disse Jessie.

- Bem, a mim j à me aconteceu - continuou Annie. - Foi no Inverno passado. A gente já estava quase a morrer de fome. Eu, meu marido e as crianças. E chovia. Alguém nos aconselhou a procurar o Exército de Salvação.-O seu olhar fuzilou.-A gente estava com muita fome; foi preciso pormo-nos de rojo para termos que comer. Acabaram com toda a nossa dignidade aqueles... tenho um ódio àquela gente que nem sei! Pode ser que à sr.aJoyce também tenha acontecido qualquer coisa assim. Pode ser que ela pensasse que o que se dava aqui também era uma esmola. Sr.a Joad, nós não consentimos isso no nosso acampamento. Não permitimos que ninguém dê seja o que for a outra pessoa. Quem quiser, pode fazer as suas ofertas ao acampamento, que, depois, o comitê encarrega-se de distribuir tudo. Não queremos aqui esmolas.-A sua voz tornou-se rouca e violenta.-Odeio aquela

gente -disse. -Nunca vi o meu marido tão humilhado, mas eles... o Exército de Salvação conseguiu desmoralizá-lo.

-já ouvi falar nisso-murmurou brandamente.-Já, já. Bom, temos de continuar a nossa volta com a sr.a Joad.

-Aqui é tudo tão bonito! -exclamou a mãe. _Vamos à sala de costura-sugeriu Annie.-Há lá duas máquinas @e costura. Fazem-se lá vestidos e arranjam-se os cobertores. Talvez a senhora venha a gostar de trabalhar lá.

Quando o comité chegara de visita à mãe, Ruthie e Winfield puseram-se sorrateiramente fora de alcance.

- E se nós fôssemos ouvir o que elas dizem ? - propôs Winfield. Ruthie segurou-lhe o braço. -Não-respondeu ela-por causa dessas filhas da mãe é que a gente teve de se lavar. Não, quero ir.

Winfield ameaçou: -Tu contaste aquilo da retrete à mãe. Pois agora, vou dizer-lhe o que chamaste àquelas senhoras.

Uma sombra de medo cobriu o rosto de Ruthie. -Não faças isso. Eu contei porque sabia que tu não tinhas quebrado coisa nenhuma.

-Isso é que tu não sabias!-gritou Winfield. Ruthie continuou: -Vou dar uma volta por aí. Foram caminhando pela rua formada pelas tendas e espreitando para dentro de todas, com um ar atoleimado e estranho. Ao fim do departamento, abria-se uma praça, onde haviam traçado uma marcação de "croquet". Meia dúzia de crianças brincava, com ar de seriedade, na praça. Diante de uma tenda, uma senhora de idade, sentada num banco, tomava conta delas. Ruthie e Winfield apressaram o passo.

-A gente pode brincar também? -perguntou Ruthie. -As crianças olharam para ela. Uma menina de tranças disse:

-Na outra partida já podem entrar. -Mas eu quero entrar já!-gritou Ruthie. -Agora não pode. Só quando terminar a partida. Ruthie saltou para cima da marcação, com modos ameaçadores.

-Mas eu quero brincar já, pronto! A menina das tranças segurava o martelo com firmeza. Ruthie saltou-lhe em cima, esbofeteou-a, empurrou-a e arrebatou-lhe o martelo das mãos.

-Eu não disse que ia brincar? -perguntou triunfalmente. A senhora de idade levantou-se do banco. Ruthie encarou-a com ar sombrio. A senhora disse:

-Deixem-na brincar corno fizeram com o Ralph a semana passada.

Todas as crianças puseram os martelos no chão e deixaram silenciosamente o recinto. Mantiveram-se a distância, a olhar com os olhos parados, inexpressivos. Ruthie lançou-lhes um olhar. Depois, deu com o martelo numa bola e correu atrás dela.

-Vem cá, Winficid! -gritou ela.-Arranja um martelo. Mas logo se pôs a olhar, cheia de espanto.

1 Winfield tinha-se juntado às crianças que, afastadas, observavam Ruthie, e também ele a olhava com olhos igualmente inexpressivos.

Teimosa, Ruthie deu outra pancada na bola, levantando grande nuvem de poeira. Fingiu que se divertia extraordinariamente. E as crianças continuavam a ficar de lado, a observar. Ruthie juntou duas bolas e bateu-as simultaneamente. Virou as costas aos olhos que a observavam e não tornou a voltar-se. De repente, avançou para elas com o martelo na mão.

-Agora venham brincar! -exigiu. As crianças afastavam-se silenciosamente, à medida que ela se ia aproximando. Por um instante cravou os olhos nelas; depois, atirou o martelo de pau ao chão e correu para a sua tenda, a

chorar. As crianças voltaram então para o campo de jogo.

A menina das tranças disse a Winfield: _ Tu podes entrar na partida. A vigilante advertiu-as: -Se ela quiser voltar e se portar bem, vocês deixam-na entrar no jogo. Tu também eras assim mãzinha, lembra-te, Amy?

O jogo continuou, enquanto Ruthie na tenda da família Joad, chorava, sentindo-se profundarriente infeliz.

O camião rodava por bonitas estradas, passando por pomares, onde os pêssegos começavam a tingir-se de cor-de-rosa, por parreiras de cachos de uvas de um verde pálido, sob renques de noqueiras, cujos ramos se debruçavam até meio da estrada. Em cada portão de pomar, AI diminuía a marcha do camião. Em cada portão, havia o seguinte aviso: "Não temos necessidade de trabalhadores. Entrada proibida".

AI disse:

1 -Mas, olhe, pai, há-de haver trabalho quando essas frutas estiverem maduras. É um sítio bem apanhado este. Antes que a gente lh(-s pergunte, eles já vão avisando que não há trabalho.

O pai retorquiu: -Quem sabe? Talvez fosse melhor a gente entrar num sítio qualquer e perguntar se sabem onde há trabalho. Acho que era

o que a gentt@ devia fazer.

Um homem de fato-macaco e camisa azuis ia caminhando à beira da estrada.

333

AI parou o camião junto dele. -Faz favor... Pode-me informar onde é que há trabalho por aqui? -perguntou.

O homem parou e sorriu com amargura. Faltavam-lhe os dentes da frente.

-Eu não sei-respondeu.-O senhor sabe? Andei por aqui toda a semana e não consegui arranjar coisa nenhuma.

-O senhor mora no acampamento do governo? -perguntou AI.

- Moro, sim. -Então venha daí. Suba para o camião e vamos procurar trabalho juntos.

O homem subiu por um dos lados de veículo e saltou para dentro.

-Tenho a impressão de que não conseguimos arranjar trabalho nenhum. Pois, se nem sabemos onde o procurar!-disse o pai.

-A gente devia ter falado com aquela gente do acampamento -observou AI. -Tio Jolin, o senhor está melhor?

-Estou mal-respondeu o tio John-dói-me tudo e é bem feito. Eu devia ir-me embora para um sítio onde não fizesse recair sobre a família o peso dos meus pecados.

O pai colocou a mão sobre o joelho do tio Jolin. -Escuta, Jolin, tu não te vais embora nem coisa nenhuma. A família tem-se ido desfazendo. O avô e a avó morreram, Noah e Connie fugiram e o pregador foi preso.

-Tenho um palpite de que a gente ainda vai encontrar o Casy-disse o tio Jolin.

Os dedos de AI brincavam com a bola da ponta da alavanca de mudancas.

- O s@nhor está muito mal para ter palpites - disse. - O diabo leve tudo isto. É melhor a gente voltar, falar lá no acampamento e saber onde dc,,,cinos procurar trabalho. Isto assim é o mesmo que procurar agulha em palheiro.-Fez parar o veículo, debruçou-se para fora e gritou para trás:-Olhe aqui, ó! Vamos voltar para o acampamento, para sa-bermos onde é que há trabalho por aqui. Não vale a pena gastar gasoli-na à toa.

O homem debruçou-se por cima do taipal da carroserie. -Está bem-concordou.-Eu já tenho os presuntos gastos de tanto calcorrear. E ain-da não comi nada hoje.

Al (leu a -volta no meio da estrada, para regressar ao acampaim,nto.

-A mãe vai ficar danada, principalmente por o Tom ter ai@i-@pi,tdo tr-ltbalho com tanta facilidade e a gente não-disse o pai.

-Po(ll- ser que ele afinal não tivesse arranjado -respondeu AI.

tenha saído para procurar trabalho, como nós. Eu só

queria era achar emprego numa garagem. Ia aprender depressa as coisas porque gosto deste trabalho.

O pai resmoncou qualquer coisa; depois todos se mantiveram silenciosos até chegarem, ao acampamento.

Quando o comité a deixou, a mãe sentou-se num caixote, diante da tenda dos Joads, olhando para Rosa de Sharon com uma expressão acanhada.

-Pois é isto-disse.-Sim, senhora; há muito tempo que não era assim tão bem tratada. Aquelas senhoras foram muito gentis, não achas?

-Tenho de ir trabalhar para a enfermaria- atalhou Rosasharn-disseram elas.-É da maneira que fico a saber tudo o que diz respeito aos be-bés...

A mãe abanou a cabeça, com ar de quem se encontrava .maravilhada. -Que bom se a gente encontrasse trabalho e entrasse algum dinheiro!-Os seus olhos perdiam-se distantes.-Se eles trabalhassem e nós fizéssemos o

mesmo aqui, com esta gente tão boa, ao pé... Logo que puder, compro um fogãozinho bonito. Não são nada caros. Depois, a gente comprava uma tenda maior, com espaço suficiente. E depois arranjávamos colchões. Esta tenda ficava só para a gente dormir. Sabes? Vamos ao baile no sábado à noite. Dizem que a gente pode levar pessoas amigas se quiser. Que pena não termos amigos para convidar, não achas? Talvez os homens tenham a quem convidar...

Rosa de Sharon olhou rua abaixo. -Olhe, aquela mulher disse que eu ficava sem o meu bebé ... -começou ela.

-Vê se acabas com isso-advertiu a mãe. Rosa de Sharon disse baixinho: -Eu estou a vê-Ia. Lá vem ela, suponho... Mãe, não a deixe ... A mãe voltou-se e encarou a figura que se aproximava. -Como vai?-perguntou a mulher.-Sou a sr.a Sandry, Lisbeth Sandry. já falei com a sua filha hoje de manhã.

-Como vai?-perguntou a mãe por seu turno. -A senhora está de bem com Deus? -Muito bem-respondeu a mãe e. -Redimida dos seus pecados?

- SIM.

O rosto da mãe conservava-se fechado, com ar de quem está na defensiva.

-Muito bem. Fico muito contente por saber isso-volveu Lisbeth.-Há por aqui muitos pecadores. A senhora está numa terra horrível. Tudo por aqui é maldade. Gente má. Acções rnedonhas; pessoas como nós, com sangue do cordeiro, dificilmente

335

podem suportar uma coisa assim. Estamos completamente rodeados de pecadores.

A mãe corou ligeiramente, mas cerrou com firmeza os lábios. -Pois a mim parece-me que esta gente daqui é muito boa -respondeu.

A sr.a Sandry arregalou os olhos. -Boa?! -exclamou. -A senhora acha que uma gente que dança assim de maneira tão indecente, pode ser boa?! Pois olhe, a sua alma eterna não poderá ter sossego neste acampamento. Ontem de noite fui a Weedpatch tomar parte num culto. Sabe o que disse o pregador? Disse assim: "Reina a maldade nesse acampamento." E mais: "O pobre ali aspira a ser rico." E disse ainda: "Eles dançam coisas imorais, quando deviam lamentar-se dos seus pecados, gemer e chorar." Sim, senhora, foi o que ele disse. "Cada um dos que estão aqui presentes não passa de um pecador de alma negra", disse ele. Fazia bem ouvi-lo falar assim. Pode crer. E a gente sabia que estava redimida, salva, porque não entrou naquelas danças.

As faces da mãe tingiram-se de cor de púrpura. Ergueu-se inteiramente e encarou a sr.a Sandry.

-Suma-se! -gritou. -Suma-se daqui imediatamente, antes que eu me torne uma pecadora, dizendo-lhc para onde deve ir, ouviu? Vá lá para os seus choros e gemidos.

A sr.a Sandry fitou-a boquiaberta. Deu um passo para trás. E então mostrou-se enfurecida.

-Pensei que vocês fossem cristãos! -E é que somos-exclamou a mãe. - Não, vocês não são. O que vocês são é pecadores, que hão-de arder todos no inferno. E hei-de falar de vocês na reunião, isso é que eu hei-

de! Até já estou a ver a vossa alma negra a arder. Vejo até uma criança inocente a arder no ventre desta rapariga.

Um grito agudo rompeu dos lábios de Rosa de Sharon. A mãe, baixando-se, apanhou um pau.

-Suma-se daqui!-disse friamente-e não volte cá mais. já conheci gente da sua espécie. Vamos, vá, ponha-se a andar e depressa!-A mãe avançou em direcção à sr.,? Sa-í-id-@.

A mulher recuou um momento e, de repente, atirou a cabeça para trás e rompeu num choro que mais parecia um uivo. Titilava os olhos revirados. Os ombros e os braços bamboleavam, frouxos, e, do canto da boca, escorria-lhe uma saliva gélida, que é viscosa. Uivava sem descanso; eram uivos profundos, apavorantes, de animal selvagem. Homens e mulheres acorreram de oitras tendas e aproximavam-se, assustados e silenciosos. Lentamente, a mulher foi vergando os joelhos. Os uivos foram nuni-lanidos borbulhantes e tremidos. Caiu de lado, com os braços e as pernas torcidas. Via-se-lhe o branco dos olhos.

336

Um homem arriscou em voz baixa: -O espírito. Ela recebeu o espírito. A mãe não fazia o menor movimento, fixando o vulto torcido no chão.

O director ia passando, por acaso, tio Iwal. -Há alguma novidade? -pergunta. A multidão abriu-lhe caminho, deixando-o passar. Ele levou um olhar à

V, para lamentar -disse. -A multidão quer ir lá para a tenda?

A multidão, silenciosa pôs-se a arriar os pés. Doi, curvaram-se, levantando o corpo, pois a multidão, por baixo dos braços e outro segurou-a pelos pés. Lentamente, seguidos do povo, que os acompanhava, foram para a tenda.

Rosa de Sharon air-se para dentro da sua tenda; cleitou-se no chão e cobriu o rosto com um cobertor.

O director olhou para a multidão e o seu olhar desceu até ao ponto que ela ainda segurava. Sorriu com um sorriso fatigado.

-A Senhora multidão?-pergunta. -A multidão contempla ainda a multidão, que diminuiu lentamente.

-Não, mas era capaz disso. É a segunda vez hoje que ela deixa a filha quase maluca.

-Não vale a pena bater nessa multidão o director.

-Ela não regula bem, é o que é; não regula bem.

Woli baixinho:-Só quero que ela se vá embora daqui, multidão! -Ela, só, provoca mais complicações do que todo o acampanamento.

A mãe acalmara-se. -Se ela aqui voltar, ainda acabo por lhe bater. Não sei se me poderei conter. Não lhe consinto que me rale a pequena outra vez.

- Não há perigo, Sr. Joad. A senhora não a tornar, tei -garantiu o director. -Ela só costuma maçar as pessoas -chegadas.

Não volta aqui, não. Pensa que a senhora,
pecadora.

U 11) :I

-Bem, e é o que eu sou, na verdade - respondeu a

_Naturalmente. Todos nós somos pecadores, irias não como ela supõe.
Ela não regula bem, sr.21, Joad.

A mãe olhou-o com gratidão. Depois disse: -Ouviste isto, Rosasharn?
Ela não regula bem; é nialuf 1

Mas a rapariga nem levantou a, cabeça. A mãe prosseguiu: -Eu já o vou
avisando. Se ela voltar, não respoi,do por mim.
Sou capaz de lhe bater, isso é que eu sou!

Ele esboçou um sorriso contrafeito.

22-V. 1.
037

-Compreendo muito bem o que a senhora sente. Mas veja se evita,
veja se evita. Foi-se afastando vagarosamente, em direcção à tenda pa-
ra onde a sr.a Sandry fora transportada.

A mãe entrou na tenda e sentou-se ao lado -de Rosa de Sharon. -Olha-
disse-lhe. A rapariga permaneceu imóvel. Suavemente, a mãe ergueu o
cobertor que lhe cobria o rosto. Aquela mulher é meio doida- acrescen-
tou. -Não acredites nessas coisas que eIa disse.

Rosa de Sliaron cochichou apavorada: -Quando da falou sobre essa coisa
de arder... eu senti-me mesmo a, arder...

- Nada. d@iquiIo é verdade -insistiu a mãe. -SUito-nic tão cansada! -
murmurou a rapariga. -Estou farta dc tudo o que me tem acontecido.
Quero dormir, quero dormir.

-Então dorine. Aqui é tudo muito bom. Podes dormir à vontade.

--Mas, e se eIa voltar? -Ela mto v()Ita-disse a mac.-Fico sentada ali
do lado de fora c não a (I(Ixo voltar. Agora descansa porque não tarda
que tenhas trabalho na creche.

A mãe (-i,gti(,ti-se. com esforço e sentou-se à entrada da tenda. Ti-
nha tOm,@ido higar num caixote e estava com os cotovelos apoiados no@
jo@ Ilio@ (, o queixo na concha das mãos. Via o formigar de vida do
acanipain(nton; ouvia o vozear das crianças e o martelar num aro (le
fui i-o, mas o seu olhar perdia-se ao longe.

Ao v(Jt;@.r da estrada, o pai foi dar com ela nessa posição. Acocorou-
se a(-) s(,ti lado. Lentamente, ela virou os olhos para ele.

-Encontrarani trabalho?-pci-guntou.

- Não --- r, spondeu ele, envergonhado. - Procurámos mas nada conse-
guimos.

-Onde (slá o AI, o John e o caminhão? -Paiaram ali adiante, a fazer um
conserto. A gente queria arranjar f,,i-ttmcntas emprestadas,
mas o homem aconselhou-nos a (li,- lizéssemos -a reparação ali mesmo.

A m,@-@e dÍ,,@e tristemente: -l@o é tudo tão bonito! A gente aqui po-
dia ser bem feliz! -Sim, (, encontrassc trabalho. Sentindo instintiva-

mente a tristeza que a empolgava, ele ficou-se a (,stiid,ii@-lhe o rosto. ,-Po;-qtie te queixas? Se aqui é tudo tão bonito, não tens razão para te lamentares.

Ela contemplou-o por um instante e depois cerrou lentamente os olhos:

-E engraçado, não é? Durante todo o tempo em que andávamos aos solavancos pelas estradas, não pensei em nada. E agora,

338

que encontro aqui uma gentç tão boa, qual é a primeira coisa que faço? Pensar em coisas tristes... estou a lembrar-me daquela noite em que o avo morreu e nos o eiltert-ái-nos,.. Andava cheia de sacudidelas e de caminhadas e rião pensava tanto. Mas chegámos e é pior, afinal. Lembro-me também da avó e do Noali, quando 6e foi embora assim, daquela maneira! Ir-,@e embora, rio abaixo! Todas essas coisas faziam parte de tudo, mas agora vêm-i outra vez. A avó, unia indigente... enterrada como indigentel Agora é que custa. Custa muito. E o Noali, que se foi ernbõra rio abaixo... Ele nem sabia o que iria encontrár. E. nós tai-ribém não; nutica mais saberemos se é vivo ou morto. Nunca mais. E o Connie que luo-lu! Antes, não dava tanto valor a tudo isto. Mas agora vejo tudo, In E eu devia sentir-me feliz por "tar num sítio a@.@im tão lindo. -0 pai observava-lhe o mexer dos lábios e os olhos completamente fechados. -Agora vejo bem as montanhas agudas conio dentes velhos, ali para aquelas bandas do rio por onde o Noah seguiu. Lenibro-me bem do mato onde o avô foi enterrado. Lembro-me daquele cepo de lâ de casa; ainda tinha uma pena grudada. estava todo cheio de sulcos, e negro de sangue de galinha,

-Vi hoje uns patos bravos-disse o pai, assumindo o tom da mãe.-Voavam muito alto, para os lados do sul. Parecia que iam cheios de frio. E vi uns melros poisados nos fios e pombas nas cercas.-A mãe abriu os olhos e encarou-o. Ele prosseguiu: -Vi um turbilhãozinho de vento que parecia um homem a girar em volta de um campo. E os patos selvagens, que voavam cada vez mais para o sul...

A mãe sorriu: -Tu lembras-te?-pergunto@i.-Lernbras~te do que a gente costumava dizer lá em casa? "0 Inverno, este ano, vai chegat cedo" dizíamos nós quando víamos os patos a voar assim. Era costume dizer-se isso e o Inverno vinha quando tinha de vir. Xl4s nem por isso a gente deixava de dizer: "Este ano, ele vem cedo". Nem sei o que é que nós queríamos dizer com aquilo!

-Eu vi os melros nos fios-tornou o pai.-Estavam uns pertinho dos outros. E os pombos... não há nada como uni pombo para ficar quieto... quando está no arame das cercas. Às vezes, são dois, lado a lado... E aquele ventinho redernoinhante... da altura de um homem, a dançar pelo campo fora! Sempre gostei de ver aqueles redemoinhos do tamanho de uni homem.

-Era melhor não pensar mais na nossa casa--lembrou a mãe.-Já não é a "nossa casa". Quem me dera poder esquecê-la! E ao Noali também.

-Ele nunca regulou bem da cabeça... quer dizer... bem, a culpa foi minha. -já te disse que nã o continues com isso metido na cabeça.

e não osse sso, talvez nem tivesse vivido...

339

-Mas eu devia saber... _Pára com isso agora4-pedi a mãe.-Noah era esquisito. Quem sabe? Talvez ele tenha sido icliz, à beira do rio. Talvez seja melhor assim. A gente não se deve preocupar. Aqui tudo é muito bonito, e pode ser que voc'ês encontrem trabalho depressa.

O pai apontou para o céu. -Olha, lá vêm mais patos selvagens. Que belo bando! Mãe, .@o Inverno vai chegar cedo este ano". A mãe deu uma risada.

- As vezes a gente faz coisas e não sabe porquê.

- Lá vem o John - anunciou o pai. -Vem cá, Jolin, senta-te áqui!

O tio John acercou-se deles e acocorou-se em frente da mãe. -A Vente não encontrou nada -disse. -Andámos à toa. Olh; , - . quer falar contigo. -Precisa de um pneu novo, parece.

O outro tem já a borracha toda gasta, diz ele.

-Oxalá que ele encontre um pneu barato. A gente tem já muito pouco dinheiro. Onde está o AI?

-Está lá em baixo, na primeira esquina, à direita. Disse que o pneu é capaz de rebentar, e a câmara-de-ar também m, se

A gente não comprar um novo.

O pai afastou-se vagarosamente, os seus olhos iam seguindo o V gigante que os patos formavam no céu.

O tio John apanhou uma pedra do chão, deixou-a cair e tornou a apanhá-la. Não olhava para a mãe.

-Não há trabalho-disse, -Vocês ainda não percorreram tudo-respondeu a mãe. -Não, mas por toda a parte há cartazes, dizendo que não precisam de trabalhadores.

Pois sim, mas o Tom arranjou trabalho. Ele ainda não voltou.

O tio John insinuou: -Quem sabe? Talvez também se tenha ido como o Connie e o Noah.

A mãe lançou-lhe um olhar sobressaltado, mas logo os seus olhos se adoçaram.

-Há coisas que a gente pressente logo-disse ela.-Há coisas de que a gente tem a certeza. Tom arranjou trabalho e, à noite, estará de volta. Isso te garanto eu.-Sorriu com satisfação. -Ele é um bom rapaz, não é? -perguntou. -Uma jóia de rapaz!

Automóveis e caminhões regressavam ao acampamento, e os homens dirigiam-se em grupos ao departamento sanitário. Cada uni deles levava no braço um fato-macaco e uma camisa lavada.

A mãe voltou à realidade:

340

-John-exclamou-vê se encontras o pai. Diz-lhe para ir ao armazém. Preciso de fexjãô e de aç-úcâr... c... e de um pedaço de carne para assar e cenouras... e... diz ao pai pára ele compirar uma coisa boa, seja o que for, contantô que seja realmente boa... para hoje. Esta noite, temos de comer uma coisa boa.

CAPITULO XXIII

O povo em êxodo, correndo atrás do trabalho, procurando a vida encarniçadamente, esse povo também procurava o prazer; andava à cata de prazeres, fabricava prazeres e sentia fome de divertimentos. Às vezes, o seu prazer consistia em conversar; distraíam-se com ditos engraçados. E acontecia que, nos acampamentos, à beira da estrada ou nos fossos dos rios ou à sombra dos sicómoros, o narrador de histórias se revelava, e a gente tendia-se à luz mortífera das fogueiras, para ouvir os mais dotados. E o interesse com que os homens ouviam as histórias fazia com que essas histórias se tornassem grandiosas.

Eu estive como recruta na guerra contra Jerónimo... E o povo escutava, e nos seus olhos fixos reflectiam-se as brasas prestes a extinguir-se.

Aqueles índios eram finos que nem um coral... mais corno cobras e silenciosos como o diabo, quando queriam. Era mais capazes de correr por cima de folhas secas sem fazer barulho. Ora experimentem fazer o mesmo, a ver 'se são capazes...

E o povo escutava, pensando nos estalidos das folhas debaixo dos pés.

Depois, houve a mudança de tempo e o céu cobriu-se de nuvens. Chegaram no momento oportuno. Vocês já ouviram dizer que o exército servisse para alguma coisa? Pode-se-lhe dar de oportunidades, que não ganha nada com isso. Perde-as todag, precisou sempre de juntar dez regimentos para bater cem homens de coragem. Foi sempre assim.

E o povo escutava, e as suas feições imobilizava-ni-se, à força de atenção. Os narradores de histórias, concentrando a atenção geral no que diziam, falavam num ritmo entusiasmado, porque sentiam que usavam de termos grandiosos porque as narrativas eram grandiosas e com elas se sentiam engrandecidos os que escutavam.

Uma vez, um rapaz corajoso pôs-se no caminho, com uma montanha contra o Sol. Sabia que todos o viam. Abriu os braços e assim se deixou ficar, contra o Sol, nu como a madrugada. Talvez estivesse louco. Não o sei. Deixou-se ficar assim, de braços abertos.... parecia uma cruz. Quatrocentos metros. E a nossa gente, ergueu a vista e esticou o dedo bem molhado, para descobrir a direcção do vento e deixou-se ficar deitada sem coragem de atirar.

341

É possível que o índio soubesse disso; é possível que ele sentisse que a gente não era capaz de atirar. Todos ficaram deitados no chão, com as carabinas na mão, sem ao menos fazerem pontaria.

todos ficaram a olhar para o índio. Ele tinha uma fita na testa e uma pena. Eu vi. Assim estava nu como o Sol. Durante muito tempo ficámos assim, deitados, a olhar, e ele nem se mexia. O capitão estava com uma raiva que nem vocês imaginam. -Atirem, seus idiotas, seus covardes, atirem!-berrou ele.-E nós ficámos deitados na mesma'.-Vou contar até cinco e depois tomo nota dos vossos nomes-gritou o capitão. Sim, senhor. Então, a gente apontou as carabinas muito devagarinho e cada um estava à espera que o outro atirasse primeiro. Nunca na vida me senti tão triste como daquela vez. Fiz pontaria à barriga do rapaz, que é o único sítio onde o índio é vulnerável, e... então, o índio caiu de costas e veio a rolar pela montanha abaixo. Nós, depois, fomos-lo ver. Não era tão alto como parecia, lá no cume da montanha. E estava todo ferido. Tinha o corpo todo golpeado. Tu já viste o faisão, firme, lindo, com as penas pintadinhas e que até os olhos têm cheios de cores?

Pumba! Estragaste qualquer coisa que valia mais do que tu e apanhas do chão um farrapo, todo tQrcido e ensangueifftado. E, quando começares a comê-lo, sabe-te j@nal, porque hás"de sentir que destruíste uma coisa que nunca mais podes consevtar.

E o povo concordava com a cabeça, e, nessas alturas, parecia que o Ju-me se avivava e que projectava uma réstea de luz nos olhos que perscrutavam o próprio eu.

De braços abertos, contra o Sol. E ele parecia grande... como Deus.

Acontecia também que um homem, desviando vinte cents da comida para o prazer, fosse a um cinema em Marysville ou Tulare, em Geres ou Mountaip View. E voltava, então, para o

acQ,mpamento da beira-r@o com o cérebro cheio de recordações. E conta-va o que tinha visto:

E aquele sujeito rico fingiu que era pobre e a rapariga rica também fingiu que não tinha dinheiro. Encontraram-se os dois
4uma casa de comes e bebes.

Porquê? Não sei porquê, mas foi assim. Para que é que fingiram que eram pobres? Naturalmente estavam fartos de ser ricos. Isso é aldrabi-ce! Afinal, tu queres ouvir a história ou não queres? Continua, então. Eu quero ouvir a história, claro. Mas eu, se fosse rico... ia era com-prar tai

ptas costeletas @de porco que as h?ivia de pendurar à cintura; pendu-rava-as e comia-as umas a seguir das outras. Mas continua.

342

Pois é, cada uni deles pensava que o outr(> era pobre. Então são pre-sOS, vão parar à cadeia e não podem sair porq!xe, s@. não, lá ia cada um deles a verdade: que o otitio cra rico. E o car-cer(ii-o maltratava-os porque tambémn pensav;t qiie el@s eram pobres. Só clireria (liw tu visses a cara do carc(@elro cli! ,ii(lo descobriu a vercí;tde! N@-ío foi nada, quase que ia pe,-(@,,nd4> os @entidos.

Mas poi-qiie é q,lie eles foram presos? Porquê? Porque estavam nunia reunião de ra@!i,-ais e iião eram radicais neni nada. Estavam lá por acaso. E não queriam casar um com o outro por causa do dinheiro, cóii-ipi-,,,(,n(l@s?

Então esses filhos da mãe começaram a @og,-,) de começo, licin?

Sim, irias na fita, faziam tudo aquilo com boas intemões; eram muito amáveis para toda a gente.

Unia vez eu fui ao cinema e vi uma pesso@,. t@tl qual como eu. Mas era mais do que eu... maior do que eu... e tudo lá era maior.

Bom, eu já tenho bastantes ralações. Quero é ver-me lívree delas e ver coisas diferentes. Contanto que sejam coisas em que a gente possa a-creditar...

Então eles casaram-se e descobriram toda a verdade. E também descobri-ram a verdade aqueles que tinham sido ruim,- pzira eles. Ilavia lá um tipo que estava convencido de que valia a[gimia coisa; percebia tu-

do... pois ele quase perdeu os sentidos clliendo viu o outro entrar todo bem vestido, de chapéu alto na cabeça. Quase desmaiou, sim, senhor. E também houve tini documentário daqueles soldados alemães com passo de ganso. Era d(rebentar a rir.

E sempre que rim qualquei- iri@aaijtva algum dinheiro, tinha o recurso de se cinbrlal-ar. Eritão, acal)avam-se os maus bocado!z e tudo cr@,. qtiante, confortador. Alçal)ava-,e a solidão, pois que o cérebro se povoava de amigos e mim pessoa conseguia encoiltrar os seus ininilgos e tniqiiii@'t-los. O hom(-m estava s(,ritado num, buraco e a terra, debaixo (Icle, tornav,, -se macia. A desgraça doía menos e o futriro (l(ixava de consti@tiir uma anicaça. ll. Í@, fome não rondava perto*. o nitifiDo era sutv(- e sem cornpIieatl-@-les e o homem po(lia Cli(-g,ii- oiid(quisessç. A.,-; estrelas passavam maravilhosameno l)(-l@to e o céu era uni encanto! A morte el,l um amigo, e O SI)no, o irmão (Ia niorw. Voltavain os tempos antigos... uma rap@,! iga (le pés I)oiito@, c(ii-t q@wm se dai-t(,,,ava na terra... rim c@tvdo... oli, I@à terripo qw, isso acontece,,l! U--o cavalo e uma s(-Li. Uiw seLL de couro li-;,,l),tlha(lo. Q@i;tnd() foi que isso aconteceu? En (h,via era arr,i,J.ti, tinha rapariga @,:om ql,ieni conversar. S(-rLi t,@io I)orn! E -ItÍ,, - qu(-ln. sabe?---taiv,,Z @,u pudesse dorriiii-com ela. Ma@ cItie (-@dor (Iii,- aqui faz! As e@lrclaS

343)

tão pertinho da gente e a tristeza e o prazer tão perto um do outro; a mesma coisa, no fundo. Só queria era estar sempre bêbedo. Quem foi que disse que isto era uma bodega? Quem é que se atreve a dizer isso? Os pregadores, mas esses também têm a sua espécie de bebedeira. As mulheres magras e estéreis, mas elas são tã o infelizes que nem sabem o que isso é... Os reformadores, mas estes não conhecem a vida suficientemente de perto para poderem julgá-la. Não, senhor... As estrelas estão muito próximas, tão próximas, e eu pertenco à confraria do mundo. E tudo é sagrado, tudo, até eu mesmo.

Urna gaita é fácil de se trazer. Tira-se do bolso de trás das calças e bate-se com ela na palma da nião para desalojar a poeira, o cotão do bolso e os fiapos de tabaco. Bom, agora está em condições. Pode-se fazer tudo com uma gaita; pode-se-lhe arrancar

uni som agudo e penetrante e acordes simples ou uma melodia de acordes rítmicos. Pode-se moldar a música com as mãos em concha, fazendo-a lamentar-se, chorar como uma gaita escocesa, torná-la volumosa, cheia como um órgão ou fina e amarga como a das flautas das montanhas. E pode-se tocar e guardar o instruni(,iito no bolso. Tê-lo sempre no bolso, sempre acompanhando a gente. E pode-se tocar e aprender novos truques, novos métodos de se moldar o som com as mãos, modulá-lo com os lábios, sem precisar de ninguém que nos ensine essas coisas. E pode-se fazer expcri&-ncias às apalpadelas... sózinho na sombra de uma tarde, ou então, depois do jantar, à entrada da tenda, enquanto as ninflicres lavam a loiça. Pode-se bater com o pé no chão, vagaro- iiii(Inte, p@Lra marcar o compasso. As sobrançelhas erguem-se e @l)aií-@am-se, aco nipan li ando o ritmo. E, se se perde o instrumento, ou se alguém o quebra, o prejuízo não é lá muito grande. Pode-se coIlIpr@"r outra Craíta por um quarto de dólar.

Um viola,)já tem inais valor. Tem de se aprender. Os dedos ela nião esq@i(-id.L têm de caleJar. O polegar da mão direita também pn,cisa d(, tri- c@iI(-),;@dades. Estictiitii-se os dedos da mão esquerda cm-no pata,, (l@, @n'anh'i, para acertar bem nas inarcaçõws elas cordas.

Lsw ViOL-io ci-,,, de m(,u pai. Eu cra do tamatilio de tini percc\@jo qwindo ele me crisinou. E, quando cuja sabia tocar como ele, o iii,,,ti plii r.ix,micilte o L@zia. Costumava à soleira, (,st e l)@itando o conipasso com os pés. As vezes, eu qii(,@-t;i m(wi-col,as da iniilia lavra no in(-io da rn@isict e ele Iica,,,@i an(,lí.@do até que eu c(-@i@egua atinar com a ent@-l() fic@)t Alvi;ido. ",1,oc;!"-dizit.-"Toc@t qualquer coisa

Vois é. L,@tc violão é dos bons. Olha como já está todo arr,wli.ido. Foi tini niIlli,@w & canções que já tocarani ii(,Ie, um

Foi de canções que afinou assim a in.tdeira. Oi.i:ikjiwi, (lia, p@.,.rtc-se que nem@ uma casca de ovo. Não se pode

consertar, porque perde o som. Às vezes, quando toco, de noite, oi(-o imia gaita na tenda do vizinho a acompanhar-me. E é tão bonito, o conjunto!

O violino, esse, é difícil de aprender. Poucos sabem tocar violiní). As cordas não estão marcadas. Não há professores.

Eu conversei com um velho, a ver se ele me ensinava. Mas o di,@)bc, do velho não me quis ensinar certos truques. Disse que era seg,l,do. Mas eu pus-me a observá-lo e acabei por ver como é que ele fazia.a.

Um violino é agudo como a brisa. Olha, era assim... rápido, nervoso e agudo.

Não é grande coisa este violino que eu tenho. Custou-me dois dólares. Um sujeito disse-me que há violinos com mais de quatrocentos anos de idade e que então se tornam aveludados

como o whisky. E disse que custam cinquenta e sessenta mil dólares. Não sei, parece mentira. Tu guinchas um pouco, hein, velho safado? Bom, vocês querem dançar, não é? Vou pôr resina neste arco, bastante resina, para correr bem. Então é que ele vai berrar! Até é capaz de se ouvir a uma milha de distância.

E esses três instrumentos tocam à noite: gaita, violão e violino. Tocam músicas de dança, batendo o ritmo, as cordas fortes do violão palpitando como um coração, a acompanhar os acordes agudos da gaita e o gemer do violino. As pessoas chegam-se todas. Não resistem. Tocam, agora, o "Chicken Rcel", a dança dos pintos, e os pés batem o compasso e uni rapaz magro dá três passos rápidos, com os braços pendentes e frouxos. Fecha-se a roda e começa a dança e os pés batem com força, assentando os calcanhares. As mãos giram e agitam-se. Os penteados desmancham-se; a respiração torna-se ofcg@,nte. Toca a inclinarem-se para o lado!

Veja aquele tipo do Texas, aquele das pernas compridas e bambas. Bate quatro vezes com o pé a cada compasso. Nunca vi um sujeito dançar assim. Olhe para ele, a fazer rodopiar aquela rapariga de Cherokee, aquela do rosto corado, com os dedos grandes dos pés para fora! Olhe como ela está a arfar, peito para fora e peito para dentro! Parece que está cansada, hein? Qual cansada, qual o quê! O tipo do Texas tem os cabelos caídos para os olhos e a boca escancarada. Quase que nem pode respirar. Mas continua a bater quatro vezes com os pés a cada compasso. E não larga a pequena de Cherokee.

O violino guincha e o violão ribomba. O homem da gaita tem a cara vermelha como o diabo. O rapaz do Texas e a moça de Cherokee têm a língua

de fora, como um cachorro em dia de calor e ainda continuam a saltar e a dar voltas. Os velhos estão de pé, sorriem com um leve sorriso e batem com o pé no chão, marcando o ritmo da música.

345

Foi na escola, lá na minha terra. A Lua caminhava para o oeste. E nós os dois ' andámos os dois-ela e eu. A gente não falava, nem palavra dizia. Tínhamos a garganta seca. Havia um monte de feno ali pertinho. A gente parou e deitou-se nele.

Olhe aquele rapaz do Texas e a rapariga. Foram para o escuro; julgam que ninguém os tinha visto mas eu vi-os. Oli, meu Deus! Se eu ainda pudesse fazer como aquele rapaz do Texas! Daqui a pouco, a Lua nasce. Vi como o pai da rapariga se levantou para reter os dois. Mas depois desistiu. Ele sabia que era inútil. Era o mesmo que querer impedir a chegada do Outono, ou não deixar a seiva ser absorvida pelas plantas. E, daqui a pouco, a Lua nasce.

Toca mais um pouco... Toca aquela canção. "Quando eu andava pelas ruas de Laredo".

As fogueiras vão-se apagando. Não vale a pena atiçá-las outra vez. Para quê? A velha Lua não tarda a nascer.

À margem de uma vala de irrigação, um velho pregador gesticulava, enquanto o povo soltava gritos. O pregador corria para cá e para lá, com a fúria de um tigre e fustigava o povo com as suas palavras; o povo arrastava-se pelo chão, a chorar e a uivar. Ele media aquela gente com o olhar; calculava-lhe a disposição: experimentava nela o seu poder. E, quando toda aquela gente se torcia pelo chão, ele inclinava-se e erguia-os, revelando grande força, um por um, nos braços e gritava: "Recebe-os, Jesus" e atirava com eles à água. Uma vez todos dentro da vala, com água até à cintura, a olhar o mestre com olhos assustados, ele ajoelhava-se na margem e rezava por eles. Rezava, implorando que todos eles, homens e mulheres, rastejassem pelo chão, a chorar e a uivar. E os homens e as mulheres punham-se a escutar, com a roupa colada ao corpo e a pingar água. Voltavam depois, para o acampamento, com os sapatos a chapinhar, fazendo plac-plac, falando baixinho, como maravilhados.

Estamos redimidos, diziam. Temos a alma branca como neve. Nunca mais podemos pecar.

E as crianças, molhadas e assustadas, cochichavam entre si: Estamos redimidos. Não vamos pecar nunca mais. Só queria saber que pecados serão esses para os cometer.

O povo, em êxodo, procurava, humilde, os prazeres.

CAPITULO XXIV

Sábado, pela manhã, os tanques de lavar a roupa viam-se todos ocupados. As mulheres lavavam vestidos, vestidos de algodão cor-de-rosa ou estampados de flores e penduravam-nos a secar

346

ao sol e esticavam bem os tecidos para os amaciarem. Ao chegar a tarde, todo e, acampamento se mostrava azafamado e nervoso, o ardo-mi,nto febril contagiou também as crianças, tornando-as ainda mais barulhentas que de costume. Pelo meio da tarde, começou o banho das

crianças, e, à medida que as iam agarrando, dQríando e lavan 'do, o barulho nos campos de jogos ia també m gradualmente diminuindo. Antes das cinco horas, as crianças estavam todas devidamente limpas e advertidas de que não deviam sujar-se de novo. Caminhavam muito direitas pelo acampamento, nas suas roupas límpas, e tristonhas à força de preocupação.

No grande tablado ao ar livre, afadigava-se o comité. Tinham requisitado todo O fio eléctrico existente. O ferro-velho da cidade fora vasculhado à cata de fio e todas as caixas de ferramenta da comunidade tiveram de contribuir com fita isoladora. E agora, todo esse fio unido, remendado, via-se estendido sobre aquela espécie de palco, com gargalos de garrafa a servirem de isoladotes. Pela ptimeira vez, nessa noite, o tablado teria iluminação. As seis, os homens r,@grcssaram do trabalho ou de procurar trabalho e seguiu-se nova onda de banhos. Lá pelas sete horas 'depois do jantar, os homens Vestiram as suas melhores roupas, fatos-macacos lavados, camisas azuis bem limpas e, às vezes, até fatos pretos,, distintos, As raparigas já estavam prontas também, nos seus vestidos estampados, limpos e bem passados a ferro e com fitas nos cabelos entrançados. As mulheres, preocupadas, inspecionavam os membros das respectivas famílias, levantavam as mesas e lava-

vam a loiça. No tablado, a orquestra de instrumentos de corda com, eÇ4va a ensaiar, rodeada de crianças em filas duplas. Estavam todos atentos e excitados.

Na tenda de Êzra Huston, o presidente, estavam reunidos os cinco homens que compunham o comité central. Iluston, um iridivfduo alto'e magro, de rosto tostado e de olhos que pareciam lâminas faiscando, falava aos homens, cada um dos quais repre~ seut-wa um departamento sanitário.

-Que sorte a gente ter recebido a informação de que querem estraw o nosso baile!-dizia ele.

um hornem bãixinho e gorducho, representante do departamento u.çl 3, replicou:

-Acho que lhes devíamos dar uma surra mestra, para aprenderem a não se meter com a gente.

-Não, senhor-disse Huston.--Nada disso. E justamente isso o que* eles querem. Se conseguirem provocar uma briga, os polícias já podçrão penetrar no acampamento. Vão alegar que a gente só7.ín a, não sabe manter a ordem. já fizeram isso noutros s@tios.-DirigÍu-se ao rapaz moreno e de ar melancólico do depar- tamento n.<>,2:-Q pessoal está lá na cerca, a vigiar quem entra?

O rapaz melancólico acenou com a cabeça:

347

- Sim, senhor. Doze rapazes. Recomendei-lhes que não batessem em ninguém. Têm ordem de os pôr fora sem mais nad-a.

Huston pediu: -Faça-me um favor, procure o Willie Eatop. Ele é que é o presidente do comité de diversões, não é?

-É, sim. -Bom, diga-lhe que quero falar com ele.

O rapaz saiu e voltou pouco depois, nã companhia çle um homem musculo-

so do Texas. Willie Eaton tinha queixo alongado e frágil, os cabelos cor de poeira, os braços e as pernas compridos e bambolcantes. Os olhos eram daquele cinzento desbotado, vulgar na gente do "Cabo de Fridgeira". Entrou sorridente na tenda e as suas mãos giravam nervosamente em torno dos pulsos.

Iluston perguntou: -Você já ouviu dizer o que se prepara para o gó à noite? Willie sorriu. -Já-respondeu. -E tomou as suas precauções? - Tomei, sim. -Conte o que fez. Willie Eaton sorriu satisfeito. -Bem, normalmente o comitê de divets é composto de cinco membros. Para esta noite, arranjei mais vinte, todos novos e fortes. Vão dançar, mas com os ouvidos e os olhos bem abertos. Ao primeiro sinal de discussão ou coisa semelhante eles cercam de perto o tipo que se salientar. já ensaiamos a coisa. Está tudo bem preparado. Ninguém vai notar coisa nenhuma. Eles começam a sair da pista e o gajo zaragateiro sai com eles no meio do grupo.

-Não se esqueça de recomendar que eles dêem pancada em ninguém.

Willie riu alegremente. -, Não há perigo. já lhes recomendei isso, -E melhor recomendar de novo, para não se esquecerem. -Eles sabem. Pus cinco homens no portão, para que quem entra no acampamento. Pode ser que a gente consiga recôlihecê-los antes que a briga comece.

Huston pôs-se de pé. Os seus olhos cor de aço tinham um brilho severo.

-Agora, ouça, Willie. Não queremos de forma alguma que, esses homens apanhem, ouviu? Lá fora, junto do portão, vai, haverá polícia. Se armarem desordem, a polícia invade o acampamento.

-Já tinha pensado nisso-acudiu Willie.-Vamos pô-los ria as traseiras do acampamento, já no campo. Alguns dos rapazes estão encarregados de os fazer voltar pelo mesmo caminho.

-Muito bem. Assim deve Jar certo-disse Huston, com ar preocupado. - Mas, muito cuidado, ouviu, Willie? Não o quero

348

que não aça, nada. Você é o responsável. Não batam naquela gente, , 'a lá como for. Nada de facas ou de paus; nada de armas. _Já? senhor -respondeu Willie.-Ninguém os deixará matar, rç4dQs.

gusto, não parecia ainda preocupado. -Quem me dera poder confiar em você, Willie! Se não puderem, evitar o bater-lhes, é dar-lhes na cabeça para não haver sangue.

-Sim, senhor -r-respondeu Willie. -Você responsabiliza-se pelos rapazes que escolheu? ,Responsabilizo, sim, senhor. -Muito bem. Se houver qualquer coisa, eu estou no canto direito, do lado de cá do estrado da dança.

Willie fez a continência de brincadeira e afastou-se. Huston continuava: -Não sei. Deus queira que os rapazes do Willie não matem ninguém. Porque diabo pretendem esses polícias provocar desordem. no nosso acampamento? Porque nos não deixarão em paz?

O rapaz melancólico do departamento n.º 2 interveio: -Eu já vivi no acampamento da Companhia Suriland de Terras e de Gado. Pois lá-palavra de honra!-para cada dez homens há um polícia. E uma torneira de água para, pelo menos, duzentos homens.

O gorducho, por sua vez, disse: -Por Deus, Jeremy! Não me venha agora contar essas coisas. Eu também já lá estive. Havia lá um bloco de barracas, quinze fileiras de trinta e cinco barracas, com quinze pés de profundidade. E, para toda essa gente, não há mais que dez retretes. Meu Deus! Aquilo fede à distância de uma milha! Um dos policiais de lá-estávamos nós todos juntos-saiu-se com esta: "Aqueles danados daqueles acampamentos do governo!-disse ele.-Até dão água S

uente ao pessoal e agora os gajos só querem água quente. Dão-

es retretes com autoclismo e agora estão tão acostumados àquelas que já nem podem ver outras!" E disse também: "Dão coisas assim àquela cambada daqueles Okies e o resultado é que eles já não são capazes de viver de outra maneira. Naqueles acampamentos do governo, o pessoal não fala de outra coisa que não seja de reuniões de vermelhos. O que eles querem todos é receber o dinheiro do Auxílio."

Huston perguntou: -E ninguém teve coragem de dar uma sova nesse polícia? -Não. Estava lá um tipo baixinho que disse assim: "Que é que você quer dizer com isso de Auxílio?"

"-Quero dizer que nós, os contribuintes, estamos a pagar impostos para que vocês, seus Okies de uma figa, recebam auxílio."

"-Nós pagamos imposto sobre as vendas, imposto sobre a gasolina e sobre o tabaco que gastamos"-disse o tal homenzinho.

349

E disse mais: "Os fazendeiros recebem quatro ctnts do overno por cada libra de algodão. Isto não é auxílio?" "O camiSo de fertô

e as companhias de navegação recebem subvenções. Isso também não é auxílio?"

"-Mas esses fazem uma porção de coisas que são indispensáveis."-Alegou o polícia.

"-Bem-replicou o tal tipo baixinho-e quem é que trabalharia nas vossas malditas colheitas se não fosse a gente?"

-E que disse o polícia a isso? -Ora! Ficou danado e falou assim: "Vocês, seus vermelhos do diabo, só vivem a provocar questões." E concluiu: "É Melhor você vir daí comigo, ouviu?" Prendeu o tal tipo baixinho e deram-lhe sessenta dias por vagabundagem.

-E como é que ele resolveria a coisa se o homem estivesse empregado? -perguntou Timothy Wallace.

O gorducho soltou uma risada. -Ora! Você a armar em tanso! Você-está fartinho de saber que, quando a polícia embirra com alguém, lhe chama logo vagabundo. É por isso que eles têm raiva ao nosso acampamento. Aqui, a polícia não entra. Aqui são os Estados Unidos e não a Califórnia.

Huston suspirou: -Só queria que a gente pudesse continuar aqui. Mas não tarda que eu tenha de me ir embora. Gosto muito disto, Léva_@se uma vida agradável. Meu Deus! Porque é que eles rios não deixam viver em paz, em vez de nos tornarem uns des raçados e de nos meterem na cadeia? juro que qualquer dia acal%affios por hitar, se nos não deixarem

em paz.-Abafou a voz.-A gente deve manter a calma -admoestou-se a si próprio.-O comit e não tem o direito de perder as estribeiras.

O gorducho do departamento n-3 disse: -Todos aqueles que pensam que o comit e navega num mar de rosas deviam experimentar para saberem o que isto custa, Entre as mulheres houve j a um põe de vento na minha sec ao. Começaram a largar palavrões e acabaram a atirar lixo uiri as  s outras. O comit e das senhoras não conseguiu resolver o  aso e veio ter comigo. Pediram-me para contar o sucedido na sessão do comit e central. Eu disse-lhes que a elas   que competia resolv" o que acontecesse entre mulheres. O nosso comit e não pode entrar em batalhas de lixo.

HLISton concordou: -Fez muito beni.

O crepúsculo, agora, adensava-se mais, e com o @rogresso da escuridão, o ensaio da orquestra de instruffivnto\$ e corda parecia adquirir maior ressonância. As luzes acenderam-se e dois

3,50

homens inspeccionavam os remendos do fio at e ao tablado. As crianças haviam formado um grupo compacto em torno dos músicos. Um rapaz de violão cantava "Down Home Blues", tangendo suavemente as cordas, e,   segunda estrofe, acudiram tr s gaitas e um violino a acompanhá-lo. Uma multidão deixava as tendas em direc o ao tablado e ali se quedava numa tranquila expectativa. Os rostos atentos brilhavam   luz.

A volta do recinto reservado havia uma alta vedac o de arame, e, ao longo dela, de cinco em cinco p s, os vigilantes permaneciam sentados na relva,   espera dos acontecimentos.

Começavam a chegar, agora, os carros dos convidados: pequenos fazendeiros e suas famílias ou emigrantes de outros acampamentos. E cada um dos convidados dizia, ao portão, o seu nome e o da pessoa que o convidara.

A orquestra de instrumentos de corda começou a tocar uma música de dança; tocava com força; j a não ensaiava. Sentados   boca das respectivas tendas, os Eleitos do Senhor observavam os acontecimentos com as fei es endurecidas e cheias de desdém. Não conversavam; estavam   espera do pecado e o seu jogo fisionômico condenava terrivelmente o que ia acontecendo.

Na tenda dos Joads, Ruthie e Winfield engoliram r pidoamente o escasso jantar e foram correndo em direc o ao tablado. A mãe l -los voltar para tr s; levantou-lhes o queixo, e, segurando-o com a mão, ficou a examinar-lhes o rosto. Olhou para dentro das narinas, viu-lhes as orelhas e inspeccionou-lhes os ouvidos. Depois, mandou-os voltar ao departamento sanitário para lavarem novamente as mãos. Mas eles saíram clandestinamente pela porta do fundo da construc o e dirigiram-se para o local do tablado, metendo-se no grupo das crianças que se adensava muito perto da orquestra.

Depois do jantar, AI gastara meia hora a barbear-se com a gilete de Tom. Vestia um fato de fazenda de l  muito cintado e uma camisa  s iiscas. Tomara um banho, esfregando-se bem e penteara o cabelo para tr s. E, quando por um instante, o lavatório ficara sem ninguém, deitou-se a sorrir de maneira sedutora para o espelho e, virou o rosto numa tentativa de observa o do seu sorriso de perfil. Ajustou as braçadeiras de borracha e vestiu o casacojusto. Limpou os sapatos com um pedaço de papel higiênico. Uni bar liista retardatário penetrava no

recinto. AI apressara-se a sair, caininhando despreocupadamente até ao tablado de dança, de olho alerta para as raparigas. Próximo do tablado, sentada em frente de uma tenda, descobriu uma bonita rapariga loira. Foi de lado até onde ela se encontrava e abriu o casaco para mostrar a camisa.

-Então esta noite tenciona dançar @> -perguntou. A rapariga desviou o olhar sem responder.

3.51

-Não se lhe pode dizer uma palavrinha? E se a gente dançasse um bocadinho?-E acrescentou com despreocupação: -Sei valsar.

Timidamente, a rapariga levantou os olhos e disse: -Olha a grande coisa! Toda a gente sabe valsar. -Mas não como eu-respondeu AI. A música soava com mais força agora e ele começou a bater o compasso com o pé. -Então, vamos dançar... -pediu.

Uma mulher extraordinariamente gorda deitou a cabeça de fora da tenda e lançou-lhe um olhar sombrio.

-Ponha-se a andar!-gritou com violência. -Esta menina está comprometida. Vai casar e o noivo vem aí buscá-la.

Com audácia, AI piscou o olho à rapariga e continuou a andar vagarosamente. Arrastava os pés ao compasso da música, sacudia os ombros e balouçava frouxamente os braços. A rapariga, interessada, seguiu-o com o olhar.

O pai, na tenda, pôs o prato de folha em cirria do caixote e ergueu-se:

- Vamos, John - disse, e explicou à mãe: -- Vamos falar com uns camaradas a respeito de trabalho.

E o pai e o tio John dirigiram-se à casa do director. Tom absorvia com um pedaço de côdea de pão os restos de gordura que tinha no fundo do prato; comeu o pão e, depois, entregou o prato à mãe, que o deitou num balde de água quente. Lavou-o e passou-o a Rosa de Sharon, para que ela o enxugasse.

-Tu não vais ao baile? -perguntou a mãe. -Vou, sim-respondeu Tom.- Estou num comité. A gente está a preparar uma brincadeira a uns tipos daí.

-Mas tu ainda agora chegaste e já pertences a um comité? -estranhou a mãe. -Naturalmente, é porque encontraste trabalho.

Rosa de Sharon voltou-se, para guardar o prato no seu lugar. Tom apontou para ela.

-Meu Deus, como ela está gorda!-troçou. Rosa de Sharon, corando, pegou noutro prato que a mãe lhe passava,

-E natural que esteja gorda-respondeu a mãe. -Está até mais bonita - acrescentou Tom. A rapariga corou mais ainda e baixou a cabeça. - D(,ixa-te disso-pediulhe com voz branda. -E natural que esteja- retorquiu a mãe.-Uma rapariga que espera um bebé torna-se sempre mais bonita.

-Se ela continua a engordar assim, vai precisar de um carrinho de mão para transportar a barriga.

-Bom, vê se acabas com isso-disse Rosa de Sharon, metendo-se dentro da tenda.

352

A mãe riu. -Tu não devias arrelia-la. -Ora! Ela até gosta --respondeu Tom. -Eu sei que ela gosta, mas, agora, também a aborrece. Está triste por causa do Connie.

-Bem, o que eu acho é que ela deve deixar o Connie de unia vez para sempre. O rapaz parece que anda a estudar para presidente dos Estados Unidos.

-Não a aborreças, Tom-pedi a mãe.-Ela está num momento difícil.

Willie Eaton aproximou-se com um sorriso nos lábios. -Você é que é o Tom Joad? -Sou, sim, senhor. -Bem, eu sou o presidente do cornité das diversões. Vamos precisar dos seus serviços. Um amigo falou-me de si.

-Pois não! Estou pronto a ajudar-disse Tom.-Conhece a minha mãe?

-Muito prazer-disse Willie. -Igualmente. Willie continuou: -Bom, primeiro você vai até ao portão e depois segue para o pé da pista de dança. Olhe bem para os tipos que entram, para ver se descobre os tais. Um outro camarada fica consigo. Depois, tratem de dançar também e de estar com o olho bem aberto.

-Está bem. Farei o melhor possível-disse Tom. A mãe interveio, receosa: -Não vai haver briga, pois não? -Nã o, senhora -respondeu Willie.- Não vai haver briga nenhuma.

-Nem pensar nisso -acrescentou Tom.-Bem, cá vou. Logo nos veremos no baile, mãe.

Os dois homens afastaram-se rapidamente em direcção ao portão principal.

A mãe empilhou num caixote os pratos lavados e enxutos. -Sai daí!- gritou. Não tendo recebido resposta, gritou mais alto ainda: - Rosasharn, vem cá!

A rapariga saiu da tenda e prosseguiu na tarefa de limpar pratos.

-O Tom estava a brincar contigo. -Eu sei. Não me zanguei por isso. Mas não quero que ninguém me veja nesta figura.

-Contra isso não há remédio. Todos reparam. Mas a gente sente-se satisfeita quando vê uma rapariga que está à espera de um menino. Isso faz a gente ficar contente e divertida. Tu não vais ao baile?

-Vontade não me falta... mas, não sei... Queria que o Connie

23 -v. 1.

353

aqui estivesse.-A voz dela subiu de tom.-Mãe, quem me dera que ele aqui estivesse! Quase que não posso suportar mais...

A mãe olhou-a atentamente: -Eu sei-disse-mas olha, Rosasharn, não nos

envergonhes! -Não tenho essa intenção, mãe. -Bem, não nos envergonhes. Preocupações que cheguem já nós temos, era o que faltava era ainda a vergonha...

Os lábios da rapariga tremiam. -Eu... eu não vou ao baile. Não posso... Oli, mãe, ajude-me! -Sentou-se, escondendo a cabeça entre os braços.

A mãe limpou as mãos à toalha de enxugar a louça e, acocorando-se aos pés da filha, pôs-lhe ambas as mãos sobre os cabelos.

-Tu és uma boa rapariga -disse. -Foste sempre muito boazinha, vou olhar por ti, não te incomodes.-A sua voz tornava-se mais animada.- Sabes o que vamos fazer? Vamos ao baile; sentamo-nos num lugarzinho e ficamos a ver aquilo. Achas bem? Se alguém quiser dançar contigo, eu digo que tu estás muito fraca que não te sentes bem. Assim, podes ouvir a música e ver tudo.

Rosa de Sharon ergueu a cabeça. -A mãe não me vai deixar dançar, não? -Não, não vou. -E não deixa ninguém tocar-me? -Não. A rapariga soltou um suspiro. E disse, com desespero na voz: -Não sei que fazer, mãe, não sei; com franqueza, não sei. A mãe deu-lhe umas palmadinhas nos joelhos. -Escuta-disse. -Olha para mim. Vou dizer-te uma coisa. Daqui a pouco tudo melhorará, vais ver. Daqui a pouco. Olha que é verdade. Bem, agora, vem comigo. Vamo-nos lavar e vestir um vestido bonitinho, hein? E vamos ao baile.-Foi conduzindo Rosa de Sharon até aos lavatórios.

O pai e o tio John estavam acocorados no meio de um grupo de homens, na sacada do escritório.

-Hoje, por um pouco, quase que arranjavamos trabalho -dizia o pai.-Se tivéssemos chegado uns minutos mais cedo... já tinham contratado dois tipos. Sim, senhor. Até foi engraçado. Estava lá um contra-mestre que disse assim: "Acabámos de contratar dois tipos a vinte e cinco. A gente podia dar trabalho a mais homens ainda, mas só pagando vinte cents. Podíamos dar trabalho a muita gente ainda, nesta base de vinte. Volte ao seu acampamento e avise que temos trabalho para muitos homens a vinte cents a hora.

Os homens acocorados agitavam-se nervosamente. UM, muito alto, espadaúdo, cujo rosto estava completamente ensombrado pelo chapéu preto, deu uma pancada no joelho.

-Eu já conheço essa manobra, com um raio!-gritou.

354

-E -vão arranjar homens. Não falta para aí quem tenha fome. Não se pode dar de comer a uma família quando se ganha vinte was à hora, mas não há-de faltar quem aceite assim mesmo. Muita gente há-de querer ir para lá. E eles até vão fazer leilão. Meu Deus! Daqui a pouco, até hão-de querer que a gente pague para ter o gosto de trabalhar.

-Nós íamos aceitar os vinte ceids mesmo-disse o pai.-Precisamos de trabalhar; é claro que a gente aceitava. Mas aqueles dois tipos que tinham sido contratados, antes, olharam-nos de tal maneira que a gente não teve coragem de aceitar.

O homem do chapéu preto disse: -É de endoidecer quando se pensa muito nisso. Eu trabalhei para um gajo que nem pode recolher a safra. Reco-

lher custa mais que todo o valor da safra, e ele nem sabe o que há-de fazer.

-Olhe, parece-me...-e o pai calou-se. O círculo de homens manteve-se silencioso, disposto a ouvi-lo.-Bem, eu estive a pensar que a gente devia ter aí um acre de terra nossa. A minha mulher podia arranjar uns biscatos e criar porcos e galinhas. E nós, homens, podíamos trabalhar e voltar para casa depois. E as crianças podiam frequentar a escola. Nunca vi escolas como as daqui.

-Os meus filhos não gostam das escolas daqui-disse o homem do chapéu preto.

-Porquê? Elas são tão bonitas! -Pois é por isso mesmo. Uma criança esfarrapada, descalça, não pode ver as outras, de sapatos e meias e calças bonitas e ainda por cima a chamarem-lhe Okie. O meu filho foi para a escola. Todos os dias tinha de brigar. Isso até foi bom para ele. Fez-se teso. Todos os dias brigava. Voltava para casa, com a roupa rasgada e o nariz a escorrer sangue. E a mãe depois, ainda lhe batia. Mandei-a acabar com isso. Não havia razão para toda a gente malhar no miúdo. Deus do Céu! Mas garanto que alguns daqueles meninos bonitos passaram mal, aí passaram, passaram! Apanharam a valer, aqueles filhos da mãe, de calcinhas catitas! Não sei, não sei...

O pai perguntou: -Bem, e que diabo hei-de eu fazer? A gente já está sem dinheiro. Um filho meu arranjou trabalho, mas é por pouco tempo. E o que ele ganha não dá para todos comermos. Acho que vou aceitar essa proposta de vinte cents. É o único remédio.

O homem do chapéu preto ergueu a cabeça. A luz via-se-lhe bem a barbi-cha que pespontava o queixo, e o pescoço musculoso, onde os fios da barba corriam como pêlo de animal.

-Sim, senhor-disse ele com amargura.-Faça isso, faça. Eu ainda ganho vinte e cinco. Você pega no meu trabalho por vinte e eu vou passar fome de novo e depois tenho de aceitar trabalho até por quinze. Perfeitamente, pode ir.

355

-Mas que diabo hei-de eu fazer? -perguntou o pai.-Não posso morrer de fome, lá porque você ganha vinte e cinco.

O homem do chapéu preto tornou a baixar a cabeça e o seu queixo mergulhou na sombra.

-Não sei -disse. -Palavra que não sei o que hei-de dizer. É triste a gente ter de trabalhar doze horas por dia e ainda por cima não comer à vontade. E andar sempre a fazer contas. O meu miúdo já não come o suficiente. Não posso estar sempre a pensar no mesmo, caramba! É de dar com um homem em doido!

Tom estacionava junto do portão, a observar os que chegavam para tomar parte no baile. Um projector bem colocado iluminava-lhes as feições. Willie Eaton disse:

-Tenha os olhos bem abertos! Vou mandar o Jule Vitela @ ara aqui. É meio índio. Um óptimo camarada. Olho alerta, hein? çJa se descobre os tipos.

-Fixe! -respondeu Tom. Ficou a observar os que entravam; as famílias

dos pequenos proprietários das redondezas; raparigas de cabelos entrançados e rapazes todos acatitados para o baile. Jule não tardou a aparecer também, colocando-se ao lado de Tom.

-Venho ajudá-lo-disse. . Tom observou-lhe o nariz de falcão, o rosto de maçãs salientes e o queixo pequeno e retraído.

-Dizem que você é meio índio. Mas voce parece um índio puro.

-Não-respondeu Jule-só meio. Mas quem me dera ser puro-sangue! Assim, podia ter um pedacinho de terra no "Reservado" do governo. Os índios puro-sangue levam boa vida, alguns, pelo menos...

-Repare bem em quem entra-disse Tom. Os convidados iam entrando pelo portão. Famílias de fazendeiros e de refugiados de acampamentos vizinhos. Crianças que procuravam libertar-se das mãos dos pais, que as retinham calmamente.

Jule continuou a falar:

- Engraçada, esta história do baile. A nossa gente está numa situação desgraçada, mas o facto de terem o direito de convidar os amigos para o baile dá-lhes um bocadito de ânimo e de orgulho. E as pessoas respeitam-nos por causa destes bailes. Conheço um sujeito que é dono de uma fazendinha. já lá trabalhei. Vem aqui, ao baile. Fui eu que o convidei. Ele acha que o nosso baile é o único decente de toda a região. Disse que pode-se trazer aqui a mulher e as filhas sem receio. Eia! Olhe para aquilo, ali!

Três jovens passaram o portão; tinham aspecto de operários e vestiam fatos de fustão. Caminhavam ao lado uns dos outros.

356

O guarda, ao portão, interrogara-os e eles haviam respondido e passado.

-Vigie esses tipos!-disse Jule. Foi falar com o guarda: -Quem foi que convidou aqueles três gajos? -perguntou.

-Um tal Jackson, do departamento n.º 4Jule voltou para junto de Tom. - Parece-me que aqueles é que são os tais. -Como é que sabe? -Sei lá! E um palpite. Parecem assustados. Vá atrás deles e diga ao Willie para os vigiar e para perguntar ao Jackson, do departamento n-º 4; se foi ele quem os convidou, traga-o. Quero saber se disseram a verdade. Eu fico aqui à espera.

Vagarosamente, Tom seguiu os três rapazes, os quais se dirigiram ao estrado da dança, pondo-se ordeiramente no extremo da multidão. Tom viu Willie perto da orquestra e fez-lhe um sinal.

-Que é que há?-perguntou Willie. -Aqueles três ali, vê-os? -Vejo, sim. -Disseram que eram convidados do Jackson, do departamento n-º 4,

Willie estendeu o pescoço e, vendo Huston, chamou-o com um sinal.

-Aqueles três gajos -disse. -Acho melhor a gente procurar o Jackson, do departamento n-º 4, e perguntar-lhe se foi ele quem os convidou.

Huston girou sobre os calcanhares e afastou-se. Instantes depois, regressava na companhia de um homem do Kansas, magro e ossudo.

-Aqui está o Jackson-disse Huston.-Ouça, Jackson, vê aqueles três tipos, ali?

-Vejo. -Foi você quem os convidou? -Não. -Então não os conhece? Jackson olhou-os mais detidamente. -Conheço, sim. Trabalhei com eles na fazenda do Gregório. -Então eles sabem o seu nome? -Naturalmente. A gente trabalhou mesmo lado a lado. -Bom-volveu Iluston.-Convém deixá-los em paz. Se se portarem bem, podem ficar. Obrigado, sr. Jackson.-Virou-se para Tom:-Belo trabalho. Parece-me que estes são os tais.

-Foi o Jule quem os descobriu -informou Tom. -Não é de admirar, caramba! -comentou Willie.-Foi o sangue de índio que os farejou. Bem, vou mostrar esses gajos à rapaziada.

Um adolescente, de uns dezasseis anos, chegou a correr,

.757

abrindo caminho entre a multidão. Estacou, ofegante, diante de Huston.

-Sr. Huston -disse -estive no sítio que o senhor indicou. Está lá um automóvel parado, com seis homens, no meio dos eucaliptos, e está outro carro com quatro homens no caminho do norte. Pedi-lhes lume. Eles estão armados de carabinas; vi-lhes as armas.

Os olhos de Iluston tornaram-se duros e cruéis. -Willie, garantes-me que está tudo em ordem? Willie sorriu satisfeito. -Garantido, sr. Fluston. Não vai haver novidade. -Pois bem. Cuidado, não se metam com eles, hein? Lembrem-se bem disto. Se for possível consegui-lo sem armar escândalo, gostava de ver esses tipos. Eu vou para a minha tenda.

-Vamos a ver o que se pode arranjar-disse Willie. O baile, propriamente, ainda não começara, quando Willie subiu ao tablado.

-Vamos à quadrilha! -gritou. A orquestra não tocava ainda. Raparigas e rapazes subiram ao tablado, formando oito grupos distintos. Ficaram à espera, parados. As raparigas tinham as mãos à frente e entretinham-se a mexer os dedos. Os rapazes tamborilavam sem descanso com os pés. Em torno do tablado encontravam-se os velhos, sorrindo @randamente, enquanto seguravam as crianças, para que elas não invadissem o recinto. E, afastados, viam-se os Eleitos do Senhor, de feições endurecidas e ameaçadoras, a observar o pecado.

A mãe e a Rosa de Sharon estavam assentadas num banco, a olhar a cena. E, cada vez que um rapaz vinha pedir a Rosa de Sharon para dançar, a mãe dizia: "Não, senhor. Desculpe, mas ela não se sente bem."-Rosa de Sharon corava e os seus olhos brilhavam.

O mestre-sala avançou até ao centro do tablado e ergueu as mãos:

-Tudo pronto? Então, vamos começar! A orquestra começou a tocar o Chicken Reel, num tom penetrante e límpido. O violino esganiçou-se; as gaitas emitiam sons nasais e agudos e os violões tangiam as cordas graves. O mestre-sala indicou a disposição dos pares e os grupos puseram-se em movimento. Ondulavam para a frente e para trás... e "dêem as mãos e façam girar a dama." Frenético, o mestre-sala marcava o ritmo com os pés; andava de um lado para o outro e esboçava as figuras, à medida que as ia anunciando.

-Façam girar as damas devagar! Dêem as mãos. Vamos. A música subia e

baixava de volume, e o bater rítmico dos pés no chão soava como rufar de tambores.

-Uma volta à direita e outra volta à esquerda! Larguem

3,58

as damas, e costas com costas!-O mestre-sala cantava alto e monótonamente. O penteado das raparigas, tão cuidadosamente arranjado?, ia-se desfazendo, e o suor formava pérolas na testa dos rapazes. Os dançarinos eméritos mostravam as suas habilidades. E os velhos, à beira do estrado, contagiados pelo ritmo, batiam palmas com timidez e batucavam com os pés; sorriam e, quando os olhares se encontravam, acenavam com a cabeça.

A mãe inclinou-se para Rosa de Sharon, dizendo-lhe ao ouvido:

-Talvez tu me não acredites, mas o teu pai, quando era rapaz, era um dos melhores dançarinos que eu vi na minha vida. -E a mãe sorria.-Isto faz-me lembrar os velhos tempos-disse.

E, nas feições de outros espectadores, estampava-se o brilho das recordações.

-Lá para cima, na zona de Muskogee, há vinte anos, havia um cego que tocava rabeça...

Uma vez, vi um tipo que batia os calcanhares quatro vezes num salto só...

Os suecos, lá em Dakota... sabes o que costumavam fazer? Punham pimenta no chão e a pimenta pegava-se aos vestidos das raparigas, que ficavam assanhadas como potras com cio. Às vezes, faziam isso, aqueles malvados daqueles suecos...

À distância, os Eleitos do Senhor, sustinham os filhos, impacientes.

-Olhem o pecado! -diziam-lhes. -Aquele gente vai toda para o inferno, a cavalo num ferro de fogão em brasa.

E as crianças mantinham-se caladas e nervosas. -Mais uma volta e depois descanso-cantou o mestre-sala. -Toquem depressa, que vamos parar não tarda nada.

As raparigas já estavam suadas e vermelhas. Dançavam de boca aberta e tinham no rosto uma expressão grave. Os rapazes atiravam para a nuca os cabelos compridos, saltavam e sapateavam nas pontas dos pés ou batiam os calcanhares. Os grupos movimentavam-se para dentro e para fora, cruzando-se, vindo para fora, redemoinhando e a música guinchava.

E, de repente, acabou. Os dançarinos imobilizaram-se, a arquejar de fadiga. As crianças escapuliram-se das mãos dos pais e correram para o estrado, perseguindo-se loucamente umas às outras; corriam, esgueiravam-se, roubavam bonés e puxavam mutuamente os cabelos. Os dançarinos sentaram-se, abanando-se com as mãos. Os componentes da orquestra punham-se de pé, estendiam os braços e as pernas e tornavam a sentar-se. E os guitarristas afinavam com brandura as cordas das guitarras.

Willie tornou a gritar: -Escolham os seus pares pala a nova quadrilha se têm

coragem!

359

Os dançarinos puseram-se de pé. Outros rapazes chegavam, à procura de raparigas com quem pudessem dançar. Tom vigiava os três suspeitos. Viu-os abrir caminho através da multidão que ladeava o estrado e dirigirem-se a um dos grupos que se tinham formado para começar a dança. Fez um sinal a Willie, e este foi dizer qualquer coisa ao violinista. Este arrancou alguns guinchos do instrumento. Vinte rapazes começaram a aproximar-se com ar negligente. Os três suspeitos haviam chegado ao recinto. E um deles disse:

-Eu é que vou dançar com esta pequena. Um rapaz loiro olhou-o cheio de surpresa. -Mas ela é o meu par... -Olhe lá, ó seu grande filho... Um assobio penetrante soou ao longe, na escuridão. Os três provocadores viram-se cercados por essa altura. E cada um deles se sentiu seguro por mãos fortes. Então, a muralha de homens começou a afastar-se lentamente do estrado.

Willie berrou: -Vamos! A música guinchou de novo, o mestre-sala indicou os passos e os pés começaram a bater no chão.

Um carro de turismo, vindo da estrada, aproximou-se do portão.

O motorista gritou: -Abram a porta! há aí uma briga. O guarda permaneceu imóvel. -Aqui dentro não há desordem nenhuma. Não ouve a música a tocar? Quem é você?

-Sou o delegado da polícia. -Tem ordem de prisão? -Quando se verifica desordem, não há necessidade de ordem de prisão.

-Está bem, mas é que não há desordem nenhuma! -objectou o guarda.

Os homens, no interior do carro, ouviam a música tocar

e os gritos do mestre-sala. Lentamente, o carro de turismo foi rodando e postou-se numa encruzilhada, à espera.

Metidos no meio da muralha de guardas especiais, os três provocadores viam a sua acção completamente neutralizada. Achavam-se agarrados pelos pulsos e tinham as bocas tapadas por mãos possantes. Quando chegou a um ponto escuro do acampamento, a muralha desfez-se.

Tom disse: -Foi um serviço bem feito.-Prendia os braços de um dos provocadores por detrás.

Willie vinha do tablado, a correr para eles.

360

- Belo trabalho! - disse. - Bom. Agora basta que fiquem aqui seis homens. Ó Huston, quer ver estes gajos?

Mas Huston já se aproximava, surgindo da escuridão. -São estes os tais, heín?

- São - confirmou Jule. - Iam justamente começar, mas nem chegaram a dar o primeiro soco.

-Quero ver a cara deles. Dispuseram os prisioneiros de maneira que Huston lhes pudesse ver as feições. Mas os três rapazes conservavam a

cabeça baixa. Huston iluminou-lhes o rostos sombrios com uma lanterna eléctrica.

-Porque fizeram isto? - perguntou. Não houve resposta. -Quem os mandou fazer isto?

-Nós não fizemos nada, com os diabos! Queríamos apenas dançar.

-Dançar o quê? Tu querias era dar uma sova naquele rapazito-disse Jule.

Tom informou: -Sr. Huston, justamente no momento em que esses tipos entravam na pista, alguém deu um assobio.

-Sim, eu sei. Os polícias chegaram logo ao portão.-Dirigiu-se novamente aos prisioneiros. -Bom, vocês não vão levar nenhuma sova. Só quero que me digam quem foi que os mandou provocar barulho no nosso baile.- Ficou à espera de uma resposta.-Vocês, afinal, são gente da nossa-disse Huston, com tristeza. - Vocês são dos nossos. Como tiveram a coragem de querer fazer uma coisa destas? A gente sabe de tudo-acrescentou.

-Meu Deus, a gente também precisa de viver! -Mas quem foi que vos mandou provocar barulho? Quem lhes pagou este serviço.

-Ninguém nos pagou nada. -Nem vai pagar. Não houve briga, não há dinheiro. Não é verdade?

Um dos homens amarrados disse: -Pode fazer o que quiser. A gente não diz nada. Huston baixou a cabeça por um instante. Depois, falou brandamente:

- Muito bem. Nem precisam dizer nada. Mas, pelo amor de Deus, não esfaqueiem pelas costas a vossa própria gente. Nós também queremos viver a nossa vida; ter alguns instantes de alegria e manter a ordem entre nós. Não venham estragar todo este nosso trabalho. Pensem um pouco nisto tudo. Vocês só fazem mal a vocês mesmos. Muito bem, rapaziada. Peguem neles e ponham-nos lá fora, pela cerca do fundo. Mas não lhes batam. Eles não sabem o que fazem.

36r

O grupo começou a mover-se em direcção ao fundo do acampamento, e Huston ficou-se a olhá-lo.

Jule disse:

- Pelo menos, um bom pontapé hão-de levar. -Não, não façam isso!- gritou Willie.-Eu prometi que não lhes bateríamos.

-Mas só um pontapé, um só!-suplicou jule.-Para os fazer voar pela cerca.

-Não, senhor -perseverou Willie. -Escutem, desta vez, vocês escapam. Mas ficam avisados. Se isto acontecer outra vez, vocês hão-de passar um mau bocado: rebentamos-lhes os OS30S todos. Podem dizer isto lá aos vossos companheiros.

O Huston supõe que vocês são dos nossos. Pode ser que sejam. Mas eu até fico danado só de pensar nisso.

Chegaram à cerca. Dois dos guardas que ali se encontravam sentados ergueram-se e foram ao encontro deles.

-Temos aqui uns amigos com vontade de se irem embora cedo-diss, e Willie.

Os três rapazes galgaram a cerca e desapareceram na escuridão.

E o grupo regressou rapidamente ao estrado da dança. A orquestra tocava "Ol' Dan Tucker", a guinchar em tom lamentoso. Ali perto, diante do escritório, os homens ainda se conservavam acocorados a palestrar, e as notas agudas iam morrer-lhes nos ouvidos.

O pai vaticinou: -Isto vai mudar brevemente. Não sei como vai ser, mas muda. Pode ser que a gente não chegue a ver isso. Mas essa mudança está para breve. Toda a gente anda inquieta. Nem a gente pode pensar, de tão nervosa que anda.

O homem do chapéu preto tornou a erguer a cabeça e a luz projectava-se-lhe na barbicha hirsuta. Apanhou alguns seixos do chão e atirou-os como berlindes com o auxílio do polegar.

-Não sei. Também acho que a coisa vem aí, como você diz. Um sujeito contou-me o que se passou em Akron, no estado de Ohio, nas companhias de borracha. Eles foram buscar gente à serra, para trabalhar por salários baixos. Um dia, aquele pessoal da serra entrou para a União. Pois foi o diabo. Os negociantes, os legionários, toda aquela gente berrava de raiva. "Vermelhos!" gritavam. E queriam expulsar a União de Akron. Os pregadores falavam sobre o assunto; os jornais uivavam, e as companhias distribuíam picaretas e compravam gás lacrimogénio, sei lá! Livra, pareciam uns verdadeiros demónios, aqueles rapazes da serra! -Interrompeu-se, apanhando mais seixos para os atirar.-Sim, senhor... Foi em Março do ano passado. Num domingo, cinco mil daqueles tipos da serra come-

362

çaram a atirar ao alvo nos arredores da cidade. Cinco mil homens marchavam, armados de carabinas. Atiraram ao alvo, e depois regressaram, marchando como soldados. Foi só o que fizeram mas, desde então, não, houve mais questões. Os comités de cidadãos devolveram as picaretas que tinham recebido, e os negociantes ocuparam-se com os seus negócios; ninguém apanhou pancada; não puseram ninguém em barricadas de alcatrão, nem untaram quem quer que fosse com penas de galinha, nem mataram ninguém.-Houve um silêncio prolongado, e então o homem do chapéu preto continuou:-Esta gente daqui está-se a fazer ruim como o diabo. Queimaram aquele acampamento e lançaram-nos as culpas. Pensei muito a esse respeito. Toda a gente tem espingardas. Pensei que talvez a gente pudesse fundar um clube de tiro ao alvo, e fazer concursos de tiro todos os domingos.

Os homens olharam-no e tornaram a pregar os olhos no chão. Mexiam nervosamente os pés e apoiavam-se ora numa perna ora noutra.

CAPITULO XXV

É bela a Primavera na Califórnia. Nos vales, as flores das árvores frutíferas parecem águas perfumadas, brancas e cor-de-rosa, num mar pouco profundo. Então, as primeiras gavinhas das uvas, rebentando das vinhas nodosas, pendem, cobrindo os troncos. As colinas, cheias e verdes, arredondam-se, macias como seios. E, na planície, as hortas estendem-se em filas de muitas léguas: filas de alface de um verde pálido, de pequenas couves-flores de forma alongada e de alcachofras tin-

gidas de um cinzento verdoengo, quase irreal.

As folhas rebentam nas árvores, e as pétalas tombam das árvores frutíferas, atapetando a terra de branco e de cor-de-rosa. Os ovários das flores entumescem, aumentam e começam a colorir-se: cerejas e maçãs, pêssegos e peras, li@os, cujo fruto encerra a flor. A Califórnia inteira apressa-se a procluzir e a fruta torna-se pesada. Os ramos, pouco a pouco, dobram-se sob o próprio peso, de maneira que se torna necessário colocar escoras para que possam suportar o seu fardo.

Por detrás dessa fecundidade, há homens de inteligência, de conhecimentos e de habilidade, homens que fazem experiências com as sementes, que vão desenvolvendo a técnica que proporciona maiores colheitas das plantas, cujas raízes têm de resistir aos milhões de inimigos terrestres: ao bolor, aos insectos@, à ferrugem e às doenças das plantas. Esses homens trabalham cuidadosa e infatigavelmente para aperfeiçoarem as sementes e as raízes. E ao lado deles encontram-se os químicos, borrifando as árvores

363

no combate contra a peste, enxofrando as uvas, para aniquilar doenças e podridões, míldio e outras enfermidades. Doutores em medicina preventiva, homens da fronteira, espreitando as moscas da fruta, o escaravelho japonês; homens que obrigam as árvores doentes a quarentena ou que as destroem pelo fogo-homens de ciência. Os homens que enxertam as árvores jovens ou as vinhas novas são os mais hábeis de todos.

É que o seu ofício é o de um cirurgião, e tão fino e tão delicado como o deste, e esses homens têm de possuir as mãos e o coração de um cirurgião, para fenderem a casca, para colocarem os enxertos, para atarem as feridas, protegendo-as do ar. São homens notáveis.

Ao longo das filas, caminham os camponeses; arrancam as ervas da Primavera, deitando-as na terra, a fim de a tornar fértil. Abrem o chão, para que mantenha a água perto da superfície, estriam-no por meio de pequenos fossos de irrigação, destroem as ervas daninhas que poderiam beber a água destinada às árvores.

E, durante todo esse tempo, os frutos vão crescendo, e as flores rebentam nas vinhas, pendendo em compridas umbelas. Com o correr dos dias, o calor aumenta e as folhas tingem-se de verde-escuro. As ameixas alongam-se, como ovinhos verdes de pássaro, e os ramos curvam-se ao peso e abaixam-se sobre os suportes que os escoram. As peras, pequenas e duras, adquirem forma e nos pêssegos despona a primeira penugem. As flores da uva perdem as suas pétalas minúsculas, e as contas pequenas e duras transformam-se em botões verdes, e os botões começam a adquirir peso. Os homens que trabalham nos campos e os proprietários dos pequenos pomares vigiam e fazem cálculos. Este ano é fecundo e abundante. E os homens sentem orgulho, pois são capazes, devido à sua perícia, de tornarem o ano fecundo e abundante. Eles têm transformado o mundo com a sua técnica extraordinária. O trigo curto e delgado tornou-se cheio e produtivo. De pequenas maçãs azedas fizeram maçãs grandes e doces, e aquela vinha velha, que crescia entre árvores, alimentando as aves com os seus frutos minúsculos, engendrou milhares de variedades; vermelhas e pretas, verdes e rosadas, purpúreas e amarelas; e cada variedade tem o seu gosto característico. Os homens que trabalham nos campos experimentais criaram frutas novas: nectarinas e quarenta espécies de ameixas e de nozes, com uma casca fina como o papel. E continuam trabalhando, escolhendo, enxertando, mudando; estão-se compelindo a si mesmos, compelindo a terra a produzir.

As primeiras cerejas amadurecem. Um cent e meio a libra. Meu Deus! Mas a gente pode lá colhê-las por esse preço! Cerejas pretas e cerejas encarnadas, cheias e doces, e as aves comem a metade de cada cereja, e as vespas infiltram-se nos buracos feitos

364

pelas aves. Os caroços caem no chão, secos, com pedaços pretos agarrados.

As ameixas purpúreas tornam-se doces e macias. Santo Deus! É impossível colhê-las, secá-las e enxofrá-las. A gente não pode pagar salários, seja que salários for. E as ameixas purpúreas alcatifam o chão. Primeiro, a pele enruga um pouco e os enxames de moscas apanham o seu festim. Sobre o vale paira um cheiro de podridã o. A polpa torna-se escura e a colheita murcha no chão.

As peras fazem-se amarelas e macias. Cinco dólares a tonelada. Cinco dólares por caixas de quarenta a cinquenta libras. As árvores mondadas e cuidadas... homens especializados... e colher as frutas e pê-las em caixas, carregar os camioes, entregar as frutas na fábrica de conservas... quarenta caixas por cinco dólares. Mas não pode ser... a gente não pode! E as frutas amarelas caem no chão pesadamente, e nele rebentam. As vespas mergulham na polpa mole, e espalha-se um cheiro de fermentado e de podridão.

Depois, vêm as uvas... Não se pode fazer bom vinho. O pessoal não pode comprar bom vinho. Arranquem os cachos das vinhas, uvas boas, uvas podres, uvas carcomidas. Espremam os

talos, espremam o que está sujo e podre; tudo.

Mas nas cubas há mildio e ácido fórmico. Ponham enxofre e ácido tânico. A fermentação não exala o aroma rico do vinho, mas odores de decadência e de drogas.

Não faz mal. De qualquer maneira têm álcool. A gente pode embriagar-se mesmo assim.

Os pequenos fazendeiros observam como as dívidas sobem insensivelmente, como o crescer da maré. Cuidaram das árvores, sem vender a colheita, podaram e enxertaram e não puderam colher as frutas. Os homens de ciência trabalharam e meditaram e as frutas apodrecem no chão e a mistura deteriorada nas cubas de vinho empesta o ar. E provem o vinho... nada nele existe do aroma das uvas; há sômente enxofre, ácido tânico e álcool.

Este pequeno pomar, para o ano que vem, pertencerá a uma

grande companhia, pois o proprietário será sufocado pelas dívidas.

Este parreiral passará a ser propriedade do banco. Apenas os grandes proprietários podem subsistir, visto que também possuem fábricas de conservas. Quatro peras descascadas e partidas pelo meio, cozidas e postas em latas custam sempre quinze cents. E as peras enlatadas não se estragam. Conservam-se anos.

A podridão alastra por todo o Estado e o cheiro doce torna-se uma grande preocupação nos campos. Os homens que sabem enxertar as árvores e tornar fecundas e fortes as sementes, não encontram meios de deixa-

rem a gente esfaimada comer os seus produtos. Homens que criaram novas frutas para o mundo, não

365

sabem criar um sistema pelo qual as tais frutas possam ser comidas. E o malogro paira sobre o Estado como um grande desgosto.

As operações praticadas nas raízes das vinhas e das árvores devem ser destruídas, para que sejam mantidos os preços elevados. E isto o mais triste, o mais amargo de tudo. Carradas de laranjas são atiradas para o chão. O pessoal vinha de milhas de distância para buscar as frutas, mas agora, não lhes é permitido fazê-lo. Não iam comprar laranjas a vinte cents a dúzia, quando bastava pular do carro e apanhá-las do chão. Homens armados de mangueiras derramam querosene por cima das laranjas e enfurecem-se contra o crime, contra o crime daquela gente que veio à procura das frutas. Um milhão de criaturas com fome, de criaturas que precisam de frutas... e o querosene derramado sobre as faldas das montanhas douradas.

O cheiro da podridão enche o país. Queimam café como combustível de navios. Queimam o milho para aquecer; o milho dá um lume excelente. Atiram batatas aos rios, colocando guardas ao longo das margens, para evitar que o povo faminto intente pescá-las. Abatem porcos, enterram-nos e deixam a putrescência penetrar na terra.

Há nisto tudo um crime, um crime que ultrapassa o entendimento humano. Há nisto uma tristeza, uma tristeza que o pranto não consegue simbolizar. Há um malogro que opõe barreiras a todos os nossos êxitos; à terra fértil, às filas rectas de árvores, aos troncos vigorosos e às frutas maduras. Crianças atingidas de pelagra têm de morrer porque a laranja não pode deixar de proporcionar lucros. Os médicos legistas devem declarar nas certidões de óbito: "Morte por inanição", porque a comida deve apodrecer, deve, por força, apodrecer.

O povo vem com redes para pescar as batatas no rio, e os guardas impedem-no. Os homens vêm nos carros ruidosos apanhar as laranjas caídas no chão, mas as laranjas estão untadas de querosene. E ficam imóveis, vendo as batatas passarem flutuando; ouvem os gritos dos porcos abatidos num fosso e cobertos de cal viva; contemplam as montanhas de laranjas, rolando num lodaçal putrefacto. Nos olhos dos homens reflecte-se o malogro. Nos olhos dos esfaimados cresce a ira. Na alma do povo, as vinhas da ira

crescem e espriam-se pesadamente, pesadamente amadurecendo para a vindima.

CAPITULO XXVI

A família Joad descansava, após o jantar, no acampamento de Nvecc[patch, numa tarde em que franjas extensas de nuvens se deitavam sobre o sol poente que lhes tingia as fimbrias de ver-

366

melho. A mãe hesitava, antes de se entregar à tarefa de limpar os pratos.

-A gente tem de fazer seja o que for-dizia ela, apontando para Winfield.-Olherri para ele!-E, quando todos tinham os olhos pregados no rapazinho, continuou: -Olhem como ele treme, torcendo-se todo no sono!

Olhem para a cor dele!-E os restantes membros da família, envergonhados, tornavam a cravar os olhos no chão.-Massa frita-disse a mãe.-Há um mês que a gente aqui está. O Tom só trabalhou cinco dias. Todos vocês têm procurado e não encontram serviço nenhum. E têm medo de falar nisso. O dinheiro foi-se. E vocês com medo de falar nisso. Quando chega a noite, o que fazem é jantar e tratar de sair. Não têm coragem de falar no que se passa. Mas tem de ser. A Rosasharn está a acabar o seu tempo e olhem para a cor dela! Devem falar sobre a nossa situação. Não quero que nenhum de vocês saia daqui antes de resolver tudo. A gente ainda tem banha para um dia e farinha para dois. E dez batatas. Fiquem sentados e puxem pela cabeça.

Todos estavam de cabeça baixa. O pai limpava as unhas espessas com o canivete. O tio John entretinha-se a arrancar uma lasca do caixote em que estava sentado. Tom mordida o lábio inferior e afastava-o depois dos dentes.

Deixando os lábios em paz, Tom disse brandamente: -A gente tem andado sempre à procura, mãe. Andámos até gastar toda a gasolina. Batemos a todas as portas, a todas as casas de fazendas, mesmo quando já sabíamos que não valia a pena. É isto o que incomoda a gente; procurar uma coisa que já se sabe que se não arranja.

A mãe prosseguiu com violência: -Vocês não têm o direito de perder a coragem. A nossa família vai-se desfazendo aos poucos. Vocês têm de ter coragem!

O pai contemplava as unhas que acabara de limpar. -A gente já devia ter-se ido embora daqui. Mas a gente não quis ir. Por aqui é tudo tão bonito; as pessoas, tão boas e amigas! E o medo de ter de cair outra vez em Hooverville.

-E que tem isso? O principal é termos que comer. AI interveio: -O tanque de gasolina está cheio. Eu não quis dizer a ninguém, mas ele ainda está cheio.

Tom sorriu. -Este AI não é tão tolo como parece. -Bom, então puxem pela cabeça-disse a mãe.-Não posso mais ver a minha família a morrer de fome aos poucos. Ainda temos banha para um dia. É tudo, compreenderam? Dentro em pouco, a Rosasharn vai ter o bebé e tem de se alimentar muito bem. Pensem nisto.

367

-Aqui há água quente e umas retretes tão bonitas... -

começou o pai.

-Pois sim, mas a gente não pode comer retretes. -Esteve aqui, hoje, um sujeito à procura de gente para apanhar fruta em Maryswille -disse Tom.

-Então porque é que a gente não vai para Maryswille? -perguntou a mãe.

-Sei lá!-respondeu Tom.-A coisa não me cheirou lá muito bem. Ele insistia demais. E não queria dizer quanto pagava. Disse que não sabia ao certo.

-Vamos a Maryswille. Não interessa quanto pagam. Vamos para lá!-aconselhou a mãe.

-É muito longe-disse Tom.-Não temos dinheiro para a gasolina. A gente não conseguia lá chegar, mãe. A senhora disse para a gente puxar pela cabeça. É o que nós temos feito sempre.

O tio John então falou: -Disse-me um sujeito que é agora a época do algodão lá para o norte, para as bandas de Tulare. Disse que não é muito longe daqui.

-Pois bem; temos de ir e depressa. Não podemos ficar aqui, por mais bonito que isto seja.

A mãe apanhou o balde e foi até ao departamento sanitário buscar água quente.

-A mãe está a fazer-se tesa -afirmou Tom. -Ela tem andado muito zangada nos últimos tempos. Até parece que ferve.

O pai respondeu, aliviado: -Ainda bem que foi ela quem começou a falar nisto tudo. Estive toda a noite a queimar os miolos com isto. Agora já se pode falar abertamente no assunto.

A mãe regressava com um balde de água fumegante. -Então? -inquiriu. -Resolveram alguma coisa? -Estamos a falar nisso-respondeu Tom.-E se a gente fosse para o norte, colher algodão? Sabemos que por aqui não se arranja nada. Que tal arrumar tudo e ir para o norte? A gente chega justamente na época da safra. Até já tenho vontade de sentir o algodão nas mãos. O tanque está cheio, não está, AI?

-Está. Quase cheio; devem faltar umas duas polegadas. -Acho que dá para a viagem. A mãe pôs um prato em cima do balde. -Então? -perguntou. -A senhora ganhou, mãe. Acho que devemos sair daqui já. Não lhe parece, pai?-perguntou Tom.

-Eu também acho que sim-respondeu o pai. A mãe lançou-lhe um rápido olhar. -Quando?

368

-13c111, (?@p(YàY muito não vale a pena. Acho melhor @@ gente, pari,,)- a_nianhã cedo.

-E bom sairmos cedo, realmente. Já lhes disse que a comida está no fim.

-Olhe, mãe, não pense que eu não quero ir. Já já duas, semanas que não tenho metido na barriga coisa que preste. Enchi-a, é certo, mas garantolhe que não tirei nenhum proveito disso.

A mãe irricigulhou o prato no balde. -Vamos partir amanhã de madrugada.

O pai fungo@t: -Parece yw as coisas vão iiiudando-diss<-, sarcástico. -Lembro-me do tempo em que era o homem quem dizia o que se devia fazer. P@lrccc. que é a mulher agora quem faz isso. E a altura de unia pessoa puxar por um pau.

A mãe colocou num caixote o prato de folha, limpo e ainda gotante de água. Sorriu, debruçada sobre a sua tarefa.

--,, 'ai, vai buscar um pau- disse.-No dia em que a gente tiver um buraco onde inotar, pode ser que tu te possas servir de um pau sem ar@-;scarcs a pele. Mas agora tu não fazes coisa nenhuma, não traba-

lhas e nem sequer pensas. Quando fizeres tudo isso, muito bem. Então poderás manejar o p.a.u e a tua mulher ficará a fungar e a pôr-se de cócoras diante de ti. Mas agora, não. Agora. encontras a mulher pela frente. Eu também posso puxar de uni pau para te desancar.

O pai sol-riu com um sorriso contrafeito. -Acho que não é bonito as crianças ouvirem-te falar assim. --Antes de dizeres o que é justo, enche a barriga das crianças com presinto.

O pai ergueu-se, todo aborrecido, e saiu. O tio John foi-se atrás dele.

As mãos da mãe estavam mergulhadas na água e os seus olhos seguiram os dois homens que iam saindo. Voltou-se para Tom e disse com orgulho:

-Ele é bom homem. E não se deixa abater. Isso de me dar pancada não é com ele.

Tom deu uma risada. --A senhora quis levantar-lhe o ânimo, não foi? - Claro -concordou a mãe.-Imagina um homem que vive preocupado sempre, a moer o fígado. Não tarda que não desanime de todo e se deixe ficar sem poder reagir. Mas, se alguém conseguir fazê-lo enraivecer, a coisa muda. Entra nos eixos, garanto-te. Sabes? O pai não disse nada, mas está a rebentar de raiva. Agora, entra nos eixos, vais ver.

AI levantou-se e disse: -Vou dar uma voltinha.

24-v. 1.

369

-Seria melhor verificares se o camião está em condições de seguir viagem- aconselhou Tom, em ar de advertência.

-Está. já verifiquei. -Se não estiver, vais-te ver às voltas com a mãe. -já disse que está. AI saiu, caminhando com pose ao longo da rua das tendas. Tom suspirou. -Estou cansado de tudo isto, mãe. A senhora tem de me espicaçar também a mim.

-Tu tens mais energia, Tom. Não precisas disso. Eu confio em ti. Os outros... de certo modo, são para mim uns estranhos. Todos, menos tu. Tu não és dos que desistem, Tom.

Tom não 'gostou da responsabilidade que lhe caía sobre os ombros.

-Não gosto lá muito disso, mãe -confessou. -Quero ser livre como o AI, enraivecer-me como o pai ou embriagar-me como o tio John.

A mãe sacudiu a cabeça. -Mas tu não podes, Tom; mesmo que queiras, não podes. Eu já tinha essa certeza ainda tu eras pequenino. Há pessoas que só se preocupam consigo e nada mais. Vê o AI... é um rapaz que só tem uma preocupação: andar atrás das raparigas. Tu nunca assim foste, Tom.

-Fui, sim, então não fui? - perguntou Tom. - E ainda assim sou.

-Não, tu não és. Tudo o que fazes não é só por ti. Quando te prenderam, eu já sabia que isso iria acontecer. Tu és dos eleitos.

-Ora, mãe, deixe-se disso. Isso é fantasia sua. A mãe colocou as facas e os garfos nos pratos. -Pode ser. Pode ser que seja fantasia minha.

Rosasharn: vem enxugar estes talheres e guardá-los depois!

A rapariga ergueu-se, com um respirar de asmática; e a barriga saliente empinava-se diante dela. Dirigiu-se indolentemente para o caixote e apanhou um prato lavado.

-Tem a pele tão esticada que nem consegue fechar os olhos. -Não brinques com ela-advertiu a mãe.-A Rosasharn é uma boa rapariga. É melhor tu ires dizer adeus aos teus conhecidos.

-Está bem-respondeu Tom.-Vou aproveitar para saber a que distância fica o tal sítio.

A mãe disse a Rosasharn: -Ele não diz isso para te aborrecer. Onde estão a Ruthie e o Winfield?

-Escapuliram-se atrás do pai. Vi-os sair. -Está bem. , Deixa-os brincar um pouco.

370

Rosa de, Sharon executava preguiçosamente a sua tarefa. A mãe observava-a com atenção.

-Não te sentes bem? Estás com uma cara tão fatigada! -Não tomei o leite que devia ton-iar... -Eu sei. Mas não foi possível arranjar-te leite. Rosa de Sharon voltou com ar sombrio: -Se o Connie se não tivesse ido embora, a gente, agora, podia arranjar uma casinha e ele ia estudar e tudo. E eu teria o leite que quisesse e então nasceria um bebé bem bonito e gordo. Assim o bebé não vai ser forte. Eu precisava de beber leite. -Tirou qualquer coisa do bolso do avental e levou-a rapidamente à boLII.

A mãe perguntou: -Ençyoliste qualquer coisa. Que foi?

- Nada. -Nada? Eu vi. Diz lá o que foi. -Foi um pedacinho de cal que achei ali fora. -Mas para que é que comes essas porcarias? -Sei lá! Sinto desejos... A mãe calou-se. Afastou osjoelhos e esticou a saia entre eles. -Eu sei-disse finalmente.-Uma vez, quando estava assim como tu, comi um pedaço de carvão. Um bom pedaço de carvão. A avó disse-me que não fizesse semelhante coisa. Mas olha, não fales assim do teu bebé. Não tens o direito de falar assim.

-Ora, não tenho marido, não tenho leite. Não tenho nada! A mãe continuou: -Se tu ainda fosses criança, levavas agora uma bofetada. Mesmo na cara, ouviste? -Levantou-se e entrou na tenda. Um instante depois, regressava com a mão estendida para Rosa de Sharon.

-Toma!-disse. Trazia nas mãos dois brincos de oiro.-Isto é para ti.

Os olhos da rapariga brilharam por um segundo; mas depois, desviou-os lentamente.

-Não tenho as orelhas furadas. -Mas eu furo-tas agora. A mãe voltou a correr, ao interior da tenda, e não tardou a regressar com uma caixinha de papelão. Ràpidamente, enfiou uma linha numa agulha, e, dobrando a linha, fez nela uma série de nós. Pegou noutra agulha e repetiu a operação. Da caixinha, retirou um pedaço de cortiça.

- Mas isso vai doer. Isso vai doer! A mãe postou-se ao lado dela e encostou-lhe a cortiça ao lóbulo da orelha. Depois espetou a agulha na orelha, fazendo-a penetrar na cortiça, que, do outro lado, servia de

apoio.

A jovem contraiu-se. -Ui, pica! Vai-me fazer doer!

371

- Não dói mais do que isto. -Dói, sim, eu sei que dói. -Pois então, vamos começar pela outra orelha, já que nesta te faz doer.

Apoiou a cortiça e perfurou a outra orelha. -Vai doer! -Chiu!-disse a mãe.-Já está pronto. Rosa de Sharon olhou-a cheia de surpresa. A mãe cortou a linha para tirar as duas agulhas e fez passar um nó de cada fio através dos lóbulos.

-Pronto-disse a mãe.-Todos os dias, a gente faz passar um nó e, daqui a umas duas semanas, já estás em condições de usar os brincos. Toma, fica com eles; agora são teus.

Rosa de Sharon apalpou timidamente as orelhas, contemplando depois a gotinha de sangue que lhe ficara nos dedos.

-Não doeu-confessou ela.-Só senti uma picada. -já há mais tempo que devíamos ter feito isto-disse a mãe. -Olhou a filha com uma expressão triunfal.-Bom, vê se acabas de enxugar os pratos, agora, o teu menino vai ser um bebé bem bonito. Por um pouco que ias ter o menino sem as orelhas furadas. Mas agora já não há perigo.

-Isso quer dizer alguma coisa? -Claro que quer dizer muita coisa.

AI caminhava vagarosamente pela rua, dirigindo-se ao estrado da dança. Perto de uma tenda pequena, muito asseada, soltou um assobio. E continuou a caminhar, até ao fim dos terrenos. Sentou-se sobre um barranco onde crescia a erva.

As nuvens, a ocidente, já não tinham tarias vermelhas; agora haviam escurecido no centro. AI coçou as pernas, contemplando o céu vespertino.

Instantes depois, uma rapariga loira aproximava-se. Era bonita e de traço finos. Sentou-se também na erva, ao lado de AI, sem dizer palavra. AI enlaçou-a pela cintura, acariciando-a com os dedos.

-Está quieto!-disse ela.-Fazes-me cócegas. -Vamo-nos embora daqui amanhã. Ela olhou-o com surpresa. -Amanhã? Para onde? -Para o norte-respondeu ele com desembaraço. -Mas a gente ia casar, não ia? -Claro. Um dia, a gente casa-se. -Mas tu disseste que era daqui a pouco tempo-disse a rapariga furiosa.

-Bem, daqui a pouco ou daqui a algum tempo é a mesma coisa.

372

- Mas tu prometeste... Ele começou a avançar com os dedos. -Deixa-me! -gritou ela.-Tu disseste que casavas comigo. -Pois disse, sim, senhora. -E agora vais-te embora? AI perguntou-lhe: -Mas que tens tu? Esperas algum menino? -Não, não espero coisa nenhuma. AI pôs-se a rir. - Quer dizer que perdi o meu tempo. Ela ergueu o queixo e levantou-se num pulo. -Vai, vai-te embora, AI Joad! Deixa-me em paz! Não te quero ver mais!

-Ora vem cá. Que é que tu tens? -Pensas que podes fazer o que te ape-

tecer? -Escuta, espera aí. -Tu pensas que não tenho mais ninguém, que és só tu. Pois estás enganado. Há uma porção de rapazes que me querem. É só eu escolher.

-Ouve lá. Quero conversar contigo. -Não oiço coisa nenhuma. Põe-te a andar. AI virou-se de súbito e segurou-lhe os tornozelos ' fazendo-a tropeçar. Apanhou-a na queda e enlaçou-a com os braços, tapando-lhe a boca com a mão. Ela procurou mordê-lo mas ele pôs a mão em concha e manteve-a no chão com o outro braço. Instantes depois, a rapariga já se não debatia e, daí a pouco, ambos riam sobre a erva seca.

-Olha, a gente volta não tarda-disse AL-Nessa altura, eu hei-de ter os bolsos cheios de massa. E a gente vai até Hollywood, ver as fitas.

A rapariga estava deitada de costas. AI debruçou-se sobre o corpo dela. E viu-lhe nos olhos os reflexos da estrela da tarde e os reflexos das nuvens negras.

-Vamos de comboio-disse ele. -Quanto tempo vão ficar por lá?-inquiriu ela. -Naturalmente um mês-foi a resposta. A noite estendeu o seu manto escuro. O pai e o tio John, em companhia dos outros chefes de família estavam acocorados em frente do escritório. Examinavam a noite e o futuro. O director, de fato branco, rasgado mas limpo, apoiava os cotovelos na balaustrada da varanda. Tinha o rosto cansado, abatido.

Huston ergueu os olhos para o director: -Seria melhor o senhor ir ver se dorme. -A ideia não é nada má. Ontem à noite nasceu uma criança no departamento n.º 3. Vou-me transformando a pouco e pouco numa parteira perfeita.

373

- Um homem tem de perceber dessas coisas-disse Huston. -Sobretudo um homem casado.

-Nós vamo-nos embora - disse o pai. - Amanhã de manhã.

-Sim? Para onde vão? -Lá para as bandas do norte. Vamos ver se chegamos para as primeiras colheitas do algodão. Por aqui não se arranja trabalho. E não há nada que se coma.

-E lá? Vocês têm a certeza de que vão arranjar trabalho? -perguntou Huston.

- Não, mas temos a certeza de que por aqui é que não se arranja. -Mais tarde, talvez. Nós vamos esperar-disse Huston. -Bem, vontade de esperar mais um pouco também não nos falta-continuou o pai.-Aqui têm sido muito bons... e há toilettes e tudo. Mas a gente precisa de comer. Temos o tanque cheio de gasolina. Podemos andar um bocado na estrada. Aqui, a gente tomava banho todos os dias. Nunca na minha vida andei tão limpo. É engraçado... dantes, eu tomava banho uma vez por semana e nunca me pareceu que cheirasse mal. Agora, se não tomo banho um dia, começo logo a ter mau cheiro. Gostava de saber se isso acontece por se tomar banho todos os dias.

-Talvez você nunca tivesse dado pelo seu cheiro-disse o director.

-Pode ser. Seria bom se a gente pudesse ficar...

O director levou a palma das mãos à frente. -Acho que esta noite vamos ter outro menino-disse. -Na nossa família, também estamos à espera de um- informou o pai.-Gostava que ele nascesse aqui. Acredite que gosta-

va, e muito.

Tom, Willie e Jule, o mestiço, estavam sentados à beira do estrado de dança, baloiçando as pernas.

-Tenho uma onça de Durham-disse Jule.-Quer fumar? -Se quero! - respondeu Tom.-Há um ror de tempo que não fumo.

Enrolou cuidadosamente o cigarro pardusco, tendo o cuidado de não desperdiçar nem um fiapo de tabaco.

-Pois é; é pena vocês irem-se embora. A sua gente é muito simpática-disse Willie.

Tom acendeu o cigarro. -Pensei muito a respeito da nossa partida. Meu Deus, como eu gostava que nos fixássemos em qualquer parte!

Jule recebeu de novo a onça de tabaco.

- Isto tudo não anda certo-disse.-Eu tenho uma filhinha. julguei que ela pudesse ir à escola, quando a gente chegasse aqui ao acampamento. Mas, qual! Nunca se pode parar muito

374

tempo num sítio! Passamos a vida de um lado para o outro. -Oxalá a gente não precise de ir morar outra vez em Hooverville - disse Tom. - Ali, confesso, vivíamos sempre com medo.

-Foram os polícias que vos puseram de lá para fora? -Fiquei com medo de vir a matar algum-continuou Tom. -Estivemos lá pouco tempo, mas vivíamos com o sangue a ferver. A polícia foi lá um dia e catrafilou um amigo meu só porque ele teve a coragem de manifestar a sua opinião. Caramba! Até fazia ferver o sangue!

-Você já tomou parte nalguma greve? -perguntou Willie.

- N ão. -Pois eu pensei muito tempo nisso. Porque é que os policcias não vêm aqui e não pintam o, diabo, como fazem noutros sítios? Você acha que é aquele tipo baixinho do escritório que os impede de vir até cá? Não, senhor.

-Nesse caso, o que é?-inquiriu Jule. -Eu lhe digo, E porque todos vivem unidos aqui. A polícia não pode vir buscar uma pessoa só ao acampamento. Para isso, tinha de levar o acampamento inteiro. E eles não têm coragem para tanto. Basta a gente dar um grito e logo uns duzentos homens se põem de pé. Uma vez, um tipo contou-me que fora encarregado de organizar o pessoal, por conta da União e disse que em qualquer sítio se podia fazer o mesmo. Basta a gente ser solidário. Eles não hão-de querer meter-se com duzentos homens. Mas um só, isso catrafilam-no logo.

-Pois sim-disse Jule. -Suponhamos que vocês organizam a União. Nessa altura, vão precisar de chefes. Se quiserem prender gente, é aos chefes que eles vão engavetar. Aonde é que a União vai parar depois?

-Aí é que está-disse Willic.-A gente tem de resolver isso mais dia menos dia. Há um ano que ando por esta zona e os salários por cá não fazem outra coisa senão baixar. Um hornerrri, ainda que trabalhe, não ganha o sulí ciente para sustentar a família. E a coisa piora de dia para dia. Não vale a pena a gente ficar por aqui sentado, a morrer de fome. Eu já riem sei o que hei-de fazer. Quem tem uma parelha de cavalos, não se importa de ter de lhes dar de comer durante o tempo em que

w-@.o trabalham. Mas se se trata de homens, iião w lhes dá nem um cha-vo. Parece-me que os cav@,ilos val(,in inais do que os homens. Não compreendo nada disto.

-Bem, eu nem quero pensar no caso, Mas tenho de pensar -disse Jule.- Tenho de pensar por causa da minha filha. Vocês sabem como (Ii é bonitinha. A semana passada até ganhou uin prêmio de belezta @,tquí no acampamento. Pois não sei o que vai ser dela, Está tão magrinha que neir, calculam. E uma coisa que

19 7 5

não posso suportar. Ela é tão bonitinha! Meu Deus! Ainda acabo por fazer alguma loucura.

-Como? -perguntou Willic.-Que é que você vai fazer? Roubar, para ser preso? Ou matar e depois ser enforcado?

-Não sei -respondeu Jule. -Fico doido quando penso nessas coisas. Fico completamente doido.

-Estes bailes daqui vão-me fazer falta-dísse Tom.-São os mais lindos que vi na minha vida. Bom, parece-me que vou dormir. Adeus. A gente ainda se há-de encontrar qualquer dia.

-Decerto que se encontra-disse jule. -Então, até mais ver. E Tom sumiu-se na escuridão.

Na tenda da família Joad, envolta em trevas, Ruthie e Winfield estavam deitados nos respectivos colchões; a mãe jazia deitada ao lado deles. Ruthie sussurrou:

- Mãe! -Que é? Então ainda não dormes? -Mãe, terão um jogo de "croquet" lá no sítio para onde a gente vai amanhã? _ Não sei. Trata de dormir, que a gente tem de sair cedo.

-Eu gostava de ficar aqui, mãe. Aqui temos a certeza de que há o "croquet".

-Chiu! Está calada! -Mãe, hoje o Winfield bateu num miúdo. -Ele não devia ter feito isso.

- Eu sei. Foi o que eu disse, mas ele deu um soco no nariz do menino. E, Jesus, como o sangue corria. Aquilo era mesmo à bruta...

-Não fales assim. Não é bonito. Winfield virou-se e disse furioso: - Aquele velhaco disse que a gente era Okie. Que ele não era, porque tinha vindo do Oregon, mas que nós éramos uns safados de uns Okies. Foi por isso que eu lhe bati.

-Chiu! Mas não devias ter feito isso. Não interessa que ele nos chame nomes feios. Isso não nos pode fazer mal nenhum.

-Pois sim, mas eu é que não consinto que ele o faça-exclamou Willie com violência.

- Chiu! Dorme! ---Mãe, só queria que a senhora visse como o sangue corria pela, roupa dele!-insistia Ruthie.

A mãe tirou a mão direita de dentro do cobertor e assentou os dedos no rosto de Ruthie. Por um instante, a menina ficou imóvel, rígida, mas, logo a seguir, desatou num choro fungado e silencioso.

No departamento sanitário, o pai e o tio Jolin estavam sentados em compartimentos contíguos.

31-6

-Toca a aproveitar, que é a última vez-disse o pai.-Isto aqui é bonito. Lembras-te como as crianças ficaram com medo quando descarraram à água pela primeira vez?

-Até eu mesmo não me sentia lá muito tranquilo -respondeu o tio Jolin, puxando cuidadosamente o fato-macaco sobre os joelhos. -Estou a tornar-me ruim. Sinto o pecado a rondar à minha volta.

-Deixa-te disso-acudiu o pai-Pecar é que não podes. (_ ,?iista pelo menos dois dólares e a gente está sem cheta. -Eu sei. Mas tenho maus pensamentos. --Está bem. Podes pecar em pensamento. É coisa que não custa dinheiro.

-Pois sim, mas nem por isso deixo de pecar - voltou o tio John.

-Mas assim é mais barato-insistiu o pai. -Olha, tu queres saber? Isto de pecar é mais sério do que tu pensas.

-Eu sei. Tu sentes sempre vontade de pecar quando as coisas vão mal.

-É isso mesmo-confirmou o tio John.-Sempre assim fui. Não te contei nem metade das coisas que fiz na vida.

-Nem é preciso. Podes guardá-las para ti. -Estas retretes tão bonitas dão-me a ideia de que estou a cometer um pecado.

-Então vai para o mato! Bem, abotoa as calças e vamos tratar de dormir.

O pai ajeitou nos ombros as alças do fato-macaco e apertou a fivela. Puxou a manivela da retrete e olhou, pensativo, o redemoinhar da água dentro dela.

Era ainda escuro quando a mãe despertou a família toda. Do departamento sanitário, de portas entreabertas, saía o clarão pálido das lâmpadas nocturnas. Das tendas, ao longo da rua, vinham sons variados de ressonar.

--Vamos, toca a levantar! -gritou a mãe.-São horas de a gente partir! já é quase dia.-Levantou o tubo de vidro da lâmpada de querosene, que emitiu um silvo brusco, e acendeu a torcida.-Vamos, andem todos, depressa!

No chão, os homens começavam a mexer-se vagarosamente. Cobertas e cobertores eram atirados para trás. Olhos sonolentos fixavam a luz, vestidos e meio cegos. A mãe enfiou o vestido sobre a roupa de baixo com que dormira.

-Não há café-disse.-Mas tenho umas empadas para vocês. Vamos comê-las na viagem. Levantem-se, andem! Precisamos de carregar o caminhão. Vamos! E não façam barulho. Não há necessidade de acordar os vizinhos.

377

Decorreram alguns momentos antes que eles estivessem bem acordados.

-Não saiam daqui! -advertiu a mãe, dirigindo-se às crianças. A família vestiu-se. Os homens desataram a lona da tenda e ajeitaram tudo na carroserie do caminhão.

-Tomem cuidado, de modo que fique tudo bem plano! -avisou a mãe.

Estenderam os colchões por cima da carga, amarrando a lona no lugar do costume e erguendo-a sobre o pau da armação.

-Pronto, mãe-disse Tom.-Está tudo pronto. A mãe segurava um prato de empadas frias. -Muito bem. Tomem. Uma para cada um de vocês. E é só o que temos.

Ruthie e Winfield pegaram com avidez nas respectivas empadas e treparam para o caminhão. Cobriram-se com um cobertor e deitaram-se, adormecendo logo, ainda com as empadas frias e duras nas mãos. Tom sentou-se ao volante e calcou o arranque. O motor roncou, mas emudeceu logo a seguir.

- Que o diabo te leve, AI! -gritou Tom. -Tu deixaste a bateria a descarregar.

AI refilou: -Ora, como diabo é que tu querias que eu a não deixasse descarregar, não tendo gasolina?

Tom deixou escapar um sorriso. -Bem, sei lá! Mas a culpa é tua. Agora, vê se dás aí um jeito com a manivela.

-A culpa não é minha, já te disse. Tom desceu do carro e tirou a manivela da caixa por baixo do assento.

-Então a culpa é minha, pronto!-disse. -Deixa ver essa manivela.-AI tomou-a das mãos de Tom. -Empurra a ignição para baixo, que é para não me levar o braço.

-Está bem. Vai torcendo. AI cansou-se a dar voltas e mais voltas com a manivela. Por fim, o motor pegou e começou a roncar e a tremer, enquanto Tom, cautelosamente, ia calcando o acelerador. Aumentou a ignição e reduziu o gás.

A mãe subiu para a frente, ao lado dele. -A gente acordou o acampamento todo com este barulho. -Ora! Eles adormecerão de novo. AI subiu para o assento pelo outro lado. -O pai e o tio John vão em cima da carga. Querem dormir mais um bocado.

Tom pôs o camião em movimento e foi rondando em direcção ao portão principal. O guarda deixou o escritório e projectou sobre o veículo a luz da sua lanterna eléctrica.

378

-Esperem um instantinho -disse. -Que há? -Vocês vão-se einbora?

- Pois vamos.

- Então tenho de lhes dar saída no livro de registo.

- Fixe! -já sabem para onde vão? -Vamos a ver como são as coisas lá pelo norte. -Muito bem. Felicidades! -disse o guarda. -Igualmente. Passe bem.

O carro foi contornando lentamente o barranco, e entrou logo na estrada, a mesma por onde tinham vindo, passando por Weedpatch, rumo ao oeste, até chegar à estrada 99. Tomou-, então, a direcção norte, rodan-

do pela larga faixa de cimento até Bakersfield. O dia ia nascendo quando chegaram aos arredores da cidadezinha. _ Para qualquer lado que se olhe, há restaurantes. Por toda a parte há cafés. Olhem, esse café aí fica aberto toda a noite. Aposto que têm mais de dez bidões de café formidável a ferver lá dentro-disse Tom.

-Cala a boca-disse AI. Tom sorriu maliciosamente: -Bem me queria parecer que tu tinhas arranjado uma pequena logo de entrada.

-E então? -É por isso que ele anda aborrecido, mãe. Não é nada agradável uma companhia assim.

AI respondeu irritado: -Não te incomodes. Não tarda muito, também, que eu largue sózinho por aí fora. É mais fácil um tipo sózinho ganhar a vida do que com a família.

-Em nove meses, também tu arranjavas família. Eu bem vi como tu te divertias lá no acampamento.

-Estás maluco. Eu ia era trabalhar numa garage e comer em restaurantes -respondeu AI.

- E em nove meses tinhas mulher e filho.

- Estás a sonhar! -Tu és um espertalhão. Mas um dia, apanhas uma mocada na cabeça-disse Tom.

-E quem é que ma dá? -Ora! Há sempre uns gajos capazes disso - esclareceu Tom. -Tu pensas que, lá porque te aconteceu aquilo... - Vejam se acabam com isso-interveio a mãe. -A culpa é minha-disse Tom. - Quis divertir-me à custa dele. Não te quis ofender, AI. Não sabia que gostavas assim tanto daquela pequena.

379

-Bli gostar? Não gosto de pequena nenhuma.

- m, então não gostas. Não quero discutir contigo.

O caminhão ia já nos limites da cidadezinha. -Olhem aquelas lojas de cachorros quentes-disse Tom. -llá por aqui centenas delas.

-Tom, eu tenho aqui um dólar; consegui poupá-lo-segredou a mãe. Tens assim tanto desejo de café que valha a pena gastá-lo ?

-Não, mãe, estava a brincar. -Mas, se tu tens assim tanta vontade, podes ficar com ele. -Não, não quero. -Entã o,,vê se deixas de falar tanto em café-disse AI. Tom demorou seu tempo a responder-lhe: -Parece ue ando sempre a meter os pés pelas mãos-disse. Esta é a estrada por onde passámos na uela noite. _@spero.que a gente não tenha W passar outra vez por urna coisa assim-disse a mãe.-Que noite terrível!

-Se foi! Também não gostei muito, confesso. A direita do veículo em marcha, o Sol galgava o horizonte.

O caminhão projectava uma sombra volumosa, que os acompanhava e se espraivava sobre os moirões das cercas da beira da estrada. Passaram perto de Hooverville, já reconstruída.

-Olhem! -exclamou Tom.-Parece que veio gente nova para cá. Mas o resto não mudou nada.

Pouco a pouco, AI foi perdendo o mau humor. -Disseram-me que há gente aqui a quem queimaram as coisas bem umas quinze a vinte vezes. Escondem-se nos salgueiros, e, depois de a polícia se ir embora, voltam a

armar outra barraca de ervas. São como marmotas. Estão tão acostumados a isso que já nem ficam aborrecidos com essas coisas. Para eles, tudo isso é como o mau tempo.

-A mim, aquela noite também me pareceu mau tempo -disse Tom.-Iam agora subindo a estrada principal. E os raios de sol causavam-lhes arrepios.-As manhãs já vão sendo frescas -continuou Torn.-O Inverno está à porta. Só quero que a gente consiga ganhar algum dinheiro antes de ele chegar. Viver de Inverno numa tenda não deve ser nada agradável.

A mãe suspirou e depois ergueu a cabeça. -Tom-disse ela-a gente tem de arranjar uma casa no Inverno. Não podemos deixar de ter uma casa para morar. A Ruthie tem boa saúde, mas o Winfield está fraquinho. A gente tem de arranjar uma casa para morar, antes que venham as chuvas. E o povo diz que por aqui chove a cântaros.

-Havemos de ter uma casa, sim, mãe. Fique descansada. A senhora vai ter a sua casa.

-Basta que tenha tecto e soalho. As crianças não devem dormir na terra.

380

-Vamos a ver, mãe. -Bem, eu não quero que vocês tenham preocupações desde já. -Vamos a ver, mãe. -Às vezes sinto-me desesperada. Às vezes, começo a perder, até, a coragem.

-Nunca vi a senhora perder a coragem. -Às vezes, de noite, aconteceu-me. Um sibilar agudo, vindo da frente do caminhão, chegou-lhes aos ouvidos. Tom segurou o volante com firmeza e travou. O caminhão parou com estrépito. Tom suspirou.

-Bem, lá se foi-disse, encostando-se ao espaldar do assento. AI saltou e foi examinar o pneu dianteiro da direita. _ Um prego enorme! - gritou. -Tens para aí remendos de pneu? -Não-respondeu AI.-Acabou-se tudo. Há ali ainda umas tiras, mas a cola foi-se toda.

Tom virou-se para a mãe com um sorriso melancólico, dizendo:

-A senhora não devia ter confessado que ainda tinha um dólar. A gente tinha de se arranjar sem ele.-Saltou também e foi ver o pneu já completamente vazio.

AI mostrou-lhe um prego enorme, que sobressaía do pneu esvaziado.

-Foi este-disse. -E claro! Naturalmente este era o único prego da estrada, mas nós tínhamos de passar por cima dele.

-Então a coisa é difícil? -perguntou a mãe. -Nem por isso, mãe, mas a gente tem de arranjar isto depressa. A família desceu do caminhão. -Pneu furado? -inquiriu o pai, Lançou um olhar ao pneu e calou-se.

Tom ajudou a mãe a sair do assento da frente e retirou de sob a almofada uma lata de tiras de borracha para remendos. Pegou numa fita de borracha e alisou-a; depois, pegou no tubo da cola e espremeu-o.

-Está quase seca-disse-mas pode ser que ainda dê qualquer coisa. Bem, AI, põe um calço nas rodas traseiras e vamos ver se levantamos este calhambeque.

Tom e AI entenderam-se bem no trabalho. Calçaram com pedras as rodas traseiras, colocaram o macaco sob o eixo dianteiro e suspenderam o caminhão. Retiraram os pneus, encontraram * lugar do furo, mergulharam um pano no tanque de gasolina * lavaram bem a câmara-de-ar, em volta do ponto perfurado. Depois, e enquanto AI esticava o pneu, no lugar da perfuração, sobre os joelhos, Tom rasgou o tubo de cola e untou cuidadosamente com ele a tirazinha de borracha.

381

-Agora deixa-se secar enquanto eu corto um remendo. -Cortou com todo o cuidado um pedaço de remendo azul e arredondou-o com todo o jeito. AI mantinha a câmara-de-ar distendida em cima dos joelhos e Tom pregou-lhe o remendo.

-Pronto-disse. Agora põe-na no estribo, para eu poder dar-lhe umas pancadas com o martelo.-Bateu cuidadosamente o remendo; depois, esticou o pneu e examinou os bordos da aplicação.-Bom, acho que aguenta. Vamos metê-la no pneu e enchê-la de ar. Mãe, parece que não precisa de gastar o seu dólar.

-A gente devia ter um pneu de reserva-opinou ALE preciso ter sempre um pneu de reserva, cheio e pronto a montar. Pode haver um furo de noite...

-Com o dinheiro de um pneu de reserva, a gente ia mas era comprar café e carne-disse Tom.

Zumbia já sobre a grande estrada o tráfego matinal e o sol começava a aquecer e a brilhar. A brisa, suave e suspirosa, soprava do sudoeste com intermitências. As montanhas de ambos os lados do imenso vale mal se distinguiam na neblina cor de leite.

Tom estava a encher a câmara-de-ar quando um roadster, procedente do Norte, parou do outro lado da estrada. Um homem de rosto queimado do sol, de fato leve cor de cinza, saltou do carro e dirigiu-se ao caminhão. Estava sem chapéu. Sorria e os seus dentes muito alvos destacavam-se fortemente da cor tostada da pele. No terceiro dedo da mão esquerda usava uma aliança de ouro maciço. Do colete pendia, suspensa de uma fina corrente, uma bolinha de futebol feita de ouro.

-Bom dia-disse o homem, amavelmente. Tom deixou de dar à bomba e ergueu os olhos. -Bom dia.
O homem passou os dedos pelos cabelos curtos, hirsutos e grisalhos.

-Vocês andam à procura de trabalho, hein? -Se andamos! Até pelos cantos o procuramos. -Sabem colher pêssegos? -Nunca trabalhámos nisso-interveio o pai. -Mas somos capazes de fazer seja o que for-respondeu Tom apressadamente. Colhemos o que houver.

Os dedos do homem brincavam com a bolinha de ouro. -Bem, se quiserem, há por aqui muito trabalho, a umas quarenta milhas para o norte.

-Isso fazia-nos jeito-disse Tom.-Diga ao certo onde é
e vamos já para lá.

-Pois bem, então sigam para o norte até PixIey: são umas trinta e cinco ou trinta e seis milhas. Depois, dobrem para leste e sigam mais umas seis milhas. Aí perguntem pelo rancho Hooper. Vão encontrar bastante serviço.

-Perfeitamente. Vamos já para lá. -Não sabem de mais alguém que queira trabalhar? -Sabemos, sim. Lá no acampamento de Weedpatch, há gente à farta, à procura de trabalho.

-Bom, então vou dar um pulo até lá. Nós temos trabalho para muita gente. Não se esqueçam disso. Em PixIcy, dobrem para leste e tomem a estrada que vai dar ao rancho Hooper.

-Perfeitamente -disse Tom.-Muito obrigado ao senhor. A gente precisava muito de trabalhar.

-Está bem. Então, vão o mais depressa possível.-Atravessou a estrada; entrou no roadster aberto e continuou a marcha em direcção ao sul.

-Vinte vezes cada um-disse Tom, apoiando o peso do corpo na bomba.-Um, dois, três, quatro...

Quando chegou aos vinte, AI pegou na bomba e depois seguiu-se o pai, que, por seu turno, cedeu o lugar ao tio Jolin. O pneu estava finalmente cheio. Três vezes a bomba teve de percorrer a roda.

-Bom, baixa agora o carro; quero ver como ficou -disse Tom. AI afrouxou o macaco e o caminhão baixou, assentando sobre as rodas.

-Parece que está bem assim -disse. -Tem ar suficiente; um pouco a mais até, talvez.

Atiraram as ferramentas para dentro do caminhão. -Bom, vamo-nos embora, andem!-mandou Tom.-Parece que a gente arranjou finalmente trabalho.

A mãe tornou a sentar-se entre Tom e AI no assento da frente. Desta vez, foi AI quem pegou no volante.

-Vai devagarinho; não vá rebentar com o aquecimento -recomendou Tom.

Rodaram entre campos doirados pelo sol da manhã. A neblina erguera-se acima das colinas, que se mostravam agora límpidas e pardas, cortadas de folhas cor de púrpura carregado. Pombos bravos levantavam voo das cercas à passagem do veículo. Inconscientemente, AI acelerou a marcha.

-Devagar! -tornou a recomendar Tom.-O pneu rebenta se tu o cansares assim. A gente tem de chegar até esse rancho de qualquer maneira. Pode ser que ainda hoje mesmo se encontre trabalho.

A mãe exclamou, excitada: -Com quatro homens a trabalhar, talvez até a gente consiga comprar qualquer coisa a crédito. A primeira coisa que tenho de comprar é café, visto que te faz tanta falta. Depois, um pouco de farinha e de fermento em pó e um pouco de carne. Não vamos comprai- carne já hoje; podemos deixar isso para mais tarde. Talvez para sábado. E sabão. Preciso muito de sabão. Só gostava

de saber onde é que a gente irá passar a noite. -E continuou a tagarelar.-E leite. Preciso de comprar um pouco de leite para a Rosasharn. Ela precisa bastante dele... Foi o que disse a enfermeira.

Uma cobra serpeou pela estrada. AI deu uma guinada ao volante para a atropelar e depois tomou de novo a direita.

-Era uma cobra rateira - disse Tom. Não devias ter feito isso.

-Não gosto de cobras -respondeu AI alegremente. --Tenho raiva a tudo quanto é cobra. Até parece que me dão volta aos intestinos.

O tráfego matinal aumentava na estrada. Representantes de casas comerciais em luxuosas limousines, com os nomes das firmas pintados nas portinholas; transportes de gasolina vermelhos e brancos, arrastando correntes a tinir ruidosamente, pesados caminhões de largas portas, pertencentes aos grandes armazéns de vendas por grosso de géneros alimentícios, na faina de entregar a mercadoria. Era fértil e rica a terra que se estendia à beira da estrada. Havia pomares com frondosas árvores carregadas de frutas e parreirais onde trepadeiras verdes atapetavam o chão entre as filas de vinha. Havia canteiros de melões e havia trigais. Casas brancas, engrinaldadas de rosas espreitavam por entre a verdura. E o sol irradiava, loiro e quente.

No assento dianteiro do camião, a mãe, AI e Tom sentiarri grande alegria.

-Há muito tempo que não estava tão contente-disse a mãe. -Se a gente colher bastantes pêssegos, poderemos até arranjar uma casa para morar e até pagar o aluguer de muitos meses. É preciso a gente arranjar uma casa.

-Vou economizar -disse AL-Vou fazer economias e depois vou à cidade ver se arranjo um emprego numa garage. Em seguida, alugo um quarto e passo a comer em restaurantes. E vou ao cinema todas as noites. O cinema é barato. Vou ver fitas de cow-boys. As mãos firmaram-se-lhe mais no volante.

O radiador começou a borbulhar e a expelir vapor. -Tu não o encheste todo?-perguntou Tom. -Enchi, sim, mas estamos com vento pelas costas. E por isso que a água está a ferver.

-Está um lindo dia-disse Tom.-Em NICAlester, no meio do trabalho, eu pensava sempre nas coisas que iria fazer quando saísse. Pensava em sair dali e caminhar sempre a direito, sem parar em lado nenhum. Agora parece-me que isso já foi há tanto tempo! Parece que já foi há anos que eu estive preso. Havia lá um guarda-ó que tipo danado!-Dava-me cabo da vida. E eu estava disposto a fazer-lhe a cama. Acho que é por isso que fiquei com tanta raiva aos polícias. Para mim, todos os polícias me

.784

parece terem a cara dele. Estava sempre vermelha como o diabo! Uma autêntica cara de porco. Disse que tinha um irmão no Oeste. O costume dele era mandar para o irmão os libertos condicionalmente, para trabalharem de graça. Quando eles se revoltavam, voltavam para a cadeia, por terem desrespeitado a liberdade condicional. Pelo menos, era o que lá se dizia... / -Não penses mais nessas coisas-suplicou a mãe.-Agora, Vamos ter boa comida. Muita farinha e toucinho.

1 -Tanto faz pensar como não-respondeu Tom. -Não lucro nada em querer afastar estes pensamentos. Um dia, eles tinham de voltar. Lá em McAlester havia um gatuno. Ainda não lhes falei dele. Era parecido com o

Happy Hooligan. (1) Era incapaz de fazer mal a uma mosca. Estava sempre a falar em fugir. A gente chamava-lhe o Hooligan.. Tom riu, ao lembrar o caso.

-Não penses nessas coisas-volveu a suplicar a mãe. -Continua-disse AI.-Conta lá isso do tal tipo. -Essas coisas já não têm importância, mãe-volveu Tom. -Bem, esse gatuno só pensava em fugir. Fazia projectos e projectos para se pôr ao fresco. Mas não era capaz de manter os projectos em segredo. Toda a gente tinha de saber; até os próprios guardas. Um dia experimentou fugir, mas levaram-no pela mão, de novo até à cela. Outro dia, desenhou um plano para saltar um muro. Naturalmente, mostrou o desenho a torto e a direito mas toda a gente resolveu calar a boca. Escondeu-se e aquela gente toda, nem pio! Quando o Hoolírn descia calmamente pela corda, os guardas abriam o saco e levaram-no lá para dentro outra vez. A rnalta riu tanto que nem calculam. Mas o Hooligan ficou acabrunhado a valer com essa história e pôs-se a chorar, a chorar e tanto chorou que adoeceu. Tinha o moral completamente abatido. Acabou por abrir as veias com um alfinete e morreu porque perdeu muito sangue e tinha o moral em baixo. Era um pobre diabo, que não fazia mal a ninguém. Há gatunos bem engraçados nas cadeias!

-Não fales mais nisso-pedi a mãe.-Conheci a mãe do Floycl Cara-Bonita. O rapaz não era mau, também. Mas fizeram o diabo com ele.

O Sol estava quase a pino. A sombra do camião encurtava-se e sumia-se debaixo das rodas.

-Ali em frente deve ser PixIcy-disse AI.-Vi uma placa ali atrás.

Entraram numa cidadezinha e viraram em direcção a leste,

Os Ilooligan formaram, outrora, um bando de malfeitores. Existe também uma comédia em que a família Hooligan é conhecida pelas suas ruidosas travessuras. Poderá aqui interpretar-se Happy flooligan como o Bandido Felizardo,

25-V. 1.

385

penetrando numa estrada mais estreita. Pomares guarneciam as margens da estrada, formando uma verdadeira nave.

-Oxalá sejá fácil a gente achar esse tal rancho-disse Tom. -Aquele homem disse que era o rancho Hooper e que qualquer pessoa podia informar onde era. Deus queira que haja um armazém perto.? Pode ser que a gente consiga comprar umas coisas fiadas, já que são quatro homens a trabalhar. Se arranjar crédito, poderei fazer um bom jantar. Estou corri vontade de fazer um guisadinho saboroso-disse a mãe.

-E café - acrescentou Tom.-Talvez arranje até uma onçazita de tabaco para mim. Há muito tempo que -não fumo.

Lá longe, a estrada via-se bloqueada por automóveis e uma fila de motocicletas brancas alinhava à margem da estrada.

-Deve ter sido um desastre-disse Tom. Quando se aproximaram, um guarda da polícia estadual, de botas de cano alto e de cartucheiras, surgiu detrás do último dos muitos carros que ali estacionavam. O guarda levantou a mão e AI travou. O polícia encostou-se familiarmente à borda do camião.

-Aonde é que vocês vão? -Disseram-me que havia trabalho nesta região. Que precisam de gente para apanhar pêssegos -respondeu AI.

-Então vocês querem trabalhar? -Se queremos! -exclamou Tom.
- Muito bem. Esperem um instante. -Foi até à beira da estrada e gritou: -Mais um! já são seis. Vamos deixar esta caravana passar.

Tom gritou: -Eh, o que há?

O polícia tornou atrás vagarosamente: -Há ali em frente um pequeno ajuntamento, mas vocês não se preocupem. Vão andando sempre em frente. Sigam a fila.

Ouviam-se agora as explosões dos motores das motocicletas que se punham em marcha. A fila de veículos que obstruía a estrada pôs-se a rodar, seguida pelo caminhão da família Joad. Duas motocicletas iam à frente e duas outras fechavam a fila.

Tom disse, inquieto: -Só queria saber o que significa tudo isto. -Pode ser que a estrada esteja impedida -respondeu AI. -Mas a gente não precisa de quatro polícias para nos acompanhar. Não, não estou a gostar disto.

As motocicletas que iam à frente aceleraram a marcha. A fila dos carros velhos fez o mesmo. Ai apressou-se a ficar bem junto do último.

-Todos eles têm gente da nossa. Todos eles-comentou Tom.-Não estou a gostar desta história.

Súbitamente, os polícias que iam na dianteira, saíram da estrada para meterem por um caminho de chão de cascalho.

386

Os velhos calhambeques arfavam atrás deles. As motocicletas troavam. Tom viu uma fileira de homens parados na vala da beira-estrada; tinham as bocas abertas, como se estivessem a berrar qualquer coisa; brandíam os punhos e um sentimento de fúria estampava-se-lhes nas faces. Uma mulher gorda correu ao encontro dos carros, mas uma motocicleta ruidosa cortou-lhe o caminho. Abriu-se um pórtão alto, de grades. Os seis calhambeques passaram através dele e o portão fechou-se logo. As quatro motocicletas deram a volta e foram rodando, apressadas, na direcção em que tinham vindo. E, agora que os motores barulhentos, soavam mais longe, já se distinguiam claramente os gritos distantes dos homens parados na vala. Dois homens flanqueavam o caminho de cascalho. Ambos estavam armados de espingardas.

Um dos homens gritou: -Vamos, andem! Porque diabo estão à espera? Os seis veículos seguiram em frente; deram meia volta e chegaram a um campo de pêssegos.

Havia ali umas cinquenta casinhas quadradas, de telhados achatados, cada qual com uma porta e uma janela, e todas elas formando um grande quadrado. Ao fundo do acampamento erguia-se um tanque de água. De frente via-se um pequeno armazém de mercearia. E, no extremo de cada fileira de casinhas quadradas, estavam postados dois homens armados de carabina e com reluzentes estrelas de prata nas camisas.

Os seis veículos pararam. Dois amanuenses andavam de um lado para o outro.

-Querem trabalhar? Tom respondeu: -É claro que queremos. Mas que é que

há por aqui? -Você não tem nada com isso. Querem trabalhar ou não?
- Queremos, sim. -Nome? -Joad. -Quantos homens?
- Quatro.
- Mulheres ? -Duas.
- Crianças ? -Duas.? -E todos podem trabalhar? -Acho que sim. -Muito bem. Vão ficar na casa 63. O salário é cinco cents a caixa. E nada de frutas pisadas. Muito bem, vão indo. Podem começar a trabalhar já.

Os veículos puseram-se em movimento. Nas portas de cada uma das casinhas vermelhas e quadradas havia um número pintado.

387

- Sessenta - disse Tom. - Esta é a sessenta. Deve ser por aqui. Olhem, sessenta e um, sessenta e dois... É aqui.

AI encostou o caminhão mesmo à porta da casinha. A família apeou-se, olhando, desnorтеada, em torno de si. Dois policiais aproximaram-se. Olharam fixamente o rosto de todos.

-Nome? -Joad-respondeu Tom com impaciência. -Digam-me uma coisa@ qde é que há por aqui?

m s policiais tirou do bolso uma comprida lista. -Bem, aqui não constam. Tu já viste esta gente alguma vez? Vê o número do caminhão. Nada? Na lista também não figuram. Acho que não há nada contra eles. - Dirigiu-se a Tom.-Ouçam bem, nós não queremos questões, ouviram? Façam o vosso trabalho e não se metam onde não são chamados, que tudo correrá bem.

Viraram-lhes bruscamente as costas e foram-se embora. Ao fim da rua poeirenta, pararam e sentaram-se em dois caixotes de onde podiam controlar tudo.

Tom acompanhou-os com o olhar. -Não há dúvida - disse-eles pretendem que a gente se sinta como em sua casa.

A mãe abriu a porta da casinha quadrada e entrou. O soalho estava salpicado de gordura. No quarto-o único-havia sómente um fogão de folha enferrujada, que assentava sobre quatro tijolos. O cano, todo ferrugento, subia, perfurando o telhado. O aposento trescalava a suor e a gordura. Rosa de Sharon postara-se ao lado da mãe.

-A gente vai morar aqui? -perguntou. A mãe calou-se por instantes. - Naturalmente -disse por fim.-E, depois de lavado, não será muito mau. É preciso fazer uma boa limpeza.

-Eu gostava mais da tenda-disse a rapariga. -Mas aqui não é terra dura; é soalho- lembrou a mãe. -E, quando chover,@@não entrará água.- Virou-se para a porta. -Acho que o melhor é descarregar- acrescentou.

Sem pronunciar palavra, os homens começaram a descarregar. Uma sensação de medo caíra sobre eles. Reinava o silêncio no grande bloco de casas quadradas. Uma mulher passou na

rua mas nem se dignou olhá-los. Caminhava de cabeça baixa; fiapos e tiras pendiam-lhe da barra do vestido sujo e rasgado.

Também sobre Ruthie e Winfield caíra o desânimo. Nem pensavam em escapulir-se, para lançar uma vista de olhos ao local. Mantinham-se ao pé do caminhão, junto da família. Os seus olhos passeavam, desamparados,

pela rua poeirenta. Winfield achou um pedacinho de arame de embalagem e ficou a torcê-lo para a frente e para trás até que o partiu. Da parte mais curta, fez uma espécie de manivela, que se pôs a voltear entre os dedos.

388

Tom e o pai levavam os colchões para dentro da casa quando um funcionário chegou. Usava calças de caqui, camisa azul e gravata preta. Cavalgavam-lhe o nariz óculos de aro de prata e

os seus olhos, muito vermelhos, por detrás das lentes grossas, pareciam fatigados. As pupilas estavam paradas, fixas como olhos de boi. Inclinou-se para a frente, a fim de olhar para Tom.

- Quero inscrevê-los na lista - disse. - Quantos vão trabalhar? Tom respondeu: -Somos quatro homens. O serviço é muito pesado? -É apanhar pêssegos-disse o funcionário.-É trabalho por peça. Pagamos a cinco cents a caixa.

-E as crianças podem ajudar? -Podem, desde que trabalhem com cuidado. A mãe chegou à porta. -Assim que acabar de limpar a casa, vou também ajudar. Olhe, a gente não tem nada que comer. Poderemos receber algum dinheiro por conta?

-já, não. Mas podem comprar fiado ali no armazém, dentro das possibilidades dos vossos ganhos.

-Bom, então vamos a ver isso depressa-disse Tom.-Hoje quero comer carne e pão. Aonde é que a gente deve ir?

-Eu Vou lá agora. Venham comigo. Tom, e o tio John seguiram o funcionário pela rua a o t poeirenta Apaix é ao pomar, parando junto dos pessegueiros. As folhas estreitas começavam já a tingir-se de um amarelo pálido. Os pêssegos pareciam globozinhos doirados e vermelhos nos ramos. Havia pilhas de caixotes vazios entre as árvores. Os que se ocupavam da colheita corriam pressurosos para cá é para lá, enchiam de frutos os baldes de que estavam munidos e descarregavam-nos nos caixotes e levavam estes à casa de verificação. Nessa secção, onde as pilhas de caixotes aguardavam os camiões de transporte, havia funcionários a tomar nota dos nomes dos que faziam a entrega do produto das suas colheitas.

-Mais quatro para vocês-disse o guia a outro empregado. -Muito bem., Voicês já colheram pêssegos alguma vez? -Nurica-,respondeu Tom. -Bom, então trabalhem com cuidado. Nada de frutas pisadas, nada de frutas caídas. Pela fruta ofendida não se paga nada. Vamos: peguem nestes baldes.

Tom pegou mim balde de três galões e olhou para dentro. -Mas o fundo está furado -comentou.

- É natural - retorquiu o funcionário míope. - E para evitar que o roubem. Muito bem, podem começar nesta fila. Andem, vamos!

Os quatro Joads pegaram nos baldes e entraram no pomar. -Eles não perdem tempo-salientou Tom.

389

-Meu Deus!-exclamou AL-Que diferente que era se eu trabalhasse numa garagem!

O pai, que os seguia dócilmente, disse, virando-se para AI: -Bom, é preciso acabares de uma vez para sempre com essa história. Andas sempre a queixar-te, a choramingar e a suspirar. Tens de fazer o trabalho que houver. Não estás ainda tão homem que não possas apanhar uma boa sova.

A cólera enrubesceu o rosto de AI. Por um pouco não explodiu. Tom aproximou-se dele. -Vamos, AI-disse calmamente.-Pão e carne, não te esqueças! A gente precisa de comer.

Iam colhendo pêssegos e lançando-os nos baldes. Tom trabalhava com rapidez. Um balde cheio, dois baldes. Despejou-os no caixote. Três baldes. O caixote estava cheio.

-Ganhei um níquel-gritou, levantando o caixote e correndo com ele à secção de controle.-Esta aí vale cinco cents-disse ao funcionário encarregado daquele serviço.

O homem olhou para o caixote e virou alguns pêssegos. -Ponha de lado. Estão estragados -disse. -Não os preveni de que tomassem cuidado? As frutas estão todas pisadas, amachucadas. NãoXosso registar esse caixote. Ou vocês colocam os pêssegos

c com c, o nos caixotes ou trabalham de graça.

- Mas olhe... que diabo... -Trabalhe com cuidado. Você foi avisado antes de começar. Tom desviou o olhar sombrio.
- Fixe! - disse, por fim. - Fixe! Voltou ligeiro para junto dos Outros.-Podem deitar para o lixo tudo o que colheram.-Estão como os meus pêssegos. Não se aproveitam. O homem não os aceita.

-Mas, com todos os diabos... - começou AI. -A gente tem de apanhar os frutos com mais cuidado. Não se pode atirar com eles para dentro do balde. Têm de se colocar com muito cuidado.

Começaram de novo, e, dessa vez, trataram as frutas com mais delicadeza. Os caixotes enchiam-se mais devagar.

-Acho que a gente podia combinar uma coisa-sugeriu Tom. -Se a Ruthie, o Winfield e a Rosasharn colocassem as frutas nos caixotes, a coisa ia mais depressa. _saiu, levando o novo caixote para a casa de verificação-E este agora? -perguntou. -Não vale os cinco cents?

O funcionário examinou os pêssegos, retirando alguns das camadas inferiores do caixote.

-Bom, isto já vai melhor-disse. Registpu o? caixote. -Sempre com muito cuidado! -recomendou.

Tom voltou a correr. -Ganhei um níquel- gritou. -Agora @ só fazer assim vinte vezes e estou com um dólar ganho,

390

Trabalharam ininterruptamente a tarde toda. Ruthie e Winfield vieram ao encontro deles. O pai disse-lhes:

-Vocês também podem trabalhar, Vão pondo os pêssegos no caixote, mas com muito cuidado, ouviram? Não, assim não, tem de ser um por um.

As crianças acocoraram-se e foram retirando os pêssegos do balde so-

bressalente. Havia ali uma fileira de baldes, já pronta para elas. Tom transportava os caixotes cheios à casa de verificação.

-São sete-dizia.-São oito. A gente já ganhou quarenta cents. Com quarenta cents, já se compra uma bela posta de carne.

A tarde ia passando. Ruthie tentou escapar-se. -Estou muito cansada-choramingou. -Quero ir descansar. -Tu vais ficar onde estás-intimou o pai.

O tio John colhia com lentidão. Não conseguia encher mais do que um balde, ao mesmo tempo que Tom enchia dois. O, seu ritmo mantinha-se inalterável.

Lá pelo meio da tarde, a mãe chegou, cansada, a arrastar

os passos.

-Quis vir antes-disse-mas a Rosasharn teve um desmaio. Perdeu os sentidos.

-Vocês comeram pêssegos? -perguntou ela às crianças. -Po@s bem, garantto que vão apanhar diarreia.-O corpo atarracado e forte da mãe mexia-se com agilidade. Pouco depois, abandonava o seu balde, passando a colocar as frutas no avental. Quando o Sol se pôs, tinham cnchido ao todo vinte caixotes.

Tom colocou no chão o vigésimo caixote. -Um dólar- disse. -Até que horas se trabalha? -perguntou ao funcionário.

-Até que escureça, contanto que consigam ver. -Bom, a gente agora já terá crédito? Mãe, tem de ir ao armazém comprar coisas para comermos.

- Perf eitamem te. Vou dar-lhe um vale para um dólar. - Preencheu um cartãozinho e entregou-o a Tom.

Este levou o cartão à mãe. -Pronto. Isto é para a senhora- disse. - Pode comprar o que quiser, no valor de um dólar, ali no armazém.

A mãe poisou o balde, endireitando os ombros. -Cansa um pouco da primeira vez, não achas? -É natural, mas a gente depressa se acostuma. Bom, agora o melhor é ir comprar qualquer coisa para comermos.

A mãe perguntou: -O que é que tu preferias? -Carne -respondeu Tom.- Carne, pão e um bule cheio de café com açúcar. Mas um pedaço de carne bem grande.

Ruthie gemeu: -Mãe, estamos cansados.

391

-Então venham comigo. Tu também, Winfield. -Eles já estavam cansados quando começaram-disse o pai. -Galinha de campo não quer capoeira. Só querem andar a correr por aí. E preciso pôr-lhes a rédea curta.

-Depois de a gente se instalar, têm de ir para a escoladisse a mãe.

Saiu vagarosamente, e Ruthie e Winfield seguiram-na com timidez.

-A gente tem de trabalhar todos os dias?-perguntou Winfield.

A mãe parou, esperando que as crianças a alcançassem. Agarrou em Wiíi-

field pela mão e continuou a caminhar.

-Não é trabalho pesado. Até vos faz bem-disse.-E, olhem, vocês agora já ajudam. Se todos trabalharem, daqui a pouco vamos morar numa casa bem bonita. Todos têm de ajudar.

-Mas eu estou tão cansado! -Eu sei. Também eu estou. Todos se Eñsam. Mas pensem noutra coisa. Pensem como vai ser bonito quando vocês forem para a escola.

-Eu não quero ir para a escola. A Ruthie também não quer. A gente viu as crianças que vão à escola. Não prestam. Chamaram-nos Okies. Eu não vou à escola.,

A mãe olhou a cabeça cor de palha do menino com ar de comiscração.

-Não me apoquentem agora, por favor-stiplicou ela.-Deixem que a gente se acomode primeiro, Então, sini, podem tornar-se rabinos outra vez. Mas agora, não. já temos coisas que cheguem para nos apoquentarem.

-Eu comi dois pêssegos-disse Ruthie. -Pois então vais ter dores de barriga. E a retrete fica longe daqui.

O armazém da companhia era um barracão bastante amplo, feito de chapas de zinco ondulado. Não tinha vitrina. A mãe ergueu o guarda-vento e entrou. Um homem magro estava de pé, atrás do balcão. Era completamente calvo e tinha a cabeça de uma esquisita cor azulada. As sobrancelhas, largas e pardacentas, arqueavam-se sobre os olhos, formando um arco tão largo que lhe dava ao rosto um aspecto de surpresa e de susto permanentes. Tinha o nariz comprido, fino e recurvo, como um bico de pássaro. Pêlos castanho-claros obstruíam-lhe as narinas. Sobre as mangas da camisa azul, usava meias mangas de cetim preto. Apoiava os cotovelos no balcão quando a mãe entrou.

-Boa tarde-disse ela.

O homem olhou-a com interesse. Levantou as sobrancelhas e respondeu:

- Boa tarde.

392

-Tenho um vale de um dólar, -Pois não! Pode fazer compras no valor de um dólarinformou, soltando um fiso agudo.-Sim, senhora. No valor de um dólar. Um dólar.-Fez um gesto largo, abrangendo com as mãos todas as mercadorias. -Pode escolher à vontade.-Puxou para cima, diligente, as mangas de protecção.

-Queria comprar um pedaço de carne.

- Pois não! Temos toda a espécie de carne - disse ele. - Carne picada, quer carne picada? Vinte cents a libra é o preço da carne picada.

-Mas é muito caro. Da última vez que comprei, custava quinze cents a libra.

-Bem-soltou outra risada-é caro e não é. Se a senhora for à cidade comprar carne picada, tem de gastar uns cinco litros de gasolina. Portanto, já vê: aqui não é realmente caro, porque a senhora não pode gastar um bidão de gasolina.

A mãe disse com aspereza: -Mas o senhor não teve de gastar gasolina

para pôr aqui as suas coisas.

-A senhora está a partir de um ponto de vista errado. Eu não quero comprar carne; quero vendê-la. Se eu tivesse de comprar, a coisa seria diferente.

A mãe pôs dois dedos sobre os lábios e franziu a testa pensativa.

-Parece que está cheia de nervos e de gordura. -Bem, não lhe garanto que não vá minuar-disse o homem do armazém.-Nem lhe garanto que eu a fosse comer, mas isso não quer dizer nada. Há uma porção de coisas que eu não faria.

Por um instante, a mãe ficou a olhá-lo colérica, mas logo conseguiu controlar a voz.

-E carne mais barata, não tem? -Ossos para sopa-respondeu ele.-Dez cents a libra. -Mas são ossos apenas? -Sim, apenas ossos-respondeu o homem.-Fazem uma boa sopa.

-Carne para cozido, tem? -Tenho sim, senhora. Claro que tenho. Vinte e cinco a libra. -Bem, então não dá para eu comprar carne-díse a mãe. -Mas a minha família queria carne. Querem todos comer carne, hoje. ,

- natural, todos gostam de carne; todos precisam de comer carne. Essa carne picada é bem boa. A gordura que se derrete pode fazer o molho. É bem boa. Aproveita-se tudo. E não tem OSSOS.

-Quanto... quanto custa o lombo? -Ah, a senhora agora quer coisa de luxo. Comida de dia

393

de Natal, Comida para o dia de Acção de Graças (1). Trinta e cinco ceias, a libra. Peru era mais barato mas não o tenho peru à venda.

A mãe stispirou. -Dê-me duas libras de carne picada. _Sini, senhora.-Ernpilhou a carne dessorada sobre papel vegetal.-Mais alguma coisa?,?

-Sim, quero pão. -Pois não. Aqui, está. Um pão bem bom e grande., Custa quinze ceids.

-Mas este pão é de doze cents. -Claro que é. Na cidade, a senhora compra-o por doze cents. E ir lá, à cidade, e gastar cinco litros de gasolina. Que mai@? Batatas ?

-Sim, batatas. -Cinco libras por um quarto de dólar. A mãe olhou-o ameaçadoramente. -Basta! Eu sei bem o preço da batata na cidade. O homenzinho comprimiu bruscamente os lábios. -Nesse caso, a senhora pode ir comprar à cidade. A mãe pôs-se a contemplar os nós dos dedos. - Oiça lá! - perguntou com suavidade. - Este armazém é seu ? -Não, sou empregado. -Nesse caso, porque faz pouco da gente? Que lucra com isso? -Ela ficou a olhar as mãos enrugadas e brilhantes. O homenzinho permaneceu calado.-De quem é este armazém?

-Da sociedade dos Ranchos Hooper. -Então são eles que fazem os preços? -São, sim, senhora. Ela ergueu o olhar e sorriu levemente. -Todos que vêm aqui devem falar como eu. Não ficam aborrecidos ?

Ele hesitou por um instante. -Ficam, sim, senhora. -É por isso que o senhor gosta de fazer pouco? -que é que a senhora quer dizer com isso?

-E por ser obrigado a fazer coisas assim mesquinhas... E vergonha que o senhor tem, não é? É por isso que disfarça, fazendo pouco, não é verdade?-A sua voz era suave. O caixeiro observava-a fascinado. Não respondeu.-Sim, senhor, é isso mesmo-concluiu a mãe.-Bem, quarenta cents de carne, quinze de pão, vinte e cinco de batatas. São oitenta cents. Tem café?

(1) O dia da Acção de Graças- Thanksgiving Day a última quinta-feira de Novembro. Nesse dia, os americanos rendem pŪIícamente graças a Deus pelas mercês recebidas.

394

-Tenho, sim, senhora. O mais barato é de vinte cents. -Perfeitamente. E lá se foi o dólar. Sete pessoas a trabalhar e só chegou para o jantar. - Contemplou a mãe. - Bom, embrulhe isso-disse, com rapidez.

-Sim, senhora @aqqÍesceu ele. -Obrigado. -Despejou as batatas num car- tucho de papel e dobrou com cuidado a parte superior.

- Como é que o senhor arranjou um emprego assim?perguntou.

-A gente precisa de viver, não é verdade ?-começou, ele agressivamen- te. -Todos têm o direito de comer.

-Todos, quem?-perguntou 'a mãe.

O homem colocou os quatro volumes em cima do balcão. -Carne-disse ele- batatas, pão e café. Exactamente um dólar.-A mãe entregou o vale ao caixeiro e viu o homem lançar no livro de caixa o nome e a importância do vale. -Pronto -disse ele, por fim.-Está tudo pago.

A mãe pegou nos embrulhos. -Ouça uma coisa-disse ela.-A gente não tem açúcar para o café. O meu filho, o Tom queria café com açúcar. Olhe - prosseguiu -eles ainda estão a trabalhar. O senhor podia vender-me uma porçãozi.ta de açúcar, que eu, daqui a pouco, trazia-lhe o vale.

0-hQmenzinho desviou o olhar, afastando-o o mais possível do rosto da mãe.

- Não posso fazer isso - disse, em voz baixa. - O regulamento não per- mite. Se eu, fizesse isso, arranjava um sarilho. Acabava por ser des- pedido,

-Mas os fi.ornens ainda estão lá fora, a trabalhar. Com certeza a ui e J à ganharam mais de dez cents. Arranj e-me dez cents de açúcar.

Tom quer café com açúcar. Ele pediu-me.

-Não posso fazer isso. É contra o regulamento. Sem vale, não se pode entregar mercadoria. O director anda sempre a dizer isso. Não, não po- de ser. Não posso. Prendiam-me logo. Apanham todos os que fazem isso. Sempre. Sempre. Não posso.

-Por causa de dez cents? -Por causa de seja o que for.-Olhou-a, supli- cante. Eentãoa expressão de medo deixou de lhe alterar as,feições. Ti- rou uma moeda de dez cents do bolso, registou-a na caixa e colocou-a na gaveta. -Pronto-disse, aliviado. Tirou um saquinho de papel de sob o balcão, abriu-lhe a boca e colocou nele uma porção de açúcar.

- Perfeitamente, a senhora está servida. Agora, está tudo em ordem. Depois, a senhora traz o vale e eu tiro os dez cents.

A mãe ficou a estudar-lhe as feições. Segurou o saquinho de açúcar sem olhar para ele e colocou-o sobre a pilha dos outros pacotes que tinha no braço.

-Muito obrigada-disse, baixinho. Dirigiu-se para a porta e depois voltou-se súbitamente. -Aprendi uma coisa -disse. -Todos

395

os dias aprendo coisas. Se alguém se encontra em apuros e anda preocupado, na miséria, deve procurar gente da sua, gente pobre. São os únicos que sabem ajudar-se uns aos outros.-O guarda-vento bateu atrás dela.

O homenzinho apoiou os cotovelos no balcão e seguiu a mãe com o olhar cheio de surpresa. Um gato gordo,,de pêlo castanho, mosqueado de amarelo, pulou para cima do balcão, arrastou-se preguiçosamente para o pé do homem. Veio roçar-se-lhe nos braços. O caixeiro levantou a mão e encostou o animal ao rosto.

O gato ronronou alto, enquanto a ponta da cauda abanava de um lado para o outro.

Tom, AI, o pai e o tio John regressaram do pomar quando já a escuridão era profunda. Os seus pés batiam pesados no caminho.

Quem é que ia pensar que estender as mãos para apanhar fruta fazia doer tanto as costas ?-perguntou o pai.

- Daqui a uns dias isso passa - disse Tom, com ar encorajador. -Olhe, pai, estou com vontade de ir por aí fora, depois do jantar, para ver porque é esse barulho. Quer vir comigo?

-Não-respondeu o pai.-Eu quero trabalhar por algum tempo sem pensar em mais nada. já gastei demasiado a cabeça, caramba! Vou-me sentar um pouco e depois dormir.

- E tu, AI ? AI desviou o olhar. -Primeiro, vou dar uma olhadela aqui por isto-disse. -Bem, e o tio John já sei que também não vem. Vou ter de ir sózinho. Tenho curiosidade de saber o que se passa.

-Era preciso que a curiosidade me espicaçasse muito para eu ir... com esses polícias todos aí fora...-volveu o pai.

-Pode ser que, à noite, eles não estejam lá-sugeriu Tom. -Pode ser mas eu é que não me vou certificar. E é melhor não dizer nada à mãe para ela não ficar preocupada.

Tom dirigiu-se a AI: -Então tu não sentes curiosidade? -Primeiro quero ver aqui o acampamento-respondeu AI. -Ver as pequenas, não é? -Isso é comigo-disse AI, com azedume. -Bom, eu vou seja como for-volveu Tom. Deixaram o pomar e entraram na rua poeirenta que dividia as filas de barracas vermelhas. A luz amarela das lâmpadas de querosene escapava-se das portas abertas, e, lá dentro, na meia escuridão, recortavam-se sombras negras de pessoas que se moviam. No fim da rua, via-se ainda um polícia sentado, com a carabina encostada ao joelho.

Quando passaram pelo polícia, Tom parou.

_?96

-Pode dizer-me se há por aqui algum sítio onde se possa tomar um ba-

nho?

O guarda olhou-o no lusco-fusco. Finalmente, dignou-se falar:

- . sse tanque de água aí ? -vejo. -Bem, há-de lá encontrar uma mangueira. -Há água quente? -Ouça, quem é que você pensa que é? O milionário J. P. Morgan?

- Não - respondeu Tom. - Tenho a certeza que não sou. Bem, boa noite.

O guarda grunhiu desdenhosamente. -Imaginem! Água quente. Caramba, daqui a pouco até querem banheiras! -Acompanhou os quatro Joads com um olhar sombrio.

Outro guarda surgiu por detrás da última casa. -O que é que há, Mack? -Veja esses danados desses Okies: "Há água quente?"

O segundo guarda colocou a carabina no chão. -Isso é do acampamento do governo -disse. -Aposto em

como esse tipo esteve,num acampamento do governo. A gente só terá sossego quando fizer uma limpeza a esses acampamentos. Qualquer dia exigem lençóis limpos, vais ver!

Mack perguntou: -Que tal vai aquilo lá fora? Tiveste alguma notícia? - Nada, aquela gente passa o dia a berrar. Agora, quem toma conta deles é a polícia do Estado. Deixa estar que eles vão aprender a andar direitos. Disseram-me que é um tipo alto, um filho da mãe magro, quem acende a mecha. Vão agarrá-lo esta noite e acaba-se com a algazarra.

-Mas, se aquilo terminar assim tão depressa, a gente fica sem ter mais nada que fazer-disse Mack.

-Não te incomodes. A gente vai ter muito que fazer. Esses danados desses Okies! É preciso vigiá-los constantemente. Se a coisa acalmar, sempre se pode dar um jeito para os assanhar outra vez.

-Acho que vai haver sarilho quando eles baixarem os salários.

-Se vai! Olha, não te preocupes com o nosso trabalho. Enquanto o Hooper lhes apertar a tarracha, não há perigo.

Na casa dos Joads, o fogo ardia no fogão. Os fritos de carne picada espirravam e assobiavam na banha e as batatas borbulhavam na água. A casa estava cheia de fumo e a luz amarelada da lâmpada lançava grandes sombras negras na parede. A mãe trabalhava apressadamente, debruçada sobre o fogão, enquanto Rosa de Sharon, sentada num caixote, olhava para ela, descansando o ventre pesado nos joelhos.

397

-Estás melhor agora? -perguntou a mãe. -O cheiro da comida agonia-me. E, apesar disso, estou com fome.

-Vai sentar@te à porta-disse a mãe.-Preéiso desse caixote aí, para fazer lenha.

Os homens chegaram. -Carne, santo Deus!-exclamou Tom.-E café. já sinto o cheiro. Que fome, meu Deus! Fartei-me de comer pêssegos, mas não adiantei nada. Mãe, onde é que a gente se lava?

-Ali no tanque. Podes ir já. Mandeí agora mesmo a Ruthie e o Winfield lavarem-se lá.

Os homens saíram de novo. -Vamos depressa, Rosasharn -ordenou a mãe.- Senta-te na cama ou fica ali à porta, anda. Tenho de rachar esse caixote.

A rapariga ergueu-se, apoiando-se nas mãos. Dirigiu-se pesadamente para um dos colchões e sentou-se nele. Ruthie e Winfield entraram discretamente; a julgar pelo seu silêncio e por ficarem colados à parede, queriam passar despercebidos.

A mãe olhou-os. -Tenho a impressão de que vocês gostam que esteja escuro aqui dentro-disse. Agarrou Winfield e apalpou-lhe os cabelos.

Bem, molhado estás tu, mas limpo aposto que não.

-Não havia sabão -queixou-se Winfield. -Sim, é verdade. Não pude comprar sabão. Mas talvez amanhã já possa.

Voltou para junto do fogão, distribuiu os pratos de folha e começou a servir o jantar. Dois bocados de carne para cada um e uma batata, grande, cozida. E em cada prato colocou três fatias de pão. Depois de ter tirado toda a carne da frigideira, despejou em cada prato um pouco de molho. Os homens voltaram de novo, com os rostos a gotejar e os cabelos brilhantes de água.

-Quero comer!-gritou Tom. Pegaram nos pratos. Comeram sem pronunciar palavra, àvidamente, absorvendo com o pão o molho do fundo dos pratos. As crianças foram para um canto da casa. Puseram os pratos no chão e ajoelharam-se em frente da comida, como se fossem animais.

Tom engoliu o último pedaço -de pão. -A senhora tem mais alguma coisa, mãe? -Não--respondiu ela.-Só isto. Vocês ganharam um dólar e o que conieiros custou um dólar certinho.

-Um dólar? -Eles não, não, não--idem as coisas mais caras. Dizem para irmos comprar à cidade se, não, não gostarmos.

-Ainda não enchi a barriga-disse Tom. -Bem, amanhã, vocês trabalham o dia todo. Amanhã à noite teremos mais fartura.

398

AI limpou a boca com a manga do casaco. -Vou dar uma volta por aí. - Espera, vou contigo. Tom foi atrás dele, Lá fora, no escuro, aproximou-se do irmão.-Então tu não queres ir comigo?

-Não. já disse que quero dar uma volta por aqui. -Muito bem-disse Tom. Voltou-lhe as costas e foi descendo, vagarosamente, a rua. A fumarada que se escapava das casas pairava quase à altura do chão e as lâmpadas faziam projectar na rua a sombra das portas e das janelas. Sentados nos degraus das portas, havia homens varando a escuridão com os olhos. Tom distinguia o mover de cabeças na direcção dos seus passos. No fim da rua, tomou por uma vereda poeirenta através dos caminhos de restolho e os montões negros das inedas de feno avultavam à luz das estrelas. A fina lâmina da Lua flutuava, baixa, no ocidente, e a nuvem alongada da Via Láctea esboçava-se muito clara no firmamento. Os passos de Tom soavam abafadamente na poeira da vereda. Tom enfiou as mãos nos bolsos e caminhou em direcção ao portão principal. Um talude descia perto da vereda e Tom distinguia o murmúrio da água, passando por cima da erva da vala de irrigação. Subiu o talude e olhou a água negra, onde se reflectiam, deformadas, as estrelas. Diante dele, es-

tendia-se agora a estrada-um remendo negro no meio do restolho amarelo. Os faróis de automóveis que nela deslizavam apontavam-lhe o caminho. Tom prosseguiu a sua rota. À luz das estrelas, podia divisar o portão de arame farpado.

Um vulto surgiu à margem da estrada. Uma voz inquiriu: -Eh, quem está aí? Tom parou e ficou imóvel. -Quem é você? Um homem pôs-se de pé e aproximou-se dele. Tom distinguiu-lhe um revólver na mão. Depois, o jacto de luz de uma lanterna eléctrica caiu-lhe em cheio no rosto.

-Aonde é que você quer ir? -Bem, a parte nenhuma. Ando a passear. já nem se pode passear livremente ?

-É melhor ir passear para outro lado. Tom perguntou: -Então, a gente não pode sair daqui de dentro? -Não, esta noite não. Bom, quer voitar a bem, ou quer que eu apite para que os outros o levem?

-Não, que diabo, não é preciso. A mim tanto me faz. Se isso pode dar sarilho, não vale a pena. Vou-me embora, pois!

O vulto pareceu aliviado. A luz da lanterna extinguiu-se. -É para seu próprio bem, ouviu? Aqueles diabos daqueles grevistas eram capazes de 'se meter com você.

-Quais grevistas?

399

-Aqueles danados daqueles vermelhos. -Eu não sei de nada. Que é isso? -Então não os viu quando chegou aqui? -Bem, eu vi uma porção de gente, mas havia tantos polícias que acabei por não perceber coisa nenhuma, Pensei que fosse um desastre na estrada.

-Bem, é melhor ir andando. -Perfeitamente, cavalheiro. Tom voltou-se, regressando pelo caminho de onde viera. Andou tranquilamente uns cem metros, depois parou e ficou à escuta. O guincho gorgiado de um coati soou, vindo das proximidades da vala de irrigação, e, de muito longe, chegou-lhe aos ouvidos o furioso uivar de um cão preso. Tom sentou-se na margem da vereda, ficando à escuta. Ouviu o riso, agudo e suave ao mesmo tempo, de um noitibó e o deslizar subtil de um bicho qualquer, que se arrastava no meio das moitas. Inspeccionou o horizonte em ambas as direcções -duas placas escuras em que nada se mexia. Tom ergueu-se e foi andando para a direita, vagarosamente, metendo-se entre o restolho. Caminhou inclinado para a frente, quase tão baixo como os montículos de feno. Movimentava-se com lentidão e, de vez em quando, parava, a escutar. Por fim, aproximou-se de uma cerca de arame-cinco fios de arame farpado, bem esticados. Deitou-se de costas, rente à cerca, enfiou a cabeça através do fio mais baixo, ergueu o arame com as mãos e passou-se por baixo, colado ao chão, auxiliando-se com movimentos de pés.

Ia a levantar-se quando um grupo de homens passou junto à margem da estrada. Tom esperou que eles se afastassem bastante antes de se pôr de pé, para os seguir. Procurou avistar tendas de ambos os lados da estrada. Passaram alguns automóveis. Um rio atravessava os campos, e a estrada cavalgava o rio por meio de uma pequena ponte de cimento armado. Tom debruçou-se sobre a balaustrada da ponte. Ao pé do barranco profundo, descobriu uma tenda onde ardia uma lâmpada. Observando-a por um instante, distinguiu sombras humanas que se projectavam sobre a lona, pelo lado de dentro. Tom subiu uma vedação e desceu para a ravina através de, um matagal de salgueiros anões e de mato. No fundo, à

margeni do riacho deparou-se-lhe coin um ataffiozilo. Diante da tenda via-se uni homem sentado em cima de tini caixote.

-Boa noite!-disse Tom. _Quern é você? -Eu? Bem... eu ando a passear por aqui. -Conhece alguém neste sítio? -Não. Já lhe disse que ando a, passear por aqui. À entrada da tenda surgiu unia cabeça. Unia voz sou: -Que é que há?

400

-Casy!-bradou Tom.-Casy! Meu Deus, o que é que você faz por aqui?

-Deus do céu, mas é o Tom Joad l Entre, Tommy, venha cá para dentro!

--Você conhece-o? -perguntou o homem que estava sentado à porta da tenda.

-Se o conheço! Meu Deus, conheço-o há muitos anos.

Vicinos juntos para o Oeste. Venha, Tom, entre para aqui, ande! - Agarrou Tom pelo cotovelo e puxou-o para dentro da tenda.

Lá dentro havia mais três homens, e, a meio da tenda, ardia uma lâmpada. Os homens, desconfiados, ergueram os Gílios. Um deles, de rosto moreno e sombrio, estendeu-lhe a mão.

-Muito prazer -disse. -Ouvi o que o Casy disse. Então é este o amigo de que falaste ?

--É este i-nesmo, pois! Mas venha cá, onde está a sua família, Tommy? O que é que faz por aqui?

-Foi o seguinte: a gente ouviu dizer que havia serviço por aqui. Quando chegámos, esperava-nos uma porçã o de polícias que, nos foram empurrando lá para dentro, para o rancho. Colhemos pêssegos toda a santa tarde. Vi uma porção de tipos -a

berrarem ria estrada. Ninguém me quis dizer quem eram e então eu vim ver pessoalmente. Mas como veio você parax aqui, Casy?

O pregador inclinou-se um pouco para a frente e a luz aniarelada da lamparina incidiu-lhe na testa alta e pálida.

-O xadrez é um sítio engraçado -disse. -Como sabe, eu

queria ir como Jesus ao deserto, para buscar uma solução. Às vezes, cheguei a estar perto dela. Mas onde a encontrei foi na cela, na cadeia.-Os seus olhos brilhavam, vivos e alegres.-Era uina cela ampla, muito velha. Estava sempre cheia. Era gente a chegar e gente a sair. Naturalmente., conversei com todos eles.

-Naturalmente -disse Tom.-Você passa o tempo a falar. Se tivesse de subir à força, passava todo o tempo a falar com o carrasco. Nunca vi um tipo tão falador!

Os homens da tenda riram. Um deles, de rosto enrugado, dava palmadinhas no joelho.

-Anda sempre a falar-disse-mas a gente gosta de o ouvir. -O homem foi pregador - esclareceu Tom. - Não lhes contou?

- Contou, sim. Casy sorria. -Pois é isto -prosseguiu. -Comecei a compreender as coisas. Alguns tipos de entre os presos eram beberrões, mas muitos tinham ido para lá por terem roubado qualquer coisa. E quase sempre tinham roubado porque precisavam de uma coisa e a não podiam arranjar de outra maneira. Compreende? -perguntou.

-Não-respondeu Tom.

26 -V. 1.

401

-B,-,in, havia lá gente às direitas, sabe? O que os estragou foi precii,@areiii de coisas. Então comecei a compreender. É a miséria que provoca todos os males. Mas a coisa ainda me não aparecia com toda a clareza. Ora bem, um dia, deram-nos feijão azedo. Um tipo começou a refilar, mas não ganhou nada com isso. Berrou que nem um cabrito. Veio um guarda, olhou para dentro e foi-se embora. Então, um outro tipo começou também a berrar. E acabámos por berrar todos. Até parecia que a cadeia ia explodir. Então passou-se uma coisa. Eles víci-am a correr e deram-nos outra comida. Sim, senhor. Trocaram a comida. Compreende?

-Não-respondeu Tom. Casy apoiou o queixo às mãos. -Talvez eu não consiga explicar-me bem-continuou. -Talvez você consiga achar a solução sózinho. Onde está o seu boné?

-Vim sem ele. -Como vai a sua irmã? -Ora! Engordou que nem uma vaca. Aposto que aquilo é coisa de gémeos. Precisa de um carrinho de mão para transportar a barriga. Anda sempre a segurá-la com as mãos. Mas você ainda me não disse o que se passa aqui.

O homem moreno explicou: -Estamos em greve. -Mas olhe, cinco cents a caixa não é muito dinheiro, mas dá para se ir vivendo.

-Cinco cents?-gritou o moreno.-Cinco cents? Eles estão a pagar-vos cinco cents a vocês?

-Então? Hoje, já a gente ganhou um dólar e meio. Um silêncio pesado caiu sobre a tenda. Casy cravou o olhar, através da boca da tenda, na noite escura.

-Escute, Tom-disse, por fim-nós também viemos para aqui, com a ideia de trabalhar. Eles disseram que a gente ia ganhar cinco cents a caixa. Nós éramos muitos. Depois de chegarmos, disseram que não pagavam mais do que dois cents e meio. Ora, com esse dinheiro, nem a gente podia comer, quanto mais, tendo filhos... Bem, nessa altura dissemos que não podíamos aceitar e eles caíram em cima da gente, puseram-nos fora e chamaram polícia que nunca mais acabava. E agora pagam cinco a vocês. Quando conseguirem acabar a nossa greve, acha que ainda continuarão a pagar-vos cinco cents?

-Não sei-respondeu Tom.-Sei que, agora, é o que pagam. -Olhe-disse Casy-procurámos acampar juntos, e eles caíram em cima de nós, dispersaram-nos que nem a uma vara de porcos e bateram em muitos; espancaram a nossa gente. Correram connosco, como se fôssemos porcos, e hão-de fazer-vos o mesmo. Não se pode aguentar por muito tempo uma coisa assim. Há aqui

402

gente que iião come há dois dias. Você volta ainda hoje para o acampamento do pomar?

-Sim, quero ver se volto-respondeu Tom. -Então, Tom, diga a toda a gente como as coisas são, ouviu? Diga-lhes que estão matando a gente à fome, o que é o mesmo que dar punhaladas nas suas próprias costas. E eles vão começar a pagar a dois cents e meio assim que se desembaraçarem de nós, E tão certo como dois e dois serem quatro.

-Direi tudo-garantiu Tom.-Mas não sei como o poderei dizer. Nunca vi tanto gajo armado de carabinas. São capazes de não deixarem ninguém falar. Ali, no acampamento, o pessoal é pouco amigo de arranhar. Anda tudo de cabeça baixa, e nem sequer bom dia dizem à gente.

-Tente explicar-lhes a situação, Tom. Assim que nos afastarem daqui, vão começar a pagar-vos a dois cents e meio. Você sabe o que isso significa: uma tonelada de pêssegos colhida e carregada por um dólar.- Deixou pender a cabeça sobre o peito. -Não, não pode ser. Isso não dá nem para comer; não dá para comer nada.

-Vou tentar explicar tudo ao pessoal de lá. -Como vai a sua mãe? -Vai muito bem, até. Ela gostou muito daquele acampamento do governo. Até havia água quente e banhos!

-Sim, ouvi dizer isso. -Aquilo lá era muito bonito. Mas não havia maneira de se arranjar trabalho e por isso a gente teve de se vir embora.

-Eu gostava muito de estar num acampamento assim-disse Casy.-Só para ver. Um sujeito contou-me que lá não havia polícia.

-Não há, não. É a própria gente de lá que faz o policiamento. Casy ergueu os olhos, excitado. -E nunca lá há desordens? Nem brigas, nem roubos, nem bebedeiras?

-Nada disso -esclareceu Tom. -E se alguém pretendesse armar zaragata? Que é que acontecia ?

-Punham-no fora do acampamento. -E havia muitos casos desses? -Qual o quê! Passei lá um mês e só se deu um caso desses. Os olhos de Casy continuavam a brilhar de excitação. Dirigiu-se aos outros homens. -Vêem? -exclamou. -Não lhes dizia? Os sarilhos causam mais sarilhos do que evitam. Ouça, Tom, veja se dá um jeito para que eles se passem para o nosso lado. Em quarenta e oito horas, a coisa fazia-se. Os pêssegos já estão maduros. Convença-os a fazerem isso.

-Eles, se calhar, não querem-disse Tom.-Estão a ganhar cinco cents. É só o que lhes interessa.

403

-Mas, assim que a greve for abafada, eles começam a ganhar inetade.

- Eles não acreditam nisso, pela certa. Ganham cinco cents; não querem saber de mais nada.

-Bem, mas de qualquer forma, diga-lhes isto, ouviu? -O pai é que não vai nisso-disse Tom.-Conheço-o bem. Diz logo que não tem nada com isso.

-E verdade -confirmou Casy, desconsoado. -Acho que você tem razão, Ele, para aprender, tem de apanhar primeiro.

-A gente já não tinha nada que comer. Esta noite comemos carne, Não

muita, mas sempre comemos carne. Você acha que o

pai vai deixar de comer carne só por causa dos outros ? E a Rosasharn tem de beber leite. Você julga que a mãe vai deixar o bebê de Rosasharn morrer só porque uns tipos andam aos berros cá do lado de fora do portão?

Casy disse tristemente: -O que eu queria era que eles compreendessem como é a coisa, Queria que eles vissem que este é o único meio de garantirem a carne que querem comer. Ora, diabos os levem! As vezes, sinto-me cansado de tudo isto. Cansado, que só Deus sabe! Uma vez conheci um tipo. Levaram-no para a cadeia quando eu ainda lá estava. E ele tentou fundar um sindicato. Já tinha começado quando os vigilantes desfizeram tudo. Sabe o que aconteceu? Aquela mesma gente que ele pretendia ajudar, voltou a casaca. Nem o queria ver. Fugiam dele como o diabo da cruz; tinham medo de que algum os visse na companhia dele. Diziam assim: "Vá, põe-te a andar! Tu és um perigo para nós!" Sim, senhor, era o que diziam, e o pobre do homem sofria com isso! Acrescentava então: "Isto não é nada, pois na Revolução Francesa, era pior... todos os que a fizeram morreram decapitados. É sempre assim. É tão natural como a chuva. Quem faz estas coisas sabe

que não está a brincar. Fá-las porque tem de as fazer. Porque as tem no sangue. Olha o George Washington, por exemplo-dizia ele.-Fez a revolução e aqueles filhos da mãe viraram-se contra ele, Com Líncolii, foi a mesma coisa. A própria gente dele o quis matar. Isso é tão natural como a chuva."

-Mas não tem graça nenhuma -comentou Tom, -Lá isso não tem, não. Aquelle tipo lá da cadeia dizia assim: "De qualquer maneira, a gente faz o que pode." E acrescentava: "A única coisa que nos deve importar é dar sempre um passo em frente, por mais pequeno que ele seja. Se depois, a coisa fizer marcha atrás, nunca recuará tanto como andou para a frente. É uma coisa que se pode provar, e é por isso que vale a pena agir, Está provado que nada é inútil, mesmo que o pareça."

-Conversa-disse Tom.-Conversa e mais nada. Veja o meu irmão, o Al. O que lhe interessa é andar à cata das pequenas.

404

Não liga a mais coisa nenhuma. Em dois dias, arranja uma rapariga. Pensa nela todo o dia e toda a noite. Bem lhe importa a ele que se dê em passos para cima, para baixo ou? ara o lado!

-Pois claro -respondeu. Casy.- natural. Ele faz exactamente o que tem a fazer. Todos nós somos assim.

O homem que estava sentado à porta abriu a tenda. -Diabo, não estou a gostar nada d'isto-disse. Casy olhou-o.

- Que há? -Sei lá! Só sei que sinto uma comichão por todo o corpo. Estou nervoso que nem um gato.

-Mas porquê? -Não sei. Parece-me que estou a ouvir qualquer coisa e, quando vou ver o que é, não vejo coisa nenhuma.

-Não tem importância. São nervos-disse o moreno. Ergueu-se e saiu. Um instante depois regressava, -Está a passar uma nuvem enorme pelo céu. Parece-me que traz trovoadas. É por isso que você sente essas comichões. É da electricidade.

lformou a sair e os outros dois ergueram-se também e deixaram a tenda.

Casy disse mansamente: -Todos eles sentem comichões. Os polícias andaram aí a dizer que nos iam fazer ver o diabo. Eles pensam que o chefe sou eu, porque estou sempre a falar.

O moreno tornou a aparecer.

- Casy, apague essa lâmpada e venha cá para fora, Está a passar-se qualquer coisa,

Casy baixou a torcida. A chama amarela mergulhou na lenda, crepitou um segundo e morreu. Casy saiu às apalpadelas, seguido de Tom.

-Que é que há?-perguntou Casy baixinho. -Não sei. Ora ouça. Um coro de sapos coaxando quebrava o silêncio, unindo-se à serrazina aguda dos grilos. Mas, através dessa cortina musical, percebia-se um som de passos abalados na estrada, o ruído de torrões de terra seca, rolando pelo barranco até, ao rio e o estalar de galhos secos para os lados da água.

--Não ouço nada de extraordinário. Vocês estão nervosos- @ranquiIizou-os Casy.-Todos nós andamos nervosos. Estamos incapazes de discernir... Você ouviu alguma coisa, Tom?

-Oiço, sim-respondeu Tom.-Acho que vem aí gente por todos os lados. É melhor a gente tratar de fugir daqui.

O homem moreno cochichou: -Por baixo do arco da ponte... por aí. Custa-me tanto abandonar a minha tenda!

-Vamos-disse Casy.

405

Moveram-se em silêncio, caminhando ao longo da margem do rio. O arco da ponte erguia-se diante deles como a boca de

uma caverna. Casy abaixou-se e penetrou na cavidade, com Tom na cola. Os seus pés resvalaram e mergulharam na água. Andaram uns vinte metros, e o seu pesado resfolegar ecoava sob o tecto abobadado. Então chegaram ao lado oposto e aí se detiveram, endireitando o busto.

Um grito agudo soou: -Lá estão eles!-Os focos de duas lanternas eléctricas incidiram sobre os homens, paralisando-os, cegando-os.-Não se mexam!-As vozes vinham das trevas.-E ele! Aquele patife, à frente! É ele mesmo!

Casy, às cegas, cravava os olhos nos focos brilhantes. Respirava com dificuldade.

-Oiçam-disse-vocês não sabem o que estão a fazer. Estão a ajudar a matar crianças à fome.

-Cale a boca, seu vermelho, seu filho da mãe! Um homenzinho rechonchudo e vigoroso surgiu na luz. Segurava um cacete novo em folha.

Casy continuou: -Vocês não sabem o que estão a fazer.

O homem pesadão brandiu o cacete. Casy, procurando esquivar-se, foi justamente apanhado no movimento. A pesada maça bateu-lhe com estrondo na têmpora, provocando um eco sinistro de ossos que se partem. Casy tombou de lado, fora do raio de luz das lanternas.

-Meu Deus, George! Mataste o homem... -Inclina a luz para a cara dele- disse George.-Este filho da mãe teve o que merecia. O raio de luz da lanterna desceu, procurou e acabou por achar a cabeça esmagada de Casy. Tom lançou um olhar ao pregador. A luz iluminava as pernas do homem pesadão e o cacete branco e novo. Tom armou um pulo silenciosamente e arrebatou-lhe a arma. O primeiro golpe foi mal calculado e alcançou o ombro do homenzinho, mas o segundo caiu-lhe em cheio na cabeça, e, quando ele tombou, mais três golpes lhe abalaram o crânio. As luzes bailavam em redor. Ouviram-se gritos, rumor de pés em correria e o estalar de ramos de arbustos. Tom quedou-se ao lado do homem que abatera, e então uma maça passou-lhe rente à cabeça, atingindo-o de raspão. Tom sentiu como que um choque eléctrico, e desatou a correr para os lados do rio, com o busto vergado. Ouviu o chapinhar de passos dos que o seguiam. De repente, voltou-se para a direita e arrastou-se pelo barranco, serpenteando por entre o restolho, embrenhando-se no mais cerrado de um maciço de arbustos venenosos. Deixou-se ficar ali deitado. Os passos soavam agora mais próximos e os fachos de luz insinuavam-se até ao rio. Tom

406

saiu, rastejando das moitas, subindo mais para o barranco. Chegou a um pomar. Ainda lhe vinham aos ouvidos os gritos dos homens que o procuravam no fundo do barranco, ao lado do rio. Abaixou-se e largou a correr pelas terras cultivadas. Os torrões desprendiam-se e rolavam a seus pés. À frente, enxergou os arbustos que mareavam os limites do campo, arbustos que se perfilavam ao longo de uma vala de irrigação, Pulou uma cerca e penetrou, aos ziguezagues, entre vinhedos e amoreiras. Depois deitou-se e ficou imóvel, num arquejar rouco. Apalpou o rosto dormente e o nariz. Estava com o nariz esmagado e o sangue gotejava-lhe pelo queixo. Continuou imóvel, deitado sobre o ventre até que conseguiu dominar-se por completo. Começou então, a rastejar até à beira do rio. Banhou o rosto na água fria, rasgou uma tira da camisa azul, mergulhou-a na água e encostou-a ao rosto e ao nariz feridos. A água ardia-lhe no rosto, produzindo-lhe unia sensação de queimadura.

A nuvem negra atravessava o céu-um colchão de trevas entre as estrelas. A noite recaíra no silêncio.

Tom penetrou na água e sentiu o fundo faltar-lhe debaixo dos pés. Transpôs o rio a nado, em duas braçadas, saltando para a outra margem e alçando o corpo com dificuldade. A roupa colava-se-lhe à pele. Fez um moviniento e a roupa soltou-se com um pequeno ruído. Os pés chapinhavam dentro dos sapatos. Sentou-se finalmente e tirou-os para os esvaziar. Torceu as bainhas das calças, despiu o casaco e torceu-o também.

Ao longo da estrada, Tom via os focos de luz bailar, pesquisando nas valas. Calçou os sapatos e saiu, caminhando cautelosamente por entre as moitas. Os pés já não chapinhavam. Instintivamente, encontrou a outra extremidade do matagal, e, por fim, alcançou a vereda. Cheio de cautela, aproxin-lou-se do bloco de casas.

Um guarda, que julgou ter ouvido qualquer coisa de suspeito, gritou:

-Ç:biem está aí? Tom atirou-se ao chão, e o foco da lanterna eléctrica passo--i-lhe por cima do corpo. Arrastou-se em silêncio até à porta da fajiiili@3. Joad. Os gonzos iangeram. A mãe perguntou, com voz calma:

-Quem é? -Sou eu, Tom. --Vê se dormes um pouco. O AI aLtida não voltou. -Deve ter encontrado alguma pe(_ltjci@a. -Bom, dornic-disse ela

baixinho.--1)elta-te aí, perto (Ia janela.

Tom dirigiu-se ao sítio que lhe fora íii(lieido e despiu a roui),t molhada. já sob o cobertor, scritiu a@i-rcpios. O rosto pisado deikava de cs@,tr e toiLt albeça Jhc começou a Iat_t-J@ir.

407

Uma hora depois chegou AI. Aproximou-se cautelosamente e pisou a roupa molhada de Tom.

-Chiu!-ciciou Tom. AI cochichou: -Tu ainda estás acordado? Como foi que te molhaste? -Chiu!-repetiu Tom.-Amanhã te conto. O pai virou-se de costas e o seu ressonar encheu o quarto de roncões e de ruidosos suspiros.

-Estás gelado-disse AI.

- Chiu, dorme!

O quadrilátero da janela recortava-se cinzento na escuridão do quarto.

Tom não conseguiu dormir. Os nervos do rosto ferido voltaram à vida, a palpitar; os ossos doíam-lhe e o nariz quebrado inchava e latejava com uma dor que parecia sacudir-lhe o corpo todo. Deixou-se ficar a contemplar o pequeno quadrilátero da janela, vendo as estrelas surgirem e acompanhando-as até desaparecerem. Ouvia os passos regulares das guardas, indo e vindo com intervalos regulares.

Por fim, os galos cantaram ao longe e, gradualmente, a janela foi-se tornando mais clara. Tom apalpou o rosto inchado com as pontas dos dedos, e, a esse movimento, AI grunhiu e murmurou qualquer coisa em sonho.

Chegou, finalmente, a madrugada. Das casas muito unidas, filtravam-se ruídos de gente que acordava, rachar de lenha, tinir de panelas que se chocavam. No crepúsculo acinzentado, a mãe ergueu-se súbitamente no leito. Tom distinguia-lhe o rosto entumecido pela acção do sono. Ela ficou a olhar a janela durante um bom bocado. Depois, afastou o cobertor e procurou o vestido. Ainda sentada, enfiou-o pela cabeça e, com os braços erguidos, deixou-o deslizar até à cintura. Pôs-se de pé e puxou o vestido até aos tornozelos. Então, descalça, foi cautelosamente até à janela e olhou para fora. Enquanto contemplava a claridade crescente, os seus dedos ligeiros desfaziam as tranças e alisavam as madeixas, tornando a entrançá-las. Por um momento, uniu as mãos e permaneceu imóvel. O seu rosto recortava-se distintamente na claridade da janela. Depois, voltou-se e caminhou cautelosamente entre os colchões e achou a lâmpada. O tubo quebra-luz guinchou. Acendeu o pavio.

O pai virou-se, rolando e circunvagou um olhar sonolento. --Pai, tens algum dinheiro? -perguntou ela. -Hem? Tenho sim. Um vale de sessenta cêntimos. -Bem, então levanta-te e vai comprar um bocado de farinha e de toicinho. Vamos, anda depressa!

O pai bocejou. -O armazém já estará aberto?

408

-- Se não estiver, manda-o abrir. Vocês têm de comer antes de ir para o trabalho.

O pai começou a enfiar o fato-macaco e vestiu sobre ele o casaco cor

de ferrugem. Foi indolentemente até à porta, espreguiçando-se e bocejando.

As criança@s acordaram e espreitaram por debaixo dos cobertores, como ratinhos. Uma tênue claridade enchia o quarto -a claridade incolor que precede o nascer do Sol. A mãe lançou um olhar ao -@ c@@lchões. O tio John já estava acordado. AI dormia profundamente. Os olhos da mãe procuraram Tom e fixaram-se nele por um instante. Depois, dirigiu-se ao filho. Tom tinha o rosto muito inchado, de uma cor azulada; nos lábios e no queixo criara-se uma crosta de sangue enegrecido. Os bordos da ferida que lhe dilacerava a face estavam inchados e repuxados.

-Tom-segredou ela-que foi que te aconteceu?! -Chiu! - murmurou ele. - Não fale alto. Tive uma briga.

-Tom! -Não tive outro remédio, mãe. Ela ajoelhou-se ao lado dele. - E agora, estás em apuros, não? Passou-se longo tempo antes que ele respondesse. -Sim-disse.-Em grandes apuros. Não posso ir trabalhar. Tenho de me esconder.

As crianças, rastejando, aproximaram-se, de olhos arregalados, em que reluzia uma sôfrega curiosidade.

-Que foi que lhe aconteceu, mãe? -Calem-se! -intimou a mãe.-Tratem de lavar a cara. -Não há sabão. -Então lavem-na só com água, andem! -Que é que o Tom tem? -Não lhe disse que calassem a boca? E não digam nada a ninguém.

As crianças afastaram-se, acocorando-se junto à parede oposta, onde sabiam que poderiam passar despercebidas.

-Mas é coisa grave? -perguntou a mãe. -Nariz quebrado. -Não, eu refiro-me ao sarilho em que te meteste. -Sim, muito grave. AI abriu os olhos e olhou para Tom. -Meu Deus, em que é que tu te meteste? -Que é que há?-perguntou o tio Jolin.

O pai entrou ruidosamente. -já estava aberto.-Pôs no chão, ao lado do fogão, um saquinho de farinha e um pacotezito de toucinho.-Que é que há de novo? -perguntou.

409

Tom alçara-se por um instante, apoiando-se num cotovelo mas tornou a deitar-se.

-Meus Deus, conio me sinto fraco? Vou contar-lhes tudo. É melhor - vocês saberem já. Mas estão ali os miúdos...

A mãe olhou para eles. Estavam encolhidos, fazendo-se pequeninos de encontro à parede.

-Vão-se lavar, já disse!

- Não - atalhou Tom. - Eles devem ouvir. Senão, vão começar a tagarelar por aí.

-Mas que dilabo foi que liouv?--iiiquiriu o pai. -Vou contar tudo. A noite passada, eu saí para ver porque era que aquela gente gritava tanto lá fora. Então, encontrei o Casy.

-O pregador? -Sim, pai. O pregador. Era ele quem dirigia a greve. E andava gente atrás dele para o prender.

-Quem é que o queria prender? --perguntou o pai. -Não sei. Sujeitos daquela mesma espécie dos que nos mandaram voltar naquela noite. Estavam armados de cacetes.-Fez uma pausa. -Mataram-no. Esinagaram-lhe a cabeça. Eu estava ao pé dele. Fiquei doido. Apanhei uni cacete... - Sombrio, deixou que o seu olhar voltasse à cena da noite anterior, àquela profunda escuridão, às lanternas eléctricas, enquanto dizia:- Eu... eu agarrei num cacete e atirei-me a um daqueles gajos...

A mãe tinha a respiração suspensa. O pai ficou imóvel, como de pedra.

-Mataste-o?-perguntou ele baixinho. -Eu... não sei. Estava como louco. Dei para matar. -Eles viram-te ?-inquiriu a mãe. -Não sei, não sei. Acho que sim. Alumiararam a gente com as lanternas...

Durante alguns segundos, o olhar da mãe prendeu-se a ele, insistentemente.

-Pai-disse ela-racha alguns desses caixotes, para fazer lenha. A gente tem de comer qualquer coisa. Vocês têm de ir trabalhar. Ruthie, Winfield, se alguém perguntar qualquer coisa... o Tom está doente, compreenderam? Se vocês falarem, ele vai para a cadeia. Compreenderam?

-Sim, senhora. -Vigia as crianças, Jolui. Não as deixes falar com ringxiéjii. Ela acendia o lume, enquanto o pai rachava um caixote dos que antigamente continham os seus bens. Procurou a massa de farinha e colocou a cafeteira de café em cima do fogão. A maduUL seca pegou rapidamente fogo e as chamas subiam com ruído pelo cano da chaminé.

O pai acabou de partir os caixotes. Aproxiniou-se de Toni.

410

- O Casy... ele sempre foi bom tipo. Como foi que ele se meteu numa alhada daquelas?

Tom respondeu sombriamente@ -Eles tinham vindo para aqui, para trabalharem... a cinco cents cada caixa de pêssegos.

-É o que nós ganhamos. -Pois é. O que nós fizemos foifurar a greve. Eles últimamente só pagavam dois cents e meio àquela gente.

-Mas esse dinheiro nem dá para comer... -Eu sei-reconheceu Tom, abatido.-Foi por isso que eles fizeram a greve. Bem, julgo que esta noite irão acabar com ela. E a gente vai passar a ganhar dois cents e meio.

-Mas que grandes filhos da mãe! -Pois é, pai, o senhor está a ver? O Casy era boa pessoa. Que diabo, não há meio de eu me esquecer de ontem à noite! Ele, caído no chão, com a cabeça esmagada, feita num bolo, cheia de sangue. Meu Deus! -Cobriu os olhos com as mãos.

-Bem, mas que é que a gente vai fazer? -perguntou o tio John.

AI levantou-se. -Eu sei o que vou fazer. Vou-me embora e já. -Não, AI, não podes fazer isso. A gente precisa de ti-disse Tom.-Quem tem de se ir embora, sou eu. Eu, aqui, sou um perigo. Assim que possa levantar-me, tenho de me ir embora daqui.

A mãe estava atarefada junto do fogão. Tinha a cabeça meio virada de lado, para poder ouvir. Despejou um pouco de banha na frigideira e,

quando a gordura começou a chiar, lançou-lhe dentro a massa de farinha.

Tom continuou: -Tu tens de ficar, AI. Quem é que vai tomar conta do camião?

-Pois sim, mas eu não gosto nada disto aqui. -É a única maneira, AI. É a tua família. Tu podes ajudá-la. Eu, agora, não posso. Sou um perigo para vocês.

AI resmungou, furioso: -Só quero saber porque me não deixam trabalhar numa garagem ?

-Mais tarde talvez possas. Tom desviou o olhar e viu Rosa de Sharon deitada em cima de um colchão. Tinha os olhos desmedidamente abertos.

-Não te preocupes - disse-lhe Tom. - Hoje, vais ter o teu leite.

Ela pestanejou levemente, mas nada disse. -É preciso que a gente saiba: tu achas que mataste esse gajo, hein?-perguntou o pai.

41.r

-Não sei. Estava muito escuro. Não vi. Alguém rrie deu uma pancada. Não sei. Mas espero que ele tenha morrido, aquele bandido!

-Tom!-gritou a mãe.-Não fales assim, Tom! Da rua, vinha o ruído de muitos carros, deslocando-se vagarosamente. O pai foi à janela e olhou para a rua.

-Vem aí muita gente nova-anunciou.

- Se calhar, acabaram com a greve, como j à disse - elucidou Tom. - Parece-me que hoje já vocês vão começar a trabalhar por dois cents e meio.

-Se assim for, a gente pode trabalhar que nem um negro, que não ganha para comer.

-Eu sei-disse Tom.-Comam pêssegos caídos no chão. Também matam a fome.

A mãe virou a iriassa de farinha na frigideira e mexeu o café. -Ouçam-disse ela.-Hoje vou comprar farinha de milho. A gente vai comer papas. E assim que tivermos dinheiro que dê para comprar gasolina, a gente vai-se embora daqui. Isto aqui não presta. E não admito que o Tom vá sózinho. Não, senhor, nada disso!

-A senhora não pode fazer uma coisa dessas, mãe. Eu sou um perigo para a família, já disse.

O rosto dela assumira um ar de decisão. -É o que vamos fazer e pronto. Bom, venham cá e comam. Depois, vã o trabalhar. Eu também vou, assim que acabar de lavar a louça. A gente precisa de ganhar dinheiro, agora.

Comeram as empadas tão quentes que rechinavam na boca. Engoliram o café a toda a pressa e, tornando a encher as canecas, tomaram outra dose de café.

O tio Jolin, debruçado sobre o prato, sacudiu a cabeça. -Não gosto desta história de nos irmos embora com essa pressa toda. Aposto que isto é por causa dos meus pecados.

-Ora cala a boca!-gritou o pai.-A gente, agora, não pode perder tempo com os teus pecados. Anda depressa, a gente tem de se ir embora daqui. Os miúdos que venham ajudar. A mãe tem razão, a gente deve ir-se embora daqui.

Quando os homens se foram, a mãe ofereceu a Tom um prato e uma caneca.

-É melhor tu comeres qualquer coisa. -Não posso, mãe. Dói-me tudo. Não posso mastigar.

- Experimenta. -Não, mãe, não posso. Ela sentou-se na borda do colchão. -Conta-me corno se passou tudo, Tom-disse.-Eu tenho de saber bem como foi tudo, para ver com o que conto. Que foi que o Casy fez? Porque é que o mataram?

412

- Ele não fez nada. Estava quieto, de pé, com a luz das lanternas a bater-lhe na cara.

- Mas não disse nada? Tu não te lembras se ele disse qualquer coisa ?

-Disse sim-respondeu Tom.-Disse assim: "Vocês não têm o direito de matar ninguém à fome." Então, um tipo qualquer armou em valente e chamou-lhe vermelho e filho da mãe. O Casy apenas respondeu: "Vocês não sabem o que estão a fazer." Nesta altura, o tal tipo deu cabo dele.

A mãe baixou o olhar e enlaçou as mãos. -Foi só o que ele disse?... "Vocês não sabem o que estão a fazer" ?

-Foi. -Só queria que a avó pudesse ouvir isto-disse ela. -Mãe... eu nem sabia o que ia fazer. E como isto da respiração: respiramos sem dar por isso.

-Está bem. Tinha sido melhor se tu não tivesses feito nada. Tinha sido melhor não teres lá ido. Mas agora, o mal está feito, tinha de ser assim. Não posso culpar-te por isso.-Foi ao fogão e mergulhou um pano na água quente, que tinha preparado para lavar os pratos e as canecas. - Pega- disse -põe isto na cara.

Tom pôs o pano quente sobre o nariz e sobre parte do rosto e estremeceu ligeiramente sob o efeito do calor.

-Mãe, vou-me embora hoje mesmo à noite. Não posso deixá-los correr o risco de eu ser apanhado aqui.

A mãe respondeu irritada: -Tom! Há muitas coisas que não posso compreender. Mas o facto de te ires embora não adianta nada. Só é pior para nós. Ficamos todos abatidos.-E prosseguiu: -Quando a gente estava na nossa terra, era tudo tão diferente! A terra era uma espécie de fronteira para nós todos. Os velhos morriam, e nasciam as crianças e a gente era sempre uma só coisa... uma só família... uma coisa completa e bem definida. Mas agora não é assim. Eu estou que nem posso mais. Não há mais nada para unir a gente.

O AI anda sempre a suspirar e a resmungar porque se quer ir embora, para ganhar sózinho a sua vida. O tio John mal se arrasta nas pernas. O pai perdeu o lugar dele; já não é o chefe. A gente vai-se desfazendo aos poucos, Tom. A família quase que já não existe. A Rosasharn... -A mãe voltou-se e o seu olhar encontrou os olhos arregalados da filha.- Ela vai ter o bebé e não será uma família. Não sei. Eu fiz tudo para que a família se não desmantelasse. E o Winfield... como vai ser se

ele continuar assim? Está cada vez mais selvagem e a Ruthie também... São dois animais selvagens. Eles não podem ter fé em nada. Tom, não te vás embora, fica junto de nós; tu tens de nos ajudar.

V3

-Muito bem--disse Tom, abatido.-Muito bem. Eu não devia ficar, se; que não devia, mas fico.

A mãe foi para junto da bacia de lavar os pratos. Lavou os pratos de estanho e enxugou-os.

-Tu não dormiste, pois não? -Não. -Então trata de dormir agora. A tua roupa está molhada. Vou estendê-la por cima do fogão, para secar.- Terminou a tarefa. Agora, vou sair. Ajudar na colheita. Rosasharn, se alguém vier, o Tom está doente, compreendes? Não deixes entrar ninguém. -Rosa de Sharon acenou afirmativamente com a cabeça.-Ao ineio-dia, a, gente volta.-Dorme agora, Tom. Pode ser que logo à noite a gente se possa ir embora daqui. -Brandamente, dirigiu-se a ele: -Tom, tu não vais fugir, pois não?

-Não, mãe. -Com certeza? Ficas mesmo? -Fico sim, mac. -Muito bem. E, Rosasharn, lembra-te bem do que te disse. -Saiu e fechou a porta com firmeza atrás de si.

Tom ficou deitado, imóvel e uma vaga de sono levou-o à inconsciência; largou-o e tornou a inundá-lo de novo.

-Tom... Tom! -lleiii? Que, é?-Ele acordou e fitou Rosa de Sharon, cujos olhos brilhavam de ressentimento. -Que é que tu queres?--perguntou à irmã.

--Tu mataste um homem! --Sim, mas não fales tão alto. Queres dar o alarme a alguém? -Que me importa?-gritou ela.---Aquela mulher disse... ela disse-me o que o pecado fazia. Disse tudo. Como é que eu posso ter um bebé bonito agora? O Cormie foi-se embora e ninguém me dá comida que preste. Nem leite me dão.-A sua voz histérica subia de toialidx(-) (@.-E agora mataste um homem. Corno é que um bebé pode nasc(-r bem desta maneira? Eu sei... eu sei que vou ter um filho aleijado... é isto, aleijado. E eu nunca dancei como eles.

Tom ergueu-se: -Chiu!-Iez ele.-Vais fazer com que venha gente. -Não me interessa. Vou ter um filho aleijado. E eu nunca dancei essas danças indecentes.

Tom aproximou-se dela. -Está sossegada. -- Não me toques, ouviste? já não é o primeiro que tu matas. -O seu rosto tingiu-se de vermelho, num acesso de histeria. As palavras borbulhavam-lhe na garganta.-Não te quero ver mais.-Cobriu a cabeça com o cobertor.

Toni ouviu-lhe o choro abafado. Mordeu o lábio inferior,

4'1.

edando-se a contemplar o chão. Depois, foi até ao leito do pai. beira do colchão estava uma espingarda "Winchester" 38, pesada e comprida, de fecho automático. Tom apanhou-a e destravou a alavanca, para ver se havia alguma bala no cano. Examinou o gatilho e verificou que estava travado. Depois, voltou para o seu colchão. Pôs a espingarda no chão, ao lado, com a coronha para cima e o cano para baixo. O choro de Rosa de Sharon degenerava em gemidos. Tom tornou a deitar-se e cobriu-se

com o cobertor. Cobriu também o rosto inchado, deixando um pequeno túnel para a passagem do ar necessário à respiração. Suspirou,

-Deus, ó meu Deus! Lá fora, passava um combóio de carros e ouviam-se vozes: -Quantos homens? -Só nós três. Quanto é que vocês pagam? -Vão morar no 25. O número está na porta de casa. -Muito bem. Quanto é que pagam? -Dois cents e meio. -Meu Deus, mas isso não dá nem para o jantar! -É o que pagamos. Há aí duzentos homens, vindos do sul; vão ficar satisfeitos de poderem ganhar dois e meio.

Mas ouça, senhor... -Vamos, andem! Querem aceitar ou não? Não posso perder tempo com discussões.

-Mas... -Oiça, quem estabelece os ordenados não sou eu. A mim, só me compete registrar os vossos nomes. Se quiserem aceitar, bem; se não quiserem, podem ir-se embora.

-Casa 25, foi o que o senhor disse? -Sim, casa 25-

Tom dormitava no seu colchão. Um ruído abafado despertou-o. Deitou a mão à espingarda, pôs o dedo no gatilho e ergueu o cobertor que lhe tapava o rosto. Rosa de Sharon estava a seu lado.

-Que é que tu procuras? -perguntou Tom. -Dorme-disse ela.-Continua a dormir. Vou pôr-me de atalaia à porta. Ninguém entra.

Por um instante, Tom ficou a perscrutar o rosto dela. -Muito bem-disse, tornando a cobrir o rosto com o cobertor.

Ao cair da noite, a mãe regressou. Parou no limiar da porti, bateu com os nós dos dedos e disse:-Sou eu-para que Tom ria?o ficasse preocupado. Abriu a porta e entrou, trazendo um saquinho. Tom acordou e sentou-se no colchão. A ferida secara e estava tão

115

tensa que a pele do rosto, que se conservara intacta, rebrilhava. Tinha o olho esquerdo repuxado e quase fechado.

-Veio alguém enquanto eu estive fora? --perguntou a mãe. -Não- respondeu Tom.-Ninguém. Eles baixaram os salários, não baixaram?

-Como é que tu sabes? -Ouvi gente a falar nisso aí fora. Rosa de Sharon lançou à mãe um olhar envergonhado. Tom apontou para ela com o polegar. -Ela fez um barulho dos diabos, mã(,. Pensa que todas estas coisas são especialmente contra ela. Se sou o cau.sador de cLt C.SI@r tão nervosa, acho melhor ir-me eiribora.

A mãe voltou-se para Rosa de Sharon. -Que foi que fizeste? A rapariga disse com amargura: -Como é que eu poderei ter um bebé bonito com todas esos complicações ?

-Chiu! Cala-te! -intimou a mãe.-Eu sei conio te s(nt@,@, sei que não tens culpa, mas o melhur é calares o bico, ouvisu

Voltou-se de novo para Tom. -Não leves a mal, Tom. L duro tudo isto que lhe tem acontecido. Eu sei que a gente, quando espera uni filho, pe-sa que tudo é contra nós, qualquer coisa que alguém diga parece logo um insulto, todos nos parecem inimigos. Não leves a mal. A culpa não é dela. Ela agora tem de sentir assim.

-Mas eu não pretendo fazer-lhe mal algum. -Chiu! Não fales. -Pôs o saquinho de papel em cima do fogão.-Quase não ganhámos nada-desabafott.-
-Eu não disse que o melhor era a gente ir-se embora daqui? Tom, faz-me o favor de me, trazer um bocadito de lenha. Não, tu não podes... Ainda há um caixote. Racha-se. Eu disse aos outros para trazerem alguns ramos, quando viessem. Vou fazer umas papas para temperar corri açúcar.

Tom levantou-se e transformou em lenha o último caixote, partindo-o em pequenas ripas. Cautelosamente, a mãe acendeu o lúnie num canto do fogão-Io, mantendo as chamas concentradas nua rodela apenas. Encluiu de água uma panela e colocou-a, sobre as chamas. Em breve, a água da panela borbulhava em cima do lúnie; borbulhava. e espirrava.

-Que tal foi a colheita de hoje? -perguntou Tom. A mãe meteu unia caneca, no saquito de farirha de milho. -Não me agrada nada falar nisso. Justamente hoje, estive a pensar em como a mãe vivia aiitiganwnte@brincávamos, tínhamos alegria. Não gosto disto, Tom. Iloje em dii, já niriou,

g em brinca, níicuélii diz coisas com grz@ça. E, quando @s dizem, são pilliérias amargas, que nem che.Q@ii)i a ter graça. Uni lionieni,

hoje, disse assim: "A crise. passou. Vi um coelho e não lobriguei perto ninguém que o quisesse caçar." E um outro respondeu: "O motivo é outro. É que hoje em dia ninguém tem coragem de matar um coelho. Hoje, agarra-se num coelho, ordenha-se, tira-se-lhe o leite todo e depois solta-se de novo. O coelho que tu viste com certeza que não tinha leite; devia estar seco." E assim que falam. E isto não tem graça; não é engraçado, como quando o tio John converteu um índio e o levou para casa, e o índio lhe comeu uma panela inteira de feijões e depois se sumiu com a garrafa.de whisky do tio Jolin. Tom, põe um pano molhado nessa r-ara, ouviste ?

A escuridão aprofundara-se. A mãe acendeu a lanterna e pendurou-a num prego. Atiçou o fogo e foi lançando a farinha de milho gradualmente na água a ferver.

-Rosasharn-disse-és capaz de continuar a mexer estas papas?

Ouviu-se o ruído de pés correndo lá fora. A porta abriu-se com violência e bateu de encontro à parede. Ruthie precipitou-se no quarto.

-Mãe!-gritou.-O Winfield desmaiou! -Onde? Diz lá onde? Ruthie arfava. -Ficou branco e, de repente, caiu no chão. Ele comeu muitos pêssegos e andou com dores de barriga todo o dia. Depois caiu, e que branco que ele estava, mãe!

- . em mostrar-me onde é que ele está -pediu a mãe. - Rosasharn, tem cuidado com asipapas!

Saiu com Ruthie. Subiu a rua, correndo com dificuldade atrás da menina. Três homens vinham ao seu encontro na escuridão, e o do meio trazia Winfield nos braços. A mãe correu para eles.

-É meu filho! -gritou. -Eu pego-lhe. -Deixe, que eu levo-o-disse um dos homens. -Não, não,,.dê-mo depressa. Ela pegou na criança e só quando ia a voltar para trás é que se lembrou de agradecer.

-Muito. obrigada ` disse ao homem. -Não tem de quê. O pequeno está muito fraco. Devem ser lombrigas.

A mãe regressou com rapidez, com Winfield a pender-lhe dos braços, o corpo abandonado, sem alento. A mãe levou-o para dentro de casa e, vergando os joelhos, deitou-o em cima do colchão.

-Agora conta-me como foi-solicitou ela. Winfield abriu os olhos, entontecido, sacudiu a cabeça e tornou a fechar os olhos. Ruthie disse:

-Foi assim, mãe. Ele passou todo o dia com dores de barriga.

27-v. 1.

417

Estava sempre a ir lá fora. Comeu pêssegos que foi uma coisa por demais.

A mãe levou a mão à testa do rapazito. -Não tem febre. Mas está muito fraco e muito pálido. Tom aproximou-se e tirou a lanterna do prego. - Eu sei-disse.-Ele o que tem é fome. Tem fraqueza. É melhor comprar uma porção de leite para ele beber ou então misturem-lho nas papas. _Winfield-disse a mãe.-Como te sentes? Diz...

-Sinto-me tonto, mãe. Vejo tudo à roda; estou tonto. -Nunca vi uma diarréia assim-disse Ruthie, com ar importante.

O pai, o tio John e Al entraram em casa. Traziam os braços, cheios de troncos e de galhos secos, que deixaram cair ao pé do fogão.

-Então que temos agora? -perguntou o pai. -O Winfield. Precisa de leite. -Meu Deus! Só vejo gente a precisar de coisas. -Quanto fizemos hoje?-perguntou a mãe. -Um dólar e quarenta e dois e meio. -Bom, vai já buscar uma lata de leite para o Winfield. -Mas porque diabo havia ele de adoecer logo nesta altura? -Não sei. Só sei que adoeceu. Bom, vê se trazes o leite. -O pai saiu resmungando. -Mexeste as papas?

-Mexi, sim. Rosa de Sharon mexia com mais rapidez, como para provar o que tinha afirmado.

Al queixou-se: -Deus do Céu! Mãe, então a gente só tem papas para o jantar depois de trabalhar até ao escurecer?!

-Al, tu bem sabes que a gente tem de se ir embora daqui. Precisamos do dinheiro para comprar gasolina. Sabes isso muito bem.

Mas, meu Deus! Gente que trabalha precisa de comer um bocado de carne, mãe!

-Deixa lá isso agora-atalhou ela.-Antes de mais nada, a gente tem de fazer uma coisa muito mais importante. Tu bem sabes o que é.

Tom perguntou: -Isso é a meu respeito, não é? --Depois do jantar, falaremos nisso-disse a mãe.-Al, a gente tem gasolina que chegue para nos irmos embora?

-Uma quarta parte do tanque, mais ou menos, está cheia -replicou Al.

-O q" é que há? Contem lá-pedi Tom. -Depois, tem paciência. Espera. Vai mexendo as papas,

4.-8

anda. Bem, deixem-me arranjar o café. Vocês escolham: açúcar nas papas, ou no café. Para as duas coisas, não há que chegue.

O pai voltava com uma lata comprida de leite condensado. -Onze cents-disse indignado. -Deixa ver.-A mãe pegou na lata e perfurou-a. Despejou o espesso jacto de leite numa caneca, que entregou a Tom. -Dá isso ao Winfield.

Tom pôs-se de joelhos, ao lado do colchão. -Vá, bebe isto, rapaz! -Não posso. Estou muito doente. Deixa-me. Tom ergueu-se: -,Ele não pode tomar o leite agora, mãe. Espera-se um bocadinho.

A mãe pegou na caneca e colocou-a no peitoril da janela. -Que ninguém toque nisto, ouviram? -advertiu. -E para o Winfield.

-A mim ninguém me dá leite -choramingou Rosa de Sharon.-E eu preciso tanto de o tomar!

-Eu sei, mas tu ainda estás de pé, e o menino está muito doente. As papas já engrossaram?

-já, sim, quase que nem as posso mexer. -Bom, então vamos comer. Está aqui o açúcar. Há só uma colher de açúcar para cada um. Podem deitá-la nas papas ou no café, cor@o quiserem.

-Eu o que queria era sal e pimenta para as papas -disse Tom. -Podem deitar sal, se quiserem-acudiu a mãe.-A pimenta acabou-se.

Tinham-se também acabado -todos os caixotes. A família teve de se sentar em cima dos colchões para comer as papas. Serviram-se todos e tornaram a servir-se, até a panela estar 'quase vazia.

-Deixem um bocadito para o Winfield-pediu a mãe. Winfield sentou-se e bebeu o leite e, imediatamente, se sentiu acometido de uma fome canina. Colocou a panela das papas entre as pernas, comeu tudo o que ali encontrou e ainda rapou os lados da panela. A mãe deitou o resto do leite condensado numa caneca que passou a Rosa de Sharon. A rapariga bebeu-o furtivamente, encolhida a um canto. A mãe deitou café bem quente nas canecas e entregou uma caneca a cada um dos membros da família.

-Bom, agora contem-me o que há-pcd,iu Tom.-Eu pfeeciso de saber.

O pai disse, embaraçado: -Eu preferia que a Ruthie e o Winfield não ouvissem isto. Não poderão sair por um bocado?

-Não; é melhor que fiquem-disse a mãe.-Eles têm de proceder como gente crescida, apesar de o não - serem ainda.

419

Ruthie, Winfield, vocês não devem contar nada do que ouvirem aqui, porque isso pode causar-nos grandes desgostos, compreendem?

-A gente não conta nada -disse Ruthie. -já somos crescidos. -Então estejam caladinhos. Haviam colocado as canecas no chão. A chama curta. e bojuda da lanterna, como se fosse uma asa tosca de borboleta, projectava nas paredes uma meia luz amarelada.

-Vá, digam lá agora-tornou a pedir Tom. -Pai, é melhor contares tu-disse a mãe.

O tio John engoliu o café.

O pai começou: -Bem, eles baixaram os salários, como tu tinh 'as di-

to. E chegou uma porção de gente nova para trabalhar na colheita. Eles tinham tanta fome que trabalhavam nem que fosse só para ganhar uma bucha de pão. E, quando um ia a pegar num pêssego, já outro o tinha apanhado primeiro. Quase que já acabaram com a colheita toda. Chegaram a brigar... um tipo disse que lá uma árvore era dele e outro disse a mesma coisa. Foi um caso sério. Trouxeram aquela gente de bem longe! De El Centro. Gente faminta como o diabo. Trabalham todo o dia por um pedaço de pão. Eu disse àquele homem que faz o registo do pessoal: "A gente não pode trabalhar por dois cents e meio a caixa", e ele respondeu-me: "Perfeitamente, então larguem. Esses homens podem". Então eu respondi: "Quando eles tiverem a barriga bem cheia, também não hão-de querer": E ele, toca de me responder: "Ora, adeus! Esses pêssegos hão-de estar todos colhidos antes que eles tenham a barriga cheia".

O pai fez uma pausa. -Aquilo ali foi um verdadeiro inferno-disse o tio Jolin. -E disseram-me que vem aí mais duzentos homens, esta noite.

-Bem, e a outra história? -perguntou Tom.

O pai permaneceu em silêncio por alguns instantes. -Tom-disse finalmente -parece que tu fizeste um serviço bem feito.

-Eu já calculava que assim fosse. Não consegui ver nada mas calculava isso mesmo.

-O pessoal não fala noutra coisa-confirmou o tio Jolin. -Enviaram corpos de polícia e voluntários para toda a parte, e até já falam em linchar o tipo, se o encontrarem, é claro.

Tom lançou um olhar às crianças, que estavam de olhos arregalados. Quase não pestanejavam. Era como se estivessem com medo de que alguma coisa acontecesse precisamente no segundo em que fechassem os olhos.

-Bem, o ti o que fez esse serviço, só o fez depois de os outros terem morto o gasy.

420

O pai interrompeu-o: -Mas eles contam as coisas de outra maneira. Dizem que ele atirou primeiro.

Tom soltou um suspiro. -Ali, sim? -Estão a pôr todos de prevenção contra nós. Eu bem ouvi. É toda essa gente fardada, os homens da casa da guarda... o diabo a quatro... Dizem que hão-de apanhar o tipo, dê lá por onde der.

-Eles sabem como ele é? -Bem... parece-me que se não lembram bem da cara dele. Mas ouvi dizer que sabem que o tipo está ferido. Acham que ele terá...

Tom ergueu lentamente a mão e apalpou o rosto ferido. -Mas o que eles dizem não é verdade-gritou a mãe. -Calma, mãe!-aconselhou Tom.-Eles fazem o que querem. Tudo o que essa gente fardada disser contra nós tem de ser verdade.

A mãe perscrutou as faces de Tom àquela luz débil, observando-lhe principalmente os lábios.

-Tu prometeste-me... -começou ela. -Mãe ... quem sabe se eu... se esse tipo não se devia ir embora? Se ... se esse tipo tivesse feito alguma coisa de ruim, podia ser que pensasse isto: "Muito bem, devo morrer na forca. Cometi uma acção má e agora devo pagar." Mas ele não

fez nada de mal. Não está arrependido do que fez. É como se tivesse morto uma doninha fedorenta.

Ruthie interrompeu-o: -Mãe, ã Winfield e eu sabemos de tudo. Não há necessidade de ele falar assim: "aquele tipo" na nossa frente.

Tom riu: -Ora esse tipo não quer ser enforcado, pois está pronto a fazer a mesma coisa em qualquer altura. E também não quer arranjar complicações à família. Mãe, tenho de me ir embora.

A mãe tapou a boca com a mão, tossiu e pigarreou, para aclarar a voz.

-Tu não podes ir-disse.-Onde é que tu te ias esconder? Não podes confiar em ninguém, a não ser em nós. A gente podia esconder-te e arranjar-te de comer até que tu ficasses bem da cara.

- Mas, mãe... Ela pôs-se de pé. ---7Não, tu não te vais embora. Vens conosco. AI, tu levas o camião em marcha atrás, até à porta. já sei como é que hei-de fazer a coisa. A gente põe um colchão no fundo do carro e o Tom sobe depressa; então, a gente pega noutra colchão e dobra-o um bocadinho, para formar uma cova e o Tom esconde-se nela.

421

Depois, a gente coloca qualquer coisa à frente e de volta. Ele pode f@espirar pelo lado, não é verdade? Pois é isto. Não me contrariem! O que nós vamos fazer é isto.

O pai queixou-se:

- , estou a ver que um marido já não pode dizer nada. Ela é o quero, posso e mando disto tudo. Deixa estar, assim que estivermos instalados, tu vais ver.

-Pois que venha esse tempo e então tu farás o que quiseres -disse a mãe.-Bom, AI, anda! já está bastante escuro.

AI dirigiu-se ao, camião. Estudou bem o caso e recuou para junto dos degraus.

-Vamos, depressa! -comandou a mãe.-Ponham esse colchão lá dentro.

O ã@i e o tio John atiraram-no pela parte traseira do camião.

- outro, agora!-Alçaram o segundo colchão.-Agora, sobe, Tom, e enfia-te no meio dos colchões. Anda, depressa!

Tom, rápido, subiu para o carro e deixou-se cair sobre o ventre. Estendeu um dos colchões e puxou o segundo sobre si.

O pai ergueu-o no meio, unindo-o dos lados, de maneira que o colchão formava um arco sobre o corpo de Tom, que assim podia ver e respirar através das frestas laterais do camião. O pai e o tio John carregaram o veículo com rapidez, empilhando os cobertores por cima da gruta de Tom, colocaram os baldes dos lados e estenderam por detrás o último colchão. As painéis, as frigideiras e as roupas de reserva iam à solta, pois que os caixotes tinham sido aproveitados para fazer lenha. Estavam quase a acabar de fazer o carregamento quando lhes apareceu um guarda, de carabina enfiada no braço esquerdo.

-Que é que estão ai a fazer? -perguntou. -Vamo-nos embora -respondeu o pai.

- Porquê ? -Bem... ofereceram-nos um emprego... um emprego bom. -Ali, sim? E onde? -Ali para baixo. Perto de Weedpatch. -Deixe-me dar-lhes

uma olhadela. -Assestou o foco da lanterna eléctrica no rosto do pai, depois, no do tio John e no de AL-Não vinha mais um rapaz com vocês?

AI perguntou: -O senhor refere-se àquele vagabundo? Um baixinho e pálido?

-Sim. Parece-me que era um tipo desse género. -A gente encontrou-o no caminho para cá. Foi-se embora hoje de manhã, quando baixaram os salários.

-Como é que você disse que ele era? -Baixinho e pálido. -Você não reparou se ele, esta manhã, tinha a cara ferida?

4-22

-Não, não tinha nada na cara-respondeu AI.-Ouça: ali aquela bomba de gasolina ainda está a funcionar?

-Está; até às oito. -Bom, então subam!-gritou AL-Se a gente quiser chegar a Weedpatch antes do amanhecer, temos de andar depressa. A senhora vem à frente, mãe?

-Não, eu gosto mais de ficar aqui atrás. Pai-disse ela-tu ficas atrás também. Deixa a Rosasharn sentar-se na frente, no meio de AI e do tio Jolin.

-Pai, dê-me o vale-pediu AL-Vou comprar gasolina, e quero ver se ele me dá o troco.

O guarda ficou a acompanhá-los com o olhar, vendo-os descer a rua e dobrar à esquerda, para o lado onde ficava a bofliba de gasolina.

-Deite dois-disse AI. -Então vocês não, vão para longe? -Não, não vamos para longe. O senhor troca este vale, não troca ?

-Bem... a verdade é que não estou autorizado a fazer isso... -Ouça-disse AL-Arranjámos um bom emprego e temos de chegar lá ainda hoje. Senão, perdemos o emprego. Faça lá esse jeito.

Bem, mas você assina-me o vale. AI saiu do camião e foi até ao radiador. -Pois claro que assino -respondeu. -Retirou a tampa do radiador e encheu-o de água.

-Você disse dois litros, não foi?

- Foi, sim. -Para onde é que vocês vão? -Para o sul. Arranjámos trabalho por lá. -Sim? É difícil arranjar trabalho, principalmente trabalho regular.

- Foi um amigo nosso, que no-lo arranjou -esclareceu AI. -Está à nossa espera. Bom, até, qualquer dia.

O camião descreveu uma curva, atravessou o atalho poeirento e entrou na estrada. A luz ténue dos faróis bailou sobre a faixa e o farol do lado direito começou a tremeluzir, devido a má *ligação. A cada solavanco, as painelas e frigideiras, postas sobre o topo da carga entrechocavam-se, retinindo com estrondo.

Rosa de Sharon gemeu baixinho. -Estás a sentir-te mal?-perguntou a mãe. -Sim, sinto-me sempre mal. O que eu queria era poder estar sentada, e sossegadinha em qualquer ponto bonito! Que bom, se a gente tivesse ficado em casa, e nunca tivesse feito esta viagem!

O Connie nunca me teria abandonado. Ia estudar e arranjava um bom emprego.

423

Nem AI nem o tio John lhe responderam. Sentiam-se embaraçados por causa do Connie.

Ao port-o do pomar, pintado de branco, o guarda aproximou-se do camião.

-Vocês vão-se realmente embora? -Vamos -respondeu AI.-Vamos para o norte. Encontrámos trabalho.

O guarda projectou o foco da lanterna sobre o camião e fê-lo cair em cima d 'o toldo. Sob a intensidade do clarão, as feições da mãe e do pai surgiam como petrificadas.

-Muito bem-disse o guarda, abrindo o portão.
O camião virou para a esquerda e subiu a estrada ioi, a grande estrada que vai de norte a sul.

-Tu sabes para onde vamos? -perguntou o tio John.
- Não - respondeu AI. - É sempre assim: a gente vai andando e nem sabe para onde. já estou farto disto tudo.

-A minha hora está próxima-disse Rosa de Sharon, com ar mal-humorado.
-É melhor a gente procurar um sítio agradável onde eu possa ficar.

O ar da noite estava frio e denunciava as primeiras geadas. À margem da estrada, as folhas já começavam a cair das árvores frutíferas. A mãe estava sentada 'encostada à parede lateral do veículo, e o pai, à sua frente, do lado oposto.

-Vais bem, Tom?-perguntou a mãe. A voz dele soou, abaiada:
- Vai-se um pouco apertado a@ui. A gente já saiu do rancho? -já, mas é preciso cuidado. ode ser que nos façam parar -aconselhou a mãe.

Tom ergueu uma das pontas do colchão que o encobria. Na penumbra do carro, as panelas retiniam ruidosamente.

-Tenho a impressão, aqui, de que estou dentro de uma ratoeira -disse Tom.-Se vier alguém, ponho depressa o colchão para baixo. -Apoiou-se no cotovelo.-Meu Deus, parece que está a arrefecer, hem?

-Há muitas nuvens no céu-sentenciou o pai.-Dizem que o Inverno, este ano, vem cedo.

-Os esquilos já estão a construir as suas casas, e já há grãos no chão?-perguntou Tom.-Meu Deus! Vocês estão sempre a fazer previsoes acerca do tempo. Qualquer coisa vos serve para isso. Aposto que até são capazes de fazer previsões de tempo por causa de um par de cuecas usadas.

-Não sei-disse o pai-mas parece que o Inverno vem aí. Só quem viva aqui há bastante tempo é que poderá sabê-lo ao certo.

-Em que direcção vamos? -perguntou Tom. -Não sei. O AI virou à esquerda. Parece que vai pelo mesmo caminho por onde viemos.

424

-Não sei o que era. " lhor-disse Tom.-Parece-me que, se formos pela estrada principal, corremos o risco de encontrar mais policiais. E, com a-minha cara da maneira como está, apanham-me logo. Talvez fosse melhor irmos por estradas menos importantes...

-Bate aí na tábua para o AI parar um instante -pediu-lhe a mãe.

Tom bateu com o punho na tábua da cabina. O camião parou bruscamente à margem da estrada. AI saiu e encaminhou-se para as traseiras do camião. As cabeças de Ruthie e de Winfield apareceram a espreitar por debaixo do cobertor.

-Que é que tu queres? -perguntou AI. -É melhor a gente assentar no que vai fazer-disse a mãe. -Talvez seja bom seguir por estradas de menos importância.

O Tom acha que é melhor.

-É por causa da minha cara-disse Tom.-Se me virem, descubrem logo tudo. Qualquer polícia me reconheceria.

-Bom, então qual é o rumo que vocês querem tomar? Eu queria ir para o norte. No sul já a gente esteve.

-Está bem-assentiu Tom.-Mas vai por estradas de menos importância.

-E se parássemos agora um bocado e dormíssemos? Amanhã de manhã cedo, continuávamos -propôs AI.

A mãe contrariou com vivacidade: -Agora não. Deixa a gente afastar-se um bocado primeiro. -Fixe! AI tornou a pegar no volante e o camião prosseguiu a marcha.

Ruthie e Winfield tornaram a cobrir as cabeças. -O Winfield, vai bem?-perguntou a mãe. -Vai-respondeu Ruthie.-Tem estado a dormir. A mãe encostou-se de novo à parede lateral do carro. -Nem sei o que a gente sente quando nos andam a perseguir. Começo a sentir-me revoltada com estas coisas.

-É o que acontece a toda a gente-disse o pai.-Toda a gente. Viste aquela briga hoje de manhã? Uma pessoa muda com tudo isto. Lá naquele acampamento do governo não éramos assim.

AI descreveu uma curva para a direita e entrou num caminho coberto de cascalho, sobre o qual deslizavam as luzes amarelas. Acabara-se a fila de árvores frutíferas e, em seu lugar, viam-se pés de algodão. Percorreram vinte milhas, atravessando campos de cultura de algodão, ziguezagueando por caminhos estreitos.

O caminho, agora, seguia paralelo a um riacho orlado de arbustos, atravessando-o por meio de uma pequena ponte de cimento e continuando, do outro lado, a seguir o riacho. E então as luzes

425

fizeram aparecer à beira do riacho longas filas de vagões de carga, vermelhos, sem rodas, e um grande cartaz, colocado à beira do caminho, dizia: Procuram-se trabalhadores para a colheita do algodão. AI diminuiu a marcha do veículo. Tom espreitou para fora, por entre as pranchas do camião. A um quarto de milha dos vagões, Tom tornou a bater na tábua da cabina. AI parou à beira do caminho e saiu de novo.

-Que é que queres agora? -Desliga o motor e vem cá-disse Tom. AI voltou à cabina, dirigiu o veículo até à vala, desligou o motor, apagou os faróis e subiu pela parte lateral do camião.

-Pronto-disse. Tom trepou por entre as painéis e pôs-se de joelhos diante da mãe.

- Olhem- disse. -Eles andam à procura de gente para colher o algodão. Está escrito naquele cartaz. Ora eu estive a pensar na maneira de ficar com vocês sem causar complicações. Quando a minha cara estiver boa, pode ser que tudo corra bem, mas, por enquanto, não. Vocês viram aqueles vagões ali atrás? É neles que moram os trabalhadores da safra do algodão. Pode ser que eles precisem de mais gente. Não seria má ideia ver se arranjavam trabalho e conseguiam morar num daqueles vagões. Que lhes parece?

-E tu?-perguntou a mãe. -Bem, a senhora viu aquele riacho ali, todo coberto de moitas, não viu? Eu podia esconder-me no matagal, que ninguém me via. À noite, a senhora levava-me qualquer coisa de comer. Vi um cano de água ali atrás. Talvez eu possa dormir nele.

-Meu Deus, que bom, se eu pudesse lidar de novo com o algodão! É um serviço que conheço bem!-exclamou o pai.

-E esses vagões devem ser bons para lá viver-disse a mãe. -São bonitos e parecem secos. Tu achas que o mato ali dá para tu te esconderes, hem, Tom?

-Dá, sim. Eu reparei bem. Hei-de arranjar um cantinho bem escondido. Assim que a cara melhorar, saio de lá .

- Mas tu vais ficar com a cara toda marcada... lembrou a mãe. -E isso que tem? Toda a gente tem cicatrizes... -Eu, uma vez, apanhei quatrocentas libras-disse o pai. -É verdade que foi uma colheita dura de roer. Mas, se todos nós trabalharmos, dá para se ganhar bastante dinheiro.

-A gente podia até comprar carne-sugeriu AL-Bom, e que é que a gente vai fazer agora?

-Vamos voltar para o sítio dos vagões e dormir um bocado dentro do carro até de manhã - disse o pai. - Depois, talvez a gente possa começar a trabalhar. Mesmo no escuro, distingo as cabeças do algodão.

426

-E o Torn"-perguntou a mãe. -Ora! Não pense mais em mim, mãe. Eu levo um cobertor comigo. Reparem bem no sítio. Há lá um cano de água. Se a senhora quiser, pode levar-me um bocado de pão, batatas ou papas e deixar-me o que for perto do cano. Eu, depois, procuro a comida.

- Está bem. -Eu também acho que é uma boa ideia-disse o pai. -Pois claro que é boa-insistiu Tom.-E assim que eu melhorar da cara, saio de lá e venho trabalhar com vocês.

-Bem, então seja-concordou a mãe.-Mas toma cuidado. Não te arrisques, ouviste? Não deixes que ninguém te veja por enquanto...

Tom voltou de gatas até às traseiras do camião e saltou para a margem da estrada.-Boa noite-disse.

A mãe viu o vulto do filho fundir-se com a noite e sumir-se entre os arbustos da margem do rio.

-Meu Deus, oxalá que tudo corra bem!-suspirou ela. -Então, vamos voltar? -perguntou AI. -Sim-respondeu o pai. -Vai devagarinho -recomendou a mãe.-Quero ver bem aquele cano que ele disse. Tenho de ver bem onde fica.

AI recuou, tornou a entrar na estradita e deu a volta. Foi rodando lentamente até à fila de vagões onde a escuridão reinava. Os faróis do carro iluminavam as pranchas que ligavam as portas dos vagões ao chão. Não havia sombra de movimento na noite. AI desligou as luzes.

-Tu e o tio John vão lá para trás -disse ele a Rosa de Sharon.-Eu vou dormir aqui mesmo no assento.

O tio John ajudou a rapariga, pesada, a trepar pela parte traseira do veículo. A mãe empilhou as panelas num pequeno espaço. A família aninchou-se nas traseiras do camião.

Num dos vagões, soou um choro de criança, choro convulsivo e prolongado. Um cão passou a trote, a bufar e a fungar; depois rodou vagarosamente à volta do camião dos Joads. Um marulhar de água corrente subia do leito do riacho.

CAPITULO XXVII

Procuram-se trabalhadores para a colheita do algodão. Cartazes no caminho, impressos distribuídos, impressos cor de laranja... Procuram-se trabalhadores.

Ali, ao cimo da estrada-diz o impresso. As plantas verde-escuras tornaram-se fibrosas e as pesadas

427

cápsulas sentem-se comprimidas nos respectivos invólucros. Algodão branco, que estala como o milho a assar!

Que bom tocarmos nos flocos de algodão com as mãos, delicadamente, com a ponta dos dedos!

Eu sei colher algodão como deve ser. Aqui está o homem, é este mesmo. Eu queria colher algodão. Tem saco? Saco, não, não tenho. Cada saco custa um dólar. Descontar-se-á nas primeiras cinquenta libras que voce colher. Oitenta cents por cem libras à primeira passagem pelo campo e noventa à segunda. Pode arranjar um saco aí. Um dólar. Se não tem um dólar, a gente desconta-o nas primeiras cento e cinquenta que você fizer. É o costume, bem sabe.

Claro que é o costume. Um bom saco para algodão dura a época inteira. E, quando estiver estragado, gasto, pode virar-se e utilizar-se do lado da boca. Faz-se uma costura na parte aberta e abre-se a parte fechada. E, quando as duas extremidades estiverem gastas, ainda dá um bom tecido. Serve para fazer um belo par de calças para o verão. Ou então para camisas de dormir. E, com os diabos!-um saco de algodão é coisa muito boa.

Segure-o à cinta. Estique-o bem e arraste-o entre as duas pernas. Ao princípio, puxa-se com facilidade. E as pontas dos dedos colhem a pe-

nugem e as mãos empurram-na para dentro do saco, que está entre as pernas. As crianças andam atrás. Não há sacos para crianças... elas que se sirvam de um saco velho de serapilheira ou que onham a coisa no saco dos pais. Agora já está um tanto pesaxco. Incline-se para diante e puxe-o para a frente. Eu tenho boa mão para o algodão. É pegar e colher. rode-se falar e até cantar, durante o trabalho, até o saco se tornar pesado. Os dedos trabalham com habilidade. Os dedos sabem. Os olhos vêem o trabalho e, ao mesmo tempo, não o vêem.

E eles conversam, na marcha através das filas de algodoeiros. Lá na minha terra, havia uma mulher, não quero dizer o nome dela... bom, e-la, um dia, sem mais nem mais, teve um filho preto. Ninguém, antes disso, dera pela coisa. Nunca apanharam o negro. E ela nunca mais teve coragem de aparecer. Mas, que é que eu estava a dizer? Ah, sim, ela era um alho para colher algodão.

Agora o saco está pesado. Arraste-o para diante com toda a força. Faça força com as ancas e puxe-o para a frente como um cavalo. E as crianças colhem também para o saco do velhote.

O algodão, aqui, é bom. É fino nos terrenos baixos, fino e fibroso. Nunca vi um algodão como este da Cafifórnica. De fibra comprida, o melhor algodão que tenho visto na minha. vida. Mas esgota a

428

terra. muito depressa. Quando um tipo pretende comprar terra É

ara algodão, digo-lhe sempre: "Não a compres, arrenda-a! , quando ela estiver esgotada pelo algodão, vai para outro sítio."

Filas de trabalhadores, rnovimentando-se através dos campos, de dedos hábeis. Dedos investigadores vão e vêm, e dão com os flocos. Quase nem é preciso olhar.

Aposto que era capaz de colher algodão mesmo cego! Nas pontas dos dedos tenho um palpite para apanhar os flocos. Onde eu colho, nada fica para respigar.

O saco, a iwa, está cheio. Leve-o até à balança. Discuta.

O homem da Clança diz que você pôs pedras lá dentro, para aumentar o peso. E ele? A balança dele está viciada. Às vezes ele tem razão; você meteu pedras no saco. Outras vezes é você que tem razão: a balança está viciada. E, por vezes, acertam ambos: há falcatrua com pedras e falcatrua na balança. De qualquer maneira, argumente sempre; lute de qualquer forma. Isso fá-lo tesou. E a ele também. Olha que coisa! Lá por causa de uma pedrita... Se calhar até é urna só. Um quarto de libra? Discuta sempre.

Volte com o saco vazio. Você tem de fazer a sua escrituração. Tome nota do peso. Tem de ser. Se eles perceberem que você toma nota do peso, não o roubam. Mas Deus o livre'de não verificar o peso!

Este trabalho é bom. As crianças correm em volta. já ouviu falar da máquina de colher algodão?

já, sim. Acha que por aqui arranjarão uma dessas máquinas? -Bem, é muito possível que se acabe o trabalho à mão. A noite chega. Todos se acham cansados. Mas isto de colher algodão é bom. A gente ganhou três dólares; eu, a mulher e as crianças.

Os carros chegam aos campos do algodão. Armam-se os acampamentos do

algodão. Os altos caminhões cobertos e os reboques- estão cheios de penugem branca. O algodão agarra-se aos arames das cercas e bolinhas de algodão rolam pelos caminhos quando o vento sopra. O algodão, limpo e alvo, vai à máquina de descaroçar. E os fardos, grandes e grumosos, vão caminho da prensa. E o algodão pega-se à roupa e à barba. Assoe o nariz; tem algodão no nariz.

Agora, arraste-se para a frente; encha o saco antes que surja a noite. Dedos hábeis pesquisam as cápsulas. As ancas esforçam-se no arrastar dos sacos. As crianças, agora que vem a noite, sentem-se cansadas. No solo cultivado, tropeçam de encontro aos próprios pés. E o Sol vai descaindo rio horizonte.

Quem me dera que a coisa durasse mais alguir- tempo!

429

Deus sabe que não se consegue juntar grande coisa, mas, ainda assim, quem me dera que isto durasse mais algum tempo!

Na estrada, atraídos pelos impressos, aglomeram-se os calhambeques.

Tem saco para o algodão? Não. Então tem de pagar um dólar. Se fôssemos apenas cinquenta, a gente podia instalar-se por algum tempo, mas somos quinhentos... Assim, a coisa não pode durar muito. Conheço um tipo que nunca conseguiu pagar o saco que lhe deram. Cada vez que se empregava, recebia um saco novo, mas todos os campos ficavam prontos antes que ele completasse o dinheiro necessário.

Pelo amor de Deus, faça por economizar algum dinheiro. O Inverno vem aí, não tarda nada. E, no Inverno, não há trabalho nenhum na Califórnia. Encha o saco antes da noite. Vi um tipo meter duas pedras no saco dele.

Porque não, que diabo? É para compensar a balança viciada. Está aqui o meu livro: trezentas e doze libras. Está bem. Jesus, ele nem discute! A balança dele deve estar viciada. Bem, de qualquer maneira, o dia foi bom.

Dizem que vêm aí uns mil homens para esta fazenda. Amanhã, * gente vai brigar por causa de uma fileira. Vão começar a roubar * algodão uns aos outros. Procuram-se trabalhadores para a colheita do algodão. Quanto mais homens trabalharem, tanto mais depressa a colheita vai para a máquina.

E agora, a gente volta para o acampamento. Santo Deus! Há carne para o jantar! A gente tem dinheiro para comprar carne! Pega na mão do menino, que está a cair de cansaço. Dá um pulo ao talho e compra umas quatro libras de carne. A velha vai fazer-nos umas boas empadas, se não estiver muito cansada.

CAPITULO XXVIII

Os vagões de mercadorias, em número de doze, estavam alinhados uns atrás dos outros, num terrenozito plano, à margem do regato. Eram duas fileiras de seis vagões cada uma, cujas rodas haviam sido desmontadas. Havia pranchas a servir de acesso às largas portas de correr dos vagões, que tinham sido transformados em boas moradias, impermeáveis, sem fendas, capazes de abrigar vinte e quatro famílias ao todo -uma família de cada lado de todos os vagoes. Não tinham janelas, mas as largas portas permaneciam sempre abertas. Em alguns vagões, ;ia-se,

lona estirada ao centro,

,@30

a servir de linha divisória entre as duas famílias, enquanto noutros só a posição da porta servia de limite.

Os Joads habitavam a metade de um dos vagões ao fim da fileira. Os moradores precedentes haviam transformado uma lata de petróleo em fogão, enxertando-lhe um tubo de chaminé e perfurando a parede, de madeira, para o encaixar. Mesmo com as largas portas completamente escancaradas, os cantos dos vagões permaneciam em eterna penumbra. A mãe esticava a lona da tenda ao centro do vagão.

-Isto aqui é bem bom-dizia ela.-Melhor que tudo o que temos arranjado, não falando no acampamento do governo, é claro.

Todas as noites ela desenrolava os colchões no soalho e todas as manhãs voltava a enrolá-los. E todos os dias iam para o campo colher algodão e todas as noites tinham carne para o jantar. Um sábado, foram a Tulare e compraram um fogãozinho de estanho e novos fatos-macacos para Al, para o pai, para o Winfield e para o tio Jolin, e também compraram um vestido para a mãe, e esta presenteou Rosa de Sharon com o seu melhor vestido.

-Ela, agora, está muito gorda-disse a mãe.-Seria deitar dinheiro à rua comprar-lhe um vestido novo.

Os Joads tinham tido sorte. Chegaram a tempo de encontrar lugar nos vagões.

As tendas das famílias chegadas mais tarde enchiam agora a área do pequeno trato de terra plana e os que habitavam os vagões eram considerados veteranos e, num certo sentido, aristocratas.

O riacho deslizava por ali, surgindo de um salgueiral e sumindo-se noutro. De cada vagão partia uma veredazinha formada à força de tanto se trilhar o solo, a qual conduzia, invariavelmente ao riacho. Haviam estendido cordas entre os vagões, as quais diariamente se cobriam de roupas a secar.

À noite, a família regressava dos campos, levando o saco dobrado de baixo do braço. Ia ao armazém da encruzilhada, onde havia sempre trabalhadores da colheita do algodão, a comprar provisões.

-Então quanto fizeram hoje? -Hoje a coisa foi de estalo! A gente fez três e meio. Só queria que continuasse assim. Essas crianças estão a fazer-se uns trabalhadores de alto lá com eles! A mãe fez um saquinho mais pequeno para cada uma delas, pois não podiam puxar por um saco tão grande. Dantes, elas metiam no saco da gente o algodão que colhiam. Mas, agora, fizeram-se-lhes sacos de camisas velhas. Trabalham que é uma beleza!

A mãe chegou-se ao balcão em que se vendia a carne e, pondo o indicador nos lábios, parecia mergulhada em profundos pensamentos.

431

-Eu queria umas costeletas de porco -disse, - Quanto é que custam?

-Trinta cents a libra, senhora. -Bem, então dê-me três libras. E um

pedaço bom para cozido. A minha filha pode cozinhar isso amanhã. E dê-me também uma garrafa de leite para a minha filha. É doida por leite. Vai ter um bebé, e a enfermeira disse para ela tomar muito leite. Bem... deixe ver... batatas, a gente tem.

O pai acercou-se dela com uma lata de xarope na mão. -A gente podia levar isto também-disse ele.-E bom para fazer sonhos.

A mãe franziu a testa. -Bem... Pode ser. Levamos também esta. Deixa ver... Toucinho, temos bastante.

Ruthie aproximou-se. Segurava em cada mão uma caixa de bolachas e nos seus olhos lia-se uma interrogação ansiosa, que tanto podia transformar-se em tragédia como em júbilo, conforme o aceno negativo ou afirmativo da mãe.

-Mãe!-Ela estendia as caixas, abanando-as para lhes aumentar a força atractiva.

-Vai já pô-las de onde as tiraste... A tragédia começou a tomar forma nos olhos de Ruthie.

O pai insinuou:

-Custa só um níquel cada uma. E as crianças, hoje, trabalharam bastante...

-Bem!-exclarnou a mãe. E a excitação brilhou nos olhos de Ruthie.- Então vá lá...

Ruthie rodou nos calcanhares, disposta a desaparecer. A meio caminho da porta, agarrou Winfield e saiu a correr, com ele, para a escuridão da noite.

O tio John apalpava um par de luvas de tela 'com palmas de couro amarelo; experimentou-as, tirou-as e tornou a poisá-las. Insensivelmente, ia-se aproximando das prateleiras das bebidas, a examinar os rótulos das garrafas. A mãe observava-o.

- Pai - disse ela, acenando com a cabeça em direcção do tio Jolin.

O pai, vagarosamente aproximou-se dele. -Estás com sede, John? -Não, não estou. -Espera que a gente acabe com este algodão. Então poderás apanhar uma boa carraspana.

- Agora não acho graça nenhuma - disse o tio Jolin. - O trabalho é duro, e eu durmo bem. Não sonho nem nada.

- Bom... é que tu estava a olhar para as garrafas com uns olhos que eu pensei...

-Qual! Nem nelas reparei. É engraçado. Estou é com von-

432

tade de comprar alguma coisa. Uma coisa que me não faça falta. Queria comprar uma dessas giletes. Ou entã o, um par de lu,as como aquelas. São baratas.

-Mas tu, com luvas, não podes apanhar o algodão... -lembrou o pai.

-Bem sei. Mas também não preciso de uma gilete. L que a gente,, verido

as coisas aí, tem vontade de comprar, precise ou não. ~-Vai-nos! - gritou a mãe.-A gente já tem tudo o que precisava.

Trazia um saco. O tio John e o pai encarregaram-se cada um deles de um pacote. Do lado de fora, Ruthie e Winfield esperavam-nos com olhos cansados e a boca cheia de bolachas.

-já sei que vocês hoje não jantam-disse a mãe. Havia gente e gente a deslocar-se em direcção ao acampamento dos vagões, que se encontravam iluminados. O fumo escapava-se dos fogões. Os Joads subiram pela prancha e penetraram na sua metade do vagão. Rosa de Sharon estava sentada em cima de um caixote, ao lado do fogão. Acendera o Itirric e, com o calor, o fogão de estanho adquirira uma tonalidade cor de vinho.

-A senhora trouxe leite para mim, mãe?-perguntou. -Trouxe, sim. -Então dê-mo. Desde o meio-dia que não tomo leite. -Ela pensa que o leite é um remédio. -Aquela senhora lá da enfermaria disse-me que fizesse assim. -As batatas estão prontas? --Estão sim. Estão todas descascadas. -Bom, vamos fritá-las-disse a mãe.-Comprei costeletas de porco. Corta as batatas e põe-nas na frigideira nova. E deita-lhes também uma cebola. E vocês, homens, vão lavar-se e, à volta, tragam um balde de água. Onde estão a Ruthie e o Winfield? Eles têm de se lavar também. Ganham uma caixinha de bolachas cada um-explicou a mãe a Rosa de Sharon. -Uma caixinha inteira para cada um.

Os homens saíram para se lavarem no regato. Rosa de Sharon cortou as batatas e despejou-as na frigideira, mexendo-as com a ponta da faca.

Síbitamente, alguém afastou a lona para um lado. Um rosto de feições acentuadas, todo salpicado de gotas de suor, apareceu do outro lado do vagão.

-Então quanto fizeram hoje, sr.a Joad? A mãe virou-se com rapidez. - Como? Ali, boa noite, sr.a Wainwright. A coisa hoje rendeu. Três e meio. Ao certo, três e cinquenta e sete.

-A gente fez quatro dólares. -Bom-disse a mãe.-A sua família é maior.

28 - V. 1.

433

- É sim, e o Jonas está a crescer. Então, pelo que vejo, hoje vão ter costeletas de porco.

Winfield acabava de entrar.

- Mãe! -Cala-te um bocadinho. Sim, os meus homens gostam muito de costeletas de porco.

-Pois eu estou a fritar presunto-disse a sr.a Wainwright. -A senhora não sente o cheiro?

-Eu não posso sentir nada com este cheiro a cebola e a batatas.

-Está qualquer coisa a queimar-se! -gritou a sr.a Wainwright, e a sua cabeça sumiu-se rapidamente.

-Mãe!-tornou Winfield. -Que é? As bolachas já te estão a fazer mal?

- Mãe... a Ruthie falou... -Falou de quê? -Do Tom? A mãe encarou-o pasmada. -Falou?-Pôs-se de joelhos diante do pequeno. -Winfield, com quem falou ela?

Winfield mostrou-se embaraçado. Tentou retratar-se. -Ela só disse... -

Winfield, conta-me como foi. Conta já, anda! -Ela... ela não comeu as bolachas todas. Guardou algumas, e depois pos-se a comer uma de cada vez, mastigando devagar, como ele costuma fazer. E, então, disse assim: "Tu também gostavas de não teres comido tudo, não gostavas?"

-Winfield -suplicou a mãe-conta-me tudo de uma vez. Lançou um olhar nervoso à lona que servia de cortina.-Rosasharn, vai para o pé da sr.a Wainwright e distrai-a para ela não ouvir.

-E as batatas? -Deixa as batatas, que eu olho por elas. Não quero é que ela oiça através da cortina.

A rapariga arrastou-se penosamente pelo vagão fora, em direcção à outra metade do fogão.

-Bem, agora, Winfield, conta-me tudo-mandou a mãe. -já disse. A Ruthie só comia uma bolacha de cada vez e partia-a em duas, para durarem mais tempo.

-Sim, sim, conta depressa. -Nessa altura, chegaram outros miúdos. Também queriam bolachas, está visto, mas a Ruthie continuava a tasquinhar, a tasquinhar e não quis dar-lhes nem um pedacinho. Eles ficaram furiosos e um garoto tirou a caixa das mãos da Ruthie.

-Anda, Winfield, conta já-,Q que interessa. -Mas é o que eu estou a fazer, mãe-disse ele.-Então,

@@34

a Ruthie ficou danada e correu com eles; brigou com um, brigou com outro, até que uma menina mais crescida deu uma bofetada na Ruthie, uma bofetada muito grande, e a Ruthie começou a chorar e disse que ia chamar o irmão mais velho para a matar. E a outra menina disse: "Ai, vais? Eu também tenho um irmão mais velho, calha bem!" Winfield quase perdia o fôlego com a velocidade da narrativa. -Então, elas começaram a brigar e a outra menina bateu na Ruthie que se fartou, e a Ruthie não fazia outra coisa senão dizer que o seu irmão havia de matar o irmão dela. Então, a outra disse que o irmão dela é que ia matar o nosso irmão. E, então... a Ruthie disse que o irmão já tinha morto dois homens. E... e a menina grande disse assim: "Ah, sim? Sempre és uma grande mentirosa!" E a Ruthie disse: "Ai, sim? Pois fica sabendo que o meu irmão está escondido porque matou um homem." E disse que ele ia matar também o irmão da outra. Depois, disseram nomes feios uma à outra, e a Ruthie atirou-lhe uma pedra. A outra menina correu com ela e eu vim para casa.

-Meu Deus!-gemeu a mãe abatida.-õ meu querido Menino Jesus deitado nas palhinhas! Que é que a gente há-de fazer agora?-Apoiou a cabeça nas mãos e esfregou os olhos. -Que é que a gente há-de fazer agora?

Vinha do fogão um cheiro a batatas queimadas. Mecanicamente, a mãe ergueu-se e foi mexer as batatas.

Rosasharn! -gritou a mãe. A rapariga apareceu, afastando a cortina de lona. -Chega aqui, cuida tu do jantar. õ Winfield, vai procurar a Ruthie e trá-la para, casa.

-Ela vai apanhar? -perguntou Winfield, cheio de esperança. -Não, isso agora não adianta nada. Meu Deus! Porque foi ela dizer essas coisas? Não, bater-lhe não adianta nada. Vai depressa, Winfield e trá-la cá.

Winfield dirigiu-se a correr para a porta, encontrando os três homens que, justamente, vinham subindo a prancha. Afastou-se para o lado, deixando-os passar.

A mãe disse baixinho: -Pai, tenho que falar contigo. A Ruthie foi dizer a umas crianças que o Tom anda escondido.

-O quê?! -Pois disse. Meteu-se aí numa zaragata e contou tudo. -Ai, a desavergonhada! -Não, ela não sabia o que estava a fazer. Agora, escuta, pai. Eu quero que tu fiques aqui. Vou procurar o Tom e dizer-lhe que tenha muito cuidado. Tu ficas aqui, a olhar por tudo, não vá acontecer qualquer coisa. Vou levar de comer ao Tom.

-Está bem- concordou o pai. -E não digas nada à Ruthie a respeito do que ela fez. Eu, depois, falo com ela.

435

Nesse instante, entrava Ruthie, seguida de Winfield. A pequena estava toda suja. Tinha a boca lambuzada e do nariz pingava-lhe ainda o sangue, que se soltara durante a luta. Tinha uma expressão, que era um misto de vergonha e de medo. Winfield seguia triunfante atrás dela. Ruthie olhou em volta de si com olhares raivosos e foi-se encostar a um canto do vagão. Lutava contra a cólera e a vergonha.

-Eu já contei o que ela fez-disse Winfield. A mãe dispôs duas costeletas num prato de estanho e juntou-lhe uma porção de batatas fritas. . -Chiu! Winfield, está calado -disse. -Não é preciso dar-lhe mais desgosto do que ela já tem.

Ruthie saltou do canto do vagão, e, correndo, abraçou as pernas da mãe, enterrou a cabeça no seu colo, e soluços abafados sacudiram-lhe o corpo todo. A mãe acariciou-lhe suavemente os cabelos e afagou-lhe os ombros.

-Chiu!-fez ela.-Tu não sabias o que estavas a fazer. Ruthie ergueu o rosto sujo, ensanguentado e manchado de lágrimas.

-Eles roubaram-me as bolachas-disse, chorando-e aquela mais crescida, a filha da mãe, bateu-me. -Desatou novamente num choro desesperado. -Chiu!-fez a mãe-não fales assim, que é feio. Vá. Acalma-te, Ruthie. Eu tenho de sair.

-Porque é que lhe não bate, mãe? Se ela não fosse uma ranhosa, agarrada às bolachas, aquilo não tinha acontecido. Chegue-lhe, ande.

- Ora mete-te na tua vida-gritou a mãe, irritada. -Senão, quem apanha és tu. Não chores mais, Ruthie.

Winfield encostou-se a um dos colchões enrolados, observando a cena cinicamente e de mau humor. Colocara-se numa boa posição defensiva, pois sabia que Ruthie o iria atacar na primeira oportunidade. Lentamente, Ruthie dirigiu-se para o lado oposto do vagão, com o coração despedaçado.

A mãe cobriu o prato de folha com um papel de jornal. -Bem, deixa-me ir-disse. -Então tu não comes nada?-perguntou o tio John. -À volta. Agora não posso. Era incapaz de engolir fosse o que fosse.

A mãe dirigiu-se para a porta que se encontrava escancarada e desceu, firmando-se bem na prancha íngreme.

Ao lado da fileira de vagões que dava para o riacho havia grande número de tendas, armadas tão perto umas das outras que se cruzavam entre si as cordas com que as haviam amarrado e os paus de umas tocavam nas paredes de lona das outras. As luzes filtravam-se através das lonas e o fumo golfava de todas

436

as chaminés. Homens e mulheres entretinham-se a falar à boca das tendas. Para cá e para lá, corriam as crianças, numa excitação febril. A mãe passou majestosamente pelo aglomerado de tendas. De vez em quando, alguém a cumprimentava pelo caminho.

-Boa noite, sr.a Joad. -Boa noite. -Vai levar coisas a alguém, hein? - Sim, vou levar um pedaço de pão a uma amiga. Alcançou finalmente os limites do acampamento. Parou a olhar para trás. Sobre as tendas, pairava um brilho de luzes e o mesmo acontecia com os ruídos abalados de mil e uma conversações. De quando em quando, uma voz mais aguda dominava as restantes. O cheiro do fumo enchia o ar. Alguém tocava baixinho uma gaita de beijos, repetindo incansavelmente a mesma melodia, à procura de um efeito.

A mãe penetrou no salgueiral que orlava o riacho. Deixou a vereda, e esperou, silenciosamente, a ver se? seria seguida. Um homem vinha pelo caminho que conduzia ao acampamento, e, mesmo a andar, ia ajeitando os suspensórios e abotoando as calças. A mãe sentou-se, mantendo-se completamente imóvel, e ele passou sem a ver. Ela esperou uns cinco minutos, depois levantou-se e foi trepando silenciosamente pelo atalho que conduzia ao riacho. Movia-se com cautela, de maneira que ouvia o murmúrio da água, no intervalo do ruído que os seus pés faziam, ao pisar as folhas secas dos salgueiros. O riacho e o atalho descreviam uma curva para a esquerda, depois outra para a direita, até se aproximarem da estrada. À luz acinzentada das estrelas, a mãe distinguia a ribanceira e a cavidade redonda e negra do cano, onde costumava deixar a comida para Tom. Avançou com mil cuidados, colocou o embrulho no cano e tirou o prato vazio que lá estava. Saiu gatinhando pelo mato fora, forçando a passagem entre os arbustos. Depois, sentou-se à espera. Por entre o emaranhado da vegetação, avistava a boca negra do cano. Passou os braços em torno dos joelhos e deixou-se ficar sentada e imóvel. Um momento depois, a vida recomeçava no matagal. Os ratos do campo moviam-se cautelosamente entre a folhagem. Um zorrilho correu pesada e descuidadamente arrastando um leve cheiro; o vento pôs-se a agitar brandamente os salgueiros, como que querendo pô-los à prova, e uma chuva de folhas doiradas inundou o chão. Súbitamente, uma rajada irrompeu, sacudindo fortemente as árvores e provocando uma queda rápida de folhas. A mãe sentiu-as nos cabelos e nos ombros. Uma nuvem, bojuda e negra, atravessou o céu, ocultando as estrelas. Grossas gotas de chuva caíram do alto, batendo ruidosamente nas folhas caídas. E a nuvem bojuda afastou-se, descobrindo novamente as estrelas. A mãe estremeceu.

O vento amainou, e, de novo, reinou a paz na mata, mas, rio

437

abaixo, o movimento das árvores continuava. De longe, do acampamento, vinha o som penetrante de um violino, ensaiando uma melodia qualquer.

À sua esquerda, a mãe ouviu passos cautelosos sobre a folhagem. Endireitou o busto. Soltou os joelhos e estendeu a cabeça, no intuito de ouvir melhor. Os passos suspendetam-se, recomeçando daí a um bom boca-

do. Ouviu-se um ranger áspero de folhas secas. A mãe distinguiu então um vulto, a esgueirar-se para a clareira e a aproximar-se do cano. Por um instante, o grande buraco negro obscureceu-se, e, depois, o vulto deu um passo atrás. A mãe chamou em voz baixa:

-Tom!

O vulto parou, imobilizou-se de tal maneira e inclinou-se tanto para o chão que poderia passar por um tronco cortado. Ela tornou a chamar:

-Tom! O Tom! Então o vulto agitou-se: -Mãe, é a senhora que está aí? dele. -Sou eu, sim. Aqui mesmo. -Ergueu-se e foi ao encontro

- Não devia ter vindo aqui-censurou ele. -Tinha que te ver, Tom. Preciso de falar contigo. -É muito perto do caminho -disse Tom. -Pode passar alguém. -Mas o teu esconderijo não é aqui, Tom?

- E sim... mas... mas imagine que alguém a via comigo... toda a família podia passar por um mau bocado.

-Foi preciso que eu viesse, Tom. -Então venha comigo. Mas sem fazer barulho! Cruzou o riacho, patinhando cuidadosamente na água, cofiando a mãe atrás. Atravessou a mata e desembocou num campo, do outro lado do matagal, ao longo das terras aradas. As hastes enegrecidas do algodão projectavam-se duramente no solo. Nalgumas havia ainda flocos de algodão. Andaram cerca de um quarto de milha ao longo da orla do campo e depois tornaram a penetrar no mato. Tom aproximou-se de um grande emaranhado de amoras silvestres, debruçou-se sobre ele e descerrou uma cortina de ervas selvagens.

-A senhora só poderá entrar aqui de rastros-disse. A mãe pôs-se de rastos. Deixou de tocar com o corpo no interior escuro do matagal; depois, sentiu o cobertor de Tom. Ele ajeitou novamente a cortina de mato. A cova estava completamente às escuras.

-Onde está, mãe? -Estou aqui mesmo. Fala baixo, Tom. -Não se preocupe. já tenho prática de viver como um coelho bravo.

438

Ela ouviu-o desembrulhar o prato de estanho. -Costeletas de porco-disse a mãe-e batatas fritas. -Meu Deus! E ainda vêm quentes! Era-lhe impossível distingui-lo no escuro, mas ouvia o mastigar, o cortar da carne com os dentes e os ruídos que ele fazia a engolir.

-Muito bom, este esconderijo -disse ele. A mãe começou a custo: - Tom... a Ruthie falou de ti. Ouviu-o engolir precipitadamente. -A Ruthie? Porquê? -Bem, a culpa não foi dela. Armou uma zaragata e disse que tinha um irmão que ia dar uma sova no irmão da outra pequena. Tu sabes como elas falam... E acabou por dizer que o irmão tinha matado um homem e que andava escondido.

Tom riu por entre dentes. -Quando eu estava com os miúdos, costumava meter-lhes medo com o tio John, embora ele nunca lhes fizesse nada. Isso é conversa de crianças, mãe. Não tem importância.

-Tem, sim. Os tais miúdos podem começar a falar no caso e, se os adultos ouvirem, vão também começar a dar à língua, e, daí a pouco, são muito capazes de desatarem à tua procura, só por curiosidade. Tom, tu tens de te ir embora.

-Isso era o que eu dizia. Sempre tive medo de que alguém a visse trazer-me a comida e que a comessem a espreitar.

-Eu sei, mas queria que tu te conservasses perto de nós. Tinha medo que te acontecesse alguma coisa. Nunca mais te vi. E agora, também não consigo ver-te. Como vai a tua cara?

-Está quase boa. -Chega-te mais para aqui, Tom. Deixa-me apalpar a tua cara.-Ele aproximou-se, rastejando, para o lado da mãe. A mão estendida apalpou-lhe a cabeça no escuro e os seus dedos afloraram-lhe o nariz e a face esquerda.-Vais ficar com urna cicatriz feia, Tom. E o nariz ficou todo torto.

-Talvez isso seja um bem para mirri. Talvez que assim ninguém me reconheça. Era bem bom que eles me não tivessem tirado as impressões digitais...

Recomeçou a comer. -Chiu!-fez a mãe.-Ora ouve! -É o vento, mãe. É só o vento e mais nada. Uma rajada arrepiou o riacho, fazendo gemer as árvores. Às apalpadelas, a mãe aproximou-se do sítio de onde a voz provinha. -Queria tocar-te mais uma vez, Tom. Está tão escuro que até tenho a impressão de que sou cep. @iero lembrar-me de ti, ainda que seja só com os dedos. 'Nlas tu tens de fugir, Tom.

43-9

-Pois claro. Não foi coisa que eu não achasse necessária desde o princípio.

-A gente ganhou bastante dinheiro. Pus alguns cobres de lado. Abre a mão, Tom. Tenho aqui sete dólares.

-Não quero aceitar dinheiro seu-disse Tom.-Cá me hei-de arranjar, seja como for.

-Abre a mão, Tom. Seria incapaz de dormir se te soubesse sem dinheiro. Talvez tenhas de tomar uma caminheta ou qualquer coisa semelhante. O que eu queria era que te afastasses para bem longe, aí umas trezentas ou quatrocentas milhas.

-Mas eu não quero esse dinheiro. -Tom-insistiu ela com severidade.-Tu tens de ficar com este dinheiro. Está s a ouvir? Tu não tens o direito de me arreliar.

-Mas não está certo -argumentou ele. -Era bom que tu fosses para uma grande cidade. Para Los Angeles, por exemplo. Com certeza que lá ninguém se lembraria de te procurar.

- Hum... Olhe cá, 6 mãe. Tenho passado os dias e as noites sózinho, aqui escondido. E sabe em quem me tenho entretido a pensar? No Casy! Ele falava muito. Às vezes aborrecia-me. Mas, agora, tenho pensado e repensado no que ele dizia, e lembro-me, lembro-me bem de tudo. Ele disse uma vez que tinha ido para o mato, à procura da própria alma, e que, cror fim, descobrira que não tinha uma alma que fosse só d e. Disse que tinha ínicamente uma pequena parte de uma alma enorme. E ele achava que não servia de nada andar em sítios desertos, porque aí, a tal pequena alma que ele tinha não servia para nada. Só tinha utilidade quando estava junto das outras com que formava um todo. É engraçado como eu me lembro de tudo isso! E, no entanto, tinha, nessa altura, a impressão de que mal o ouvia... Mas, agora, sei que um indivíduo solitário não tem préstimo nenhum.

-Era um bom homem, ele-comentou a mãe. Tom continuou: --Uni dia ele

citou-me um trecho das Escrituras, mas qí,jc nem parecia de lá. Disse-
nic, duas -,,,ezes e eu aprendi-o de cor.

Dizia que era do livro de pregador.

-E como é, Tom? --"Dois vale mais do que um, porque ambos terão melhor recompensa do seu trabalho. E, se um cair, o outro erguerá o compa-
nheiro, mas ai do que estiver só, pois, quando cair, não encontrará
ninguém junto de si que se prontifique a levantá-lo", E isto é só um
bocado,

-Continua-pedi a m<qc.-Continua, Tom. -É só mais um bocidinho. "E, se
dois se deitarem juntos, aquecerão, mas como se aquecerá o hornem so-
litário? E, se um

440

qualquer o pretender dominar, serão dois a resistir e uma corda refor-
çada não se quebra fãcilmente.

-E isso é das Escrituras? -O Casy assim disse. Chamava-lhe o Livro do
Pregador.

- Chiu!... Escuta... -É o vento, mãe. É o vento, que eu bem sei. E
deu-me cá p@@,ra pensar, mãe.. Uma grande parte dos sermões é a res-
peito dos pc,l-,ices e da pobreza. Se a gente nada possuir, que junte
as mãos e não pense em mais coisa nenhuma, que no céu nos darão sorve-
tes em pratos de oiro. E o tal Livro do Pregador diz que dois recebem
melhor paga pelo seu trabalho.

-Tom-perguntou a mãe-que tencionas tu fazer? A resposta dele demorou
um bom bocado. -Estive a pensar em como eram as coisas naquele acampa-
mento do governo, em como as pessoas sabiam resolver os seus assuntos.
Se havia uma desordem, eles lá apaziguavam tudo. E não havia polícias
a ameaçar a gente de revólver na mão, e, apesar disso, via-se por lá
mais ordem e sossego do que se por lá andasse a polícia. E tenho esta-
do a pensar por que razão é que se não dá o mesmo noutros sítios. Cor-
ram com os polícias, que não são gente da nossa. Devíamos trabalhar
todos para o bem comum -devíamos cultivar a nossa própria terra.

-Tom-repetiu a mãe-que tencionas tu fazer? -O que fez o Casy-foi a
resposta. -Mas eles deram cabo dele... -

-Pois deram-concordou Tom-porque ele não soube safar-se a tempo. Ele
não estava a fazer nada que fosse contra a lei. Mãe, tenho pensado t@
bom pedaço a respeito da nossa gente, que vive como os porcos, enquan-
to se deixa por aí inculta uma terra excelente, enquanto há tipos que
têm um milhão de acres, quando perto de cem mil fazendeiros dos bons
andam a estalar de fome... E pus-me cá a matutar que se nós nosu nís-
semos todos

e nos puséssemos a gritar como aqueles fulanos do rancho Hooper...

-Tom, eles vão perseguir-te e encurralar-te como fizeram àquele rapa-
zinho, ao Floyd... -disse a mãe.

-Eles hão-de perseguir-me de qualquer maneira. Perseguem todas as cri-
aturas como nós.

-Mas tu não estás com ideias de matar ninguém, pois não, Tom?

-Não. Estive simplesmente a pensar que, uma vez que já estou fora da

lei, poderia... que diabo, mãe, ainda não sinto as ideias bem claras dentro de mim! Agora, não me atormente, mãe, não me atormente.

Permaneceram sentados, sem falar, na cavidade negra formada pelas vidres. Depois, a mãe continuou:

-Mas como é que eu hei-de ter notícias tuas? Podem-te

441

matar, que eu nem sequer o virei a saber! Podem maltratar". E eu sem saber de nada!

Tom riu com certo embaraço. -Bem, talvez o Casy tivesse acertado quando disse que uma pessoa não tinha alma própria, mas apenas uma pequena parte de uma grande alma... e então...

-Então o quê, Tom? -Nesse caso, todas essas coisas deixam de ter importância. Eu estarei em qualquer sítio, na escuridão. Estarei em toda a parte, em qualquer sítio para onde a senhora se puser a olhar. Onde quer que se lute para que a gente com fome possa comer... eu estarei presente. Onde quer que a polícia esteja a bater num tipo, eu estarei presente. Imagine se o Casy soubesse disto! Estarei onde quer que se vejam criaturas a gritar de raiva... e estarei onde as crianças sorriam porque têm fome mas saibam que a ceia não tarda. E quando a nossa gente comer aquilo que plantar e morar nas casas que construir... então também eu estarei presente. Está a ver? Olhe que já vou falando como o Casy. Isto é de pensar nele tantas vezes. Há ocasiões em que até me parece que o estou a ver.

-Não te compreendo -disse a mãe.-Com franqueza, não compreendo.

-Nem eu-respondeu Tom.-São coisas que eu tenho pensado. A gente pensa em muita coisa quando se não pode mexer. A senhora, agora, tem de voltar, mãe.

-Mas então tu ficas com este dinheiro. Ele ficou calado uns instantes. -Está bem-disse por fim. -E olha, Tom, mais tarde... quando as coisas se acalmarem, tu voltas, ouviste? Serás capaz de nos encontrar?

-Pois claro que sou-respondeu ele.-Mas, agora, é melhor a senhora ir andando. Por aqui, dê-me a sua mão.-Conduziu-a até à entrada da cavidade. Os dedos dela agarravam o pulso de Tom. Ele correu a cortina de videiras e seguiu-a até ao lado de fora.-Vá sempre em frente, à beira dos campos, até chegar ao pé de um sicómoro, e aí atravesse o riacho. Bom, adeus, mãe.

-Adeus, meu filho-respondeu ela, afastando-se rapidamente.

Os seus olhos estavam húmidos e ardiam, mas não chorava. Foi andando com passos ruidosos e descuidados sobre a folhagem seca que cobria o chão. Entretanto, a chuva começara a cair do céu turvo em gotas grossas e escassas que batiam pesadamente no tapete de folhas secas. A mãe parou e permaneceu imóvel na espessura gotejante. Virou-se, deu três passos rápidos em direcção à muralha de videiras, tornou a voltar-se e foi caminhando em direcção aos vagões. Passou ao lado do cano e galgou

442

o caminho. A chuva parara, mas o céu conservava-se ainda nublado. Atrás de si, no caminho, ouviu passos. Voltou-se, toda nervosa. O débil

pestandejar de uma lanterna eléctrica bailou no caminho. Um momento depois, um homem aproximava-se, apagando a luz cortêsmente, para não ferir o rosto da mãe.

-Boa noite-disse ele. -Boa noite-respondeu a mãe. -Parece que vamos ter chuva... -Oxalá que não. Paravam os trabalhos da colheita e lá ficávamos sem trabalho.

-Para mim também era um prejuízo. A senhora mora neste acampamento?

-Moro, sim, senhor. Os passos de ambos ressoavam em unísono. -Eu tenho uns vinte acres de algodão. Costuma amadurecer um pouco mais tarde, mas agora está bom para colher. Resolvi dar um pulo até aqui e contratar alguns homens para a colheita.

-Pois gente é coisa que não falta por aí. Esta safra está quase no fim.

-Oxalá que assim seja. A minha fazenda fica a uma milha daqui por este caminho.

-Nós somos seis-disse a mãe.-Três homens, eu, e duas crianças.

-Vou pôr um cartaz na estrada. Pela estrada, são duas milhas.

-Amanhã de manhã mesmo, já a gente pode ir para a sua fazenda.

-Oxalá que não chova. -Oxalá-repetiu a mãe. Vinte acres depressa se colhem. -Quanto mais depressa, melhor. O meu algodão está atrasado. Não pude colhê-lo mais cedo,

-Quanto é que o senhor paga? -Noventa cents. -A gente vai, sem falta. Ouvi dizer que, para o ano, só vão , ,agar setenta e cinco ou mesmo sessenta, só. -Também ouvi dizer isso. -Então vai haver sarilho-disse a mãe.

-Eu sei, mas um pequeno proprietário como eu nada pode fazer. O sindicato fixa os salários, e a gente tem de se submeter. Senão, acabam por nos tirar a fazenda. Andam constantemente em cima de nós...

Chegaram ao acampamento. -Lá estaremos sem falta-disse a mãe.-Aqui já não há grande coisa para colher.-Foi até à extremidade da fila de vagões e subiu pela prancha. A luz frouxa da lanterna projectava sombras melancólicas por todo o vagão. O pai, o tio John e um

443

outro sujeito de idade estavam acocorados de encontro à parede do vagão _à -

Ia !-disse a mãe.? -Boa noite, sr. Wainwright.

O homem ergueu um rosto finamente cinzelado. Sob as sobrelhas gaudeludas, brilhavam olhos fundos nas órbitas.

O cabelo era de um belo branco azulado. A face e o queixo revestiam-se de uma barba prateada.

-Boa noite, minha senhora! -exclamou ele. -Amanhã, vamos para outra colheita- informou a mãe. -Uma milha, para os lados do norte. São vinte acres.

-Acho que é melhor irmos no camião-disse o pai.É a maneira de começarmos mais cedo.

Wainwright ergueu a cabeça com vivacidade: -E se nós fôssemos também? -Acho que podem muito bem ir. Encontrei o sujeito e viemos os dois a andar por aí. Ele veio à procura de gente para a colheita.

-O algodão aqui está a acabar. Já é difícil apanhar algum na segunda passagem. Dificilmente ganharemos algum dinheiro nela. O algodão já foi tão esquadrinhado da primeira vez!

-Vocês podiam vir connosco no camião-disse a mãe. Pagávamos a gasolina a meias.

-Isso é uma gentileza da sua parte, minha senhora. -Assim poupamos todos.

O pai disse então: -Aqui o sr. Wainwright está muito preocupado com uma coisa. Estávamos justamente a falar nisso.

-E de que se trata? Wainwright pôs os olhos no chão. -É que a nossa Aggie -disse- está uma mulher... quase com dezasseis anos e bem desenvolvida.

-A Aggie é uma bonita rapariga-disse a mãe. -Ouve o que ele tem para dizer -interrompeu o pai. -Bem, o caso é que ela e o vosso filho AI passeiam por aí toda a noite. E a Aggie é uma rapariga cheia de saúde, que está a pedir um marido: não vá ela dar-nos ainda algum desgosto. Nunca tivemos desgostos desses na nossa família. Mas, o que nos arreliava, a mim e à sr.a Wainwright, é sermos assim tão pobres. Imagine que lhe acontece alguma coisa?

A mãe enrolou um colchão e sentou-se em cima dele. -E agora, também andam a passear? -perguntou ela. -Andam sempre aí por fora-repetiu o sr. Wainwright. -Saem todas as noites.

-Hum... Bem, o AI é um excelente rapaz. Ele supõe-se o galo da capoeira, mas, no fundo, é uma jóia rara. Como filho, não pode ser melhor.

444

-Oh, a gente não se queixa do AI! Até gostamos dele. Temos é medo, minha mulher e eu. É que a pequena já é uma mulher feita. E se vocês ou a gente se for embora, e depois se descobre que a Aggie está numa situação difícil... Na nossa família nunca houve nada que nos pudesse envergonhar.

A mãe respondeu com brandura: -Vamos fazer o possível para evitar a vergonha. Ele levantou-se rapidamente: -Muito obrigado. A Aggie já é uma mulher feita. E não só é bonita como boazinha. Agradecer-lhe-emos de todo o coração, se a senhora conseguir evitar uma vergonha. A culpa não é da Aggie. Ela já está bastante crescida.

-O pai vai falar com o AI-disse a mãe.-E se ele não quiser, falo eu.

Wainwright disse: -Bom, então, boa noite e mais uma vez obrigado. Sumiu-se atrás da cortina de lona. Ouviram-no falar baixinho do outro lado do vagão, contando à mulher os resultados daquela embaixada.

A mãe ficou à escuta por uns instantes e depois disse: -Venham cá todos vocês. Sentem-se aqui.

O pai e o tio John ergueram-se com dificuldade da posição em que estavam e assentaram-se no colchão, ao lado da mãe.

-Onde estão os miúdos?

O pai apontou para um colchão, ao canto do vagão. -A Ruthie bateu no Winfield e mordeu-lhe. Obriguei os dois a deitarem-se. Suponho que estão a dormir. E a Rosasharn foi fazer companhia a uma senhora conhecida dela.

A mãe suspirou. -Encontrei o Tom-disse baixinho. -Díste-lhe que se fosse embora. Que fosse para longe. ,

O pai acenou vagarosamente com a cabeça. O tio John deixou pender a dele para o peito.

-Era a única coisa que havia a fazer-disse o pai.-Parece-te que havia outro remédio, John?

John ergueu o olhar. -Não me sinto capaz de pensar -respondeu. -Até me parece que nem estou acordado.

-O Tom é bom rapaz-continuou a mãe. E depois, procurou desculpar-se. - Não levaste a mal que eu tivesse dito que ia falar com o AI, pois não? , -Eu não-disse o pai tranquilamente.-já não sirvo para nada. Estou sempre a pensar no que lá vai. A pensar na nossa casa, e a dizer cá para mim que nunca mais a tornarei a ver.

-Isto aqui é mais bonito e as terras são melhores-disse a mãe.

445

-Eu sei, mas nem reparo nas terras. Só vejo os salgueiros lá da nossa casa, com as folhas a caírem. Às vezes, dá-me para pensar que tenho de consertar aquele velho buraco da cerca, do lado sul. E engraçado! A mulher a dar ordens à família! A mulher a dizer que se vai fazer isto, que é preciso ir para acolá... E eu nem sequer me ralo com isso.

-As mulheres acostumam-se mais depressa que os homens -disse a mãe, para o consolar. Uma mulher tem a vida toda nos braços; o homem tem-na na cabeça. Não te preocupes. Quem sabe?... talvez para o ano já a gente possa ter a nossa casinha.

-Mas, por enquanto, não temos nada-replicou o pai. E daqui até lá, nem trabalho nem colheitas... O que é que a gente há-de fazer? E como é que vamos arranjar que comer? E não se esqueçam de que a Rosasharn vai ter o menino não tarda muito. Estou tão desgostoso que me sinto incapaz de pensar. Refugiz)-me nos tempos antigos para não pensar no futuro. Acho que a nossa vida já deu o que tinha a dar; é coisa liquidada.

-Nada disso -argumentou a mãe, sorrindo.-Não é não, pai. E isto é mais uma das coisas de que uma mulher tem a certeza. já reparei nisso. O homem vive como se desse saltos... nasce uma criança e morre um homem, e é como se fosse um salto; arranja uma territa; perde a territa, e é outro salto. Para a mulher tudo corre sem parar, como um rio cheio de remoinhos e de cascatas, mas correndo sem parar. É assim que a mulher encara a vida. A gente não morre, a gente continua... muda, talvez, um pouco, mas continua sempre firme.

-Como é que sabes isso?-perguntou o tio John.-Como é que se pode evitar que as coisas parem e que as pessoas se cansem e queiram fechar os olhos?

A mãe pôs-se a meditar. Esfregou o dorso lúcido de uma das mãos com a palma da outra, e encaixou os dedos da mão direita nos da esquerda.

-Isso é difícil de explicar- continuou. - Parece-me que tudo que a gente faz deve ter continuação. Eu penso assim. Mesmo a fome... mesmo a doença. Alguns morrem, mas os que ficam tornam-se mais fortes. O que vocês têm de fazer é viver sómente o dia de hoje, o dia a dia.

-Se, ao menos, ela não tivesse morrido naquela altura... -murmurou o tio John.

-Vivesó o dia de hoje -aconselhou a mãe.-Não te preocupes. -Quem sabe? O ano que vem talvez seja um ano bom lá na nossa terra-disse o pai.

-Chiu! Ouçam!-pediu a mãe. Ouviram-se os passos de alguém que subia a prancha e AI, afastando a cortina, surgiu à entrada.

-Olá! -disse -pensei que já estivessem a dormir.

446

-AI-começou a mãe-senta-te aqui. A gente está a conversar.

-Fixe! Eu também tenho de contar uma coisa. Preciso de me ir embora daqui, e depressa.

-Isso é que não pode ser. A gente precisa de ti. Porque é que tu tens de te ir embora?

-Bem, eu e a Aggie Wainwright queremos casar, e eu vou-me empregar numa garagem. Alugamos uma casa durante uns ten@pos e ... ~Ergueu o olhar em brasa.-É o que vamos fazer e rãnguém nos pode impedir disso.

Os olhos de todos fixaram-se nele. -AI-falou a mãe, finalmente - estamos muito contentes por ouví@o, que disseste. Contentíssimos. _ im?

-Sim. É claro que estamos. Tu estás um homem feito. Precisas de mulher. Mas não te vais já embora, AI!

-Prometi à Aggie-disse ele.-A gente tem de se ir embora daqui. já não podemos suportar mais isto.

-Fiquem só até à Primavera -suplicou a mãe.-Só até à Primavera. Não podem ficar até lá? E quem é que há-de guiar o camião?

-Bem... A sr.a Wainwright meteu a cabeça no vão da cortina. -já ouviram a novidade? -perguntou. -já. Agora mesmo. -Santo Deus! Eu só queria era que a gente tivesse um bolo, ou qualquer coisa semelhante.

-Vou fazer café e uns sonhos também-disse a mãe.-Nós temos xarope.

-Meu Deus! Assim, sim. Olhe, eu dou o açúcar. Vamos pôr açúcar nos sonhos.

A mãe rachou lenha e ênfiou-a no fogão. A brasa que sobrara do jantar pegou fogo imediatamente. Ruthie e Winfield deixaram * colchão, como se fossem caranguejos-ermitões a sair da casca, * princípio devagar, não fossem eles ser novamente recriminados. Como ninguém reparasse neles, tornaram-se audazes. Ruthie foi até à porta ao pé-coxinho, voltando do mesmo modo, sem se encostar à parede.

A mãe lançava farinha numa tigela quando Rosa de Sharon subiu a prancha. Firmava-se bem, avançando cautelosamente.

-Que é isto? -perguntou. -Grande novidade! -exclamou a mãe.-Temos uma festarola. O AI e a Aggie Wainwright vão casar.

Rosa de Sharon estacou, imobilizando-se por completo. Olhou longamente para AI, que se mostrava embaraçado e confundido.

447

A sr.a Wainwright disse, do outro lado do vagão: -Estou a pôr um vestido limpo à Aggie. Vamos já. Rosa de Sharon voltou-se lentamente. Dirigiu-se, de novo, para a porta escancarada do vagão e arrastou-se, descendo a prancha. Ao chegar à terra firme, foi caminhando devagar em direcção à vereda que corria paralela ao riacho. Tomou pelo caminho por onde antes a mãe viera de visita a Tom, no salguciral. O vento, agora, soprava com mais constância e os arbustos agitavam-se continuamente. Rosa de Sharon pôs-se de joelhos e l

enetrou de rastos no matagal. Os espinhos arranharam-lhe as aces e desgrenharam-lhe os cabelos mas ela não se importou com isso. Só parou quando se sentiu inteiramente envolvida pela moita. Então, deitou-se de costas, sentindo no ventre o peso do filho.

A mãe remexeu-se no interior do vagão escuro, arremessou para trás o cobertor e levantou-se. A luz acinzentada das estrelas insinuava-se ligeiramente pela porta aberta do veículo. A mãe foi até à porta e pôs-se a olhar para fora. Para as bandas de leste, as estrelas iam perdendo a cor. O vento soprava brandamente nos salgueiros, e do riacho desprendia-se o brando murmúrio da água corrente. A maior parte do pessoal do acampamento dormia ainda, mas, diante de uma tenda ardia uma fogueirita, a que se aqueciam de pé várias criaturas. A mãe distinguia-as à luz vacilante das chamas, viu como tinham o rosto voltado para o lume

e como esfregavam as mãos e se voltavam de costas cruzando as mãos atrás. Ficou-se a.. olhá-las durante um bom bocado, com as mãos unidas à frente. O vento desigual passou, aos repelões, e o ar fez-se frio e penetrante. A mãe esfregou as mãos a tremer. Voltou para dentro e pôs-se a procurar os fósforos, ao lado da lanterna. O tubo de vidro rangeu. Acendeu a torcida, viu a luz tornar-se azul por uns momentos, para se tornar depois amarela, num delicado anel de luz. Colocou a lanterna em cima do fogão, e pôs-se a quebrar uns ramos secos que meteu no fogão. Daí a pouco, o lume crepitava, subindo pela chaminé. Rosa de Sharon í rolou pesadamente no colchão, acabando por se sentar.

-Vou-me levantar-disse ela. -Porque não esperas um bocado até que o dia aqueça mais?-perguntou a mãe.

-Não. Quero levantar-me já. A mãe encheu a cafeteira com água do balde, colocou-a no fogão, bem como à frigideira, cheia de banha, para as fritadas de milho.

-Que bicho te mordeu? -perguntou baixinho. -Vou sair-disse Rosa de Sharon.

- Para onde ? -Vou apanhar algodão.

448

-Tu não podes-atalhou a mãe.-Já estás muito pesada. -Não estou, não. E quero ir. A mãe mediu o café e deitou-o na água. _ Rosasharn, tu ontem

não quiseste estar aqui conosco a comer os sonhos. -A rapariga não respondeu. -Foi por causa do AI e da Aggie? -Desta vez, a mãe lançou-lhe um olhar interrogador. -Ora, tu não tens necessidade de ir trabalhar.

-Mas eu quero ir. -Pois seja, mas vê lá, não abuses das tuas forças. Pai, levanta-te, que já são horas.

O pai piscou os olhos e abriu a boca. -Não dormi como deve ser - resmungou ele. -Já deviam ser quase onze horas quando a gente se deitou.

-Vamos, levantem-se todos e vão-se lavar. Os habitantes do vagão regressavam lentamente à vida, desembaraçavam-se dos cobertores e iam-se vestindo. A mãe ia cortando fatias de carne de porco salgada para dentro de outra frigideira.

-Levantem-se e vão lavar-se -ordenou. Uma luz surgiu na outra extremidade do vagão. E, a seguir, ouviu-se o ruído de partir lenha, que vinha do canto dos Wainwright.

-Sr.a Joad! -gritaram de lá. -Estamo-nos a -arranjar. Daqui a pouco estamos prontos.

AI pôs-se a refilar: -Para que diabo é que a gente há-de levantar-se tão cedo?! -São só vinte acres de algodão -explicou a mãe. -A gente tem de chegar cedo, porque o algodão é pouco e apanham-no todo antes de nós chegarmos.

A mãe fez com que eles se vestissem e comessem depressa a refeição.

-Vá; bebam o café -disse. -Temos de abalar. -?@las a, gente, às escuras, não pode colher algodão, mãe. -4 preciso chegarmos lá ao amanhecer. -E capaz de estar tudo húmido ainda... -Não choveu para isso. Vá, toca a beber o café. AI, assim que estiveres pronto, põe o motor a trabalhar.

-já estão a aprontar-se, sr.a Wainwright? -gritou a mãe. -Estamos a comer. É um instantinho. Cá fora, o acampamento enchia-se de vida. Havia fogueiras a arder em frente das tendas. O fumo espirrava das chaminés.

AI virou a caneca, e ficou com a borra de café na boca. Desceu a prancha, cuspiendo.

-Nós já estamos prontos, sr.a Wainwright -gritou a mãe. Virou-se para Rosa de Sharon, e disse-lhe: -Tu ficas.

A rapariga contraiu os maxilares: -Eu também quero ir -disse. -Mãe, eu tenho de ir.

29-V. 1.

449

-Mas tu não tens saco, nem podes acarretar o algodão. -Deito o que apanhar para o seu saco. -Acho melhor tu ficares aqui. -Mas eu quero ir. A mãe suspirou. -Vou ter-te debaixo de olho. Quem me dera que houvesse aqui um médico!

Rosa de Sharon pôs-se a caminhar nervosamente para o camião. Envervou um casaco ligeiro, mas logo o tirou de novo.

-Leva um cobertor -alvitrou a mãe. -Assim, se quiseres descansar, ficas

quentinha. Ouviram o caminhão roncar atrás do vagão.

-Vamos ser os primeiros a chegar, com certeza - declarou a mãe triunfantemente. -Bem, peguem nos sacos. Ruthie, não te esqueças dos saquinhos que eu fiz para vocês, ouviste?

Os Joads e os Wainwright subiram para o caminhão envolto em sombra. Começava a romper o dia, um dia baço, que tardava em chegar.

-Vira à esquerda!-disse a mãe a AI.-Deve haver um sinal na estrada, a indicar o caminho.

Foram rodando pelo caminho mergulhado em trevas. Outros veículos seguiam-nos e, atrás deles, no acampamento, mais outros, apinhados de gente começavam a movimentar-se. E todos os veículos tomavam o mesmo caminho e dobravam à esquerda.

Havia um pedaço de cartão atado a uma caixa de correio do lado direito da estrada. Nele se via, escrito a lápis azul: "Precisa-se de gente para a colheita do algodão". AI manobrou de, forma a entrar no pátio do quinteiro, que já estava cheio de carros. Uma lâmpada eléctrica, a um canto de um barracão pintado de branco, iluminava o grupo de homens e de mulheres à espera, junto da balança, com os sacos enrolados debaixo dos braços. Algumas mulheres levavam os sacos pelos ombros e cruzados à frente.

-Não chegámos tão cedo como pensávamos -comentou AI. Fez o caminhão rodar até uma cerca e aí estacionou. As famílias desceram e foram juntar-se ao grupo. Iam surgindo mais carros na estrada e mais famílias, que se iam reunir ao grupo. Debaixo da lâmpada, ao canto do barracão, o dono da fazenda ia-as inscrevendo numa lista:

- HawIcy -dizia - H-a-w-l-c-y ? Quantos são? -Quatro. Will... -Will. -Benton. -Benton. -Amélia. -Amélia.

450

- Claire. -Claire. Quem está a seguir? Carpenter? Quantos? -Seis. Escreveu os nomes de todos na lista, deixando ao lado um espaço em branco para os pesos.

-Vocês têm sacos, todos? Eu tenho aqui alguns. Custa um dólar cada um.

E os veículos iam chegando à fazenda. O proprietário aconchegou ao pescoço a jaqueta de couro, forrada de pele de carneiro. Lançou um olhar apreensivo às filas de veículos.

-Os vinte acres, com esta gente toda, vão num instante -disse.

As crianças treparam para o grande reboque, destinado ao transporte do algodão e enfiaram os dedos dos pés na rede de arame dos bordos laterais.

-Saíam dafl-gritou o proprietário -desçam daí, andem! Vocês dão-me cabo do arame.-E as crianças desceram, silenciosas e embaraçadas. A alvorada surgia, cinzenta.-Vou fazer 'um desconto no peso, por causa do orvalho. Vamos a ver se acabamos com isto ao nascer do Sol-disse o dono.-Bem, podem começar, querendo. Já há claridade suficiente.

Os trabalhadores correram ao algodoal e escolheram as respectivas fi-

leiras. Ataram os sacos à cintura e bateram com as mãos umas nas outras para as aquecer, pois que os dedos, inteiriçados, tinham de se tornar ágeis. A alvorada tingia as montanhas a leste e as colunas dos trabalhadores puseram-se em movimento. E chegavam mais veículos, paravam no terreiro da fazenda; quando este se encheu, os carros começaram a parar à beira do caminho fronteiro de ambos os lados. O vento varria a plantação.

-Não sei como vocês todos souberam disto-disse o proprietário.-
Espalhou-se que nem um raio. Até ao meio-dia os vinte acres estão Prontos. Qual é o seu nome? Hume? Quantos são?

As colunas dos trabalhadores moviam-se através do campo, e o vento do oeste, agudo e permanente, fustigava-lhes as vestes. Os dedos voavam para as cápsulas bojudas e para a boca dos grandes sacos que os trabalhadores iam arrastando atrás de si, e que, a pouco e pouco, se iam tornando pesados.

O pai conversava com o homem que percorria a fileira dos algodoeiros à sua direita.

-Lá na minha terra, um vento assim era capaz de dar chuva. Mas parece que, para chuva, é um bocado frio. Há quanto tempo está o senhor aqui?

Enquanto falava, não tirava os olhos do trabalho. O outro também não erguia os olhos.

-Estou aqui há quase um ano. -Acha que vai chover?

451

-Não sei e não é para admirar. Esta gente, que tem vivido aqui toda a sua vida, também, às vezes, não sabe. Se eles tiverem medo que a chuva lhes caia em cima das colheitas, então chove com certeza. É o que diz o povo daqui.

O pai lançou um rápido olhar às montanhas do oeste. Grandes nuvens cor de cinza singravam pelo céu, acima dos cumes, impelidas por um vento veloz.

-Parece-me que trazem chuva-tornou o pai.
O outro também arriscou uma olhadela. -Sei lá!-murmurou. E os trabalhadores de todas as fileiras olhavam para trás,
* fim de verem as nuvens. E depois, tornavam a debruçar-se sobre
* tarefa, e as mãos voavam para os flocos de algodão. A colheita transformou-se numa corrida, uma corrida contra a chuva e contra os outros trabalhadores, contra o tempo e o peso do algodão... era só aquele algodão que havia para colher, era só aquele dinheiro que havia a ganhar. Chegavam aos limites do algodoal e corriam à cata de novas fileiras. Agora, trabalhavam contra o vento e podiam ver as nuvens altas, cor de cinza, nadando rápidas no céu, em direcção ao sol nascente. E mais veículos chegavam ainda, estacionando à beira do caminho e novos trabalhadores se registavam. As colunas de gente moviam-se frenéticas na plantação, fazendo entrega do que haviam colhido ao chegar ao fim de cada fileira, tomando nota do peso entregue e correndo para uma nova fileira.

Às onze horas, a colheita estava pronta. Terminara o trabalho. Os reboques de bordos de arame foram engatados aos caminhões, igualmente munidos de paredes de rede de arame, os quais rodavam, velozes, caminho fora, rumo à máquina de descarregar.

O algodão fazia saliências na rede de arame. Nuvenzinhas de algodão voavam pelo ar; flocos de algodão prendiam-se à verdura que orlava o caminho. Os trabalhadores, - desconsolados, regressavam ao barracão e formaram bicha para receber o dinheiro.

-Hume, James, vinte e dois cents; Ralph, trinta cents, Joad, Thomas, noventa cents; Winfield, quinze cents.-O dinheiro via-se na mesa, em rolos de prata, níquel e cobre. E cada um dos trabalhadores consultava os seus apontamentos, antes de receber o dinheiro. -Wainwright, Agnes, trinta e quatro cents; Tobin, sessenta e três cents.

A bicha ia-se desenrolando ao lado da mesa, lentamente. As famílias voltavam silenciosas aos respectivos veículos. E, vagarosamente, iam dispersando.

Os joads e os Wainwrights aguardaram, dentro do camião, que o movimento abrandasse um pouco mais. E, enquanto esperavam, começaram a cair as primeiras gotas de chuva. Al estendeu a mão, a fim de a sentir. Rosa de Sharon estava sentada ao centro

452

e a mãe do lado de fora. Os olhos da rapariga estavam de novo sem brilho.

-Tu não devias ter vindo-disse a mãe.-O máximo que colheste foram umas dez ou quinze libras.

Rosa de Sharon baixou os olhos para o ventre bojudo e entumecido sem responder. De repente, estremeceu, erguendo a cabeça. A mãe observara o gesto. Desenrolou o seu saco e cobriu com ele as espáduas de Rosa de Sharon, puxando-a para si.

Finalmente o caminho ficou desimpedido. Al pôs o motor a funcionar, e foi rodando pela estrada. Grandes mas raros pingos de chuvas caíam com força, esmagando-se no solo, e, à medida que o camião avançava, os pingos tornavam-se menores e menos espaçados. A chuva martelava a cabina tão ruidosamente que se sobrepunha aos roncos do velho motor. Na carrosserie, os Joads e os Wainwrights cobriam a cabeça e, os ombros com os sacos de colher o algodão.

Rosa de Sharon, aconchegada à mãe, tremia violentamente. -Mais depressa, Al-pediu a mãe.-A Rosasharn apanhou um resfriado. Tem de dar um escaldão aos pés.

Al acelerou a marcha do camião e não tardaram a chegar ao acampamento, parando próximo dos vagões pintados de vermelho. A mãe, mesmo antes de terem chegado, dava as suas ordens: @Al-proferiu ela-tu, o John e o pai vão aos salgueiros e apanhem toda a lenha que puderem. A gente precisa de aquecer bem o fogão.

O pior é se o tecto tem goteiras. -Parece que não. Está-se bem lá dentro, mas precisamos de bastante lenha para aquecer o ambiente. Podem levar também a Kuthie e o Winfield. Eles que apanhem os galhos pequenos. Esta rapariga não está nada bem.

A mãe Aesceu do camião. Rosa de Sharon fez um esforço para seguir, mas os joelhos vergaram-se-lhe e teve de se sentar pesadamente no estribo.

A 8@a sr.a Wainwright notou esse gesto.

que é que tem? Chegou a sua hora?

m parece -respondeu a mãe.-Apanhou um resfriado. Pode ser uma constipação. Se me quisesse ajudar, era favor.

As duas mulheres sustiveram Rosa de Sharon. Depois de ter dado alguns passos, voltaram-lhe as forças e as pernas aguentaram-lhe outra vez o peso do corpo.

-já estou boa, mãe-disse.-Foi uma coisa passageira. As duas mulheres seguravam-na pelos cotovelos. -Tens de dar um escaldão aos pés-sentenciou a mãe, com ar de entendida.

Ajudaram-na a subir pela prancha e a entrar no vagão.
453

@ -A senhora deve dar-lhe uma maçagem-disse a sr.a Wainwright. - Enquanto a senhora lhe dá a maçagem, eu acendo o, lume.

Pe ou nas últimas achas de lenha; pô-las no fogão e acendeu

9 o lume* Chovia a cântaros nessa altura e a chuva cala com estrondo no tecto do vagão. 'A mãe ergueu os *Olhos.

-Graças a Deus que o tecto veda bem! Numa tenda, a água entra sempre, por melhor que ela seja. Faça-me o favor, sr.,a Wainwright, ponha água ao lume,

Rosa de Sharon deitara-se no colchão ç ali jazia imóvel. Deixou que lhe tirassem os sapatos e lhe esfregassem os pés, A st.a Wainwright debruçou-se sobre ela.

-Sente dores? -Não, mas sinto-me muito mal, -Tenho aqui uns comprimidos e uns sais-disse a sr.a Wainwright.-Se quiserem, estão às suas ordens. Tenho muito prazer em oferecer-lhos.

Um npvo calafrio sacudiu violentamente o corpo da rapariga. -Tape-me, mãe, que estou com muito frio. A mãe foi buscar todos os cobertores e estendeu-os em cima dela. A chuva troava de encontro ao vagão.

Os que tinham ido buscar a lenha voltavam naquele momento. Traziam nos braços grandes pilhas de galhos secos e de ramos. Vinham de chapéus e de calças a escorrer.

- Livra! Ainda nos molhámos bem - disse o pai. - Foi só um instante, e ficámos molhados até aos ossos.

-E melhor vocês saírem outra vez e trazerem mais lenha ---7disse a mãe.-Esta gasta-se num minuto. E daqui a pouco é noite.

Ruthie e Winfield chegaram pingando e juntaram o produto do seu trabalho à pilha arrumada pelos outros. Qui serem tornar a sair, mas a mãe proibiu-os disso.

1 _Vocês ficam. Vão ali para o pé do lume, para secarem a roupa, andem!

Lá fora, a chuva prateava a tarde e o caminho cintilava sob a água. A cada hora que passava, os pés de algodã o parecia enegrecerem e enrugarem-se cada vez mais. O pai, o AI e o tio John andaram para trás e para diante no matagal. Acabaram por trazer boa quantidade de lenha,

Empilharam-na perto da larga porta do vagão, e só quando a pilha quase alcançava o tecto é que pararam com a tarefa e se foram secar ao fogo. Fios de água escoi`ram-Ihcs, à maneira de regato, da cabeça para os ombros, A bainha dos casacos gotejava incessantemente e a água dentro do calçado fazia um chapc-chape ruidoso.

-Chega, agora chega-disse a mãe.-Vão mudar de roupa.

454

Fiz-vos um café muito quentinho. Vistam uns fatos-macacos secos. Não fiquem para aí parados.

A noite chegou cedo. Nos vagões, as famílias estavam sentadas, muito unidas, escutando o tamborilar da chuva no tecto.

CAPITULO XXIX

Sobre as altas montanhas da costa e sobre os vales, as nuvens cinzentas avançavam, vindas do oceano. O vento soprava violenta e silenciosamente, vindo das altas camadas atmosféricas, fustigando os arbustos e uivando nas florestas. As nuvens chegavam, esfarrapadas, em forma de novelos, faixas ou rochedos cor de cinza. Amontoavam-se umas sobre as outras, fixando-se sobre o oeste, a pouca altura... Em dado momento, o vento parou, e as nuvens, profundas e sólidas, ficaram. A chuva começou com aguaceiros tempestuosos; teve intervalos de bâtegas e, gradualmente, foi-se transformando numa cortina monótona de pequenas gotas, que caíam regularmente, uma chuva que tornava tudo cinzento. E a luz do dia tomava um aspecto crepuscular. A princípio, a terra, seca, absorvia a água, tornando-se negra. Durante dois dias, a, terra bebeu a chuva; bebeu até estar satisfeita. Depois, formaram-se lamaçais, e as depressões cobriram-se de pequenos lagos. Os lagos lodosos cresciam, e a chuva constante chicoteava a água reluzente. Por fim, também as montanhas se saciaram, e, nas encostas, corriam regatos, caindo em cachoeiras e deslizando ruidosamente pelos vales, através dos desfiladeiros. A chuva continuava sem cessar. Os riachos e os pequenos rios galgavam as margens dos leitos e roíam os salgueiros e as raízes das árvores. Faziam os salgueiros debruçarem-se profundamente sobre a corrente; arrancavam as raízes dos pés de algodão e derrubavam as árvores. A água lodosa remoinhava entre as margens e galgava-as, trepando por elas, até transbordar por fim, enchendo os campos, os pomares e os algodoais onde se erguiam ainda as hastes enegrecidas. Os campos baixos metamorfoseavam-se em lagos amplos e cinzentos, cuja superfície a chuva açoitava. Então, a água inundou as estradas e os carros avançavam devagar, cortando a água e nela deixando esteiras lodosas e borbulhantes. A terra murmurava sob o chicote da chuva e os riachos bramiam com as suas cachoeiras agitadas.

Quando começaram as primeiras chuvas, os emigrantes comprimiam-se nas tendas, dizendo: "Isto passa depressa" e perguntando: "Quanto tempo irá isto durar?"

E, quando os lamaçais se formaram-i, os homens saíram à chuva, armados de pás e construíram pequenos diques em volta das tendas. As vergastadas da chuva açoitavam a lona até a repas-

455

sarem e formarem pequenos regatos no chão. Então, os pequenos diques vinham abaixo e a chuva entrava; as enxurradas molhavam os colchões e os cobertores. As famílias tinham de se conservar com as roupas molha-

das. Punham caixotes no chão e colocavam tábuas em cima deles. E, dia e noite, mantinham-se sentadas nas tábuas.

Ao lado das tendas estacionavam os calhambeques, e a água corroía os fios da ignição e os radiadores. As pequenas tendas cinzentas elevavam-se no meio de lagos. E, finalmente, todos tiveram de sair de onde estavam.

Mas os veículos não pegavam porque havia curtos-circuitos nos fios, e, se porventura, os motores quisessem andar, um lodo profundo lhes envolvia as rodas. As pessoas chapinhavam, levando nos braços os cobertores molhados. Andavam, e a água espadanava sob os seus passos. Transportavam as crianças nos braços e o mesmo faziam aos velhos carregados de anos. Se, em qualquer ponto elevado, se erguia um barracão, era um instante enquanto se enchia de gente desesperada, a tremer de frio.

Algumas famílias dirigiam-se às comissões de socorro, e voltavam tristemente para junto dos seus.

Há um regulamento, sabem... a gente tem de morar aqui um ano, pelo menos, se quisermos receber o auxílio. Mas disseram que o governo vai auxiliar. Não se sabe quando, mas vai...

E, gradualmente, surgia um terror mais profundo. Não vai haver trabalho nenhum durante três meses. As pessoas aglomeravam-se nos barracões. O terror caía sobre elas; os rostos tornavam-se cinzentos de pavor. As crianças choravam com fome, e não havia que comer.

Então vieram as doenças-a pneumonia, o sarampo, que atacava os olhos e os mastóides.

E a chuva caía sem cessar e a água espriava-se pelas estradas, pois os esgotos não conseguiam absorvê-la toda.

Então, grupos de homens molhados saíam das tendas e dos barracões, homens, cujas roupas eram farrapos encharcados e cujos sapatos se haviam transformado numa papa lodosa. Caminhavam na água, que saltava sob os seus passos e iam às cidades, às vendas das redondezas, às comissões de socorro, a implorar comida, a mendigar, humilhando-se a solicitar auxílio, mentindo e tentando roubar. E, entre os mendigos e os humilhados, uma raiva desesperada começou a tomar forma. Nas pequenas cidades, a compaixão pelos homens encharcados transformou-se em indignação, e a indignação, despertada pela gente faminta, transformou-se em medo. Então, os sheriffs reuniam turmas de polícias, emitiam @

didados urgentes de rifles, de gases lacrimogéneos e de munições. %s homens famintos enchiam as ruazitas para onde davam as traseiras dos estabelecimentos, mendigando pão, mendigando verduras podres e roubando o que podiam.

456

Homens desvairados batiam às portas dos médicos, mas os médicos estavam dcma@iado ocupados para os atender. Os homens, abatidos, deixavam nas vendas das aldeias recados para o méd@co-legista, para que ele mandas lse a carreta. O médico-legista, esse, não estava demasiado ocupado para os atender. A carreta atravessava o lodo e retirava os cadáveres.

E a chuva martelava constantemente, e os rios galg4vam os leitões, i-

nundando a região.

Comprimidos nos barracões, 'deitados no feno húmido, o medo e a fome provocavam-lhes a ira, Os rapazes saíam, não para mendigar, mas para roubar, e os homens saíam raivosos com a ideia de roubar.

Os sheriffs reuniam novos polícias e pediam mais rifles; e as gentes abastadas, dentro de casas sólidas, sentiam compaixão, a princípio, depois desgosto e finalmente ódio por aquele povo em êxodo... . No feno molhado, dentro de barracões desmantelados nasciam bebês, bebês de mães que ofegavam com pneumonias. E os velhos contorciam-se aos cantos e assim morriam, sem que o médico-legista conseguisse endireitar-lhes depois os corpos. À noite, os homens, furiosos, visitavam audaciosamente os galinheiros e arrebatavam os frangos cacarejantes. Quando alguém disparava, não apressavam o passo; afastavam-se sem pressas; continuavam chapinhando no lodo, e, se eram feridos, deixavam-se cair, exaustos, no lodaçal.

A chuva parou. Mas a água demorava-se nos tampos, reflectindo o céu cinzento, e a terra toda cochichava com a água que se ia escoando. E os hortiçais deixaram as granjas, saíram das tendas. Acocoravam-se, ficando a olhar a paisagem inundada, sem uma palavra. Mas, às vezes falavam, em voz muito baixa.

Não há trabalho até à Primavera. Não há trabalho. E, sem trabalho, não há dinheiro, nem comida. Um tipo tem uma parelha de cavalos, com eles lavra, cultiva a terra e faz a ceifa. Nunca lhe passaria pela cabeça deixá-los morrer à fome durante o tempo, em que nada têm que fazer.

É que eles são cavalos e nós somos homens.

1

As mulheres observavam os homens, perscrutavam-nos, para ver se, agora, finalmente, eles desanimariam. As mulheres mantinham-se caladas, observando, e, onde se formava um grupo de homens, o medo desaparecia das suas faces, e a raiva tomava o lugar do medo. E as mulheres suspiravam de alívio, pois sabiam que assim tudo carninharia bem. Eles não estavam alquebrados, e não se renderiam, enquanto o medo ainda fosse capaz de se transformar em ira.

Minúsculos rebentos de erva brotavam à superfície da terra, e as colinas cobriram-se, em poucos dias, de um tapete verde pálido. Ia começar um novo verão.

CAPITULO XXX

No acampamento dos vagões havia grandes lodaçais e a chuva espadanava na lama. Gradualmente, o riacho galgava as margens e espraiava-se no terreno baixo e plano em que se erguiam os vagões.

No segundo dia de chuva, Al retirou a lona que servia de cortina a separar as duas metades dos vagões e tapou com ela a frente do camião. Depois, voltou e sentou-se no seu colchão. Agora, sem a cortina de lona, as duas famílias que habitavam o vagão, formavam uma só. Os homens sentavam-se uns ao pé dos outros. Sentiam-se deprimidos. A mãe mantinha permanentemente um lume débil no fogão, adicionando-lhe só, de quando em quando, alguns ramos, a fim de poupar a lenha. A chuva martelava o tecto quase plano do vagão.

Ao terceiro dia, os Wainwrights tornaram-se nervosos. -Quem sabe? Talvez seja melhor a gente ir-se embora daqui a sr. a Wainwright

ght.

ror -los: '@@a rop" _urou retê p

mãe P ara nd que vocês querem ir? Aqui, pelo menos, estamos de-
baixo de um tecto'firme.

-Não sei, mas tenho um palpite de que seria melhor a gente ir-se embo-
ra daqui.

Discutiam uns com os outros, e a mãe observava AI. Ruthie e Winfield
distrainam-se a brincar, mas em breve caíram numa inactividade de-
sam'mada, e a chuva continuava a martelar no tecto.

No terceiro dia, o tumultuar do riacho sobrepunha-se ao tamborilar da
chuva. O pai e o tio John postaram-se à porta, a olhar o riacho, que
engrossava. A água aproximava-se dos dois extremos do acampamento, mas
dava uma volta, de maneira que o barranco da estrada formava os limi-
tes do acampamento atrás, e o riacho estabelecia-os à frente. -Que é
que tu achas, John?-perguntou o pai.-A mim parece-me que, se o riacho
conti-huar a subir, acaba por inundar tudo.

O tio John abriu a boca, esfregando a barbicha eriçada. -É muito ca-
paz disso -conèordou. Rosa de Sharon. estava deitada num colchão com
uma forte gripe; as faces ardiavam-lhe e tinha os olhos brilhantes de
febre. A mã e sentou-se ao lado dela e segurava nas mãos uma caneca de
leite quente.

-Toma- disse -bebe isto. Deitei-lhe um pouco de gordura de presunto,
para te dar forças. Bebe, anda.

Rosa de Sharon. abanou a cabeça ao de leve. -Não tenho fome.

458

O @ai descreveu um arco com o dedo.

- e todos nós agarrássemos nas pás e construíssemos um pequeno di-
que, aposto que poderíamos afastar a água daqui. Bastava elevar deste
lado e baixar daquele.

-Sim-concordou o tio John-pode ser. I\las não sei se o pessoal uererá.
Acho que preferem ir-se embora daqui.

-X estes vagões estão secos--insistiu o pai. E lugar seco como este é
que a gente não encontra. Espera um instante.Apanhou, da pilha de le-
nha que estava ao pé do fogão, uma vara e desceu, correndo, pela pran-
cha. Chapinhou no lodaçal até ao riacho e cravou a estaca na margem
das águas turbulentas. Um momento depois, estava de volta ao vagão.-
Santo Deus! -exclamou. -Esta chuva até molha os ossos.

Os dois homens fixaram os olhos na varita encravada à beira do riacho.
Viram como a água ondulava, subindo lentamente ao redor dela pela mar-
gem acima. O pai acocorou-se no vão da porta.

-Está a subir depressa-disse. -E bom ir falar com os outros, a ver se
eles querem ajudar a construir um dique. Se não quiserem, que se vão
embora.

O pai lançou um olhar para o lado dos Wainwrights. AI estava com eles,

ao lado de Aggie. O pai dirigiu-se ao recinto deles.

-A. água está a subir-disse.-E se a gente construísse um dique? E muito fácil, se todos ajudarem.

Wainwright respondeu: -A gente estava agora mesmo a falar nisso. Eu acho que nos devemos ir embora daqui.

-Mas você conhece esta região, não conhece? Sabe que por aqui se não encontra um pedacinho de terra enxuta-disse o pai.

-Eu sei. Mas, de qualquer maneira... -Pai, se eles forem, eu também vou-avisou AI.

O pai Olhou-o assustado. -Tu não podes ir, AI. O camião... nenhum de nós sabe guiar. -Que me importa? Eu e a Aggie temos de ficar juntos. - Esperem lá-disse o pai.-Cheguem aqui. -Wainwright e AI puseram-se de pé e aproximaram-se da porta.-Vêem? -perguntou o pai, apontando com o dedo.-Basta a gente construir um dique dali até ali.

Olhou para a varita que tinha espetado à beira do riacho. As águas remoinhavam à volta dela, trepando pela margem.

-Vai ser um trabalhão e é capaz de não servir de nada -opôs Wainwright.

- O que é que tem? Não temos nada a perder. De qualquer maneira, é melhor que estar sem fazer nada. Não conseguiremos achar um sítio bom como este por aqui. Vamos falar com os outros também. Se todos trabalharem, a coisa faz-se num instante.

459

1 -Se a Aggie se for embora, eu também vou-repetiu AI. -Ouve, AI-disse o pai-se o resto do pessoal não quiser ajudar a fazer o dique, a gente tem de se ir embora daqui, de qualquer maneira. Vamos falar com eles.

Desceram pela prancha, de ombros encolhidos e dirigiram-se, debaixo de chuva, ao vagão vizinho.

A mãe estava atarefada junto do fogão e, de vez em quando, lançava uma acha à fogueira. Ruthie aproximou-se dela.

-Tenho fome -choramingou Ruthie. -Não tens nada-respondeu a mãe.-Ainda agora comeste papas.

-Mãe, eu quero outra caixinha daquelas bolachas, Isto aqui é tão aborrecido! A gente não pode brincar neríi nada.

-Tu brincarás, descansa-disse a mãe.-Tem paciência. Depois, já poderás brincar à vontade. Qualquer dia, a gente aluga uma casinha.

-E podemos ter um cão, não podemos? -Sim, podemos ter um cão e um gato também. -Um gato amarelo, sim? -Escuta, por favor, não me maces. Está caladinha -suplicou a mãe. -A Rosasharn está doente. Deixa-me em paz. Tem juízo, ao menos um bocadinho. Depois te divertirás.

Ruthie afastou-se, resmungando. Do colchão em que Rosa de Sharon estava deitada, veio o som de um grito curto e agudo, bruscamente interrompido. A mãe deu uma reviravolta e correu para o colchão. Rosa de Sharon tinha a respiração suspensa; nos seus olhos pairava uma expressão de terror.

-Que foi?-perguntou a mãe. A rapariga expeliu o ar e tornou a aspirar profundamente. A mãe, num movimento rápido, enfiou a mão sob o cobertor. Depois, ergueu-se.

-Sr.a Wainwright! -chamou. -ó sna Wainwright! A mulherzinha gorda veio a correr. ---Que há?

- Olhe! A mãe apontou para o rosto de Rosa de Sharon. A rapariga tinha os dentes cravados no lábios inferior e a fronte húmida de suor., O pavor renascia nos seus olhos.

- Parece-me que é agora - disse, a mãe. - Mas é muito cedo ainda. Como é isto?

A rapariga soltou um prolongado suspiro e pareceu aliviada. Desprendeu os dentes do lábio. Cerrou os olhos. A sr.a Wainwright voltou-se para a mãe:

-Sim-disse-é agora. A s@nhora acha que ainda é cedo para isso ?

460

-É sim. Talvez a febre adiantasse a coisa. -Bem, em todo o caso ela devia estar de pé: Devia andar por aí.

-Ela não pode-disse a mãe.-Não tem forças. -Mas devia fazer por isso.- A sr.a Wainwright mostrava-se calma e enérgica. -já assisti a uma porção de partos. -Vamos, vamos fechar a porta o mais possível, para evitar as correntes de ar.

As duas mulheres fecharam a pesada porta corrediça do vagão, deixando apenas aberta uma fresta de um pé de largura.

-Vou buscar a nossa lanterna também-disse a sr.a Wainwright. Tinha o rosto vermelho de excitação. -Aggie! -gritou -toma conta das crianças.

A mãe concordou: -Sim, tem razão. Ruthie, Winfield! Vão para junto de Aggie. Vá, depressa!

-Porquê? -perguntaram. -Porque tem de ser. A Rosasharn vai ter um bebé. -EU quero ver, mãe. Deixe-me ver, por favor. -Ruthie! Vai, anda depressa! Perante o tom daquela voz, qualquer argumento seria inútil. Ruthie e Winfield foram de má vontade para o lado oposto do vagão. A mãe acendeu a lanterna. A sr.a Wainwright trouxera a sua lanterna Rochester, colocando-a no soalho, e a larga chama circular iluminava perfeitamente o compartimento.

Ruthie e Winfield ficaram atrás da pilha da lenha, a espreitar. -Ela vai ter um bebé, e a gente vai ver-disse Ruthie, em voz baixa.-Vê se não fazes barulho, senão, a mãe corre connosco daqui. Se ela olhar para cá, baixa a cabeça atrás da lenha, ouviste? Assim, a gente pode ver tudo.

-Parece-me que poucas crianças terão visto-disse Winfield. -Nenhuma criança viu-assegurou Ruthie, cheia de orgulho.

- Só nós é que vamos ver.

Ao pé do colchão, à luz brilhante da lanterna, a mãe e a sr.a Wainwright conferenciavam. Falavam num tom que cobria o rumor cavo da chuva.

A sr.a Wainwright tirou do bolso do avental uma faquita de cozinha e meteu-a debaixo do colchão.

-Pode ser que não sirva de nada-disse, desculpando-se. -A nossa gente faz sempre assim. De qualquer maneira, mal também não faz.

A mãe teve um gesto de aquiescência. -Na minha terra põem uma lâmina de arado. Qualquer coisa afiada serve para cortar as dores do parto. Oxalá não seja um parto difícil.

-Estás melhor, agora? Rosa de Sharon fez que sim, nervosa.

461

-Será agora? -Com certeza-disse a mãe.-Tu vais ter um bebé que vai ser uma beleza. Precisas é de ajudar um pouco a gente. Podes levantar-te e caminhar um bocadito?

-Vou experimentar. -Bonita rapariga-disse a sr.a Wainwright. Bonita rapariga, isso é que ela é. Vamos ajudá-la, queridinha. Vamos caminhar ao seu lado.

Auxiliaram-na a pôr-se de pé e cobriram-lhe os ombros com um cobertor. Depois, a mãe segurou-a por um braço e a sr.a Wainwright por outro. Conduziram-na até à pilha de lenha, voltaram-se devagar e regressaram ao colchão, tornando a fazer o mesmo percurso. E a chuva martelava com força o tecto do vagão.

Ruthie e Winfield olhavam ansiosos a cena. -Quando é que ela vai ter o bebé?-perguntou o rapazito. -Chiu! Está calado. Senão, não deixam a gente ver. Aggie associou-se aos dois, ocultando-se atrás da pilha de lenha. O seu rosto delgado e os seus cabelos dourados brilhavam à luz da lanterna. O nariz parecia muito comprido e afilado na sombra que a cabeça projectava na parede.

Ruthie cochichou: -Tu já viste nascer algum bebé? -Ora, se vi!-disse Aggie. -Então diz lá quando é que vai ser. -Pode demorar muito ainda, muito mesmo. -Quanto? -Pode ser que seja só amanhã de manhã. -Ora bolas!-exclamou Ruthie-então não vale a pena a gente estar já a espreitar. Oli, olha para lá!

As mulheres tinham interrompido o seu passear. Rosa de Sharon estava toda inteiriçada, gemendo com dores. Deitaram-na; enxugaram-lhe a fronte, enquanto ela gemia e cerrava os punhos. A mãe falava-lhe com brandura:

-Então! -disse -vais ver que tudo há-de correr bem. Isso mesmo, aperta as mãos uma na outra. E morde a boca. Assim. Isso mesmo, muito bem.

A dor passou. Deixaram-na descansar um pouco. Depois, tornaram a ajudá-la a levantar-se e as três puscram-se a passear para cá e para lá, entre os acessos periódicos de dor.

O pai enfiou a cabeça pela fresta da porta. Tinha o chapéu a pingar.

-@-Porque fecharam a porta? -perguntou. E então reparou nas mulheres, passeando de um lado para outro.

-Chegou a hora dela-clucidou a mãe. -Então... então, mesmo que quiséssemos, não nos podíamos ir embora daqui?

- Pois não. -4ntão é preciso fazer o dique?

- E, sim.

O pai voltou ao riacho, chapinhando no lodaçal. A vara que ele espetara na margem do rio já tinha mais três polegadas submersas. Uns vinte homens estavam parados à chuva. O pai gritou:

-A gente tern de construir o dique. A minha filha está com as dores de parto.

Os homens rodearam-no. -Um bebê? -Sim. A gente, agora, não pode sair daqui. Um homem alto disse: -O bebê não é nosso. Não temos nada com isso. Se a gente quiser, vai-se embora mesmo.

-Você, se quiser, pode ir-disse o Pai.-Quem é que lhe pega? Mesmo a gente só tem oito pás.

Dirigiu-se a toda a pressa para a parte mais baixa da margem do rio e cravou a sua pá no lodo. Ao retirá-la, produziu-se um som semelhante a um estalo de língua. O pai continuou a escavar, amontoando o lodo na parte mais baixa da margem. A seu lado, mais quatro homens começaram a trabalhar. Empilharam o lodo em formato de barranco, o mais alto possível. Os que não tinham pá, cortavam ramos de salgueiro e entrançavam-nos, fazendo com eles uma espécie de esteira que espetavam no lodo. Apoderou-se dos homens uma fúria de batalha. Quando um parava para descansar, o outro apanhava a pá. Tinham despido os casacos e tirado os chapéus. As camisas e as calças colavam-se-lhes ao corpo e os sapatos haviam-se transformado numa massa informe de lodo. Um grito agudo veio do vagão dos Joads. Os homens interromperam o trabalho, escutando, nervosos, para depois tornarem a mergulhar no trabalho. E o barranco foi crescendo, até se ligar ao barranco da estrada, que ficava na outra extremidade. Os homens estavam cansados, e as pás, agora, moviam-se mais vagarosamente. O riacho ia subindo com lentidão e já inundava o lugar onde tinham começado a

amontoar a terra.

O pai deu urna risada triunfal. -Se a gente não tivesse começado a trabalhar, a água já tinha subido até nós--,ritou.

O riacho foi galgand(4@@.,@nta, mas firmemente, as bordas do dique e atirou-se à esteira de sal 'gueiro.

- Mais alto! - gritou o pai. - A gente tem de fazer isto mais alto!

Chegou a noite e o trabalho ainda continuava. Os homens, agora, sentiam-se exaustos. Os seus rostos, de traços petrificados,

pareciam mortos. Vibravam golpes automaticamente na terra, como máquinas. Ao escurecer, as mulheres puseram lanternas à entrada dos vagões e prepararam café. Um após outras foram ao vagão dos Joads, entrando pela estreita fresta da porta.

Os acessos de dor eram 3 agora, mais frequentes; surgiam de vinte em vinte minutos. E Rosa de Sharon perdera, por completo, o domínio sobre si. As dores fortes faziam-na gritar ferozmente. As vizinhas olhavam-na; faziam-lhe festas e voltavam aos seus vagões.

A mãe ateou o lume. Todas as panelas, todo o vasilhame estavam cheios de água, a aquecer. De vez em quando, o pai dava uma olhadela pela fresta do vagão.

-Vai tudo bem? -perguntava. -Sim, acho que sim-dizia a mãe, tranquilizando-o. Alguém trouxera uma lanterna eléctrica ao anoitecer. O tio John brandia a pá sem cessar, atirando camadas de lodo para cima do barranco.

-Devagar, devagar. Assim, matas-te-disse o pai., -Que me importa! Não aguento aqueles gritos. E como... como naquele dia...

-Eu sei-disse o pai-mas é melhor não te afligires. O tio John falou precipitadamente. -A mânia vontade era fugir daqui. Santo Deus! Se não me distrair a trabalhar, tenho de fugir, isso é que tenho!

O pai desviou o olhar. -Vamos ver a altura da água-disse. O homem da lanterna eléctrica projectou a luz sobre a varita marcadora de nível. A chuva dividia a luz em fios prateados.

-Está a subir. -Mas, agora, sobe mais devagar-disse o pai.-Vai custar a chegar até acima.

-Sim, mas que está a subir é uma verdade. As mulheres encheram as canecas de café e puseram-nas às portas dos vagões. E quanto mais a noite avançava, mais lentamente os homens trabalhavam, erguendo os pés pesados como se fossem animais de carga. Mais e mais lodo para cima do barranco. E a chuva caindo sem cessar. Quando a luz da lanterna incidia sobre os rostos dos homens, viam-se-lhes os olhos fixos e os músculos salientes.

Por muito tempo, os gritos continuaram no vagão dos Joads. Por fim, deixaram de se ouvir.

-Se o bebé tivesse nascido, a mãe chamava-me -disse o pai. -E continuou a trabalhar sombriamente.

O riacho lançava-se contra o dique em turbilhão. Em dado momento, ouviu-se o som de qualquer coisa a estalar. A luz da lanterna mostrou um choupo enorme, a cair. Os homens inter-

464

as faixas brancas de luz em fios prateados, quase brancos. AI deu vagorosamente a volta ao camião, meteu a mão na cabine e desligou o motor.

Quando o pai chegou à prancha do vagão dos Joads, uma parte deste já se encontrava envolvida pelas águas. O pai cravou-a com mais força na terra enlameada.

-Es capaz de subir sózinho, John? -Sou, sim. Passa lá.

O pai subiu pela prancha, cautelosamente e meteu-se pela estreita fenda da porta. A luz das lanternas enfraquecera. A mãe estava sentada no colchão, ao lado de Rosa de Sharon, abanando o rosto calmo da rapariga com um pedaço de cartão. A sr.a Wainwright colocava galhos secos no fogão, e uma fumarada húmida desprendia-se das tampas, enchendo o vagão de cheiro a pano queimado. A mãe ergueu os olhos quando o pai entrou, mas logo tornou a baixá-los.

-Como... como vai ela?-perguntou o pai. A mãe não tornou a levantar os olhos. -Acho que vai bem. Está a dormir.

O ar era fétido e pesado, trescalando a parto. O tio John também entrou cambaleando e foi encostar-se a um lado do vagão. A sr.a Wainwright deixou a sua tarefa e foi para junto do pai. Puxou-o pelo cotovelo para um canto. Pegou numa lanterna e iluminou um caixote de maçãs, onde, sobre um papel de jornal, jazia uma mú miázinha, toda enrugada e de cor azul.

-Nem chegou a respirar-disse a sr.a Wainwright com brandura. -Nasceu morto.

O tio John voltou-se e, cansado, arrastou-se para o canto obscurecido do vagão. A chuva cantava suavemente no tecto, tão suavemente que deixava ouvir, na escuridão, o arfar de fadiga do tio John.

O pai ergueu o olhar para a sr.a Wainwright. Tirou-lhe a lanterna e pô-la no chão. Ruthie e Winfield dormiam nos seus colchões, cobrindo os olhos com os braços, para os proteger da luz.

O pai caminhou lentamente até ao colchão de Rosa de Sharon. Tentou acocorar-se, mas as pernas, de cansadas, recusaram-se-lhe. Pôs-se de joelhos. A mãe continuava a abanar o pedaço de cartão. Olhou o pai por um instante, com os olhos esgazeados e fixos de um sonâmbulo.

-A gente fez o que pôde-disse o pai.

- Eu sei. -Trabalhámos toda a noite. Mas caiu uma árvore e arrastou o dique.

- Eu sei. -Ouves a água aqui por baixo, não ouves? -Ouço, sim.

466

-Achas que ela vai ficar boa? -Não sei.

- Mas... sim... o que é que a gente podia ter feito?, Os lábios da mãe estavam brancos, de tão comprimidos. -Nada. Só se podia fazer uma coisa... e essa fez-6e. -Trabalhámos bastante, até que caiu aquela árvore... Parece que chove menos, agora.

A mãe olhou para o tecto e depois novamente para baixo.

O pai continuou, sentindo imperiosa necessidade de falar:

-Não sei até onde é que a água irá subir; é capaz de inundar o vagão.

- Eu sei. -Tu sabes tudo. Ela permaneceu em silêncio, e o pedaço de cartão continuava para cá e para lá .

-Não nos esquecemos de nada? Fizemos, com certeza, tudo o que era possível? -inquiriu o pai.

A mãe lançou-lhe um olhar estranho. Os seus lábios exangues esboçaram um sorriso ' de sonhadora compaixão.

-Não te atormentes. Sossega. Tudo se há-de compor. As coisas estão a modificar-se... em toda a parte.

-Mas se a água... 'se a gente tiver de sair daqui? -Quando for a altura de partir, partiremos. Faremos o que for necessário. Mas agora cala-te. Podes acordá-la.

A sr.a Wainwright cortou lenha e pô-la no fogão húmido, e fumegante.

Do lado de fora, vinha uma voz furiosa: -Abram a porta, que quero ter uma conversa com esse filho da mãe.

E, depois, soou a voz de AI, mesmo ao pé da porta, do lado de fora:

-Que é que quer? -Quero entrar aí e dizer umas coisas a esse canalha do Joad. -Não, senhor, você não entra coisa nenhuma. Que foi que houve?

-Se não fosse essa Weia parva de construir um dique, a gente, a esta hora, já podia estar longe. Agora, o nosso carro está todo estragado.

- E o nosso? Você julga que nós já vamos pela estrada fora? -Não quero conversas consigo. Quero entrar. A voz de AI, soou, fria: -Para entrar, tem primeiro de jogar à pancada comigo. O pai ergueu-se lentamente, e foi à porta. -Calma, AI! Já aí vou! Vamos, vamos...-Desceu pela prancha escorregadia. A mãe ouviu-o dizer:- Há gente doente lá dentro. Vamos conversar mais para longe.

467

A chuva, agora, batia mais fracamente no tecto do vagão, e um pé de vento fê-la correr em forma de rajada. A sr.a Wainwright deixou o fogão, para ir ver Rosa de Sharon.

-A madrugada não tarda aí, sr. Joad. Porque se não deita um bocadinho? Eu fico aqui sentada, a tomar conta dela.

-Não-disse a mãe-não estou cansada. -Está-se mesmo a meter pelos olhos dentro que é verdade -ironizou a sr.a Wainwright. -Vamos, deite-se um bocadinho

A mãe cortava lentamente o ar com o pedaço de cartão. -A senhora foi muito boa -disse. -Muito obrigada por tudo. A mulherzinha obesa sorriu. -Não tem de quê. Estamos todos no mesmo vagão, Se fosse alguém da minha família que passasse mal, a senhora também nos ia ajudar.

-Sim-disse a mãe-era o que eu faria. -A senhora ou outra qualquer. -Ou outra qualquer, isso mesmo. Antigamente, a família estava em primeiro lugar. Agora, não é assim. Quanto mais mal estamos, mais a gente tem que fazer.

-Foi impossível salvar a criança. -Eu sei-confirmou a mãe. Ruthie soltou um profundo suspiro e retirou o braço que lhe tapava os olhos. Por um instante, mostrou-se ofuscada pela luz da lamparina. Depois, virou a cabeça e encarou a mãe.

-já nasceu? -perguntou. -O bebé já veio? A sr.a Wainwright pegou num saco e estendeu-o por cima do caixote de maçãs encostado ao canto.

-Onde está o bebé?-tornou a perguntar Ruthie A mãe passou a língua pelos lábios. -Não veio nenhum bebé. Nem estava para vir. A gente enganou-se.

1- Ora bolas!-disse Ruthie, bocejando.-E eu, que tanto queria um bebé!

A sr.a Wainwright sentou-se ao lado da mãe; tirou-lhe da mão o pedaço de cartão e continuou a tarefa de abanar o rosto da parturiente. A mãe cruzou as mãos sobre o colo e os seus olhos fatigados não largavam Ro-

sa de Sharon, que dormia, esgotada.

-Vamos-disse a sr." Wainwright-deite-se um bocadinho. A senhora pode deitar-se ao pé dela. Basta ela respirar, com um pouco de força, logo a senhora acorda.

-Está bem; vou-me deitar. A mãe estendeu-se sobre o colchão, ao lado da filha, que continuava a dormir. E a sr.a Wairiwright sentou-se no chão, vigilante.

O pai, AI e o tio John tinham-se sentado no vão da porta, e observavam a alvorada cor de aço. A chuva parara, mas o céu

468

estava completamente coalhado de pesadas nuvens. A luz ia-se refletindo na água, à medida que avançava. Os homens viam a corrente do riacho, muito veloz, arrastando ramos negros de árvores, caixotes e tábuas. A água formava remoinhos no terreno que os vagões ocupavam. Do dique, nada mais restava. No terreno

lano deixava de haver corrente. As margens do riacho estavam emarcadas com tiras de espuma amarela. O pai debruçou-se e colocou uma varita sobre a prancha, logo acima da superfície da enchente. Os três homens viram a água subir, levantá-la suavemente e levá-la consigo. O pai colocou outra vara uma polegada acima do nível da água, sobre a prancha e ficou em observação.

-Acha que a água entrará no vagão? -perguntou AI. -Não faço ideia. Ainda vem lá água como o diabo, das montanhas. Pode ser também que venha mais chuva.

-Estive a pensar nisto tudo. Se a água entrar, não deixa nada enxuto-disse AI.

-Com certeza. -A mim parece-me que, no vagão, não subirá acima de três ou quatro polegadas. Primeiro, inundará a estrada, espalhando-se por lá.

-Como é que tu sabes isso?-perguntou o pai. -Passei uma vista de olhos ali, atrás do vagão.-Fez um gesto com a mão, indicando a altura a que achava que a água -iria subir.-Só sobe até aqui, mais ou menos.

-Muito bem-disse o pai.-Mas que é que tem isso? Nessa altura, já aqui não estaremos.

-Estaremos, sim. Não poderemos sair daqui. O camião está aqui. Só o poderei arranjar depois da cheia diminuir e vou levar bem uma semana a arranjá-lo.

-Sim?... Mas, então, que é que tu achas que devemos fazer? -Acho que a gente podia arrancar as tábuas de lado do camião e fazer um andaime, uma plataforma, ou qualquer coisa assim, alta, para pormos as coisas ali e ficarmos também lá quando a água subir.

-E, como é que se vai cozinhar e comer? -Bem, pelo menos,? as coisas não se molham. A claridade aumentava a pouco e pouco. Uma claridade cinzenta, metálica. A segunda varita colocada sobre a prancha já fora arrastada pela água. O pai colocou uma terceira um pouco mais alta.

-Está a subir bem, não há dúvida -disse. -Acho melhor a gente começar-

já a fazer essa tal plataforma e o valha.

ou coisa A mãe revolveia-se incessantemente no sono. Zuregalou os olhos e gritou, com voz aguda, em tom de advertência:

-Tom, ó Tom... Tom!

469

A sr.a Wainwright tentou acalmá-la brandamente. Os olhos da mãe tornaram a cerrar-se, mas ela ainda se revolveia incessantemente. A sr.a Wainwright ergueu-se e caminhou para a porta.

-Eia!-disse baixinho-vai demorar muito tempo até a gente poder sair daqui,-Apontou para o canto onde se encontrava o caixote de Waçãs. - Isto não faz aqui nada, a não ser tristeza e desgosto. Algum de vocês já @oderia levá-lo e enterrá-lo lá fora?

Os homens permaneceram em silêncio@ O pai disse, por fim: -A senhora teffi razão. Isso só dá desgosto. Mas enterrar é contra a lei.

-Ora, há uma porção de coisas contra a lei e que a gente tem de fazer quando não há outro remédiol,

-Lá isso é verdade. -A gente tem de arrancar as tábuas do camião antes que a água suba demasiado-disse Al. @

O@ai voltou-se para o tio John:

- s capaz de o enterrar, enquanto eu e o AI vamos arranjar a madeira?

O tio John respondeu com ar sombrio: --Porque hei-de ser justamente eu que tenho de fazer isso? Porque não há-de ser, um de vocês? Palavra que me custa muito isso.-E, depois de curta pausa:-Está bem, vou. Claro que vou. Deixem cá ver isso.-Ergueu a voz:-Vá! Deixem cá ver isso!

-Cuidado, não as acorde!-pediu a sr.8 Wainwright. Tapou o caixote pudidamente com o saco.

-Tens aí u -ma pá, mesmo atrás de ti-disse o pai.

O tio John agarrou a pá com uma das mãos. Saiu, metendo pela água, que corria vagarosa e lhe chegou quase à cintura antes que ele tocasse com o pé no fundo. Virou-se e segurou o caixote debaixo do braço. @X

A luz pálida do alvorecer, o tio John contornou, chapinhando, a parte traseira do vagão e passou ao lado do carro dos Joads. Galgou? o barranco escorregadio da estrada e caminhou ao longo do terreno do acampamento, até chegar a um sítio, onde a água, agitada, corria junto da estrada bordada de salgueiros. Colocou a pá no chão, e, pondo o caixote à sua frente, atravessou, a moita, de salgueiros e chegou à margem do riacho caudaloso. Quedou-se algum tempo a olhar as águas redemoinhantes, que deixavam? após si flocos de espuma amarela agarrados aos troncos dos szque@ros. Ap@rtava o caixote contra o peito. Debrucou-se e deixou-o cair no riacho, impelindo-o com a mão. E diss@ com violência:

-Vai, vai, rio abaixo e conta ao mundo. Vai descendo, pára na estrada, apodrece e conta ao inundo o que aconteceu. E a,única maneira que tens de contar as coisas. Nem sei se tu és menino ou menina, nem quero saber. Vai descendo até à estrada. Talvez então o mundo fique sabendo.

470

Guiou o caixote com mão leve na corrente, acabando por largá-lo. Afundou-se um pouco na água; atravessou-se de lado, redemoinhou e voltou-se lentamente. O pano que o envolvia soltou-se; ficou a boiar um instante e depois desapareceu, por detrás das moitas e não tardou a desaparecer, rapidamente, arrastado pela força da corrente.

O tio John apanhou a pá e regressou à pressa ao vagão. Chapinhando no lodaçal, dirigiu-se ao camião, junto do qual o pai e AI estavam atarefados, arrancando-lhe as compridas pranchas laterais. O pai lançou-lhe um olhar:

-Então, já fizeste tudo? -já, sim. -Bom, então ouve-disse o pai.-Se tu quisesses ajudar o AI um bocadinho, eu ia ao armazém comprar alguma coisa para a gente comer.

-Compre toucinho, pai-pediui AL-Preciso de comer um bocado de carne.

-Vou ver-disse o pai. Saltou do camião e o tio John tomou o seu lugar. Quando eles metiam as tábuas no vagão, a mãe acordou e sentou-se no colchão.

-Que é que vocês estão a fazer? -Estamos a fazer um estrado para proteger a gente da água. -Para quê?-inquiriu a mãe.-Aqui dentro está tudo bem, está tudo seco.

-Está, mas não será por muito tempo. A água está a subir. A mãe er-gueu-se com dificuldade e foi até à porta. -A gente tem de se ir embora daqui. -Não se pode-disse AL-Ternos aqui todas. as nossas coisas. O camião também. Tudo o que nos pertence está aqui.

-Onde está o pai? -Foi comprar de comer. A mãe ficou a olhar a água. A distância que a separava da porta do vagão não passava de umas seis polegadas. Voltou para o colchão e olhou para Rosa de Sharon. A rapariga estava igualmente a fitá-la.

Como te sentes? -perguntou a mãe. -Cansada, muito cansada... -Precisas de comer alguma coisa. -Não tenho fome. A sr.a Wainwright aproximou-se da mãe. _ Parece que ela está bem. Aguentou-se que nem uma heroína. Os olhos de Rosa de Sharon fixa,.-am-se, interrogadores, no rosto da mãe. Esta procurou evitar a resposta. A sr.a Wainwright foi para junto do fogão.

- Mãe!

471

-Clue é?

- Correu... correu tudo bem? A mãe desistiu da tentativa. Ajoelhou-se junto do colchão. -Tu terás outros filhos -disse. - Fez-se tudo o que se pôde. Rosa de Sharon fez um esforço para sentar-se.

- Mãe.

-Não tivemos culpa... A rapariga deitou-se de novo, cobrindo os olhos com os braços. Ruthie aproximou-se e pôs-se a olhar, cheia de espanto.

-Ela está doente, mãe? Vai morrer? ---Não, que ideia! Daqui a pouco está fina. Boa de todo.

O pai regressava com uns poucos de embrulhos. -Como vai ela? -Bem-

disse a mãe.-Daqui a pouco está fina. Ruthie foi contar a Winfield:
- Ela não morre. É o ue diz a mãe. E Winfield, palitando os Entes com uma lascazita de madeira, à maneira de um homem, disse:

-Isso logo eu vi desde o princípio. -Como é que tu sabias? --Espera lá quejá te vou dizer. .. --retrucou Winfield, cuspiendo um pedacito de madeira.

A mãe avivou o lume com os restos da lenha, fritou o toucinho e preparou um molho. O pai comprara um pão no armazém. A niãe franziu a testa quando viu o pão.

-Temos dinheiro para estas despesas? -Não-disse o pai-mas estamos todos com fome. -E, por isso, compraste pão?-continuou a mãe, em tom de censura.

-Temos uma fome dos diabos! Trabalhámos toda a santa noite.

A mãe suspirou. --Bem, o que é que se há-de fazer? Enquanto comiam, a água subia cada vez mais. AI engoliu a comida e depois, o pai e ele puseram-se a construir o estrado. Cinco pés de largura, seis pés de comprimento e quatro de altura, a(,Íma do piso do varfão. A água já chegava ao limiar da porta. Pareceu hesitar um pouco, mas, depois, foi entrando e inundou lentamente o soalho. A chuva lá fora recomeçara. Agora chovia como anteriormente, martelando em sons cavos rio tecto.

- '@'amos levantar depressa os colchões. E os coberiores também, para se não molharem -alvitrou AI.

Eiipílharam tudo no estrado e a água espra,,tva-se no piso do vagão. O pai, a mãe, AI e o tio Jolin, cada um na sua extremidade, levantaram o colchão em que jazia Rosa de Sharon e coloc@l'r'im-no no cimo da pilha.

Ela protesta,,ra: -Mas eu posso andar. já estou boa. N, -a

gua continuava a subir no piso do vagão, constituindo, umi fina camada. Rosa de Sharon. cochichou qualquer- coisa ao ouvi(-lo da mãe'e esta meteu a mão debaixo do cobertor. Apalpou os seios da rapariga 'e fez um gesto de assentimento.

-Na outra extremidade do vagão, os W4im@right tainbem, il@,@-@l,lt,la@,am,'cdnstruindo'tiiiii estrado. A chuva aume@itou de ,P.É@-Iisidade e depois cessou.

A mãe baixo@í o olhar. Uma camada de cerca de meia polegada de altura cobria já o pavimento

Ruthie, Winfield, subam para aqui depressa! -gritou a mãe com força.- Vocês ainda apanham um resiriamento.

Auxiliou-os a subir para o estrado. Sentaram-se acanhados, ao lado de Rosa de Sharon. A mãe exclamou súbitamente:

- A gente tem de,se ir embora daqui!?! -Agora não pode ser-declarou o pai.-O Aljá disse,,Tudo o que possuímos está aqui. Vamos desmontar a porta do vagão e fazer outro estrado para a gente se sentar.

A família comprimia-se n(@ estrado, silenciosa e aborrecida. A água atingira seis polegadas no chão do veículo, quando a cheia se espalhou

pelo talude e se -espraiou do outro lado, por todo o campo de algodão. Durante aquele dia e aquela noite, os homens dormiram ensopados, ao lado uns dos outros, no vagão. E a mãe mantinha-se junto de Rosa de Sharon. De vez em quando, segredava-lhe qualquer coisa; outras vezes, quedava-se imóvel, de rosto pensativo. Guardou preciosamente o resto do pão debaixo do cobertor. A chuva, agora, caía com intermitências -pequenos aguaceiros, seguidos de períodos mais calmos. Na manhã do segundo dia, o pai foi a patinhar pelo acampamento fora e voltou com dez batatas na algibeira. A mãe observava-o sombriamente, enquanto ele rachava uma parte do interior do carro, fazia lume e deitava água numa panela. A família comeu as batatas cozidas e fumegantes com os dedos. E, quando a comida se acabou de todo, puseram-se a olhar para a água acinzentada, e só noite alta conseguiram adormecer.

Ao chegar a madrugada, acordaram nervosos. Rosa de Sharon falava baixinho com a mãe.

A mãe sacudiu a cabeça. -Sim-disse-é a altura.-E dirigiu-se à porta do vagão, onde estavam os homens.-A gente tem de se ir embora daqui! -disse com violência. -Temos de procurar um sítio mais alto. Quer vocês venham, quer não, eu levo daqui a Rosasharn e as crianças.

-Mas é impossível -contrapôs o pai com voz débil.

p

473

-Está bem. Faz-me então o favor de levar a Rosasharn ao colo até à estrada e depois,, se quiseres, voltas. Agora não chove. Vamo-nos embora.

-Bem, vamos então-disse o pai. -Mãe, eu não vou-contrariou AI. -Porque não? -Porque... porque a Aggie e eu... A mãe sorriu. -E natural-disse ela-é natural, filho. Tu ficas então. Toma conta das nossas coisas. Quando a água baixar, a gente volta. Bom, vamos depressa, antes que comece de novo a chover -disse, dirigindo-se ao pai.-Vamos, Rosasharn. Vamos para um lugar seco.

-Eu já posso andar. -Na estrada, talvez já possas andar um bocadinho. Abaixa-te, pai.

O pai entrou na água e ficou à espera. A mãe ajudou Rosasharn a descer do estrado e auxiliou-a a caminhar pelo vagão.

O pai levantou-a nos braços, erguendo-a o mais alto possível, e foi andando cuidadosamente na água funda, rodeando o vagão, até à estrada. Ali, pô-la de pé e ficou a segurá-la. O tio John fez o mesmo, levando Ruthie. A mãe entrou na água e, por um instante, o vestido flutuou-lhe em torno do corpo.

-Winfield, senta-te no meu ombro. AI... quando a água baixar, a gente volta. AI...-fez uma pausa.-Se o Tom vier, diz-lhe que a gente volta, ouviste? Diz-lhe também que tome cuidado. Winfield! Senta-te no meu ombro, anda! Assim. E não mexas com os pés.

Foi-se arrastando pela água fora; esta subia-lhe até ao peito. No barranco da estrada, os que a aguardavam, ajudaram-na a subir e apearam Winfield do ombro materno.

Quedaram-se na estrada, de olhos pregados na cheia, no grupo de vagões pintados de vermelho e nos camiões e carros envoltos pelas águas, que

ondulavam suavemente. A chuva recomeçara a cair.

-Bom, temos de andar para a frente-disse a mãe.-Rosasharn, achas que poderás caminhar?

-Sinto-me meio tonta-respondeu a rapariga.-É como se me tivessem dado uma sova.

O pai pôs-se a resmungar: -Bom, agora que estamos aqui, quero ver para onde vamos. -Não sei. Vamos, dá a mão a Rosasharn.-A mãe deu o braço direito à filha, a fim de lhe servir de apoio e o pai segurou-lhe o outro braço.-Vamos para qualquer sítio que esteja seco. Não há outro remédio. Há dois dias que vocês andam com essa roupa molhada.

474

1 Caminhavam vagarosa niente pela estrada. Ouviam o murmúrio das águas no riacho, à beira da estrada. Ruthie e Winfield andavam lado a lado, chapinhando na água da estrada. O avanço fazia-se lentamente. O céu tornou-se mais negro c a chuva mais compacta. Não havia tráfego algum na estrada.

-A gente tem de andar depressa-disse a mãe.-Se a Rosasharn continuar assim molhada, não sei o que poderá acontecer.

-Mas tu ainda não disseste para onde vamos com tanta pressa-lembrou o pai sarcástico. . A estrada serpeava junto ao riacho. Os olhos da mae perscrutavam a paisagem inundada. Ao longe, à esquerda, no flanco de urna colina de sua#e declive, erguia-se um celeiro enegrecido pela humidade.

-Olhem!-disse a mãe.-Aposto que aquele celeiro está seco. Vamos para lá, até a chuva passar.

o _8ai suspirou.

aranto que o dono do ÇAeiro nos vai enxotar. ã margem da estrada, um pouco adiante, Ruthie descobriu uma mancha vermelha. 'Correu a ver o que era. Era um geranio selvagem, com uma flor vermelha fustigada pela chuva. Ruthie colheu a flor. Arrancou-lhe cuidadosamente uma pétala e colocou-a no nariz. Winfield veio a correr ver o que era.

-Dá-me uma também-pedi. ' -Não, senhor. É minha. Fui eu quem a achou. Colocou outra pétala na testa, um coraçãozinho, de um vermelho brilhante.

-Anda, Ruthie, dá-me uma! Dá-me! Dá-me! Tentou agarrar a flor que ela segurava, mas não o conseguiu, e R@thie deu-lhe uma botetada. Winfield ficou uns momentos surpreendido; depois, os lábios começaram a tremer-lhe e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

Os adultos alcançaram-nos. -Que foi?-perguntou a mãe.-Diz já, o que é que tu fizeste ?

-Ele quis tirar-me a minha flor. Winfield soluçava. -Eu... eu queria só uma... para colar'uma folha no nariz. -Dá-lhe uma também, Ruthie. -Ele que procure outra. Esta é minha.

1Ruthie., dá-lhe uma ime 'diatamente. ,Ruthie percebeu a ameaça no tom da voz da mãe e mudou de táctica.? ,

-Pois 'não-,disse, com perfeita amabilidade. -Espera aí, que eu vou colar-te uma no nariz. ,Os adultos prosseguiram na marcha. N@infield ergueu o nariz

475

para receber a pétala. Ela molhou-a primeiro com a língua e p@sp@egou-lha com brutalidade no nariz.

-'FoMa, filho da mãe-disse, baixinho. Winfield apalpou a pétala com os dedos e premiu-a com força contra o nariz., Foram correndo atrás dos mais velhos. Ruthie sentia que aquilo já não tinha graça.

- Pronto 'disse-toma lá mais. Podes colar algumas na testa. Um sibilar agudo soou do lado esquerdo da estrada. -Depressa! -gritou a mãe.-Vem aí chuva grossa! Vamos pela cerca; é mais rápido. Tem'coragem, Rosa-sharn!

Quase arrastaram a rapariga pela vala da estrada e, depois, ajudaram-na a passar a cerca. E então a tempestade caiu sobre eles. Chapinhavam na lama, galgando a pequena elêvação.

O celeiro, enegrecido quaser desaparecia sob a ch@va, ',que cala, as-sobiando e espad@nando,kimpelida pela\$? rajadas cada vez mais fortes. Os pés de Rosa de Sharon escorregavam; agora, deixava-se arrastar pelos que a a@nparavam.

-Pai, se tu pudesses levá-la ao colo...

O pai debruçou@se sobre a filha e ergueu-a nos Praços. '-De qualquer maneira, já estamos todos ensopados. Vamos! -disse.-Ruthie, @,yinfield, corram à frente.

Cheg@ram, ofegantes, ao celeiro repassados de chuv@a e entraram pela parte descoberta. Não havia porta desse lado. Algumas ferramentas agrícolas, enferrujadas,, jaziam aqui e ali: um disco, de arado, uma gadanha quebrada e uma roda de ferro. A chuva? martelava o tecto e formava uma compacta cortina à entrada.

O pai sentou Rosa de Sharon, com todas as precauções, em cima de um caixote gorduroso.

-Santo Deus! -exclamó U. -Pode ser que haja feno aí dentro-disse a mãe.-Olha, está ali uma porta." -IDeu. um empurrão â porta, que girou nos gonzos enferrujados.,,- Há, sim!-gritou.-Há feno! Entrem, vá!

Lá dentro, reinava a escuridão. Apenas uma luz fraca penetrava pelas paredes de,@tábuas,

-Deita-te, Rosasharn- mandou a mãe.-Deita-te aí e descansa, ouviste? Vou ver se consigo @secar a tua rpupaw

Winfield exclamou: -Mãe!-E.a chuva que fustigava o t@cto do celeiro abafou a sua voz.-Mãe!

-Que é? O que é que tu` qucrs?.@ -Olhe, ali naquele canto! A mãe o-lh@u. Havia dois vultos,'que se recortavam na p@ilumbra: um homem, deitado de costas e um rapazito, sentado ao.seu. lado, de olhos arregalados,@ fixos nos recém-chegados. Enquanto a m@e o fixava, o pequeno pôs-se lentamente, de pé e acercou-se dela. Tinha uma voz rouca:

476

-Este barracão é seu? -Não-respondeu a mãe.-A gente entrou aqui por

causa da chuva. Temos uma pessoa doente. Vocês têm algum cobertor seco ue no ls emprestem? Ela tem de tirar o vestido molhado. @ pequeno regressou ao seu canto; trouxe um cobertor sujo e estendeu-o à mãe.

-Muito obrigada-disse ela.-O que é que aquele senhor tem?

O pequeno respondeu na mesma voz rouca e monótona: -Primeiro, estive doente; agora, está a morrer de fome. -O quê?! -Está a morrer de fome. Adoeceu na colheita do algodão e há seis dias que não come nada.

A mãe foi até ao canto e debruçou-se sobre o homem, a olhá-lo. Devia ter uns cinquenta anos. Possuía um rosto barbudo e descarnado, e os @lhos, muito abertos, fixavam o nada. O rapaz veio postar-se ao lado da mãe.

-Ele é teu pai?-perguntou ela. -É, sim. Ele dizia que não tinha fome, ou que já tinha comido. Dava-me a comida toda. Agora, está tão fraco que nem se pode mexer.

A chuva amainara outra vez e tamborilava brandamente nQ tecto do celeiro. O homem escanzelado moveu os lábios. A mãe ajoelhou-se ao lado dele e encostou o ouvido à boca do homem, cujos lábios se tQrnararp a rnover.

-Bem-disse a mãe.-Esteja sossegado. Tudo se arranja. É só esperar que eu tire a roupa molhada à, minha filha.

A mãe voltou para junto de Rosa de Sharon. -Trata? de te despir, anda! Estendeu, o cobertor, fazendo dele uma cortina, para a esconder dos olhos dos outros. E, quando Rosasharn ficou nua, a mãe enrolou-a no cobertor.

O pequeno estava agora de novo ao lado da mãe, explicando: -Eu não sabia de nada. Ele dizia sempre que já tinha cornido, ou então que não tinha fome. A noite passada, quebrei a vidraça de uma janela e roubei um pão. Obriguei-o a comer, mas vomitou tudo e ficou ainda mais fraco. Devia comer sopa ou tomar leite. A senhora tem algum dinheiro para comprar leite?

A mãe respondeti suavemente: -Chiu! Não te apoquentes. Tudo se há-de arranjar. De repente, o pequeno deu um grito: -Está a morrer! Está a morrer, sério! Ele vai morrer de fome. Vai, vai!

- Chiu!-fez a mãe. Lançou um olhar ao pai e ao tio Jolin, que estavam parados, diante do doente, sem saber o que haviam de fazer. Olhou para

477

Rosa de Sharon, bem enrolada no cobertor. Os seus olhos fugiram dos da filha e tornaram a encontrá-los. E as duas mulheres liam tudo nas respectivas almas. A respiração da rapariga tornara." curta e agitada.

-Sim-disse. A mãe sorriu.

- Eu sabia. Eu sabia que tu eras capaz de o fazer.-Olhou para as mãos apertadas uma na outra, descansando no regaço.

Rosa de Sharon disse baixinho: _Vocês são capazes de sair todos?

* chuva batia ao de leve no telhado.

* mãe inclinou-se para a filha e, com a palma da mão, afastou as madeixas revoltas que lhe caíam para a testa e deu-lhe um beijo na fronte. A mãe ergueu-se ràpidamente:

-Vamos, minha gente, vão para o alpendre das ferramentas -gritou ela. Vão-se embora, andem!

Pô-los fora da porta. Por fim, levando o rapazito pela mão, saiu também, fechando a porta, que chiou atrás de si.

Por um momento, Rosa de Sharon permaneceu imóvel no celeiro ressoante de murmúrios. Depois, ergueu-se pesadamente, enrolando-se mais no cobertor. Lentamente, dirigiu-se ao canto

escuro e quedou-se a olhar o rosto devastado do desconhecido, de olhos arregalados e cheios de temor. Então, vagorosamente, deitou-se ao lado dele. O homem abanou debilmente a cabeça de um lado para o outro. Rosa de Sharon afastou um dos lados do cobertor, deixando o seio a descoberto.

-Tem de ser-disse, aproximando-se mais dele, e puxando-lhe a cabeça para si.-Ora vá! Então!

Apoiou-lhe a cabeça com a mão, e os seus dedos afagaram-lhe suavemente os cabelos. Ergueu os olhos e, deixou-os errar pelo barracão, enquanto os lábios se lhe arqueavam num misterioso sorriso.

fim